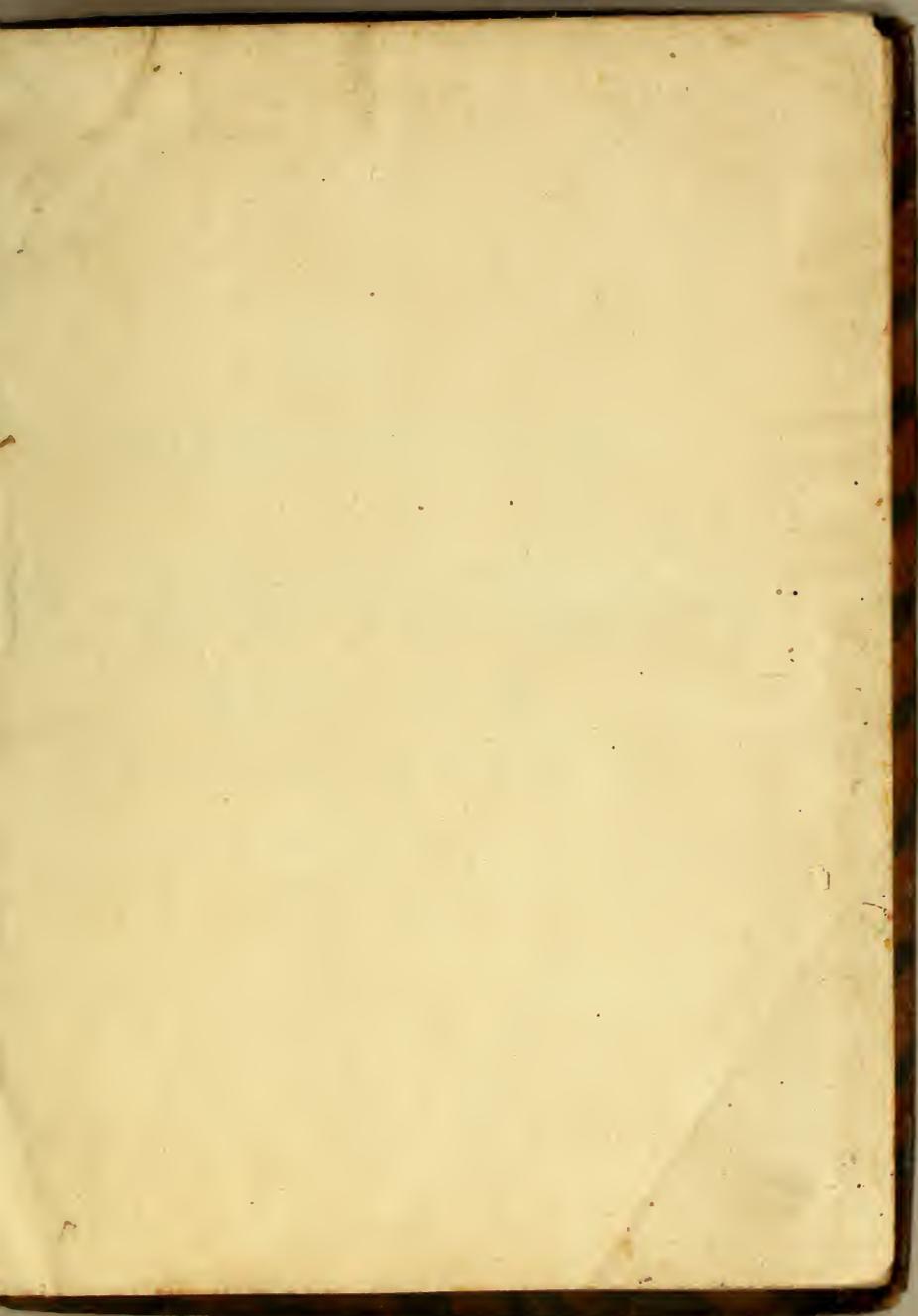
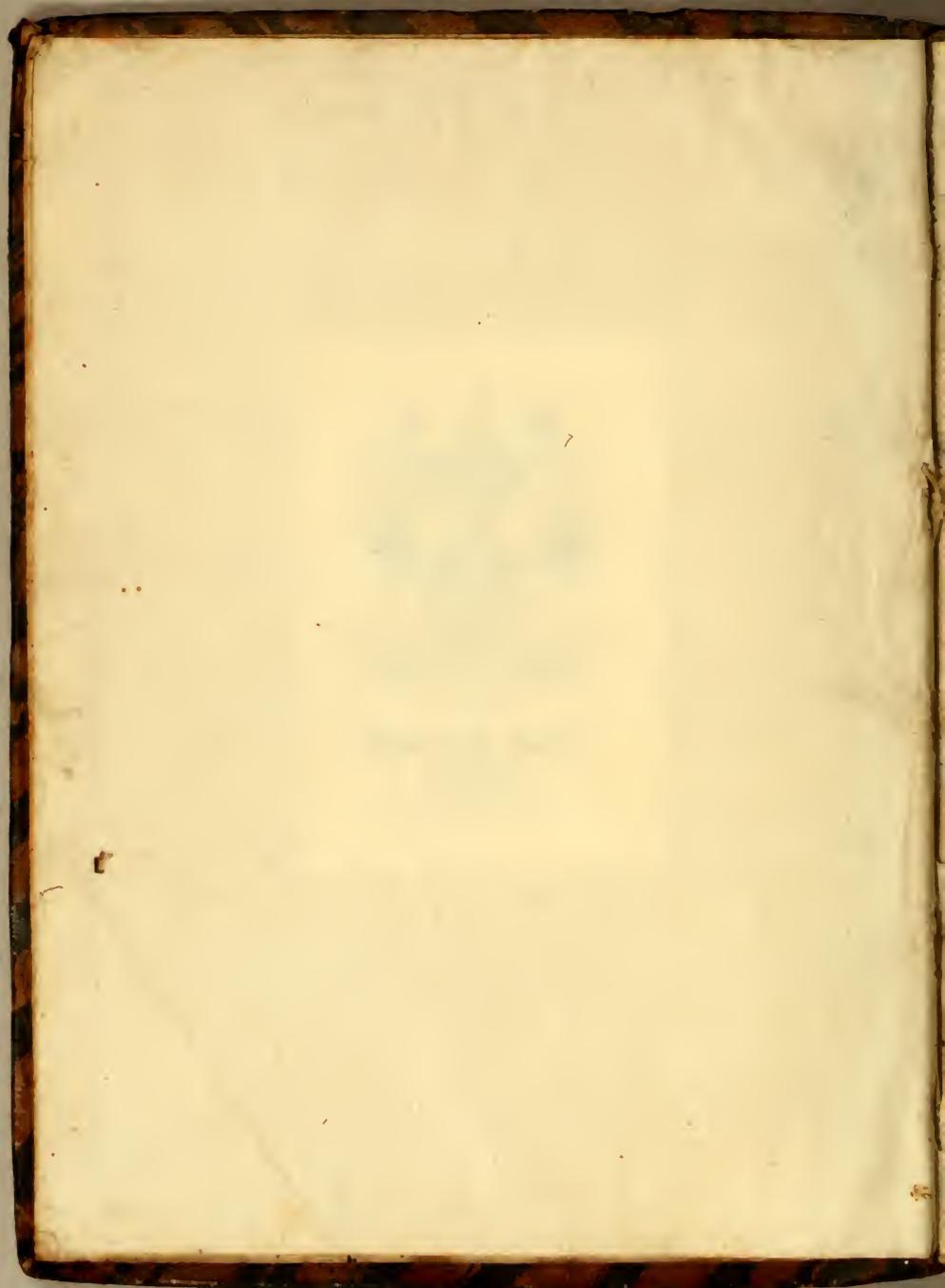


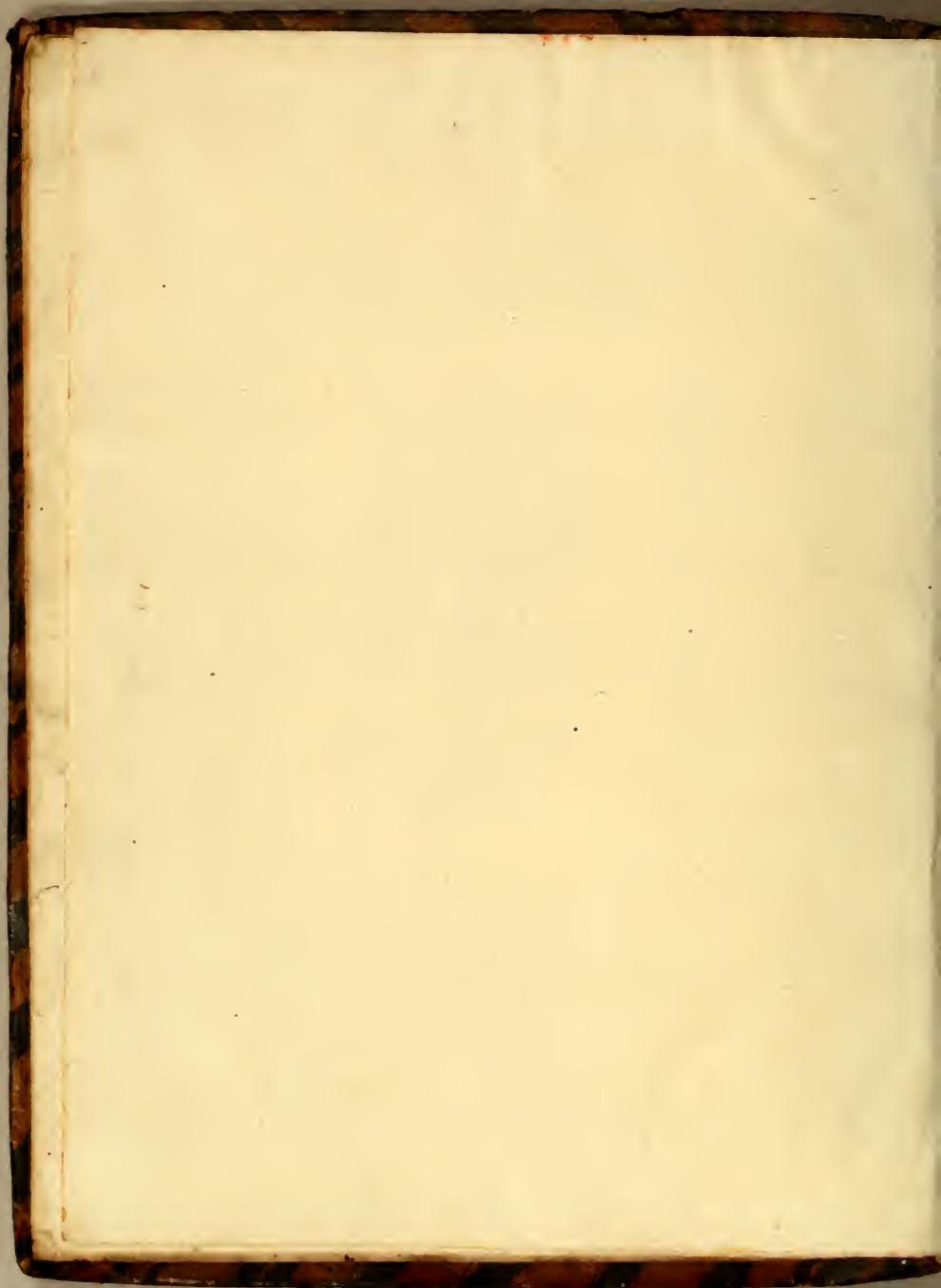


John Carter Brown  
Library  
Brown University





STANFORD  
UNIVERSITY  
P. ANTONIO  
MILYAN  
TOMO XII



SERMOENS  
DO  
P. ANTONIO  
VIEYRA.  
TOMO XII.

SERMONES

DE

P. ANTONIO

VIRI

TOMO XII

SERMOENS  
DO  
P. ANTONIO VIEYRA  
Da Companhia de Jesu,  
Prègador de Sua Magestade.  
PARTE DUODECIMA  
DEDICADA  
A' PVRISSIMA CONCEICAÕ  
DA VIRGEM MARIA  
SENHORA NOSSA.



LISBOA,  
Na Officina de MIGUEL DESLANDES,  
Impressor de Sua Magestade.  
*Com todas as licenças necessarias.* Anno de 1699.  
A' custa de Antonio Leyte Pereyra.

27 R MOENS  
P ANTONIO VERN  
De Compagnie de Jesus  
TARTE MEDICINA  
A VIVANTIA CONCORDIA  
DA VIRGEM MARIA  
SEMORA VASA



1680 A  
In Grand' Rue de Paris  
chez le sieur de la Roche  
au Palais National  
à l'entree de la Cour  
de la Chapelle

# L I C E N Ç A S. V

## Da Religião.

**E**U Alexandre de Gusmaõ da Companhia de JESU ;  
Provincial da Provincia do Brasil , por commissão espe-  
cial , que tenho do N. M. R. P. Thyrio Gonçales, Preposito  
Gèral, dou licença para que se possa imprimir este livro da  
Duodecima Parte dos Sermões do Padre Antonio Vieyra da  
mesma Companhia, Prègador de Sua Magestade ; o qual foi  
revisto , examinado , & approvado por Religiosos doutos  
della , por nòs deputados para isso. E em testemunho da ver-  
dade dei esta subscrita com meu sinal , & sellada com o sello  
de meu officio. Bahia aos 20. de Junho de 1697.

*Alexandre de Gusmaõ.*

## Do Santo Officio.

**V**istas às informações, pode-se imprimir a Parte Duode-  
cima dos Sermões do Padre Antonio Vieyra da Com-  
panhia de JESUS, & depois de impressa, tornarã para se con-  
ferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa  
8. de Agosto de 1698.

*Estevão de Brito Foyos. Sebastião Diniz Velho.*

*João Carneiro de Moraes. João Moniz da Sylva. Fr. Gôçalo do Crato.*

Tom. 12.

\* iij

Do

DO Ordinario.

Vistas as informações, pode-se imprimir a Duodecima a Parte dos Sermões do Padre Antonio Vieyra da Companhia de JESUS, & depois de impressa tornará para se lhe dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa 14. de Agosto de 1698.

*Fr. Pedro Bispo de Bona.*

Do Paço.

*CENSURA DO ILLUSTRISSIMO, E REVEREN-  
dissimo Senhor Dom Diogo Justiniano, Arcebispo de  
Cranganor, do Conselho de Sua Magestade, &c.*

S E N H O R:

M Andame Vossa Magestade ver o Duodecimo Tomo dos Sermões do Padre Antonio Vieyra, dignissimo Pregador de V. Magestade, glorioso timbre da Nação Portuguesa, Mestre universal de todos os Declamadores Evangelicos, venturoso Alumno da sempre esclarecida Companhia de JESUS: & que entrepondo o meu juizo, diga o meu parecer sobre a estampa deste livro, que sendo na promessa do Author o ultimo dos seus Sermões, ainda não he o posthumo. Todas as composições deste grande homem parecem ultimas, porque depois de qualquer dellas, não se pôde esperar outra mayor, nem ainda igual. A sua eloquencia, porém, vence de tal maneira a nossa admiração, que o vimos proromper em doze partos iguaes, & tam perfeitos, que cada hum delles por consummado pareceo o ultimo: & se a mão, que escreveo

escreveo estes discursos ; tivera actividade para depois das cinzas mover a penna , veriamos, que sendo na perfeição cada hum dos seus Tomos ultimo , não poderia haver já mais ultimo algum em os seus Tomos , porque foi inexaurivel a fecunda vea do seu genio. Tudo o que della correo , se pela perfeição foi ultimo , o não ter ultimo foi a sua mayor perfeição.

Dos Sermões do Padre Antonio Vieyra só delcubro em Job algũa analogia , se bem que não he proporcionada a semelhança, porque no Padre Vieyra foi a semelhança tam singular , que só nelle se deve buscar o semelhante , Job foi tam grande Prêgador , que confessandolhe dentro na tua Provincia a superioridade todos os seus contemporaneos , lhe reconheciaõ singularidade no talento para o ministerio do Pulpito , querendo que só a elle em todo o lugar se lhe levantasse cadeira , como a Mestre: *In platea parabant cathedram mihi, ut* Job cap. 29. n. 7. Pineda hic. *Magistro , ac Doctori* , disse Pineda. Este grande Prêgador , querendo deixar os seus Sermões para exemplo da posteridade, delejou muito estampalos no chumbo, ou nas pedras: *Quis mihi tribuat , ut scribantur sermones mei ? Sermones suos desiderat scribi in libro ad doctrinam posterorum* , escreveu Hugo. Job cap. 19. n. 23. Hugo hic. O Padre Antonio Vieyra deixou aos seus Sermões mais gloriosa estampa , pois no juizo dos homens tem a posteridade o papel mais perduravel para a leitura dos seus escritos. E teve mayor fortuna nos seus Sermões do que Job ; porque Job teve muitos mezes no anno a quem não correspondêraõ os seus discursos , porque se não igualáraõ ao numero dos mezes do anno os seus Sermões : *Ego habui menses vacuos*. A estampa , Job cap. 7. n. 3. deste Duodecimo Tomo, fórma dos escritos do Padre Vieyra hum anno inteiro , porque a cada mez do anno corresponde hum Tomo : & se nós pelas materias dos Tomos houvessemos de contar os mezes do anno , seria necessario acrescentar ao anno os mezes , porque nos seus escritos ha materia para muito mais Tomos.

Este insigne homem , verdadeiramente, Senhor , foi hum

Numer.  
cap. 13.  
n. 34.

monstro daquelles de quem diz o sagrado Texto, que eraõ da geraçãõ dos Gigantes: *Vidimus monstra quedam de genere Giganteo*; pois em tudo foi hum monstro o Padre Antonio Vieyra. Nas especulaçõs Gigante, sem ter a profissãõ das Cadeiras. Nas Theologias expositivas Gigante, como se para elle só fossem as Escrituras. No zelo da honra de Deos Gigante, como se á sua conta só estivesse a reforma do mundo. No amor do proximo Gigante, como se as Missões fossem só para o seu talento. Nas politicas Gigante, como se as razões de estado foraõ sómente a occupaçãõ dos seus estudos. Na honra da Patria Gigante, desejando de Reyno, mudala em Imperio. Na emulaçãõ de muitos Gigante, mas tam singular, que ainda vencidos os oppostos, ficavaõ gloriosos, porque eraõ de tam desmarcado monstro vencidos. Nos infortunios do mar, & da terra Gigante, porque superior a toda a desgraça, & mayor que toda a fortuna. No conhecimento do mundo Gigante, porque meteo debaixo dos pès as suas promessas. Finalmente Gigante nos passos, pois correo quasi toda a Europa, atravessou grande parte da America, pizou na Africa não pequena parte: & para que a Asia não tivesse a desgraça de lhe faltar a presença de tam grande homem, se lá não chegou a sua voz, lá se lhe ouviu o seu ecco: porque para em tudo ser Gigante, a cuja presença rendesse o mundo as veneraçõs devidas ao seu talento, se converteo nos seus escritos, para que ao mesmo tempo, que no sepulchro está emudecida a sua voz, atroe em todas as quatro partes do mundo o seu brado. E em materias tam differentes, ser o talento igual para tudo, esta foi hũa das monstruosidades do juizo do Padre Antonio Vieyra.

Principe houve, que na urna das suas cinzas poz os seus escritos, & mandou levantar hum mausoleo tam grande, que de todo o seu dominio se pudesse ver o seu tumulo, de todos aquelles, a quem chegou a noticia dos seus discursos. Mais faz V. Magestade ao Padre Antonio Vieyra, porque depois da sua morte, por beneficio da estampa, lhe faz V. Magestade as

honras

grande novidade, que prometendo o Padre Antonio Vieyra em annos tem avançados hũa obra, que segundo a sua direçõ, ao menos, pedia doze annos, assim medisse a sua vida pela sua obra, que acabou a obra, & mais a vida.

Cicero na morte de Celar, dizia, q̄ tivera este Imperador hũa notavel desgraça, & fora, que vivendo para a idade muito, para o seu prestimo vivera pouco: *Vixisti atati satis, parum certe reipublicæ*. Para tudo viveo muito o Padre Antonio Vieyra, porque se para a vida contou noventa annos, para o prestimo não foi menor a sua idade: antes medio a sua idade pelo seu prestimo, porque desde a puericia, viveo para servir á nossa admiraçãõ.

Communmente aos homens grandes, para as suas em-  
prezas lhes falta nos ultimos annos, o que perdẽrãõ nos primeiros, & aquellas fabricas, que delinea a alteza do seu espirito, ficaõ informes, porque lhes faltaõ as forças primeiro que se acabem as empresas. O Padre Antonio Vieyra como não ló foi grande, mas tambem unico, as suas empresas forãõ iguaes ás suas forças: porque prometeo doze livros, & acabou doze Tomes. Não foi daquelles de quem dizia Christo, que principiando a abrir os fundamentos para a torre, não podẽrãõ acabar o edificio: *Hic homo cepit edificare, & non potuit consummare*; porque principiou, & acabou a sua fabrica, pondo com este Duodecimo Tomo a coroa á tua obra. Luc. c.  
14. n. 30

Venturolo filho, que em annos tam crecidos ainda achou forças no pay, para que pudesse gerar obra tam estupenda! Abendiçoado filho, que tendo filho da velhice, tem o vigor da mocidade! E se o duodecimo filho de Jacob aliviou em o pay a laudade da mãy; nõs com a mãy, a quem ficou entregue este duodecimo filho, aliviaremos as laudades do pay, pois em ventre tam fecundo, ainda do pay morto poderemos esperar geraçãõ em a mãy viva: & aquellas grãdes obras, que o Author no Prologo da sua Primeira Parte nos diz, que se achãõ forjadas em os seus escritos como na tenda de Vulcano, mas ainda imperfeitãs, porque já as forças as não podem

dem bater para as aperfeiçoar : veremos nós , que depois da morte do Padre Antonio Vieyra , tem ellas com toda a perfeição o seu nascimento; porque ainda que a mãy he mais velha que o filho , com tudo tem mais forças que o filho a mãy. Nem se pôde esperar menos da dita mãy do Padre Antonio Vieyra , sendo esta a Companhia de Jesus , porque só aqui pôde ter o Padre Vieyra companhia.

Genef.  
cap. 23.  
n. 19.  
Hugo  
hic.

Em duas sepulturas enterrou Abrahaõ a Sara em o campo de Hebron : *Sepelivit eam in spelunca duplici* : porque nestes dous sepulchros , diz Hugo , enterrou o contemplativo da alma do morto , & a vida activa do corpo do vivo : *Spelunca duplex, vita activorum, & contemplativorum* ; & na sepultura de Hebron, que quer dizer companhia, *Hebron, societas* , costuma ter companhia o morto , cuja alma contempla com a vida activa do vivo , para que a actividade do vivo publique as contemplações da alma do morto.

Na companhia o vivo faz sociedade ao morto , & o morto tem companhia no vivo , porque no vivo fica resuscitado o morto. E se o morto na companhia , he resuscitado no vivo , teremos em tantos vivos da Companhia , resuscitado o Padre Antonio Vieyra depois de morto. Já não he para admirar aquelle grande segredo , que todos ignoravaõ no tempo do Senhor Rey Dom Joaõ o IV. dignissimo Pay de V. Magestade; vendo todos as incanlaveis diligencias com que o P. Antonio Vieyra renunciou as mayores dignidades , só por se conservar , & viver na Companhia : porque sabia , que se sóra desta grande , & generosa mãy , havia de ser resuscitado no ultimo dia como todos os homens , antes deste dia , era bem que este grande homem resuscitasse ; & para ser resuscitado antes da resurreição commua , só em Hebron immediata á sua morte podia ter logo a resurreição.

Esta resurreição , que depois da morte esperamos ver no Padre Antonio Vieyra antes do dia do juizo , por meyo das suas obras , não só firma na Companhia de Jesus o seu complemento , mas tambem no singular cuidado com que V. Magestade .

gestade, & a Rainhã nossa Senhora se applicáraõ para a conservação dos escritos de hum vassallo, que neste seculo nenhum Principe o teve mayor, & só Deos sabe quando V. Magestade o terá igual. Applicou V. Magestade, & a Rainha nossa Senhora a consideração á fragilidade caduca de hũa vida a quem a inveja da forte quiz acabar com varios infortunios; se bem todos pequenos para hum animo tam grande, & por isto todos foraõ pequeno desejo para o seu triumpho; & para que no pò de tam heroicas cinzas, não tivessem parte os meaes de tam soberana estatua, procuráraõ Vossas Magestades preventivamente o reparo para a conservação do trabalho dos seus estudos.

Os Reys da Persia, para se não perderem as obras heroicas dos seus vassallos, costumavaõ antigamente mandalas lançar nos Archivos publicos: aqui se conservavaõ, mas não se communicavaõ aqui a todos, porque toda a posteridade não podia ler o livro do seu deposito. Vossa Magestade, & a Rainha nossa Senhora com mais superior impulso mandaõ vir da America os escritos do Padre Antonio Vieyra, & para os conservarem em Archivo commum para todos, em todo o mundo haõde lançar as suas noticias, para que todos os homens possaõ ler as obras de penna tam rara, & saberãõ, que se Portugal das suas minas defenterra preciosas pedras, tambem tem depositos onde conserva fugeitos, em quem, quando lhe he necessario, defenterra thesouros.

Thesouro foi o Padre Antonio Vieyra, & thesouro de toda a riqueza, porque nelle não depositou Deos cousa, que não fosse preciosa, & tam preciosa, que sendo os seus Sermões tam unicos, elle os julgava como de nenhum valor em comparação do preço, que se devia ao demais, que conservava no thesouro do seu engenho. Fallando o Padre Antonio Vieyra das preciosas pedras dos seus escritos em hũa carta familiar escrita cõ toda a confiança, dizia, q̃ não sabia qual furor o arrebatára nos primeiros annos para abrir aliceses a grandes Palacios, os quaes vieraõ a acabar nas pobres choupanas

Escrita  
ao Dou-  
tor Se-  
bastião  
de Mat-  
tos &

dos

Souza  
da Cõ-  
grega-  
ção do  
Orato-  
rio.

dos seus doze Tomos. Se estes são pobres turgidos da sua eloquência, quaes serão os edificios da sua idea, em cuja sumptuosidade tivesse o Padre Antonio Vieyra Capitolio condigno do seu juizo? Se tanta singularidade no dizer, & tam unica no amplificar, era no conceito do Padre Antonio Vieyra indigno theatro para o seu nome; qual será o carro capaz para o seu triunfo?

Os primeiros partos dos Autores costumão ser o frontispicio do seu talento: mas como o Padre Antonio Vieyra foi Author unico em todos os seus escritos, bastaõ as suas choupanas, para dar a conhecer os seus Palacios, porque para a suspensão de todos bastaõ os abortivos partos do seu engenho. Para o conhecimento dos Pigmicos não basta ainda todo o corpo; mas para os Gigantes basta hum dedo: & como o Padre Antonio Vieyra foi Gigante desmarchado em todo o genero de escritura, basta o seu dedo para o conhecimento da sua eloquencia.

Estas razoes, Senhor, me obrigaõ a dizer a V. Magestade, que esta obra merece a Real attenção de V. Magestade, que he o que basta para explicar a sua grandeza, & que V. Magestade não só se sirva de conceder a licença, que justamente se pede, mas de mandar aos Religiosos da Companhia, que assim como nos communicarão as noticias das choupanas, assim nos dem o incomparavel gosto de podermos admirar as ideas dos Palacios de hum Architeto, que não teve igual: & se de muitos delles se não achar mais que o fundamento, alicesses do Padre Antonio Vieyra per si só bastaõ, como se foraõ maquinas grandes. Se na sua *Clavis Prophetarum* falta algũa guarda para poder abrir em algum Capitulo dos Profetas; do Padre Antonio Vieyra não ha chave, que não seja mestra, para poder abrir a fechadura de toda a difficuldade: & se ao ultimo Tomo desta celebre obra, segundo me disserão, faltaõ só duas disputas, melhor he que duas disputas nos falem, do que pela falta de duas disputas ficarmos perdendo a dous Tomos, que forçosamente devem

devem ficar sem a ultima mão , porque só a lima do Padre Antonio Vieyra pôde aperfeiçoar condignamente a guarda da sua chave,

Posso afirmar a Vossa Magestade pela noticia , que deu em Roma, quem teve a fortuna de ver esta grande obra , & pelas conferencias, que tive na mesma Corte sobre a materia do seu argumento , q̄ em quanto não apparecerem estes dous livros , ainda está no mundo por saber quem he o Padre Antonio Vieyra , & qual foi a singularissima comprehençãõ com que Deos dotou a sua agilidade , porque tudo o que se tem visto das suas obras, he hum corpo sem alma a respeito desta grande empreza, & depois que se communicar á noticia publica , veráõ todos tal differença dos outros escritos a este commento , que ou Antonio Vieyra no commento he outro , ou as demais obras não são parto do seu juizo. E se o mundo palmou no que já vio, sendo tudo isto sem comparaçãõ algũa menor que hũa só regra da *Clavis Prophetarum* ; vem a ser estes livros sem controversiã algũa superiores a todo o genero de escriptura.

Seus naufragios tem tido esta obra primeiro que tenha apparecido na luz da estampa. Hum no furto, que já se lhe intentou fazer , & sem duvida se effeituára , se V. Magestade com a sua Real attençaõ não fizera restituir ao Padre Balthazar Duarte , como a Procurador do Padre Antonio Vieyra , o thesouro , que nos roubavaõ de Portugal : outro naufragio foi o juizo, que muitos fizeraõ desta empreza, sem saberem , nem o que ella he, nem o que ella contém. E para V. Magestade evitar segundo furto, & impor perpetuo silencio a quem falla sem saber o que diz, deve mandar logo publicar esta obra, ordenando, que em quanto se estampa este Tomo, se prepare a impressãõ para estes dous livros, & para tudo o mais, que do Padre Antonio Vieyra escreveo a penna, ou dictou o juizo. E porque não sei se V. Magestade se servirá de me continuar a mercè de me mandar ver as demais obras, assim como foi servido, que eu revisse o Undecimo, & Duodecimo Tomo, suppondo

pondo ser esta a última vez ; que por escrito falle nas obras do Padre Antonio Vieyra , peço a V. Magestade , que por sua Real grandeza me permita o ter deixado correr a penna para dizer em tanto papel tam pouco , porque assim ao menos se não digo o que devo, profiro-o que posso. E concluindo com o meu juizo , acabo dizendo, que de tam grande homem , não ha letra, que se possa perder , nem sillaba , que se não possa estampar. Este he o meu parecer : Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa 5. de Septembro de 1698.

*D. Arcebispo de Cranganor.*



**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 12. de Septembro de 1698.

*Marchaõ. Ribeyro. Oliveyra.*

Está

**E** Stá conforme com o seu original. Lisboa, S. Eloy 7. de Dezembro de 1699.

*Francisco de S. Maria.*

**V** Isto estar conforme com seu original, póde correr. Lisboa 11. de Dezembro de 1699.

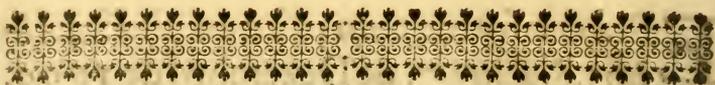
*Diniz. Carneiro. Mouiz. Fr. Gonçalo.*

**P** Ode correr.

*F. P. Bispo de Bona.*

**T** Axaõ este livro em doze tostoens. Lisboa 14. de Dezembro de 1699.

*Duque P. Roxas. Marchaõ. Pereira.  
Oliveira. Costa.*



SERMÕES,  
QUE CONTEM ESTA DVO.  
décima Parte. V

Sermaõ I.	<b>D</b> A Conceição da Virgem Maria.	Pag. 1.
Sermaõ II.	De São Roque.	pag. 22.
Sermaõ III.	Da Exaltação da Santa Cruz.	pag. 54.
Sermaõ IV.	Da Degolação de São João Baptista.	pag. 78.
Sermaõ V.	De Santo Antonio.	pag. 107.
Sermaõ VI.	Da quarta Dominga da Quaresma.	pag. 133.
Sermaõ VII.	Da Resurreição de Christo.	pag. 148.
Sermaõ VIII.	Na Nascimento da Princesa nossa Senhora.	pag. 170.
Sermaõ IX.	Da quarta Dominga da Quaresma.	pag. 203.
Sermaõ X.	Das Chagas de São Francisco.	pag. 229.
Sermaõ XI.	De Santo Antonio.	pag. 252.
Sermaõ XII.	Do Santissimo Sacramento.	pag. 295.
Sermaõ XIII.	Da primeira Dominga da Quaresma.	pag. 316.
Sermaõ XIV.	Das Chagas de São Francisco.	pag. 341.
Sermaõ XV.	De São Joseph.	pag. 362.
Sermaõ XVI.	De Santo Antonio.	pag. 380.

S E R M A Õ

D A

CONCEYCAÕ  
DA VIRGEM SENHORA NOSSA

Prêgado pelo Author, antes de ser Sacerdote, na  
Bahia, & na Igreja da mesma Invocaçãõ, que  
por estar na Praya, se julga extra muros,  
anno de 1635.

*David autem Rex genuit Salomonem ex ea, que  
fuit Uria. Matth. 1.*

§. I.

**C**omeçar pelos  
fins, & acabar  
pelos princi-  
pios, são pri-  
mores da Omnipotencia  
de Deos, & sutilezas de  
sua Divina Sabedoria. E-  
Tom. 12.

dificou o Creador esta  
grandiosa fabrica do mû-  
do, & diz o Texto sagra-  
do, que primeiro fez o  
Ceo, & depois a terra: *In* Genes. I. I.  
*principio creavit Deus cae-  
lum, & terram.* He expli-  
caçãõ, & admiraçãõ jun-  
tamente de S. Joã Chry-  
A sostomo,

S. Joan.  
Chryl.  
Ibid.

2  
foftomõ, õ q̃al diz affim :  
*Deus præter humanum mo-  
rem, fuum perficiens ædifi-  
cium, prius cælum extendit,  
poftea & terram substernit :  
prius culmen, & poftea fun-  
damentum. Quis tale vidit ?  
Quis tale audivit ? Quem  
vio nunca tal architectu-  
ra ? Quem vio nunca tal  
traça, diz Chryfoftomo,  
que para fazer hum edifi-  
cio, primeiro se arme o te-  
cto, do que se levantem as  
paredes ; primeiro se fe-  
chem as abobadas, do que  
se abraõ os alicefles ? Pois  
ifto he o q̃ obrou na crea-  
ção, & fabrica do mundo  
o fupremo Architecto del-  
le : *Creavit cælum, & ter-  
ram.* Primeiro fez o Ceo,  
& depois a terra : primei-  
ro levantou o tecto, & de-  
pois armou as paredes :  
primeiro correo effas abo-  
badas, & depois fudou effes  
alicesfles: *Sed ex ipfo opificii  
modo divinæ naturæ digni-  
tatis innotefcit*, conclue o  
Santo : mas nestes aveços  
do fraco poder humano  
confifte o direyto, o subli-  
me, o maravilhõfo da Om-*

Sermão da

nipotencia Divina: em co-  
meçar por onde os homẽs  
acabaõ, em acabar por on-  
de elles começão.

2 Toda esta traça tam  
milagrofa da criação do  
mundo nenhũa outra cou-  
fa foi, tenão hũa planta, ou  
debuxo da Conceyção pu-  
rissima de Maria, Mundo  
segundo, que para o se-  
gundo Adaõ Christo, sin-  
gular, & milagrosamente  
foi edificado. Toda a ar-  
chitectura andou trocada  
neste soberano edificio, to-  
da andou às aveças. Nos  
outros edificios espiri-  
tuaes, nas outras puras  
creaturas, por mais santas,  
& santificadas que fejaõ,  
a primeira pedra he da  
Natureza, & a segunda  
da Graça. Primeiro se edi-  
ficação pela parte da terra, &  
depois pela parte do Ceo.  
Primeiro nascem tributa-  
rias ao peccado de Adam,  
& depois renascem justifi-  
cadas pelos merecimentos  
de Christo. Não affim na  
Conceyção de Maria. Co-  
meçou-se este milagrofo  
edificio pelo muyto que ti-  
nha

Conceyção da Virgem Senhora nossa. 3

inha do Ceo, & acabou-se pelo pouco que participava da terra. Primeiro se fechárao as abobadas do espirito, & depois se lançárao os fundamentos do corpo. Primeiro ( ou quasi primeiro ) a santificou a Graça, & depois a produzio a Natureza. Que elegante, & que expressamente o disse S. Joab Damasceno ! *Natura voluit in cōceptione Virginis gratiæ cedere, ut Virginis conceptio gratiæ Dei, non viribus naturæ tribueretur.* A Natureza, que em todas as outras conceyções costuma ser a primeira, cedeo de seu direyto nesta obra, & concedeo-o á Graça. As prevenções da Graça puzerao a primeira pedra no edificio ; & as exceções da Natureza a segunda. Primeiro foi em Maria o ser Santa, que o ser mulher. Começou Deos na Virgem Santissima, por onde acaba nos outros Santos, & acabou por onde

começa. Lá começa pela Natureza, & acaba pela Graça : cá começou pela Graça, & acabou pela Natureza : manifestando as delicadezas de sua Sabedoria nestes trocados de sua Omnipotencia: *Ut Virginis conceptio gratiæ Dei, non viribus naturæ tribueretur.*

3 Ora em dia, & em obra, em q̄ o mesmo Deos andou ás aveças, tambem eu não quero prègar ás direytas. Havemos de começar hoje pelo fim, & acabar pelo principio. Havemos de acabar por onde os outros começam, & começar por onde acabão. Os outros Sermões, começaõ pela explicação do thema, & acabaõ pela prova do assumpto ; este hoje ha de começar pela prova do assumpto, & acabar pela explicação do thema. Isto posto, não nos resta mais que pedir a Graça á chea de graça.

*Ave Maria.*

## §. II.

David autem Rex genuit Salomonem ex ea,  
quæ fuit Uriæ.

**P**ois havemos de pregar hoje ás aveças ; pois se ha de começar este edificio pelo ar , seja pelo ar, & graça da mais fermosa de todas as mulheres. O Esposo sagrado nos Cantares fallado da fermosura de sua Mãe , & Esposa a Virgem purissima , diz assim no Capitulo sexto : *Pulchra es amica mea , suavis , & decora sicut Hierusalem.* Sois fermosa , & suave amiga minha , tam fermosa como a Cidade de Jerusaleem. Galante comparação por certo ! Já que o Esposo se não fizesse Astrologo , como se fazem communmente todos os amantes ; já que não comparasse a fermosura , que adorava , ao Sol , á Lua , ás Estrellas ; porque a não compara , como pastor , ás flores do campo , ás roças , aos cra-

vos , aos jasmins , ás açucenas ? Comparar a fermosura de hum rosto a hũa Cidade , *Decora sicut Hierusalem* ? Quem vio nunca tal comparação ? Segue varios pensamentos os Expositores : melhor que todos o Legionense : *Ea erat Sponse pulchritudinis magnitudo , ea oris & corporis rotius maiestas , ut non posse declarari putaret , nisi similitudine earum rerum , que non solum pulchre , sed ample etiam , & multa rerum varietate prædite sunt , quales sunt urbes regie.* Era tam grande a fermosura daquelle rosto ; era tam grande a magestade daquelle fermosura ; havia tanto que ver naquella pequeno espaço ; havia tanto que admirar naquella breve esfera , que não achou o Esposo cousa algũa tam fermosa ,

Conceyção de Virgem Senhora nossa. 3

fermosa, & grande, a que a comparar, senão ao emporio de muytas grandezas, quaes são as Cidades Reaes, & Metropoles do mundo,

5 Entra hum peregrino em hũa Cidade Metropoli, qual naquelle tempo era Jerusalem, & hoje he Roma, vê Torres, vê Templos, vê Palacios, vê jardins artificiosos, em que vence a arte a Natureza; & por mais que veja, sempre lhe fica mais que ver; por mais que admire, sempre lhe fica mais que admirar; não lhe basta hum dia, nem muytos dias: quando cuida q̄ acabou de notar tudo, ainda lhe fica muyto que observar de novo. Tal, diz o Verbo encarnado, he a fermosura da sua Esposa: *Decora sicut Hierusalem*. Depois de visto hũa vez, & outra vez, sempre ha que ver nesse rosto: depois de admirada hum dia, & outro dia, sempre ha que admirar nessa fermosura. Chamou Santo Agostinho à fermosura

Tom. 12.

de Deos, *Pulchritudo nova, & antiqua*, fermosura antiga, mas sempre nova. As fermosuras mortaes, no primeiro dia agradão, no segundo entastião; são livros, que hũa vez lidos, não tem mais que ler: não affim a fermosura Divina. Mil & seiscentos annos ha, que o Baptista está vendo o rosto de Deos: mil & seiscentos annos ha, que está lendo por aquelle livro eterno, & sempre acha de novo que ver, sempre acha de novo que contemplar naquelle mar de fermosura, naquelle abismo de perfeições. Taes attributos reconhecia o Esposo na fermosura infinita de Maria; por isso a compara a hũa Cidade Real; em que sempre ha que ver de novo: *Decora sicut Hierusalem*.

6 Com algum escrupulo levantei a comparação de Jerusalem, & a da fermosura da Virgem Maria á do rosto de Deos na Jerusalem do Ceo; mas deste escrupulo me livrou

A iij São

Nazian. São Gregorio Nazianzeno, ( por antonomasia entre todos os Doutores da Igreja o Theologo ) o qual commentando as mesmas palavras do Esposo, *Decorasicut Hierusalem*, as não entende da Jerusalem da terra, senão da do Ceo: *Decorasicut caelestis Hierusalem*. Ao mesmo Nazianzeno seguem; & o mesmo sentido approvaõ Theodoro, Ruperto, Pselo, Beda, Apponio, & he o commum dos Doutores. Quer pois dizer este notavel elogio da Esposa següdo o juizo de tam grandes entendimentos, que ha tanto que ver na fermosura da Virgem, quanto ha que ver na fermosura da Gloria. Se na Gloria não houvera fermosura mais que a dos Espiritos Angelicos, nenhũa difficuldade tinha a exposiçãõ, porque o mais gentil-homem Serafim do Ceo se preza muyto de servir de chapins a esta soberana Rainha. O ponto da difficuldade esta, em que na Je-

Theod.  
Rupert.  
Beda.

rusalem celestial mostra-se o rosto de Deos aos Bemaventurados de cara a cara; & sendo isto de Fè, *Tunc autem facie ad faciem*, 1. Cor. 13. 12. como he possivel que haja tanta fermosura na Virgem, como na Jerusalem do Ceo: *Decorasicut caelestis Hierusalem*? Para a soluçãõ não temos menos q̃ o testemunho de vista do insigne Dionysio Areopagita, chamado, como o Plataõ da Igreja, o Divino. Foi este Santo tam venturoso, que mereceo ver com seus olhos a Virgem sacratissima, quando ainda vivia em carne mortal: & o que lhe succedeo nesta vista, escreveo o mesmo Santo, fallando com Deos, por estas admiraveis palavras: *Nisi tua divina doctrina me docuisset, ó Deus, hanc verum Deum credidisset; quoniam nulla videri posset maior gloria Beatorum; quam felicitas illa, quam ego tunc felicissimus degustavi*. Quando cheguei a ver o rosto de vossa Mãy Santissima, ó Deus eterno, se a doutri-

D. Dionys.  
nyf. Areopag.

doutrina de vossa Fè me não tivera de sua mão, sem duvida me postrára de joelhos, & a adorára por Deos. Representava tam grande magestade aquelle rosto imperial: sahiaõ rayos tam divinos daquella soberana presença, que me pareceo, que já gozava o estado felicissimo da bemaventurança, & que não tinha mais quilates de gloria aquella sobrenatural visaõ, que faz aos Anjos bemaventurados: *Quoniam nulla videri posset maior gloria Beatorum, quam felicitas illa, quam ego tunc felicissimus degustavi.* Os Bemaventurados, quando entraõ a ver a Deos, perdem a Fè; porque ver, & crer não se compadecem. Se entraõ a ver Maria, parece a adorára com adoração de latria por Deos verdadeiro, ficando idolatra daquella imaginada Divindade: *Nisi tua divina doctrina me docuisset, ó Deus, hanc verum Deum credidissem.* Tãta razão como esta, teve o

Espolo de comparar a fermosura da sua Esposa à fermosura da Jerusalem do Ceo: *Decora sicut caelestis Hierusalem.*

§. III.

7 **A** Sláz ponderada ficava a fermosura de Maria, se parára aqui o Divino Espolo; mas não parou aqui: *Averte Cant. 6. oculos tuos à me, quia ipsi me 4. avolare fecerunt.* Tem tanta reputação comigo estas palavras, que ainda que decesse hum Serafim do Ceo a ponderalas, não lhes ha de dar o pezo que ellas merecem. Apartai de mim vossos olhos, Senhora; diz Christo a sua Mãy; *quia ipsi me avolare fecerunt;* porque fico arrebatado quando os vejo, fico em Antb. extasi. *Vult avèrtere illam oculos,* diz S. Ambrosio, *ne eam considerans elevetur, & cæteras animas derelinquat.* Pede Christo a sua Santissima Mãy, que ponha tregoa à vista, que a parte delle seus fermosos olhos; porque se o não fi-  
zer

zer assim, ficará tam abforto, tam enlevado na consideração de sua fermofura, que não poderá tratar da falvação das outras almas; & ficará totalmente fufpenfo o myfterio, a que veyo, da Redempção. Espantolo dizer! Queira Deos que acerte ao ponderar.

8 E bem, Chriſto Redemptor noſſo não goza a viſão clara de Deos, com o mais perfeito lume de gloria, que de ley ordinaria he poſſivel? Pois ſe a viſta perfeitiſſima daquelle abifmo de fermofura não embargava as atençaõs a Chriſto, & ſe occupava com tanto cuidado na falvação do mundo; como diz o meſmo Senhor á Virgem, *q̄ eclipte hum pouco o reſplendor de ſeus olhos, para que não fique ſuſpẽſa a falvação das almas, Ne eam confiderans eleve- tur, & cæteras animas derelinquat?* Mais ainda Chriſto em quanto Deos não ſe comprehende a ſi meſmo? Não abraça dentro

da infinidade da ſua viſta aquelle mar immenſo da Divindade? Pois ſe a viſão cõprehenſiva de Deos lhe não ſufpende o attributo da Providencia: ſe comprehendendo-ſe a ſi, lhe ficaõ baſtantes advertencias para governar o mundo; como agora o meſmo Deos pedindo a Maria que aparte delle os olhos, dá por razão, que ſe cuidar em ſuas graças, & perfeições, não lhe ficarão cuidados para tratar de outras almas: *Ne eam confiderans, cæteras animas derelinquat?* Aqui não ha tennão ou dizer hũa heresia, ou não reſponder nada. Mas eſte meſmo não ſaber reſponder, eſte meſmo encolher os hombros, eſte meſmo paſmar, he o mayor encarecimento, que ſe pôde dizer neſta materia. Que veja Chriſto, em quanto Homem, a fermofura de Deos, & nem por iſſo perca a atençaõ de outros cuidados! Que cõprehenda Chriſto em quanto Deos toda a Eſſencia Divina,

Conceyção da Virgem Senhora nossa. 9

Divina ; & nem por isso perca o uso de sua Providencia ; & que chegando a contemplar a fermosura daquella Virgem purissima , fique tam arrebatado , fique tam suspenso , em tal calma de sentidos , em tal extasi de potencias , que para poder advertir a outra coula, seja necessario divertir-se daquelles olhos : *Averte oculos tuos à me, ipsi me avolare fecerunt !*

9 Já agora me não espãto de hũa cousa , que estranhei sempre muyto na cortesia de S. Martha. Estava a Magdalena aos pès de Christo seu Divino Mestre ; & Martha , que andava muy solícita no adereço da mesa , chega , & diz : *Domine , non est tibi curæ , quòd soror mea reliquit me solam ministrare ?* E bem , Senhor , não tendes cuidado ? Paray ahi divertida Martha : Vòs sabeis com quem fallais ? Esse , a quem chamais Senhor , não he aquelle , cuja Providencia cuidadosa alcança até às avefinhas do ar , & aos bi-

chindos da terra ? Pois como vos atreveis a pòr descuido no mesmo Decs : *Domine , non est tibi curæ ?* Andou muito delgado neste lugar hum Doutor grave da nossa Companhia : *Umbra erat Mariæ Deiparæ , cujus gratiæ præ omnibus aliis creaturis sic Deum capiebant , ut posset fieri quòd habens Deus secum Mariam , non multum curaret ceteras creaturas.* Quando Martha fez aquella queixa a Christo , estava o Senhor fallando com Maria Magdalena , figura de Maria Mãe de Deos ; & como tinha diante dos olhos este fermoso retrato , não he muito q̃ Martha chamasse a Christo descuidado : *Domine , non est tibi curæ ;* porque quando se poem este Senhor a contemplar as perfeições , & graças de Maria , tanto o carivão , tanto o enlevão , tanto lhe roubão os pensamentos , & embargão os cuidados , que parece lhe não deixão attenção para cuidar de outra coula : *Domine , non est tibi*

*ribi curæ.* E como o Verbo encarnado viera ao mundo com hum cuidado de tanta importancia, como a redempção, & remedio delle, por isso pede á Senhora, que ponha tregos á vista, que aparte hum pouco os olhos, que lhe descative os pensamentos, que lhe liberte os sentidos, & lhe desembargue os cuidados: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me avolare fecerunt.*

10 Estas ultimas palavras, *Ipsi me avolare fecerunt*, conforme a versão Hebraica ainda tem mais alma. Diz o texto Hebreo: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me superbire fecerunt.* Tirai de mim vossos olhos, Virgem Mãe minha, diz Deus, porque sua fermosura me faz ensoberbecer. Ensoberbecer? Que quer dizer isto? Na fonte de toda a sãtidade pôde caber soberba? Na pureza da verdade eterna pôde ter lugar a vaidade? Claro está que nem vaidade, nem soberba pôde caber em Deus:

mas foi o mais encarecido hyperbole, com que se podia subir de ponto a fermosura da Virgem Maria. Como se dissera Deus: A gloria que recebo da vista de vossos olhos he tanta, que se em mim coubera vangloria, sem duvida que me ensoberbecera. De Lucifer diz o Profeta Ezechiel, que considerando a fermosura de sua natureza, se ensoberbeceo: *Ele. Ezech. 28. 17, vatum est cor tuum in decore tuo.* De Adonias se diz também no livro dos Reys, que se ensoberbeceo, & se dá por causa, sua grande fermosura: *Erat autem 3. Reg. 1.6. pulcher valdè.* Só de Deus não ha Escritura algũa que diga, ( não digo por verdade, que não pôde fer ) mas nem por figura, ou semelhança, que contemplando-se a si, que contemplando aquella fermosura immensa de seu ser, se ensoberbecesse. Pois Senhor, & Deus meu, se essa fermosura eterna, immensa, infinita, incôprehenfivel: se essa fermosura, de que faõ hũas

hũas participações muy elcaças tudo o que he fermosura no Ceo , & na terra tudo o que he fermosura nos homês, & nos Anjos : se não chega esla fermosura a vos ensoberbecer por metáforas : se não chegais a dizer della que vos ensoberbeceo contempládo-a; como dizeis por vossa boca , que a fermosura dos olhos de Maria foi poderosa a vos ensoberbecer: *Ipsi me superbire fecerunt?*

II Tudo são exaggerações , tudo são hyperboles , tudo são encarecimentos da fermosura daquella soberana Virgem ; mas exaggerações as mais levantadas , hyperboles os mais subidos , encarecimentos os mais sobrelevados. A fermosura de Eva chegaria a ensoberbecer a Adão ; a fermosura de Rachel chegaria a ensoberbecer a Jacob; a fermosura de Esther chegaria a ensoberbecer a Assuero ; mas a fermosura de Maria chegou a ensoberbecer , do modo q̄ se póde dizer , ao mesmo

Deos. Chegou a confessar o mesmo Deos , que a fermosura de seus olhos o ensoberbecia : *Ipsi me superbire fecerunt.*

§. IV.

12 **O**Ra vamos ao ponto. Vejo está dizendo o auditorio todo: Este Prêgador , como novo , & como moço , não sabe o que prêga: hoje he dia de nossa Senhora da Conceyção , havianos o Prêgador de provar como a Virgem purissima foi concebida sem peccado original ; que quanto he retratarnos as fermosuras de nossa Senhora , a q̄ proposito ? O proposito eu o direi agora. Conta Plutarcho q̄ em Athenas impôdo-se hũ grave crime a hũ donzella fermosissima chamada Frenes , para se sentenciar a sua causa appareceu em juizo com o rosto cuberto , como era costume apparecerem as accusadas. Começou logo a allegar por sua parte hum Oradot com grande

grande copia de palavras , com grande numero de textos , com grande força de razões. Mas as prefunções eraõ tam forçosas , & os indicios tam efficazes , que já nos rostos dos juizes se estava lendo sentença contra Frenes. Levanta-se neste passo Pericles , outro Orador famosissimo , lança mão ao manto da quasi convencida donzella , & o mesmo foi apparecer a fermosura de feu rosto, q̄ trocaram-se subitoamente os pareceres de todos. Acclama todo o Senado: Victõr, victõr , pela parte de Frenes. Em tanta fermosura , dizem, não pôde haver culpas : em tanta fermosura não pôde haver culpas.

13 Eis-aqui a traça , Senhores , eis-aqui o pensamento , que me levou apoz si neste Sermão. A questãõ mais altercada , ou das mais altercadas , que houve na Igreja Catholica , he esta , em que estamos: Se foi , ou não concebida com culpa original

a Virgem purissima Mãe de Deos ? Na especulaçãõ deste ponto tem suado os mais insignes Theologos de toda a Igreja : na confirmação desta verdade tẽ corrido felizmente as pennas mais engenhosas de todo o mundo. Mas ainda está a questãõ indecisa , ainda está a verdade em opinioes. Pois que remedio para sahir com vitoria ? Que remedio para tapar a boca de hũa vez a todas as razões contrarias? O remedio he , Virgem purissima, já que não posso ser digno Orador de vossa pureza , fazer-me Sumilher de cortina da vossa fermosura. Appareça esse rosto mais fermoso que a Jerusalem da terra, mais fermoso que a Jerusalem do Ceo: appareção estes olhos bastantes a enlevar a Deos , bastantes a o ensobeiberer ; & á vista de tanto extremo de fermosura , todos acclamarão a hũa voz , que sois concebida , Senhora , sem culpa original: que em tâta fermosura não pôde haver culpa.

Prê-

14 Prêgando em tal dia como hoje hum Prêgador de contraria opinião, não duvidou dizer publica, & declaradamente que a Virgem Maria fora concebida em peccado original. Estava na mesma Igreja hũa Imagem da mesma Senhora de vulto, & vestida como então se costumava mais; & em se ouvindo no auditorio aquella proposição, que faria? (Escreve o caso Bernardino de Bustes.) Estendeo o braço direito a Imagem, pegou no manto, & cobrio o rosto. Qual seria o espanto, & assombro, & tambem o applauso de todos, bem se deixa ver. A mim me está lembrando neste passo, o que aconteceu a Sara com ElRey Abimelech. Partio-se Abrahão de sua patria, & fez concerto com Sara, que dalli por diante se chamasse irmão, & irmã, & não mulher, & marido; porque assim levava a vida mais segura. Chegados ao Egypto, onde Abimelech reynava, le-

vãrão logo o alvitre ao Rey os ministros de seus appetites, dizendo, que era chegada á Corte hũa mulher de estranha fermosura. Informou-se o Rey se era casada, & dizendo-lhe que não, mandou que lha levassem a Palacio. Que boa occasião tinhamos aqui para hũa pequena de doutrina! Era Rey Abimelech, era Gentio, era poderoso, & não tinha Fê, nem tinha hum mandamento da Ley de Deos, que lhe disse: *Non concupisces uxorem proximi tui.* Não dejesatás a mulher de teu proximo; & com tudo foi tam comedido que não tratou de Sara, senão depois que soube primeiro que era mulher sem marido. E andou muito acertada Sara em se desterrar para o Egypto, & não para outra de muitas terras, onde póde ser que não achasse tanto comedimento nos homens.

15 Emfim, não chegou Abimelech a afrontar a Sara, porque Deos, que velava

Deut.  
5. 21.

zelava a honra de Abrahão mais que elle mesmo, appareceo a Abimelech em sonhos muy severo, mandandolhe que restituísse logo a mulher a seu marido, sob pena de lhe tirar a vida a elle, & lhe abraçar o Reyno. Executou-o assim o Rey no mesmo ponto; & mandando dar a Abrahão quatrocentos cruzados, disse assim a Sara: *Ecce mille argenteos dedi fratri tuo: hoc erit tibi in velamen oculorum ad omnes, qui tecum sunt*: Sara, aquelle dinheiro, que mandei a voffo irmão, he para comprares hum manto, ou vèò, com que cobrir os olhos diãte daquelles, que vos conhecem. Cobrir os olhos Sara, porque razão? Não consta da Escriitura, que Abimelech não tocou a Sara no fio da roupa: *Abimelech verò non tetigerat eam*? Não consta que o Rey declarou logo o caso, como passára, aos da sua Corte: *Locutus est universa verba hæc in auribus eorum*? Pois se Sara estava tam in-

nocente, tã livre da culpa; porque havia de cobrir o rosto? Porque havia de tapar os olhos: *Hoc erit tibi in velamen oculorum*? Apenas ha lugar na Escriitura, que tenha tantas exposições dos Doutores; cada hum diz o que lhe parece, o mesmo hey de fazer eu.

16 Diz Abimelech cõ muito ração a Sara, que compre hum manto, com que cobrir os olhos; porque para hũa mulher da authoridade de Sara, não são necessarias culpas verdadeiras, bastão culpas imaginadas, para não ter olhos, com que apparecer diante de gente. Ainda que o Rey sabia a innocencia de Sara, & a publicára; como o mundo he tam máo, muitos imaginariãõ o que quizessem; & basta que se imagine hũa culpa em hũa mulher tam santa, para que não tenha rosto com que apparecer, para que tape os olhos: *In velamen oculorum*. De Sara poderá a Virgem Maria herdar

Genef.  
20. 16.

Ibid. 4.

Ibid. 8.

dar este pundonor , como neta sua que era; mas em si tinha mayores obrigações, que as herdadas. Corre o manto, tapa os olhos, quando ouve dizer de si, que foi concebida em peccado original: não porq̃ esta culpa fosse verdadeira não , mas porque para a pureza da Máy de Deos , bastão culpas imaginadas , para cobrir o rosto ; basta hũa suspeita, ainda que falsa, de culpa , para não ter olhos para apparecer : *Invelamen oculorum.*

17 Assim he , Senhora minha , assim he : mas neste mesmo manto temos o remedio. Se porque vos condenão de culpa original, cobris o rosto ; descobri-o , & todos vos absolverão desta culpa. A fermolura d'esse rosto he a executoria de vossa pureza. Não sou eu o que volo digo, Senhora ; nos Cantares volo disse vosso Filho , & Esposo sagrado , quando o consultastes deste caso : *Indica mihi ubi pascas , ubi cubes in meridie.* Decla-

raime , Esposo querido meu, diz a Senhora , onde repoulais descansando ás horas do meyo dia. Ide notando as propriedades do Texto , que são admiraveis. O peccado de Adão , que he, ou donde nasceo o original , foi cõmettido ao meyo dia. Assim se colhe do mesmo Texto, em que Deos arguhio a Adão , & elle se escondeo logo depois do meyo dia : *Et cum*

*audisset vocem Dei deambulantis ad auram post meridiem, abscondit se.* Genes. 3. 8.

E esta he a razão , porque disse Rabano , & bem , que quiz subir o Redemptor á Cruz no pino do meyo dia: *Hora sexta;* para que o peccado fosse pago na mesma hora , em que fora cõmettido: *Crucem meridie ascendit, ut qua hora primus homo lignum prævaricationis tetigerat, secundus homo lignum redemptionis ascenderet.* Vem pois a ler a pergunta da Senhora , que lhe declare o Esposo Divino onde descansava por graça no tempo em que Adão peccã;

Apud  
Septua-  
ginta.

peccará; & acrescentã maravilhosamente a nosso intento: *Ne efficiar sicut adoperata*. Porque em quanto vós, Senhor, não declarares isto, estarei eu com o rosto cuberto, como costumaõ estar as accusadas de culpa: *Ne efficiar sicut adoperata*.

ibid. 7.

18 Ovi agora o que respondeo o Esposo, que he milagrosa prova do nosso assumpto: *Si ignoras te, ô pulcherrima inter mulieres*. Perguntar isto, Esposa, & Mãy minha, perguntar se estava eu em vós por graça no tempo em q̄ peccou Adaõ, he ignorares vós que sois a mais fermosa de todas as mulheres. Argumenta o Esposo pelas mesmas consequencias, em que o nosso discurso se funda. Diz que duvidar da graça original da Virgem, he ignorar que he a mais fermosa de todas as mulheres; porque quem conhecer sua fermosura, impossivel he que crea que foi concebida em peccado; que em tanta fermo-

fura não pôde haver culpa. Divinamente o Abba-de Ruperto: *O pulcherrima mulierum! Talis, ac tanta causa tua est, ut si te ipsam non ignores, statim scias illud, quod queris*. Dessa causa que perguntais, ô fermosissima entre todas as mulheres: dessa questãõ que moveis, comvosco trazeis a resposta, comvosco trazeis a soluçãõ. Vossa fermosura he a prova de vossa immaculada Conceyçãõ. Só poderã duvidar della, quem ignora as excellencias de vossa fermosura: *Si ignoras te, ô pulcherrima inter mulieres*.

Rupert.

§. V.

19 **E**Ntra agora o nosso thema, & segũdo o que prometti, he bom sinal; acaba-se o Sermão. *David autem genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ*. David gerou a Salamaõ da mulher que foi de Urias. Altercaõ muito os Doutores, porque se poem esta mulher no Catalogo da gera-

geração da Senhora. E tem muito mais lugar a duvida no dia de sua purissima Conceyção. Se se passa em silencio Sara, Rebecca, Rachel, & outras mulheres fãtissimas primogenitoras da Virgem; porque se faz menção desta, que foi muito menos casta, & menos fanta? E já que se houvesse de fallar nella, porque se não nomea por seu nome de Bersabè, senão por mulher que foi de Urias? Porque nomear a Urias, he trazer á memoria o aleyvofo homicidio, com que lhe mandou tirar a vida David: & dizer que fora sua mulher, he lembrar o adulterio, que com tanto escandalo do mundo commetteo. Por todas estas razões entra no Evangelho de hoje Bersabè; por isto mesmo a poem Deos no catalogo da geração da Virgem. Assim como para fazer Rainha a Bersabè, & para a fazer mãy de Salamaõ, quebrou David todas as leys Divinas, & humanas, matando a

Urias, tirandolhe a mulher, sem reparar em homicidios, nem adulterios: assim Deos para fazer a Maria Rainha dos Anjos, & para a fazer Mãy do verdadeiro Salamaõ Christo, em nenhũa ley reparou, todas as leys quebrou, a quantas estavaõ sугeitos os filhos de Adaõ.

20 Por filhos de Adaõ, nascemos filhos da ira; por filhos de Adaõ, nascemos escravos do demonio; por filhos de Adaõ, nascemos desherdados da Gloria; por filhos de Adaõ, nascemos sугeitos áquella inclinação má, a que chamaõ *Fomes peccati*. Por todas estas leys cortou Deos no dia da Conceyção de Maria, & a criou tam pura, tam immaculada, tam santa, quanto era bem que o fosse, a que havia de ser Mãy do verdadeiro Salamaõ Christo: *Genuit Salomonem ex ea, que fuit Uria*. Bem está até aqui; mas dõde havemos de collegir estes privilegios, dondè havemos de collegir estas

leys quebradas? Não nolo  
 haõ de dizer Doutores, se-  
 não o mesmo Texto. Ha-  
 vemos de collegir estas  
 leys quebradas, do mesmo  
 fundamento, porque Da-  
 vid as quebrou. O funda-  
 mento, porque David que-  
 brou todas aquellas leys,  
 não foi outro, como diz o  
 Texto, senão a fermolura  
 de Bersabê: *Vidit mulierem*  
*se levantem; erat autem mu-*  
*lier pulchra valde.* Pois de-  
 ste mesmo fundamento  
 havemos de collegir tam-  
 bem que quebrou Deos to-  
 das as leys de Adão na  
 Conceyção de Maria: *E-*  
*rat enim mulier pulchra val-*  
*de; antes, Pulcherrima in-*  
*ter mulieres.* Porque he, co-  
 mo tam largamente temos  
 visto, a mais fermosa de  
 todas as mulheres. Diga-  
 mos logo com o Esposo:

2. Reg.  
 11. 2.

Cant. 4.  
 7.

*Tota pulchra es amica mea,*  
*& macula non est in te:* To-  
 da fois fermosa, Senhora,  
 & Mãy minha; & dahi se  
 collige, que não contrahi-  
 stes macula de peccado  
 original. Digamos tam-  
 bem com os Anjos: *Pul-*

*chra, ut Luna, electa, ut Sol.* Cant. 6.  
 Sois fermosa, Senhora, co-  
 mo a Lua; & dahi se col-  
 lige bem, que fostes esco-  
 lhida como o Sol. O Sol  
 de justiça Christo, he de  
 Fè que foi escolhido, &  
 predestinado sem peccado  
 original: o mesmo confes-  
 sa de vòs, Virgem purissi-  
 ma, a nossa devaçõ, & o  
 fundamos em vossa fer-  
 mosura: *Pulchra, ut Luna,*  
*electa, ut Sol;* que onde a  
 fermolura he total, não  
 pôde haver mancha algũa:  
*Tota pulchra es, amica mea,*  
*& macula non est in te.* Assi-  
 m o cremos, assim o con-  
 fessamos. Cremolo com o  
 coração, confessamolo cõ  
 a boca, & o defenderemos  
 sempre com o sangue, &  
 com a vida, se for neces-  
 sario.

§. VI.

21 **F**ixemos bem Chri-  
 stãos nesta prote-  
 ração, & devaçõ da Cõ-  
 ceycão da purissima Se-  
 nhora, & estejamos muito  
 certos, q̄ nenhũa outra lhe  
 agrada

agrada tanto à mesma Senhora, & que com nenhũa outra a havemos de obrigar tanto, como com esta. Duvidaõ os Santos, porq̃ se mostrou Christo tam liberal com o Bom Ladrão, que lhe promettefle tam effectivamente o Reyno do Ceo: *Hodie mecum eris in Paradiso*: coufa que se não lê haver o Senhor feito outra vez? A razaõ dizem que foi, a que antecedentemente propoem o Texto. Quando crucificáraõ a Christo entre dous ladrões, o máo ladrão, como diz S. Lucas: *Blasphemabat eum*: blasphemava ao Senhor, dizendo que não era Filho de Deos, nem Messias, pois se não salvava a si, nem a elles, como tambem o diziaõ os outros ouvintes: *Prætereuntes blasphemabant*. Acodio o Bom Ladrão reprehendendo-o, dizendo: *Nos quidem justè, nam digna factis recipimus; hic verò nihil mali gessit*. Os máos, & os culpados somos nós, & assim justamente estamos

aqui crucificados; que quanto he este Senhor, *Nihil mali gessit*, nenhum mal fez, he justo, he Santo, he innocente. E dizendo isto, vira-se para Christo: *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum*. Pois homem, que quando me estaõ blasfemando, impugna aos que me blasfemaõ: homem, que quando todos me tem por malfeitor, elle me confessa por innocente: homem, que quando a minha honra está em opiniões, com tam ruim opiniaõ, acode por mim, & diz que não tenho culpa: este homem, ainda que seja hum ladrão, ha de entrar comigo hoje no Paraíso: *Hodie mecum eris in Paradiso*. O mesmo digo eu da Virgem purissima. Todas as outras devações, que fazemos; todos os outros titulos, que damos a esta Senhora, lhe agradaõ muito: mas nenhum a obriga, & rende tanto, como este de sua purissima Conceyção. Dizer da Senhora, que he

Luc. 23.  
33.

Luc. 23.  
39.

Matth.  
27.39.

Luc. 23.  
41.

Ibd. 42.

Mãe de Deos; dizer que foi Virgem antes do parto, no parto, & depois do parto; dizer que he Filha do Padre, Mãe do Filho, & Esposa do Espírito Santo: todos estes titulos agradeaõ muito á Senhora; mas não a obrigaõ tanto, como dizer que foi concebida sem peccado original; porque aquelles titulos, ainda que grandes, todos os crem, todos os confessão, ninguem já duvida delles. Porém o titulo da Concepção immaculada, como anda em questaõ, como está em opiniões, como ha quem o duvida: que nos ponhamos nós da parte da Senhora, que impugnemos os que sentem o contrario, que a confessemos a pezar de todos por concebida sem peccado original; isto obriga tanto á Senhora, que sem duvida, como Mãe de tal Filho, dirá a cada hum destes seus devotos: *Mecum eris in Paradiso*. Bem cabia aqui o *Quam mihi, & vobis*; mas ainda digo mais

hũa palavrinha.

22 Quando os filhos de Israel hiaõ caminhando para a terra de Promissão, adoeceo de lepra Maria Irmã de Moysès. Parou logo o exercito, & não deu mais passo adiante. Sara Maria outra vez, & fica purificada da lepra, & logo no mesmo ponto começou o exercito outra vez a marchar: *Et populus non est motus de loco illo, do nec revocata est Maria*. Pois pergunto: Porque não marcha o exercito, em quanto Maria está cuberta de lepra; & tanto que sara da lepra, porque marcha logo? Origenes responde a esta duvida: Porque era figura de Maria Mãe de Deos. Onde Maria está cuberta da lepra do peccado original; onde ha huns, que tem para si que foi a Senhora cõcebida em peccado, entendaõ & cuidem os que isso imaginaõ, que não haõ de ir por diante no caminho da terra de Promissão; não haõ de fazer jornada no caminho do

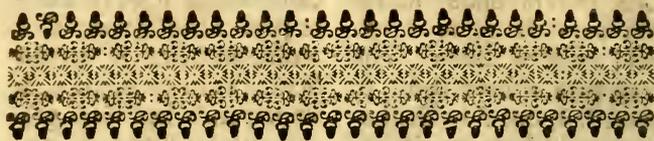
Numer.  
12. 15.

Ceo,

Conceyção da Virgem Senhora nossa. 21

Ceo. Porém onde Maria caminharáõ logo felizmẽ-  
estã pura da lepra origi- te pelo caminho do Ceo  
nal ; onde ha almas , que alcançandolhes a mesma  
tem para si, confessaõ , & Senhora tantos auxilios, &  
protestaõ, que foi a Senhora impetrandolhes tâtas gra-  
ra concebida em graça ; as- ças, quantas lhes segurem ;  
sim como lá os filhos de Is- & fação certos os premios  
rael logo marcháraõ para da Gloria : *Ad quam nos,*  
a terra de Promissaõ , assim &c.





# S E R M A Õ

DE

# SAÕ ROQUE,

Panegyrico, & apologetico, no Anniverfario do  
nascimento do Principe D. Affonso na Ca-  
pella Real, anno de 1644.

*Sint lumbi vestri pracincti, & lucerne arden-  
tes in manibus vestris. Luc. 12. 35.*

S. I.

23



Ora de seu dia  
São Roque! E  
naõ em outro  
dia fenaõ ho-  
je! ( Muy altos, & podero-  
sos Reys, & Senhores nos-  
sos.) Torno a admirarme.  
Fóra de seu dia S. Roque!  
E naõ em outro dia fenaõ

hoje! Grãdes suspeitas me  
dá este Santo que vemaju-  
darnos a celebrar a nossa  
festa, mais q̃ desejeoso de ce-  
lebrarmos a sua. Hum anno  
faz neste dia, & nesta hora,  
pouco menos, que em cõ-  
primimento da expectaçãõ,  
em delassombro do temor,  
em latisfaçãõ do delejo,  
em alvoroço dos corações,  
em

em applausos de Lisboa , em gloria de Portugal , & em alegria de todos , amancebo à luz cômum , & nasceo ao mundo o sexto Planeta do nosso Emisterio , a quarta Estrella dos nossos deus Soes, o primeiro fruto da geração atenuada, restituída, o desempenho profetizado dos olhos de Deos, a uniaõ dos dous primeiros Affonsos de Portugal, & Bragança , o perfeitissimo retrato dos soberanos originaes , que no lo deraõ; em fim o nosso bello Infante D. Affonso, que Deos nos crie , que Deos nos guarde , & que Deos nos faça o quarto ,

como hoje he o ultimo.

24 Não sou de fazer mysterios dos acafos ; mas folgo de fazer doutrina da occasiaõ. E já que S. Ro. que veyò a cahir neste dia tam particular , em que Deos desempenhou suas promessas , & lançou novas raizes a seus beneficios, quizera eu que S. Ro. que hoje nos ensinára a conservar. Roques a Reys, peças saõ que se ajudaõ. A este intento procurarei encaminhar todo o Sermaõ. O Euangelho nos dará documentos, o Santo nos dará exemplos , queira Deos que não resistaõ aos ouvidos os corações.

## §. II.

*Sint lumbi vestri præcincti, & lucernæ ardentés in manibus vestris.*

25 **M**anda Christo a seus Discipulos , que estejaõ com as roupas tomadas no cinto , & com tochas accesas nas mãos ; bem assim como os

criados vigilantes , que esperãõ por seu senhor no dia das vodas. Este exemplo me faz difficultola esta doutrina. Se o Esposo ha de vir, & não vem ainda ,

B iij para

para que hão de estar todas as tochas accelas? Que esteja accesa hũa, para que cõ ella se accendaõ as outras, pareceme muito bê; mas accelas todas: *Lucernæ ardentes in manibus vestris?* O que Christo Senhor nôsto pertendia, como se vê de todo o Euangelho, era vigilancia, & luz: para a vigilancia bastava hũ criado, para a luz bastava hũa tocha. Provo cõ o exemplo da milicia; porque nos olhos de hũa sintinella, vigia todo o exercito, & na braza de hum murraõ, estaõ accelas todas as armas. Pois se parece que bastava hũa só tocha, para que mãda Christo accender tantas? Manda Christo accender muitas tochas, porque quer seguras as luzes. Hũa só luz basta para accender, mas hũa só luz não basta para assegurar; por isso manda Christo, que estejaõ muitas tochas accelas, para em cada hũa deixar o remedio, & em todas juntas assegurar o perigo. Luz que se pôde apagar com

hum assopro, não está segura sem fiador: pois multipliquem-se as luzes, diz Christo, para que hũas sejaõ fiadoras das outras: na primeira luz nos deu o remedio, nas outras luzes nos tirou o cuidado.

26 Porque cuidamos, Portuguezes, que se acabaraõ as luzes de Portugal? Que causa cuidamos que houve para padecermos aquella noite eterna de sessenta annos tam compridos? A causa foi, porque como Deos queria eclipsar as glorias de Portugal, permittio que ficasse a luz pendente de hũa só tocha: hum Rey D. Sebastião, outro Rey D. Henrique, ambos sem successão, ambos sem herdeiros. Porém hoje quando Deos foi servido de nos restaurar, & restituir, engrossa a linha da geração attenuada com dobrados successores, assegura o lume das tochas com multiplicadas luzes, para que assim como se interrompeo o sceptro de Portugal por dous Reys

Reys sem successor, se perpetue em durações eternas por hum Rey já com dous successores. Dous successores temos, & quatro herdeiros. Ditoso o dia, & ditoso o nascimento, em q̄ se cerrou, & aperfeiçoou este bem estreado numero.

27 Notou São João Chrylostomo, que a Ley Escrita foi fundada em dous irmãos, & a Ley da Graça em quatro: *Primum populū edificavit super unā fraternitatem, hunc autem super duas.* Os dous irmãos, em que se fundou a Ley Escrita, foi Moysés, & Araão: os quatro irmãos, em que se fundou a Ley da Graça, foi S. Pedro, & S. André, S. João, & Santiago. Pois sabemos: porque fundou Deos a Ley Escrita em dous, & a Ley da Graça em quatro? Que se fundasse hũa, & outra em irmandade, com grande providencia está feito; porque os fundamentos da uniaõ, são os mais solidos alicesses do edificio espirital, ou politico. Mas

porque a primeira ley em dous irmãos, & a segunda em quatro? A razão foi: porque quiz Deos lançar os fundamentos a cada ley, conforme a duraçãõ que lhe determinava dar. A Ley Escrita, que finalmente se havia de acabar, fundou-a em dous irmãos; a Ley da Graça, que havia de ser eterna, & durar sem fim, fundou-a em quatro. Imperio fundado em dous irmãos dura muito, mas poderá ter fim; porém Imperio fundado em quatro irmãos, assentado sobre quatro columnas, allumiado com quatro tochas, será perpetuo, será perduravel, igualará a duraçãõ com a do mundo, medirá os annos com as eternidades: *Hunc autem super duas fraternitates.*

28 Mas noto eu nas palavras de S. João Chrylostomo, que aos fundamentos da Ley perpetua da Graça não lhes chamou quatro irmãos, senão duas irmandades: *Super duas fraternitates.* Taes são os funda-

fundamêtos do nosso Rey-  
no. Está firmíssimo Portu-  
gal, não só porque está  
fundado em dous irmãos,  
senão porque está fundado  
em duas irmandades: hũa  
irmandade masculina do  
nosso Príncipe, & do nos-  
so Infante; outra irmanda-  
de feminina das nossas In-  
fantas, que Deos nos guar-  
de. De manciã, que não  
só consiste a nossa firmeza  
na multiplicação do nu-  
mero, senão na repartição  
do sexo: não só em serem  
quatro irmãos, senão em  
serem duas irmandades,  
hũa de irmãos, outra de  
irmãs: *Super duas frater-  
nitates.*

29 Triste, & descololada  
Anna por se ver esteril, &  
muito mais desconsolada,  
& triste por se ver afronta-  
da de Fenenna, mulheres  
ambas do Príncipe Helca-  
na, & fecunda Fenenna,  
& mãy de muitos filhos,  
diz a Historia sagrada, que  
foi ao Templo, & com  
muitas lagrimas fez ora-  
ção, & voto a Deos desta  
maneira: *Domine, si respi-*

1. Reg.  
1. 11.

*ciens videris afflictionem fa-  
mula tuæ, dederisque servæ  
tuæ sexum virilem: dabo  
eum Domino omnibus diebus  
vitæ ejus.* Se puzeres, Sen-  
hor, os olhos na minha  
afflicção, & dor, & deres à  
vossa terva hum filho va-  
raõ, eu prometo de o dedi-  
car a este mesmo Templo,  
para que nelle vos sirva to-  
dos os dias de sua vida. Af-  
fim orou Anna, & foi ou-  
vida de Deos muito mais  
que assim; porque depois  
de lhe dar por filho ao Pro-  
feta Samuel, lhe deu mais  
outros dous filhos, & duas  
filhas. De todos diz junta-  
mente o Texto: *Visitavit  
ergo Dominus Annam, &  
concepit, & peperit tres fi-  
lios, & duas filias.* Não ad-  
miro neste famoso caso a  
liberalidade de Deos, que  
sempre he mais largo em  
dar, do que nós em pedir:  
he porèm muito digno de  
reparo, que dando cinco  
filhos a Anna, quando lhe  
pedio hum só, & este va-  
raõ, não fossem só varões,  
& filhos, os que lhe deu  
demais, senão filhos, &  
filhas;

1. Reg.  
2. 21.

filhas; & em numero igual de hum, & outro sexo: os filhos dous, & as filhas duas, que vem a ser, como S. João Chryfostomo ponderava, não só quatro irmãos, senão duas irmandades, & hũa de irmãos, outra de irmãs, como nós particularmente notavamos na presente differença da successão dos novos Principes. De sorte, que não consiste a nossa firmeza só na multiplicação do numero, senão tambem na repartição do sexo. Isto he, não só em serem quatro irmãos, & duas irmandades, se não hũa de filhos, outra de filhas. E porque? Porq̃ os Reynos, & os Imperios conservaõ-se, & sustentãõ-se em duas raizes: das portas adentro na successão dos Reys naturaes; das portas a fóra com a confederação dos Reys estrangeiros. E por isso nos acabou Deos de dar, em tal dia como hoje, tantos filhos, como filhas: os filhos, para que não faltassem Reys ao Reyno pro-

prio; & as filhas, para que possamos dar Rainhas aos estranhos.

30 O mesmo S. Chryfostomo, que nos quatro Apostolos notou as duas irmandades, nos quatro filhos, que depois de Samuel acrescentou Deos a Anna, nota ser hũa irmandade de filhos, outra de filhas, dizendo que nesta segunda lhe derá Deos para ultima satisfação do gosto, & do desejo, todo o lucro, & augmento, que da successão dos filhos pôde ter hũa venturosa familia: *Ex utroque sexu lucrum illius cumularit, ut illi jam plenum, ac perfectum contigerit gaudium.* Mas porque o Santo não individuou qual fosse, ou haja de ser este lucro: eu o direi, & provarei com admiravel propriedade do mesmo Texto; & he, que a segunda irmandade das duas filhas por beneficio, & extensão dos casamentos acrescentarão outros tantos filhos à mesma geração. Assim o disse a melma Anna

Homil.  
I.

na

na no Cantico da acção de graças , que deu a Deos , pela mercê que de sua tam liberal mão tinha recebido , declarando expressamente na lingua original Hebraea , ou Chaldaica em que fallava , que ella sendo esteril parira sete filhos :

1. Reg.  
2. f.

*Donec sterilis peperit septem.* Pois se a mesma Escritura sagrada no vulgar Latino diz : *Visitavit Dominus Annam, & concepit, & peperit tres filios, & duas filias,* que visitou Deos a Anna , & pario tres filhos , & duas filhas , que são cinco portodos ; como agora diz , que pario sete? Aqui está a propriedade , & maravilha que eu dizia. Porque como a segunda , & ultima irmandade foi de filhas , casando estas em familia estranha , acrescentavaõ cada hũa dellas hum filho à sua propria , & ambas dous com que vinhão a fazer o numero de sete: *Donec sterilis peperit septem.* Desta maneira descreve Isaias o augmento , & propagação de Jerusaleem , dizendo : *Fi-*

*lii tui de longe venient, & filiae tuae de latere surgent,* <sup>4</sup> que as filhas nascendo a seu lado como proprias , lhe trariaõ de longe pelo vinculo da successão outros tantos filhos ; & se ella fosse de Principes , como a de que falla Isaias , & a nossa , outros tantos Reys.

31 Vede agora se está bem fundado Portugal nestas duas irmandades. Vede se está bê seguro nestas quatro luzes , & se te deve festejar muito este dia , em que nos amanheceo a quarta. Querome apaixonar por este dia. Digo que o dia de hoje he o mais alegre que nunca teve Portugal ; mais ainda que o dia felicissimo da acclamação. Razaõ. Porque entãõ deus nos Deos o Reyno , hoje mostrou que elle nolo derá : entãõ compriraõ-se as profecias , hoje provou-se que foi verdadeiro o compromisso dellas.

42 Quando ao Patriarca Abrahaõ lhe nasceu Isaac de sua mulher Sara , diz S. Basilio de Selencia , que

que foi gemio este parto. Gemio? pois como assim? Leão-se as Escrituras, & achar-se ha que deste parto de Sara não nasceu mais que Isaac. Pois se só Isaac nasceu, como foi o parto gemio? Foi gemio, diz S. Basilio, porque deste parto de Sara esteril, se bem se nota, nasceraõ dous filhos: nasceu Isaac, & mais nasceu a fê das promessas, que Deos tinha feito a Abrahão: *Sara sterilis in partu suo fidem divinæ promissionis peperit*. Tinha Deos prometido a Abrahão, que lhe daria hum filho, & que em sua geração seria remido o mundo: & como Isaac foi este filho prometido; por isso veyo a ser, & poder-le chamar gemio o parto de Isaac; porque nasceu d'elle juntamente o filho das esperanças, & mais a fê das promessas: *In partu suo fidem divinæ promissionis peperit*. O mesmo passo no nascimento do nosso Infante D. Affonso. Nasceu hoje à geração Real Portugueza esterilizada o pri-

meiro filho; & nasceu juntamente com elle a fê das promessas Divinas feitas ao primeiro Rey. Estava esteril; pelos peccados de Portugal; a geração de seus Reys, como outra Sara; mas como Deos tinha prometido, que nessa geração esterilizada, & atenuada poria seus olhos; quando a geração Real Portugueza outra vez se vê fecunda, não ha duvida que como primeiro fructo desta fecundidade nos nasceu juntamente a fê daquellas promessas: *In partu suo fidem peperit*. Neste nascimento acabou o final do castigo. Com este nascimento nasceu a tẽ do remedio. Porque assim como foi final evidente de Deos querer acabar Portugal; fazer a geração Real esteril; assim he confirmação evidente de Deos querer estabelecer Portugal; fazer a geração Real fecunda.

33 E senão, perguntado: qual foi o termo com que Deos declarou, que restauraria Portugal? O termo

termo foi: *Ego respiciam, & videbo*: Eu olharei, & verei. Pois no dia de hoje, & neste felicíssimo nascimento se comprio o *Respiciam, & videbo*. E porque razão? Porque dar Deos a hũa geração esteril hum filho varão, he o olhar, & o ver de Deos. Texto expresso, & continuado. Quando Anna, como vimos, & ainda não ponderamos, disse: *Si respiciens videbis afflictionem famule tue, dederisque servæ tuæ sexum virilem*: Se olhares, Senhor, & vires a afflicção da vossa serva, & lhe deres hum filho varão. Demaneira, que dar Deos hum filho varão a hũa geração esteril, he o olhar, & o ver de Deos: *Si respiciens videbis: Ego respiciam, & videbo*. A decima sexta geração Real Portugueza estava, como Anna, esteril: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles*. Tinhanos prometido Deos, que nessa mesma geração attenuada o lhará, & veria: *In ipsa sic*

I. Reg.  
I. II.

*attenuata ego respiciam, & videbo*. E quando olhou, & vio? Olhou, & vio, quando deu a essa geração esteril hum filho varão: *Si respiciens videbis, dederisque sexum virilem: Ego respiciam, & videbo*.

34 Que resta logo, se não darmos hoje infinitas graças a Deos, & infinitos parabens a Portugal, dizendo cõ o Profeta Isaias: *Lauda sterilis, quæ non parietur, decanta laudem, & binni quæ non pariebas*: Dá graças a Deos, Lusitania, alegrete, & triūfa, pois sendo nestes annos passados tam esteril de Principes, hoje te vês tam fecunda? E se queres alegrarte com mais admiração, olha para a visinhança: *Quantam filii desertæ magis, quàm ejus, quæ habet virum*: porque a que era esteril, se vê fecunda, & a que era fecunda, esteril. Coula he muito digna de reparar, que tendo Castella ha poucos annos dous Infantes varões, hoje não tem nenhum; & não tendo Portugal ha poucos annos

Isai. 54.

I.

Ibid.

nos

nos nenhum Infante , hoje se vê com dous. Parece q̄ Castella enterrava os seus Infantes , para que os nossos nascessem ; porque se bem advertirmos , acharemos , que nas mesmas terras , onde ella enterrou os seus Infantes , nos nasceraõ a nós os nossos. Enterrou Castella hum Infante em Alemanha , o Infante Fernando ; & nasceolhe a Portugal outro Infante em Alemanha , o Senhor Dom Duarte , que Deos guarde , & livre , que nasceo Infante no dia felicissimo da acclamação. Enterrou Castella outro Infante em Hespanha , o Infante Carlos ; & nasceolhe a Portugal outro Infante em Hespanha , o Senhor Infante D. Affonso , que nasceo já filho de Rey , no dia felicissimo de hoje faz hum anno. Que he isto ? He que quando Deos quer ecclipsar , como vimos em nós , vai apagando as tochas ; & como quer que resplandeça outra vez Portugal , vainos dando as luzes às

mãos cheas : *Et lucernæ ardentes in manibus vestris.*

§. III.

35 **M** As supposto q̄ Deos nos deu tantas luzes : *Lucernæ ardentes* ; & supposto que as poz nas nossas mãos : *In manibus vestris* ; que havemos de fazer para sustentar estas luzes ? Luzes accensas gastaõ , & conformem ; pois que remedio para as sustentar , & para as conservar ? O remedio como tam importante , & necessario já está prevenido , & declarado nas palavras antecedentes do Evangelho : *Sint lumbi vestri præcincti* : Cingivos , apertivos , estreitaivos. Remedio para sustentar as tochas , apertar os cintos : *Sint lumbi vestri præcincti, Et lucernæ ardentes in manibus vestris.* E que consequencia tem apertar os cintos para luzirem as tochas ? Muito grande. Porque para luzir he necessario arder , para arder he necessario

rio

rio gastar, para gastar he necessario cingir. Cingivos primeiro, podereis luzir depois.

36 Muytas vezes tenho buscado em que consistio a locura das Virgens necias; porque a primeira vista eu não vejo mais milagres nas prudentes. Se as prudentes ornárao as alampadas, tambem as necias as ornárao: se as prudentes sahírao a receber o Esposo, tambem as necias sahírao; & se as necias adormecêrao, tambem as prudentes não vigiárao: *Dormitaverunt omnes, & dormierunt.* Pois em que esteve a locura tam canonicizada? Esteve em que as necias tendo menos cabedal de azeite que as companheiras, não loubêrao poupar com a industria, o que as outras gastavao na abundancia. Quizeráo luzir, quando haviaõ de poupar, & vieráo a mendigar, quando haviaõ de luzir: *Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostrae extinctae sunt.* Apagárao selhesas

luzes, porquê não foubêrao estreitar os cintos; não foubêrao poupar antes, não podêrao luzir depois. Que bem emendou esta ignorancia das Virgens necias, a prudencia, & a providencia de S. Roque! Cõtentou-se com satisfazer à necessidade, & não ao appetite; à natureza, & não à vaidade; por isso pode replandecer em obras de caridade tam excellentes, & servir ao Rey do Ceo com tanta liberalidade, & grandeza, quanta eu agora quizerá, mas não tenho tempo para ponderar.

37 Só não posso deixar de dizer, & de estranhar muito, q se alarguem agora os cintos, quando era tempo de os estreitar; & que os tragáo, & queiráo trazer muito largos os mesmos, que noutro tempo os traziaõ assáz estreitos. No outro tempo tam estreitos, & tam delgados, como todos sabem; & agora tam largos, & não sei se tam inchados, que em nenhuma parte cabem, nem ha quem

Matth.  
25. 5.

ibid. v. 5

quem cayba com elles. Cabelles porêm, & vmlhes muito ao justo a frase do soberbo Jeroboam, que são hoje mais grossos pelo dedo meminho, do que eraõ antigamente pela cintura: *Minimus digitus meus grossior est dorso patris mei.* Levão hoje mais roda em hum annel, do que levãõ antigamente no cinto. E o peyor he, que no cabo queixofos, & mal contentes. Ora medi, medi os cintos, & vereis quanto mais largos andais agora, do que andaveis no outro tempo. Antigamente (se vos lembra) cabieis nos vossos çapatos, & hoje não cabeis em hum coche, & mais outro coche. E sobre tanta differença, queixas ainda? Estranho isto, mas não me espanto, que quando anda prodigioso o Ceo, vem-se semelhantes maravilhas na terra.

38 Hia S. Paulo caminhãdo para Damasco, desce do Ceo hum rayo de luz, q̄ o derrubou do cavallo, & o deitou em terra. Estava

Elias nõ Jordaõ, desce do Ceo hum coche de quatro cavallos, que o levou por esses ares. Eis-aqui o que acontece na terra, quando anda prodigioso o Ceo. A huns apea, a outros levanta: Paulo q̄ andava a cavallo, ficou a pe; Elias que andava a pè, ficou em coche. Com tudo, a mim me parece muito bem que Elias tenha coche, porque vejo a capa de Elias nos hombros de Eliseo. Que ande em coche Elias zeloso, que cobre a Eliseo com a sua capa, he muito justo; mas que ande em coche Elias zelote, que cobre o coche com a capa de Eliseo, não he bom zelo este. Zeloso que não sabe dar a capa, não tem bom zelo. Pois defenganemos, que quem quizer sustentar as tochas nas mãos, não ha de ter a capa nos hombros. Por isso Christo nos manda ser semelhantes aos criados, cujo estylo, & obrigação he largar a capa para tomar a tocha. Estava Jehú em húa conversação

de fidalgos ; veyo fubitamente hum Profeta ungilho por Rey : & que fizeraõ os circumstantes ? No mesmo ponto, diz o Texto , que tiráraõ todos as capas dos hombros, fizeraõ dellas hum trono , assentáraõ nelle a Jehú, & disseraõ: Viva El Rey : *Regnavit Jehu.* Entaõ vive o Rey, quando se lhe faz o trono das capas dos mayores vassallos. Entrou Christo em Jerusaleem triunfando , começáraõ todos a acclamallo por Rey de Israel : & que fizeraõ os que estavaõ pelas ruas ? No mesmo ponto, diz o Evangelho , que tiráraõ tambem as capas , & as lançaõ por terra , para que o Senhor passasse por cima. Entaõ triunfa o Rey, quando tem postas a seus pès as capas dos seus vassallos. Em nada me aparto do nosso Texto.

39 A duas cousas se compara Christo Senhor nosso neste Evangelho : compara-se a Espolo , & compara-se a ladraõ. A Esposo : *Expectantibus domi-*

4 Reg.  
9. 13.

LUC. 12.  
36.

*num suum quando revertetur à nuptiis.* A ladraõ : *Si sciret pater familias quora fur veniret.* Que se compare Christo a Esposo, está muyto bem , que o he de nossas almas ; mas comparar-se a ladraõ ? a ladraõ , & a Esposo juntamente ? Sim. Compara-se Christo a ladraõ , & mais a Esposo , para que entendamos que ha de ser o nosso amor , & que ha de ser sua a nossa capa. Ao Esposo deveis lhe o amor , o ladraõ pede vos a capa. E como Christo he nosso legitimo Rey , & Senhor , por isso se compara juntamente a ladraõ, & mais a Esposo : porque ao Senhor natural , ao Rey verdadeiro, ha-selhe de dar o amor , & ha-selhe de dar a capa por amor: oh como fica ayroso quem o faz!

40 Mas advirtovos de caminho , que se deres a capa, dai-a dada, porque alguns daõ a capa no exterior , & por debaixo da capa tornaraõ a tonialla. Capas dadas, faõ as que estabelecem o trono ao Rey:

Rey : capas dadas , & tornadas a tomar , não. Pouco ha que dissemos que os vassallos d' ElRey Jehú lhe fizerão o trono com as suas capas. Tambem dissemos que os vassallos de Christo lhe puzerão as capas de baixo dos pés, quando o acclamáraõ por Rey. Porém eu noto hũa grande differença, que o Reynado de Jehú ( como consta do Texto ) durou vinte & oito annos ; & o Reynado de JESU temporalmente, não durou mais que cinco dias. Pois qual he a causa porque o Reynado de JESU dura tam poucos dias, & o Reynado de Jehú dura tantos annos ? A causa Deos a sabe ; a conjectura eu a direi. Aquelles vassallos, que fizerão o trono de Jehú com as suas capas, não as tornáraõ a tomar, pelo contrario os que puzerão as suas capas aos pés de Christo, tanto que passou o triumpho, tornáraõ a pollas aos hombros. E Reynado como o de Christo, em que os vassallos daõ

as capas, & as tornão a tomar, não he muito que dure pouco : porém Reynado como o de Jehú, em que os vassallos daõ as capas dadas, durará por muitos annos, & perpetuarleha em muitos successores.

41 Pois por certo que merecia Christo aos seus vassallos, que lhe dessem as capas dadas. Tanto que Christo tomou o titulo de Rey na Cruz, deu os seus vestidos aos soldados, & não só os vestidos exteriores, senão a tunica interior:

*Milites ergo acceperunt vestimenta ejus, & tunicam.* Joana 19. 28.

E que fizerão logo os soldados? Tomáraõ os dados, & puzerão-se a jugar. Grãdes dous documentos. Se o verdadeiro Rey se despe, para que os soldados tenham que jugar ; quanto mais se deve despir, para que tenham que comer ? E se o Rey tira a tunica, para sustentar os soldados ; porque não tiraráõ os vassallos a capa, para sustentar o Rey? Quereis poder dar as capas ? Sabei apertar as

roupas : *Sint lumbi vestri præcincti*. E se não basta a doutrina , baste o exemplo. *Amen dico vobis quòd præcinget se*. Porque não fará o vassallo pelo Rey , o que o Rey faz pelo vassallo ? Notai a correspondencia do Euangelho entre o criado , & o senhor. Diz o senhor aos criados , que se cinjão , & tomem as tochas nas mãos : *Sint lumbi vestri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus vestris*. E logo abaixo diz , que o senhor se cingirá tambem , & porá os criados à mesa : *Præcinget se , & faciet illos discumbere*. Pois se o Rey se cinge , & se estreita para sustentar a mesa dos criados : *Præcinget se , & faciet illos discumbere* ; porque se não cingirão , & estreitarão os criados para sustentar as tochas do senhor : *Sint lumbi vestri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus vestris* ? Não vemos a moderação verdadeiramente de pay da patria , cõ que ElRey , que Deos guarde , estreita os gastos

Luc. 12  
37.

Luc. 12.  
37.

de sua Real Pessoa , & casa ? Não vemos a liberalidade verdadeiramente Real , cõ que a Rainha nossa Senhora se priva de suas rendas , & as applica aos exercitos , & fronteiras ? Pois se assim se estreita a grandeza dos Reys ; porque não aprenderá a se estreitar a vaidade dos vassallos ? Façamos como libertados , pois elles fazem como libertadores.

42 Ora ouvime hũa ponderação , em que vereis que neste mesmo estreitar-se mostra ser Sua Magestade o nosso verdadeiro Libertador. Quando estava cativos os filhos de Israel no Egypto , desceu Deos em figura de fogo , assentou-se em hũa Carça : *Quòd rubus arderet , & non combureretur* ; & a Carça ardia , & não se queimava. Pois se o fogo he hum elemento tam activo , tam cõsumidor , tam voraz , porque não queimava a Carça ? Portava-se a si o fogo não pelo que era , senão pelo a que vinha. Vinha Deos naquelle fogo a libertar

Exod. 3.

bertar os filhos de Israel como elle mesmo disse : *Descendi ut liberem eum.* E o fogo libertador sustenta-se de si mesmo , não gasta. Fogo em que Deos vem abraçar , como o do sacrificio de Abel , consume; mas fogo em que Deos vem a libertar , como o da Carça de Moysès , não gasta , sustenta-se de si mesmo. Bem o vemos no nosso Libertador , q̄ se sustenta do seu , que era , & não do nosso , sendo que o seu , & o nosso , tudo he seu. E para que mais estimemos , & agradeçamos esta moderação , notemos que os Reys da terra são como o Rey dos elementos , o fogo. Todos os outros elementos , temelos em casa , lê nos fazerê gasto : a terra , a agua , & o ar não nos gastão nada ; o fogo ninguem o teve em sua casa , senão custandolhe. Assim são os Reys da terra. E se não bastão os exemplos passados dos que tam abraçado deixarão Portugal , lea-se na Escriitura , o que Deos disse

Tom. 12.

se por Samuel ao povo , quando teimaraõ em pedir Rey. E q̄ sendo esta a qualidade , & condiçãõ de hum , & outro fogo , que não tome para si nada o milagroso que vemos ! que não tome em hũa folha da Carça ! que se sustente de si mesmo ! he sem duvida , porque está Deos naquelle fogo , & porque está nelle como Libertador : *Descendi ut liberem eum.*

43 E não só como Libertador , senão como Restaurador , & Conquistador , que assim o pede a nossa necessidade , & o prometem as nossas profecias. E porque ? Pela mesma razão , que temos dito. Porque Principe , que quanto pede aos vassallos , nada toma para si , tudo despende com elles , será Restaurador , & Conquistador do mundo. Diz S. Agostinho , & he authoridade recebida de toda a Igreja : *Sacramento Eucharistie totus mundus subjugatus est* , que com o Sacramento da Eucharistia rendeo , & sujei-

Cijj tou

tou Christo todo o mundo. Na Cruz alcançou a principal vitoria; mas com o Sacramento de seu Corpo, & Sangue foi restaurando, & restituindo a seu Imperio, quanto o demonio lhe tinha tyrannizado. Ora examinemos, & sabemos porque mais com o Sacramento da Eucharistia, que com outro mysterio. Christo nascido, Christo morto, Christo resuscitado não podera restaurar o mundo? Pois porque mais Christo sacramentado? Porque se tomou por instrumento da restauração, & conquista do mundo o mysterio sagrado da Eucharistia? Lavremos hum diamante cõ outro diamante, & expliquemos hum Santo com outro Santo. S. Thomás fallando do Santissimo Sacramento do Altar nota hũa cousa muito digna de ponderação, & he, que neste soberano mysterio, quanto Christo recebeu de nós, tudo despende comnosco: *Et hoc insuper quod*

D. Tho.

*de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Que recebeo Christo de nós na Encarnação? Recebeo carne, & recebeo sangue. E que nos dá Christo na Eucharistia? Dá-nos essa mesma Carne na Hostia, & dá-nos esse mesmo Sangue no Caliz. E este soberano Principe he tam justo, & tam desinteressado, que quanto recebe de nós, tudo despende comnosco, & quanto toma dos homens, tudo despende com os homens para sua sustentação, & proveito: *Quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Logo com muito fundamento ao mysterio em q se exercita esta grande acção, mais que a nenhum outro, se deve, & se attribue a restauração, & conquista do mundo: *Sacramento Eucharistiae totus mundus subjugatus est.* Porque Principe que gasta com seus vassallos tudo o que recebe delles, não lhe compete menos conquista, que a do mudo, menos Monarquia; que

que a do universo. Assim o prometem as nossas profecias, o confessão as nossas esperanças fundadas no exemplo de tal Rey, & na liberalidade de taes vassallos, para grande augmento da Fè, para grande gloria da Igreja, para grande honra da Nação Portuguesa, & ainda para grande opulencia dos bens da fortuna, com mayor abundancia dos bens da graça.

§. IV.

43 **B** Em acabava aqui o Sermaõ, & certamête aqui acabou a parte panegyrica delle. Mas porq̃ o dia, & a festa propriamente he de S. Roque, o Santo, & o que resta no Euangelho tomarão, & satisfarão por sua conta a parte apologetica. Não declaro a materia da questãõ, porque he vulgar, sabida, & praticada de todos nesta Corte, como segunda, & muy necessaria parte da mesma panegyrica, em que atè agora fallamos; sup-

pondo só o útil, & glorioso della, sem reparar no duvidoso, & perigoso da sua conservaço. Baste por unico fundamento na supposiço, & circumstancias do tempo presente, que em todo o passado Castella, & Portugal juntos não podêrão prevalecer assim no mar, como na terra contra Olanda; & como poderá agora Portugal só permanecer, & conservar-se contra Olanda, & contra Castella? Em defenfa do zelo, que isto duvida, & teme, se deterá hum pouco a nossa apologia contra os juizos Portuguezes (se he que verdadeiramente o são) tam confiados, & bizarros, que impugnaõ como discredito os que suppoem a necessidade, & representão o remedio.

44 Os remedios, dizem, suppoem perigos, os perigos causão temores, os temores arguem desconfianças, & animos desconfiados, nem são bens, nem são animos. Ora o nosso Euangelho, quando me-

nos, não dilcorre affim; dos mesmos principios tira mais honradas consequencias. Todo o Evangelho, que hoje nos propoem a Igreja, está fundado em temores, & em esperanças; porque como trata da salvação, que he incerta, a esperança anima, o temor acautela. Mas ainda que estes dous affectos, ambos são necessarios para obrar ao futuro; eu com tudo sem ser muito apaixonado do medo, acho melhores raizes ao temor, que á esperança. Vamos ao Texto.

45. Exhorta Christo neste Evangelho a todos os homens a que vigiem sobre sua salvação, & num lugar compara-os aos criados, noutro lugar compara-os ao pay de familias. Mas noto eu, que quando os manda vigiar como criados, diz que esperem: *Similes hominibus expectantibus*; quando os manda vigiar como pay, diz que temão: *Si sciret paterfamilias qua hora fur veniret, vigilaret. Pois se o criado,*

& mais o pay ambos vigiaõ, qual he a razão porque o criado quando vigia, espera, & o pay quando vigia, teme? Porq̃ o pay he pay, & o criado he criado. O criado quando vigia, espera; porque no criado vigia o interesse. O pay quando vigia, teme; porque no pay vigia o amor. Espera quem serve, teme quem ama. Grande confirmação no mesmo Euágelho. Quando Christo manda vigiar como criados, promete a sua mesa: *Faciet illos discumbere*: quando manda vigiar como pay, não promete nada. Pois porque se promete premio ao criado, & não se promete premio ao pay? Porque? Porque o criado serve, o pay ama. Quem serve, tem por premio a vossa mesa: quem ama, tem por premio o seu cuidado. E quem tem os olhos na vossa mesa, claro está que ha de esperar: que tem o coração no seu cuidado, claro está que ha de temer.

45 Ainda mais aper-  
tada;

tadaméte no mesmo Tex-  
to. Quando Christo falla  
nas esperanças dos criados,  
diz que esperão por seu se-  
nhor: *Expectantibus domi-  
num suum*: quando falla  
nos temores do pay, diz q̃  
teme ao ladraõ: *Si sciret pa-  
ter familias qua hora fur ve-  
niret*. He certo, & averi-  
guado entre todos os Dou-  
tores, que assim o senhor,  
como o ladraõ nesta para-  
bola significão a Christo na  
hora da morte. Pois se he a  
mesma pessoa, & no mes-  
mo tempo, como em res-  
peito do criado se chama  
senhor, & em respeito do  
pay se chama ladraõ? Por-  
que donde o criado tira raz-  
ões de confiança, o pay,  
que ama, tira razões de  
temor. No mesmo tempo,  
& nas mesmas circumstan-  
cias o mesmo que para o  
criado he senhor, para o  
pay he ladraõ. Ora queira  
Deos; que não haja algum  
criado, que espere como a  
senhor, o mesmo, que o  
pay, que ama, teme como  
a ladraõ! & se quem ama  
teme; porque não ha de

imaginar perigos? & se que  
teme, ama; porque não ha  
de sollicitar remedios? Que  
estranhar este zelo, perto  
estã de condemnar o de  
Christo.

46 Lea-se o nosso Eu-  
angelho, & em todo elle  
não se achará outra cousa  
senão perigos, & mais pe-  
rigos, remedios, & mais  
remedios. Virá o ladraõ:  
*Qua hora fur veniret*, po-  
derá roubar a casa, *per fodi  
domum suam*, buscarnosha  
na hora em que estivermos  
mais descuidados: *Qua ho-  
ra non putatis, Filius hominis  
veniet*. Eis-ahi os perigos.  
Por outra parte, roupas  
na cinta, tochas accelas,  
portas fechadas, olhos a-  
bertos: eis-ahi os remedios.  
Pois Senhor; estes são os  
dous pólos da vossa dou-  
trina, & do vosso cuidado?  
não imaginais noutra cou-  
sa senão em perigos? não  
fallais noutra cousa senão  
em remedios? Sim, sim. O  
mais verdadeiro, & fiel a-  
migo, que ha, nem pôde  
haver no mundo, he Chri-  
sto; & o fiel, & verdadeiro  
amigo,

amigo, em matérias q̄ não importaõ menos que a salvação, não sabe imaginar senão em perigos, não sabe fallar senão em remedios. Este he o zelo de Christo; & porque não será este o zelo Christão?

47 Mas vejo que me diz, ou q̄ me dirá alguém, que ha perigos, que são impossiveis, & ha remedios, que são perigosos. Perigos impossiveis não se haõ de temer: remedios perigosos não se haõ de aceitar. Admitto no perigo o impossivel, admitto no remedio o perigoso, & respondo com tudo.

## §. V.

48 **Q**Uanto ao primeiro. Falla Christo Redemptor nosso dos tempos temerosos do Antechristo, & diz que será tam universal a ruina, que atè os melimos predestinados, em certo modo, não estarão seguros: *Ita ut in errorem inducantur, si fieri potest, etiam electi.* No-

Matth.  
24. 24.

tavel dizer! Os predestinados não he impossivel perderem-se? Claro está que os decretos Divinos são immutaveis, & seus effectos nada os póde impedir. Pois se o perigo nos predestinados he impossivel, porque chega Christo a recear perigo aos predestinados: *Etiam electi?* Porque? Porque os ama muito. Christo Senhor nosso ama muito os seus predestinados. E quem ama muito, atè perigos impossiveis teme. O perigo será impossivel, mas o amor he muito verdadeiro. Quem chegou a temer impossiveis, chegou a amar quanto he possível. Ha-se o amor no temer, como no desejar; & assim como não ha mayor final de amor, que impossiveis desejados; assim não ha mayor final de amor, que impossiveis temidos. Antes mais verdadeiramente ama quem teme impossiveis, que quem deseja impossiveis; porque desejar-me impossiveis, sempre he amor meu; mas temervos impossiveis,

impossiveis ; não póde ser  
lenão amor vosso.

49 Porém dirmebaõ  
que os impossiveis será a-  
mor temellos, mas não será  
razão temerem-se. Teme-  
losha o amor, que he hum  
cego; mas não os temerá a  
razaõ , que tem os olhos  
abertos. Tambem a razaõ.

50 Começaraõ a edi-  
ficar os filhos de Mem-  
broth aquella soberba Tor-  
re chamada depois de Ba-  
bel , com intento de que  
chegassem suas ameas a to-  
petar com as Estrellas. E  
diz o Texto sagrado , que  
desceo logo Deos a impe-  
dir , & desfazer esta obra ;  
& que a razaõ que o mo-  
veo foi esta : *Non desistent*  
*à cogitationibus suis , donec*  
*eas opere compleant.* Que era  
necessario atalhar em seus  
principios a fabrica da-  
quella Torre , porque os  
homens a não acabassem ,  
& chegassem ao Ceo com  
ella. Galante razaõ por  
certo. He demonstraçaõ  
Geometrica que ainda que  
o globo da terra fora vinte  
vezes mayor do que he ,

não podera dar bastante  
materia para se edificar  
hũa Torre, que chegasse à  
altura do Ceo. Quanto  
mais , ( deixados outros  
mil impossiveis ) que che-  
gando à segunda regioã  
do ar , por ser extremamê-  
te fria , haviãõ de morrer  
os homens congelados ; &  
quando dalli escapassem ;  
lá estava a esfera do fogo ,  
onde se haviãõ de abraçar ,  
& consumir todos, antes de  
chegar ao Ceo. Pois se a  
fabrica da Torre , & o in-  
tento daquelles homens  
era impossivel ; como diz  
Deos , que desce à terra ao  
impedir, porque não acer-  
tem de o executar : *Non*  
*desistent , donec opere com-*  
*pleant?* A razaõ he ; porque  
quem tem inimigos , que  
possaõ armar Torres con-  
tra os seus Reynos , como  
Deos tinha neste caso , ha  
de discursar sobre os peri-  
gos impossiveis , como se  
foraõ perigos provaveis.  
A Torre era impossivel ;  
mas Deos discursava , &  
obrava como se o não fo-  
ra. Os perigos que são im-  
possiveis

possiveis para o effeito , acautela Deos , que pôde  
hão-te de imaginar possi- tudo.

veis para a cautela. Quem  
teme os perigos possiveis ,  
estará acautelado ; mas  
quem teme os impossí-  
veis , está seguro. O me-  
lhor meyo de conservar a  
segurança, he temella. Af-  
fim a temia , ou obrava  
Deos , como se a temera ,  
dentro das muralhas do  
Ceo : *Non desistent à cogi-  
tationibus suis*. De maneira  
que recear pe rigos impos-  
siveis , he amor ; & acau-  
telar-se de perigos impos-  
siveis, he providencia. Qué  
persuade que se temão im-  
possiveis, aconselha como  
Christo , que assim o aconselhou aos predestinados :  
& quem se acautela de  
impossiveis , obra como  
Deos , que assim se acau-  
telou da Torre. Nem o  
receyo he discredito do a-  
mor, nem a cautela he dis-  
credito do poder. O re-  
ceyo não he discredito do  
amor, pois assim recea  
Christo , que ama tanto ;  
a cautela não he discredi-  
to do poder , pois assim se

## §. VI.

51 **T**enho satisfeito  
aos perigos im-  
possiveis : respondo agora  
aos remedios perigosos.  
Para o primeiro ponderei  
o Evangelho ; para o se-  
gundo contarei parte da  
vida de S. Roque.

52 Depois de S. Ro-  
que haver peregrinado por  
Italia , recolheo-se outra  
vez a França , & entrando  
em Mompelher patria sua,  
como entre França, & Ita-  
lia havia naquelle tempo  
guerras , prenderao-no por  
espia. Por espia a São Ro-  
que ? Não faltará neste ca-  
so quem chame à patria de  
S. Roque desgraçada , ou  
quando menos desagrada-  
cida. Mas eu chamolhe di-  
tosa , & bemaventurada.  
Bemaventurada a terra on-  
de os que padecem , & os  
que fazem padecer , todos  
são zelosos ! S. Roque ze-  
loso , porque o zelo da pa-  
tria o trouxe a ella. Os  
Fran-

Francezes tambem zelosos, porque o zelo da patria os fez maltratar a São Roque. Terem todos o mesmo entendimento, não he obrigação; mas terem todos o mesmo zelo, ainda que em pareceres encontrados, he grande ventura. Presumo certo da virtude de S. Roque, que só por conhecer o bom zelo de seus naturaes, levaria com muito bom animo a sua desautoridade. Mas se S. Roque era o remedio unico da sua patria, & os Francezes eraõ tam zelosos della, porque o perseguem, porque o accusaõ, porque o condemnaõ? Isto he zelo da patria? Sim. O zelo não tem mais obrigação, que de ser bem intencionado. Póde ser muito bom, & póde enganarse. Os Francezes cuidavaõ hũa cousa, & era outra: cuidavaõ que em S. Roque lhes vinha o perigo, & em S. Roque vinhalhes o remedio. Quantas vezes succede isto no mundo?

53 Andavaõ os Apo-

stolos na barquinha de S. Pedro lutando com as ondas: parte de terra Christo a foccorrellos: *At illi putaverunt phantasma esse*, & elles começaraõ a tremer, cuidando q̄ era fantasma. Fátasma? Pois como assim? Não era Christo, q̄ os hia foccorrer? Não era Christo que os hia remediar? Não era Christo, que os hia livrar do perigo? Pois como lhes pareceo que era fantasma? Porque assim como ha fantasmas que parecem remedios, assim ha remedios, que parecem fantasmas. Couza notavel, que o mesmo que lhes metia medo como perigo, os livrou da tempestade como remedio. Visto ao longe entre as trevas parecia fantasma, metido dentro na barca era JESU Christo. Mas he muito de reparar o tempo, & a circumstancia em que Christo effectivamête foccorreo aos Apostolos. Partio Christo de terra, & ainda que os Apostolos andavaõ lutando com a tempestade, pas-

Marc:  
6. 49.

sou

fou o Senhor de largo : quando elles víraõ que passava , cuidáraõ que era fantasma : tanto que cuidáraõ que era fantasma , então voltou o Senhor a remedialos. Pois porque os não remediou Christo , quando elles temiaõ , & lidavaõ só com a tempestade , senão depois que chegáraõ a temer o mesmo Christo , cuidando que era fantasma ? Porque Christo sempre acode nos mayores perigos ; & o mayor perigo não he quando se teme o perigo , he quando se teme o remedio. Quando os Apostolos temiaõ a tempestade , temiaõ o perigo ; quãdo temêraõ a Christo , temêraõ o remedio ; & como Christo costuma acudir sépre nos mayores perigos , por isso não acudio , quando temiaõ o perigo , senão quando temêraõ o remedio. Não digo que não haja remedios perigosos ; mas só mostro que alguns o podem parecer que o não sejaõ , como o de Christo , & o de S. Roque

Quando S. Roquẽ veyo ã Mompelher , prendêraõ-no ; quando morreo , os mesmos , que o prendêraõ , o canonizaraõ. E he muito para notar , que o não canonicizou o Papa , senão o Povo. Na vida não lhe bastou vir de Roma para o accitarem ; na morte não teve necessidade de Roma para o canonizarem. E sendo quasi de Fè o que canoniza o povo ; como ha de ser caso contra a Fè o que canonizar o Papa ?

54 O remedio temido , ou chamado perigoso , são duas companhias mercantis , Oriental hũa , & outra Occidental , cujas frotas poderosamente armadas tragaõ seguras contra Olanda as drogas da India , & do Brasil. E Portugal com as mesmas drogas tenha todos os annos os cabedaes necessarios para sustentar a guerra interior de Castella , que não póde deixar de durar alguns. Este he o remedio por todas as suas circunstancias não só approved ,  
mas

mas admirado das Nações mais politicas da Europa, excepta sómente a Portuguezia, na qual a experiencia de serem mal reputados na Fè alguns de seus cômerciantes, não a união das pelloas, mas a mistura do dinheiro menos Christão como Catholico, faz suspeitoso todo o mesmo remedio, & por isto perigoso. Mas tornemos ao defensor deste perigo.

55 Herdou S. Roque por morte de seus pays hũ grande estado, & muitas riquezas, & quando os outros desejaõ larga vida, & muitos annos para as lograr, elle as repartio logo aos pobres. Oh que grande politica do Ceo esta! fazer do perigo remedio, & vencer ao inimigo com suas proprias armas. As armas com que o mundo faz mayor guerra aos homens, são as riquezas. Pois que fez S. Roque às suas? Tirou estas armas da mão ao mundo, converteo-as outra vez contra elle, & desta maneira o venceo, &

meteo debaixo dos pés. Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bens: hum bem, porque se diminue o poder contrario; outro bem, porque se accrescenta o poder proprio. E de hum mal fazer dous bens he mal? Não he melhor que essas riquezas fivão a S. Roque contra o mundo, que servirem ao mundo contra S. Roque? Ao menos assim o entendeu ElRey David, hum varaõ tam santo, tam amigo de Deos, feito em fim pelos moldes de seu coraçãõ.

56 Quando Joab tomou a Cidade de Rabba, achou-se alli entre os despojos hum Idolo famoso chamado Melchon, cujo ouro tomou ElRey David, & mandou que lhe fundissem delle, & lhe lavrassem hũa Coroa. Pois perguntou: Hum Rey tam rico, & tam poderoso como David, não tinha outro ouro de que mandar lavar a sua Coroa, senão o ouro de Mel-

Melchior ? Sim tinha muito. Pois que pensamento teve em querer que do ouro do Idolo se lhe fizesse a Coroa ? Hum Rey tam Catholico, como David, ha de fazer a Coroa da sua cabeça do ouro dos Idolos ? Sim. Antes por isso mesmo ; porque não pôde haver mais gloriosa industria em hum Rey, que saber passar à sua Coroa o mesmo ouro, que enriquece os Idolos. Este ouro está servindo à infidelidade : pois quero eu que sirva à minha Coroa, diz El-Rey David. Qual he melhor, que o ouro sirva a David contra o Idolo, ou que sirva ao Idolo contra David ? Se este ouro posto da parte da infidelidade está conquistando os Reynos de David, & propagando nelles a heresia; porque não passará David este curo á sua Coroa, para ajudar a restaurar seus Reynos, & dilatar a verdadeira Fê ? Servir à Fê com as armas da infidelidade, oh que politica tam Christãa!

Alcançar a Fê às vitórias; & pagar a infidelidade os soldos, oh que Christandade tam politica !

57 Não houve no mundo dinheiro mais sacrilego, que aquelles trinta dinheiros, porque Judas vendeo a Christo. E que se fez deste dinheiro ? Duas cousas notaveis. A primeira foi, que daquelle dinheiro se comprou hum campo para sepultura de peregrinos : *In sepulturam peregrinorum*: assim o diz o Evangelho <sup>Matth. 27. 7.</sup> angelista, & assim o tinha Deos mandado pelo Profeta. Houve no mundo mayor impiedade, que vender a Christo ? Nem a pôde haver. Ha no mundo mayor piedade, que sepultar peregrinos ? Não a ha mayor. Pois eis-aqui o que faz Deos quando obra maravilhas; que o dinheiro, que foi instrumêto da mayor impiedade, passe a servir às obras da mayor piedade. Servio este dinheiro sacrilegamente à venda de Christo ? pois sirva piedosamente à sepultura dos pere-

peregrinos. Esta foi a primeira cousa, que se fez dos trinta dinheiros. A segunda foi, que mandou Christo a ElRey D. Affonso Henriques, q̄ destes trinta dinheiros, & mais das suas cinco Chagas se formassem as armas de Portugal: *Ex pretio quo ego genus humanum emi, & ex pretio quo à Judæis emptus sum, insigne tuum compones.* Compozeis o escudo das vossas armas, do preço com que eu comprei o genero humano, que são as minhas cinco Chagas; & do preço com que os Judeos me compraraõ a mim, que são os trinta dinheiros de Judas. Ha cousa mais sacrilega, que os trinta dinheiros de Judas? Ha cousa mais sagrada, que as cinco Chagas de Christo? E com tudo manda Deos ao primeiro Rey Portuguez, que componha as armas de Portugal das Chagas de Christo, & mais do dinheiro de Judas: para que entendamos, que o dinheiro de Judas christãmente

applicado, nem descompoem as Chagas de Christo, nem descompoem as armas de Portugal. Antes compostas juntamente de hum, & outro preço podem tremolar vitoriosas nossas bandeiras na conquista, & restauração da Fè, como sempre fizeraõ em ambos os mundos. E se Deos compoz assim as armas de Portugal, se Deos não achou inconveniente nesta uniaõ; que muito he, que o imaginasse assim hũ homem? Ora perdoailhe quando menos, que tem bom fiador o pensamento.

58 Mais. Estava São Roque doente ao pé de hũa arvore, & diz a Historia, que vinha alli hum caõ piedoso, o qual lhe trazia todos os dias hum pão da mesa de seu senhor, com que o sustentava. Lembra-me que aos que carecem da verdadeira Fè chama Christo Senhor nosso cães: *Non est bonum sumere panem filiorum; & mittere canibus.* <sup>Matc. 7. 27.</sup> E com o mesmo nome de cães, afronta justamente a

nossa terra os convencidos do mesmo crime da infidelidade, não pelo nascimêto da Nação, nem pelo exercicio do comércio, em que não ha culpa. Isto posto pois, & levando o cão na boca o pão de que se sustentava S. Roque, pergunto: E he máo tirar o pão da boca do cão, para sustentar o Santo? Ora eu não reparo em S. Roque comer o pão da boca do cão, que pareceria aqueroso, mas reparo em que o cão lho levasse. Se o cão tirava o pão da mesa a seu senhor, sabia elle a quem o levava; & se o senhor sabia que o levava a S. Roque, porque lho não leva elle, ou manda ao menos por hum criado? Hade dar o pão o homem, & hade levar o pão o cão? Sim. Porque aquelles a quem sustenta a providencia Divina, quer Deos que o sirvão os homens, & quer que o sirvão os cães. A quem Deos sustenta com sua mão, quer que o sirvão todas suas creaturas, que o sirvão os

racionaes; & que o sirvão os animaes.

59 Estava Elias em hum deserto, quando foi a perseguição de Jezabel, & veyo hum Anjo, que lhe deu pão, com que se sustentou quarenta dias. Estava outra vez Elias em outro deserto, quando foi a fome do tempo de Achaz, & vinha todos os dias hum corvo, que lhe trazia tambem de comer. Pois valham vossa providencia, Senhor: que mudança he esta? Já se acabaráo as Jerarquias do Ceo? Já se variou o ministerio dos Anjos? Pois se húa vez sustentais a Elias com Anjos, porque outra vez sustentais a Elias com corvos? Porque Deos quando sustenta os seus mimosos, quer que os sirvão todas suas creaturas. Sirvão húa vez a Elias os Anjos, sirvão outra vez a Elias os corvos. Sustentar Deos a Elias por meyo dos corvos, nem era contra a providencia de Deos, nem contra a santidade de Elias.

Tam

Tam Deos era Deos, quando sustentava a Elias por ministerio de corvos, como quando o sustentava por ministerio de Anjos: & tam Santo era Elias, quando recebia o paõ das mãos dos Anjos, como quando tomava o paõ das unhas dos corvos.

60 E a razão disto qual he? A razão he; porque a bondade das obras está nos fins, não está nos instrumentos. As obras de Deos todas são boas; os instrumentos, de que se serve, podem ser bons, & máos.

61 A Job chamalhe Deos na Escritura servo seu: *Numquid considerasti servum meum Job?* E a Nabuchodonosor chamalhe Deos tambem seu servo: *Nabuchodonosor, quia servivit mihi.* Todo o mundo sabe quam differentes erão os procedimentos destes dous homens. Job muito Santo, muito justo, muito piedoso; Nabuchodonosor muito máo, muito cruel, muito idolatra. Pois

se isto he assim; como se chama servo de Deos Nabuchodonosor? Que se chame servo de Deos Job, está muito bem, era Santo: mas que se chame servo de Deos Nabucho, que era tam máo homem? Também. Porque entre os servos de Deos ha esta differença: huns são servos de Deos, porque servem a Deos; outros são servos de Deos, porque Deos se serve delles. Os que são servos de Deos, porque servem a Deos, necessariamente haõ de ser bons: os que são servos de Deos, porque Deos se serve delles, bem podem ser máos. Eis-aqui a differença com que Job, & Nabuchodonosor, sendo tam dessemelhantes na vida, ambos erão servos de Deos nas obras. Job, como Santo, era servo de Deos, porque servia a Deos? Nabuchodonosor, como máo, era servo de Deos, porque Deos se servia delle. Bons, & máos, todos podem servir á Deos. Os bons servaõ

D ij a Deos

a Deos; os máos sirva-se Deos delles. Assim aconteceo a S. Roque no paõ com que se sustentava. Servia-o o homem, em que havia piedade, & servia-o o caõ, que era incapaz de virtude. Hum servia por discurso, outro servia por instinto: mas ambos serviaõ.

## §. VII.

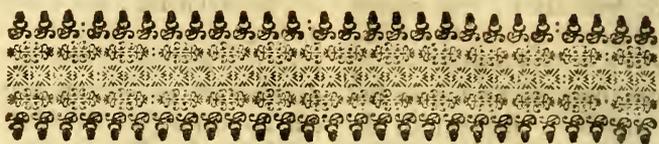
62 **M**uito tinha que dizer ainda nesta materia, mas porque ella se estampa tantos annos depois de se haver prégado, em que se pôde confirmar com os mesmos effeitos, baste por provar o arbitrio, ou remedio, que no principio se duvidava como perigoso, disposto, & ordenado, & por vectura inspirado pela providencia Divina. He consequencia evidente. Porque não se executando todo este remedio, senão só ametade; nem se formando a companhia Oriental, (de que depois houve tantos arrependimentos) se-

não a Occidental unicamente, foraõ sufficientes os soccorros, que as suas frotas trouxeraõ ao Reyno, não só para sustentar a guerra interior, sempre com mayor poder, & mayores augmentos; mas para restaurar ametade do mesmo Brasil. Com guerra de vinte & quatro annos estava occupada, & perdida, & já estampada nos mappas com nome de nova Olanda esta ametade do que possuímos na America: & que bastou para recuperar tanta terra, tantos mares, & portos tam invencivelmente fortificados, como suppunha não só a experiencia cõmum, mas a resistencia de tantos, & tam grandes Generaes, não se atrevendo a aceitar hũa tal empreza? Aqui se vio o milagre da providencia. Apareceo a frota mercantil do Brasil de fronte do Recife, a que por sua fortaleza poderamos justamente chamar a Rochella da America, & a ostentação sómente do numero de

de seus válos; sem morte de hum homem, se renderão dezaletes Fortes reaes, guarnecidos de sobeja Infantaria, abastecidos de munições de boca para dous annos, & de guerra para muitos, & em espaço de tres dias se recuperou o que se não podia caminhar pacificamente em muitos mezes, & se tinha ganhado a palmas em vinte & quatro annos. Ao principio não creio tal milagre o mundo; mas estes foraõ os fins maravilhosos daquela unica companhia mercantil, que havendo mais de quarenta annos cessou a causa porque foi instituida, he tam util, importan-

te, & necessária; que ainda se conserva, & conservará por muitos. Assim se desfizerão os escrúpulos em applauso, as duvidas em demonstrações, os impossiveis em milagres, & o imaginado perigo em acções de graças a Deos dadas na Corte, em todo o Reyno, & repetidas todos os annos naquellas Conquistas, triunfando os altissimos conselhos da Providencia, Sabedoria, & Omnipotencia, não só dos váos temores, interesses, & pretextos, mas do mesmo bom, verdadeiro, & fiel zelo humano, para ultima exaltação, & gloria da bondade Divina.





# S E R M A Õ

DA EXALTAÇÃO DA

## SANTA CRUZ,

No Convento da Annunciada em Lisboa, anno  
de 1645.

*Nunc iudicium est mundi : nunc princeps huius  
mundi ejicietur foras : & ego si exaltatus fuero  
à terra, omnia traham ad me ipsum.*

Joann. 12.

§. I.

63



Uma pratica es-  
piritual com ac-  
cidentes de Ser-  
maõ he o que  
temos hoje para ouvir. En-  
comendáraõ-me ao prin-  
cipio que fizeste neste dia  
hũa pratica da Exaltação

da Cruz; encaminhada só-  
mente a Espiritos Religio-  
sos; & depois, mudando-  
se de parecer, ou estendê-  
do-se a caridade, & a de-  
vação, ordenáraõ que a ca-  
deira se trocasse com pul-  
pito, que as portas se abris-  
sem, & o que havia de ser  
pratica particular, fosse  
Sermaõ

Exaltação da Santa Cruz. 55

Serão para todos. Assim será: prégaremos à Religião, & prégaremos ao mundo, mas da Cruz espiritual a ambos.

64 Para intelligencia desta não ordinaria materia, havemos de presuppor que ha dous generos de Cruzes neste mundo; hũa Cruz material, & outra espiritual. A Cruz material he aquelle sagrado lenho, em que Christo Salvador nosso obrou os mysterios Divinos da Redempção do genero humano. A Cruz espiritual he a mortificação interior, & exterior do corpo, & alma, com que os verdadeiros Christãos, & particularmente os que professamos vida Religiosa, crucificão suas paixões, & appetites. Desta segunda Cruz fallava S. Paulo, quando disse: *Qui carnem suam crucifixerunt cum vitiis, & concupiscentiis suis*: que crucificaraõ sua carne com seus vicios, & desordenados desejos: & da mesma Cruz fallou Christo naquelle

desengano; que deu a todos: *Si quis vult venire post me, tollat Crucem suam, & sequatur me*: Se alguem quizer vir apoz mim, tome a sua Cruz, & sigame.

65 Estas duas Cruzes com serem tam differentes, ambas são instrumentos de nossa Redempção; porque, para hum homem se salvar, não bastaõ só os merecimentos de Christo; são necessarios també merecimentos proprios. Na Cruz material temos os merecimentos de Christo: na Cruz espiritual temos os merecimentos nossos. A Cruz material foi instrumento da Redempção de todos, quanto à sufficiencia: a Cruz espiritual he instrumento da Redempção de cada hum, quanto à efficacia. Donde se segue que, em certa maneira, importa mais para a salvação a nossa Cruz, que a Cruz de Christo: porque sem a Cruz de Christo ninguem se pôde salvar; mas com a nossa Cruz ninguem se pôde perder: depois de  
D iij Christo

Matth.  
16. 24.  
Marc. 8.  
34.

Christo morrer na Cruz por amor de nós, muitos se perdem: mas os que tomão a sua Cruz em seguimento perseverante de Christo, todos se salvaõ.

66 Isto posto, quinta feira celebrou a Igreja a festa da Exaltação da Cruz material, quando o Emperador Heraclio a libertou do cativoiro da Persia, onde a tinha levado Cosroas, tirando-a de Jerusalem; porèm hoje celebraremos a Exaltação da Cruz espiritual, que bem considerada em suas circumstancias, será ainda maior, & mais Christãa solemnidade: porq̃ se a Cruz material esteve cativa quatorze annos; a Cruz espiritual está cativa desdo principio do mundo, que na arvore vedada, & na desobediencia de Adão, se deu principio a seu cativoiro: & se a Cruz material esteve cativa só em Persia; a Cruz espiritual esteve, & está cativa em todos os Reynos, & em todas as Nações do mundo; porque não só os

Judeos a tem por escandaloso: *Judeis quidem scandalum*; nem só os Gentios a tem por ignorancia: *Gentibus autem stultitiam*; mas ainda os mesmos Christãos, que adoraõ a Cruz material de Christo, a aborrecem, & vituperaõ a espiritual, como chorava S. Paulo: *Nunc autem & flens dico, inimicos Crucis Christi.*

1. Cor. 1. 23.

Ibid.

Philip. pens. 3. 18.

67 E como o cativoiro da Cruz espiritual he tanto mais antigo, & tanto mais universal, que o da Cruz material de Christo; se eu hoje conseguisse deste auditorio com as palavras, o q̃ Heraclio antigamente alcançou dos Persas com as armas: se hoje libertassemos a Cruz espiritual do cativoiro, em que a tem tam sepultada, & abatida a opiniaõ, & obstinação dos homens; não ha duvida que seria muito maior Exaltação da Cruz de Christo esta. Mas tam grandes vitorias não se alcançaõ sem grandes soccorros da graça Divina: peçamola primeiro ao Espirito

pirito Santo por interces-  
saõ da Senhora.

*Ave Maria.*

§. II.

*Nunc judicium est mundi : nunc princeps hujus mundi ejicietur foras : & ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.*

68 **H**Oje, diz Christo, he o dia do juizo do mundo : hoje hade ser o mundo lançado fóra : & eu se for crucificado, heide trazer a todos a mim. Notaveis palavras ! O dia do juizo do mundo, he de Fè, que hade ser no fim delle : entaõ ha de vir Christo a julgar vivos, & mortos. Pois se o dia do juizo ha de ser no fim do mundo, como diz Christo que hoje he o dia do juizo do mundo : *Nunc judicium est mundi* ? A razãõ, posto que a não tocassem os Expositores, he esta. Neste mundo quer Deos que haja dous dias do juizo : hum dia do juizo, em que os homens sejaõ julgados ; & outro dia

do juizo ; em que os homens julguem. No dia do juizo futuro hade julgar Christo entre homens, & homens ; no dia do juizo presente haõ de julgar os homens entre o mundo, & Christo. No dia do juizo futuro ha de Christo de lançar de si aos máos, & chamar a si aos bons ; no dia do juizo presente haõ os homens de lançar de si ao mundo : *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras* : & haõ de trazer a si, ou ser trazidos de Christo : *Omnia traham ad me ipsum.* Matth<sup>24</sup>. 30. Finalmente no dia do juizo futuro ha de sabir a Cruz a julgar, & a condemnar : *Tunc parebit signum Filii hominis* ; no dia do juizo presente ha de sabir a Cruz a

ser

ser julgada, & exaltada :  
*Ei ego si exaltatus fuero à terra.*

69 Para fazer este juizo entre o mundo, & Christo, entre a Cruz de hum, & a Cruz de outro, he necessario suppor primeiro, que assim os que seguem ao mundo, como os que seguem a Christo, todos nesta vida tem suas Cruzes. He este mundo como o monte Calvario, em que se vem todos os estados dos homens, & todos em Cruz. Todos os homens do mundo, ou são justos, ou peccadores, ou penitentes. Se sois justo, haveis de ter Cruz; porque Christo era justo, antes a mesma justiça, & tinha a sua. Se sois peccador, haveis de ter Cruz; porque o máo ladraõ era peccador, & estava crucificado. E se sois penitente, tambem haveis de ter Cruz; porque o Bom Ladraõ era penitente, & a Cruz era a mayor parte da sua penitencia. Se fores Rey, haveis de ter Cruz; porque

Christo tinhã hũm titulo; que dizia: *Rex Judeorum*; & o titulo, & mais o Rey ambos estavaõ pregados nella. E se fores dos que estaõ ao lado do Rey, tambem haveis de ter Cruz; porque ao lado de Christo estava Dimas, & Gestas, & estavaõ cada hum na sua.

70 Muito em seu lugar, & muito fóra de seu lugar estavaõ estes dous ladrões. Estavaõ muito em seu lugar, porque estavaõ crucificados com as mãos, & pès pregados na Cruz; & estavaõ muito fóra de seu lugar, porque estavaõ ao lado do Rey. Se viveres na Corte, haveis de ter Cruz; que pelas ruas de Jerusaleem levou Christo a Cruz às costas: & se viveres no monte, tambem haveis de ter Cruz; que no monte Calvario teve a Cruz a Christo nos braços. Emfim, se tiveres vôtade de levar a Cruz, levaheis; que Christo desejou muito levala, & levou-a: & se não tiveres vontade de a levar, tambem

bem a levareis ; que o Cyreneo não queria levar a Cruz , & forçaráo-no a q̄ a levasse. De maneira , que ou por acto de virtude , ou por remedio de necessidade , não ha passar esta vida sem Cruz. Antes a mayor felicidade dos vivos he como o enterro dos defuntos : quanto mais pompa , mais Cruzes.

72 Para sabermos quaes devem ser as escolhidas , & quaes as reprovadas , ajustando a festa com o Evangelho , determino fazer hoje hum dia do juizo das Cruzes : *Nunc judicium est mundi*. Chamaremos a juizo as Cruzes de todo o mundo , & da maneira que no dia do Juizo final se haõ de pezar os merecimentos de todos os homens , assim o faremos neste juizo das Cruzes , & julgaremos quaes dellas são mais , ou menos pezadas. Sentenciar , & examinar cada Cruz de por si , seria cousa muy dilatada , & impossivel. Pelo que acõmodadome ás duas partes do

auditorio , secular , & Religioso , & não me esquecendo da Exaltação da Cruz de Christo , que he a solemnidade , reduzirei todos os generos de Cruzes universalmente a tres : Cruz de Christo , Cruz da Religião , Cruz do mundo. O juizo dos homens ha-se de fazer no valle de Josaphat : o juizo das Cruzes faloemos no monte Calvario : & assim como no dia do juizo do valle de Josaphat Christo hade estar no meyo , & á mão direita bons , á mão esquerda máos ; assim neste juizo do monte Calvario , no meyo poremos a Cruz de Christo , á mão direita a Cruz da Religião , á mão esquerda a Cruz do mundo. Assentadas nesta fórma as tres Cruzes , começará o rigoroso exame , & para q̄ cada hum de nós conheça , & tome bem o pezo á sua Cruz , faremos entre todas tres duas comparações. Na primeira compararemos a Cruz da Religião com a Cruz de Christo ; & examinare-

minaremos qual he mais pezada, & mais estreita, se a Cruz de Christo, se a Cruz da Religião. Na segunda compararemos a Cruz do mundo com a Cruz da Religião; & examinaremos qual he mais estreita, & mais pezada, se a Cruz da Religião, se a Cruz do mundo. Destas comparações, & exames assim feitos se seguirão no juizo de toda a boa razão as duas consequencias, que Christo promete no nosso Euangelho. Primeira, que o mundo seja condenado, & vá fora: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras.* Segunda, que todos se abraçem com Christo por meyo da sua Cruz: *Et ego si exaltatus fuero à terra, omnia trabam ad me ipsum*

## §. III.

73 **E**Ntrando no primeiro exame, & comparando a Cruz da Religião com a Cruz de Christo, ainda que a Cruz de Christo, absolutamente

fallando, foi ã mais rigorosa de todas as Cruzes; com tudo attendendo a muitas circunstancias particulares, digo, que mais estreita he a Cruz da Religião, que a Cruz de Christo. Parece proposição atrevida, mas tenho fiador abonado della hum grande douto, & grande espirital, Pedro Blesense: *Audeo, & dico*: Petr. Blesens. *In strictiore Cruce p̄det vir contemplativus, quàm Christus.* Outo dizer, & digo, diz Blesense, que a Cruz da Religião he mais estreita que a Cruz de Christo: & provo. *Christo confixus* Galat. 2. 19. *sum Cruci*: Eu, diz S. Paulo, estou crucificado na mesma Cruz com Christo. Donde se collige claramente, que mais estreito, & apestado estava na sua Cruz S. Paulo, do que Christo estava na sua: porq̄ Christo na sua Cruz estava só; & S. Paulo na sua estava acompanhado. Christo na sua Cruz não estava com Paulo; & Paulo na sua Cruz estava com Christo: logo mais estreita he a Cruz

Cruz para Paulo Religio-  
so, que para Christo cru-  
cificado.

74 Para prova desta  
mayor estreiteza traz Pe-  
dro Blesense hũa razaõ, &  
eu acho quatro. Come-  
cemos pela sua. He mais  
estreita a Cruz da Religi-  
aõ, que a de Christo, ( diz  
Blesense ) porque se bem  
advertis, Christo na Cruz  
tinha cravados os pès, &  
as mãos, mas não tinha cra-  
vada a lingua, porque fal-  
lava; porèm o Religioso  
não só tem cravado o cor-  
po na Cruz da Religião  
com tres votos essenciaes  
de Pobreza, Castidade, &  
Obediencia; senão que  
tem cravada, & crucifica-  
da a lingua pela regra do  
silencio, que he outro  
cravo.

75 Quam terrivel cir-  
cunstancia seja esta de não  
fallar, explicou melhor  
que todos David: *Quo-  
niam tacui, inveteraverunt  
omnia ossa mea.* Porque não  
fallei, se me envelhecêrão  
os ossos. Grande tormen-  
to deve de ser o silencio,

pois se compara á velhice;  
que tanto doe a tantos. Se  
dissera David, que com o  
silencio se lhe fizeraõ brá-  
cos os cabellos, se lhe en-  
rugára o rosto, se lhe en-  
torpecêrão os pès, gran-  
des eraõ os poderes do si-  
lencio; mas em que repa-  
rio he, que não só diz que  
envelheceo, porque callou,  
senão que lhe envelhecê-  
rão os ossos: *Inveterave-  
runt ossa mea*: sim; que he  
tam grande violencia em  
hũa creatura racionalõ cal-  
lar, que chega a fazer em  
poucos dias, o que não pô-  
de fazer a morte em mui-  
tos annos: he tam pene-  
trante tormento o callar, q̃  
calla atê os ossos.

76 E qual será a ra-  
zaõ? He porque a morte  
he violencia da vida ani-  
mal, & o silencio he vio-  
lencia da vida racional. Pe-  
la vida nos distinguimos  
dos mortos, pela falla nos  
diferençamos dos brutos;  
por isso quando Deos in-  
fundio a alma no homem,  
em lugar de *Factus est ho-* Gem. 2.  
*mo in animam viventem,* 7.  
diz

diz o original Hebreo: *In animam loquentem*. E como o silencio violenta hũa parte superior mais delicada, que he a alma, & a morte violenta hũa parte inferior, que he o corpo; por isso são mais excessivos os rigores do silencio, que os da morte.

77 Entra o demonio a atormentar a Job, & cubrindo-lhe de chagas todo o corpo, só lhe deixa livre a boca, & sem lezaõ a lingua: *Derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos*. Pergunto: Se o demonio tem tam pouca piedade, como quem elle he, & que-ria atormentar a Job com intensas crueldades; porque não lhe atormenta também a boca? Porque lhe deixa sem lezaõ a lingua? Vede: Quando Deos deu poder ao demonio sobre Job, exceptuoulhe a alma: *Veruntamen animam illius serua*; & como todo o direito do demonio se limitava ao corpo, & não se estendia à alma; por isso executando martyrios em

Job 19.  
20.

Job 2.6.

todos os membros de Job; lhe deixou livre a lingua. Os outros membros são instrumentos do corpo, a lingua he instrumento da alma, como interprete do entendimento. E porque a lingua he parte da alma; bem dizia eu, que pela circunstancia do silencio, he mais rigorosa a Cruz da Religiao, que a Cruz de Christo. Na Cruz de Christo estão cravados os pés, & as mãos, que são membros do corpo; na Cruz da Religiao está crucificada também a lingua, que he membro da alma. E para fechar todo o discurso, digo, que na Cruz de Christo havia hum preceito q̃ não lhe tocafsem nos ossos: *Os non comminuetis ex eo*, & por isso *Non fregerunt ejus crura*; porém na Cruz da Religiao chegaram os tormentos a penetrar os ossos, que he a efficacia do silencio: *Quoniam tacui, inveteraverunt ossa mea*.

Joann.  
19. 36.  
Ibid. 33

## §. IV.

78 **S**O vejo que me replicação, que o silencio será grande martyrio, mas que as Religiosas (com quem, & de quem particularmente fallo) também fallaõ. Pudera tapar as bocas a todos com responder, que ainda que fallaõ as Religiosas, ellas mesmas palavras sahẽ tam crucificadas, quantas saõ as Cruzes de hũa grade: mas não he isto o que respondo. Digo que o fallar das Religiosas não diminue o martyrio da Cruz, porque ainda que fallaõ algũa vez, fallaõ com taes circunstancias, que fazem mayor o tormento; porque o seu fallar he com escutas, & fallar com escuta he mayor pena, q̃ callar.

79 Veyo o Esposo nos Cantares a buscar a sua Esposa com alguns amigos, & disse-lhe desta maneira: *Que habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam.* Vòs Esposa

minha, que habitais neste horto, fazeime graça de que eu ouça a vossa voz; porque estaõ aqui tambem alguns amigos, que vos escutaõ, & querem ouvir. Que responderia a Esposa a esta proposição? *Heu sive dilecte mi.* O que eu vos peço, Esposo meu, he que por agora vos vades, em outra occasião vos fallarei. *Non optando loquitur*, reparou bem Beda, que a Esposa neste lugar fallou contra o que queria, & bem o mostra aquelle ay, *Heu*; porque se era seu amado, *Dilecte mi*, claro está que havia de querer fallar, & estar com elle. Pois se a Esposa desejava fallar com o Esposo, porque lhe diz, que se vá, *sive*? Não vedes o que dizia o Esposo: *Amici auscultant*? Ainda que o Esposo vinha a fallar, trazia os amigos por escutas: & houve-se a Esposa discretamente, que muito melhor era não fallar. Idevos agora Esposo meu, que outro dia me fallareis, que quanto fallar

Ibid. 14

lar com escutas, melhor he o silencio, que o locutorio; & se isto he quando os que escutaõ são amigos, *amici*; que será quando as escutas forem desaffeioadas?

80 A outra razãõ he; porque ainda que as Religiosas fallaõ, fallaõ com licença; & para os que sabemos que cousa he Religiãõ, he certo que mais custa a licença, que o silencio. E a razãõ he clara; porque o silencio he callar, & a licença he pedir; & muito mais custa abrir a boca para pedir, que fechala para callar. Entrou o Rey da Parabola do Evangelho a ver os convidados, & achou hum á mesa sem a vestidura de festa: mandou que o prendessem, & levassem logo a hum carcere escuro, donde os condemnados subiaõ a justificar: *Ligatis manibus, & pedibus, mittite eum in tenebras exteriores.* Que faria o miseravel neste caso? Diz o Texto, que emmudecê-

Matth.  
22. 13.

Ibid. 12

ra :: *At ille obmutuit.* Pois

homem mal entendido, q̄ fazes? Porque não te postras de joelhos aos pês do Rey? Porque não lhe pedes perdaõ? Este Rey não he como Herodes, que corta cabeças em dia de convites. Pois se he Rey piedoso, porque não pedes? porque emmudeces? Emmudeceo, porque não se atrevo a pedir. De maneira, que posto hum homem entre a morte, & a vida, entre o callar, & o pedir, antes quiz callar cõ certeza da morte, que pedir com interesse da vida. Logo bem digo eu, que por todas as razões he mais penoso nas Religiosas o fallar, que o não fallar; & por esta circumstancia, em animos pouco atrevidos, mostra ser mais rigorosa a Cruz da Religiãõ, que a Cruz de Christo.

§. V.

81 **A** Segunda circumstancia de rigor, q̄ faz mais pezada a Cruz da Religiãõ, que a Cruz de

de

de Christo he, que a Cruz de Christo não tirava a vista; mas a Cruz da Religião, ainda que não tira a vida, cerra a vista. A Cruz de Christo não tirou a vista, sendo que tirou a vida; porque estava descuberta em hum monte, onde Christo via o que queria; & assim vio a sua Mãe, & ao Discipulo amado. *Cum vidisset Jesus Matrem, & Discipulum stantem*: mas a Cruz da Religião, ainda q̄ não tira a vida, he Cruz encerrada entre paredes, onde só se pôde receber a luz do Ceo, & não se pôde ver nada do mundo. Quam estreita circumstancia de Cruz seja esta, entendêrao melhor que todos, a meu ver, os Filisteos.

82 Fez Samsão aos Filisteos os mayores aggravos, que cabem na mayor crueldade. Em hum anno os matou, roubou-os, destruiu-os, & afrótu-os. Fizerão elles extraordinarias diligencias para o colher às mãos, & depois que o tiverão em seu poder, diz

Tom. 12.

o Texto que lhe tirarão os olhos, & o deixáráo vivo. Vivo Samsão? Pois se Samsão matou a tantos Filisteos, porque não matao os Filisteos a Samsão? Porque entendêrao q̄ se vingavao delle melhor tirandolhe os olhos, & não tirandolhe a vida. Se os Filisteos tirassem a vida a Samsão, não ficavao vingados; porque Samsão tinha tirado muitas vidas, & muitas vidas não se pagaõ só com hũa. Pois para que o rigor da vingança seja igual ao numero das injurias, que Samsão lhes tinha feito; que fazem? Tirão lhe os olhos, & deixaõ-no vivo; porque entendêrao q̄ ficava mais castigado vivo sem vista, que morto sem vida. Se matáráo a Samsão, morria só hũa vez; mas deixaõ-no sem vista, para morrer tantas vezes, quantas queria ver, & não podia.

83 Bê o entendeo assim o mesmo Samsão. Depois q̄ lhe crecêrao os cabellos, fez q̄ o levassẽ ao Tem-

E plo;

Judic.  
16. 28.

plo, & lançando mão ás columnas, dizendo: Assim se vingá Samsão dos olhos; que lhe tirárao; deo com o Templo em terra, matou-se a si, & a todos quantos alli estavao: *Pro amissione duorum luminum, unã ultionem recipiam.* Demaneira que estimou Samsão tanto menos a vida, que a vista, que só por vingar a vista quiz perder a vida. E se o ver he mais estimado dos homens, que o viver; não há duvida que he mais facil Cruz aquella em que se vê, & se morre, do que aquella em que não se vê, & se vive. Mais ainda; A Cruz de Christo foi Cruz em que elle perdeu o ver, mas não o ser visto; porém a Cruz da Religião he tal, que nella não só não pôde hã Religiosa ver, mas nem ser vista; por isso tanto mais pezada, quanto vai de estar sepultado a estar morto. Christo na morte perdeu o ver, na sepultura o ser visto: porém em quanto esteve na Cruz, nem perdeu o ser visto, nem o

ver: logo o estar na Cruz da Religião sem ver, nem ser visto, não só he estar crucificado, senão morto, & sepultado. Donde se segue que he mais rigorosa a Cruz, porque he Cruz com accidentes de morte, & com horrores de sepultura.

84 Toda a Paixão de Christo se inclui no Sacramento da Eucharistia. Pois se Christo na Paixão padecio tanto, & no Sacramento está impassivel; porque hade ser o Sacramento não só hã cifra da Cruz, senão hum epilogo de todos os tormentos? Notai. Christo no Sacramento não pôde ver, nem ser visto pelo impedimento dos accidentes; & he tam grande violencia estar hũ homem vivo sem ver, nem ser visto, que nesse Sacramento se reduzem a compendio todos seus tormentos: *Recolitur memoria passionis ejus.*

§. VI.

85 **A** Terceira circũ-  
stancia, que faz  
mais pezada a Cruz da Re-  
ligião, he, que na Cruz de  
Christo houve uso do go-  
sto, & exercicio da vontade;  
mas na Cruz da Religião,  
nem o gosto tem uso,  
nem a vontade exercicio.  
Disse Christo na Cruz, *Sitio*,  
Tenho sede. Trouxe-  
raólhe fel, & vinagre: *Et cum gustasset, noluit bibere*,  
& não quiz beber. Desor-  
te que na Cruz teve uso o  
gosto, porque provou: *Cum gustasset*; & teve exer-  
cicio a vontade, porque  
não quiz: *Noluit*: porẽm  
na Cruz da Religião nem  
o gosto tem uso, porque  
não ha indifferença para  
provar; nem a vontade  
tem exercicio, porque não  
ha liberdade para não que-  
rer.

86 Mas a meu ver não  
he esta a mayor differença  
de Cruz a Cruz. A mayor  
differença da Cruz da Re-  
ligião á Cruz de Christo

he, que na Cruz de Christo  
esteve a vontade livre, &  
na da Religião está o en-  
tendimento cativo. Manda  
Deos a Abrahaõ, que lhe  
sacrifique o filho. Obe-  
dece o Patriarca, & ponde-  
rando o Texto esta acção;  
diz assim: *Credidit Abrahã* Rom. 4.  
*Deo, & reputatum est illi  
ad justitiam*: Creio Abra-  
haõ a Deos, & ficou por  
isso com grande reputação  
de Santo. Reparo naquel-  
la palavra *credidit*, dizer  
o Texto que creio, haven-  
do de dizer, obedeeço. Pois  
se obedecer he acto de obe-  
diencia, & crer he acto de  
Fè; porque pondera mais  
a Elcritura a sua Fè, que a  
sua obediencia? Respon-  
dem os Doutores, que a  
obediencia de Abrahaõ te-  
ve hũa grande circunstan-  
cia da Fè; porque tendo-  
lhe prometido Deos, que  
lhe daria em Isaac grande  
sucessão, & mandandolhe  
que lho sacrificasse, encon-  
trando-se tanto a promes-  
sa com o sacrificio, em na-  
da repara, & obedeece A-  
brahaõ. E a razão porque

a Escritura pondera mais a sua fé, que a sua obediencia, he; porque pela obediencia fugeitou a vontade, & pela Fé cativou o entendimento. E muito mayor foi o sacrificio de Abraão por cativar o entendimento, q̄ por fugeitar a vontade. Matar a seu filho, era vencer repugnancias da vontade: crer a Deos em tal caso, era vencer contradicções do entendimento: & muito mais fez Abraão em sacrificar contradicções do entendimento, que em sacrificar repugnancias da vontade.

87 Daqui se entenderá porque Christo Senhor nosso não quiz beber na Cruz o fel, & vinagre. Christo pelo muito que nos amava, nenhum tormento recusou, de quantos lhe derão seus inimigos. Pois se não recusou nenhum dos tormentos, porque não bebe o fel, & vinagre? Respondo, que os outros tormentos deraõlhos por tormentos; mas o fel, & vinagre de-

raõlho por alivio. A Cruz deraõlha por Cruz: o fel, & vinagre deraõlho por agua. Os tormentos dados por tormentos podem-se sofrer; porque são violencia da vontade; mas tormentos dados por alivio não se podem tolerar; porque são contradicções do entendimento. Que me dem a mim Cruz por Cruz, tormento he, mas pode-se sofrer; porém q̄ me dem fel por agua, he tormento que se não pôde tolerar: taes são os tormentos da Religião, haõvos de dar fel, & haveis de crer que he agua: o gosto ha de dizer que amarga, & o entendimento hade dizer que he doce. Póde haver mayor violencia? Pois isto he o que se padece na Cruz da Religião.

§. VII.

88 **A** Quarta circun-  
stancia da Cruz,  
que prometi, não quero  
ponderar, porque vai fal-  
tando o tempo: mas ella  
he

Exaltação da Santa Cruz. 69.

Luc. 23.  
6.  
he tam evidente , que não ha mister ponderação. Estando Christo na Cruz disse: *Pater, in manus tuas commendo Spiritum meum* : Padre, em vossas mãos encomendo meu Espirito. Vedes aqui a ultima circumstancia, em que a Cruz da Religião excede á Cruz de Christo ? Na Cruz de Christo houve liberdade para entregar o Espirito nas mãos do Padre; porém na Cruz da Religião, nem para entregar o Espirito nas mãos do Padre ha liberdade. Na Religião tendes hum Padre , a quem entregais o vosso espirito, a quem communicais vossa alma ; mas esse Padre não he de vossa eleição. O mayor rigor da ley de Deos he haver de entregar hum homem seu espirito , & manifestar sua alma a outro homem ; mas este rigor está tam apertado na Religião, que esse homem, esse Padre não hade ser aquelle , que vòs quizeres, se não aquelle que vos assignarem. Pode haver ma-

Tom. 12.

yor circumstancia de Cruz? Não ha paſſar daqui , nem eu direi mais.

§. VIII.

89 **T**emos já comparada a Cruz de Christo como a Cruz da Religião , para que as almas Religioſas conheçaõ seu merecimento. Agora para que conheçaõ ſua felicidade , comparemos a Cruz da Religião com a Cruz do mundo. Materiz he eſta em que o mundo anda muito enganado , como em tudo. Cuida o mundo , que he muito pezada a Cruz da Religião , & a ſua he muito mais pezada : *Mibi mundus crucifixus eſt, & ego mundo.* <sup>Galat. 6.</sup> O mundo , diz S. Paulo, tem-me a mim por crucificado , & eu a elle : mayor he a ſua Cruz, que a minha. E para que vejamos quanto mais pezada he a Cruz do mundo , que a Cruz da Religião , façamos eſta ſegunda comparação pelos meſmos pontos, que fizemos a

E iij p. 11

primeira, mas com brevidade. Primeiraméte arguimos a estreiteza da Cruz da Religião, por estar nella Paulo com Christo: *Christo confixus sum Cruci*; mas esta circumstancia, mais he de alivio, que de tormento. Christo não manda tomar a Cruz aos Religiosos, para que estejam nella, senão para que a levem: *Tollat Crucem suam*. E quando a Cruz he para estar, & ter companhia, faz a Cruz mais estreita; porém quando he para a levar, & ter companheiros, faz a Cruz mais leve. *Serviant ei humero uno*, dizia o Profeta, fallando dos servos de Deos na Ley da Graça: que servirão a Christo com hũ só hombro; porque os Religiosos só poem hum hombro á Cruz, & Christo poe o outro. Oh ditoso servir! & não o do mundo. Vede por quem, & com quem: com Christo, & por Christo.

90 Daqui infiro eu; que a Cruz da Religião, ainda que tam pezada, ne-

nhum pezo tem; porque como a Cruz se leva por Christo, & com Christo, hũa parte do pezo alivia a companhia, & a outra parte alivia a causa. Provou Jacob servir quatorze annos por amor de Raquel; & os primeiros sete annos diz a Escritura que padeceo Jacob menos: *Videbantur illi pauci dies*. Nos ultimos sete annos não diz o Texto que Jacob padeceuse algũa cousa. Pois pergunto: Jacob não servio muito em todos os quatorze annos, que servio por Raquel? Sim servio, & trabalhou muito, como quem era pastor. Pois se Jacob trabalhou tanto, porque se diz que nos primeiros sete annos padeceo pouco? E se nos primeiros sete annos padeceo esse pouco, porque se não ha de dizer que nos outros sete padeceuse muito, ou pouco? A razão he: porque nos primeiros sete annos trabalhou por Raquel, mas sem Raquel; & nos segundos sete annos trabalhou

Math.

26. 24.

Soph. 3.

2.

Genef.

29. 20.

Ibid. v.  
27.

lhôu pôr Raquel , & com Raquel : *Hanc quoque dabo tibi pro opere, quo serviturus es mihi septem annis aliis.* Desorte , que nos primeiros sete annos , Raquel era a causa ; & nos outros sete era causa , & companhia do trabalho ; & como ambos juntos trabalhavaõ , todo o trabalho dos segundos sete annos não foi trabalho. O mesmo digo da Cruz da Religiaõ. He pezada ? Sim , como o officio de Jacob : mas como nesta Cruz se padece por Christo , & com Christo , he Christo a causa , & a companhia. Em quanto causa , alivia hũa parte do pezo ; em quanto companhia , alivia a outra : & ambas aliviaõ todo o pezo , com q̃ vem esta Cruz a não pezar. Quam diferentes são as Cruzes do mundo ! Nem as alivia a causa , porque o mundo he hum ingrato ; nem as alivia a companhia , porque o mudo vos poem a Cruz às costas , & deixavos. Ninguem servio ao mundo melhor que Chri-

sto , pois obroũ por elle as mais estranhas finezas. Desferrou-se , padeceo , derramou seu sangue , entregou sua vida. E o mundo que alivios lhe deu nestes trabalhos ? Pozlhe a Cruz às costas , & deixou-o : *Omnes, relictõ eo , fugerunt.* Vedes aqui os premios , & ajuda que vos dá o mundo ? ao fim de trinta & tres annos de serviço , poem-vos a Cruz às costas. E mais he de temer o desemparo, que a Cruz. O mesmo he entregavos á Cruz , que deixaremvos todos. E não he ainda esta a mayor circunstantia da sem-razão. Diz o Texto , que sobre estar Christo na Cruz , veyu hum ministro do mundo , & lhe meteo a lança pelo peito. Desorte, mundo, que está este homem morrendo por ti , derramando sangue , & dando a vida , & tu sobre o pôr na Cruz , ainda lhe metes a lança ? Este he , Catholicos , o mundo. Christo mortia por elle , & elle matava a Christo. Servi lá ao mundo.  
E iij do.

Math.

26. 56.

do. Para que he morrer , por quem vos ha de matar ? Mas vamos ás mais circumstancias.

## §. IX.

91 **A** Outra circumstancia, que faz pezada a Cruz da Religião , dissemos , que era ser húa Cruz, em que não se vê, nem se falla. E eu o entendo tanto ao contrario , que digo, que se no mundo não se fallasse, nem se visse, foraõ mais toleraveis as suas Cruzes. E se não pergunte o cada hum a si mesmo, & à sua experiencia. Para fallar ao mundo, que tam mal responde, não fora melhor ser mudos ? Oh bemaventurados os mudos ! porque o mudo está desobrigado de fallar tal vez a hum ministro incapaz, que dá a má resposta ; & desobrigado de lisongear ao Principe , que não quer ouvir a verdade ; desobrigado de fazer bom quanto ouve , sustentando a vida á custa da consciên-

cia. Finalmente ; porque não está obrigado a mil desgostos, & a mil arrependimentos ; que de haver callado ninguem se arrependeo , & de haver fallado , sim. Oh bemaventurados os cegos , porque estais livres de ver a cara ao mundo , & tantas falsidades, & erros , como nelle se vem ! Que cousa he ver ao ignorante no lugar do sabio ? ao covarde comendo a praça do valente ? ao entremetido com valimêto , ao murmurador bem ouvido, aos bons gemendo, aos máos triunfando , a virtude a hum canto , & o vicio com authoridade ? Oh que entremezes da fortuna ! Oh que tragedias do mundo !

92 Certo , senhores, que para fallar o que aqui se ouve, & para ver o que aqui se vê , melhor he ter vèo para os olhos, & silencio para a boca. Se Eva trouxera vèo nos olhos, & guardára silencio , não botára a perder o mundo, como perdeo. Porque cuidais

daís que se perdeu o mundo ? Porque houve hũa mulher , que quiz fallar , & ver. Fallou Eva com a serpente , & ficou enganada. Vio Eva a arvore, & ficou vencida. Não lhe fora melhor a ella , & a nós todos , não ter boca para fallar , nem olhos para ver ? Estas são as liberdades do mundo , estes seus perigos.

93 Porèm noto , ( & quizera que todos o notassem ) o que fallou Eva , & o que vio. O que fallou, foi sobre o preceito de Deos : *Cur praecepit vobis Deus.* O que vio , foi a arvore da Sciencia: *Vidit lignum.* Pois se são taes os perigos da lingua , que fallar aqui sobre os preceitos de Deos basta para perder ao genero humano : & se são taes os perigos dos olhos , que ver as arvores do Paraíso , foi occasião para abrir as portas do inferno ; que ariscadas serão no mundo as praticas livres , em que não se falla dos preceitos ? Que perigosas serão no mundo as vistas lisongeias,

em que não se olha para as arvores , senão para as Serpentes ? Jacte-se embora o mundo , que se tem Cruzes , são Cruzes em que se vê , & se falla : mas lembre-se o mundo de quantos por hũa palavra perdêraõ a vida , & por hũa vista perdêraõ a alma.

§. X.

94 **S**O parece que na ultima circunſtancia he mais facil a Cruz do mundo , que a da Religiaõ : porque na Cruz do mundo , he cada hum senhor da sua vontade ; porèm na da Religiaõ , todos estaõ sujeitos á vontade alhea.

95 Para isto fei hũa cousa , que parece nova. Digo , que por isso mesmo he mais leve a Cruz da Religiaõ , que a do mundo. Porque mayor cativo he estar sujeito à vontade propria , que à alhea. Peccou o Povo de Israel não querendo obedecer a Deos ; trata Deos de

Genes.

3. 2.

Ibid. 6.

Pfam.  
80. 12.  
13.

de castigallo ; & diz : já que os homens não querem fazer minha vontade, ordeno que fação a sua. Expressamente o disse David : *Non audivit populus meus vocem meam , & Israel non intendit mihi : & dimisi eos secundum desideria cordis eorum.* Pois , Senhor , que modo de sentença he este ? Os homens de nenhũa cousa gostão mais , que de fazer sua vontade ; & com nenhũa cousa vos offendem mais , que em não fazer a vossa. pois se estes homens vos offendêraõ , & não quizerão fazer vossa vontade , como lhes permitis por isso , que fação a sua ? he isto premio , ou castigo ? Premio , não ; porque não se dá premio por culpas. Castigo ? parece q̃ não ; porque não se dão gostos por penas. Pois que he isto ?

96 O mayor tyranno , que ha no mundo , he a vontade de cada hum de nós. Os tyrannos atormentaõ por fora , este tyranno afflige por dentro. Daqui se

argue , que quando Deos quer dar hum castigo , entrega a hum homem nas mãos da sua propria vontade ; por isso lhes deu por castigo , que fizessem a sua. Desorte que he mayor mal estar fugeito aos appetites da vontade propria , que aos imperios da vontade alhea : pois quando a culpa he não querer obedecer á vontade alhea , da-selhe por castigo fazer a propria. Veja agora o mundo ; qual he mais rigorosa Cruz , se estar fugeito á vontade propria , ou á vontade alhea. Mas ainda que hũa destas vontades seja mais tyranna que a outra , não ha duvida , que ambas molestaõ : a propria por dentro , a alhea por fóra. Porém a Cruz da Religiaõ he tam suave , que de ambas as cousas livra ao Religioso. Ouvi.

97 Digo que o Religioso está livre de toda a vontade humana : da propria , porque a sua vontade he a do Prelado ; da alhea , porque a vontade do

Pre-

Prelado, he de Deos. Assim que o Religioso não está sujeito á vontade humana, senão á Divina. E de estar o Religioso sujeito so á vontade de Deos, que se segue? Segue-se que em premio de despir-se de sua vontade, a está sempre fazendo. Não he paradoxo, senão verdade clara. Que remedio para fazer hum homem sempre sua vontade? O remedio he querer o que Deos quer; porque em tudo se faz a vontade de Deos; & se eu quero o que Deos quer, sempre faço minha vontade. Este he o premio dos verdadeiros Religiosos, no qual a sua Cruz leva muita vantagem à do mundo; porque na Cruz do mundo vivem os homens à sua vontade, a qual em muitas cousas não conseguem, & por isso andaõ todos descontentes. Na Cruz da Religião em tudo se faz a vontade do Religioso; porque he força, que em tudo se faça a vontade de Deos, com quem

elle tem unida a sua.

## §. XI.

98 **M** As vejo que me replicaõ, que a vontade do Prelado he verdade, que he a de Deos; mas vem às vezes passada por taes Prelados, que não pôde deixar de ser muy penosa. Deos nosso Senhor no Testamento Velho comumente fallava por Anjos. Assim fallou a Abrahão, a Jacob, a Isaac, & a outros. E tal vez fallou de hũa Carça como a Moysès; tal vez de hũa tempestade, como a Job: *De turbine.* O mesmo costume succeder nos Prelados. Em todos, & por todos nos falla Deos, mas hũa vez falla de hum Anjo, como a Abrahão, Isaac, & Jacob; porque tal vez he o Prelado prudente, benigno, & aprazivel. Outras vezes falla de hũa Carça, ou Espinheiro, como a Moysès; porque se o Prelado he aspero, & mal acondicionado, nunca vos chegais

Job 38:  
1.

chegais a elle, quē não venhais ferido ; outras vezes falla de hũa tempestade , como a Job ; porque se o Prelado he furioso , como trovão , não ha em casa quem se entenda com elle. Pois se a vontade de Deos vem executada por tal homem , que importa que seja de Deos ?

99 Muito importa para padecer mais no mundo : porque se cá ha hũa Carça , & hũa tempestade , ha muitos Anjos : porêm se lá ha hum Anjo , ha muitas Carças , & muitas tempestades. Mas quando em tudo o demais fora o mundo como a Religião , ha hũa grande differença no modo de obedecer ; porque no mundo se o Superior he Carça , sente-se como Carça , & se he tempestade , como tempestade : mas na Religião não he assim ; ainda que o Superior seja Carça , aceita-se como Deos , q̄ assim o fez Moyses : ainda que seja tempestade , aceita-se como Deos , que assim o fez Job. E vai

tanto nesta differença de obedecer , que assim como as obediencias do mundo accrescentão novas violências ao sentimento , assim as obediencias da Religião accrescentão novos merecimentos ao sacrificio. Mayor fineza he obedecer á voz de Deos pronunciada por hum bruto , que articulada por hum Anjo.

100 Antes digo que chegão os obsequios da obediencia em creditos da verdade , onde chegãõ os erros da Idolatria em delcreditos della. A Idolatria chegou a conhecer Divindade nos ventos , plantas , & animaes ; & a obediencia dos Religiosos em hũ Elpinheiro , & em hũa tempestade chega a reconhecer a Deos em sua voz.

101 Eia pois , Senhor , deixai-me que corra por minha conta esta pleito , & este juizo entre as Cruzes. Façamos todos o mesmo , pois já temos visto que as Cruzes do mundo não tem mais que apparencia de leves ; & verdadeiramẽte

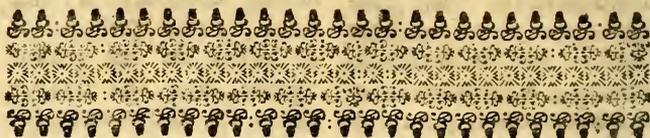
te são pezadas: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras* : fique-le o mundo embora , & atormente sua Cruz aos cegos, que a desconhecem , & aos insensíveis , que a não sentem. E pois a Cruz de Christo , ainda q̄ no exterior estreita , & pezada , he tam larga pela causa , & tam leve pela companhia : atemos

noslos corações a esta Cruz , como prisioneiros do carro de seu mayor triunfo. Seja esta Exaltação a do instrumento sagrado , com que nos remio Christo , para que em seguimento de suas penas , seja este desterro meyo para que cheguemos a gozar suas glorias. Amen.



101

SER-



# S E R M A Õ

NA DE G O L L A C A , A Õ DE

## S J O A Õ B A P T I S T A ,

Em Odivelas , anno de 1653.

*Misit Herodes , ac tenuit Joannem , & vincit eum  
in carcere propter Herodiam uxorem Philip-  
pi fratris sui , quia duxerat eam... & decol-  
lavit eum in carcere. Marc. 6.*

§. I.

102



So foi dos an-  
tigos Hebreos ,  
( de quem o to-  
máraõ os Gen-  
tios mais sabios, Gregos, &  
Romanos , & sem perigo  
da Fè , antes com louvor  
dos costumes o deveraõ  
imitar os Christãos. ) Ufo

foi, digo, nos famolos cõ-  
vites , não ló saborearem  
as mesas com pratos rega-  
lados , & exquisitos , mas  
tambem com problemas  
discretos , & proveitosos.  
Lembravaõ-se aquellas ho-  
mens que eraõ racionaes ,  
& parcialhes cousa indig-  
na de hũa natureza tam  
nobre , que ficassem em  
jejum

jejum as potencias da alma, quando tanto se estudava, & despndia em dar pasto, & delicias aos sentidos do corpo. Entre outros exemplos deste celebre costume ( muito antes de Salamaõ compor para elle as suas Parabolas ) temos o das vodas de Samsaõ, o qual com nome de problema propoz na mesa aos convidados o enigma da sua vitoria, dizendo : *Proponam vobis problema.* O mesmo digo eu, & farei hoje. Temos à mesa ElRey Herodes com os Grandes da sua Corte ; & assim como Herodias tomou por sua conta pòr nella o mais exquisito prato ; eu quero que corra pela minha propor o mais proveitoso problema. O prato foi a cabeça do Baptista : o problema não será indigno de que o mesmo Baptista o prègasse.

*Ave Maria.*

§. II.

103 **N** Esta grande tragedia do mayor dos nascidos fazem o primeiro, & segundo papel dous homens, que tambem nasceraõ grandes : hum Herodes, outro Philippe : hum Rey, outro seu irmão : hum sem honra, outro sem consciencia : hũ casado, mas sem mulher ; outro com mulher, mas não casado. E de toda esta violencia, de todo este escandalo, de todo este vituperio de hum, & outro, não foraõ duas mulheres a causa, senão hũa só, & a mesma, a infame Herodias. A tanto se atreve hũ amor poderoso, a tanto se delibera hũa ambiçãõ impotente. Era Herodias no mesmo tempo mulher de Philippe propria, & de Herodes alhea ; ambos por ella infelices, ambos por ella afrontados, ambos por ella em diverso modo perdidos. Nesta historia se funda o meu problema ;  
como

como o de Samsão na lua , & lerá este : Quaes mulheres são mais perniciosas aos homens, se as proprias, ou as alheas ? Se as proprias, como Herodias era de Filippe ; ou as alheas, como a mesma Herodias era , ou não era de Herodes ? Já sabeis que quem disputa problemas , não tem obrigação de os resolver. E porque cada hum deve seguir a parte que mais lhe contentar ; todos devem attenção a ambas.

104 Mas antes que entremos na disputa , vejamos brevemente primeiro quam problematica he a materia. Propoz-se em outro convite, que refere Efdras, aquella famosa questão, qual era a cousa mais poderosa do mundo. E huns Filozofos disserão que a mulher ; outros que o vinho. Não me detenho nas razões de cada hum ; mas só reparo na discrepancia dos extremos , & na concordia dos votos. Em que simbolizaõ o vinho , & a mulher , para se

attribuir a ambos o mayor poder ? Simbolizaõ , disserão os mesmos Filozofos , em que o vinho , & a mulher , ambos rendem o dominio de tal sorte aos homens , que lhes tiraõ o juizo. Adão , o primeiro pay do genero humano , & Noe , o segundo , ambos perdêraõ o juizo : & quem lho tirou ? Ao primeiro a mulher , ao segundo o vinho. E assim como o vinho para tirar o juizo a hum homem , não importa que seja da sua vinha, ou da vinha do outro ; assim tambem a mulher : tanto lhe pôde tirar o juizo a alhea , como a propria. Demos a Adão outro companheiro. Perdeo Adão o juizo, perdeo o mundo : & por quem ? Por amor de Eva. Perdeo David o juizo, & perdeo o Reyno : & por quem ? Por amor de Bersabê. Bersabê era mulher alhea, Eva era mulher propria. Mas que importou que hũa fosse propria, & outra alhea , se ambas perdêraõ a ambos ?

105 O Espirito Santo, que não pôde errar, diz que as mulheres fazem apostatar da Fè, & idolatrar aos sabios: *Mulieres apostatare faciunt sapientes.* Não diz aos homens, senão aos sabios, que são aquelles homens, que atè sobre as Estrellas tem dominio. Dicitou este Oraculo o Espirito Santo por boca de Salamaõ, & no mesmo Salamaõ, que foi o mais sabio de todos os homens, se vio provado. As mulheres Genticas lhe depravaráõ o juizo de tal sorte, que o famoso edificador do Templo de Jerusalem, não só adorou os seus Idolos, mas tambem lhe edificou templos. E porque chegou a cahir em tal cegueira hum tal homem? Porque antes de adorar os Idolos, adorava as Idolatras. Primeiro foraõ ellas Idolos de Salamaõ, do que Salamaõ adorasse os seus Idolos. E hũa vez que as mulheres são Idolos, tanto monta que sejam proprias, como alheas.

Tom. 12.

Que importa que o Idolo seja, ou não seja meu, se eu o adoro? Rachel, quando ainda era Gentia, furtou os Idolos de seu pay Labaõ: & qual dos dous era mais idolatra? Os Idolos, que adorava Labaõ, erãõ leus; os que adorava Rachel erãõ roubados: mas tam idolatra era Rachel adorando os Idolos alheyos, como Labaõ os proprios. Daquelles Idolos diz David, que tinhãõ olhos, & não viaõ, ouvidos, & não ouviaõ, boca, & não fallavaõ. Vede, se será o mesmo nos Idolos que fallaõ, que vem, & que ouvem? Tanto importa que sejam proprios, ou alheyos, para vos fazerem apostatar.

106 Finalmente o mesmo homem que nos deo o exemplo com o seu problema, sem o dividirmos em dous sугeitos, & metáforas, he a mayor prova do nosso. Teve Salamaõ duas mulheres, hũa propria, outra alhea; porque hũa

F era

era legitima, & outra não. A alhea se chamava Dalila, a propria não tem nome na Escritura. E que lhe succedeo com ambas? Taõ alhea foi do seu amor a alhea, como a propria; & tam propria para os enganos a propria, como a alhea. Ambas o enganáraõ, ambas lhe foraõ infieis, ambas ingratas, ambas traidoras, ambas cruéis, ambas inimigas. A propria o rendeo com lagrimas, & caricias a que lhe descobrisse o segredo do seu enigma, & o revelou a seus competidores, & tomou por marido a hum delles. A alhea comprada por dinheiro lhe roubou com as mesmas artes as chaves do thesouro de seus cabellos, os quaes cortados, & enfraquecido Samsão, o entregou nas mãos dos Filisteos. Estes foraõ os favos, que tirou da boca daquelles dous Leões o fabio, & valente moço; o qual agora podia trocar o seu problema com o nosso, & perguntar com mayor

razaõ; quaes mulheres são mais perniciosas ao homem, se as proprias, ou as alheas. Mas já he tempo que entremos na tea da disputa, & discorramos por hũa, & outra parte os fundamentos tam verdadeiros, como fortes, com que ambas se combatem, ou se defendem.

## §. III.

107 **C**omeçando pelas mulheres alheas, qual era Herodias em respeito de Herodes; a razaõ, a experiencia, as leys de todas as Nações, ainda barbaras, os escandalos particulares, & publicos, a ruina das casas, a infamia das pessoas, as mortes violentas na paz, o sangue correndo a rios nas guerras, a destruição de Cidades, a assolação de Reynos inteiros; em fim a voz, & consento do genero humano, continuado por todas as idades do mundo, tudo isto he hum testimunho universal, & de

de m̃ayor authoridade, que a de todos os Escriutores, (tambem concordes na mesma opiniaõ) o qual affirmã, defende, & sem cõtradiçãõ pronuncia que as mulheres mais perniciosas aos homens sãõ as alheas. As proprias sãõ companheiras no matrimonio, as alheas sãõ complices no adulterio: & sendo o adulterio peccado, & o matrimonio Sacramento, mais parece sacrilegio, que aggravado, a comparaçãõ per si só entre hũas, & outras; quãto mais o pór em questãõ, & em duvida, quaes sejaõ mais danosas ao homem. O matrimonio foi instituido por Deos no estado da innocencia; o adulterio foi machinado pelo demonio depois da natureza corrupta: o matrimonio ainda antes de ser Sacramento sempre foi licito, honesto, & santo; o adulterio sempre illicito, sempre injusto, sempre abominavel: & sendo qualquer peccado o mayor mal de todos os males, & este

por sua malicia tãõ grave, que Job professor sõmente da Ley da Natureza, lhe chamou a maxima das maldades: *Quæ est iniquitas maxima*; quando as mulheres alheas nãõ foraõ occasiãõ, & causa aos homens de outro mal, mais que o peccado; só por este, que sempre he inseparavel do adulterio, se lhes devia em grãõ superlativo, & sobre toda a comparaçãõ o nome de perniciosas.

108 Para serem perniciosas, & causadoras de gravissimos males as mulheres alheas, nãõ basta serem mulheres; (como indiscretamente dizem muitos sem o respeito, & reverencia devida ao sexo de que todos nascemos) mas o que eu digo he, que basta serem alheas. Alhea era aquella mulher, que David tomou occultamente a Urias, abusando do poder Real: exemplo em que tem mais imitadores, que no de suas virtudes. Mandou Deos ao Profeta

Nathan que lhe fosse estranhar de sua parte hum tam grande, & nelle tam novo excessõ : & que fez o Profeta ? Para que o Rey em terceira pessoa reconhecesse melhor a fealdade do seu peccado, representou-lho primeiro na parabola, ou accusaçã de hum poderoso, o qual tomara a hum pobre hũa só ovelha, que tinha, para com ella agazalhar hum peregrino, que se viera hospedar em sua casa. O poderoso era David; o pobre, Urias; a ovelha, sua mulher Bersabè; & o peregrino, o máo appetite, que casualmente, & fóra do que David costumava, se lhe introduzio no coraçã, & elle o recebeo, como não devera. Mas se o peccado era de adulterio, porque o representou o Profeta em parabola, & figura de furto ? Porque o furto, & o adulterio ambos tem o mesmo objecto, que he o alheio. He pensamento de S. Ambrosio em differente caso, mas muito pro-

prio do presente. Chama o Santo Doutor elegantemente á cubiça luxuria de dinheiro : *Aeris libido* : & S. Amb. proseguindo na mesma metafora, diz que os furtos são adulterios da cubiça : *Aeris libido sic igne suo pascit animum, ut hoc solo à luxuria distet, quòd hæc formarum adultera sit, avaritia terrarum*. Assim como o torpe pôde ser torpe, sem ser adultero, assim o cubiçoso pôde ser cubiçoso, sem ser ladraõ : mas quando chega a ser ladraõ, logo juntamente he adultero : & porque ? Porque assim o furto, como o adulterio tem por objecto o alheio: o adulterio, a mulher alhea; o furto, a fazenda alhea : & assim como o tomar a mulher alhea he adulterio da torpeza; assim o tomar a fazenda alhea, he o adulterio da cubiça.

109 Vede agora se se infere bem, que ainda que a mulher alhea não fora mulher, só por ser alhea, seria causa de grandes males ao homem. E para que  
o mes-

o mesmo caso que nós deu a semelhança de hum, & outro adulterio, nos dê tambem a prova de hum, & outro effeito, ponhamos em paralelo ao mesmo Rey David com El-Rey Achab, & veremos as calamidades, & desventuras a q̃ ambos se condemnaraõ, hum, porque tomou o alheio, outro, porque tomou a alhea. Tomou Achab a vinha de Naboth; & que se seguiu desta violencia, (para que não percamos o decoro ao nome Real com lhe chamar furto?) Lá disse São Paulo, que hum pequeno fermento corrompe toda a massa: *Modicum fermentum totam massam corrumpit*; & taes são os effeitos do alheio, ainda que a massa com que se junta, ou mistura seja hũa Monarquia inteira. Que comparação tinha a vinha de Naboth com o Reyno de Achab? Mas era alhea, posto que tam pequena. E como se Naboth com as vides da sua vinha lhe pu-

zera o fogo, assim ardeu em hum momento a casa de Achab, a Coroa, o Reyno, a vida sua, & de sua mulher, a honra, a fama, o estado, a successão, & até os ossos de ambos. E se isto faz o alheio em materia de tam pouco preço; que faria na mais preciosa, na mais prezada, na mais estimada de todas, & que o homem não distingue de si mesmo, qual he a mulher? Diga-o Bersabê: (para que voltemos os olhos à outra parte do paralelo) diga-o Bersabê, que foi a Elena de Israel; & chore-o o Casa de David, que foi a Troya daquella Elena.

110 De Troya fingiraõ os Poetas, que fora fundada pelos Deoses: *Celitum egregius labor*. Mas depois que nella entrou Elena, roubada a seu marido Menelao por Paris filho d'El Rey Priamo, não lhe valeo a divindade de seus fundadores, para que não ardesse, deixando sepultada em suas cinzas a flor de toda a Asia, & Europa.

Senec.  
in Troa.

ropa, consumida no sitio de dez annos. Tam pernicioso he aos homêes, & tam fatal pôde ser aos mesmos Reynos hũa mulher alhea. A Casa de David he certo que foi fundada pelo verdadeiro Deos, & com os mais altos, & solidos fundamentos de quantas houve, nem haverá no mundo, como aquella, de cuja profapia havia de nascer feito Homem o Filho do mesmo Deos: mas tanto q̄ nella entrou hũa mulher tomada a seu marido, posto q̄ não publica, senão occultamente: este fogo occulto foi o que a abraçou, & destruiu, como notou S. Chrylostomo: *Nisi peccatorum scintillas occultasset, domus non conflagraret.* Que desgraças, que infortunios não succedêraõ a David, & àquelle grande Heroe, entre todos os da fama famosissimo, depois deste erro tam lamentavel, & tam chorado por elle? Mas nem os rios de lagrimas, que continuamente cor-

S. Chry-  
lostom.

riaõ dos mesmos olhos; com que víra a Berlabè, bastáraõ a apagar o incendio, que com ella se ateou á sua casa, sendo a justiça do mesmo Deos, que a fundára, a quem a hum homem tam amigo, & tam do seu coraçãõ, castigou tam severamente.

III Quatro eraõ as columnas principaes sobre que se sustentava a Casa Real de David: Salamaõ, Adonias, Amon, Absalaõ: & excepto o primeiro, ( que sómente se conservou na promessa, & juramento de Deos ) todos os outros acabáraõ desfeztrada, & tragicamente; porque Salamaõ matou a Adonias, Absalaõ matou a Amon, & contra o preceito do mesmo David, Joab matou a Absalaõ. Deixo o primeiro filho, que lhe nasceo de Berlabè morto por sentença Divina antes de ter nome. Nem fallo na desgraça de Thamar viva para perpetuador do pay, & epitafio immortal de sua deshonra. Afron-

Afrontou-a seu proprio irmão Amon com mayor crueldade, que se a matára: mas não parárao aqui as mortes violentas, & lastimosas na Casa de David; porque em quanto durasse no mundo a sua descendencia, sempre a espada da Divina justiça se veria tinta no seu sangue em castigo, & pena posthuma daquelle peccado. He cousa que de nenhum modo se podera crer, se assim o não dissera a mesma sentença: *Quamobrem non recedet gladius de domo tua usque in sempiternum.* Ah Rey Profeta, que se assim como vieis outros futuros, antevireis os estragos, que com aquella mulher, como nuvem prenhe de rayos, trazieis à vossa casa, & sobre vossa pessoa, antes quereis perder os olhos, que polos nella!

112 Era David Rey unguido por Deos; mas onde esta a Coroá? Lá a leva tyrannicaméte usurpada, & posta sobre a cabeça o impio, & rebelde

Abfalaão, aclamado com trombetas, & seguido de todo o Reyno. Era o valente de Israel, que matava Leões, & Gigantes, & vencia exercitos de Filistheos; & agora vai fugindo pelos montes, de hum moço mais conhecido das damas pelos cabellos, que dos soldados pela espada. Era o venerado, applaudido, & adorado das gentes; & agora apedrejado de Simey, ouve os opprobrios; as injurias, as calumnias; & as maldições de hũa lingua tam vil, & infame; como o mesmo que se atrevia a dizellas. Era o mais rico Monarca de quantos dentro, & fóra de Palestina, accumulárao thesouros; & agora pobre; desterrado, faminto vive das migalhas de Berzellai. Sobre tudo era aquelle Santo varaão, cuja alma por suas virtudes era louvada em Deos: *In Domino laudabitur anima mea;* & agora pelo seu peccado he Deos blasfemado nelle: *Quoniam blasphemare fecisti*

Ibid. 11.  
12.

*inimicos Domini.* Ha ainda mais delgraças? Ha ainda mais afrontas? Ha ainda mais castigos sobre David? Ainda. E os que na opiniaõ dos homens são os mais afrontosos. *Ecce ego suscitabo super te malum de domo tua, & tollam uxores tuas, & dabo proximo tuo, & dormiet cum uxoribus tuis in oculis solis hujus: tu enim fecisti abscondite, ego autem faciam verbum istud in conspectu omnis Israel.* Se cuidas David (diz Deos) que com todos estes castigos tens purgado a tua culpa, enganaste. Nem a morte dos filhos, nem a usurpação da Coroa, nem a perda do Reyno, nem o desterro, nem a pobreza, nem a miseria, nem as injurias, & infamias com que te vês não só perseguido, mas abominado de teus vassallos, são bastante satisfação ao teu peccado: *Ecce ego suscitabo super te malum*: ainda te resta por padecer outro mal mayor que todos esses males, que he a pena de Taliaõ: *Da-*

*bo uxores tuas proximo tuo.* Assim como tu tomaste a mulher alhea, assim permitirei que tomem outros as tuas, & não com a mesma, senão com muito mayor afronta: *Tu enim fecisti abscondite, ego autem faciam in oculis solis hujus in conspectu omnis Israel.* Porque tu tomaste a mulher alhea secreta, & escondidamente, as tuas ferteirão tomadas, & profanadas á vista de todo o mundo, & nos olhos do mesmo Sol.

## §. IV.

113 **V** Erdadeciraméte, que te não podêrão pintar com cores de mayor horror os danos, & calamidades, de que são causa aos homens, aos Reynos, & ao mundo as mulheres alheas, ou hũa só mulher alhea, que he mais. Mas ainda não está ponderada a mayor circumstancia do caso. Não diz o relatorio da sentença de Deos, notificada pelo Pro-  
feta;

feta ; quẽ foi condemnado David a todos estes castigos , porque tomou a mulher alhea , senãõ porque tendo sido alhea , a fez sua , casando-se com ella . Assim o pronuncia expressamente o Texto : *Uxorem illius accepisti in uxorem tibi* , & assim o torna a repetir outra vez com a mesma expressãõ : *Et tuleris uxorem Uriæ Hebræi , ut esset uxor tua* . E assim o tinha já advertido na historia , & narraçãõ do caso . *Misit David , & introduxit eam in domum suam , & facta est ei uxor : & displicuit verbum hoc coram Domino* . Onde se deve notar , que este matrimonio , posto que nas leys Christãs seria illicito , & invalido ; nas leys Hebreas porẽm não tinha prohibiçãõ algũa : & por isso o mesmo David depois de reconciliado com Deos teve sempre aquella mulher por legitima , & a tratou como tal . Pois se Bersabè , quando David a tomou a Urias , sendo elle vivo , era alhea ,

& depois da sua morte , quando se casou com ella já era propria ; porque se fulminãõ todos os castigos contra David , não tanto pelo adulterio , quanto pelo casamento ? E não tanto por tomar a mulher alhea , quanto pela fazer sua ? Theodoreto fundado nos textos , que allegamos , diz , que delles se colhe que mais sentio Deos o matrimonio de David cõ Bersabè , do que o adulterio : *Tacite significat oratio* , Theodoret. *quòd Deus magis succensuit ob matrimonium , quàm ob prius commissum adulteriũ* . E do mesmo parecer he Procopio , a Glosa , & outros graves Authores ; com que mais se acrescenta a duvida , ou admiraçãõ de tam extraordinarios castigos .

114 Mas antes que demos a razaõ deste caso , ponhamos à vista delle outro por ventura mais admiravel . Entra Abrahaõ no Egypto tendo primeiro concertado com Sara , que se nomee , não por mulher ;

2. Reg.  
12. 9.

Ibid. 10.

2. Reg.  
11. 27.

mulher ; senão por irmã sua. Chega a fama de sua fermosura a ElRey Faraó , & a fim de se casar com ella (como era licito, & usado naquelles tempos) mãda que lha levem ao Paço, & que a Abraão como irmão seu se fação grandes mercês. Executou-se assim com aquella diligencia , com que os appetites dos Reys costumão ser obedecidos ; mas o castigo do Ceo ainda foi mais apressado , porque no mesmo ponto , sem offensa da honestidade de Sara , veyo o açoute de Deos sobre Faraó , & sobre todos seus vassallos : *Flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis , & domum ejus propter Sarai uxorem Abraham.* As pragas , ou calamidades de que constou o açoute , que a Escriitura chama maximas , foram estas : cahio de repente o mesmo Faraó mais morto, que enfermo, com acerbissimas dores , que sem poder aquietar , nem de dia , nem de noite, o ator-

Genes.  
12. 17.

mentavaõ mortalmente. Começaraõ a tumultuar , & rebellar-se os vassallos : ateou se peste em todo o Reyno: esterilizaõ-se não só os campos , mas com prodigio inaudito , atè os animaes, & homens, cessando totalmente em huns, & outros a geraçãõ, & uso della : & tudo isto só porque Faraó teve intento de se casar com hũa mulher alhea. Mas se Sara dizia que era irmãa de Abraão , & Abraão que era irmão de Sara , & Faraó o suppunha assim , ignorando totalmente que fosse sua mulher ; sobre que cahia este açoute do Ceo cõ tantos , & tam extraordinarios castigos , & não por outra causa , senão por ser Sara mulher de Abraão : *Propter Sarai uxorem A-* Ibid.  
*bram ?*

115 Aqui vereis em hum, & outro caso , não só quam perniciosas são aos homens sobre toda a imaginaçãõ as mulheres alheas , mas quam pouco basta para serem crimina-

das

das diante de Deos por alheas, ainda que o não pareçaõ. Berfabê, ainda q̃ casada com David, tinha sido mulher de Urias : Sara, ainda que reputada por irmãa, era mulher de Abrahaõ : & posto que David se casára com Berfabê, & Farãõ se queria casar cõ Sara, ambos legitimamente, nem a David o livrou dos castigos o matrimonio, nem a Farãõ o escudou a ignorancia ; a hum, porque a mulher verdadeiramente era alheia, a outro, só porque o tinha sido. Sara, ainda que fosse irmãa de Abrahaõ, podia ser casada, & mulher de outro : & Farãõ foi culpado em não fazer naquelle caso o exame devido. Berfabê, ainda que já era livre pela morte do marido, tinha sido alheia no tempo do adulterio : & David foi culpado em continuar o amor de quem lhe fora occasião do peccado. E estas circumstancias, & considerações, que no juizo dos homens parecem leves, &

veniaes ; no de Deos são tam graves, & tam peçadas como mostráráõ os açoutes, com que as castigou.

116 Oh quantos Reys ; & quantos Reynos se arruinaõ, quantos exercitos, & quantas armadas se perdem, quantas fomes, quantas pestes, & quantos infortunios, & calamidades geraes se padecem, não pelas causas imaginadas que vãmente discorrem os Politicos, mas pelas injurias ; que cometem os mayores, ou contra o proprio, ou contra o alheio matrimonio, não sendo necessario que as mulheres sejaõ de outrem, mas bastando que não sejaõ proprias ! Por amor de Dina se perdeu o Principe Sichem, & todo o seu Estado : por amor de Judith se perdeu o General de Nabuchodonosor, & a potencia formidavel dos seus exercitos. E porque ? Não porque em Dina, ou Judith se violasse a fe devida ao thalamo conjugal ; porque Dina era donzella ;

donzella, & Judith viuua ; mas bastou que não fossem mulheres proprias , para que desfarnadas de todo o outro poder fossem ambas a occasião , & cada hũa só a causa de tamanhos estragos.

117 O intento de Nabuchodonosor , era sujeitar todo o mundo a seu imperio , & o poder , que ajuntou , & expedio para esta vastissima empreza , era tam superior a todas as forças do mesmo mundo , que não houve Cidade tam forte , nem Reyno tam poderoso , nem Nação tam bellicosa , que se atrevesse a o resistir , sujeitando-se tudo sem guerra , nem batalha , ou de perto só com a vista , ou de longe só com a fama de tam insuperavel potencia. Sahe porém Judith de Bethulia , & não violentada , ou tomada por força , mas sollicitada por amor , & por rões , ella só , & com a espada do mesmo General Holofernes lhe cortou a cabeça , ella só , & com hum

só golpe , degollou todo o seu exercito , desfarmou todo o seu poder , aniquilou todas as suas vitorias , emudeceo toda a sua fama , & a converteo em desprezo , confusão , & afronta de toda a Monarquia de Nabuchodonosor.

118 Não era tam poderoso como Nabucho o Principe Sicheu , mas de mayor titulo , que Holofernes , com soberania de estado. Vivia nas suas terras , & á sua sombra como peregrino , & estrangeiro Jacob pay de Dina : pediu-lha por mulher Sicheu , tendo-lhe feito primeiro hum daquelles aggravos que costuma desculpar o amor , & sarar o matrimonio : offerecolhe por dote quanto pediu : veyo em condições tam asperas , & difficultosas , como o mudar de Religião , & circuncidar-se primeiro , não só elle , mas todos seus vassallos. E que se seguiu daqui ? Hum engano verdadeiramente injusto , mas hum castigo , se merecido , atroz ,

&

& hum exemplo por todas as suas circumstancias temerolo, & horrendo. No mesmo tempo em que todos voluntariamente se tinham ferido, & no dia em que as dores da circuncisão são mais infoportaveis, como nota o Texto, dous irmãos de Dina, Simeão, & Levi, moços, que nenhum delles chegava a vinte & dous annos, entrão armados pela Cidade, matao ao Principe, & a seu pay, & a todos os Sichimitas miseravelmente prezos, & sem se podem defeder por causa das feridas, & força das dores, levão cativos todas suas mulheres, & filhos, assolaõ a Cidade, despojaõ as casas, devastaõ os campos. Este foi o defestrado, & lastimoso fim daquelle Principe, & de todo o seu Estado, & vassallos, não tanto por socegar da sua paixãõ, quanto por se apressar na mesma cegueira. Que mais podia desejar Jacob, que casar hua filha com o Principe da ter-

ra em que vivia? Mas porque Sichem, como poderoso, não quiz esperar pela benção do matrimonio, encorreo tam miseravelmente a maldição, que leva consigo toda a mulher, que não he propria. Com esta maldição quero dar fim á primeira parte do problema, & para que todos acabem de conhecer quam grande maldição he, & de todos os modos a temãõ, sobre os dous casos de hua só mulher, acrescento outro de muitas.

119 Desejou ElRey dos Moabitas Balac amaldiçoar os arrayaes, & exercitos do Povo de Deos, (os quaes ordinariamente se perdem, & tem infelices successos, porque vaõ carregados de maldições) & o meyo, que para isso tomou, foi rogar por seus Embaixadores ao profeta Balaõ (profeta, & feiticeiro juntamente) que os quizesse amaldiçoar. As instruções destes Embaixadores hiaõ acompanhadas de outras de ouro, & prata, que

que também são boa parte da maldição. Mas como Deos hũa , outra , & tres vezes provocado com os sacrificios do máo Profeta lhe não permitisse amaldiçoar o seu Povo ; elle q̄ tinha os olhos postos na propina, se desculpou com o Rey de o não poder servir , como desejara, porém que em lugar da maldição , que lhe pedia , lhe daria hum conselho tam effectivo , como ella. Tambem não he cousa nova haver conselhos , que sejam maldições , & tam vendidos , & comprados, como se foram Oraculos de Profetas. Qual foi pois o conselho de Balaão ? Foi que o Rey não sahisse em campanha com exercito de homens armados, & ordenados, senão com tropas de mulheres mandadas à desfilada ; porque tanto que estas chegassem a se avistar com os Capitães , & soldados do exercito de Israel , logo elles se lhe renderião sem duvida debaixo das condições , que quizsem. E

cômetido este grãve peccado , ( diz Balaão ) o mesmo Deos que agora me não consentio que eu amaldiçoasse o seu Povo , fará nelle talestrago , que vós, ó Balac , vos deis por muy satisfeito , & não lhe deis maior maldição. Este foi o conselho do máo profeta , & se aconselhou como máo, tambem como profeta adivinhou o successo. Sahem as Madianitas em demanda dos arrayaes de Israel , chegam primeiro á vista , & depois á falla , & não com outros feitiços , que lhes dèsse Balaão , senão com os da sua presença , de tal maneira prendêrao , & sугeítarao os Capitães , & soldados Israelitas , que se Deos não acodira com prompto , & exemplarissimo castigo , o exercito, a jornada , a terra de Promissão , & tudo se perdêra. Foraõ degolladosnaquelle dia vinte & quatro mil, que a tantos tinha já corrupto a peste das Moabitas. Fazia horror a immensa mortanda-  
de;

de , & corria o sangue a rios : não se guardou respeito à dignidade, nem foro à qualidade , nem exceição a pessoa : & só houve de differença, que os q̄ a Escritura chama Principes , os mandou Deos enforçar em forcas altas com os restos voltados ao Sol , para que fossem mais conhecidos , & a sua infamia mais publica. Foi boa maldiçaõ esta ? Pois esta he a que nos particulares arruina as casas , & no cõmum as Republicas. Para q̄ os Principes , & os que o não são , se acatelem , & temão : para que ninguem possa duvidar , & fique asfentado por conclusãõ, que as mulheres mais perniciosas aos homens são as alheas.

§. V.

120 **E**Ntrando na segunda parte do nosso problema à vista da maldiçaõ com que acabei a primeira , lembrame que quando se promulgou a

ley na terra de Promissaõ ; foi com tal cerimonia , que as maldições , que na mesma ley se fulminãõ cõtra os quebrantadores della , se publicãrãõ desde o monte Hebal , o qual por isso se chamou o monte das maldições : & do mesmo modo as benções, & felicidades , que se promettem aos que a guardarem , se publicãrãõ desde o monte Garizim , ao qual , pela mesma causa , chamãrãõ o monte das benções. Supposto pois que segundo o merecimento dos autos nenhũa injuria faremos às mulheres alheas em lhes chamarmos o monte das maldições ; parece que às proprias , & legitimas lhes he devido o nome de monte das benções , pois estas acompanhaõ sempre o Sacramento do matrimonio, & sabemos que em sua primeira instituiçaõ , ainda antes de ser Sacramento , o abençoou Deos , lançando sua bençaõ a Adão , & Eva : *Masculum , & femi-* Genes. 1. 27.  
*nam creavit eos , benedixit-*  
que

*que illis Deus.* Mas porque Eva correspondeo tão mal às obrigações de seu estado, q̄ em lugar de ajudar o marido à conservação do morgado, que ambos recebêrao em dote, não só o destruhio, & perdeu a elle; mas com elle a todos nós, como herdeiros, que havíamos de ser seus, posto que ainda não eramos. Todos os trabalhos, & calamidades que padecemos na vida; toda a corrupção, & miserias a que estamos fugeitos na morte, todos os males, penas, & tormentos, que depois da morte nos aguardão, ou em tempo, ou em toda a eternidade, tiverão seu principio, & trazem sua origem desde o peccado, por isso chamado original. De toda esta infelicidade foi causa hũa mulher: & que mulher? Não alhea, mas propria; & não criada em peccado, mas innocente, & formada pelas mãos do mesmo Deus. Nota Theodoro, que todas as maldições ameaçadas, & pro-

metidas no montê Hebal, se comprirão, & executarão no povo, & gente Hebraea; parte na destruição, & excidio de Jerusalem por Tito, & pelos Romanos; parte pelos Macedonios em tempo de Alexandre Magno; parte por Nabuchodonosor no cativeiro de Babylonia; & parte multiplicadamente pelos Assyrios na invasão de Sennacherib, na de Salmanazar, & nas dos outros Reys inimigos.

121 Mas que comparação, ou semelhança tem os trabalhos, & vexações, posto que tantas, & tam varias, padecidas pelos Hebreos na sua historia, com as immensas, & quasi infinitas, que o genero humano tem padecido, padece, & hade padecer até o fim do mundo, effeitos tudo daquelle primeiro peccado, & daquelle primeira mulher nascida innocente, & sem elle? Todas as dores, todas as enfermidades, todos os desgostos, & infortunios particulares,

ticulares, & geraes, todas as fomes, pestes, & guerras, toda a exaltação de hūas Nações, & cativoiro de outras, todas as mudanças, & tranfmigrações de gentes inteiras, das quaes ou só ficou a memoria nos nomes, ou tambem elles com ellas se perdêrao: todas as destruições de Cidades, & Reynos, todas as tempestades, terremotos, rayos do Ceo, & incendios, & todo o mesmo mundo afogado, & sumido em hum diluvio, que outro principio, ou causa tiveraõ, senão a intemperança, & castigo daquella mulher, não tomada, ou roubada a outrem, senão propria, & dada pelo mesmo Deos ao homem: *Mulier, quam dedisti mihi?*

122 Dira porẽm algum entendimento critico, que a causadora de tantos males foi aquella mulher fatal, primeira, & universal origem do genero humano, & não algũa particular, & do tempo presente, que saõ as de que

fallamos. Mas ouça quem assim o imaginar ao anti-quissimo, & doutissimo Tertulliano. Falla ha mais de mil & quatrocentos annos com qualquer das mulheres casadas do seu tempo, & diz assim: *Ei Evam te esse nescis?* E cuidas tu, q̃ por nasceres tam longe da primeira mulher, não es tam Eva como ella? *Vivit sententia Dei super sexũ istum in hoc seculo, vivat & reatus necesse est.* Posto que haja tantos seculos; que morreo aquella Eva, vive com tudo em toda a mulher a sentença, com que Deos a condemnou em todo o mesmo sexo; & assim vivirá para sempre, & será immortal nelle, isto he em ti, o castigo da mesma culpa. *Tu es diaboli janua:* Tu es a porta por onde entra o diabo ao homẽ. *Tu es arboris illius resignatrix:* Tu es a que abriste a porta á morte, que naquella arvore estava encerrada, & occulta. *Tu es divinæ legis prima deseratrix:* Tu es a primeira que

Tertul.  
de habit.  
mulieb.  
cap. 1.  
lib. 11.

Genes.  
3. 12.

desprezaste, & quebraste a Ley Divina. *Tu es, quem eum suafisti, quem diabolus aggredi non valuit:* Tu es, a que te atreveste a persuadir o homem, a quem o demonio não foi gosado a acometer por si mesmo. *Tu, imaginem Dei, hominem tam facile elifisti:* Tu a que tam facilmente não só apagaste, mas deformaste, & ateaste a imagem soberana, que Deos nelle tinha impressa. *Propter tuum meritum, id est, mortem, etiam Filius Dei mori habuit:* & *adornari tibi in mente est supra pelliceas tuas tunicas?* Finalmente pelo teu merecimento, isto he, pela morte merecida por ti, houve de morrer o Filho de Deos: & tu com este triste, & formidavel espelho diante dos olhos, não te pejas, nem envergonhas de buscar, & inventar novas, & preciosas galas, com que ornar indecentissimamente as pelles, ou fambeito da penitencia, de que elle te vestio? Tudo isto, que só na primeira Eva se

podia verificar, applica Tertulliano às de seu tempo, posto que menos vans, que as do nosso, não duvidando chamar a cada hũa, não outra, senão a mesma antiga Eva; nem resuscitada, senão a mesma, que em cada hũa dellas ainda vive, & necessariamente vivirá sempre: *Vivat & reatus necesse est.*

## §. VI.

123 **H**Uma das mais notaveis coufas da Escriptura he a vida da mulher de Job. Tinha Deos concedido ao diabo, que naquella grande casa pudesse fazer, ou desfazer contra elle tudo o que seu odio, sua astucia, & maldade julgasse conveniente para o vencer, excepta sómente a vida do mesmo Job: *Veruntamen animam illius serva.* Começou pois o demonio matando, & degollando tudo quanto vivia na mesma familia: os boys, que eraõ quinhentas juntas, & as jumentas ou-  
tras

trãs tantas , pelos Sabeos : os camelos , que eraõ tres mil , pelos Chaldeos , divididos em tres esquadras : as ovelhas , que eraõ sete mil , por rayos cahidos do Ceo : mortos juntamente todos os pastores , & criados , que guardavaõ estes grandes rebanhos , excepto fomite hum , que levasse as tristes novas , atè que chegou o ultimo dizendo , que juntos todos os sete filhos , & tres filhas do mesmo Job , convidados á mesa do seu Primogenito , batidos os quatro cantos da casa por hum fortissimo pè de vento , & cahindo sobre todos , juntamente ficáraõ mortos , & sepultados nas suas ruinas. Mas o que he mais digno de nota em tam commum , & universal estrago , he , que entre tantas mortes ficasse com tudo viva a Senhora da casa , a mãy dos filhos , & a mulher do pay ? Que morraõ todos os gados , tantos , & de todo o genero : que morraõ os criados , & guardas destas riquezas

naturaes , que eraõ os thesouros daquella idade , grande golpe foi da ira , & astucia do demonio ; mas todo contra a grandeza da casa , & opulencia da numerosa familia ; porèm que morrendo todos os filhos , & filhas , atè o mesmo Primogenito , que era o que de mais perto , & mais interiormente tocava à pessoa do mesmo Job , o demonio com tudo lhe reservasse viva a mulher , cuja vida não estava exceptuada por Deos , não podendo ser para alivio , & consolaçãõ do marido ; qual seria a causa desta singular indulgencia na impiedade de tam cruel , & empenhado inimigo ? São

S. Basíl.  
S. Chryl.

Basilio , S. Chrysostomo , os dous Gregorios , & todos os Santos Padres , commumméte dizem por hũa parte , que a fortaleza , & constancia de Job era hũa columna , hum muro , & hũa torre de diamante ; & que assim como o demonio se não atreveo a acometer a Adão por si mes-

mo, senão pela primeira Eva; assim agora entendo que para derrubar aquella torre, para arrazar aquella muro, & para dobrar, & torcer aquella columna de diamante, ( que seria mais que desfazela em pó ) não poderia por si mesmo: & por essa razão deixara viva a Job a sua segunda Eva, para que por meyo della perseguido o quebrantasse, ou persuadido o rendesse, que são os dous modos, hum duro, outro brando, com que o demonio ( diz o grande Gregorio ) forte, & suavemente costuma conseguir o que intenta: *Diabolus duobus modis impugnat, tribulatione, ut frangat; persuasione, ut molliat*: & como Job pelo pacto, qua tinha feito com seus olhos: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine*, estava já livre, & superior a todos os combates das mulheres alheas, ou não suas; só lhe ficava este da propria, que como lhe chama Chrylqstomo,

he a lança mais forte do demonio, & o tiro mais certo de todas as suas armas. Mas vejamos, o que fez, & o que disse.

124 Estava Job cuberto de chagas, ou de hũa só chaga, que desde os pés até a cabeça o cobria, & atormentava; não em sua casa, ou na cama, mas no desamparo, & miseria quasi incrível, a que o demonio o tinha reduzido, de hum muladar publico, ajudando a correr com hũa telha o pestifero, & hediondo humor, que das feridas manava; quando chega a propria mulher, & em lugar das lagrimas, & das lastimas com que se devia compadecer de hum homem, & tal homem, quando não fora seu marido, & Rey, tendo-o conhecido em tam diferente estado; quaes toraõ as palavras que lhe disse? *Adhuc tu permanes in simplicitate tua? Benedic Deo, & move-re*. He primor, ou cortesia sagrada da lingua Hebraica, não se atrevendo a pro-  
nunciãr

Gregor.  
lib. 3. c.  
6.

Job 31.  
r.

Job 2.9.

nunciar maldiçoens de Deos, em lugar da palavra *maledicere*, amaldiçoar, dizer totalmente a contraria, *benedicere*. He possível pois, ( diz a infame, & cruelissima mulher conservada viva pelo demonio, que dentro nella fallava ) he possível, que ainda posto em tal lugar, que não tem nome a lingua para o pronunciar decentemente, nesse equileo de dor, de afronta, de miseria, de desemparo, a que nunca reduzio a fortuna o mais vil escravo do mundo; he possível que ainda ahí te não defengas? Esta he a gratificação da tua innocencia, este o premio, das que tu chamavas boas obras? Pois se tu com ellas offendeste a Deos; & elle assim tas paga; porque não acabas já de as conhecer? porque não acabas de as amaldiçoar, & ao mesmo Deos offendido? E porque não acabas de acabar a triste, & miseravel vida, entregando o corpo nesse mesmo sepulchro hedion-

Tom. 12,

do aos bichos; & a alma sacrilega, & obstinada le- pultandoa no inferno? Este he o sentido, como discorre com todos os Pa- dres Olympiodoro, da- quellas breves palavras; & esta a segunda Eva, tan- to mais injuriosa a seu ma- rido, do que a primeira a Adão, como dizia Ter- tulliano. Mas ainda nos Textos sagrados temos outra comparação mais horrivel de hũa mulher; não alhea, mas propria; & de hum homem não me- nos Santo, & grato a Deos que Job.

§. VII.

125 ○ Uvindo To- bias, que era cego, a voz de hum animalinho balando, pouco usada na pobreza, & ab- stinencia de sua casa, ad- vertio como pio, & justo que acalo não fosse furta- do: *Videte ne furivus sit.* E esta só palavra exalpe- <sup>Tob. 27</sup> <sub>21.</sub> rou, & ferio tanto o cora- ção de Anna sua mulher,

Giiij que

Tob. 2.  
22.

que irada não só contra Tobias, mas impia, & injuriosa contra o mesmo Deos, respondeo desta sorte, diz o Texto, ao marido: *Manifestè vana facta est spes tua, & eleemosynæ tuæ modò apparuerunt.* Agora sim, q̄ já apparecerão manifestamente quaes são as vossas esmolas, & obras de piedade, & o que mais he, a vossa esperança em Deos. Oh ira de mulher, quam facilmente concebes o fogo! Oh lingua de mulher, quam facilmente abrazas a terra, & mais o Ceo! Em duas palavras condemnou Anna todas as virtudes de Tobias, & todos os attributos de Deos. De Tobias as esmolas, as sepulturas dos defuntos, & a todas as obras de misericordia, em que deixando o necessario á propria vida, acodia não só aos proximos vivos, mas tambem aos mortos. Em Deos, arguindo de falla a esperança do marido, condemnou a justiça, a providencia, & o premio

dos Santos. E como Tobias o era, & o mayor da quelles tempos, sentio tão to a injuria, que sua mulher fazia a Deos, & ficou tam envergonhado, & corrido de ter hũa mulher, que de baixo de verdadeira fê assim afrontava as virtudes humanas, & Divinas, que levantando as mãos ao Ceo, porque os olhos não podia, pedio a Deos humilde, & instantemente lhe tirasse a vida: *Et nunc Domine secundum voluntatem tuam fac mecum, & præcipe in pace recipi spiritum meum, expedit enim mihi magis mori, quàm vivere.* Tob. 3.

126 Esta foi a resposta de Tobias, da qual dá a razão o Texto, não menos admiravel. Refere toda a causa que Tobias teve para fazer a Deos hũa petição tam extraordinaria; como a de lhe pedir a morte, & diz que o intento da parte de Deos foi: *Ut posteris daretur exemplum patientiæ ejus, sicut & Sancti Job.* Para que os vindouros

Tob. 4.  
12.

ros

rões tivessem outro exemplo de paciencia em Tobias, assim como os passados os havião tido no Santo Job. Mas Job perdeu a riqueza dos gados de todo o genero, em que era mais rico, & opulento que todos os Orientaes. Job perdeu os filhos, & filhas mortas, & sepultados de hum só golpe no mesmo dia. Job, sendo Rey, perdeu a Coroa, a obediencia dos vassallos, & o uso dos proprios membros cõ tam excessivas dores, sem familia, sem casa, sem cama, no ultimo desamparo, na immundicia, nos ascos, & na summa afronta de hum mulader publico. E se nenhum destes trabalhos padeceo Tobias, como foi a sua tentação, & a sua paciencia semelhante, & de igual exemplo á de Job? Porque o fino da tentação de ambos, & o que mais vivamete lhes penetrou os corações, foi a crueldade, & impiedade de hũa, & outra mulher propria; não só deshuma-

nas contra seus maridos, mas atrevidas, & blasfemas cõtra o mesmo Deos. Não diga logo Tertulliano, nem cuide alguém que disse muito em chamar Evas a todas as que descenderão daquella primeira; porque ainda que foi a causa original de tantos trabalhos, & miserias em seus filhos, foi tam fiel, & demasiadamente amiga de seu marido, que não podendo comer hũa maçã sem lhe dar amerde, ella sem querer o perdeu, & elle querendo se perdeu a si mesmo, por não entristecer, como diz S. Ambrosio, nem se mostrar menos grato às suas delicias: *Ne delicias suas contristet.* S. Amb.

§. VIII.

127 **M**As já he tempo de darmos a razão, porque as mulheres proprias sejaõ, ou possaõ ser mais infestas; como diz Seneca, & mais perniciosas ao homem, q̃ as alheas. Notavel foi a

Genef.  
1. 27.

variedade com que Deos desde o principio, ou deu, ou negou as mulheres aos homens. A Adão deu hũa só mulher: *Masculum, & faminam creavit eos.* A Abrahão, Isaac, & Jacob concedeo depois, como já tinha permitido a Lamech, que tivessem muitas mulheres: Jacob teve quatro, & duas dellas irmãs: David teve mais de vinte: Salomão seu filho só Rainhas, & essas com pompa, & estado Real, sessenta: & finalmente a todos os Hebreos permitio Moysês o libello de repudio, para que deixando hũa pudesse tomar outra: permitião que Christo emendou, restituindo o matrimonio á sua antiga singularidade, & pureza, como fora instituido por Deos em Adão, & Eva. Deste ultimo estado, que he hoje o sómente licito na Ley Christãa, inferirão os Apostolos, que supposto elle, melhor era não casar: *Si ita est causa hominis cum uxore, non expedit nubere.*

Matth.  
19. 10.

Respondeo Christo aprovando o sentimento dos Discipulos, que nem todos o entendião assim: *Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est.* V. 11. Palavras que se todos se conformassem com ellas, se acabaria brevemente o mundo; mas não he elle tal, que mereça tam honrado, & santo fim. Sendo o matrimonio antigamente só contrato, o mesmo Christo o fez Sacramento, para lhe aliviar o pezo, & as pensões com a força, & virtude da sua graça. Mas ainda assim sendo hoje a mulher hũa só, & por isso livre o homem dos inconvenientes de muitas: qual he, ou será a razaõ, ou razões, porque do vinculo do matrimonio forme tantos laços a natureza ao homem, & lhe seja tam difficultoso no matrimonio o guardar a devida fé a hũa mulher, & propria? A familiaridade domestica, o trato continuo, o dominio commum de todos os bens, & o serem como duas

duas almas em hum só corpo, como o mesmo Deos lhes disse: *Erunt duo in carne una*; parece hum concurso de causas, que todas conformemente influem uniaõ, paz, & contentamento: mas de todas, & de cada hũa dellas nasce a mesma difficuldade. O trato domestico, & cõmum de todos os dias descobre pouco, & pouco os defeitos, que causaõ o defagrado. O ser a mulher a mesma sem a variedade que remediava o repudio, he a occasiõ do fastio. Enfastiavaõ-se os Hebreos do Manná, posto q̃ continha todos os sabores; porque sempre viaõ o mesmo: *Nil bil aliud respiciunt oculi nostri nisi Man*. A uniaõ que ao principio do matrimonio eraõ cadeas de ouro, continuadas as faz o tempo de ferro. Com os annos as mesmas cousas deixaõ de ser as mesmas: porque a mocidade se faz velhice, a fermosura fealdade, a saude doenças, & achaques de toda a vida, que na obriga-

ção de se tolerarem, & soffrerem até a morte, saõ hũ cativoiro inseparavel, que só nella tem o fim.

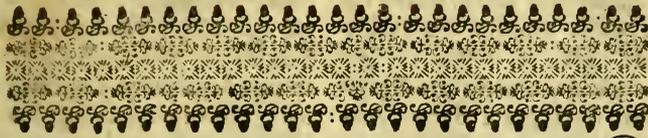
128 Todas estas cousas juntas, & cada hũa per si em hum coração humano, que não he de bronze, fazem nelle por hũa certa força natural, & quasi sem querer a vontade, os mesmos effeitos, que no bronze a continuacão do tempo. E não ha duvida, que de todas estas causas divididas, ou juntas, se compoem aquella fortissima, com q̃ a mulher mais como propria, que como mulher; he taõ perigosa, & pernicioza ao homem: mas sobre todas a principal, & por si só poderosa a fazer toda a differença do nosso problema, he ser a mulher propria licita, & a alhea vedada. O ser Herodias mulher alhea, & vedada por Deos, & por isso illicita, era o que o Baptista pre-gava: *Non licet, non licet tibi*: & como se em lugar destas palavras lhe atearrem o adulterio, o confirmalem

Num.  
11. 6.

Marc.  
6. 8.

massem no motivo cego , & impio do appetite, obedecendo em muitas cousas ao que ouvia , & ensinava o Pregador , nesta só com a mesma amoestação de que era illicita , se endurecia , & obstinava mais. Entre Eva , & Adão em tam poucos dias , ou horas , quantas se conservarão no Paraíso, nenhũa destas causas, que dependem da continuação, & do tempo, teve lugar: mas bastou a prohibição do fruto vedado , sendo hum só , & por vedado illicito , para que fosse mais infosfrível a satisfação , & contentamento daquelle felicissimo estado ; que a licita concessão , & facultade de comerem de todas as outras arvores , sendo a multidão , & a variedade dos gostos dellas quasi infinita. Tal he a fome ; que não pôde suportar o appetite em hum só gosto illicito , & vedado; & tal o fastio, que não pôde evitar a variedade , posto que infinita , de todos os concedidos , & licitos. Isto he o que na mesa de Herodes desde hum prato está prégando a grandes brados a cabeça, & lingua muda do Baptista , prometendo a Filippe, posto que neste mundo offendido, & afrontado , a facilidade da salvação , cõ que no venturoso roubo se vio livre da mulher propria ; & segurando a Herodes , no infelicissimo logro da alhea, a certeza que hoje está experimentando dos tormentos eternos , na differença sómente de ser a mesma mulher , ou licita por propria, ou illicita por alhea.





# S E R M A Õ

DE

## S. ANTONIO,

Na Dominga infra octavam de Corpus Christi , com  
o Santissimo Sacramento exposto , em S. Luis  
do Maranhão, anno de 1653.

Tranf-  
ferio-se  
da festa  
feira  
para o  
Domin-  
go.

*Homo quidam fecit cenam magnam. Luc. 14. 16.*  
*Vos estis sal terræ : Vos estis lux mundi.*  
Matth. 5. 13. 14.

§. I.



129 **A**dmiravel he  
Deos em si mes-  
mo , & admiravel  
em seus Santos ;  
& por estas duas  
razões de admiração  
duas vezes admiravel  
neste grã-de dia.  
David diz que fez

Deos hũa só memoria  
de suas maravilhas ; & eu  
hoje sou obrigado a dizer  
que fez duas. A primeira  
memoria das maravilhas  
de Deos , he o Santissimo  
Sacramento do Altar : *Me-*  
*moriam fecit mirabilium*  
*suorum , escam dedit timen-*  
*tibus se.* A segunda memo-  
ria

*Psal. 110.*

ria de suas maravilhas, he aquella grande maravilha de todas as memórias do mundo, o nosso prodigioso Portuguez Santo Antonio. Ambas estas memórias se vieraõ a enlaçar neste dia. Todas estas maravilhas se vieraõ a encontrar, & acumular nesta festa. E bem era necessaria toda a graça da primeira, & toda a eloquencia da segunda, para satisfazer a tamanhas obrigações. Ora eu prevendo que tinha duas festas para prègar, & querendo reduzi-las, como costume, a hum só discurso, achey-as tão unidas ambas entre si, & os sujeitos dellas tam semelhantes, & parecidos, que mais trabalho me deu o podellas distinguir, que havellas de ajuntar. Se olhava para aquella Custodia, & considerava as maravilhas do Santissimo Sacramento, parecia-me que via as de Santo Antonio: se voltava os olhos, & os punha neste altar, & considerava as maravilhas, & prodigios de

Santo Antonio; parecia-me que estava vendo as do Santissimo Sacramento. E se não fora pelos accidentes, com ser hum sujeito Divino, & outro humano, quasi me podera persuadir que eraõ o mesmo. Elias era mestre, & Elizeu discipulo: Elias era senhor, & Elizeu servo; mas eraõ tam parecidos ambos nas maravilhas, que só na capa se distinguiã. Deu Elias a capa a Elizeu, & ficou Elizeu outro Elias. Assim o notou São João Chrylostomo: *Elias sursum, Elias deorsum*. Não nego que Antonio he servo, & Christo Senhor; não nego que Antonio he discipulo, & Christo Mestre: *Magister, & Domine*: mas Joann. quando olho para aquelle <sup>13. 12.</sup> Elias Divino, & para este Elizeu, posto que humano, vejo-os nas maravilhas tam parecidos, vejo-os nos milagres tam equivocados, que só parece que se distinguem na capa. Se Christo daquelle Sacratio tirára a capa dos acciden-

accidentes, & a lançara sobre Santô Antonio, quasi poderamos adorar nelle outro Sacramento.

130 Outro Sacramêto disse, & melhor dissera o mesmo Sacramento; porque comparadas as maravilhas, que se crem daquella Hostia consagrada, com as maravilhas que se lem, & se vem em S. Antonio, só ha de differença entre hûas, & outras, que na Hostia está o Sacramento com as cortinas cerradas, em S. Antonio está o Sacramento com as cortinas corridas. Na Hostia estão as maravilhas do Sacramento secretas; em S. Antonio estão publicas. Na Hostia estão escondidas, em S. Antonio manifestas. Na Hostia estão encubertas, em S. Antonio patentes. Na Hostia crem-se, & não se vem; em S. Antonio crem-se, & vem-se. Finalmête na Hostia está o Sacramento com cortinas, em S. Antonio sem cortina. O Manná, figura mayor do Sacramen-

to, fóra da Arca do Testamento estava cuberto com a cortina do Sancta Sanctorum, que cubria todo o Propiciatorio; mas dentro da Arca do Testamento não tinha cortina algũa. E quem he a Arca do Testamento? Já o Papa Gregorio IX. disse que era S. Antonio. Só em S. Antonio está o Sacramento sem cortina, só em S. Antonio estão patentes, & descubertas as maravilhas daquelle sacrosanto mysterio. Em qual daquelles altares cuidais que está o Sacramento propriamente exposto? Não está exposto naquelle Altar Mayor, senão neste. Exposto, quer dizer manifesto, & declarado. E o Santissimo Sacramento naquella Custodia está delencerrado sim; mas exposto não; porque não está manifesto, nem declarado. Só onde está S. Antonio, está o Santissimo Sacramento propriamente exposto; porque elle he a exposição, & declaração das maravilhas do

do Santissimo Sacramento. Valhame Deos, quanta coula tenho dito, antes de começar a dizer! Ora por aqui ha de ir o Sermão, seguindo o caminho que nos abriu o Euangelho, posto que parece bem fechado. E pois havemos

de fallar do Mysterio onde de Deos he mais admiravel, & do Santo onde Deos se mostrou mais admiravel, recorramos pela graça à Mãe tambem admiravel, *Mater admirabilis.*  
*Ave Maria*

## §. II.

*Vos estis sal terra : Vos estis lux mundi.*

Luc. 14  
19.

**V**Os fois o sal da terra, vòs fois a luz do mundo. Em dia, em que Deos assenta consigo à mesa os homens : em dia em que os homens renovaão a memoria suavissima da Cea de Christo : *Homo quidam fecit Cœnam magnam*, muito a tempo vem o sal, & muito a tempo a luz : o sal para a mesa, a luz para a cea. Mas estes a tempos só em tempo de Santo Antonio os logrou a Igreja. Em quanto S. Antonio não veyo ao mundo, o Mysterio do Sacramento do Altar era como

mesa sem sal, & como cea sem luz; ( logo direi o porque ) mas depois que S. Antonio sahio ao mundo, & o assombrou, & esclareceo com os prodigios de seus milagres, elle foi o sal daquella mesa : *Vos estis sal*: elle foi a luz daquella cea : *Vos estis lux*. Mas antes que eu diga como isto he, vejo que me dizeis todos que não pôde ser. Dizeis que na mesa do Santissimo Sacramento não pôde haver sal, nem pode haver luz; porque o sal he para o gosto, & a luz para a vista : & no mysterio

rio do Sacramento nem tem lugar o sentido de goftar, nem tem lugar o sentido de ver. Não tem lugar o sentido de goftar; porque comemos o Corpo de Christo, mas não o gostamos. Não tem lugar o sentido de ver; porque comemos o Corpo de Christo, & não o vemos.

132 Na parabola do Euangelho de hoje em q̄ hum Principe chamou convidados para hũa grande cea, que fizera: *Homo qui-dam fecit cenam magnam*, hum dos convidados disse, que não podia vir, & dous escusárao-se. A escula de hum foi: *Fuga boum emi quinq̄, & eo probare illa*: que comprára cinco juntas de boys, & que as hia provar. A escusa do outro foi: *Villam emi, & neesse habeo exire, & videre illam*: que comprára hũa quinta, & que a hia ver. Toda esta historia, como dizem commumente os Santos Padres, he hũa allegoria do que passa no mysterio da Eu-

charistia. E se tomarmos as palavras destes dous Textos assim como loão na nossa lingua, vede que admiravelmente dizem conosco. Hum disse que hia provar: *Eo probare*; outro disse que hia ver: *Neesse habeo videre*; & ambos se escusárao do banquete cõ muito razão; porque na Cea do Santissimo Sacramento quem tem appetite de provar, ou quem tem curiosidade de ver; bem pôde escusar-se de ir lá; porque naquella mesa secretissima, & sacratissima, onde tudo he occulto, & encuberto, não tem lugar o sentido do gosto, que he o que prova; nem tem lugar o sentido da vista, que he o que vê. E como não tem lugar naquella mesa, nem o sentido do gosto, nem o sentido da vista, pelo sentido do gosto fica excluido o sal, & pelo sentido da vista fica excluida a luz.

133 Tudo isto era assim antes de S. Antonio vir ao mundo; mas depois que

que S. Antonio melhorou, & illustrou o mundo com suas maravilhas, já na mesa do Sacramento tem lugar o sal, porque tambem tem lugar o sentido do gosto: já na Cea do Sacramento tem lugar a luz, porque tambem tem lugar o sentido da vista: Antes de S. Antonio apparecer no mundo, era o Sacramento só Mysterio da Fè; mas depois que veyo ao mundo S. Antonio, já o Sacramento he tambem Mysterio dos sentidos. Disputando S. Antonio com hum Herege obstinado sobre a verdade do Sacramento: depois que não valêraõ razões, Escrituras, nem argumentos contra a sua obstinação, veyo a hum partido, que todos sabeis: Que elle fecharia a sua mula tres dias sem lhe dar de comer; que ao cabo delles a traria á presença de S. Antonio, quando estivesse com a Hostia nas mãos, & que se aquelle animal assim faminto deixasse de se arremeçar ao

comer, que elle lhe offercesse, por adorar, & reverenciar a Hostia, elle então creria, que estava nella o Corpo de Christo. Assim o propoz obstinadamente o Herege, & assim o aceitou S. Antonio, não só sobre todas as leys da razaõ, senão ainda parece que contra ellas. O Mysterio da Eucharistia distingue-se de todos os outros mysterios, que confessamos, em ser elle por antonomasia o Mysterio da Fè. Os brutos distinguem-se dos homens, em que os homens governaõ-se pelo entendimento, & os brutos pelos sentidos. Pois se o Santissimo Sacramento he o Mysterio da Fè, como deixa S. Antonio a prova d'elle no testemunho de hum animal, que se governa só pelos sentidos? Porque era S. Antonio. Antes de S. Antonio vir ao mundo, era o Santissimo Sacramento Mysterio só da Fè, & só podia testemunhar nelle o entendimento; mas depois de

de S. Antonio vir ao mundo, ficou o Sacramento mysterio tambem dos sentidos; & por isso podiaõ já os sentidos dar testemunho nelle: bem se vio nos mesmos dous sentidos de gostar, & ver.

134 Amanheceo o dia apazado, veyo a mula faminta, & apoz della toda a Cidade de Tolosa, assim Catholicos, como Heresges, para ver o successo. Posto o bruto á porta da Igreja, apparece S. Antonio com a Hostia consagrada nas mãos; & o Herege com os manjares do campo, naturaes daquelle animal, que tinha prevenidos. Mas, oh poder da Divindade, & Omnipotencia! Por mais que o Herege applicava o comer aos olhos & á boca do bruto, elle como se fora racional, dobrou os pès, dobrou as mãos, & metendo entre ellas a cabeça, com as orelhas baixas, esteve prostrado, & ajoelhado por terra, adorando, & reverenciando a seu Creator. Vede se

dizia eu bem, que S. Antonio he o sal, & a luz da Mesa do Santissimo Sacramento; & sal para o sentido do gosto, & luz para o sentido da vista. O Herege tentava aquelle animal pelo sentido da vista, & pelo sentido do gosto: pelo sentido da vista, pondolhe o comer diante dos olhos: & pelo sentido do gosto, quasi metendolhe o comer na boca. Mas aquelles dous sentidos, posto que irracionaes, estavaõ tam suspensos, & tam satisfeitos no manjar Divino, que tinham presente: o sentido do gosto com tal labor, & o sentido da vista com tal luz, que nem quiz ver com os olhos, nem tocar com a boca o comer, que o Herege lhe offerencia. Confessando porèm a mesma boca, & os mesmos olhos; confessando o mesmo sentido de gostar, & o mesmo sentido de ver, a verdade, & presenca real de Christo no Sacramento. Julgai agora, se he já o Sacramento mysterio dos

H sentidos;

sentidos. Atè agora dizia a Igreja: *Præstet Fides supplementum sensuum defectui*: Supra a Fè o que falta aos sentidos; mas á vista de S. Antonio mude o Hymno, & diga: *Præstet sensus supplementum Fidei defectui*: Supraõ os sentidos o que faltar á Fè: porque, a Fè, que faltou ao Herege, a suprião os sentidos do animal. O gosto laboreado naquella sal: *Vos estis sal*; a vista alumada por aquella luz: *Vos estis lux*.

135 Oh que grande passo este para parar aqui o Sermão á vista deste bruto, & deste Herege! A vista deste Herege, que dirá quem tem nome de Catholico? A vista deste bruto, que dirá quem tem nome de homem? A reverencia do bruto, & a irreverencia do Herege, tudo he confusão nossa. O bruto venera sem conhecer; o Herege não venera, porque não conhece. Se o bruto venera o Santissimo Sacramento sem conhecer, eu que sou homem racio-

nal, que conheço, porque tenho tam pouca reverencia? Se o Herege não venera, porque não conhece, & porque não creê; eu que creyo, & que conheço, porque tenho tam pouca reverencia? Ah Portugal! Ah Espanha! que por este peccado te castiga Deos. Quem vio os templos dos Hereges, & o silencio, & respeito, q̄ nelles se guarda, póde chorar mais esta miseria. Nos templos dos Hereges, ainda que exterior, ha reverencia, & falta o Sacramento; nos Templos de muitos Catholicos, ha o Sacramento, & falta a reverencia. Vede qual he mayor intelicidade! Os dous sentidos, que no bruto mostráão mayor reverencia, são os que em nós mostráão mayor devassidaõ. Os olhos, onde está o sentido do ver, a lingua, onde está o sentido do gostar, que he o que fazem na presença do Santissimo Sacramento? Que he o que falláõ aquellas linguas sacrilegas, quando deveráõ

deverão venerar aquelle Sacramento com a Oraçãõ, & com o silencio? Que he o que olhaõ, & para onde, aquelles olhos inquietos, & loucos, quando deverãõ estar enlevados naquella Hostia de amor, ou prègados na terra, de modestia, & de confusãõ. Que fazeis ó Divino sal, & Divina luz do Sacramento? Saboreai como sal estas linguas; alumiai como luz estes depravados olhos. Sarai estas linguas, como sal; posto que linguas tam sacrilegas, mais mereciãõ salmouradas: alumiai estes olhos como luz; posto que olhos tam descompostos, mais mereciãõ ser cegos.

## §. III.

136 **M**As vamos vêdo as maravilhas do Sacramento ao sabor deste sal, & ao resplendor desta luz, & veremos quam mercedamente demos a S. Antonio o titulo de sal, & luz desta mesa:

*Vos estis sal: vos estis lux.* A primeira maravilha do mysterio do Sacramento he, que estando Christo verdadeira, & realmente no Ceo, esteja por milagre natural deste mysterio, tambem verdadeira, & realmente na terra, & não só em hum lugar da terra, senão em muitos lugares, sendo hum só, & o mesmo. Isto era o de que se affombrava antigamente o entendimento, & que era necessario á Fè animar-se, & esforçar-se muito para o crer. Mas depois que S. Antonio veyo ao mundo, já o confessãõ, & o sabem atè os sentidos. Duas vezes estava S. Antonio prègando, quando lhe occorreo, que tinha àquella hora obrigaçãõ de officio no Coro da sua Religião, & inclinando-se sobre o Pulpito, como quem dormia, no mesmo tempo foi visto, & ouvido no Coro cântar o que lhe tocava. Tambem estava outras duas vezes prègando em Italia, ( como quem o tinha por

H ij exerciç

exercício de cada dia ) quando seu pay em Lisboa se vio em dous grandes trabalhos, hum de fazenda, outro de vida. Torna-se a inclinar sobre o Pulpito o milagroso Prêgador, & piedoso filho, & no mesmo tempo apparece ao lado do pay, defendendo sua innocencia, & livrando-o daquellas duas injustiças, que tam antigas são, não só naquelle Reyno. Pois he certo, que por injustiças tira Deos os Reynos a hûas Nações, & os passa a outras: *Regnum à gente in gentem transfertur, propter injustitias.* Mas deixemos de chorar as calamidades dos Portuguezes, & tornemos ás glorias daquelle grande Portuguez, cujas maravilhas chegaõ a fazer menos admiraveis as do mysterio mais admiravel, & a tirar o merecimento á Fè, pela evidencia dos sentidos. Se os olhos vem que Antonio está em Italia, & em Espanha, em Padua, & em Lisboa, no Pulpito, &

no Coro; dentro da sua Religião, & fóra della; que muito he que crea a Fè, que está o mesmo Christo em diferentes Provincias, em diferentes Cidades, em diferentes Igrejas, & ainda na mesma Igreja em diferentes Altares? Se estas maravilhas obrou a Omnipotencia de Deos no servo, que muito que as obrasse no Filho?

137 Mas satisfaçamos a hûa duvida curiosa, que com razão pôde vir a todos, neste modo de milagres de S. Antonio. Todas as vezes que S. Antonio esteve no mesmo tempo em diferentes lugares, porque razão se inclinava, como dormindo, sobre o Pulpito? He certo entre os Filósofos, que supposto o primeiro milagre de estar hum homem presente em dous lugares, pôde em ambos elles obrar differêtes acções. E he Filosofia esta provada com a experiencia em S. Francisco Xavier, o qual navegando nos mares da India, &

desappa-

desaparecendo o batel da Nao com sete homens por elpaço de tres dias , estava o Santo na Nao , & mais no batel , & em ambas as partes fallava , & obrava tudo , o que era necessario para o remedio dos perdidos. Pois se S. Antonio podia estar prégando no Pulpito , & mais cantando no Coro ; se S. Antonio podia estar prégando em Italia , & mais avogando por seu pay em Portugal ; porque razão quando estava fallando , & acordado em hũa parte , estava sempre callado , & como dormindo na outra ? Porque S. Antonio nestes mil-gres obrava ao modo de Christo no Sacramento ; & Christo no Sacramento está dormindo. *Comedite amici , & bibite , & inebriamini charissimi : ego dormio , & cor meum vigilat* : Comei amigos , bebei carissimos , que eu durmio. Este Texto entende S. Bernando , & S. Gregorio Nisseno do Santissimo Sacramento , & bem o provaõ as palavras :

Tom. 12.

antercedentes : *Comedite , & bibite*. Diz pois Christo , que comaõ , & que bebaõ : & he de advertir , que aos que manda comer , chama amigos : *Comedite amici* ; & aos que manda beber , chama carissimos : *Bibite , & inebriamini charissimi* ; porque neste Sacramento nê todos os que tem licença para comer , & cômungar a Hostia , tem tambem authoridade para beber o Caliz. Os que tem licença para comer , são os leigos , & a estes chamalhes amigos ; porque todos os que haõ de cômungar , tem obrigação de ser amigos : & por isso antes do Sacramento da Communhaõ precede o da Penitencia , em que nos reconciliamos com Deos , & nos fazemos seus amigos. E os que tem authoridade para tambem beber , são os Sacerdotes , & a estes chamalhes carissimos ; porque para os Sacerdotes tomarem o caliz , não só he necessario que tenhaõ com Deos qualquer amizade , senão hũa

H iij      ami-

amizade muito particular, muito familiar, & muito affectuosa. Mas não está aqui a duvida. O que faz a difficuldade, são as palavras que se seguem : *Ego dormio , & cor meum vigilat*. Bebei amigos , & comei carissimos : eu durmo , & o meu coração vigia. Que consequencia he dizer que comão sua carne , & bebaõ seu sangue , & acrescentar logo que dorme : *Ego dormio* ? Muito grande consequencia, porque Christo no Sacramento está dormindo. Ora vede.

138 Hum homem dormindo, & acordado distingue-se, em que o homem acordado tem uso de seus sentidos ; & o que está dormindo , tem sentidos , mas não tem uso delles. Assim está Christo no Ceo , & no Sacraméto. No Ceo tem o uso dos sentidos, falla , vê , ouve , com os sentidos corporaes. No Sacramento tem os sentidos tam perfeitos , como no Ceo ; mas não tem o uso

delles. E a razão hê , como dizem os Theologos ; porque como Christo está na Hostia pelo modo sacramental , a que chamaõ *Ubi definitivo*, todo em todo, & todo em qualquer parte , não tem a organização dos sentidos , & extensão , que haõ mister, para obrar. E como Christo no Sacramento não tem uso dos sentidos , com toda a propriedade se diz , que está dormindo debaixo da cortina dos accidentes : *Ego dormio*. E acrescenta : *Et cor meum vigilat* : que ainda q dorme com os olhos , vigia com o coração , porque ainda que Christo no Sacramento nos não vê cõ os olhos exteriores do Corpo , estános vendo , & vigiando sempre com os olhos interiores da Alma , & da Divindade. Ah Christãos , que se daquella Hostia não só nos está Christo vendo , mas vigiando , vede lá como estais nas Igrejas ! E como S. Antonio era hum Santo Eucharístico , hum Santo em que

Deos

Deos depositou as maravilhas do Sacramento, por isso, quando milagrosamente se punha em dous lugares, em hum tinha o uso dos sentidos, como Christo no Ceo; em outro estava dormindo, como Christo no Sacramento: *Ego dormio*. Estes foraõ os primeiros fadores, que gostarãõ os sentidos daquelle sal: estes os primeiros resplandores, que recebẽrãõ daquelle luz: *Vos estis sal: vos estis lux*: mas não foraõ só estes.

## §. IV.

139 **O** Utra grande maravilha do Santissimo Sacramento he, que no dia do Juizo todos havemos de resuscitar em virtude sua. No dia do Juizo haõ de resuscitar todos os nossos corpos, tam perfeitos, & inteiros, como hoje vivem. E queni ha de dar esta virtude de resuscitar a tantos corpos depois de feitos, ou destei-

tos em cinzã? O Corpo de Christo sacramentado, q̄ cõmungamos. Assim o disse, & prometeo o mesmo Senhor: *Qui manducat*

*meam carnem, & bibit* <sup>Joann. 6.55.</sup>

*meum sanguinem, habet vitam eternam, & ego resuscitabo eum in novissimo die.*

Entendẽrãõ-no tanto assim os Christãos da primitiva Igreja, que costumavaõ enterrar os defuntos, huns com o Santissimo Sacramento nõ peito, outros na boca, em fe, ou esperança de que por virtude daquelle Divino Sacramento haviaõ de resuscitar todos. Donde judiciosamẽte Tertulliano chamou ao Divino Sacramento, *Semen resurrectionis*, Semen da resurreiçãõ; porque o mesmo he cõmungar, que semear cada hum de nõs dentro em si mesmo aquella virtude Divina; & omnipotente, que no dia do Juizo nos hade tirar outra vez da terra vivos, renascidos, & resuscitados.

140 Isto se vio clara-  
H iij mente

Matth.  
27. 52.  
53.

mente no sepulcro de Christo. Diz o Evangelista que se abriuã entã as sepulturas, & que resuscitãrãõ, & foraõ vistos em Jerusalem muitos corpos de Santos: *Monumenta aperta sunt, & multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt; & venerunt in Sanctam Civitatem, & apparuerunt multis.* Pois se resuscitãrãõ, porque não resuscitãrãõ no dia da Resurreiçãõ de Christo, senão no da sua sepultura? Porque no da sua sepultura foi seu Corpo Santissimo lançado à terra, & como semeado; & sendo, como diz Tertulliano, *Semen resurrectionis*, entãõ naturalmente, como effeito, ou fruto natural, sabiraõ logo muitos resuscitados, sem esperarem pelo dia da Resurreiçãõ: não resuscitando, porque Christo resuscitou; senão porque seu Corpo Santissimo (passemos de hũa metâfora a outra) foi entãõ comido, & commungado. Eu, diz o mesmo

Senhor, estarei três dias no coraçãõ da terra, assim como esteve outros tantos Jonas no ventre da Balea: *Sicut fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus, sic erit filius hominis in corde terrae.* De maneira que no mesmo tempo esteve Christo sepultado, & comido: sepultado no coraçãõ da terra tres dias, em respeito de sua Resurreiçãõ, que foi ao terceiro dia depois de resuscitado; & comido, como Jonas no ventre da Balea, em respeito da nossa resurreiçãõ futura, que hade ser no dia do Juizo, depois de comido por nós, & commungado: *Qui manducat meam carnem, habet vitam eternam, & ego resuscitabo eum in novissimo die.* Assim o notãrãõ, sobre o mesmo Texto, com breve, & admiravel propriedade, S. Jeronymo, dizendo: *Monumenta aperta sunt in signum futurae resurrectionis*: & com mayor largueza de todo o sentido universal, Santo Ambrosio:

Matth.  
12. 40

D. Hier.

Ambr.  
lib. 10.

zio : *Monumentorum reseratio quid aliud , nisi claustris mortis effractis , resurrectionem significat mortuorum ?* O mesmo confirmao S Hilario , Beda , Theofilacto , & Ruperto.

141 Com isto ser affirm , & o prometer Christo tam claramente , houve muitos , que negaó esta verdade ao Santissimo Sacramento , não só daquelles Hereges , que negaó o Sacramento , nem só daquelles , que negaó a resurreiçáo ; mas de outros , que confessando a resurreiçáo , & o Sacramento , não querem entender , que a resurreiçáo haja de ser por virtude sua. Porém depois que S. Antonio sahio ao mundo , & o alumiou com os rayos de sua luz , não são necessarios argumentos para provar , & facilitar esta verdade ; bastaó os sentidos , que o experimentaráo , para o persuadir. Assim como no dia do Juizo haó de resuscitar os mortos de todas as quatro par-

tes do mundo , & de todos os elementos , & de todos os generos de mortes : assim S. Antonio , como se a sua voz tivesse a virtude da trombeta do Anjo , que se ha de ouvir no dia do Juizo , não ha parte do mundo , nem elemento , nem genero de morte , de que não tenha resuscitado muitos : huns afogados no mar , outros abrazados no fogo , outros despedaçados no ar , outros sepultados na terra : huns de mortes naturaes , outros de mortes violentas : huns de mortes dilatadas , outros de mortes repentinas. Em fim , não houve genero , nem inveniçáo de morte , de que S. Antonio não tenha resuscitado muitas vidas. Pois se a voz de S. Antonio , se o toque de suas mãos , se a applicaçáo de suas reliquias resuscita tantos mortos ; que muito faz a Fè em crer , que o Corpo de Christo ; ou Christo com todo o Corpo fará o mesmo ? Basta o aceno de hum dedo de Antonio

tonio para resuscitar mortos ; & a virtude de todo o Corpo de Christo não os resuscitará, tendo-o prometido ?

142 Só dirá algum incredulo , ( que isto de resurreições tem muitos ) dirá algum incredulo , que não se faz bom argumento das resurreições do tempo de S. Antonio para ás resurreições do dia do Juizo ; porque muito mayor maravilha he resuscitar hum homem depois de muitos centos de annos morto, do que resuscitalo quando acaba de morrer. Não arguis bem. Tanto obra he da Omnipotencia resuscitar hum morto de hum dia , como hum morto de cem annos. E se de hũa resurreição a outra ha algũa ventagem , mayor maravilha he resuscitar hum morto de hum dia , que hum morto de muitos annos. Christo resuscitou tres mortos , Lazaro , o filho da Viuva de Naim , & a filha de Principe Jayro. A filha do

Principe Jayro era morta de poucas horas , porque ainda estava na cama : o filho da Viuva era morto de mais tempo , porque já hia na tumba a enterrar : Lazaro era morto de muito mais tempo ainda , porque já estava sepultado , & penetrado da corrupção. E qual resurreição destas foi mais famosa , & admirada ? a do sepultado de muitos dias ? a do que hia na tumba a enterrar ? ou a da que estava ainda na cama , onde tinha espirado ? O mesmo Evangelista o notou , escrevendo só desta ultima resurreição : *Exiit fama hæc in univ-* Matth. 9. 26.  
*sam terram illam.* Desorte, que quanto a morte era de menos tempo , tanto mais celebrada foi a resurreição. Tomai a razão por hum exemplo. Se hum Rey tomou hũa Cidade a outro Rey , qual he mayor maravilha , tornarlha a tomar dahi a dez , ou vinte annos , ou tomarlha outra vez no mesmo dia ? Não ha duvida que esta. Assim  
o entenç

o entendeo David, como grande Capitaõ, da vitoria, & despojos de Siceleg, os quaes tornou a recuperar no mesmo dia em que lhos tinhaõ tornado os Amalecitas, dizendo, & aclamando todos: Esta sim, que he vitoria digna de David: *Dixeruntque, hac est prada David.* Tal foi tambem a de Abrahaõ, vencendo na mesma noite os quatro Reys Genticos vencedores, descativando a Lot, & tornandolhes a tomar todos os despojos da vitoria, que tinhaõ alcançado naquelle dia. Emfim que em serem os mortos resuscitados depois de mais, ou menos tempo, se ha differença, ou vantagem, a tem só aquellas resurreições, em que os mortos são tirados, & como arrancados das mãos da mesma morte, quando ainda as tem ensanguentadas, & mal acaba de os despojar da vida. Assim q̄ por esta parte não tem q̄ se negar ás resurreições de S. Antonio as consequen-

cias que dellas tiraõ os sentidos, para as do Santissimo Sacramento no dia do Juizo.

143 A difficuldade, que tem este ponto, he a que eu agora direi. No dia do Juizo he certo que haõ de resuscitar todos; mas he tambem certo, que não commungaráõ todos; porque não commungaráõ os meninos, nem os Hereges, nem os Genticos, nem os que foraõ antes da vinda de Christo. Logo não havemos de resuscitar todos no dia do Juizo em virtude do Santissimo Sacramento, que cõmungamos. Nego a consequencia; porque basta que o merecimento do beneficio esteja em alguns, para que Christo sacramentado o communique a muitos; assim disse aos Apostolos, que eraõ sómente alguns, que o mesmo caliz, que se dava a elles, se communicaria a muitos: *Qui pro vobis, & pro multis effundetur.* Antes he tal a liberdade de Christo no Sacramento,

Matth-  
26. 28.  
Luc. 22.  
20.

I. Reg.  
30. 20.

Gencl.  
14.

cramento ; que basta, que seja devido o beneficio a hum , para que o estenda a todos. Por isso os Theologes com S. João Chrysostomo chamaõ ao mesmo Sacramento extensaõ da Encarnaçãõ ; porque a Divindade communicada na Encarnaçãõ a hũa só humanidade , no Sacramento a estende Christo , & communica a todos os homens : *In me manet , & ego in illo* ; & assim o fez S. Antonio no mesmo genero de resurreiçãõ. Andavaõ folgando em hum rio de Italia dez meninos, arrebatou-os a corrente , & morreraõ todos. Hum pay , porque tinha recebido o seu por oraçõs de S. Antonio, veyo pedir ao Santo , que lhe tornasse a dar o seu filho. Estava nesta oraçãõ , quando entraõ dançando pela Igreja , não só aquelle menino , senão os outros nove resuscitados. Pois se hum só era o por quem se orou , como resuscita S. Antonio a todos ? Porque basta que ha-

ja merecimento em algũ , para que S. Antonio , ao modo do Santissimo Sacramento , estenda o beneficio a todos. Assim estendeo aqui a resurreiçãõ a todos os dez meninos mortos , sendo que a oraçãõ do pay para hum só a pedia. E se isto viraõ os olhos em S. Antonio ; porque o não cretã a Fè no Santissimo Sacramento ? Crea-o a Fè , & ajude-se, se lhe he necessario , dos sentidos , que saboreados , & alumados com estas maravilhas , publicaõ que he S. Antonio o sal , & a luz daquella mesa : *Vos estis sal : vos estis lux.*

§. V.

144 **O** Utra maravilha se cre vulgadamente do Santissimo Sacramento , em que he mais necessario o sal , & a luz , porque verdadeiramente he tal que não só causa algum dissbor ao gosto , & grande horror á vista , senão ainda à imaginaçãõ.

ginação. Não de balde era  
ceremonia da cea do Cor-  
deiro , figura deste Divi-  
no Sacramento, que se co-  
messem com elle algũas  
amarguras : *Cum lætucis*  
*agrestibus*. E que amargu-  
ra , que disflabor , que hor-  
ror he este do Santissimo  
Sacramento ? He amargu-  
ra misturada com doçura ;  
mas amargura em fim , &  
grande amargura : *Mors*  
*est malis , vita bonis*. Com  
este manjar ser vida para  
huns , he morte para ou-  
tros. Aquella Hostia , que  
recebemos , he hum papel  
fechado , em que vem es-  
crita a nossa sentença , ou  
de vida, ou de morte. Ve-  
de se pôde haver meza  
mais temerosa que esta.  
Na meza da Proposição  
havia huns paens, que esta-  
vão diante do Propiciato-  
rio , os quaes no Texto  
Hebreo se chamaõ , *Panes*  
*facierum* , Paens de faces.  
Tal he o paõ do Sacramẽ-  
to do Altar , paõ de duas  
faces : hũa benigna , outra  
temerosa : hũa amavel, ou-  
tra terrivel : hũa de miseri-

cordia , oũtrã de justiça :  
hũa de vida, outra de mor-  
te. E paõ , que de hũa face  
me convida com a vida, de  
outra me ameaça com a  
morte : paõ , que sendo  
triaga , pôde ser veneno ,  
& não sei se me ha de dar  
laude, ou me ha de matar ;  
vede se pôde parecer defa-  
brido.

145 Mas sabeis por-  
que attribuis àquella meza  
estes disflabores ? He por-  
que comeis aquelle paõ  
sem o seu sal , & porque  
vos chegais àquella Cea  
sem a sua luz , que he S.  
Antonio. Tocai esse paõ  
naquelle sal ; & vede-o  
àquella luz , & logo co-  
nhecereis , que Christo nõ  
Sacramẽto sempre he paõ  
de vida , & nunca de mor-  
te. Hia o pay de S. Anto-  
nio a justiça com senten-  
ça diffinitiva de morte, por  
se lhe imputar que havia  
tirado a outro homem a  
vida : & quando hia pas-  
sando junto á Sè de Lis-  
boa , apparece no Adro  
della S. Antonio , pede á  
justiça que pare , manda  
abrig

abrir a sepultúra ; onde estava sepultado o morto : dizlhe o Santo que se levante , & que testemunhe diãte de todos, se era aquelle homem o que o matára. Levantou-se o morto com affombro de todos, & disse que não era aquelle homem o seu matador. Então replicarão as justiças a S. Antonio , que lhe perguntasse quem era o matador ; mas o Santo respondeu , que elle viera dar vida ao innocente , & não dar morte a culpados. Pois se S. Antonio , quando vem dar vida , tem por acção indigna de sua pessoa , dar tambem morte , ainda que a vida seja a bons , & a morte a máos ; porque havemos nós de cuidar , que Christo no Sacramento seja morte dos máos , quando he vida dos bons ? Não ha tal cousa. Christo sempre he vida , & nunca morte. He verdade que quando chegamos a cômungar ; ( & isto he só o que quer dizer S. Thomás , & a Igreja ; q̄

por isso eū dizia ; que S. Antonio he exposiçõ do Sacramento ) he verdade que quando chegamos a cômungar , os bons recebem vida , & os máos encorrem morte : mas dessa morte não he causa o Sacramento. Os bons recebem a vida , porque o Sacramêto lha dá ; os máos recebem a morte , porque elles mesmos se mataõ a si. Deforte , que da vida que recebem os bons , não são causa os bons , senão o Sacramento ; & da morte , que encorrem os máos , não he causa o Sacramento , senão os máos.

146 Amanhece a brãca flor chea do orvalho doce , que destillou nella a Aurora , chega a beber a abelha , & leva mel ; chega a beber a aranha , & leva veneno. Mas donde nasce este veneno , & este mel ? O mel não nasceo da abelha , senão da flor ; o veneno não nasceo da flor , senão da aranha. Nem mais , nem menos ; está aquelle Sacramento feito hum favo

vo de vida, & de doçura. Chega o justo, & chega o peccador áquelle manjar Divino: o justo leva vida: *Vita bonis*; o peccador leva morte: *Mors est malis*. Mas donde nasceo esta morte, & esta vida? A vida não nasceo do Justo, senão do Sacramento; & a morte não nasceo do Sacramento, senão do peccador. Deserte que o Santissimo Sacramento sempre para todos he vida; & nunca morte.

147 E senão; diga-o o melmo Christo: Lede o Capitulo texto de S. João, que he onde Christo falla do Sacramento, & achareis que nove vezes le chama pão de vida: *Panis enim Dei est, qui de caelo descendit, & dat vitam mundo; Ego sum panis vitae: Ego sum panis vivus, qui de caelo descendit: Panis quem ego dabo, Caro mea est pro mundi vita: Si quis manducaverit ex hoc pane vivet in aeternum: Nisi manducaveritis Carnem filii hominis, non habebitis vitam: Qui*

*manducat meam Carnem; & bibit meum Sanguinem, habet vitam aeternam: Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem: Et qui manducat me, & ipse vivet propter me: Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum.* Pois se Christo diz nove vezes que he pão de vida, porque não diz hũa vez que he pão de morte? Porque Christo he summa Verdade, & não podia dizer o que não era. Disse tantas vezes, que era pão de vida; porque dá vida: não disse que era pão de morte, porque não da morte. O que sómente disse acerca da morte foi, que era pão de não morte: *Hic est panis, qui de caelo descendit, ut si quis ex ipso manducet, non moriatur: Non sicut manducaverunt Patres vestri Manna, & mortui sunt.* Tam longe está aquelle Divino Mysterio de dar vida, & morte, que antes o fim, para que foi instituido, he para dar vida, & para impedir a morte: *Ut si quis ex ipso manducet,*

cet, non moriatur. Bem assim como neste calo fez S. Antonio, o qual ao morto, que resuscitou, deu vida, & ao pay, que hia para morrer, impedio a morte. Podendo dizer com galharda applicação: *Ego vivo propter Patrē, & ipse vivet propter me.* Vede agora se fica bem clara aquella mal entendida verdade, á vista daquella luz: *Vos estis lux.* Vede se fica bem saboreado aquelle mal entendido dislabor, á vista daquelle sal: *Vos estis sal.*

## §. VI.

148 **F**inalmente por-  
que não nos de-  
tenhamos mais, grande  
maravilha he do Santissimo  
Sacramento, que sendo  
Carne, seja meyo para  
Deos communicar espiri-  
to: *Ego sum panis vivus;*  
*Verba, quae ego locutus sum*  
*vobis, spiritus & vita sunt.*  
Grande maravilha do Santissimo  
Sacramento, que  
sendo Carne, seja remedio  
contra as tentações da car-

Joann.

6.51.64

ne, & faça os homens castos, & puros: *Fruentum Zachat. elektorum, & vinum ger. 9. 17. minans virgines.* Grande maravilha he do Santissimo Sacramento, que sendo Carne, que tanto cega, & precipita o entendimento, seja paõ que dá juizo, que dá cifo, & entendimento: *Cibavit illum pane vitae, & intellectus.* Mas que muito he, que a Fè crea todas estas maravilhas de Christo Sacramento, se os sentidos as vem em S. Antonio? Que muito, que o Santissimo Sacramento faça estes milagres com a substancia, se S. Antonio os faz com os accidentes? Todas estas maravilhas, que faz o Sacramento, não as faz com os accidentes de paõ, senão com a substancia do Corpo de Christo. Mas estas mesmas maravilhas fallas S. Antonio, não com a substancia, se não com os accidentes de seu Corpo. Se a Carne de Christo no Sacramento dá espirito, S. Antonio só com hum altopro, por ser alento

Ecclef.  
15. 3.

to da sua carne, deu espirito. Estava hum Noviço tentado a deixar a Religião, assoproulhe S. Antonio no rosto, dizendo: *Accipe Spiritum Sanctum*; & ficou confirmado na vocação. Se a carne de Christo no Sacramento he remedio contra as tentações, & appetites da carne; a Tunica de S. Antonio, por ser tocada na sua, tirou as tentações da carne. Era hum Religioso muy molestado de tentações deshonestas, deulhe S. Antonio a sua Tunica, para que a vestisse, & no ponto que a vestio, não sentio mais tentação. Se a Carne de Christo no Sacramento dá juizo, & entendimento; o Cordão de S. Antonio, por cingir có elle a sua carne, deu juizo, & entendimento. Estando o Santo prégando, havia na Igreja hum doudo, que inquietava o auditorio; lançoulhe o Santo o seu Cordão ao pescoço, & no mesmo ponto recuperou o entendimento, & ficou se-

Tom. 12.

sudo. Quem não dirá, á vista desta semelhança de maravilhas, que he S. Antonio hum Santo sacramentado? Pois ainda falta a mais admirável de todas.

149 A mais admirável de todas as maravilhas do Santissimo Sacramento he, que dentro de hũa quantidade tam pequena esteja toda a Humanidade, & Divindade de Christo, & que estejaõ estas grãdezas tam grandes, escondidas, & tam encubertas, q̄ de nenhum modo appareção; nem se possaõ ver, nem sentir; *In Cruce latebat sola Deitas, at t̄c latet simul & humanitas*, diz S. Thomás. Mais disfarçado, & mais encuberto está Deos no Sacramento, do que esteve na Cruz; porque na Cruz esteve escondida a Divindade, mas a Humanidade esteve patente. No Sacramento a Humanidade, & Divindade, tudo está escondido. Em S. Antonio, (não o quero dizer com nome tam grande) naquelle Fradinho

I Menor,

Menor, que alli vedes, havia grandes grandezas humanas, & grandes grãdezas Divinas. As grandezas Divinas eraõ as suas virtudes; as grandezas humanas eraõ as suas letras, & a sua sciencia admiravel. E todas estas grandezas, não só estavaõ reduzidas, & resumidas a hum fugeito tam pequeno, mas estavaõ tam encubertas, tam escondidas, & tam sumidas dentro nelle, que ( em quanto Deos as não descobrio ) nenhum sentido humano as podia conhecer, nem descobrir, nem ainda conjecturar. Veyo S. Antonio ao Capitulo Geral, que celebrava em Alfiz o Padre S. Francisco, & acabado o Capitulo, repartiraõ-se os Prelados por todas as Provincias da Christandade, pedindo cada hum os Religiosos, que lhe parecia os podia ajudar. No cabo ficou só o Santo engeitado, & desestimado de todos, porque ninguem o quiz levar comfigo. Vede quem he o

mundo, ainda onde não ha, nem devia haver mundo, que he a Religiaõ! Mas isto não he maravilha nos homens; em S. Antonio o foi, & a mayor de todas. Se em S. Antonio se conheceraõ suas virtudes, he certo que todos o haviaõ de querer levar por Santo: se em S. Antonio se conheceraõ as suas letras, he certo que todos o haviaõ de querer levar por letrado. Mas estavaõ estas maravilhas todas tam sumidas, & escondidas em S. Antonio, que sendo tam letrado, parecia idiota; sendo tam grande Santo, não parecia virtuoso.

150 O que mais me admira neste caso he, que nem S. Francisco conhecesse o que nelle havia. Que os outros Religiosos o não conhecessem, ainda que muitos eraõ Santos, passe; mas S. Francisco, aquelle Serafim, que não penetrasse o que estava escondido em S. Antonio! Daqui infiro eu, que foubecobrir S. Antonio as suas

suas maravilhas muito mais, do que Christo no Sacramento encobrio as suas. Provo: porque as maravilhas, que estão encerradas no Sacramêto, via-as muito bem S. Francisco. E quando S. Francisco cõ os seus olhos de Serafim pode ver, & penetrar as maravilhas que estão escondidas no Sacramento, não pode ver, nem penetrar as maravilhas q̄ estavaõ escondidas em S. Antonio. E porque? Porque as de S. Antonio estão mais escondidas. Julgai agora se he S. Antonio sal, & luz da Mesa do Santissimo Sacramento. Sal, pois provado em si, a nenhũa coufa sabe, senão a Sacramento: *Vos estis sal*: Luz, porque visto o Sacramento nelle, tudo o que ha no Sacramento fica alumiado, & descoberto: *Vos estis lux*.

¶ VII

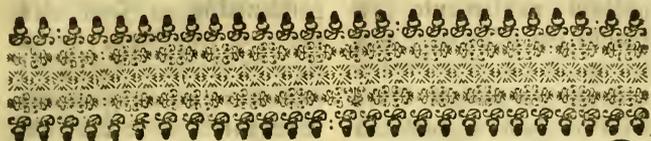
151 **M**Ais tinha que ir por diante;

mas acabo cõ pedir a todos com todo o affecto, que devemos a este nosso Santo, & que nõs devemos a nõs mesmos, que pois Deos o fez tam maravilhoso, que fazamos tambem noslas as suas maravilhas. Aproveitemonos dellas, & não as desperdicemos. Muitos cuidaõ, que se aproveitaõ das maravilhas de S. Antonio, empregando a valia deste Santo para o remedio das couias téporaes, & isto he desperdiçallas. Se vos adoece o filho, Santo Antonio; se vos foge o escravo, Santo Antonio; se mandais a encomenda, Santo Antonio; se esperais o retorno, Santo Antonio; se requereis o despacho, Santo Antonio; se aguardais a sentença, Santo Antonio; se perdeis a menos miudeza de vossa casa, Santo Antonio; & tal vez se quereis os bens da alhea, Santo Antonio. Homem houve no Maranhão, menos ha de cinco annos, que tendo induzidas duas te-

Iij fimu;

stimunhas para lhe jurarem falso em materia de liberdade, ou cativoiro, no dia em que houverão de jurar, mandou dizer hũa Missa a S. Antonio, para q̄ jurassem contra a verdade; & porque juráráo como hiaõ instruhidos, veyo o pleiteante a esta mesma Igreja dar as graças ao Santissimo Sacramento, & a S. Antonio. Ha tal barbaria como esta? Ha tal maldade? Basta monstro do inferno, indigno do caracter de Christão, & do nome de homem, que não contente de roubar a liberdade a estas duas creaturas mais livres, que tu, pois não nascêraõ como tu, vassallos do teu Rey, a primeira liçãõ q̄ lhes dêste da doutrina Christãa, foi ensinarlhes a dizer em juizo hum falso testimonho contra si mesmos, sugeitando-se a si, & a toda a lua descendencia a perpetuo cativoiro; & para fazeres a Deos complice

nesta tua maldade, lhe offereceste o sacrificio do Corpo, & Sangue de feu Filho, & tomaste por medianoiro desta perdiçãõ de tua alma o Santo, a quem o mesmo Deos deu o officio de reparar todas as perdidas! Mas para que saiba o mundo, & tome exemplo neste tam escandaloso caso do rigor, com que o castigou a Divina justiça, andando o mesmo homem á caça de cativoiro de Indios no riodas Amazonas, elles lhe tiráráo a vida ás frechadas, morrendo sem Sacerdote, nem Sacramentos, com tam pouca esperança de sua salvaçãõ, antes com manifesta, & clara evidencia da condemnaçãõ eterna aquelle, que não só com tal cubiça, injustiça, & crueldade, mas com hum sacrilegio tam estolido, inaudito, & barbaro, tinha abusado impiamente do Santo, & do Santissimo.



# SERMÃO

DA QUARTA DOMINGA DA

## QVARESMA,

Na Igreja da Conceição da Praya da Babia, o primeiro que prègou na Cidade o Author antes de ser Sacerdote, anno de 1633.

---

*Colligite quæ Superaverunt fragmenta, ne pereant.*  
Joann. 6.

§. 1.



152 **O**mo, he uso antigo, & sempre praticado na guerra depois das batalhas, principalmête vitoriosas, tocar a recolher os exercitos, para que descancem os soldados, & sejaõ vistos, como em triũfo, & conhecidos os ven-

Tom. 12.

cedores: assim o General supremo da Igreja Militante manda hoje a seus Apostolos, que recolhaõ as reliquias, & fragmentos dos cinco pães, que venderaõ, para que se não perca no esquecimento a memoria de tam illustre combate: *Colligite quæ Superaverunt fragmenta, ne pereant.* Este he com novo, & sublime

Joann. 6. 12.

sublime pensamento, o sentido das palavras, que propuz, & este o primeiro reparo, que podem fazer nelle os doutos, por não dizer os criticos. A palavra, *superaverunt*, té igualmente dous sentidos naturaes: quando se falla de batalha, significa vencer; & quando de banquete, ou convite, que he a materia do presente Evangelho, quer dizer, sobejar: logo, fallando com propriedade, parece que havia eu de dizer, sobejáraõ, & não, vencêraõ. Esta replica pede hũa razaõ; eu a satisfarei com duas. Hũa das mayores escolas de Marte, que hoje tem o mundo, he a nossa Bahia; & porque o Mestre unico desta bem exercitada milicia, sobre querer authorizar com sua illustrissima preferença o auditorio, advertio que sendo o dia de banquete, fossem proporcionadas as iguarias; que outra proporçaõ lhe podia eu achar mais accõmodada aos ouvidos tam

costumados ao som das caxas, & trombetas, senão fazellas tambem bellicas, marciaes, & de guerra? Taes foraõ as vozes com que o Profeta Izaías, tendo ElRey Balthazar convidado a mil Principes do seu Império, lhes tocou não esperadamente a rebate, & que trocassẽ os pratos com os escudos: *Comedentes, & bibentes: surgite Principes, arripite clypeum.*

153 Esta he a primeira razaõ, com que não pôde deixar a minha obediencia de responder ao favor do offercimento, que em todas as leys da cortezia devia eu aceitar, como mandado. A segunda, & que pertence á bem fundada duvida dos criticos, não he, como não deve ser, minha, mas de hum tam grande, & judicioso Interprete, como he entre os antigos Padres, o futilissimo Eusebio Emiseno. As palavras do seu novo, & maravilhoso cõmento

I. Iai. 21.  
5.

Euseb.  
Emisfen  
nisi

saõ estas: *Non sunt panes nisi*

*nisi quinque, manducantes autem plus millibus quinque:* Os pães são lómente cinco, os que comem são mais de cinco mil. *Illi manducant, pães crescunt:* Os homens comem, os paens crescem. *Certamen fit inter panes, & homines.* Que he isto, senão húa batalha campal entre paens, & homens? E qual o fim della? Milagroso, & que de nenhum modo se podia esperar. *Vincunt panes, superantur homines:* Os paens, sendo comidos, vencem; & os homens, que os co-

mem, são vencidos. Isto disse com tam maravilhosa novidade, como he a do caso, o grande Emisleno: & isto he, com mayor largueza, o que nós ouviremos em hum só discurso; mas tal, que desde o principio até o fim nos mostre em toda a narração do Evangelho os verdadeiros preceitos de Marte; & o que desde o tomar as armas, até o recolher os despojos, devem desejar os vencedores soldados.

*Ave Maria*

---

*Colligite quæ superaverant fragmenta, ne pereant.*

§. II.

154 **A**ltamente disse Salamaõ, q̄ as guerras se haõ de governar com o leme: *Gubernaculis tractanda sunt bella.* E qual será, não digo nas guerras navaes, mas nas terrestres, o leme? Não ha duvida, que he o conselho. Por isso

os cultos da grammatica militar dizem acertadamente, que as batalhas se daõ na campanha, mas as vitorias se alcançaõ no gabinete. Christo Redemptor nosso não perguntava para saber, senão para ensinar; & para ensinar; que nos casos semelhantes

ao presente ; se ha de tomar conselho , & de quem. Apontando primeiro para a grande multidãõ dos que o seguiaõ , perguntou a Filippe : *Unde ememus panes , ut manducent hi ?* Donde compraremos paõ , para dar de comer no deserto a tanta gente ? Antes de ouvir a resposta , he muito de notar , a quem Christo fez a pergunta , & a quem a não fez. Parece q̃ o consultado em primeiro lugar havia de ser Judas , como aquelle que tinha cuidado do provimento , & sustento do Collegio , & era o Thesoureiro das esmolas , de que a sua pobreza se valia : & do mesmo modo parece que se não devia consultar Filippe , por ser entre todos os Discipulos de Christo o menos provecto nas sciencias do seu estudo , segundo o que o mesmo Senhor lhe tinha dito : *Tanto tempore vobiscum sum , & non cognovisti me ? Philippe , qui videt me , videt & Patrem meum.* Mas assim na pes-

Joann.  
6. 5.

Joann.  
14. 9.

soa perguntada ; como na que não perguntou , nos deu Christo dous soberanos documentos. Não perguntou a Judas , porque era traydor . ; & de hum ministro de pouca fê , & verdade , tal vez se podem dissimular os turtos da fazenda ; mas os segredos da guerra , de que depende a conservação do Estado , por nenhum modo se lhe devem fiar. Consultou porém , & perguntou Christo a Filipe , porque era natural de Bethsaída , & pratico daquelle paiz , de cuja experiencia em qualquer lavrador , ou pastor rustico , depende muitas vezes o acerto das resoluções mais , que da agudeza , & discurso dos sabios , que entendem , mas não adivinão. Porém Filippe como se vio chamado a Conselho , sendo que só se lhe perguntava o lugar , donde se podia comprar o paõ : *Unde ememus panes ;* meteo-se a Ministro , dissimulando , & impossibilitando a compra , & exagerando

Joann.  
6. 7.

rando a summa de dinheiro necessario para ella : *Ducentorum denariorum panes non sufficiunt eis, ut unusquisque modicum quid accipiat.* E se o seu voto se seguira, sem duvida morrera à fome toda aquella multidaõ de homens, como outras vezes acontece pelo mal entendido zelo de Ministros tam acanhados no animo, como Philippe o era na Fè. Não ha votos mais perniciosos na paz, & na guerra, nem mais bem accitos commumente aos que governaõ o leme, que os que por poupar a fazenda impossibilitaõ as acções, com que o que havia de ser trabalho, he ociosidade, & o que havia de importar muito, se resolve em nada.

155 De Philippe passou o Senhor a S. André, o mais antigo de todo o Apóstolado, & por isso com a principal qualidade de Confelheiro. Mas tambem aqui se póde com razão duvidar, porque não consultou antes a S. Pedro.

Direi : S. Pedro era tam destemido, & arrojado, que elle só se atreveo a tirar pela espada, & investir com hum esquadraõ armado de soldados Romanos : & homens de espiritos tam alentados saõ mais para desfazer as difficuldades na execuçaõ, que para consultar se se devem, ou não, emprender. Duas partes teve o voto de Santo André, & a primeira de grande juizo, & acerto. Aqui ha, disse, hum moço, que tem cinco paens : *Est puer unus hic, qui habet quinque panes.* O voto verdadeiro ha-se de fundar no que he, & no que ha, ou seja muito, ou pouco ; & não votos muy elegantes, & discretos, mas fundados no impossivel, que dizem o que fora bem haver, & não ha, & fora bem ser, & não he. Na segunda parte reconteceo André a difficuldade, & desproporçaõ dos cinco paens para sustentar a tantos mil : *Sed hæc qui inter tantos ?* E tambem aqui acertou, como

Joann.  
6. 9.

Ibid.

mo bom Conselheiro de guerra, sem advertir porrêm qual era o General, debaxo do qual militava. Considerando Christo Senhor nosso esta mesma proporção do numero que hade haver dos combatentes de hũa, & outra parte, disse assim: *Quis Rex iturus committere bellum adversus alium Regem, nos sedens prius cogitat si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se?* Que Rey ha, diz o Senhor, o qual sabendo que vem outro a acometello com hum exercito de vinte mil soldados, não cuida primeiro muito devagar, se pôde fahir só com dez mil a pelejar com elle em campanha? Boa consolação, & tam necessaria, como animosa para os Capitaens mais versados na Aritmetica, que na milicia, os quaes dizem, quasi hereticamente, que Deos sempre se costuma pôr da parte onde ha mais molqueiros. Heresia muitas ve-

Luc. 14.  
31.

zes condemnada na sagrada Escritura, onde se diz, que tam facil he a Deos vencer com poucos, como com muitos: *Non est differentia in conspectu Dei cal liberare in multis, vel in paucis.* Mach. lib. 1.3. 18.

156 Desta sentença de Christo pôde inferir, não digo o nosso temor, mas o nosso cuidado, que ainda que os inimigos, que nos infestaõ, tenhaõ dobradas bocas de fogo, nem por isso devemos recear, ou desconfiar da vitoria. Mas não he isto só o q̄ aquella sentença significa, sendo a nossa guerra puramente defensiva. Quando Christo diz que pôde hum Rey esperar, que com dez mil combatêtes resista, & valeça contra o que o acomete com vinte mil, falla expressamente de batalha campal, & guerra em campanha, como se colhe claramente das palavras: *Si possit cum decem millibus occurrere ei:* & a nossa guerra, nas circunstancias presentes, pôde com dez mil resistir.

resistir, & defender-se, não só de vinte, senão de cem mil; porque na campanha pelega hum homem contra outro homem de peito a peito; porêm os q se defendem cubertos, & armados das suas fortificações, com hũa muralha diante, ainda que sejaõ Pigmeos, em respeito dos outros homês saõ Gigantes. Assim o diz o Profeta Ezechiel da confiança, ou desprezo, com que os soldados da Cidade de Tyro zombavaõ, sendo pigmeos, de todos os seus sitiadores, mostrandolhes os arcos, & as aljavas penduradas da altura dos muros; donde comparados com os outros homens eraõ Gigantes: *Sed & Pigmei, qui erant in turribus tuis per gyrum: ipsi complerunt pulchritudinem tuã.*

§. III,

157 **M**As que he o q ouço? Saõ as trombetas, & caxas da nossa guerra, do nosso Eu-

angelho, que tocã a arma. Pede Christo os cinco paens, & com elles nas mãos, & os olhos nos cinco mil homens, diz o Euangelista, que levantando-os ao Ceo deu as graças a Deos, antes de partir, nem distribuir os paens:

*Et cum gratias egisset, distribuit discumbentibus.* Joann. 6. 11.

ta anticipada acção nos obriga, posto que já com as armas nas mãos, a reparar nella, & a não passar em silencio, sendo tam nova, & ainda encontrada com a razaõ. As graças daõ-se depois da guerra, da batalha, & da vitoria: entã se canta o *Te Deum*, & se fazem as outras solemnidades. Pois se isto, segundo o pensamento q seguimos de Emiseno, era hũa batalha entre os pães, & os homens: *Certamen fit inter panes, & homines*; como anticipa Christo as graças antes de se dar a batalha? Porque era sua. Nas guerras de Christo primeiro he o vencer, que o pelear. Arrebatado S. Joã

Apoc.  
6. 2.

nas visões do Apocalypse ouviu hũa voz , que lhe dizia : *Veni, & vide*: Vem, & vê : abriu os olhos , & vio sobre hum cavallo bráco hum mancebo de gentil disposição , armado de arco , & aljava : *Ecce equus albus , & qui sedebat super eum habebat arcum* ; & não tinha bem admirado o ar , & bizarría , com que o cavalleiro do Ceo vinha sahindo , quando vio , que lhe punhaõ na cabeça hũa Coroa : *Et data est ei Corona*. Coroa ? Logo já tinha vencido. Mas como tinha vencido , se só trazia na mão o arco , & ainda não tinha disparado as setas ? Porque este galhardo mancebo , como diz Santo Agostinho , era o Verbo Eterno , que sabia do Ceo a conquistar o mundo ; & nas conquistas , & batalhas de Christo , primeiro he o vencer , que o pelejar ; primeiro a vitoria , que a batalha : o mesmo Texto o diz expressamente : *Et exivit vincens, ut vinceret*: Sahio vencedor para vencer :

Apoc.  
6. 2.

se vencedor , já tinha vencido ; se para vencer , ainda não tinha dado a batalha. Mas isto mesmo era ser Christo , que só elle , antes de pelejar , vence , & antes de dar a batalha , já he Senhor da vitoria. Por isso estando ainda com os cinco paens nas mãos , antes do famoso , & nunca visto combate , pondo os olhos na multidão , que havia de ser vencida , & levantando-os juntamente com as mãos ao Ceo , dá as graças a Deos , como vencedor.

158 Primeiro que tudo mandou o Senhor a seus doze Apostolos , como a outros tantos Sargentos Mayores de Batalha , que dividissem os cinco mil homens em cem esquadras , cada hũa de cincoenta ; & porque a batalha havia de ser comendo ao modo , & ao uso , com que se punhaõ á mesa os Hebreos , os fizessem recoftar sobre o feno , de que havia muito naquelle deserto. Se o paõ se houvesse de

de dar juntamente a tanta multidão de homens famintos de tres dias; qual seria o tumulto, & labyrintho? Por isso mandou, que se dividissem, & puzessem primeiro em ordem. Multidão desordenada he confusão; com ordem, he exercito. Desordenada serve só de levar despojos ao inimigo; com ordem, na mesma ordẽ, & em si leva já segura a victoria. Esse he o respeito, porque Salamaõ pintando hum exercito formidavel, & terrivel, não o encareceo pelo numero dos combatentes, ou pelo luzido das armas, senão pela ordem de todo elle. *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* Ordenada, & disposta assim a campanha, então repartio Christo aos doze Apostolos os cinco paens, lançandolhes primeiro a sua benção, & divididos em igual proporção com os homens, fahiraõ os paens ao combate por todos os modos novo, elles cinco, & estes cinco mil.

159 Agora se verá a muita razão, que teve S. André, & a pouca fê com que disse: *Quid hec inter tantos?* Quanto à razão: os mesmos, que haviaõ de comer se podiaõ rir, ou chorar dos poucos bocados de paõ, com que os Apostolos queriaõ tapar tantas bocas. Quando Josuè, & Caleb tornáraõ de explorar a terra de Promissão, disseraõ que não havia que temer na conquista; porque os filhos de Israel aos Amorreos os podiaõ comer a bocados, como paõ: *Neque timeatis* <sup>Num.</sup> *populum terre hujus, quia* <sup>14. 28.</sup> *sicut panem ita eos possumus devorare.* Devorar, disseraõ & engulit, q̄ he muito mais facil que comer, zombando da difficuldade do paõ, em que não ha osso, nem espinha. O mesmo podiaõ dizer neste caso os cinco mil comedores, não havendo para a sua fome paõ, senão tam pouco para tantos. Nem lhes falta o exemplo da Escritura muito mais proprio, & encarecido

recido aos mesmos pães, que haviaõ de ser comidos. Estando em campo, ou tendo inundado todos os campos, contra os Hebreos, o exercito dos Madianitas, cujo numero cõpara o Texto sagrado não menos que às areas do mar: sonhou hum soldado que via cabir, & rodar do Ceo hum pão, o qual dando no mesmo exercito o desbaratava todo, & destrubia: & contando o sonho a hum companheiro, inspirado este por Deos disse com espirito profetico: *Non est hoc aliud nisi gladius Gedeonis*. Isso, que viste, não he outra cousa, senão a espada de Gedeão. E assim foi; podendo dizer os cinco pães daquelle batalha, em que agora entravaõ, não só o mesmo, mas com maior propriedade, & mais ajustada a todas suas circunstancias; porque o pão, que descia do Ceo, segundõ a Versão que refere Abulense, não só era hum, senão *canistrum panis*, que vem a

ser a cesta; em que trazia o menino os cinco pães: *Est puer hic, qui habet quinque panes*. Os Setenta Interpretes lem: *Mensa panis*, Mesa de pão; & tal era a que os cinco mil divididos esperavaõ assentados já, ou recostados á mesa: *Discumbentibus*, & todos sem discrepância, que era pão de cevada: *Hordeaceus*; & assim o diz o Evangelho: *Ex quinque panibus hordeaceis*. Finalmente Vatablo com novo reparo: *Streptus panis*: & Caetano: *Tremor panis*: Estrôdo, & tremor de pão. Pois se o pão era hum, ou tam pouco, que o trazia hum menino em hũa cesta, como se chama estrondo, & tremor de pão: *Streptus*, & *tremor panis*? Porque tam estrondosa, & tão formidavel havia de ser esta batalha dos cinco pães comidos, contra os cinco mil comedores, de que elles se riaõ, ou choravaõ de ser tam pouco pão contra tantos homens.

Judic.  
2. 14.

Abul.  
quæst.  
16.

§. IV.

160 **A** Sim se começou o combate; cuidando todos que havia de acabar em hum momento sendo tantos os gastadores, & tam pouco o que se havia de desbastar. Mas depois que os Apostolos começando pela primeira, acabáráo pela ultima das cem esquadras, entã comendo todos, te ouvio o estrepito, ou estrondo da marcha, & pareceo que a terra, & todo o delerto tremia: *Streptus, & tremor panis*. Passou a admiração a espanto, & a primeira, & mais que admirada foi a natureza Eu, dizia a Natureza, tambem sei, & posso fazer do pouco paõ muito paõ; mas isto quando mais apressadamente, em tres mezes: Ha-se de arar a terra, ha-se de semear, & gradar o trigo, ha de regallo o Ceo, ha de amadurecello o Sol; haõ de colhella suando os segadores; posto em pa-

veas na eyra, depois de calcado, & limpo, hade ser moído, depois amassado, & leve dado, depois finalmente cozido, atè que se possa comer. Mas isto quando menos, como dizia, em tres mezes; & ordinariamente desde as neves de Dezembro atè as calmas de Agosto. Mas em hum momento, crescer das mãos á boca! S. Agostinho diz que crescia nas mãos de Christo; S. Chrysostomo, que nas dos Apostolos; S. Hilario, que nas dos que comiaõ; & tudo era; mas principalmente nestes ultimos; porque partido o paõ, que a cada hum coube, em quanto a mão direita o partia, & levava à boca, já na esquerda ficava outro tanto, que se podia tornar a partir, & desta maneira, quanto mais partiaõ os comedores, tanto mais cresciaõ os paens comidos. Oh se o mundo soubesse entender, & aprender esta traça de multiplicar o paõ! *Par-* Thren.  
*vuli petierunt panem, &* 4. 4.

*non erat ; qui frangeret eis,* diz Jeremias : Pediraõ paõ os pequenos , & não havia quem lho partisse. Partisse , diz ; porque a falta de não haver paõ he , porque não ha quem o parta , & reparta. Grande prova no mesmo Evangelho. Neste milagre , como veremos , fobejaraõ doze alcotas de paõ ; em outra semelhante sete ; & porque menos paõ naquelle , que neste ?

Math.  
II.

161 Naquelle eraõ mais os paens , & menos os comedores ; porque eraõ os paens sete , & quatro mil os comedores : neste os paens eraõ cinco , & os comedores cinco mil : logo lá onde os paens eraõ mais , & os comedores menos , haviaõ os paens de crescer mais ; & cá onde os paens eraõ menos , & os comedores mais , haviaõ os paens de crescer menos. E porque não foi assim , senão pelo contrario ? Pela razão expressa , & infallivel , que tenho dito. Onde os pães eraõ sete , & os comedores quatro mil ,

foi necessario , q̃ os pães se partissem , & repartissem menos ; & onde se partiraõ , & repartiãõ menos , tambem cresceraõ menos : porẽm no nosso caso , em que os paens eraõ menos , & es homens mais , foi necessario , & forçoso , que os paens se partissem , & repartissem mais , & por isso cresceraõ mais. Não vos cresce o paõ em casa , porque o não sabeis partir , & repartir com os que carecem delle. Se o partissem , & repartissem , elle cresceria , assim como creceo , sendo tam pouco , & os comedores tantos , nesta batalha. Nas outras guerras , huns vivem , outros morrem , & dos vivos são vencedores os mais valentes ; & vencidos os mais fracos : aqui nenhum morreo , porque os comidos só mataõ a fome dos comedores , mas os mesmos comedores ficando sem fome mais alentados , & inteiros foraõ os vencidos ; & os poucos paens comidos , desbaratados , & feitos em

em pedaços, os vencedores: *Vincunt panes, superantur homines.* Hũa das mayores vitorias, que vio o mundo, & na realidade a mayor de todas, foi a de Samsão, quando elle tendo hum só, venceu, & matou a mil: *Percussi mille viros.* Tal foi a vitoria de cada hum dos cinco paens, elles só cinco, & cinco mil os vencidos. Mas porque a vitoria tanto he mais gloriosa, quanto menos proporcionados os instrumentos, o mesmo Samsão ponderou na sua, que vencera os mil homens com hũa queixada: *In mandibula delevi eos, & percussi mille viros.* Assim o fizeraõ tambem, ou fez cada hum dos cinco paens; porque cada hum venceu a mil, & não com queixada alhea: *In mandibula pulli, senão com as mesmas queixadas dos que os comiaõ: Illi manducant; panes crescunt; vincunt panes; superantur homines.*

Tom. 12.

162 Vencida a batalha, & nenhũa tam gloriosamente como esta; mandaõ os Generaes tocar a recolher os soldados vencedores; & assim mandou Christo a seus Discipulos, que em final da vitoria recolhessem as reliquias, & fragmentos della, para que se não perdessem: *Colligite quæ superaverunt fragmenta;* ne pereant. Fizeraõ-no assim os Apostolos; & admirá-se com razão S. João Chrysostomo, que recolhessem cheas doze alcofas; nem mais, nem menos: *Quia nec plus, nec minus fecit superfluum esse.* Doze, & só doze! Bem; porque eraõ doze os Apostolos. Mas porque não treze, para que chegasse tambem a Christo a sua? Porque era Christo o General. As alcofas tecem-se de palmas, as palmas significãõ as vitorias; as alcofas cheas de pão, os despojos dellas; & o General de sublimes péfamentos, qual Christo; da vitoria só que a honra;

K dos

dos interesses della, nada para si, tudo para os seus soldados. Assim o fizeram generosamente, sem conhecimento do verdadeiro Deus, hum Agefislao, hum Alexandre, hum Vespasiano, & dos que o conhecerão antes de ser homem, David, Joluè, Jette, Gedeão, Samtao, & Judas Machabeo, dos quaes disse com não menos levantado pensamento S. Bernardo: *Nemo eis communicavit in gloria* Vêdo os vencidos o milagre, & parecendo-lhe acção verdadeiramente Real a de hum Capitão, que não só não mata os homens à fome para comer elle, mas mata a fome aos homens, para os vencer; que resolverão entre si? Resolvem, & determinão todos de acclamar a Christo por Rey, ainda que elle o repugnasse: *Ut raperent eum, & facerent eum Regem*. Entendeolhe o Senhor os pensamentos, & para ultima prova do feu desinteresse deixando-os com o titulo

Joann.  
6.15.

de Rey quasi na boca, se retirou só para o monte: *Fugit iterum in montem ipse solus.*

§. V.

163

**A** Qui acaba o Evangelho, & eu tambem tenho acabado o Sermão. Mas se he verdade, como he, o que diz Santo Agostinho, que os milagres depois de entendidos fallão: *Habent miracula, si intelligantur, linguam suam*, ainda que o Euangelista se nos calou, não deixa o milagre de fallar. Ouçamoslhe duas palavras. Em Christo Sabedoria eterna pedir conselho: *Unde ememus panes?* diz que sem conselho nenhũa cousa façamos; porque nenhum homem he tam sabio, que não esteja fugeito a errar. Em ser errado o dos Apostolos, por não recorrerem aos poderes de Christo: *Sed hec quid inter tantos?* diz que elle deve ser o Oraculo, a que em todas nossas duvidas, & difficuldades devemos

mos recorrer. Em o Senhor dar as graças antes da mercê recebida: *Ei cum gratias egisset*, diz que, ao menos depois de as receber, não sejamos desconhecidos, & ingratos. Em partir, & repartir o pão para o multiplicar: *Distribuit discumbentibus*, diz que a melhor traça de a crescer os nossos bens he socorrer com elles aos pobres. Em finalmete não querer Christo nada para si, senão tudo para os seus: *Collegerunt duodecim copphinos*; que he o que diz? Sem

duvida que nos diz o Senhor, o que lá disse Abrahão a outro Rey sobre os despojos de hũa vitoria: *Da mihi animas, cetera tolle tibi*. Tudo o mais vos dou, daimo as almas. Exhortar este só ponto he o q̄ aqui cabia; mas porq̄ fio mais do bom juizo, com que os que me ouvem o poderão considerar, do q̄ das razões; com que eu o posso persuadir, acabo com delejar a todos nesta vida a graça, & na outra a Gloria: *Ad quam nos perducat, &c.*

Gene 14. 11.



S E R M A Õ

DA  
RESVRREICAÕ DE  
CHRISTO,

Na Matriz da Cidade de Belem do Pará,  
anno de 1658.

*Nolite expawescere: JESUM quæritis Nazarenum. crucifixum: surrexit, non est hic.*

Marc. 16.

§. I.

164



Ue parecidas são as obras de Christo, ainda as que menos se parecê!

As tristes, & as alegres: as dolorosas, & as gloriosas: as de sua morte, & as de

sua Resurreiçãõ; todas causãõ os mesmos effeitos.

Pasmadas deixamos as Marias olhando para o sepulcro de Christo, quando se fechou, & pasmadas por deixarem alli morto a seu Senhor: *Erat autem*

*ibi Maria Magdalene, & altera*

Matth. 28. 61.

*altera Maria sedentes contra sepulchrum.* Pasmadas acho hoje outra vez as mesmas Marias no mesmo sepulcro : & pasmadas de o acharem resuscitado : *Nolite expavescere: Jesum queritis: surrexit.* Demaneira que Christo morto faz pasmar com a sua morte : & Christo resuscitado faz pasmar com a sua Resurreição , tendo a Resurreição , & a morte duas cousas tam encontradas. Entrárao as Marias no sepulcro , viraõ hum Anjo vestido de neve , & luz, que lhes deu novas da Resurreição do Senhor , a quem buscavaõ morto ; & ficáraõ tam assombradas , & pasmadas do que ouviaõ , & do que viaõ , que por muito tempo não tornáraõ em si de assombro , & de temor , por mais que o Anjo as animava a que não temessem : *Nolite expavescere.* A hora em que isto succedeo tambem tem contradicções no Evangelho. Diz o Evangelista , que quando as Marias vie-

Tom. 12.

raõ ao sepulcro ; era muito de madrugada , mas já depois do Sol nascido: *Valde mane, orto jam Sole.* <sup>Marc. ibi 2.</sup> era muito de madrugada , como era já nascido o Sol? E se era já nascido o Sol , como era muito de madrugada? Tudo era. Era muito de madrugada ; porque ainda não era nascido este Sol natural , que nos allumia: *Valde mane: & era já o Sol nascido ;* porque já o verdadeiro Sol Christo era resuscitado: *Orto jam Sole.*

165 Nas obras da natureza , & nas obras da graça tem grandes semelhanças a Resurreição de Christo ; mas nenhuma tam semelhante como a do Sol. Poem-se o Sol no seu Occaso, deixa o nosso emisferio escuro , em quanto desce , & vai allumiar os Antipodas ; torna outra vez a nascer claro , resplandecente , & coroado de rayos : enxugando as lagrimas da Aurora : restituindo a cor , & a fermosura aos campos : despertando as musicas das aves :

k iij douran-

dourando os Ceos , & alegrando a terra. Tal o Divino Sol Christo no dia de sua Ressurreição. Anoi-te-cêra no Occidente do seu sepulcro amortalhado em nuvens , deixando todo o mundo ás escuras na tristeza de sua Paixaõ : desceo a visitar , & allumiar os lugares do Limbo , onde os Santos Padres , como desconsolados Antipodas, havia tantos annos estavaõ esperando a chegada daquelle dia : & voltou outra vez á hora determinada, fazendo Oriente do seu mesmo Occaso : amanhecendo claro , & fermosissimo , vestido , & coroadado de resplandores de gloria. Enxugou primeiramente as lagrimas daquelle Aurora Divina a Virgem Santissima : restituhio a cor, & a fermosura á sua Igreja , mudando os lutos, de que estava cuberta pela sua morte, em cores, & galas de festa : trocou as la-

mentações em musicas alegres , & os heus sentidos em alleluyas : dourou os Ceos como mostráraõ os Anjos , que hoje appare-cêraõ vestidos de branco , & ouro : finalmente alegrou a terra , dando a todos os homens muy alegres Patchoas : as quaes o mesmo Senhor dê a Vossa Senhoria , & a todo este nobre , & muy devoto auditorio, com tâtos dos verdadeiros bês, como o mesmo Author delles deseja. Para q̄ nõs vejamos os verdadeiros meynos , por onde havemos de conseguir , & segurar estes bens , & tiremos desta grande solemnidade o proveito de nossas almas, que ella nos offerece : peçamos áquella Senhora , a quem tocou a melhor , & a mayor parte das glorias deste dia , nos assista nestas memorias delle com o favor de sua graça.

*Ave Maria.*

*Nolite*

## §. II.

*Nolite expavescere : JESUM queritis Nazarenam , crucifixum : surrexit , non est hic.*

166 **N**ÃO temais, disse o Anjo ás Marias : *Notite expavescere* ; mas ellas nem por isso deixárao de temer. Antes diz o Euangelista , que fugirão do sepulcro não só temendo, mas tremendo : *At illa exeuntes fugerunt de monumento , invaserat enim illas pavor , & tremor.* Foi tal o seu temor , & assombro , que dizendolhes o Anjo que levassem a nova aos Discipulos , nem a fallar se atrevêrao de puro medo : *Et nemini quidquam dixerunt , timebant enim.* Notaveis effeitos por certo em tal lugar! Notaveis effeitos com tal nova ! E notaveis affectos em tal dia! Em dia da Resurreição temor ? Em dia da Resurreição pavor , & assombro ? Alegrias , festas , prazeres são os effei-

tos, & os affectos proprios deste dia ; mas temor , & tremor ? Notaveis effeitos, torno a dizer, em tal dia! E se repararmos em quem erao as que temêrao, ainda nos admiraremos mais. Erao as Marias hûas mulheres tam pouco mulheres, erao hûas mulheres tam varonis, hûas mulheres tam homens, que de noite sahírao de suas casas, de noite passárao pelas portas da Cidade, de noite andárao por lugares desertos, & despovoados, & tam medonhos como costumao ser os cemeterios dos defuntos, & os lugares, onde padecem os justicados. O monte Calvario, chamava-se Calvario, por estar semeado das caveiras, & dos ossos dos que ahi hiaõ a justicar. Pois mulheres tam destemidas, &

tam animolas , que vão a estes lugares de noite, quando achão a Christo resuscitado do sepulcro, & quando lhes diz hum Anjo, que resuscitou , temem, & tremem? Sim ; porque não ha cousa mais temerosa , & mais tremenda nesta vida : não ha cousa mais para fazer temer , & tremer os coraçõens mais valentes, & animosos, que a certeza da Resurreiçãõ. He certo , & de Fè , que Christo resuscitou : he certo, & de Fè , que eu tambem heide resuscitar : oh que temerosa consideraçãõ ! Estas mesmas Marias, quando estavaõ defronte do sepulcro de Christo morto , pasmãraõ , mas não tremêraõ : agora no mesmo sepulcro com Christo resuscitado , pasmaõ , & tremem ; porque muito mais he para temer hum resuscitado , que hum morto : muito mais para assombrar he a consideraçãõ da Resurreiçãõ , que a consideraçãõ da morte. Hum sepulcro de Christo com hum *Hic*

*jacet* , Aqui jaz ; muito para temer he ; mas hum sepulcro de Christo com hum *Non est hic* , não está aqui , porque resuscitou , *surrexit* , muito mais he para temer.

167 Ao menos eu em mim experimento q̄ muito mais temo o resuscitar , que o morrer : muito mais medo nie causa a resurreiçãõ , que a morte ; antes se temo a morte , he só por medo da resurreiçãõ. E porque ? A razãõ he clara. A morte he o fim da vida que acaba : a resurreiçãõ he principio da vida , que não hade acabar : com a morte acaba-se a vida ; com a resurreiçãõ começa a eternidade ; & muito mais para temer he o principio da eternidade, que o fim da vida. Com o fim da vida acabaõ os males temporaes : com o principio da eternidade podem começar os males eternos : os males da vida tem o remedio na morte , que os acaba ; os males da eternidade são males sem remedio ; porque

porque ninguem lhes pode dar fim. A mesma terra insensivel nos ensinou esta razãõ na morte, & Resurreiçãõ de Christo. Na morte: *Terra mota est*; na Resurreiçãõ: *Terræ motus factus est magnus*. E porque moveo mais a terra a Resurreiçãõ, que a morte? Porque a morte deve fazer muito abalo nos nossos corações de terra: *Terra mota est*; mas a Resurreiçãõ muito mayor: *Terræ motus factus est magnus*. E assim se vio por experiencia. A morte de Christo sendo acompanhada de tantos prodigios, não fez mais que: *Omnis turba eorum, qui simul aderant, percutientes pectora sua revertebantur*. Não fez mais, que tornarem para Jerusalem batendo nos peitos os que o guardavaõ na Cruz. Porém na Resurreiçãõ: *Exterriti sunt custodes*: temêraõ, & tremêraõ aflombrados os que o guardavaõ no sepulcro. A's Marias, *Invasit eas tremor, & pavor*. Os Apo-

stolos no Cenaculo tremendo: *Mulieres ex nostris terruerunt nos*. Em fim tudo medo, & tudo temor.

## §. III.

168 **P**Ois que havemos de fazer no dia da Resurreiçãõ de Christo? entristecernos? tremer? temer? encerrarnos? sepultarnos? meter nos vivos na sepultura, donde Christo sahio? A esta pergunta não se póde responder do Pulpito; do Confessionario sim. Se estais em estado de peccado mortal, temei, & tremei, & causevos grande tristeza a resurreiçãõ; mas se estais em graça de Deos, & tendes propósitos firmes de a conservar, alegravos, ponde a vossa alma, & o vosso coraçãõ muito de festa, & não temais. Assim o disse o Anjo às Marias: *Nolite expavescere*. Notai. Quãdo o Anjo desceo do Ceo, & revolveo a pedra da sepultura, ficãraõ aflombrados todos os guardas

Math.  
17. 5. 1.  
Math.  
28. 2.

Luc. 23.  
8.

Math.  
28. 4.

guardás do sepulcro, & o Anjo não lhes disse: *Nolite expavescere*; & ás Marias sim. E porque diz ás Marias, que não temão; & porque não diz o mesmo aos soldados? Porque as Marias hião buscar a Christo ao sepulcro para o servir: os soldados hião guardar o sepulcro para o perseguir, & para o afrontar. E aquelles q̄ perseguem, & que offendem a Christo: effes he bem que temão na Resurreição, porèm aquelles que o amaõ, & que o servem, effes não tem que temer: *Nolite expavescere*. Tema Pilatos, que o condemnou: tema Herodes, que o afrontou; tema Judas, que o vendeo: tema Caifas, que o blasfemou; & temão todos os que o perseguirão, & o crucificarão, quando sabem que elle resuscitou, & que elles tambem haõ de resuscitar. Porèm a Magdalena, & as outras Marias: a Magdalena, & as outras Marias, que o buscão, & que o servem, que se não podem

apartar delle; effas não tem que temer: *Nolite expavescere*. Não he esta razão menos que do Anjo: *Nolite expavescere: Jesum queritis Nazarenum*. Se vòs bulcais a Jesu Nazareno, não temais. A energia destas palavras ainda está mais clara em S. Matheus, que neste passo he Cômentador de S. Marcos: *Nolite timere vos; scio enim quòd Jesum, qui crucifixus est, queritis*. Não temais vòs: (notai muito a palavra vòs) vòs que bulcais a Jesu, não temais; porèm aquelles, que o não buscão: aquelles, que o não amaõ: aquelles, que o offendem, effes temão, & temão em sua Resurreição. A Resurreição para elles será morte, & tormento eterno, assim como para vòs será eterna vida, & eterna gloria. Os máos, porque haõ de resuscitar mal, tem muita razão de temer; mas os bons, que haõ de resuscitar bem, não tem para temer razão algũa.

E que

169 E que grande alegria, & que grande consolação he para hum verdadeiro Christão na festa da Resurreiçãõ de Christo considerar que tambem elle hade algum dia resuscitar! Que grande seria a alegria da Magdalena, quando visse a seu irmão Lazaro resuscitado! A nossa alma he a nossa Magdalena: o nosso corpo he o nosso Lazaro. Que alegria será a de hũa alma cõsiderar agora, & ver depois este seu corpo, este seu cõpanheiro resuscitado! Ainda esta cõparaçãõ não explica. Que alegria seria a da Virgem Senhora, quando hoje visse resuscitado em tanta fermosura, & gloria a seu bemitíssimo Filho! Esta comparaçãõ he a propria. A Magdalena vio seu irmão resuscitado, mas resuscitado para tornar a morrer. A Senhora vio resuscitado a seu Filho, mas para não morrer já mais: *Mors illi ultra non dominabitur.* A Magdalena via a seu irmão resuscitado, mas em

corpo passivel; como o que dantes tinha. A Senhora vio resuscitado a seu Filho em corpo immortal, & impassivel, & ornado com todos os quatro dotes gloriosos. E taes haõ de ser estes nossos costaes de terra depois do dia da Resurreiçãõ. Cuidais que estes nossos corpos depois de resuscitados haõ de ser como agora, ainda os de mayor gentileza? De nenhum modo. A Feniz morre Feniz, & resuscita Feniz: o homem entra no banho do Bautifmo homem, & sahe homem: o graõ de trigo semea-se trigo, & nasce trigo. Na Resurreiçãõ não he assim: *Seminatur corpus animale, surgit corpus spiritale*: o que se semea na terra da sepultura, he hum corpo com condições de corpo; & o que nasce na Resurreiçãõ, he outro corpo, ou o mesmo corpo cõ condições de espirito, que saõ os quatro dotes do corpo resuscitado. Havemos de ficar tam diferentes depois de resuscitados, que

I. Corinth. 15. 44.

Job 19.  
16. 27.

que he necessario Fè para cremos , que seremos entã os mesmos. Com esta Fè dizia Job : *Scio quòd in novissimo die de terra surrecturus sum : & rursum circumdabor pelle mea , & in carne mea videbo Deum , quem visurus sum ego ipse , & non alius.*

170 Estes quatro dotes sã os mesmos, com q̄ Christo hoje resuscitou : dote de futilidade , de agilidade , de impassibilidade , de claridade. Hũ corpo cõ o dote da futilidade se quer passar desta Igreja para este pateo , não ha mister porta ; penetra por essa parede, assim como o Sol passa por hũa vidraça sem impedimento. Os Judeos mandãrãõ pòr grandes guardas ao sepulcro , para que não tirassem delle a Christo ; & elle com a porta fechada, & sellada, por virtude do dote da futilidade sahio da sepultura. Quãdo o Anjo abriu a porta do sepulcro , já o Senhor não estava nelle ; mas abriu-a , para que as Marias podess

sem entrar, & ver. Da mesma forte entrou o mesmo Senhor no Cenaculo : *Cum fores essent clausæ* , com as portas fechadas ; porque os corpos resuscitados sã corpos com propriedades de espirito , a quem não resiste , nem fazem impedimento as paredes. O segundo dote he a agilidade ; o qual consiste em hũ homem poder , quasi em hum momento , estar aqui, em Lisboa , & na India , & noutras mayores distancias. Christo no dia de hoje appareceo à Magdarena no sepulcro ; às Marias no caminho de Jerusalem, aos Discipulos desesperados no do Castello de Emaús , aos Apostolos no Cenaculo , a S. Pedro não se sabe onde : & todas estas jornadas fez o Senhor , & fizera outras muito mayores em muito poucos momentos. Do Ceo Empyreo à terra ha tanta distancia , que se do principio do mundo lançãrãõ de lá hũa bolla de chumbo, que corresse todos os dias oitocentas

Jonn.  
20. 19.

centas legoas, ainda não teria chegado cá abaixo. E todo este caminho andou o Corpo de Christo resuscitado na sua Ascensão em hum momento. O dote da impassibilidade faz a hũ corpo incapaz de dor, de enfermidade, de morte: *Infer digitum tuum huc, & vide manus meas, & affer manum tuam, & mitte in latus meum.* Resuscitou Christo com as cinco Chagas; mas se quatro o matarão, como está agora vivo com cinco? & principalmente com a Chaga do lado: *Mitte in latus meum?* He porque hum corpo immortal, & impassivel, he incapaz de padecer, & morrer: & são as feridas, & as chagas nelle, como rubis sobre neve, que esmaltaõ a fermosura. O dote da claridade he ficar hũ corpo resuscitado muito mais fermoso, & resplandecente que o Sol. Christo cobriu seus rayos hoje, para poder ser visto, como se escreve de Moyses; porque se o virão como elle

era, morrerão todos de passmo, & de contentamento. Aos Apostolos no Cenario appareceo no proprio habito, & figura em que andava neste mundo, só com as Chagas de mais: à Magdalena, & aos Discipulos de Emaüs appareceo transfigurado; mas de tal maneira, que o não poderaõ conhecer, nem pelo rosto, nem pelo vestido; porque à Magdalena se representou como Hortelaõ, & aos de Emaüs, como peregrino. Só no monte Thabor foi visto com o dote de claridade no rosto resplandecente como o Sol, & nos vestidos tam alvos como a neve: *Resplenduit facies ejus* Matth.  
*sicut Sol: vestimenta autem* 17. 2.  
*ejus facta sunt alba sicut nix.* E que succedeo a S. Pedro? Vio os vestidos de Christo com a mudança da cor, & o rosto soberano com a de rayos semelhantes ao Sol: & bastou esta vista, sendo só de dous accidentes exteriores, para ficar o Apostolo fora de si:

Luc. 9.  
33.

Ibid.

Matth.  
17. 9.

fi: *Nesciens quid diceret; & não querer mais vida, nem mais gloria: Bonum est nos hęc esse.* E para que depois entendesse elle, & os outros dous Discipulos, que este era hum dos quatro dotes com que haviaõ de resuscitar, lhes disse o Senhor: *Nemini dixeritis visionem, donec filius hominis à mortuis resurgat:* que guardassem silencio do q̄ viraçõ, atè que o vissem resuscitado. Esses são os dotes gloriosos, com que hoje resuscitou Christo, & com os mesmos haõ de resuscitar estes nossos corpos.

171 Esta consideraçõ nos deve animar, & consolar muito em nossos trabalhos, considerando que este corpo mortal, que agora padece, virá tempo em que resuscite immorttal, & glorioso. Porque vos parece que padecia Job com tanta alegria tantos trabalhos, perdas de fazenda, de filhos, desgostos da mulher, dores nos ossos, nos nervos, nas ar-

terias, nos olhos, nã cabeça, na respiraçõ: cuberto de chagas, comido de bichos; & com tudo sempre alegre, & sempre contente: porque? Porque trazia hũa Nomina ao peçoço com hũas certas palavras, que lhe davaõ fortaleza para sofrer tudo isto. E que palavras erã estas? *Scio quod Redemptor meus vivit, & in novissimo die de terra surrecturus sum.* E a Nomina era: *Reposita est hęc spes mea in sinu meo.* Algũs consolaõ-se nos trabalhos com a morte, como Elias: *Petivi anima suæ ut moreretur.* Não hade ser assim, senão com a resurreiçãõ. Consolar com a morte, he consolaçãõ de desesperados; com a resurreiçãõ, he de quem espera: *Reposita est hęc spes mea.* Olhava Job para si, & dizia: *Padeces corpo? consolate com a resurreiçãõ, que entãõ serás impassivel: estás feyo, & disforme? contentate, que terás o dote da impassibilidade: estás entrevado sem te poder bulir:*

Job 19.  
25.3. Reg.  
19. 4.

Job 13.  
27. bulir : *Posuisti in nervo pedem meum* ? consolete , que terás o dote da agilidade : estás em hum muladar , porque todos te fechaõ a porta ? consolete , que terás o dote da futeleza , & não haverá para ti porta fechada. E vòs meus olhos , não fazeis senão chorar ? consolaivos , porque vereis a Deos : *In carne mea videbo Deum.*

## §. IV.

172. **O** Ra supposto ; que para não temermos a resurreição o meyo he bulcar a Christo ; que meyo ha para o bulcar seguramente ? O meyo que ha para bulcar a Christo seguramente , he fazer o que hoje fizeraõ as Marias. Quatro cousas fizeraõ as Marias hoje buscãdo a Christo ; primeira : buscãdo a Christo com presupposto de que bulcando-o a elle , se achariaõ a si ; segunda : buscãdo a Christo fazendo o que tinhaõ de obrigação , & o

que tinhaõ de devaçãõ ; mas o que tinhaõ de obrigação , fizeraõ-no primeiro ; terceira : não guardãraõ o buscalo para o fim do dia , senão logo no principio delle ; quarta , & ultima : buscãdo a Christo não reparando em trabalho , nem em gasto , nem em credito , nem em perigo , nem em difficuldade. Vejamos tudo brevissimamente , & comecemos pela primeira.

173 A primeira cousa por onde começãraõ as Marias , foi comprar aromas para ungiem ao Senhor : *Emerunt aromata* , Marc. *ut venientes ungerent Jesum.* 16. 1. E se bem se adverte , já entãõ Christo estava unguido por Joseph , & Nicodemos com cem livras de unguentos : *Ligaverunt illud linteis cum aromatis.* Joann. 19. 40. Pois se Christo estava unguido , para que o vem ungir ainda mais ? Ora vede. As Marias não vinhaõ ungir a Christo , porque Christo tivesse necessidade de ser unguido ; senão porque

porque ellas tinhaõ necessi-  
 dade de o ungir. Para  
 Christo estar unguido, ba-  
 stava que o ungissem Jo-  
 seph, & Nicodemos; mas  
 para as Marias terem o  
 merecimento de o ungir,  
 não bastava que Joseph, &  
 Nicodemos tivessem un-  
 gido a Christo: era neces-  
 sario que ellas o ungissem  
 tambem; & por isto com-  
 prãraõ aromas, para o un-  
 girem, depois de tam un-  
 gido: *Emerunt aromata, ut  
 venientes ungerent.* De ma-  
 neira que em ceito modo  
 não vieraõ ungir a Christo  
 por amor de Christo; vie-  
 raõ ungir a Christo por  
 amor de si. Não porque  
 Christo tivesse necessida-  
 de daquella unção; senão  
 porque ellas tinhaõ neces-  
 sidade daquelle mereci-  
 mento.

174. Cuidaõ alguns,  
 que fazem grande fineza,  
 & grande serviço a Deos  
 em o servirem. Deos não  
 tem necessidade de nada,  
 nem de ninguem: *Deus  
 meus es tu, quoniam bono-  
 rum meorum non eges;* não

Pfalm.  
 15. 2.

tem necessidade de quẽ  
 nós o servamos: nós he  
 que temos necessidade de  
 o servir a elle. S. Francisco  
 de Borja recebendo em  
 seu serviço os criados da  
 casa de seu pay defunto, &  
 conservando juntamente  
 os que tinha da sua, res-  
 pondeo aos que lhe dizião  
 que eraõ superfluos: *Estos  
 queden; que tengo neces-  
 sidad dellos: y esjiros que-  
 den tambien; porque tienen  
 necesidad de mi.* Deste se-  
 gundo genero he que são  
 todos, os que servimos a  
 Deos. Não se serve Deos  
 de nós, porque tenha ne-  
 cessidade de nós; senão,  
 porque nós temos neces-  
 sidade d'elle. Ouçamos ao  
 mesmo Deos: *Nunquid<sup>Pfalm.</sup>  
 manducabo carnes tauro-<sup>49. 13.</sup>  
 rum, aut sanguinem hircor-  
 rum potabo?* Cuidais que  
 me fazeis grande serviço  
 em me offerecer grandes  
 sacrificios? Por ventura  
 hei eu de comer a carne  
 dos vossos bezeros, ou  
 beber o sangue dos vossos  
 cordeiros? Da mesma ma-  
 neira não tenho necessida-  
 de

de do voslo jejum ; porque eu não como o que deixais de comer : nem muito menos tenho necessidade da vossa reza ; porque tenho Anjos , que com melhores vozes continuamente me louvaõ. Finalmente , não hei mister que deis esmola aos pobres ; porque eu os sustentarei com a mesma facilidade , com que sustento as aves do ar , & os bichinhos da terra : mas vós sois , os que tendes necessidade de dar esmola , de rezar , de jejuar , & de me fazer sacrificios. Assim que havemos de buscar , & servir , & amar a Deos com presuppõsto , que quando o buscamos a elle , nos bulcamos , & nos achamos a nõs ; que , quando o servimos , nos servimos ; quando o amamos , nos amamos ; & quando gastamos com elle , gastamos , & despendemos conosco. Bem se vio nas Márias : comprãõ aromas : & quem se ungio com elles ? Ellas , & não Christo ; porq̃ tudo lhes ficou em

Tom. 12.

casa. E o mesmo fora se ungirão ao Senhor , como lhe aconteco a hũa dellas , a Magdalena , que quando ungio ao Senhor : *Capillis* Luc. 7: 38. *capitis sui tergebat* , dava cõ as mãos , & recebia outra vez com os cabellos ; senão que o recebia melhorado , como tocado em tam loberanas reliquias.

175. Com este presuppõsto havemos de passar às obras , que são obras de obrigação , & obras de devação ; mas às de obrigação primeiro : *Cum transisset Sabbatum* , *Maria Magdalene* , & *Maria Jacobi* , & *Salome* , *emerunt aromata* , *ut venientes ungerent Jesum*. Diz o Evangelista , que depois de passado o Sabbado , madrugãõ muito as Marias , para virem ungir a Christo com os aromas , que tinhaõ comprado , & prevenido. E porque não vieraõ ao Sabbado , senão depois que o Sabbado passou , isto he , ao dia seguinte , que era Domingo ? Porque o Sabbado naquelle tempo , & na-

L quella

Act. 1.  
12.  
quella Ley, era dia Santo, & prohibido nelle o caminhar mais que certo numero de passos: *Quod est juxta Hiensalem, Sabbati habens ier.* E como a observancia do Sabbado era de preceito, & o ungir a Christo era devaçãõ, dilataraõ a obra da devaçãõ, para acudirẽ primeiro à do preceito: *Cum transisset Sabbatum.*

176 A' obra do preceito se hade acudir primeiro, & deixar a Deos por amor de Deos, exercitando a obra de seu mayor agrado, & pospondo qualquer outra, ainda que boa, & santa, de que possa ser offendido. Vejamolo em Elias. Estava Elias em hum deserto metido numa covã orando a Deos, & fazendo penitencia, quando por mandado do mesmo Deos lhe apparece hũ Anjo, & lhe diz: *Quid hic agis Elia?* E bem Elias: vós aqui? que he o que fazeis? reprehendeo-o pelo que fazia, & pelo lugar, onde estava: *Quid hic agis?*

Pois estar Elias num deserto enterrado vivo numa covã, fazendo penitencia, orando a Deos, & contemplando, he lugar, & açãõ digna de reprehençaõ? Em Elias sim; porque Elias era Profeta d' ElRey Acab, & tinha obrigaçaõ de lhe prègar, & de lhe dizer o que convinha; & estar no deserto era devaçãõ, estar na Corte era obrigaçaõ. E deixar a obrigaçaõ pela devaçãõ, era obra digna de ser reprehendida, & castigada. Deos não quer que o sirvamos com offensa sua. Servir a Deos com offensa de Deos, he offendello, não he servilo E quanto ha disto hoje? Vai o outro, gasta quinhentos cruzados na festa de hum Santo, & não paga o que deve; nem aos officiaes que trabalharaõ. Isto não he serviço de Deos. Pagaí o que deveis, que he obrigaçaõ; & entãõ fareis festas, que he devaçãõ. Vemse confessar hũa devota. Jejuais? Não. E porque? Desmayos, fraquezas, dores

res de estamago, & outras  
 desculpas deste genero. Diz-  
 lhe o Confessor: Minha ir-  
 mã, tratai de vos conser-  
 var na graça de nosso Sen-  
 hor; & para isso enco-  
 mendaivos muito á Vir-  
 gem nossa Senhora. Ah  
 Virgem Mãy de Deos,   
 nunca eu deixo de lhe je-  
 juar o seu Sabbado ! Por  
 isto esperava. Pois vinde  
 cá : não jejuais vespóra de  
 S. Mathias, ou de São  
 Thomè, & jejuais o Sab-  
 bado ? Melhor he jejuar  
 vespóra de S. Pedro, & S.  
 Paulo, que jejuar todos os  
 Sabbados : porque o jejum  
 dos Santos Apostolos he  
 preceito; & o jejum do  
 Sabbado he devação. Mas  
 sabeis porque acudimos  
 antes á devação, que ao  
 preceito ? He porque no  
 preceito faz-se a vontade  
 de Deos; na devação faz-  
 se a vontade nossa. E nós  
 queremos antes fazer a  
 nossa vontade, que a de  
 Deos. *In die jejunii vestri*  
*invenitur voluntas vestra* :  
 Nos vossos jejuns fazeis a  
 vossa vontade, diz Deos :

& eu quero què façais a  
 minha. Tudo se póde, &  
 deve fazer, como fizeram  
 as Marias. Guardáráo o  
 Sabbado, q̄ era o preceito,  
 & fizeram a sua devação,  
 & cerimonia ao Domin-  
 go, que era devação : *Cum*  
*transisset Sabbatum, ut ve-*  
*nientes ungerent Jesum.*

## §. V.

177 **S**Im; mas quando  
 se hade fazer ?  
 No tempo em que he lici-  
 to, & logo, como fizeram  
 as Marias : *Valde mane* ;  
 muito de madrugada, sem  
 o guardar para á tarde.  
 Christo entra em nossas  
 almas, ou nascendo, ou  
 resuscitando : na primeira  
 graça nascendo, na segun-  
 da resuscitando. Nasceo á  
 meya noite ao cantar do  
 gallo, & resuscitou antes  
 de sahir o Sol. E porque ?  
 Para q̄ entendamos, q̄ pa-  
 ra Christo nascer, ou re-  
 suscitar em nossas almas ;  
 he necessario madrugar,  
 & não o deixar para de-  
 pois. Quem era aquelle

Pay de familias, que sahio a alugar os operarios, que havião de trabalhar na sua vinha ? & quando sahio a alugarlos ? O Pay de familias era Christo; o quando, foi muito de madrugada :

Matth.  
20. 1.

*Exiit primo mane conduce-  
re operarios in vineam suam.*

Parece que o podêra fazer mais tarde sem nenhum perigo, porque a todas as horas daquelle dia achou sempre os operarios prôptos para trabalharem nella. Porque madruga logo, & tam cedo ? Para nos ensinar com seu exemplo. A nossa vinha he a nossa alma; & o que he necessario para a cultivar, & colher della o fruto, que Deos espera de nós, não o havemos de dilatar, nem tardar em lhe applicar os meynos, senão madrugarem como fez o Pay de familias, não aguardando para outras horas, ainda que os meynos sejam certos, & não duvidosos, como he a nossa vida. *Ab altitudine diei timebo.* Eu, diz David,

Psal. m.  
55. 14.

sendo hum homem tam

pouco medroso; sempre me temi muito do alto dia. E que lhe fazia medo a David entãõ, pois confessi esse temor ? Fazialhe medo ser o alto dia o meyo delle, & terem-se passado já tantas horas naquillo que se hade fazer antes de sahir o Sol: *Valde mane.*

178 E que faremos nós, os que já himos tam perto de elle se nos pôr ? Fazer como os Discipulos de Emaüs. A tarde daquelle dia mostrou Christo q se queria apartar delles, & seguir seu caminho como peregrino; mas elles não só lhe rogãõ que ficasse alli; mas diz o Evangelista, que por força o obrigãõ a isso: *Coegerunt illum, dicentes: Mane nobiscum, quoniam advesperascit, & inclinata est jam dies.* Miseraveis daquelles; que o guardaõ para o fim da vida, para a ultima hora; & para o ultimo momento do dia! *In articulo diei illius ingressus est Noe in Arcam.* Para o ultimo momento do

Luc. 24  
29.

Genes.  
7. 13.

do dia ; em que Noe se havia de embarcar na Arca , & Deos a havia de fechar por fora , esteve Noe esperando com ella aberta. E que lhe succedeo ? Caso verdadeiramente maravilhoso , & digno de grande horror ! Dilatou-se tanto , & esteve esperando , para ver se havia algum , que se convertesse , & quizesse socorrer a Arca ; mas nenhum houve , que chegasse ; porque quem nos annos em que se fabrica a Arca se não converte , não se converte no ultimo artigo. E para que nos não descuidemos , advirtamos , que neste dia de nossa vida muitas vezes nos parece que nos restaõ muitas horas : & temos chegado ao ultimo artigo , em que se nos está ponde o Sol. Supponde que estaõ tres homês condemnados à morte , & q̃ mandou ElRey q̃ hũ o lançassem ao mar na altura do Cabo Verde , outro na Linha , outro no Cabo de Boa Esperança ; mas qual houvesse de ser o pri-

Tom. 12.

meiro , o segundo , & o terceiro , q̃ o levasse quem havia de fazer a execução , em hũa carta cerrada , a qual se abrisse naquelles mesmos lugares. Dizeime : Haveria algum destes homens , que em qualquer altura destas não fosse tremendo ? Pois o mesmo passa connosco. Todos estamos condemnados à morte : huns para o Cabo Verde , que saõ os q̃ morrem na flor dos annos ; outros para a Linha , que saõ os que morrem de meyadade ; outros para o Cabo de Boa Esperança , que saõ os que morrem na velhice ; mas em toda a parte havemos de hir com grande medo , por não sabermos quando chegará o nosso Cabo. Pois para isso preparemonos logo em sabindo da barra , que isso he o *primo mane*.

179 Assim o devemos fazer , & assim o fizeram as Marias , sem reparar em trabalho , nem em perigo , nem em gasto , nem em discredito , nem finalmen-

L iij te

te em difficuldade algũa. Não repararão em trabalho ; porque se levantarão muito de madrugada , fahirão de casa , andarão pelas ruas da Cidade , & fahirão della até o monte Calvario , & valle do sepulcro. Nem repararão em perigo , que eraõ muitos , pela escuridade da noite , pelo horror natural dos lugares desertos , & medonhos , & pelo temor das guardas dos muros , & principalmente pelos que guardavaõ a entrada cerrada , & sellada do monumento. Nem repararão em gasto ; porque despendêraõ o dinheiro , & muito dinheiro em comprar os aromas preciosos ; pois hũa , & principal dellas era a Magdalena , tam costumada a despender muito em serviço de Christo. Nem repararão em credito , sendo a Magdalena Senhora tam illustre , & acompanhando as q̄ eraõ mulheres , & mãys de peccadores ; & nem ella , nem as demais em serem vistas

naquelles lugares tam suspeitosos , como saõ á honra , & á virtude os adros , & cemeterios áquellas horas. Finalmente não repararão em difficuldade ; porque dizendo , & duvidando entre si : *Quis revolv*<sup>Marc.</sup>  
*vet nobis lapidem* : quem <sup>16. 3.</sup> lhe havia de tirar da porta da sepultura a pedra muito mayor que suas forças : *Erat quippe magnus valde* ; nem por isto pararão , ou tornarão atrás , antes forão por diante seguindo animosamente seu intento , & confiando em Deos.

18o O mesmo havemos de fazer nõs ; nem nos engane o mundo com a falsa apprehensão do descãço ; porque com hum pequeno trabalho alcançaremos descãço eterno. Nê nos engane com os seus falsos perigos ; pois quando muito podem chegar até a morte desta vida , que necessariamente hade acabar. Nem nos engane com o seu falso interesse ; porque por hũa pequena despeza alcançaremos os  
intc-

interesses do Ceo. Nem nos engane com a sua falsa honra ; porque por hum pequeno discredito com os homens , alcançaremos eterna gloria entre os Anjos. E finalmente não nos acovarde difficuldade algũa ; porque quanto maiores , tanto mais nos facilita Deos o vencelas. Eu antes quero grandes difficuldades , que as pequenas ; porque as pequenas correm por minha conta , as grandes por conta de Deos. Na resurreiçãõ de Lazaro mandou Christo aos que estavaõ presentes que levantassem a campa da sepultura : *Tollite lapidem*. E porque ? Não seria muito mayor circumstancia de hum milagre , que tantas teve de assombro , sahír Lazaro de dentro estando a sepultura cerrada ? Sim seria : pois porque manda o Senhor , q̄ tirem primeiro a campa , q̄ a cobria ? Porque a campa podiaõ-na tirar os homés ; & resuscitar a Lazaro defunto só Christo podia. Para

nos ensinar , que se fazemos o que está em nossa mão , & o que pôdemos , elle fará o demais , que só elle pôde. Bem se vio no calo presente. As Marias reconhecêraõ que de nenhũa maneira podiaõ abalar, nem tirar da porta da sepultura a grande pedra , que a fechava : *Quis revolvat nobis lapidem erat quippe magnus valde*. E como ellas tinhaõ feito o que podiaõ para ungir o sagrado Corpo ; tomou o Senhor por sua conta , o que elle só podia fazer. E que foi ? *Angelus enim Domini revolvit lapidem ; & sedebat super eum*. Acháraõ a sepultura aberta, & a pedra tirada , & hum Anjo , que a tirára , assentado sobre ella , que lhe deu as alegres novas da Resurreiçãõ.

Matth.  
28.2.

## §. VI.

181 **D**Izeime ; & acabemos com o mayor exemplo. Não vos parece que Christo  
Liiij    hoje

hoje resuscitado fez bem em morrer ? Que difficuldades , que trabalhos , que afrontas , & descreditos , que amarguras , & dores não experimentou em sua Payxão? As bofetadas , os açoutes , os espinhos da Coroa , o pezo da Cruz , a companhia dos ladroens , as feridas dos cravos , a ancia , a angustia , o tormento mortal de estar pregado , & suspenso , derramando todo o sangue das veas até lhe faltar a vida , & vender a alma: tudo isto se lhe representava vivamente na Oração do Horto , repugnando a natureza , & pedindo remedio ao Padre tantas , & tam repetidas vezes , se fosse possível. E se o mesmo Padre condescendesse com a sua petição , & elle deixasse a empreza , & vivo sem morrer tornasse para o Ceo ; parecevos , torno a perguntar , q̄ ficaria bem reputado seu credito , & sua honra entre os homés , & Anjos ? & que teria rosto ( digamolo assim ) para

lá apparecêr entre elles , & cá entre nós ? Mas porque não fez caso de trabalhos , de dores , de ignominias , & afrontas , & da mesma morte tam chea de tormêtos ; por isso tam confiadamente apparece hoje a todos resuscitado , & com tâtos applausos do Ceo , & da terra , entre os mesmos homens , & Anjos , & muito mais á dextra de seu Eterno Padre será por todas as eternidades glorificado.

182 Isto he o que sobre tudo devemos imitar todos neste soberano Mysterio da Resurreição , lembrandonos sempre , & pôdo como em balança de hũa parte as poucas horas que duráráo aquellas penas , & tormentos , & os infinitos seculos , & eternidades sem fim , que ha de durar sua gloria , & a nossa , pela qual padeceo Christo com grande alegria : *Proposito sibi gaudio , sustinuit Crucem.* Oh como dirá então cada hum de nós fallando comsigo , em tanta

ta differença de estado: Oh bemaventurados trabalhos, que me trouxeram a tam grande descanso! Bemaventurada despeza, que me trouxe tam grandes interesses! Bemaventurado descredito, que me trouxe a tam grande

honra! Bemaventurados perigos, que me trouxeram a tam grande segurança! E bemaventurada victoria de todas as difficuldades, que me trouxe a hum tam grande premio como he o da Gloria  
*Ad quam nos, &c.*





# S E R M A Õ

GRATULATORIO , E PANEGRICO  
 na manhãa de dia de Reys, sendo presente com  
 toda a Corte o Principe nosso Senhor ao *Te*  
*Deum laudamus* , que se cantou na Capella  
 Real em acção de graças pelo felicissimo nas-  
 cimento da Princeza Primogenita , de que  
 Deos fez mercè a estes Reynos na madruga-  
 da do mesmo dia do anno de 1669.

---

*Te Deum laudamus , te Dominum confitemur : te*  
*aternum Patrem omnis terra veneratur.*

§. I.

183



Dous Coros de  
 louvres Divi-  
 nos : (muito Al-  
 to, & muito Po-  
 deroso Principe , & neste  
 dia felicissimo Senhor nos-  
 so ) A dous Coros de lou-  
 vres Divinos , divididos

em alternadas vozes ; mas  
 concordes em reciproca  
 harmonia , cantão hoje a  
 Deos este Hymno de ac-  
 ção de graças , no Ceo os  
 Anjos , & na terra os ho-  
 mens. A parte , que toca  
 ao Coro dos homens, he o  
 verso que propuz : a que  
 pertence ao Coro dos An-  
 jos,

jos ; he a que se continúa no verso que se segue: *Tibi omnes Angeli, tibi caeli, & unverse potestates.* Este Coro Celestial, & Angelico, que nós não podemos ouvir, nem acompanhar, ficará (pois Deos assim o quiz) para os nossos gloriosissimos Reys Dom João, & Dona Luiza, que estão no Ceo; cuja gloria accidental considero eu hoje muy crecida no felicissimo nascimento da Primogenita de seus netos, novas, & segundas primicias de sua Real descendência. Sendo certo (como piamente devemos crer) que lá desde esse throno de mayor magestade, onde reynão, estão, nesta mesma hora, lançando mil benções sobre a recém nascida Infante, melhores, & mais efficazes que as de Jacob sobre o primogenito de seus netos, o venturoso Efraim. No Ceo ainda não tenho averiguado se se consentem saudades: mas assim como a sepultura he a terra do esqueci-

mento, assim o Ceo he a Patria da memoria, & das lembranças. A morte, ainda que esfria o sangue, não acaba os parentescos, nem a differença da vida faz mudança nas obrigações do amor. Sonhou Joseph em sua primeira idade, que o Sol, a Lua, & onze Estrelas o adoravaõ: o Sol era seu pay Jacob, a Lua era Rachel sua mãy, as onze Estrellas de mayor, & menor grandeza, eraõ os seus onze irmãos, desde Ruben a Benjamim. Cumprio-se a verdade da profecia, quando reynando Joseph no Egypto, o adoraraõ seus irmãos, & seu pay; mas não o adorou sua mãy; porque já era morta Rachel. Pois se Rachel era morta, & não adorou a Joseph com os demais; como vio Joseph, que sua mãy o adorava? Porque ainda que o não adorou nesta vida, adorou-o na outra: ainda que o não adorou no Egypto onde Joseph estava, adorou-o lá desde seyo de Abraão

Genef. 37.

Chrysol. Ser. 121. Vide Maldon. ad illud Luc. 23. *Hodie mecum eris in Paradiso.*

(que

( que era a Bemaventurança daquelles tempos ) aonde estava Rachel. Rachel tambem na outra vida he máy : Jacob tambem na outra vida he pay. E como a morte não tem jurisdicção nas almas , lá amaõ os pays , & de lá adoraõ aos filhos ; lá se gozaõ de seus bens ; lá se alegraõ com suas felicidades. Renovaõ-se mais em semelhantes occasiões as laudades , & memorias dos nossos bons Reys ; & dizemos com sentimento : Oh se vivêraõ ainda hoje , ( como podêraõ ser vivos ) que gloria feria a sua em tam formoso dia , vendo as felicidades do filho , & neta , do Reyno , & vassallos , que tanto amáraõ ! Mas o engano piadoso desta nossa consideração mais necessita de Fè , que de alivio. Demos o parabem a nossos Reys , não lhes tenhamos lastima. De lá estaõ vendo melhor , o que nós vemos : de lá estaõ gozando melhor , o que nós gozamos : & lá estaõ louvando , &

dando graças a Deos , entre o Coro do Ceo , muito melhor , & mais altamente , do que nós o sabermos fazer neste nosso da terra.

184 O verso que pertence a este Coro , he o que propuz : *Te Deum laudamus , te Dominum cõfitemur : te æternum Patrem omnis terra veneratur.* As palavras são muito cômuas para dia tam particular , & para assumpto tam subido muito vulgares. Mas se o Artifice não estivera tam esquecido do exercicio , & da Arte , sobre alicesses toscos bê se pôde levantar alto , & lustroso edificio: sobre a pedra fundamental delle , que he , *Te Deum laudamus*, determino perguntar , ou ponderar tres cousas : Quem louva ? A quem louva ? E porque louva ? Quem louva , somos nós , & toda a terra : nós : *Laudamus* : toda a terra : *Omnis terra veneratur.* A quem louva , he Deos em quanto Deos , & em quanto Senhor : em quanto

to Deos : *Te Deum* : em quanto Senhor : *Te Dominum*. O porque louva, he, porque o Eterno Padre, em quanto Pay, tez hoje pay ao nosso Principe; & em quãto Eterno, o começa tambem a fazer eterno: *Te Aeternū Patrem*. Não diz mais o canto chaõ das palavras; nem eu sei dizer mais, do que ellas dizem. O concurso do Evangelho, & do mysterio, em dia tam singular, nada defdizem da presente acção de graças, antes a ajudão, & acompanhaõ. O Evangelho diz, que offerecêraõ os Reys ao Rey nacido, ouro, incenso, & myrrha: *Obtulerunt ei aurum, thus, & myrrham*. E o mysterio foi, que no incenso reconheciao a Christo como Deos; no ouro como Senhor; na myrrha como mortal: *Auro Regem, thus Deum, myrrha mortalem*, diz S. Gregorio Papa. Se offerecem adorações de incenso, como a Deos: *Te Deum laudamus*: se offerecem tributos de ouro, co-

mo a Senhor: *Te Dominum confitemur*: se offerecem myrrha de mortalidade, como a mortal, ao que he immortal, & eterno: *Te Aeternum Patrem omnis terra veneratur*. Vamos ao que promettemos.

§. II.

185 **C**omeçando pela primeira pergunta: quem louva? Digo, ou torno a dizer, que louvamos nõs, & toda a terra. E toda a terra? parece que esta voz vem fóra do nosso Coro: que louvemos nõs: *Laudamus*, muita razão he; mas toda a terra: *Omnis terra veneratur*? Porque? Que obrigação tem toda a terra á Primogenita de Portugal; para vir dar graças a Deos pelo seu nascimento? Se Portugal não conhece esta obrigação, não se conhece: toda a terra tem a mesma obrigação de Portugal, porque Portugal he toda a terra. Portugal quanto ao Reyno, he parte de hũa parte

Math.  
a.

Greg.  
Homil.  
ro. in  
Math.

parte da terra na Europa : mas Portugal quantô á Monarchia , he hum todo composto de todas as quatro partes da terra , na Europa , na Africa , na Asia , na America. Fazer esta demonstração com os compassos Geometricos em hum mapa , ou esfera do mundo , he muito facil : mas eu hei-a de fazer nas Escrituras sagradas , porque parece difficuloíó ; & para que saibamos os Portuguezes quantas obrigações devemos a Deos , & quam antigas.

Genes.  
9. Vide  
S. Amb.  
de Noe  
& Arca  
cap. 33.

186 Desafogado o mundo das aguas do diluvio : erma , & despovoada toda a terra , dividio-a toda Noe em tres partes , & repartio-as entre os tres filhos , que com elle se salvarão na Arca : húa parte deu a Sem , que era o primogenito ; outra a Cham , que era o segundo ; & a terceira a Japhet , que era o ultimo: grande he na ordem da Divina Providencia a ventura dos filhos ultimos: tem Deos por bra-

zaõ , & honra de sua justiça , & fazer dos primeiros ultimos; & de sua grandeza, fazer dos ultimos primeiros. Assim succedeo a Japhet : lançou a benção seu pay Noe , & disse desta maneira: *Dilatet Deus Japhet* : Filho meu Japhet , Deos te dê a ventura conforme o nome. O teu nome de Japhet, quer dizer , *Dilatatio*, Dilatação : & tal será a tua benção ; porque Deos te dilatará tam estendidamente por toda a terra , que não só lograrás a parte , que coube na tua repartição , senão também a de teus irmãos: dominarás as terras de Cham , & habitarás as de Sem: *Dilatet Deus Japhet; & habitet in tabernaculis Sem: sicut servus ejus Chanaan*. Pois se Cham havia de possuir só a sua parte da terra , & não a de Japhet , nem a de Sem : & se assim mesmo Sem havia de possuir só a sua parte , & não a de Cham , nem a de Japhet ; porque razaõ Japhet havia de possuir a sua, & mais habitar

Princi-  
pe Dom  
pedro  
filho  
ultimo  
d'ElRey  
D. João

habitar a de Sem, & dominar a de Cham, & por consequencia toda a terra ? Porque o primeiro era repartição, o segundo foi benção : o primeiro era distribuição da justiça, o segundo foi favor, & privilegio da Providencia. Olhou a Divina Providencia para Japhet com olhos tam benignos, & liberaes, que limitando a seus irmãos certas, & determinadas partes da terra, a elle só o quiz estender, & dilatar por todas as partes della, sem termo, nem limite : *Dilatet Deus Japhet.*

186 Bem está : mas sobre quem cahio esta benção de Noe ? Quem logrou esta promessa feita a Japhet ? E em quem se cumprio a grandeza de toda esta profecia ? Cumpriose no primeiro Portuguez, que houve no mundo, & na sua descendencia, q̄ somos nós. O primeiro Portuguez, que houve no mundo, foi Thubal: sua memoria se conserva ainda ho-

je, não lóge da fóz do nosso Tejo, na povoação primeira, q̄ fundou cõ nome de *Cætus Tubal*, & cõ pouca corrupção, Cetuval. Este Thubal, este primeiro Portuguez ( como se lê no Capitulo decimo do *Genesis* ) foi filho quinto de Japhet : que tambem he boa a fortuna dos filhos quintos ) *Filii Japhet, Gomer, & Magog, & Madai, & Javan, & Thubal.* E finalmente neste filho quinto de Japhet, neste primeiro Portuguez, neste Thubal, se verificou a benção de seu avô Noe, & se cumprio a profecia, & promessa feita a seu pay Japhet ; porque só os Portuguezes, filhos, descendentes, & successores de Thubal, são, & foraõ ( sem controversia ) aquelles, que por meyo de suas prodigiosas navegações, & conquistas, com o Astrolabio em hũa mão, & a espada na outra, se estenderão, & dilataraõ por todas as quatro partes do immenso glodo da terra. Portuguezes na Europa,

Gen. 10.

Princip. D. Pedro filho quinto.

Portu-

ria  
bit. p.  
cap. 1.  
to, &  
ii.

Portuguezes na Africa ,  
 Portuguezes na Asia, Por-  
 tuguezes na America : &  
 em todas estas quatro par-  
 tes do mundo com por-  
 tos, com Fortalezas, com  
 Cidades, com Provincias,  
 com Reynos, & com tan-  
 tas Nações, & Reys tri-  
 butarios. Houve algum  
 filho de Noe, houve algũa  
 Nação outra nas idades,  
 por bellicosa, & numerosa  
 que fosse, & celebrada nas  
 trombetas da fama, que se  
 dilatasse, & estendesse tan-  
 to por todas as quatro  
 partes da terra? Nenhũa.  
 Nem os Assyrios, nem os  
 Persas, nem os Gregos, nem  
 os Romanos. E porque?  
 Porque esta benção, esta  
 herança, este morgado,  
 este patrimonio era só de-  
 vido aos Portuguezes, por  
 legitima successão de pays,  
 & avós; derivado seu di-  
 reito de Noe a Japhet, de  
 Japhet a Thubal, de Thu-  
 bal a nós, que fomos seus  
 descendentes, & successo-  
 res.

Constat  
 ex toto

187 Não posso dei-  
 xar de confirmar esta ben-

ção, ou doação ( porque  
 me não ponhão pleito )  
 com hũa Escritura publica,  
 & tambem sagrada. Os Pa-  
 triarcas antigos, como  
 eraõ alumiados com espí-  
 rito de profecia, punhão  
 a seus filhos taes nomes,  
 que nelles significavaõ a  
 boa, ou má fortuna sua, &  
 de seus descendentes. As-  
 sim o fez Adão nos nomes  
 de Caim, & Abel: assim  
 Jacob nos nomes de Jo-  
 seph, & Benjamin: assim  
 Joseph nos nomes de E-  
 fraim, & Manasses. Se-  
 guindo este estylo Japhet,  
 houve de pôr nome àquel-  
 le seu filho quinto, & cha-  
 moulhe Thubal. Mas que  
 quer dizer Thubal? Pro-  
 digioso caso! Thubal, co-  
 mo dizem todos os Inter-  
 pretes daquella primeira  
 lingua, ( que era a Hebrai-  
 ca ) quer dizer: *Orbis*, &  
*mundanus*: Homem de to-  
 do o mundo; homem de  
 todo o robe; homem de  
 toda a redondeza da ter-  
 ra. Pois de todo o mundo,  
 de todo o orbe, de toda a  
 redondeza da terra hum  
 homem?

lib. Ge-  
 nefis.  
 Ambr.  
 Theod.  
 & alii.  
 De be-  
 nedict.  
 Patriarc  
 Euseb.  
 10. de  
 prepa-  
 rat. 2.  
 Hierop.  
 Damaſc  
 August.  
 Euch.  
 Abul.  
 Genebr.  
 Bellarm.  
 Oleartr  
 SanCt.  
 Pagn. 8  
 alii.

homem? Sim: porque este homem era o primeiro fundador de Portugal, era o primeiro Portuguez, era o primeiro pay dos Portuguezes: aquelles homẽs notaveis, que não haviaõ de ser habitadores de hũa só terra, de hum só Reyno, de hũa só Provincia, como os outros homens; senão de todo o mundo, de todo o orbe, de todas as quatro partes da terra. E assim como o Romano se chama Romano, porque he de Roma; & o Grego se chama Grego, porque he de Grecia; & o Alemão se chama Alemão, porque he de Alemanha: assim o Portuguez se chama *Mũdanus*, porque he de todo o mundo; & se chama *Orbis*, porque he de toda a redondeza da terra. E como toda a terra he synonymo de Portugal, & os Portuguezes são parte dominadores, parte habitadores de toda a terra; por isso no dia felicissimo, em que o Principe, & Corte de Portugal, em nome, &

representação de toda a Monarquia, vem louvar, & agradecer a Deos solemnemente o felice nascimento da sua Primogenita: razão he, & obrigação, que à mesma acção de graças venha, & concorra também toda a terra. Vimos nõs, vimos todos os Portuguezes louvar a Deos: *Laudamus?* pois venha também conosco toda a terra veneralo: *Omnis terra veneratur.*

188 No nascimento de Christo, quando o Vieiraõ adorar hoje os Reys do Oriente, cada hum dos Reys representava hũa parte do mundo. O mundo naquelle tempo constava só de tres partes; porque ainda os Portuguezes lhe não tinhaõ accrescentado, & descuberto a quarta. Esse he o mysterio, porque os Reys foraõ sómente tres. O primeiro Cetro representava a soberania de Asia, a segunda Purpura a potencia da Africa, a terceira Coroa a magestade da Europa. *Tres Magi*

Bed. hic  
Ruperr.  
lib. 2. in  
Matth.  
D Tho-  
in Cate-  
na.

*tres partes mundi significat, Afiam, Africam, Europam:* disse o Veneravel Beda, S. Thomás, & Ruperto. De maneira, que no nascimento de Christo, quando o mundo o vem adorar, hum Rey representa hũa parte do mundo, mas no nascimento da nossa Primogenita, quando Portugal vem adorar ao mesmo Christo, hum só Principe representa todas as quatro partes. Mais tem hoje Christo a seus pês em hum Cetro, do que teve naquella dia em tres Coroas. Se nesta madrugada houvesse de despachar Portugal correys de luz a levar a felice nova por toda a Monarquia, não havia de hir hũa só Estrella, senão quatro Estrellas: hũa Estrella para o Oriente à Asia; outra Estrella para o Occidente à America; outra Estrella para o Setentriaõ à Europa; outra Estrella para o Mcyo dia à Africa. Oh que fermosas Estrellas! Oh que alegres, & festejadas novas para a-

quelles fidelissimos vassallos, tam amantes do seu Reyno, & do seu Rey, espalhados por toda a terra! Mas pois as Estrellas não vão, nem elles podem vir tam depressa: vem em nome de todos elles, & como cabeça de todos, o nosso Monarca em presença, com toda a sua Corte, para que todos louvemos a Deos: *Laudamus*: & em representação, com toda a terra, (em que tanta parte he sua) para que toda o venerc: *Omnis terra veneratur.*

## §.III.

189 **T**Emos fatisteito á primeira pergunta, & já sabemos, quem louva. Segue se a segunda: A quem louva? Digo, que louva Portugal, & louva toda a terra a Deos em quanto Deos, & a Deos em quanto Senhor: em quanto Deos: *Te Deum*: em quanto Senhor: *Te Dominum*. Deos he nome de liberalidade; Senhor, he

he nome de poder : chama-se Senhor, porque pôde ; & chama-se Deos, porque dá. E por isso louvamos a Deos, em quanto Deos, & em quanto Senhor, neste dia, em que deu successão a nossos Principes ; porque lhes deu Deos, o que só Deos pôde dar.

en. 50 190 Carecia Rachel de filhos, & era esta dor para ella a mayor de todas as dores, como verdadeiramente he. Todos os Profetas nas suas comminações, quando querem encarecer muito hũa grande dor, chamaõ lhe dor como dor de parto. David : *lbi dolores ut parturientis.* Isaías : *Quasi parturiens, dolebunt.* Jeremias : *Dolores ut parturientem.* Mas posto que a dor do parto seja tam encarecida nas sagradas letras, ainda ha outra dor mayor. E qual he ? A dor de não ter essa dor ; a dor de não ter filhos. A dor de parto, he dor da mãy ; a dor de não ter filhos, he dor da mãy, & mais do

pay, ou dos que o desejaõ ser, & não saõ. A dor do parto, he dor de hũa hora ; a dor de não ter filhos, he dor de toda a vida : antes na mesma morte he mayor dor ; porque haõ de deixar por força os bens, & não tem, a quem os deixem. A dor do parto, como pô-

derou Christo, he dor que se converte em alegria : a dor de não ter filhos, he dor sem consolação, sem alivio, sem remedio. Finalmente, a dor do parto, he dor, com que pôde a vida ; a dor de não ter filhos, he dor, que mata. Estes saõ os termos, por onde Rachel explicou a sua dor :

*Da mihi liberos, alioquin moriar.* Jacob, daime filhos, senão heide morrer. Que responderia Jacob ? *Nunquid pro Deo ego sum?* Rachel, sou eu por ventura Deos ? Discreta resposta ! Demaneira q Rachel diz a Jacob, que lhe dê filhos : & Jacob responde a Rachel, que não he Deos. Como se dissera Jacob: Dizeilme que vos dê filhos,

M ij porque

Joann. 16.

Gen. 30  
Nūquid  
Deus e-  
go sum,  
aut vice,  
& par-  
te Dei  
fungor ?  
Cornel.  
lic.

porque dele jáis ser mãy ;  
 & eu digovos , que não sou  
 Deos , porque só Deos os  
 póde dar : só Deos os pó-  
 de dar , porque he Senhor ;  
 & só Deos os dá , quando  
 he servido , porq̃ he Deos.  
 Para ter filhos , não basta  
 só Jacob , & Rachel ; he  
 necessario Jacob , Rachel,  
 & mais Deos. He verdade  
 que Deos não dá filhos  
 sem Jacob , & Rachel ; que  
 por isso instituhio o vincu-  
 lo sagrado do matrimo-  
 nio : mas tambem he ver-  
 dade , que Jacob , & Ra-  
 chel sem Deos , não po-  
 dem ter filhos ; porque re-  
 servou Deos só para si esse  
 poder como Senhor : *Te*  
*Dominum* ; & reservou só  
 para si esta data , como  
 Deos : *Te Deum* E quando  
 Deos concede hoje ao nos-  
 so Principe , o que negou  
 a Jacob ; & á nossa Prince-  
 za , o que negou a Rachel ;  
 razão , & obrigação temos  
 de lhe render infinitas gra-  
 ças : de o louvar como  
 Deos : *Te Deum laudamus* ;  
 & de o confessar como Se-  
 nhor : *Te Dominum confite-*  
*mur* .

191 Grandes mercès  
 de sua liberalidade , em  
 quanto Deos , grandes , &  
 maravilhosos favores de  
 seu poder , em quanto Se-  
 nhor , tinha Deos feito aos  
 nossos Principes , & ao nos-  
 so Reyno até este dia : mas  
 he tanto mayor mercè , &  
 tanto mais relevante fa-  
 vor , o que hoje nos fez na  
 successão , que lhes deu ;  
 que em comparaçã deste  
 soberano beneficio , em to-  
 das estas mercès , sem esta,  
 nenhũa cousa lhes tinha  
 dado ; & em todos esses fa-  
 vores , & outros ainda ma-  
 yores sem este , nenhũa  
 cousa lhes podia dar. Pa-  
 rece que digo muito : se o  
 não provar , não me creão.

192 Apareceo Deos  
 a Abrahaõ , satisfeito do  
 bem que o servio , & disse-  
 lhe : *Ego protector tuus* , & <sup>Genes.</sup>  
*merces tua magna nimis* . Eu <sup>15.</sup>  
 desde este dia te tomo de-  
 baixo de minha protec-  
 ção , & sabe que te hei de  
 fazer grãdes mercès. Mer-  
 cès a mim ? ( respondeo  
 Abrahaõ ) *Domine Deus* ,  
*quid dabis mihi* ? Deos , &  
 Senhor

Senhor meu, que tendes vòs que me dar a mim, ou que podeis dar-me? Esta he a energia literal das palavras. Porém eu heide mostrar a Abrahão, que se implicou nellas. Nas primeiras palavras, *Domine Deus*, confessais, que he Senhor, & Deos: nas segundas, *Quid dabis mihi*, dizeis, que não tem que vos poder dar? Senão tem que vos poder dar, não he Senhor, & Deos: & se he Senhor, & Deos, darvossha como Deos, o que póde como Senhor. Mas não argumentemos de possível, senão *de facto*. Sabeis, Abrahão, o que vos póde dar Deos? Podevos dar tudo o que vos deu. Deos deu a Abrahão grandes riquezas, deulhe prodigiosas vitórias, deulhe honra, deulhe fama, & sobre tudo, deulhe a terra de Promissão, & a Coroa de Israel, que era hũa Monarquia de doze Reynos. Pois se Deos vos deu tanto, & vos póde dar muito mais; como dizeis a Deos:

Tom. 12.

Senhor, que me haveis de dar? Ou, que podeis dar-me? O mesmo Abrahão se explicou, & me explicou: *Domine Deus, quid dabis mihi? & ego vado absque liberis.* Deos, & Senhor meu, que me haveis vòs de dar? Ou, que me podeis dar, se eu não tenho filhos? Quando Deos fez aquella promessa a Abrahão, Abrahão não tinha filhos, nem esperança de os ter; porq̃ Sara era de noventa annos, & elle ainda mais velho: & por isso diz resolutamente a Deos, que não tem que lhe dar; porque tudo o que Deos dá, ou póde dar nesta vida, senão deu filhos, he como se o não dera. E porque? Porque o que se me dá a mim para outrem, não se me dá a mim. Esta he a enfase, & alma daquelle *mibi*; *conheço*, que fois Senhor no poder, & que fois Deos na liberalidade; mas *mibi?* a mim, que não tenho filhos? *Mibi?* à mim que nem esperança tenho de os ter? Nenhũa cousa me

Genef. 17.

*Quid dabis mihi: quæ merces ista tua homini cui prolem denegas: Bened. Terd. hic.*

M iij póde

põde dar vossa liberalidade ; nenhũa cousa tem que me dar vosso poder ; porque tudo quanto me derdes a mim , não he para mim , senão para os estranhos , que o haõ de lograr : & isso he dallo a elles , & não a mim. Se vós, Senhor, me tivereis dado filhos , podereis-me dar muito ; mas como não me fizestes em seu tempo esta mercê , já agora por minha incapacidade , não tendes que me dar ; porque nos filhos , que me negastes , me tendes já tirado quanto me derdes.

193 Eif-aqui , Portugal porque eu digo , que se Deos nos não dera successão , por mais mercês q̄ nos tenha feito , nenhũa cousa nos tinha feito ; nenhũa cousa nos tinha dado , nem tinha que nos dar. Seja prova desta pura verdade , a memoria do tempo passado. Tirounos Deos o Reyno por tantos annos : tirounos o Imperio , a soberania , a liberdade : o Imperio trocou-se

em sujeição , a soberania em vassallagem , a liberdade em cativoiro. E quando nos tirou Deos tudo isto ? Quando nos deu hum Rey sem successão : se o Rey naquella infelice batalha tivera successor , perdera-se o Rey , mas não se perdèra o Reyno : mas porque Deos , por nossos peccados , queria tirar ao Rey , & ao Reyno tudo o que lhe tinha dado , por isso lhe não deu successão. Não podèra agora succeder o mesmo ? Não podèra ser hum irmão , como outro irmão ? Sim podèra. E neste caso , em todas as mercês , que Deos nos fez , nenhũa cousa nos tinha feito ; & em todas as felicidades , que nos deu , nenhũa cousa nos tinha dado : antes poderamos dizer com Abrahaõ , que nem tinha que nos dar : *Domine Deus , quid dabis mibi ? ego vado absque liberis.*

194 Alegremos o discurso , que parece hia sendo triste para dia tam de festa. Vede o q̄ digo agora.

Affim

Assim como Deos, se não dera successão, não tinha que nos dar: assim hoje, que nos tem dado successão, já não temos que lhe pedir. O mayor auge, que se pôde imaginar de fortuna, he chegar hum Rey, & hum Reyno a taes circunstancias de felicidade, que não tenha mais que pedir a Deos: & tal he o ponto altissimo, em que hoje se vê Portugal, & seu Principe. O fiador deste segundo pensamento he tam abonado, como o do primeiro.

195 Mandou Deos recontar a David, por boca do Profeta Nathan, as mercês que lhe tinha feito, & notificarlhe tambem, as que de novo lhe determinava fazer: & todas se reduzião a estas tres. A primeira, que sendo filho ultimo da casa de seus pays, o puzera no Throno Real de Israel, de que tinha privado a El Rey Saul, & o confirmaria nelle: *Thronus tuus erit firmus jugiter: misericordiam au-*

*tem meam non auferam ab illo, sicut abstuli à Saul. A segunda, que assim como lhe tinha dado maravilhosas vitorias, lhe daria tambem paz universal com todos seus inimigos: Omnes inimicos tuos interfeci à facie tua: & requiem dabo tibi ab omnibus inimicis tuis. A terceira, que lhe daria filho herdeiro, que succedesse em sua casa, para que o mesmo Cetro se perpetuasse por longos annos na sua descendencia: Suscitabo sementuum post te, quod egredietur de utero tuo: & firmabo regnum ejus. Ouida, David, esta tam grandiosa relação, como Principe tam pio, & religioso que era, fez o que faz hoje o nosso Principe. Vai-se á Capella Real, ( porque naquelle tempo, como notou Abulense, estava a Arca do Testamento em Palacio, em hum lugar separado, & consagrado a Deos ) postra-se diante do Divino Propiciatorio, & depois de confessar com humilde reconhecimento sua.*

Abulens.  
hic q.  
11.  
Ut daret  
gratiarũ  
actiones  
Deo, in-  
troiuit in  
domum,  
ubi erat  
Arca,  
quia illa  
erat in  
quodam  
loco se-  
gregato  
domus  
sua.

2. Reg.  
7.

as mercês que da mão de Deos tinha recebido, chegando á do filho successor, disse assim: *Sed & hoc parum visum est in conspectu tuo, nisi loquereris de domo servi tui in longinquum: ista est enim lex Adam, Domine Deus.* E como se foraõ poucas nos olhos de vossa Divina liberalidade as mercês tantas, & tam grandes, que me tendes feito, Senhor; ainda sobre todas ellas, fostes servido de me dar successor, & herdeiro, em que minha casa se conserve, & perpetue; porque esta he a unica consolação daquella dura ley da mortalidade, com que os filhos de Adaõ nascemos. *Quid ergo,* (ouvi agora a consequencia, & conclusão de David) *quid ergo addere poterit adhuc David, ut loquatur ad te?* Depois desta ultima mercê, que me fizestes, Senhor, já David não tem que vos pedir. Notavel dizer de hum homem, Rey, & Santo! E onde está, David, aquella *Domine Deus*, que agora acabastes

de confessar? He Senhor; & já não tem que pedir o servo ao Omnipotente Senhor? He Deos; & já não tem que pedir a creatura ao Infinito Deos? Nesta vida não, diz David. Não falla dos bens da graça como Santo; falla dos bens da fortuna, como Rey; & destes achou David, que já não tinha nesta vida que pedir a Deos: *Quasi diceret* (commenta o mesmo Abulente) *cum tanta bona mihi dederis atque promiseris, nihil manet, quod ego petere possim.* Tal era o summo da felicidade humana, em que aquelle graõ Rey se reconhecia, depois de se ver com successão sobre tantas outras mercês do Ceo.

196 Antes desta ultima felicidade, em todas as outras suas, sempre David tinha algũa cousa que pedir a Deos: & senão, vamos subindo hum pouco pelos degraos da sua fortuna, que são os mesmos da nossa. Antes de David ser Rey, ainda que era o ultimo

Abul.  
ibid.

ultimo filho da casa de seus pays , animado do sangue Real , que lhe pulsava nas veas , podia pedir a Deos , que lhe desse o Reyno. Depois de David estar sublimado ao Throno Real , adorado , obedecido , & confirmado nelle : *Thronus tuus erit firmus jugiter* ; vendo-se cercado por todas as partes de tantos , & tam poderosos inimigos , podia pedir a Deos , que o livrasse do tumulto das armas , & oppressões da guerra , & lhe desse paz , & delcancço. Depois de David possuir o Reyno quieto , & pacifico , & se ver reconhecido , & respeitado de todos seus inimigos : *Requiem dabo tibi ab omnibus inimicis tuis* , podia ainda pedir a Deos , que lhe desse successão , para q̃ o Reyno , & essas mesmas felicidades se perpetuassem em sua casa , & na posteridade de seus descendentes. Mas depois de Deos lhe conceder esta ultima graça , & lhe dar successor à Coroa para depois

de seus dias : *Suscitabo semen tuum post te, quod egredietur de utero tuo* : vendo-se David com Reyno , com paz , & com successão , parou o defejo , fez alto a fortuna , & resolveo David com ella , & comfigo , que já não tinha nesta vida , que pedir a Deos : *Quid addere poterit adhuc David, ut loquatur ad te?*

197 Não fazia conta de applicar o caso , por ser tam semelhante : mas quero que me entendaõ todos , porque não haja algũa ingraticidã , que possa ter escusa com Deos , nem com os homens. O Principe D. Pedro nosso Senhor , que Deos guarde , ( como Davidem tudo ) era o ultimo filho da Real casa de seus pays : o primeiro degrao da sua fortuna foi , por lhe Deos na mão o Centro de Portugal , & assentallo no Throno Real , não depois da morte , senão em vida do Rey , bem assim como David em vida d' El Rey Saul. Quando Sua Alteza tomou as re-  
deas

deas do governo, estava o Reyno opprimido, & carregado de tributos; as Provincias, & campanhas fervendo em armas; os vassallos dentro, & fóra, no mar, & na terra, padecendo os trabalhos, & oppressões das guerras. Aqui subio sua fortuna o segundo degrao. Vem hũa paz, & outra paz, não buscadas, senão trazidas a Portugal; cessão as armas, levantão-se os tributos, (como tambem os tirou David: *Tulit David frenum tributi de manu Philistiim:*) respira o Reyno, descançaõ os povos, colhem-se as novidades, & frutos da terra em tanta abundancia, recolhem-se os cômercios, & riquezas do mar em tantas frotas, em tantos thesouros. Tens mais que desejar? Tens mais que pedir a Deos, Reyno de Portugal? Ainda tinhamos que desejar, ainda tinhamos que pedir; porque nos faltava a ultima, & mayor felicidade de todas, que era a successão. Tinha-nos da-

2. Reg.  
3.

do Deos o Reyno, tinhamos dado a paz; mas paz sem successão, he guerra; Reyno sem successão, he despojo. Bem o experimentamos, & bem lamentavelmente, no caso d' ElRey D. Sebastião. Tinhamos naquelle tempo Reyno, tinhamos naquelle tempo paz; mas a paz, para ser mayor guerra, foi guerra de poucos dias: & o Reyno, para ser mayor despojo, foi despojo de sessenta annos. A paz foi guerra de poucos dias; porque em poucos dias nos vimos sujeitos, sem resistencia: o Reyno foi despojo de sessenta annos; porque sessenta annos estivemos cativos, sem liberdade, & sem honra. No mesmo perigo, na mesma contingencia, no mesmo receyo estavamos até este dia, posto que tam assistidos de felicidades. A successão Real, ainda que entronizada, estava no ultimo fio; o baxel, ainda que tremolando vitoriosas bandeiras, estava sobre hũa

lô amarra. Faltavamos se-  
gundo fiador para a vida,  
faltavamos segunda anco-  
ra para a segurança: & tu-  
do isto nos nasceo hoje.  
Já temos a successão em  
duas vidas; já temos o Ga-  
leão sobre duas amarras.  
Esta foi a altissima mercê,  
que hoje nos fez o Ceo;   
este o ultimo auge, a que  
hoje vemos subida nossa  
fortuna: por hũa parte  
tam necessaria, & por ou-  
tra tam excessiva; que nem  
Deos sem ella ( em sen-  
tença de Abrahão ) tinha  
que nos dar: nem nós com  
ella ( em sentença de Da-  
vid ) temos, que pedir.

198 A este Deos tam  
bom vimos louvar como  
Deos; & a este Senhor tam  
liberal vimos confessar co-  
mo Senhor: & vem tam-  
bem conosco os Reys  
do Oriente, ou nós com  
elles. Canta a Igreja neste  
dia, como os Reys haviaõ  
de offerecer a Christo seus  
doens, & acrescentando á  
Arpa de David duas vozes  
suas, como se a letra fora  
composta para o nosso

Coro, diz assim: *Reges A-  
rabum, & Saba dona De-  
mino Deo adducent. Virão*  
os Reys do Oriente, & of-  
ferecerão seus doens a  
Christo, como a Deos, &  
como a Senhor: *Domino*  
*Deo.* E que doens são, ou  
haviaõ de ser estes? *Isaias*  
cõmentando a David, diz,  
que haviaõ de ser ouro, &  
incenso: o ouro em tribu-  
tos, como a Senhor, o in-  
censo em adorações, co-  
mo a Deos: *Omnes de Sa-  
ba venient, aurum, & thus*  
*deferentes.* Os successores  
destes mesmos Reys do  
Oriente, que hoje vieraõ  
ao Presepio de Christo, &  
os Senhores do comércio  
destas mesmas drogas ri-  
cas, que lhe offereceraõ  
da Arabia, da Persia, da  
India, são os Reys de Por-  
tugal. E pois herdamos as  
suas Coroas, bem he que  
paguemos tambem a Deos  
os seus tributos. Assim o  
fazemos hoje, & muito  
melhor. Elles offereceraõ  
o incenso, & nós o cheiro;  
elles offereceraõ o ouro, &  
nós o preço. O mais pre-  
cioso

*Isai. 60.*

cioso daquelle ouro, & o mais cheiroto daquelle incenso, eraõ os louvores, que juntamente deraõ a Deos, como acrescenta o mesmo Profeta: *Aurum, & thus deferentes, & laudem Domino annuntiantes.* Tambem vieraõ com *Te Deum laudamus.* Assim q̃ em louvores lhe offerecemos o incenso, como a Deos, & em louvores lhe tributamos o ouro, como a Senhor; & assim o ouro, como o incenso trazidos tambem de Sabá. De Sabá, que dizer, *De conversione*, Da conversão. E que he, o que acabamos de ver em todo este discurso, senão hũa conversão admiravel de todas as cousas em Portugal? O cativoiro, convertido em liberdade; a vassallagem, convertida em Reyno; a guerra convertida em paz: & lobre tudo a esterilidade convertida em successão. Este he pois, o Poderosissimo Senhor, reparador de tantas ruinas; a quem vimos louvar como Deos: *Te*

*Deum laudamus.* Este he o liberalissimo Deos, Author de tantas felicidades, a quem vimos confessar como Senhor: *Te Dominum confitemur.*

## §. IV.

199 **T**emos ponderado, quem louva, & a quem louva. Resta a ultima pergunta: porque louva? Este porque, já está respondido em commum, mas não está dito, nem ponderado em particular. Digo, que louvamos em particular a Deos; porque o Eterno Padre, em quanto Pay, fez hoje pay ao nosso Principe; & em quanto Eterno, começa hoje ao fazer eterno: *Te aeternum Patrem.* Mas porque razão, (começando pela primeira parte deste ponto) porque razão pertence mais este beneficio á Pessoa do Eterno Padre, que á do Filho, ou do Espirito Santo? Eu o direi. Entre as tres Pessoas da Santissima Trin-

Trindade, o Espirito Santo he Pessoa infecunda; não gera, nem produz: por isso não ha quarta pessoa. O filho he Pessoa fecunda; produz, mas não gera: por isso o Espirito Santo he produzido, & não gerado. Só o Padre Eterno, por propriedade particular, & Nocial sua, tem fecundidade para produzir gerando: por isso só a Pessoa do Padre tem filho. E porque só a Pessoa do Padre pôde gerar, & ter Filho; essa he a razão, porque o beneficio da geração, da successão, & dos filhos, pertence por attribuição particular, & propriissima, só á Pessoa do Eterno Padre. Texto expresso de S. Paulo: *Hujus rei gratiã stulto genua mea ad Patrem, ex quo omnis Paternitas in celis, & in terra nominatur.* Por esta causa, diz S. Paulo, ( como se fallára por nós, & comnosco neste dia ) por esta causa me postro de joelhos diante do Padre, porque delle procede toda

a Paternidade, assim no Ceo, como na terra. De maneira, que não ha Paternidade, nem ser de Pay, ou no Ceo, ou na terra, que não seja derivado do Eterno Padre. No Ceo; porque o Eterno Padre se faz Pay a si mesmo, & tem Filho Deos na terra; porque o Eterno Padre faz aos homens pays, & lhes dá filhos homens. *Paternitas in celo est generatio Filii: Paternitas in terra est generatio hominum: que omnis à Dei Paternitate manat; omnes enim ab eo habent vim generandi, ut sint, & nominentur Patres,* disse, cômmentando a S. Paulo, o Doutor Maximo S. Jeronymo. Assim que ao Eterno Padre deve hoje o nosso Principe o ser pay.

200 Mas porque este beneficio, & graça, que nos outros pays he commum, na soberania de tal pay tivesse tambem prerogativas soberanas; que fez o Eterno Padre? Fez, que não só lhe deveste o nosso Prin-

S Hieronym.  
hic.

Príncipe a fecundidade da successão, senão também a semelhança da fecundidade. Fez, que fosse pay em tempo, ao modo (quanto pôde ser) com que elle he pay sem tempo. Hãu das grandes differenças, que ha entre a fecundidade Divina, & a fecundidade humana; & entre hũa, & outra geração, he esta. A fecundidade humana, ordinariamente obra com dilação de tempo, & com tanta dilação muitas vezes, que ainda quando ha geração, & filhos, vem depois de muito annos. Não assim a fecundidade Divina: no mesmo ponto, em que a primeira Pessoa da Trindade *ab eterno* he constituhida Pessoa, logo juntamente he Pay; logo juntamente tem filho, sem demora, nem precedencia de tempo, só com prioridade de origem. Computemos agora pelo dia do nascimento da nossa Primogenita, o dia de sua geração, & acharemos phyficamente, que foi pró-

ptissimo, & que sem vagares de dilação, nem intervallos de tempo; logo, logo nos fez Deos a mercê, que desejavamos. É porque tam promptamente? Por ventura, para nos livrar das suspenções da duvida, dos receyos da incerteza, dos cuidados da esperança, & ainda de outros pensamentos? Essa só razão bastava; mas não foi só por essa: senão, que quiz o Eterno Padre, (quanto cabe na proporção do creado ao increado) que a fecundidade dos nossos Principes fosse muy semelhante à sua fecundidade; & a geração da nossa Primogenita, muy parecida á do seu Unigenito. O seu Unigenito gerado sem prioridade de tempo, a nossa Primogenita gerada sem dilações de tempo. Nem fação duvida os tres dias, que contamos sobre os nove mezes; porque esse he o estilo particular, q̃a natureza observa nos partos Reaes, & heroicos. Na formação dos partos

Sapient.

7.

De acci-

mo mēse

inchoan

intelligi

orium

Salom.

Bengus

de nu-

meris

u. 45.

partos vulgares , gasta a natureza nove mezes , & menos muitas vezes : mas nos partos não sô Reaes , mas heroicos ( ou seja Providencia , ou Magestade ) parece que poem a mesma natureza mais arte , & mais cuidado , & tarda na formação , & perfeição delles , até entrar no mez decimo. Assim o disse de si mesmo ElRey Salamao : *Decem mensium tempore coagulatus sum.* Assim o Principe dos Poetas da mãy do seu Augusto : *Matri longa decem tulerunt fastidia menses.* E assim ( o que he mais ) São Joao Damasceno , contando os dias da geração , & nascimento temporal do Primogenito do mesmo Padre : *Novem menses complens , decimum attingens , nascitur.*

201 Mas poderá replicar a curiosidade ( por não dizer a ingratidão ) de algum ouvinte máo de cõtentar : que para esta graça ser inteira , & propria do Eterno Padre , havia de ser Primogenito , o de que

nos fez mercê ; & não Primogenita : porque o mesmo Padre , *Aquo omnis Paternitas in cælis , & in terra* , assim no Ceo , como na terra , só tem Primogenito : Primogenito no Ceo , o Verbo ; Primogenito na terra , Christo. Agradeço o reparo pela reposta ; ou a ferida pelo reparo : ouvi o q̃ a muitos parecerá novidade. Digo , q̃ foi graça propria , & propriissima do Eterno Padre , darnos no primeiro nascimento Primogenita , & não Primogenito ; porq̃ em Deos assim no Ceo , como na terra ; assim no Divino , como no humano , primeiro he a Primogenita , que o Primogenito. Fallo pela boca das Escrituras sagradas , & pelos termos de que usão os Authores Canonicos de hum , & outro Testamento. Começemos pelo Ceo. O Ecclesiastico

24. *Ego ex ore Altissimi prodivi Primogenita ante omnem creaturam.* Eis aqui a Primoge-

Ecclesiast. 24.  
De Sapiaentia essentiali interpretatur S. Gregor. Naz. Tert. Hier. Cornel. Janf. Corn. Alapid.

pid. Caiet. Tiri-  
rin. Menoch.  
Salaz. Oliveri.  
Bona t. Gordon.  
& alii.  
Quam expositionem  
solum agnoscit litera-  
le Janlen. Salaz.  
vero literalissimam  
appellat. Eam optime  
intelliges in sententia  
communissima PP.  
& TT. qui integram  
Dei essentiam constituunt  
in intellectivo radicali,  
à qua tamquam à radice,  
& principio virtuali  
distincto emanat,  
& prodit sapientia  
essentialis, ut primū  
attributū. August.  
Cyril. Damasc.  
Basilius, Vasq.  
Molin. Salas, Fons-  
& alii

mogenita. S. Paulo no Capitulo 1. aos Colossenses: *Qui est imago Dei invisibilis Primogenitus omnis creaturae.* Eis-aqui o Primogenito. De forte, que já temos em Deos Primogenita, & Primogenito. E qual he primeiro, o Primogenito, ou a Primogenita? Primeiro he a Primogenita. Porque a Primogenita, he a Sabedoria essencial: o Primogenito he o Verbo, Sabedoria pessoal, & Nocional: & em Deos (como ensinão todos os Theologos) primeiro he o essencial, que o Nocional. Por isso a Primogenita tem antes, & o Primogenito não tem antes. A Primogenita tem antes: *Primogenita ante omnem creaturam*: o Primogenito não tem antes: *Primogenitus omnis creaturae.* Hũa Deos, & outra sabedoria em Deos *saõ ab eter-*

no, antes de todo o creado, mas a sabedoria essencial com prioridade virtual antecedente, *ante.* Não me detenho em distinguir estas prioridades, & virtualidades, porque fallo entre doutos, & todos sabem, que no Divino, & Eterno, entre antes, & depois, não cabe tempo. Passemos á terra. Na terra tambem Deos, & o Padre tem Primogenito, & Primogenita; & ainda com mais rigoroso nome, Filho, & Filha. O Filho he Christo: *Misit Deus Filium suum*: a Filha he Maria Santissima: *Audi Filia, & vide.* E qual foi primeiro, o Filho, ou a Filha? Não ha duvida, quanto á humanidade, que a Filha foi primeiro, & o Filho depois.

202 E porque, ou para que foi primeiro a Filha, que o Filho? Para que quando viesse o Filho, achasse já quebrada a cabeça, & pizado o veneno da Serpente: *Ipsa conteret caput tuum.* Couza he vul-

Ad Gal.  
4. Pfal.  
44. Maria  
riã Patr-  
tris Pri-  
mogeni-  
tam  
vocat S.  
Laurét.  
Justin.  
Simon.  
Cass. &  
RR. paf-  
sim.  
Gen. 3

gra na Historia sagrada, & advertida communmente dos Padres, que os Primogenitos, se são filhos, pela mayor parte sahem mordidos, ou abocanhados da fortuna, & tocados de seu veneno, & trazem cõfigo não sei que dezar, ou azar da natureza. Por isso geralmente lemos delles, que foraõ reprovados, ou menos queridos de Deos, que he o mayor azar de todos. O Primogenito de Adaõ, Caim, desgraciado: o Primogenito de Abrahaõ, Ismael, desgraciado: o Primogenito de Isaac, Esaù, desgraciado: o Primogenito de Jacob, Ruben, desgraciado: o Primogenito de David, Amnon, desgraciado: o Primogenito de Job, não lhe sabemos o nome, mais que pela desgraça; a qual foi tanta, que de hum golpe em sua casa, acabou elle, a casa, & todos seus irmãos. E como este he o fado commum dos Primogenitos, & costuma nascer com elles, ou seguilos a

desgraça; para desfazer este azar, & tirar este tropeço á má fortuna, sahe hoje diante com particular Providencia, a nossa Primogenita, franqueando, & deixando o passo livre ao venturoso irmão, que embora vier; para que sendo o segundo no lugar, seja, sem estorvo, o primeiro na felicidade. *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis!* Oh que fermosos são vossos passos, filha do Principe! E porque fermosos seus passos? Porque os soube adiantar ao perigo do irmão, quebrando-lhe o azar de Primogenito. E por isso finaladamente, *in calceamentis*: porque com esses passos adiantados calçou, pizou, & meteo debaixo do pé toda a má fortuna. Com tam bom pé, & com tam ayrosos passos, entra hoje no theatro do mundo, a fazer o primeiro papel, a nossa galharda Princeza: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia Principis!*

Cant. 7:

Marth.  
2-

203 Mas para que busco eu satisfaçoens á nossa Primogenita, se ella traz consigo a satisfação? *Vidimus Stellam ejus in Oriente, & venimus adorare eum.* Tanto que os Magos viram a Estrella no Oriente, logo, como sabios, vieraõ adorar o Rey nascido: *Ubi est, qui natus est Rex?* Porq̃ o nascimento da Estrella, era final certo do nascimento do Rey. Quando a Estrella appareceu no Oriente, ainda o Rey não era nascido, nem concebido ainda; mas do nascimêto da Estrella, que já nascêra, inferiram com evidencia o nascimento do Rey, que havia de nascer. Nasceo a Estrella? pois após ella nascerá logo o Rey. He magestade do Sol, trazer diante o luzeiro: Sam Chrysofostomo, & Santo Agostinho fundados no texto, *Ab initu, & infra, secundum tempus, quod exquisierat à Magis*, dizem, que nasceo a Estrella dous annos antes. Nam he ne-

Chryf.  
Homil.  
7. in  
Marth.  
August.  
serm. 7.  
de Epi-  
phan.

cessario tamanho intervallo. Hoje vemos a Estrella no Oriente, daqui a hũ anno (siquem todos avistados) viremos adorar ao Rey nascido. Galante cousa he por certo, que quizeffemos nõs, contar todas as leys do Ceo, & da terra, que o Sol nascesse primeiro que a Aurora; & o fruto primeiro que a flor! Hoje amanheceo em purpuras a Aurora; após ella sabirá o Sol: hoje desabotoou em mantilhas a bellissima flor; após ella se seguirá o fruto; que sempre o fruto vem pegado no pê da flor. Nasceram à fecunda Rebecca dous <sup>Genes.</sup> partos de hum ventre, & <sup>25-</sup> o segundo, que era Jacob, sabio pegado no pê do primeiro. O primeiro parto he a flor do segundo; & o segundo, como fruto, sahe pegado no pê da flor. Virá o segundo, & felicissimo parto após o primeiro: antes digo, que no primeiro já tem começado a vir; porque a flor he parto inchoado do fruto. Assim

Assim o entenderão aquellos discretos lavradores, bem ensinados da natureza, quando disserão: *Egrediamur in agrum, & videamus si flores fructus parturiunt.*

204 Deixem nosos desejos fazer a Deos, que elle sabe melhor fazer, do que nós sabemos desejar. Lá diz o Euangelho dos nosos mayores: *Na casa de bençam primeiro he a filha, que o varam.* Filha era do Infante Dom Duarte, & não filho, a Serenissima Senhora Dona Catharina, & nesta filha sustentou Deos a esperança, & depositou o remedio de Portugal. Em quanto não vier o Primogenito, já temos Herdeira: como o primogenito lhe tomar a vanguarda, batalhará Europa, sobre quem a hade levar por Senhora. He Estrella deste dia, que andarão apòs ella nam só hum Rey, senão muitos. E quanta razão terão todas as Coroas do mundo, de a pertender para Rai-

nha, pois he Princeza de tantas partes, como já hoje começamos a ver! Muito benigna, muito discreta, muito vigilante, muito liberal, & sobretudo muito favorecida do Ceo. Tam benigna, & de tão Real condição, que em nove mezes, q̄ esteve tam de portas a dentro com a Rainha nossa Senhora, nunca lhe deu a menor molestia. Tam discreta, & de tam alta eleição, que escolheo o melhor, & mayor dia do anno, & mais sem ningué lho ensinar: porque nunca ouve em Portugal exemplo semelhante. Tam vigilante, & diligente, que sendo hoje dia feriado, madrugou às duas horas depois da meya noite, & espertou toda a casa. Tam liberal, & grandiosa, que para fazer a mayor mercè aos vassallos, sem esperar memoriaes, lhes deu de Reys a si mesma. Finalmente, tam favorecida do Ceo, & da mesma Mãe de Deos, que fazendo a

Novena  
que fez  
a Rainha  
visitan-  
do nove  
Igrejas  
de nossa  
Senhora.

Rainha que Deos guarde ,  
aquella tam devota No-  
vena pela felicidade de  
seu nascimento ; porque o  
ultimo dia foi dedicado à  
Senhora da Estrella , nos  
deu esta Estrella por Se-  
nhora : *Vidimus Stellam  
ejus*. Esta he a Primoge-  
nita , que hoje nalceo a  
Portugal : esta he a Prin-  
ceza que hoje nasceo para  
o mundo : tam digna do  
pay , a quem se deu , como  
do Pay , q̄ a deu : *Te Æter-  
num Patrem*.

## §. V.

205 **I** Sto fez o Eter-  
no Padre , em  
quanto Pay. E em quan-  
to Eterno , que fez ?  
Fez que o nosso Principe  
comece tambem hoje a ser  
eterno por beneficio da  
sucessão. Os pays ho-  
mens , ainda q̄ sejaõ Prin-  
cipes , todos são mortaes ;  
mas por meyo da vida dos  
filhos se immortalizão ,  
& por meyo da posteri-  
dade da successão se fa-  
zem eternos. Falla ElRey

David de si mesmo , & diz  
assim no Psalmo 60. *Dies Psalmi  
super dies Regis adjicies : an-  
nos ejus usque in diem gene-  
rationis , & generationis.*  
Vós , Senhor , acrecenta-  
reis dias sobre os dias do  
Rey , & por meyo destes  
dias acrecentados , os seus  
annos duraráõ de seculo  
em seculo , & serão eter-  
nos. Difficiloso Texto !  
He ceito , que Deos tem  
decretado a cada homem  
o numero dos dias da vi-  
da , com hum termo , &  
hum limite tam preciso ,  
que de nenhum modo po-  
dem crescer , nem passar  
adiante : *Constituísti termi-  
nos ejus , qui præteriri non  
poterunt.* Pois se o numero  
dos dias decretados de ne-  
nhum modo pôde passar  
adiante , nem crescer ; co-  
mo diz David a Deos , que  
acrecentará dias sobre os  
dias do Rey : *Dies super  
dies Regis adjicies ?* Que  
dias acrecétados são estes ?  
São os dias dos filhos , a-  
crecentados sobre os dias  
do pay. E por meyo deste  
acrecentamento de dias a  
dias.

Job 14.

dias, os annos dos pays, que pela mortalidade humana eraõ finitos, pela posteridade da successão vem a ser eternos: *Annos ejus usque in diem generationis, & generationis.* Ajunta-se hũa geraçãõ com outra geraçãõ, & hũa vida com outra vida; & desta uniaõ de vidas a vidas successivamente continuadas, se tece o fio daquella eternidade, que faz os annos eternos. Sim: mas estes annos acrescentados, sãõ dos filhos, & não sãõ do pay. Sim sãõ do pay; que assim o diz o Texto: *Dies super dies Regis adjicies: annos ejus: annos leus:* porque assim os annos do pay, como os dos filhos, todos sãõ do pay.

206 Mas esta composição de annos com annos, & esta uniaõ de dias a dias, como se faz, & quando? Faz se no dia do nascimẽto do filho. Porque no dia, em que nasceo o filho, torna o pay a renascer. Antes de o filho nascer, vai a vida do pay caminhando para

o Occaso; mas no dia, em que nasce o filho, torna a vida do pay a nascer, & por-se no Oriente. Pormetteo Deos a ElRey Ezechias, que lhe acrescentaria os annos da vida: pedio Ezechias final; & o signal foi este: Que o Sol voltasse ao Oriente, & que a sombra subisse dez linhas no Relogio d' ElRey Acház. A duraçãõ da nossa vida mede-se pelo curso do Sol. Pois se o curso do Sol he a medida da vida humana, & Deos queria acrescentar a vida ao Rey; parece que o Sol havia de hir adiante, & não tornar atráz; parece que havia de caminhar ao Occaso, & não voltar ao Oriente. Elle he o mysterio, & a estremada pintura do que vou dizendo. O modo natural, com que Deos acrescenta os annos aos homens, he unindo a vida dos filhos á vida dos pays, & renascendo outra vez os pays no nascimento dos filhos: & por isso a vida dos pays, que seguindo o curso do

Isai. 38.  
S. Hier.  
Cyril.  
Procepl.  
Ayin.  
Lyan.  
Hugo  
Adam.  
Cornel.  
Sanch.  
& alii.

Sol vey cãmnhando ao Occaso; pelo milagre natural do nascimento dos filhos torna de repête atrás, & se poem outra vez no Oriente. A traça daquelle Relogio de ElRey Achaz era hũa escada fabricada com tal artificio, que a sombra do Sol em cada hora hia descendo hum degrao. Esta escada, ou a sombra della, he a nossa vida: de degrao em degrao vay descendo sempre, & caminhando para o Occaso. Mas a vida dos pays, no dia do nascimento dos filhos, torna outra vez a subir a escada, & a se repor de novo no primeiro degrao. Tal he, com natural maravilha, o estado, em que neste venturoso dia se acha a vida, que Deos guarde, do nosso felicissimo Principe. Hontem á tarde hia pondo Sua Alteza os pès nos degraos vinte & hum da vida: hoje com o nascimento da bellissima Successora, está outra vez reposto no primeiro degrao della, para co-

meçar a viver de novo. Hontem hia subindo o nosso Sol para o Zenith dos annos com passo lento: hoje com o nascimento da nova Aurora, desfazendo subitamente as linhas, que tam felizmente tinha andado, amanhece segunda vez renascido em novo, & reciproco Oriente. Demos logo o parabem nesta duplicada felicidade a nosso Augustissimo Monarca, não só do nascimêto da sua Primogenita, senão tambem do seu nascimento; pois hoje nasce outra vez nella, & com ella: hoje dá novo principio á vida com a sua vida: & hoje começa a contar aquellos felices, & continuados annos, que por meyo de sua Real successão haõ de ser eternos.

207 Conta Moyses no livro do Genesis os annos das vidas dos antigos Patriarcas: & he muito digno de ponderação o estilo de contar, que segue; porque faz duas contas: hũa dos annos, que tinhaõ, quando

quando lhes nasceo o Primogenito ; & outra dos annos , que tinhaõ , quando morrerãõ . Ponhamos o exemplo em Seth , filho de Adaõ : *Vixit Seth centum , & quinque annis , & genuit Enos. Vivo Seth cento & cinco annos , & gerou a seu Primogenito Enós. Esta he a primeira conta: Et facti sunt dies Seth nongentorum duodecim annorum , & mortuus est. E vivo Seth novecentos & doze annos , & morreo. Esta he a segunda conta. Pois se para ficarem em memoria , & sabermos os annos , que vivẽrãõ os Patriarcas , bastava só esta segunda conta ; porque fez Moyses tambem a primeira ? Porque faz hũa cõta dos annos , em que morrerãõ , & outra dos annos em que lhes nascẽrãõ os filhos ? Porque os homens , que sãõ pays , tem duas vidas : hũa vida , que acaba ; outra vida , que continua . A vida que acaba , conta-se no dia da morte do pay : a vida que continúa , conta-*

se do dia do nascimento do filho . Porque no dia do nascimento do filho , a vida do filho ata-se com a vida do pay ; & destas duas vidas assim atadas , ( atando-se tambem entre si as que lhe succedem ) de muitas vidas , que não sãõ perpetuas , se vem a fazer hũa vida perpetuada . São Paulo chamou judiciosamente á morte , desfadadura da vida : *Tempus resolutionis meæ.* A morte he desfadadura da vida ; & o nascimento he atadura das vidas ; porque na morte do pay desfata-se hũa vida ; no nascimento do filho ata-se duas . Ata-se a vida do filho com a vida do pay , & destas atadas hũa na outra , seguindo-se vidas a vidas , & annos a annos , os annos do pay , q̃ em si mesmos erãõ mortaes , & finitos , na successãõ dos filhos se fazem immortaes ; & eternos . Este he o attributo daquella eternidade , que o Eterno Padre por meyo da Real successãõ , cõmeça a communica

Gen. 5.

2. ad Timoth. 4.

1. Timoth. 2. ad Timoth. 4.

nascente Principe ; fazendo-o sem interposição de morte , Feniz de multiplicadas , & mais felices vidas : para que assim como em quanto Pay , o fez pay ; assim em quanto Eterno , o faça eterno : *Te Æternum Patrem.*

208 A myrrha , que he o ultimo obsequio , que hoje offerecêraõ os Reys a Christo , não significa simplesmente o mortal , senão o mortal immortalizado ; porque a morte mata os corpos , & a myrrha depois de mortos , preservando-os da corrupção , os faz immortaes. Este foi o pensamento ( diz S. Maximo ) com que os Magos sabiamente dedicáraõ a Christo a myrrha , como a Reparador da sua , & nossa mortalidade , professando o mysterio no tributo : *In myrrha , qua exanima solent corpora conservari , præfiguratur carnis nostræ reparatio.* Mas se a mortalidade se repara deste modo pela myrrha , muito melhor se repara pela successão : por-

que a myrrha immortaliza o mortal depois da morte ; & a successão immortaliza , & eterniza o mortal cõ novas , & continuadas vidas. Razaõ he logo , que no dia , em que teve principio esta felicidade , nõs todos , & toda a terra comnosco , demos immortaes , & eternas graças ao Eterno Padre , pela immortalidade , & eternidade do nosso Principe : pois com os primeiros penhores da felicissima successão , assim como em quanto Pay , o fez pay ; assim em quando Eterno , o começa a fazer eterno : *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur.* Acabou-se o verso do nosso Coro , & eu tenho acabado.

## §. VI.

209 **E** Stas saõ em breve summa ( Cor-te , Nobreza , & Povo venturossimo de Portugal ) as mercês , & felicidades , porque neste illustrissimo , & Real Congresso nos ajuntamos todos em solemne

S. Maxim.  
homil.  
3. in  
Matth.

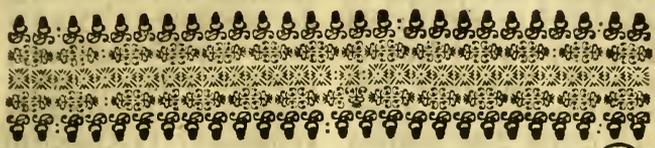
ne acção de graças , a louvar , & glorificar ao supremo Authior de todos os bens neste ditosissimo , & tam desejado dia , coroa de todos os que temos visto , tendo visto tantos , & tam grandes. Tres dias notavelmente grandes teve Portugal neste seculo tam cheyo de novidades , em annos a que todos quasi fomos presentes. O primeiro foi o dia da Acclamação : o segundo , o dia das Pazes : o terceiro , este Dia sobre todos felice , do nascimento da nossa Primogenita. No dia da Acclamação , deunos Deos o Reyno duvidoso : no dia das Pazes , deunos o Rey no seguro : no dia de hoje , dá-nos o Reyno perpetuado. No primeiro dia , deunos o Reyno que foi : no segundo , o Reyno que he : neste terceiro , o Reyno que hade ser. No primeiro dia , deunos o Reyno de nossos pays : no segundo dia , deunos o Reyno para nós : neste terceiro , dá-nos o Reyno para nossos des-

cedentes. Os passados já não podem gozar este bẽ , porque forão : os futuros ainda o não podem gozar , porque não são : nós somos só , os que o gozamos , porque fomos tam venturosos , que vivemos nesta era. Não sejamos ingratos a hum Deos tam bom , que sem merecimentos nossos , antes sobre tantas offensas , nos faz tam singulares favores. Já que nos ajuntamos ao louvar , louvemolo muito de coração , & louvemolo todos. Assim como o Sol , & a Lua louvaõ a Deos : *Laudate eum Sol* , *Pfalm.*  
*& Luna* ; louvem a Deos <sup>148.</sup>  
hoje os nossos soberanos Planetas , & reconheçaõ o fruto da successão , como benignidade das influencias Divinas. Assim como as Estrellas louvaõ a Deos : *Laudate eum omnes Stella* , *Ibidem.*  
louve a Deos o bellissimo Luzeiro , que hoje amanheceo nos nossos Orizentes , esclarecendo , & alumian-do com a mesma luz , a que sehe , este seu , & nosso emisferio. Assim como os  
Reynos

Reynos louvaõ a Deos :  
 Pfal. 67. *Regna terre cantate Deo ;*  
 louve a Deos o Reyno de  
 Portugal , pois entre todos  
 os do mundo se vê delle  
 tam amado , tam favoreci-  
 do , tam sublimado. Assim  
 como toda a terra louva a  
 Pfal. 65. Deos : *Omnis terra adoret*  
*te , & psallat tibi ;* louvem  
 a Deos todas as partes da  
 terra de nossa Monarquia ,  
 & lembrem-se , pois se não  
 podem esquecer , dos tra-  
 balhos , das perdas , das op-  
 pressões , das ruinas , que  
 padecerão por falta de  
 successão.

210 Mas porque to-  
 dos os louvores humanos  
 são limitados , & as mercês  
 que nos fazeis , Senhor , são  
 infinitas ; louvai vos vós  
 mesmo a vós , infinito  
 Deos , & aceitai em acção  
 de graças tambem infini-

tas , o infinito merecimen-  
 to desse sacrificio sacrosan-  
 to , que hoje vos offerece-  
 mos ; pois o instituístes pa-  
 ra supprir os defeitos de  
 nosso agradecimento com  
 nome de sacrificio de lou-  
 vor : *Sacrificium laudis bo-*  
 Pfal. 49. *norificabit me.* Nesse sacri-  
 ficio de louvor vos louva-  
 mos , em quanto creaturas  
 vossas , como a nosso Deos :  
*Te Deum laudamus ;* nesse  
 sacrificio de louvor vos  
 confessamos , em quanto  
 servos vossos , como a nos-  
 so Senhor : *Te Dominum*  
*confitemur ;* nesse sacrificio  
 de louvor vos reverencia-  
 mos , em quanto filhos vos-  
 sos , & vos reverenciare-  
 mos eternamente como a  
 nosso Pay : *Te Aeternum*  
*Patrem omnis terra vene-*  
*ratur.*



# SERMAÕ

DA

## QVARTA DOMINGA DA QUARESMA,

Na Matriz da Cidade de S. Luis do Maranhão,  
anno de 1657.

---

*Ut autem impleti sunt, collegerunt, & impleverunt duodecim cõpbinos fragmentorum.*

Joan. 6.

§. I.

**B** Em me podcis ouvir hoje de saustadamente, porque vos heide prègar muito á vontade. E justo he que entre tantos discursos tristes, metamos tam-

bem algum menos funesto, para desentastiar a Quaresma. Queixa-se de mim o corpo, que todos os Domingo passados prèguei sõmente da alma. Deos assim como creou as almas, tambem creou os corpos, antes os corpos primei-

primeiro ; pois porque se não tratará também do corpo algũa vez ? Sou contente. O Sermão de hoje todo será do corpo , & para o corpo. Nos passados tratámos de como havemos de alcançar os bens espirituaes ; hoje ensinaremos como se haõ de alcançar , & ainda acrescentar os temporaes.

212. A mayor penção, com que Deos creou o homem , he o comer. Lançai os olhos por todo o mundo , & vereis que todo elle se vem a resolver em buscar o pão para a boca. Que faz o Lavrador na terra , cortando-a com o arado , cavando , regando , mondando , semeando ? Busca pão. Que faz o Soldado na campanha , carregado de ferro , vigiando , pelejando , derramando o sangue ? Busca pão. Que faz o Navegante no mar , içando , amainando , sondando , lutando com as ondas , & cõ os ventos ? Busca pão. O Mercador nas casas de cõtratação , passando letras,

ajustando cõntas , formando companhias ? O Estudante nas Universidades , tomando postillas , revolvendo livros , queimando as pestanas ? O Requerente nos Tribunaes , pedindo , allegando , replicando , dando , promettendo , anulando ? Busca pão. Em buscar pão se resolve tudo , & tudo se applica ao buscar. Os pobres daõ pelo pão o trabalho ; os ricos daõ pelo pão a fazenda ; os de espiritos generosos daõ pelo pão a vida ; os de espiritos baixos daõ pelo pão a honra ; os de nenhum espirito daõ pelo pão a alma ; & nenhum homem ha , que não dê pelo pão , & ao pão todo o seu cuidado. Parece-vos que tenho dito muito ? pois ainda não está discourrido tudo.

213 Tirai o pensamento dos homens , & lançai-o por todas as outras cousas do mundo , achareis que todas ellas estaõ servindo a este fim , ou pensaõ do sustento humano. A este fim nascem as hervas , a este fim

fim crelchem as plantas , a este fim florecem as arvores , a este fim produzem , & amadurecem os frutos , a este fim trabalhaõ os animaes domesticos em casa , a este fim pascem os manfos no campo , a este fim se criaõ os silvestres nas bre-nhas , a este fim os do mar , & os dos rios nadaõ em suas aguas ; em fim tudo o que nasce , & vive neste mundo , a este fim vive , & nasce. Que digo eu o que vive , & o que nasce ? Os Elementos não são viventes , & a este mesmo fim cançamos , & fazemos trabalhar aos porprios Elementos. O fogo nas forjas , & nas fornalhas , a agua nas levadas , & nas azenhas , o ar nas velas , & nos moinhos , a terra nas vinhas , & nas searas ; & até o Sol , & a Lua , & as Estrellas , não deixamos estar ociosas desta pensão ; porque o que todos aquelles orbes celestes fazem , andando em perpetua roda , & voltando sem nunca descansar , he produzir , & temperar cõ

suas influencias o que ha-de comer o homem. Ha mais para onde subir? Ainda ha mais. Subi do Ceo acima até o mesmo Deos , & achareis que elle he o que mais occupado está que todos , em nosso sustento ; porque todas as outras cousas , cada hũa trabalha em si : & Deos , ainda que sem trabalho , obra em todas.

214 De maneira , señhores , que a occupaõ do Ceo , & da terra , & de todo este mundo , a mayor pensão , o mayor cuidado , & o mayor trabalho dos homens , he buscar o paõ para a boca. Pois isto , porque todos trabalhaõ , heide ensinar hoje o modo , com que se possa alcançar sem trabalho. Todos os homens querem ter paõ , & muito paõ : dous alvitres lhes trago hoje para isto : hum para terem paõ , outro para terem muito. Esta será a materia do Sermaõ. Como he toda do corpo , parecerá a alguem , que não he necessario pedir graça

graça para elle; antes he o contrario; nenhūas materias tem mais neccidade de graça, que aquellas, que tem mais de corpo. Peça-mola ao Espirito Santo por intercessão da Senhora.

*Ave Maria.*

§. II.

215 **P**ropoem-nos hoje a Igreja aquelle famoso milagre, tam famoso, como sabido, em que com cinco paens, & dous peixes em hum deserto deu Christo de comer a cinco mil homens, a tóra mulheres, & meninos, & sobejáráo doze alcofas de pão. Duas cousas fez Christo neste milagre, deu pão, & deu muito: deu pão; porque todos comêráo à vontade: *Manducaverunt, & saturati sunt*: & deu muito; porque a todos sobejou: *Et tulerunt duodecim cõphinos fragmentorum*. Estas duas cousas, que Christo fez naquelle milagre, são as que vos

prometi sem milagre: alvitre para ter pão: alvitre para ter muito. Vamos ao primeiro.

216 Mas que alvitre vos parece que será este? Que meyo vos parece, que se póde dar, para hum homem em toda a sua vida ter o pão certo, sem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajuntar mais? trabalhar mais? lavrar mais? negociar mais? desvelar mais? poupar mais? mentir mais? adular mais? Alguns cuidaõ, que estes são os meyos de ter pão; mas enganaõ-se. Sabeis qual he o meyo seguro de ter pão, sem nunca haver de faltar? He seguir a Christo. Assim lhe aconteceu a estes cinco mil homens; porque seguiaõ a Christo, tiveraõ pão no deserto. Se cinco mil homens com mulheres, & filhos, entrassem de repente em hũa grande Cidade, não haveria promptamente, que lhes dar a comer; quanto mais em hum deserto? Em hum deserto porèm se achavaõ

chavaõ eltes homens, sem cata, sem venda, & sem dinheiro para comprar o mantimento, ainda que o houvesse, & sobre tudo com fome de tres dias; mas porque seguiãõ a Christo, tiverãõ que comer todos, sem lhes faltar nada. Senhores meus, q̃ tam desvelados andais todos, & tam esfaimados por ter de comer, & por deixar de comer a vossos filhos; segui, & servi a Christo, & eu vos seguro de sua parte, que nem a vós, nem a elles lhes faltará paõ.

217 Ora porque este ponto, em que estamos, assim como he muito para deitejar, & para aceitar, não he facil de persuadir; eu volo quero mostrar evidente por todos os me-yos, com que se pôde hũa cousa fazer certa. A Escritura sagrada divide-se em livros Historiaes, Sapienciaes, Psalmos, Profetas, Euangelhos, Epistolas Canonicas. Com textos de todas estas Escrituras hei-de provar primeiramente

o que digo, logo com figuras do Testamento Velho, depois com exemplos, ultimamente com a experiencia Daime attençãõ.

§. III.

218 **C**omeçando pê-  
los livros Hi-  
storiaes, no Capitulo vin-  
te & seis do Levitico diz  
Deos: *Si in præceptis meis* <sup>Levir.</sup>  
*ambula-veritis, & mandata* <sup>26.3.4.</sup>  
*mea custodieritis, dabo vo-* <sup>5.10.</sup>  
*bis pluvias temporibus suis:*  
*& terra gignet germen suũ;*  
*& pomis arbores replebun-*  
*tur: & comedetis panem ve-*  
*strum in saturitate: come-*  
*detis vetustissima veterum;*  
*& vetera novis superveniẽ-*  
*tibus projicietis.* Se guardar-  
des a minha ley, & os  
meus preceitos, darvos hei  
a chuva a seu tempo: & os  
frutos de todo genero fe-  
raõ tantos, que quando  
colherdes os novos, para  
os recolher lançareis fora  
dos celleiros, & das ade-  
gas os velhos. *Quod si non* <sup>Ibid.</sup>  
*audieristis me, nec feceristis* <sup>14.19.</sup>  
*omnia mandata mea: dabo* <sup>10.</sup>  
*vobis*

*vobis calum desuper sicut ferrum, & terram aneam: consumetur incassum labor vester, non proferet terra germen, nec arbores poma praebebunt.* Pelo contrario, se me não ouvirdes, nem guardardes meus Mandamentos, o Ceo será para vós de ferro, & a terra de bronze: aralaheis, & trabalhareis de balde; porque as fementeiras não nascerão, & as arvores não darão fruto. Isto mesmo repete Deos no livro do Deuteronomio, & em outros muitos lugares dos Historias.

Prov.  
10. 3.

219 Nos Sapiencias: *Non affliget Dominus fame animam iusti.* Não affligirá Deos com fome a alma do justo. Parece que havia de dizer: Não affligirá o Senhor com fome o corpo do justo; mas não diz senão a alma; porque a fome, & a pobreza afflige o corpo, & mais a alma: ao corpo com a falta do comer, & à alma com o cuidado donde hade vir. E Deos tem tanto cuidado, & provi-

dencia com os que o servem, que não só os sustenta com tal abundancia, que lhes livra o corpo da fome, mas com tal certeza, que lhes livra a alma do cuidado.

220 Nos Psalmos diz assim, *Psalmo trinta & tres: Timele Dominum omnes Sancti ejus, quoniam non est inopia timentibus eum. Divites eguerunt, & esurierunt: inquirentes autem Dominum non minuentur omni bono.* Temei a Deos todos, os que o servis; porque os que o temem, elle os livrará da pobreza. Os ricos empobrecerão, & padecerão fome; porém os que servem, & temem a Deos, & o buscão, não sentirão falta de bem algum. No *Psalmo trinta & seis: Spera in Domino, & fac bonitatem, & pascéris divitiis suis.* Esperai em Deos, & fazei boas obras, & elle vos sustentará com suas riquezas. E dá a razão no *Psalmo trinta & dous: Ecce oculi Domini super metuentes eum, & in his, qui sperant*

*Psalm.*

33. 10.

*Psalm.*

36. 3.

*Psalm.*

32. 18. 19.

*sperant in misericordia ejus, ut eruat a morte animas eorum, & alat eos infame: Porque os seus olhos estaõ postos sobre os que o temem, para os livrarem da morte, & os sustentarem no tempo da fome.*

221 Nos Profetas, *Isaiás, primeiro: Si volueritis, & audieritis me, bona terra comedetis: quod si nolueritis, & me ad iracundiam provocaveritis, gladius devorabit vos. Se quizerdes servirme, comereis os bens da terra: & senão quizerdes, & me provocardes a ira, a minha espada vos comerá a vós. Notai o comedetis, & o devorabit: se me servirdes, comereis: se não me servirdes, fereis comidos. Quantos ha, que não tem que comer, & se andaõ comendo? Pelo Profeta Oseas: *Seminate vobis in justitia, & metite in ore misericordie: Semeai boas obras, & colhereis misericordias. E quantas? Quantas vós pedirdes pela boca, que isto que dizer, in ore misericordie. Vamos aos**

Tom. 12.

Euangelhos.

222 São Matheus: *Quærite primum Regnum Dei, & justitiam ejus: & hæc omnia adjicientur vobis: Buscai primeiro o Reyno de Deos: & tudo, o que vos for necessario, vos buscará a vós. Beati, qui esuriunt, & sitiunt justitiam; quoniam ipsi saturabuntur. Bemaventurados, os que tem fome, & sede da justiça, isto he da virtude, que faz justos; porque essa fome, & sede te lhes converterá em fartura. Quam erados vaõ, os q̄ para a terra, andaõ esfaimados após as riquezas! Tende vós fome, & sede do serviço de Deos, & elle vos sustentará abundantemente. *Fiat voluntas tua: panem nostrum da nobis hodie. Façamos nós a vontade de Deos, & elle nos não faltará com o pão de cada dia; porque a disposição para ter o panem nostrum, he o fiat voluntas tua.**

223 Finalmente nas Epistolas Canonicas. São Paulo ad Romanos Capitulo



tulo

fai. 1.  
9. 10.

Oseas  
10. 12.

Math.  
6. 10.  
11.

AdRom.  
8.15.17

tulo oitavo : *Accepistis spiritum adoptionis filiorum: si autem filii, & hæredes. Os que servem a Deos, & estaõ em graça, são seus filhos adoptivos; se são seus filhos, logo são seus herdeiros. Vede agora se aos herdeiros de Deos todo poderoso, lhes pôde faltar algũa cousa. O mesmo S. Paulo na primeira ad Corinthios: *Omnia vestra sunt: vos autem Christi: Christus autem Dei.* Christo he de Deos; vòs sois de Christo: logo todos as cousas são vossas; porque quem serve a Christo, não lhe pôde faltar cousa algũa.*

1. Ad  
Cor. 3.  
22.23.

224 Eis-aqui como todas as Escrituras conformemente estaõ dizendo que o meyo mais certo, & mais seguro de ter paõ, & de nos não faltarem os bens temporaes, he seguir a Christo, & servir a Deos. Agora quizera eu perguntar pela vossa cubiça à vossa Fè, & pela vossa Fè à vossa cubiça. Se tendes Fè, & tendes cubiça; porque não encaminhais a

vossa cubiça pelos caminhos, que vos ensina a Fè, para assegurar os interesses, que pertendeis? Nem Christãos, nem cubiçosos sabemos ser. Mas he que não temos Fè. Ouvi a S. Pedro Chryfologo : *Homo homini exigua cartula obligatione constringitur: Deus tantis. ac tantis voluminibus caret, & debitor non tenetur?* Ides daqui para Portugal, não embarcais nada comvosco; que haveis de comer? Respondeis: Levo hũa letra de tantos mil cruzados. Pois tendes por certo que não vos pôde faltar paõ, porque levais a letra de hum mercador; & não tendes por certo com tantas escrituras de Deos, que vos não hade faltar nada? Apertemos mais este ponto. Na Praça de Londres quereis hir para Leorne, levais letra de hum Hereje: na de Amsterdaõ para Alemanha, levais letra de hum Judeo: na de Veneza para Constantinopla, levais letra de hum Turco; & ides seguro

D. Petr.  
Chry-  
folog.

seguro de que vos não hade faltar pão. Pois com as letras de hum Hereje, de hum Judeo, de hum Turco cuidais que ides muito seguro; & com as de Deos não? Ah *modice fidei*, que não temos Fè!

## §. IV.

225 **V** Amos ás figuras do Testamento Velho. O Manná deu o Deos aos filhos de Israel, quando caminhavaõ para a terra de Promissão, & não quando estavaõ no Egypto. Parece que no Egypto fora mais razão que Deos os soccorresse por afflicto. Ora vede: A terra de Promissão significava o Ceo, o cativoiro do Egypto significava o peccado; pois por isso lhes não dá Deos o Manná, senão depois que sahiraõ do Egypto, & quando caminhavaõ para a terra de Promissão; porque aos que se tiraõ do peccado, & aos que caminhaõ para o Ceo, a eões tem

Deos prometido de sustentar, & de lhes não faltar em nenhum tempo, & em nenhum lugar com o necessario. Oh quantos, & quantas ha neste mundo, que quando vaõ ao Confessionario, choraõ mais as suas pobreza, que os seus peccados, devendo ser ás aveças! Sahi vós do peccado, em que estais; resolveivos a caminhar para o Ceo, & vereis como vos chovem os bens de Deos, & vos não falta nada. E se estiverdes em lugar, ou em estado, que não possais buscar de comer; o mesmo comer vos buscará a vós, como buscava aos filhos de Israel todos os dias. Mas vós quereis estar no Egypto do peccado, que vos tem cativo, & cativa ha tanto tempo; quereis caminhar para o inferno a vèlas tendidas, & no cabo que vos faça Deos a matlotagem? Isso não póde ser: dar volta à vida, deixar o caminho do inferno, & tomar o do Ceo, & vereis como vos não falta

O ij coufa

Pfalm.  
22.1.

cousa algũa : *Dominus regit me, & nihil mihi deerit.*

226 Segunda figura.

Quiz Isaac dar a benção a Esaú seu Primogenito, & disselhe que fosse primeiro caçar, & que lhe trouxesse algũa cousa. Em quanto Esaú foi ao monte, veyo Jacob, & fingindo ser Esaú, como Isaac era cego, furtoulhe a benção. Abendiçoou pois Isaac a Jacob, &

Genef.  
17.28.

disse desta maneira : *Dei tibi Deus de rore celi, & de pinguedine terræ* Dete Deos das influencias do Ceo, & da abundancia da terra. Levada assim a benção, veyo Esaú com a caça, & conhecendo o engano, pediu ao pay que ao menos lhe dêsse outra benção; ao que respondeo o velho, q̄ outra benção já lha não podia dar, mas para o cõsolar o abendiçoou tam bé com estas palavras : *In pinguedine terræ, & in rore celi, erit benedictio tua.* A vossa benção será da abundancia da terra, & das influencias do Ceo. Notavel caso ! As mesmas pala-

Ibid.  
39.40.

avras, que Isaac disse a Jacob, disse tambem a Esaú. A Jacob disse : *De rore celi, & de pinguedine terræ*; a Esaú disse : *De pinguedine terræ, & de rore celi.* Pois se em Jacob foraõ benção, como em Esaú o não foraõ, antes maldição ? Ora notai: Ainda que as palavras foraõ as mesmas, a ordem dellas foi trocada. Na benção de Jacob poz no primeiro lugar os bens do Ceo, & no segundo os da terra : *De rore celi, & de pinguedine terræ*; na benção de Esaú poz primeiro os bens da terra, & depois os do Ceo : *De pinguedine terræ, & de rore celi.* E eis-aqui em que esteve ser benção a de Jacob, & não ser benção a de Esaú. Os mesmos bens dados por Deos, ou não dados por Deos, saõ benção, ou maldição.

227 Senhores meus; todos havemos mister os bens da terra, & mais os do Ceo; os da terra para esta vida, & os do Ceo para a outra; & ainda que esta vida he primeiro que a outra,

outra ; o buscar os bens dellas hade ser às aveças. Os bens da outra haõ se de buscar no primeiro lugar , & os desta no segundo ; porque nisto consiste termos benção , ou termos maldição. Quem busca primeiro os bens do Ceo , & depois os da terra , tem benção ; porque logra os da terra , & mais os do Ceo : quem busca primeiro os da terra , & depois os do Ceo , tem maldição ; porque nem logra os do Ceo , nem os da terra. Eu não vos digo que não busqueis os bens da terra : que isso de os deixar , & de os desprezar , he espirito , que Deos dá só a quem he servido : não vos digo que os não busqueis ; só vos digo que os busqueis por caminho , em que seguramente os possais achar , que he buscando em primeiro lugar os do Ceo , & servindo a Deos. Servia Deos , & estai seguros que he impossivel faltar o necessario. E senão , vamos aos exemplos.

Tom. 12.

## §. V.

228 **Q**uem parece que tinha me- nos fundamento para ter , q̃ Abrahaõ , a quem Deos mandou sahir de sua Patria , & viver desterrado della ? & com tudo , porq̃ tratou de servir a Deos , & particularmente , porque teve tanta Fè , & obediencia , que chegou a lhe sacrificar seu filho , veyo a ser tam rico , & poderoso , que sendo necessario socorrer a seu sobrinho Loth , levou só de sua casa trezentos & dezoito criados. Jacob desemparrado , & fugitivo de casa de seu pay ; & com tudo , porque servio a Deos , & particularmente , porque foi tam dado à Oração , & contemplação , que chegava a andar a braços com os Anjos , veyo a ter tanta fazêda , como elle mesmo disse , que sabindo da Patria só com o seu bordaõ : *In baculo meo transivi Jordanem* , Genef. 32.10. depois se recolheo a ella

O iij com

Ibid.

com a familia de gente, & gados dividido em duas esquadras: *Et nunc cum duabus turmis regredior.* Joseph vendido para o Egypto, & lá escravo; com tudo, porque foi tam casto, que resistio aos requerimentos, & violencias de sua má Senhora, veyo a ter tanto paõ, que não só sustentou a seus irmãos, & a toda a casa de seu Pay, senão a todo o Egypto, & a todo o mundo. David da menor familia, & o menor de seus irmãos, como elle mesmo confessava; & com tudo, porque foi grande perdoador de injurias, cresceu a tanta opulencia, que os thesouros, de que testou, não se contáraõ por mil cruzados, nem por contos, senão por milhoens. Eis-aqui o que fez Deos a estes; & se acaso volo não faz a vòs, não he, porque Deos não seja o mesmo, que era: mas porque vòs não sois quaes elles toraõ. Seja o soldado como foi David: seja o lavrador como foi Jacob: seja o de-

sterrado como foi Abraham: seja o desamparado, & perseguido como foi Joseph; & eu vos prometto que lhes não falte Deos cõ muitos bens. Mas concluamos com a nossa prova, & vamos à experiencia.

## §. VI.

229 **A** Experiência verdadeiramente parece que a tenho contra mim. Porque não ha duvida que vemos muitas pessoas virtuosas, que padecem grandes necessidades: logo não he verdade que o caminho de ter paõ he servir a Deos. Primeiramente eu heide crer mais ao testemunho de David, que ao vosso. Olhai o que diz David: *Junior fui, etenim senui, & nunquam vidi justum delectum, nec semen ejus querens panem.* Eu fui moço, & tambem fui velho, & nunca vi hum justo deamparado, & a sua familia sem o paõ para a boca. Se vòs tivereis os olhos tam allumiados como David,

*Psal. 36. 25.*

vid, pôde ser que differeis o mesmo. A's vezes os que nós cuidamos que são justos, não são justos: às vezes os que nós cuidamos que servem verdadeiramente a Deos, não o servem verdadeiramente; & por isso lhes falta Deos com os bens. Serem os homens hũa cousa, & parecerem outra, he fácil; faltar a palavra de Deos, he impossivel. Em retolução: todos aquelles, q̄ parecem bons, & padecem necessidades, he hũa de duas: ou he que o não são; ou he que quer Deos provar se o são.

230 Faz hum criado d'ElRey hũa petição a Sua Magestade, & diz desta maneira: Diz Fulano, que elle he criado da Casa de Vossa Magestade; & porque ha tanto tempo, que serve, & não se lhe paga sua moradia: Pede a Vossa Magestade seja servido de lha mandar pagar com effeito, & receberá mercê. Responde ElRey pelo seu Mordomo Mór: Prove o foro, & deferirse-

215  
 lhas. <sup>Quarta</sup> <sup>domingo</sup> <sup>passa</sup> <sup>no</sup>  
 nosso caso. Serve hũa ho-  
 mem, ou hũa mulher a  
 Deos: ve-se em necessida-  
 de: recorre áquelle Sen-  
 hor: allegalhe com suas  
 palavras, & com suas pro-  
 messas, & pedelhe que o  
 soccorra; com tudo ve-  
 mos que o não soccorre.  
 Deos logo, & que padece.  
 Que he isto? He que o má-  
 dou Deos provar os servi-  
 ços, & está fazendo as suas  
 provanças; & como tiver  
 provado, logo se lhe defe-  
 rirá com grande abundan-  
 cia. Christãos, & Christãs  
 da minha alma: se servis a  
 Deos, & sentis falta do ne-  
 cessario, tende mão, que  
 vos prova Deos: *Expecta*  
*Dominum, viriliter age,*  
*diz o mesmo David, & cõ-*  
*fortetur cor tuum, & susti-*  
*ne Dominum* He estylo este  
 da casa de Deos. Vede-o  
 nos mesmos exemplos.  
 Abrahaõ rico por servir a  
 Deos; mas provado pri-  
 meiro com o desterro: Jo-  
 seph rico por servir a  
 Deos; mas provado pri-  
 meiro com o cativoiro:

O iiij David

Pfalm.  
 26.14.

David <sup>serviu</sup> a Deos, mas provado primeiro com as perseguições: Jacob rico por servir a Deos; mas provado primeiro com os trabalhos. E aos do Euangelho lhes succedeo o mesmo. Não lhes deu Christo de comer ao primeiro dia, nem ao segundo, senão ao terceiro: *Quia jam triduo sustinent me.* Depois que provou a constancia, & paciencia, com que o seguiaõ, entãõ lhes deu o pão milagroso: primeiro os provou, depois os proveo. Em Deos não ha prover sem provar.

231 Sabeis senhores, & senhoras, porque Deos nos não provê bem? Porque nós provamos mal: & a quem o não serve verdadeira, & constantemente, não tem elle obrigação de sustentar. Somos Christãos, servimos a Deos, vemonos em pobreza, & necessidade; em lugar de entãõ o servimos melhor para que nos soccorra, tomamos por meyo de nos

remediar o offê dello. Quãtos, & quantas ha, que tanto que se vem em necessidade, vendem a consciencia, vendem a alma, & às vezes o corpo? E que faz Deos entãõ? Como justissimo Juiz em lugar de lhes dar a abundancia, que lhes havia de dar se perseverassem constantemente, tiralhes esse pouco remedio, que tinhaõ, com q̄ fiquem perdidos de todo. Porque assim como o caminho certo de ter paõ he servir a Deos; assim o caminho certo de se perder o paõ, que se tem, he desservillo. Não vos quero trazer disto mais que dous exemplos em dous Mandamentos, hum da primeira taboa, outro da segunda. Da primeira taboa o terceiro, da segunda o septimo.

232 Diz Deos no septimo Mandamento: Não furtarás; & vós com cubiça de acrecentar fazenda, ajuntais a alhea à vossa por todas as artes, que podeis. E que se legue daqui? Que pelo mesmo caso vos tira Deos

Deos a que tinheis, & mais a que lhe ajuntastes. Dos thesouros do Ceo dizia Christo taxando os da terra, que não os come a ferrugem, nem a traça, nem os roubaõ os ladrões: *Thesauros in caelo: ubi neque erugo, neque vinea demolitur, & ubi fures non effodiunt.* Quaes sejaõ os ladrões, já o sabemos; mas qual he a ferrugem, & a traça dos bens deste mûdo? A ferrugem he o alheyo. Assim como a ferrugem come, & consume os metaes: assim o alheyo come o proprio, se se lhe ajunta. E qual he a traça, que tambem o roe, & o come? A traça são as traças. Buscaís mil traças, & invenções para ajuntar o alheyo ao voffo; & ellas são as que em lugar de volo acrecentar, volo roem, & volo desbarataõ. He o alheyo pontualmente como o vomitorio. Receita-vos o Medico hum vomitorio: & q̃ vos acontece depois que o tomais? Lançailo a elle, & tudo o mais que tinheis

dentro. Assim he õ alheyo; guardaivos de o meter no estamago; porque primeiramente não volo hade lograr, & ha vos de puxar, & levar comfigo o mais, que tiverdes nelle. E vede quam pouco basta para fazer estes effeitos. Achab era Rey, tomou a Nabot hũa vinha; & tanto que a vinha se ajuntou ao Reyno, perdeu o Reyno, & mais a vinha. Fez a vinha o que faz o vinho: vomitou-a Achab, & com ella tudo o mais.

233 Conta Tito Livio de hum Principe dos Piczenigos chamado Cures, que querendolhe tomar suas terras Suatislao Principe dos Ruthenos, elle o houve às mãos em hũa emboscada, & mandandolhe tirar a cabeça, fez da sua caveira hũa taça encafoada em ouro, por onde bebia, com esta letra: *Quere*

Livi. lib.  
23. cit. a  
Fabr.  
Dom. 8.  
post PÉ.  
tecof.

*rendo aliena, propria amifit.* Buscando o alheio, perdeu o proprio. Oh q̃ boa lembrança para a mesa dos Principes, & dos que o não

não láo. Se em todas as mesas se bebêra por esta taça, não se comêra em tantas o pão alheyo; & se no Brasil deramos em defender caveiras, em quantas poderamos escrever a mesma letra! Cuja he esta caveira? He de Fulano. Viveo rico, & morreo pobre: testou de muitos mil cruzados, & seus filhos pedem esmola. Pois que foi isto? que ar máo deu por esta fazenda? *Quærendo aliena, propria amisit*: Misturou a lua fazenda com a alhea, perdeu a alhea, & mais a sua. Fazenda adquirida com desserviço de Deos, & contra seus Mandamentos! Deos nos livre. O servilo he o verdadeiro caminho de a adquirir, & de a conservar.

234 Vamos ao legundo exemplo da primeira taboa. Diz Deos no terceiro Mandamento: Guardarás os Domingos, & as festas; & vós, porque aquelle dia vos não fique sem grangear fazenda, não mandais à Missa os vossos

escravos, antes mandais; ou quando menos permitis, que trabalhem. Pois sabei, & defenganaivos, q̄ tudo quanto se trabalha ao Domingo, he destruição de tudo o que se acquire pela semana. Dirvos hei agora hum lugar, que ha muitos annos tenho notado para os homens do Brasil: *Quando fueritis in terra hostili, sabbatizabit* Levit. 26. 34. *& requiescet in sabbatis solitudinis sue, eoquod non sabbatizaverit in sabbatis vestris, quando habitabatis in ea.* Se fizerdes trabalhar a terra aos dias Santos, eu a entregarei aos inimigos, & então guardará os dias Santos a terra. Perguntemos aos nossos vizinhos da Paraíba, & da Guyana, quanto ha que se não cultivava as suas canas, & que não moem os seus Engenhos. Pois que he isto. He que estaõ agora as terras, & os Engenhos guardando os dias Santos, que seus donos antigamente lhes não deixavaõ guardar: *Sabbatizabit, & requiescet.*

He

235 He peccado geral do Brasil deitar a moer ao dia Santo. Deos deu á terra hum dia na somana para descansar: vós não quizestes que descansasse, & louvasse a Deos hum dia; pois descansará agora toda a somana, & todo o mez, & todo o anno, & tantos annos. Senhores, porque cuidais que vos morrem as peças? porque cuidais que vos fogem, & desapparecem? porque cuidais que se arruinaõ, & defabricaõ, & estaõ feitos táperas tantos Engenhos? Eu volo direi: Por descuido, & pouco zelo desta Capitania. Não mandais o vosso escravo ao Domingo á Igreja? pois que faz Deos? Já que vós não obedecis ao meu preceito, & não quereis que o vosso escravo venha hum dia na somana á Igreja, eu volo matarei, & virá estar toda a somana no adro. Sabeis que fazem alli os vossos escravos? Estaõ para ouvirem as Missas, que vós lhes não fizestes ouvir. Por cu-

biça de lavar, & grangear mais, mandastes trabalhar o vosso escravo ao dia Santo: que faz Deos? Deixa-o fugir para o mato, & que nunca mais appareça: & agora anda folgando sete dias da somana, porque vós não quizestes que descansasse hum ló. Por fazer as seis tarefas redondas, mandastes deitar a moer ao Domingo à tarde: & Deos que faz? Dispoem q̃ tenhais taes perdas no mar, & na terra, que não possais sustentar a fabrica; & que não moais nem húa só tarefa. Sabeis que faz agora a tápera do Engenho? Esta guardando os dias Santos, que seu dono lhe não deixou guardar.

236 Eis-aqui, Senhores, como anda enganada a vossa cubiça. Cuida que pode avançar fazêda quebrando os Mandamentos de Deos, & he tanto pelo contrario, que não só se não acquire fazenda por este caminho, antes se perde a que estava adquirida. O caminho certo, & segu-

ro de ter fazenda, he fazer o que Deos manda; o caminho certo, & seguro de ter paõ, he seguir a Christo, como experimentáraõ os do nosso Evangelho: *Manducaverunt, & saturati sunt.*

## §. VII.

237 **T**emos dito o primeiro alvitre, que prometemos, que he como havemos de alcançar o paõ: vamos agora ao segundo, como havemos de alcançar muito. Oh que ponto este para os cubiçosos, & para os avarentos! Se eu os consultasse a elles do remedio para acrecentar paõ, para multiplicar fazenda: huns havião de dizer que negociar; & melhor que tudo, negociar para o Maranhão; porque o que em Portugal val dous, aqui se vende por vinte. Este meyo será muito bom, quando no mundo não houver quatro cousas: quando em Zelanda não houver Pe-

chilingues: quando em Argel não houver Turcos: quando na Agulha de marear não houver Suestes: & quando na costa do Maranhão não houver baxios. Mas em quanto ha estas quatro cousas, he muito arriscado modo de ganhar esse.

238 Outros dirão que he bom meyo servir a El-Rey em algum posto grande, ou muito junto a elle, ou muito afastado delle; que estes são os postos, em que os homens se aproveitaõ. Dizem que o Rey se hade tratar como o fogo; nem tam perto, que queime; nem tam longe, que não aquece. A's aveças hade ser. Do Rey, ou muito perto, ou muito longe. Se tendes posto muito perto ao Rey, tudo se vos fugeita, tudo vos vem ás mãos: & se tendes posto muito longe do Rey, tudo vós fugeitais, & em tudo vós meteis a mão. Este modo de acrecentar fazenda não ha duvida que he muito prompto, & muito effectivo,

eff: Etivo, & tambem me atrevèra eu a dizer que era bom, se neste mundo não houvera hũa conta, & no outro mundo outra. Se no outro mundo não houvera inferno, & neste mundo não houvera justiça, era muito bom; mas nesta vida limocero, & na outra vida fogo eterno: nesta vida confiscado, & na outra vida queimado, não he bom modo de ganhar.

239 Outros dirão que para ter muito, o melhor remedio he tello, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome, & matar à fome; porque dizem que muito mais cresce a fazenda com poupar muito, que com ajuntar muito. Este meyo eu confesso que he muito bom; mas bom para ajuntar fazenda para outros, & não para si; porque o que eu poupo, & o que não gasto, não he meu, he daquelles a quem eu o hei de deixar, & depois o haõ de gastar muito alegremente. E poupar, & morrer de fome, para que

outros vivaõ, & alardeem; he hũa avareza muy louca.

240 Pois que remedio para acrecentar a fazenda, util, discreta, & muito seguramente? O remedio he muito facil: dar da que tiverdes por amor de Deos. De maneira que ambos os nossos pontos se vem a resumir a Deos. Quereis ter paõ? Servi a Deos: quereis ter muito? Dai por amor de Deos. Pois o dar, o tirar de mim he caminho de acrecentar? antes parece caminho de diminuir. Se fora dar por amor dos homens, ou por outro respeito sim, que era caminho de perder o que se dá; mas dar por amor de Deos, não ha mais certa negociação, não ha mais certo modo de ajuntar fazenda. Vede-o no nosso Evangelho *Unde Joann. 6.5. ememus panes, ut manducet hi?* Perguntou o Senhor, onde achariaõ paõ, para que comessem todos. Respondeo Santo André, que todos os paens, que havia, não passavaõ de cinco:

Ibid. 9.

cinco: *Est puer unus hic, qui habet quinque panes; & comestes, sendo só cinco, quiz Christo dar de comer a todos.* Pois, Senhor, não vedes q̄ tendes doze Discipulos, que sustentar, & que os paens não são mais q̄ cinco? Se tivesséis muito pão, então estavaõ bem essas liberalidades; mas sendo tam poucos? Antes por isso mesmo: se os Apostolos tiveraõ doze paens, então não era necessario mais; porẽm como não tinhaõ mais que cinco, era força buscar algum modo de os acrescentar: & não podia haver meyo mais breve, nem mais certo, que dallos aos pobres. E assim foi; que os Apostolos, porque deraõ cinco paens, não só recebẽraõ doze paens, se não doze alcofas: *Duodecim cõphinos.* Se os Apostolos foraõ de animo avarento, & acãnhado, & quizẽraõ comer os seus cinco paens, sahira menos de meyo pão a cada hum; mas porque cada hum deu o seu pedaço de pão, ficou

com hũa alcofa cheia. Dizia o Sabio fallando de hũa mulher sabia: *Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem:* Abrio a mão, & estendo as mãos. Mas porque, ou para que? Porque quando abris hũa mão para dar por amor de Deos, he necessario abrir duas para receber: quando o que dais cabe numa mão, o que recebeis não cabe em duas. Assim lhes aconteceu hoje aos Apostolos. O pão, que deraõ (que era o que tocava a cada hum) cabia em tres dedos, & o que recolheo cada hum, não cabia em duas mãos; por isso foi necessario tomarem alcofas: *Duodecim cõphinos.*

241 Tudo temos em hum caso do Testameato Velho. Acabado o diluvio, sahio Noe em terra com seus filhos, & todo os animaes: & lançoulhes Deos a benção, dizendo *Crescite, & multiplicamini super terram:* Crescei, & multiplicai sobre a terra. E que fez Noe? *Edificavit altare*

Prov. 31.20.

Genes 8.17.

Ibid. 20.

tare

tare Domino, & tollens de cunctis pecoribus, & volucribus mundis obtulit holocausta: Levantou hum altar, & começou a degollar de todos os animaes, de que era licito fazer sacrificio, & queimon-os sobre elle. Parece que de repente se esqueceo aqui Noe do que Deos tinha dito, & mandado. Não tinha dito Deos que crescessem, & multiplicassem sobre a terra todos os animaes? pois como os degolla Noe, & queima, & sacrifica sobre o altar? Olhai: Noe não matou as rezes para as comer, matou-as para as oferecer, & sacrificar a Deos; & para as cousas crescerem, & multiplicarem; o meyo mais certo, & mais seguro he dallas a Deos.

242 E de que modo as daremos a Deos? Bem-dita seja sua infinita Magestade, & bondade, pois se servio ensinarnos por sua propria boca, o que nem imaginar nós atreveriamos. *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis mini-*

*mis, mihi fecistis.* Tudo o que dais ao pobre, dailo a mim. Vedes Christãos como podemos dar a Deos tudo; tudo o que damos ao pobre, damolo a Deos; & se quereis que as vossas cousas cresçaõ, & se multipliquem, reparti-as com os pobres. Dous modos ha no mundo, com que as cousas crescem, & se multiplicaõ muito: hum natural, ou da arte, como na lavoura; outro industrial, como na mercancia. Na lavoura, semeais hum alqueire de pão, colheis quinze, colheis vinte, & se a terra he muito boa, colheis trinta. Na mercancia, empregastes cinçoenta, ganhastes cento, ganhastes duzentos, & ás vezes mais. Tudo isto tendes na esmola. Dar esmolas he semear, & he negociar, mas com grandes ventos. Para semear não ha melhor terra, que as mãos do pobre; & para negociar não ha melhor correspondente, que Deos. Não são considerações minhas, tudo he Fê,

&

& sagrada Escritura. Vamos ao negociar.

## §. VIII.

243 **N**Os Proverbios Capitulo dezanove diz assim o Espirito Santo : *Fæneratur Deo, qui miseretur pauperis.* Sabeis que cousa he dar esmola ? Quem dá esmola ao pobre, dá a cambio a Deos. Cuida o outro que quando dá esmola, que a dá para a perder, & engana-se, porque a dá a cambio ; & dar a cambio não he perder o que se dá, antes he acrecentallo. Quem dá a cambio, sempre tem o seu capital seguro, & sobre isto recebe as ganancias. Assim lhe acontece a quem dá esmola : segura tudo, o que deu, & sobre isto recebe as ganancias. Mas que ganancias ? não como as dos homens ; porque Deos paga muito melhor. Os homés, selhes dais dinheiro a cambio, daõvos quando muito a seis & quarto por cento : & Deos não dá a seis

por cento ; senão a cento por hum : *Centuplum accipiet, & vitam eternam* ; no outro mundo a vida eterna, & neste, cento por hum.

e 244 Quereilo ver por experiencia ? ora ouvi hum graõ caso. S. João Esmoler mandou dar a hum homé pobre, & honrado quinze livras : deraõ os criados sómente cinco. Ao outro dia veyo hũa mulher com hum escrito de quinbentas livras. Estranhou o Santo o escrito : chamou o Thesoureiro, perguntoulhe quanto dera. Disse que quinze livras ; mas replicou o Santo: Não póde ser, que Deos paga cento por hum : & por quinze livras, haviaõ de vir mil & quinhentas, & aqui não vem mais que quinbentas. Confessou entãõ o criado a sua avareza. Ficãõ todos admirados ; mas muito mais quando ouviraõ o que acrecentou a mulher: Eu, Senhor Bispo, tinha intenção de trazer mil & quinhentas livras, & assim o escrevi

escrevi hontem neste papel; mas esta manhã não achei mais que quinhentas com grande admiração minha, porque não sabia a causa, & agora a sei. Diz-me: Se no monte da Piedade de Roma, ou no banco de Veneza se dera a cento por hum, houvera quem alli não metêra o seu dinheiro? Pois os pobres são os banqueiros de Deos. Dá-se naquelle banco a cento por hum; & sendo nós tam amigos de acreditar, não metemos todo o nosso cabedal naquelle banco. Pois credeme que o banco de Veneza pôde quebrar, como está hoje menos seguro com a guerra do Turco; & o de Deos não ha de quebrar, nem quebrou nunca.

245 He boa mercancia a esmola? pois ainda he melhor lavoura. O Ecclesiastes no Capitulo onze: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas: quia post tempora multa invenies illum.* Semeai o vosso pão em terra regada cõ aguas,

& eu vos prometo que, ainda que pareça perdido, o achareis depois. Que terra he esta regada cõ aguas, diz S. Basilio, senão as mãos dos pobres? Estão os pobres chorando a sua miseria, & regando as suas mãos, assim como a Magdalena regava os pés de Christo; pois nesta terra assim regada semeai o vosso pão, & vereis quam abundantemente o recolheis. O Hebreo diz: *Mitte panem tuum super faciem aquarum:* sobre a face das aguas; & eu digo: sobre a agua das faces. Está a viuva, a donzella honrada padecendo necessid. de; pôde chorar, porque padece; mas não pôde pedir, porque he nobre: está lhe correndo as lagrimas pelas faces abaixo; pois, *Mitte panem tuum super faciem aquarum,* semeai alli a vossa esmola, semeai alli o vosso pão, & vereis quam bem vos rende a ferra, porque não ha terra mais fertil. Semeai o vosso pão nesta terra, & vereis que vos rende

mais de cento por hum. S. Paulino Bispo, antes de o ser foi calado: pediu-lhe esmola hum pobre: disse à mulher que lhe dêsse dous paens, que havia em casa; mas ella não deu mais que hum. Ao outro dia chegou hũa barca de pão mandada ao Santo, & juntamente nova que outra, que vinha com ella, se perdêra. Admirou-se não da que chegou, mas da que se perdêra: a mulher entã confessou que não dera os dous paens, se não hum só. Pois esse, que dêsstes, nos trouxe a barca de pão, que chegou a salvamento; & o que deixastes de dar, meteo no fundo a que se perdeu. Quantas vezes perdeis muito pão, porque não dais hum pão? Nas outras terras colhe-se o trigo aos alqueires, aqui às barcadas.

246 Pois Senhores, se tendes tam boa terra, em que semear, porque a deixais estar muitas vezes erma, & devoluta? S. Joachim, cujo dia celebramos

hoje, repartia a sua fazenda em tres partes, & hũa era para os pobres. Com menos me contento. Aquelle semeador do Evangelho semeou em quatro partes, nas pedras, nas espinhas, no caminho, & na terra boa. Já que se semea tanto nas espinhas, que são os vicios; já que se semea tanto na rua, que he a vaidade; já que se semea tanto nas pedras, que he o q̄ leuão os ingratos; porque senão semeará a quarta parte na terra boa, que são as mãos dos pobres? porque senão semeará alguma parte dos bens nesta terra boa, que multiplica cento por hum: *Fecit frustum cę-  
tuplum?* Luc. 8.  
8.

## §. IX

247 **O** Ra Senhores, o tempo, em que se faz esta lavoura, he este da Quaresma. Este he o tempo de semear. Não faltaõ pobres. Para que cuidais que se fez a Quaresma? Para duas cousas: para

para jejuar, & para dar esmola. O que agora direi he de S. Agostinho, de S. Ambrosio, & de todos os Doutores. Nos dias, que não são de jejum, comemos duas vezes: jantamos, & ceamos; nos dias, que são de jejum, comemos hũa só vez: jantamos, & não ceamos. E para que? Para que demos aos pobres o q̄ havíamos de cear. Jejuar, & guardar paõ, não he abstinencia, he avareza. Pois assim como a avareza tira o merecimento ao jejum, a esmola lho acrescenta. Demos esmola, & todos q̄ todos a podem dar. Os q̄ tem muito, dem do muito: os q̄ tem pouco, do pouco; & os que não tem, que dar, tenham paciencia de não ter, & desejo de poder dar por amor de Deos.

248 Bem sei que ha muita caridade nesta terra; mas não posso deixar de estranhar hũa muito grande falta, que aqui ha. He possível que numa Cidade tam nobre, & cabeça de hum Estado, não haja hum

Hospital, & que a Misericordia não sirva mais que de enterrar os mortos? Vede o que ha de dizer Christo no dia do Juizo: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis Regnum: esurivi enim, & dedistis mihi manducare: sitivi, & dedistis mihi bibere: hospes eram, & collegistis me: infirmus, & visitastis me.* Notai primeiro, que não fez menção do enterro dos mortos, porque a principal misericordia he com os corpos vivos: *Esurivi, & dedistis mihi manducare: sitivi, & dedistis mihi bibere.* Segundo: que fez menção da casa de Hospitalidade para os peregrinos, & enfermos: *Hospes eram, & collegistis me: infirmus, & visitastis me.* Terceiro: que não disse: foraõ enfermos os outros; senão, fui enfermo eu: não disse: foraõ peregrinos os outros; senão, fui peregrino eu, & hospedasteme, & visitasteme: *Hospes eram, infirmus: & collegistis me, & visitastis me.* Pois seria bem

Math.  
25.34.  
35.36.

que viesse Christo a esta Cidade com fome, com sede, despido, peregrino, enfermo; & não haver hũa casa, onde o hospedar? Melhor fora não haver na Misericordia Igreja, que não haver Hospital; porque a Imagem de Christo, que está na Igreja, he Imagem morta, que não padece: as imagens de Christo, que são os pobres, são imagens vivas, que padecem. Senão houver outro modo, converta-se a Igre-

ja em Hospital; que Christo será muy contente disso. Fazei casa aos pobres; que Deos vos fará casa a vós: tirai de vossas casas, com que a fazer, que Deos voz lançará sobre ellas hũa benção, como a que hoje lançou sobre o pão dos Apostolos, com que tudo se acrecente, & se multiplique com grandes augmentos de bens temporaes, & da graça, penhor da Gloria: *Ad quam, &c.*



S E R M A Õ  
DAS CHAGAS DE  
S. FRANCISCO,

Em Lisboa na Igreja da Natividade,  
anno de 1646.

*Si quis vult post me venire, abneget semetipsum:  
tollat Crucem suam, & sequatur me.*

Matth. 16

§. I.



E alguém qui-  
zer alistar-se de-  
baixo das mi-  
nhas bandeiras,  
diz Christo Redemptor  
nosso, ha de negar-le a si  
mesmo, tomar a sua Cruz  
às costas, & seguir-me.

250 Cinco cousas;  
Tom. 12.

se bem advertimos, faz  
Christo nas palavras de-  
ste Texto, as quaes não  
sem grande mysterio no  
dia, & solemnidade em q̃  
as lemos, são nem mais,  
nem menos, contadamen-  
te cinco: duvida hũa, sup-  
poem outra, & aconselha  
tres. Duvida se haverá  
quem o queira seguir: Si  
P iij quis

*quis vult post me venire.* Suppoem que todos tem sua Cruz : *Crucem suam.* E aconselha que nos neguemos a nós mesmos ; *Abneget semetipsum* : que tomemos nossa Cruz às costas : *Tollat Crucem suam* : & que vamos em seguimento seu : *Et sequatur me.*

## §. II.

251. **S***I quis vult.* Cuidava eu , que não havia cousa mais universal no mundo , que quererem todos salvar-se , mas parece que devem de ser muy poucos os que o querem ; pois Christo poem em duvida , se haverá alguém : *Si quis vult.* O certo he , que todos nós nos queremos salvar ; mas salvarnos , como queremos ; & isto não he querer salvação. Quereis saber se vós quereis salvar ? vede se fazeis pela salvação , o que costumais fazer pelo que muito quereis. E se esta he a verdadeira regra do querer , poucos somos os que

verdadeiramente queremos salvarnos. Queremos , & não queremos. Em nenhum entendimento cabe esta contradição , & cabenas nossas vontades. *Vult* , *& non vult piger* , diz o Espirito Santo : O homem preguiçoso , & irresoluto quer , & não quer. Quer , porque quer o fim , *vult* : não quer ; porque não quer applicar os meyoys : *Non vult.* Assim somos nós : queremos , & não queremos. Queremos hir ao Ceo , mas não queremos hir por onde se vai para o Ceo. No caminho do inferno se vê isto melhor. Ninguem vai ao inferno por sua vontade , & ninguem vai ao inferno , senão por sua vontade. Por isso Christo não duvida do querer , senão do querer hir após elle : *Si quis vult post me venire.* O querer , & o seguir hade ser conformemente para a mesma parte : que hir a vontade para hũa parte , & os passos para outra , he não querer seguir. Não vistes

os que remaõ nas Galès , como levaõ os olhos em hũa parte, & a proa em outra ? Assim fomos nõs ao remo desta vida. Se perguntarmos aos nossos desejos onde tem os olhos : No Ceo. Se olharmos para nossas acções , onde levaõ a proa : No inferno. Eis aqui como queremos.

252 *Abneget semetipsũ*: Se alguém quer hir apòs mim , diz o Senhor , negue-se a si mesmo. Por vé-tura que he esta a mais notavel sentença , que Christo disse. Que quer dizer , que nos neguemos a nõs mesmos ? Quer dizer que nos hajamos conosco , como senão fomos nõs. Eu que me haja comigo , como se não fora eu : vòs , que vos hajais comvosco , como senão foreis vòs. Oh que documento tam Divino para o bem , & para o mal ! Se as nossas prosperidades nos vierão como se foraõ de outrem , que pouco nos haviaõ de delvanecer ! E se as nossas adversidades as tomaramos co-

mo se não foraõ nossas , q̃ pouco nos haviaõ de molestar ! O verdadeiro amigo dizem que he outro eu : o verdadeiro Christão , diz Christo , que hade ser hum não eu : *Abneget semetipsũ*. O verdadeiro amigo , he outro eu ; porque se hade haver nas cousas do amigo , como se foraõ proprias : o verdadeiro Christão , he hum não eu ; porque se hade haver nas cousas proprias , como se foraõ alheas. Ao proximo diz Christo que trataremos como a nõs mesmos ; & a nõs , que nos trataremos como se não foramõs nõs. Nestes dous pòtos se encerra toda a perfeiçãõ Evangelica : Aos outros , como se fóra eu ; a mim , como se eu fora outro. E que vida tam descaçada fora a nossa , se assim viveramos ! Que facil fora a paciencia nas injurias ! Que igual a conformidade nos trabalhos ! Que moderado o appetite nas pertençaões ! Que comedido o desejo nos affectos !

Em fim, que senhores fomos de nós mesmos, & da fortuna! Mas porque não nos despegamos de nós, vimos a andar pegados a tudo; & por isso nos embaraça tudo. Negar-se a si mesmo, dizem que he a mayor fineza: & não sei eu commodidade mayor: dizem que he o mayor affecto de amor de Deos, & eu o tenho pela mayor destreza do amor proprio. Só se sabe querer bem, quem se sabe livrar de si.

253 Ao *abneget semet-ipsam*, ajunta Christo o *tollat Crucem suam*. E que leve será a Cruz, a quem se tiver negado primeiro! A nossa Cruz não tem mais pezo, que o que nós lhe damos. Se na nossa Cruz nos não levaramos a nós, pouco teriamos que levar. Do pezo de si mesmo, & não do da Cruz, se queixava Job: *Factus sum mihi metipsum gravis*. E não foi Job, o que menos Cruz teveo neste mundo. *Tollat Crucem suam*. Só a nossa Cruz nos manda levar

Job 7.  
20.

Christo: *bemditó elle seja*. E quantos ha, que todos se canção em levar as Cruzes alheas? Até nas Cruzes ha ambição, onde parece que tinha só lugar a paciencia. Que aliviado andára o Mundo, & que bem governado, se cada hum se contentára com levar a sua Cruz! Se Deos vos cortou a vossa Cruz pela medida dos vossos hombros, para que quereis tomar outras, com que póde ser que não possais? Mas he engano natural este, com que nascemos, que sempre ou as Cruzes alheas nos parecem as mais leves, ou os hombros proprios os mais robustos. Affás fará cada hum em levar a sua Cruz, sem cançar, nem cahir. Christo houve mister quem o ajudasse a levar a sua; & nós cuidamos, que podemos levar as nossas, & mais as alheas. A causa cuida eu que he, porque olhamos para os titulos das Cruzes, & não para o pezo dellas. Pois credeme, que as que parecem

cem mais para cubiçar, são as que tem mais q̄ temer. Não vedes q̄ as mais preciosas, são as mais peçadas?

254 *Crucem suam.* Suppoem Christo, que todos tem sua Cruz, & le com olhos desapaixonados dermos hũa volta ao mundo, acharemos que he assim. Que estado ha no mundo desdo mais alto ao mais humilde, desdo mais livre ao mais lugeito, desdo mais abundante ao mais pobre, desdo mais appetecido ao mais desprezado, que ou por fóra, ou por dentro, não tenha sua Cruz? Hũas vemos, outras não vemos; & as menos visiveis são ordinariamente as mais peçadas; porque são as mais interiores, & as que carregão ló na alma. He este mundo como o monte Calvario, em que se achão todos os estados, & todos com Cruz, como noutra occasião ponderamos. Mas somos nós tam mal aconselhados, que não podendo deixar de a levar, (pois todos a temos) so-

fremos o pezo, & perdemos o merecimento; porque a não queremos levar em seguimento de Christo. Se por deixarmos de seguir a Christo, tiramos a Cruz dos hombros, ainda tinha algũa desculpa a nossa ingratitude, ou a nossa fraqueza; mas a desgraça he, que quanto mais nos afastamos do seguimento de Christo, tanto mais cresce o pezo á nossa Cruz. Nenhũa couza quizerá no mundo senão hũa balança fiel, em que os que seguem a vaidade, & os q̄ seguem a Christo vieraõ pezar suas Cruzes. Oh q̄ enganados se haviaõ de achar huns, & que consolados outros! *Mibi mundus crucifixus est, & ego mundo.* Paulo tem Cruz, & o mundo tem Cruz; mas quanta differença vai da Cruz do mundo á Cruz de Paulo? Se os homens acabáramos de conhecer esta verdade, eu vos prometo, que o mundo trocará a sua Cruz pela Cruz de Paulo. Mas a cegueira he,

Galar.  
6.14.

he, que entre os que tem a profissão de Paulo não falta ( ainda mal ! ) quem queira trocar a sua Cruz, pela Cruz do mundo. Gê-te duas vezes moftina, que por não levar hũa Cruz com Christo, vem a levar ambas sem Christo.

255 Que differentemente entendeo esta Filosofia aquelle Serafim humano, aquelle vivo crucificado, aquelle Cruz, & Crucifixo de si mesmo, o glorioso Patriarca S. Francisco ! Negou-se a si, tomou a sua Cruz às costas, & seguiu tam de perto a Christo, que de muito chegado, & unido, appareceo hoje como hũa viva estampa sua, com as cinco Chagas abertas. Pasmou o mundo aflombrado de tam nunca vista maravilha: pasmou a natureza, & pasmou a mesma graça: & nós para q̄ possamos tambem pasmar, vamos ponderando clausula por clausula o nosso Texto, sem fahir delle.

## §. III.

256 **A** Primeira em que reparo he, o *Tollat Crucem suam*. Mândanos Christo, que tomemos a nossa Cruz, & o sigamos a elle. O exemplo ha de ser seu, & a Cruz hade ser nossa. E não seria melhor, que assim como a pessoa, a que havemos de seguir, he a de Christo, assim a Cruz, que havemos de levar, fosse tambem de Christo ? Parece que sim: pois porque não diz Christo: Quem me quizer seguir, tome a minha Cruz; senão, tome a sua: *Tollat Crucem suam*? A razão he; porque estima Christo tanto a sua Cruz, que a não quer dar a outrem. Como se dissera o Senhor: Quem quizer seguirme, tome a Cruz, mas essa Cruz hade ser a sua, que a minha não a dou a ninguém. Não estimo eu tam pouco os tormentos, & instrumentos de minha Paixão, que os haja de dar a outrem.

Diz

257 Diz o mesmo Senhor, q̄ a sua gloria não a lia de dar a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo*. Parece difficuloso este Texto; porque Christo offerece a sua gloria a todos os que a quizerem, & dá a a todos os que a ganhaõ; antes só para nós dar a sua gloria, veyo do Ceo á terra, & a gloria que mereceo, foi para nós, & não para si, porq̄ para si não a podia merecer. Pois porque diz que não hade dar a sua gloria: *Gloriam meam alteri non dabo*? Com outro lugar entenderemos este. Antes de Christo entrar na batalha de sua Paixaõ, fez oraçaõ ao Padre, & disse: *Glorifica me Pater*: Padre meu, glorificai-me. Christo não estava glorificado, & não era glorioso desdo instante de sua Conceiçaõ? Sim era: pois se tinha já a gloria, como pedia ao Padre que lha desse? Direi: Christo Senhor nosso neste mundo tinha duas glorias; hũa gloria que se gozava, ou-

tra gloria que se padecia. A gloria, que se gozava, era a gloria da visãõ, que consistia na bemaventurança de ver a Deos: a gloria, q̄ se padecia, era a gloria da Paixaõ, que consistia nos tormentos, que Christo padeceo pelos homens; & ainda que Christo teve a primeira gloria desdo instante de sua Conceiçaõ; a segunda não a teve, senão no dia de sua Paixaõ: & esta he a gloria, que pedia a seu Padre: *Pater glorifica me*.

258 Mas como póde ser, que a Paixaõ de Christo fosse para elle gloria? Esta dũvida teve S. Joaõ Chrystostomo, & perguntou assim ao mesmo Christo: *Ad Crucem rapervis cum pædonibus, & hoc gloriam appellas*? He possivel; Senhor, que ides a ter pregado em hũa Cruz entre deus ladrões, & a isto chamaes gloria? *Ita quidem; pro dilectis enim passor* Sim, responde Christo; he minha gloria essa Cruz, & esses tormentos, porque os padeço

padeço por aquelles , a quem amo. Quem padece muito pelo que muito ama, a sua Cruz he a sua gloria. De maneira que Christo era duas vezes glorioso, hũa vez pela gloria da visãõ, com que sempre via, & gozava a Deos : outra vez pela gloria da Paixaõ, com que padecia pelos homens. E estimava Christo a gloria, que padecia, tanto mais que a gloria, que gozava; que da gloria, que gozava, era tam liberal, que a dava a todos; & da gloria, que padecia, era tam avarento, que a quiz só para si: *Gloriam meam alteri non dabo*. A gloria da visãõ, a gloria de ver a Deos, essa seja gloria vossa, gozai-a todos quãtos quizerdes; mas a gloria da Payxaõ, a gloria de padecer pelos homens, esta he gloria só minha, não a hei de dar a ninguem. Por isso quando falla na Cruz, diz: Tome cada hum a sua, que a minha he só para mim: *Tollat Crucem suam*.

## §. IV

259 **E** Sendo isto assim, sendo Christo tam avarento ( deixai-mo outra vez dizer com esta palavra ) de seus tormentos, & das glorias de sua Payxaõ, amou o Senhor tanto a S. Francisco, que lhe deu a melhor parte da sua gloria, & a mayor gloria de sua Payxaõ, que são as cinco Chagas, que lhe imprimio no corpo. Lingua Serafica era necessaria para ponderar este favor: mas para que a capacidade humana o rasteje de algũa maneira, vede o que digo. Digo que em conceder Christo a S. Francisco esta parte de sua Payxaõ, o admitio a hũa gloria, a que não quiz admitir, nem aos homens, nem aos Anjos, nem ao mesmo Deos. Ora daime attençãõ.

260 Vaõ os soldados prender a Christo ao Horror, onde o Senhor estava com seus Discipulos, & dandolhes licença, para que

que o levassem prezo, disse, olhando para os Apostolos: *Si ergo me queritis, finite hos abire*: Se me buscáis a mim, deixai hir a estes. Pergunto: E porque não deixou Christo que os Judeos prendessem alguns de seus Discipulos, para que morressem juntamente com elle? Não era muy conveniente, que houvesse algum dos que seguiaõ sua doutrina, que dêsse a vida pela verdade della? E que já que havia hum Judas, que o vendeo, houvesse hum Pedro, que o acompanhasse? Se Christo havia de morrer entre dous ladrões, se havia de ter de hũa parte a Dimas, & da outra a Gestas, não fora mais decente, que morrêra entre dous Apostolos, & que tivera de hũa parte a Joaõ, & da outra parte a Pedro? Logo porque não quiz Christo a nenhum dos Discipulos consigo em sua Payxaõ? Porque queria toda a Paixaõ para si. Se algum dos Discipulos fora prezo juntamente

com Christo; repartira-se com elle parte do odio dos tyrannos; pois para que as penas, ou a gloria de as padecer seja toda minha; diz o mesmo Christo, vaõ-se os Discipulos embora: *Sinite hos abire*. Foi lanço de ambicioso de glorias, não querer companhia nos tormentos. Vede aonde chegou o amor de Christo para com os Discipulos, & aonde não chegou. Chegou a padecer por elles todas as penas da Paixaõ; mas a darlhes parte dessas penas, não chegou a tanto. Que tenha eu por gloria o padecer por meus Discipulos, isso sim; mas que os haja de admitir a serem comigo companheiros dessa gloria, isso não. Só esta exceiçaõ tem a liberalidade de meu amor: *Sinite hos abire*.

261 Mais: Quando o Senhor mandou a S. Pedro, que embainhasse a espada, disse: *An putas quia non possum rogare Patrem meum, & exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones*

Matth.  
26. 53.

*giones Angelorum* ? Imaginas , Pedro , que não posso rogar a meu Padre , & me mandará logo do Ceo mais de doze legiões de Anjos ? Notavel razão ! Não estava mais achado dizer Christo: Embainha , Pedro , a espada : porque para me defender a mim não são necessarias nenhūas armas , & muito menos as tuas ? Não vês como só com hūa palavra acabo de postrar por terra meus inimigos ? Pois se esta razão estava tanto á flor da terra , porque vai Christo buscar outra ao Ceo ? E porque faz menção dos Anjos nesta occasiã ? Porque como os Anjos costumão assistir , & ajudar invisivelmente as acções humanas , soubessem os homens por esta advertencia , que nem os Anjos do Ceo admitia Christo á companhia de suas penas. São os Anjos impassiveis por natureza , são espiritos , que não podem padecer corporalmente ; & era Christo tam amante das penas de sua

Payxão ; que até dos impossiveis as ciava. Por isso não quiz ter Anjos por companheiros em sua Payxão , porque ainda que lhe não podiaõ participar dos tormentos pela paciencia , podiaõlhe levar parte da gloria pela companhia. Parte da gloria de suas penas nem aos Anjos a dá Christo : *An putas quia non possum rogare Patrem meū , & exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones Angelorum?*

262 Ultimo encarecimento sobre todos. Antes de espirar na Cruz o Senhor , poem os olhos no Ceo , & diz : *Deus meus* , <sup>Marc. 15.</sup> *Deus meus , ut quid dereliquisti me ?* Deos meu , Deos meu , para que me desamparaste ? Todos perguntão aqui , porque razão o Padre desamparou ao Filho , & porque quiz o Filho , que o Padre o deixasse. Mas eu pergunto mais : Porque fez Christo esta queixa de publico ? O que passa entre os pays , & os filhos ( & muito mais se são

são razões de queixa) não he justo, que saya á praça; quanto mais, que onde o Pay era Deos, não lhe era necessario ao Filho fallar, para declarar seu sentimento. Pois porque diz Christo publicamente, que seu Pay o delamparou? Porque quiz o Senhor, que foubesse o mundo, que foi tam só em padecer pelos homens, que nem a companhia de seu proprio Padre aceitou em seus tormentos. A Pessoa do Pay, & a do Filho nenhũa couza tem, que se não communiquem, & que não seja commum entre ambos; mas quiz Christo ser tam singular nas penas de sua Payxaõ, que nem a seu proprio Padre (da maneira que podia ser) quiz ter por companheiro nellas. Tinha Christo dito pouco antes a seus Discipulos: *Me solum relinquatis: & non sum solus. quia Pater mecum est.* Ainda que vós fujais todos, & me deixeis só, eu não ficarei só, porque meu Padre está sempre

comigo. E para que foubessem os Discipulos, que atè em respeito do Padre quiz ser só em sua Paixaõ, por isso disse ao mesmo Padre, que o desemparára: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

263 Pedis-me Doutores, que o digaõ? Mais q̄ Doutores vos hei de dar: David, & Isaias, ambos em pessoa de Christo. David: *Singulariter sum ego,* <sup>Psal. 140. 10</sup> *donec transeam.* Acheime só, & sem estar alguem comigo, no tempo em que passei desta vida para a outra. Isaias: *Torcular calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum.* <sup>Ifai. 63. 3.</sup> Quando fui espremido no lagar de minha Payxaõ, nenhũa pessoa se achou comigo. Ambos disleraõ bem, mas melhor David. Isaias fazendo mençaõ dos homens, exclusio só aos homens da companhia de Christo em sua Paixaõ: *De gentibus non est vir mecum.* David não fazendo mençaõ de alguem, exclusio a todos: *Singulariter sum ego.* E at-  
lin

sim foi ; porque Christo na gloria de sua Cruz não foi só hũa só vez , senão tres vezes só : só , sem companhia de homens : *Sinite hos abire* : só , sem companhia de Anjos : *Exhibebit mibi plusquam duodecim legiones Angelorum* : só , sem cõpanhia do mesmo Deos : *Deus meus , Deus meus , ut quid dereliquisti me ?*

264 E sobre esta ponderação ( oh assombro da grandeza de Francisco ! ) naquella gloria , em que Christo não admitio a cõpanhia dos homens , nem a dos Anjos , nem a do mesmo Deos , nessa mesma gloria deu tanta parte a S. Francisco , que lhe deu suas proprias Chagas , que he a principal gloria de sua Paixaõ. Prova ? Sim.

265 Quando Christo subio triunfante ao Ceo , os Anjos , que o acompanhavaõ , disseraõ aos que estavaõ de guarda : *Attolite portas , Principes , vestras , & introibit Rex Glorix*. Abri , o Principes , as portas , para que entre o

Rey da Gloria. Estranháraõ elles o termo , & o nome ; & antes de abrirem perguntáraõ : *Quis est iste Rex Glorix ?* Este , que chamaís Rey da Gloria , quem he ? A huns Anjos , & por outros respondeo Santo Agostinho com estas excellentes palavras : *Viderunt cælites cuncti speciosum vulneribus Christum , & admirantes fulgentia divinæ virtutis vexilla talibus concrepant hymnis : Quis est iste Rex Glorix ?* Quer dizer Agostinho , que a causa , porque os Anjos chamaõ Rey da Gloria a Christo , he proque lhe viaõ as cinco Chagas abertas. Grande dizer ! Christo Senhor nosso no dia de sua Ascensãõ hia vestido dos dotes gloriosos , como Bemaventurado , que era ; mas os Anjos não lhe chamáraõ Rey da Gloria , porque o viraõ glorioso , senão porque o viraõ chagado. Porque mayor gloria eraõ para Christo , & para os Anjos os sinaes de sua Paixaõ , q̃ os dotes de sua bemaventurança ;

S. Aug.

Pfal. 2 3.

turança. E sendo esta gloria das Chagas mayor gloria de Christo, que sua mesma gloria; esta gloria communicou Christo a S. Francisco, & lhe deu a elle, o que prometteo de não dar a outrem; *Gloriam meam alteri non dabo.*

§. V.

266 **M**As se Christo prometteo de não dar sua gloria a outrem, como a deua São Francisco? A palavra de Deos, ou promettendo, ou negando, he inviolavel; pois porque deu a S. Francisco, o que tinha prometido de não dar a outrem? Porque? Porque S. Francisco não era outrem. Parece paradoxo, mas no nosso Texto o temos, & entra a segunda clausula delle.

267 *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum.* Se alguém me quizer seguir, diz Christo; negue-se a si mesmo. E que quer dizer, negue-se a si

mesmo? Quer dizer que cada hum ha de deixar de ser o que he. Nem eu hei de ser eu, nem vós haveis de ser vós. E assim o fez S. Francisco. Negou-se de tal maneira a si mesmo, q̄ deixou totalmente de ser o que dantes era. Pois se Francisco não era Francisco; que era? Era Christo. Claramente por palavras de S. Paulo: *Vivo ego, jam non ego.* Vivo eu, mas já não eu: eis-aqui negar-se a si mesmo. Eu não eu. Pois se vós não sois vós, quem sois? *Vivit verò in me Christus.* Eu sou Christo por transformação. De maneira, que deixou Francisco de ser o que era, & passou a ser o que não era. Por força da abnegação deixou de ser o que era, deixou de ser Francisco: *Vivo ego, jam non ego.* E por força da transformação passou a ser o que não era, passou a ser Christo: *Vivit verò in me Christus.* E como Francisco já não era Francisco, lenão Christo; daqui veyo, que dandolhe o Senhor a

Gal. 2.  
20.

Ibid.

gloria de suas Chagas a não deu a outrem, como tinha prometido: *Gloriam meam alteri non dabo.*

268 Isto não tem exemplo na terra, nem nas cousas humanas; tem-no só no Ceo, & nas Divinas. São Jeronymo entende estas mesmas palavras ditas pelo Padre Eterno: *Gloriam meam alteri non dabo*; & assim ficaõ muito mais difficullosas. E senão, vede. O Eterno Padre he de Fè que dá toda a sua gloria ao Filho, & ao Espirito Santo. Pois como diz, que a não ha de dar a outrem? Porque ainda que o Filho, & o Espirito Santo se distinguem realmente do Padre, são a mesma cousa com elle, porque são o mesmo Deos. E dar a gloria a quem he a mesma cousa comigo, não he dalla a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo.* O mesmo digo no nosso caso. Diz Christo, que não ha de dar as glorias da sua Paixão a outrem; & com tudo deu-as a S. Francisco; porque como S. Francisco

por força da abnegação deixou de ser Francisco, & por força da uniaõ, ou unidade, passou a ser Christo: ainda que Christo dê a sua gloria a Francisco, não a dá a outrem: *Alteri non dabo.*

269 Cuidareis q̄ são isto pensamentos; não são senão verdades solidas, & Theologia rigorosa. Não a achareis vós nos Vasques, nem nos Soares, nem nos outros Theologos Escolasticos; mas achalaheis nos que tratarão a Theologia mystica, & muito mais nos que a experimentarão. Lede Dionysio Areopagita, lede Taulerò, lede Rusbrochio, lede Cãfil, lede S. Teresa; os quaes todos querem que esta transformação do homem com Deos, seja por uniaõ real, & verdadeira. E senão, explicaime bem aquellas palavras de Christo: *Sicut tu Pater in me, & ego in te, ut & ipsi in vobis unum sint.* Assim como vós, Pay meu, sois hũa mesma cousa comigo, & eu

eu convolco; assim sejaõ os homens comolco a mesma cousa. Poem os Cõtemplativos cinco graos para subir onde chegou S. Francisco: Aniquilação, Conformidade, Transformação, Identidade, & Deificação. Por todos estes subio Francisco: subio pela Aniquilação, deixando de ser o que era: subio pela Conformidade, conformando-se com a vontade Divina: subio pela Transformação, transformando-se em Deos: pela Identidade identificando-se cõ elle; & pela Deificação, ficando endofoado todo, ou ficando todo hum Deos. E como era a mesma cousa com Deos, & com Christo, dandolhe Christo a sua gloria, não a deu a outrem, como tinha prometido: *Gloriam meam alteri non dabo.*

§. VI.

270 **D** Aqui se segue, ( & he a terceira clausula do nosso

Texto ) q̄ dizendo Christo aos outros que o seguissem, só a S. Francisco consentio que o igualasse. Ora notai. *Tollat Crucem suam, & sequatur me.* Tome a sua Cruz, & sigame: Pergunto: Porque diz, sigame, & não diz, acompanheme? Porque quem segue, fica sempre atrás, & quem acompanha, bem póde ir igual; & Christo nas materias de sua Cruz, & Paixão, ainda que queria que o seguissem todos por imitação, não queria que alguem se lhe emparelhasse por igualdade. Manda Deos a Abraão que lhe sacrifique seu filho: toma Isaac a lenha às costas; sobe ao monte, deixa-se atar para o sacrificio; & quando já o pay hia a decarregar o golpe, diz Deos: *Non extends manum tuam super puerum.* Tem mão: Não mates a teu filho. E porque não quer Deos q̄ se execute o sacrificio, que inda agora tinha mandado fazer? Se he porque tinha prometido, que em Isaac

Qij se

Genef.

22. 12.

se continuária a descendência de Abrahão, havia mais que resuscitar outra vez a Isaac? Pois se era tam facil o remedio, porque não quer Deos que Isaac morra? Clemente Alexandrino: *Ut primas partes Verbo cederet.* O sacrificio de Abrahão era figura do sacrificio, & Paixaõ de Christo; pois por isto não permitio Deos, que Isaac chegasse a morrer, para que nas materias da Paixaõ tivesse Christo o primeiro lugar, & não se puzesse Isaac hombro por hombro com elle. Isaac levou a lenha às costas, como Christo levou a Cruz: subio ao monte, como Christo: deixou-se atar para o sacrificio sem fallar palavra, como Christo: se lhe tiráraõ tambem a vida, como a Christo, ficava em tudo com Christo hombro por hombro. Pois para que fique atrás, & não iguale, para que siga, & não emparelhe; morra Christo, & elle fique vivo, & faltelhe da Paixaõ a melhor parte;

que só a S. Francisco consente Christo que o iguale; os demais sigaõ, & fiquem atrás: *Si quis vult post me venire.*

271 E senaõ, respondão-me: Se Christo queria dar Chagas a S. Francisco, porque lhe não deu quatro sómente, ou porque lhe não deu seis, senaõ cinco, nem mais, nem menos? Porque não só lhe quiz dar a imitação, senaõ a perfeita igualdade. Oh que grande favor! Quiz Deos fazer favor a Joseph de q fosse vendido como Christo; mas, se bem repararmos, acharemos que Christo foi vendido por trinta dinheiros, & Joseph só por vinte: *Vendidernut eum Ismaelitis viginti argenteis.* Pois se foi figura de Christo, & Christo foi vendido por trinta, porque o vendèraõ a elle por vinte? Ouvi a S. Paschasio: *Quia servus non debebat esse pretiosior Domino suo.* Porque era servo, & não havia de ser igual com seu Senhor. Concedeo lhe a imitação  
na

na venda, mas negoulhe a igualdade no preço. Falando porém determinadamente do mesmo Christo : quiz Christo fazer favor a Lazaro de que fosse sepultado, & depois resuscitado, como elle; mas Christo esteve na sepultura tres dias, & Lazaro quatro. Pois se lhe concedeo que resuscitasse depois de morto á sua imitação; porque lhe não concede a igualdade nas circunstancias? Disse-o São Pedro Chryfologo : *Ne equalis Domino videretur* : porque tivesse differença o servo de seu Senhor. De maneira que Joseph figura de Christo vendido, & Lazaro figura de Christo sepultado : mas Joseph vendido por menos dinheiros, & Lazaro sepultado de mais dias, para que hum por mais, & outro por menos, nenhum igualasse a Christo. Só Francisco o igualou, porque as suas Chagas não forão menos que as de Christo, nem forão mais, senão justamente

Tom. 12.

cinco, nem mais, nem menos. Joseph foi retrato de Christo vendido, mas não foi retrato ao natural; porque Christo foi vendido por trinta dinheiros, & Joseph só por vinte. Lazaro foi retrato de Christo sepultado, mas não foi retrato ao natural; porque Christo esteve tres dias na sepultura, & Lazaro quatro. Só S. Francisco foi retrato ao natural de Christo chagado; porque se Christo teve cinco Chagas, S. Francisco, nem mais, nem menos, teve outras cinco. Francisco igualou, os outros seguirão : *Ei sequatur me.*

§. VII.

272 **M**As que Chagas forão estas, que Christo deu a S. Francisco? A pergunta parece mal fundada, mas a resposta vos dirá que fundamento tem. Todos dizem, que as Chagas, que Christo deu a S. Francisco, forão as Chagas de seu Q iij Corpo.

Corpo. Eu digo q̄ as Chagas de S. Francisco não foram as Chagas do Corpo de Christo, senão as Chagas da sua alma.

273 Para intelligencia deste tam extraordinario pensamento havemos de suppor duas cousas: primeiramente supponho, que assim como a Humanidade de Christo se compoem de Alma, & Corpo; assim as Chagas de Christo se compoem de Chagas do Corpo, & Chagas da Alma. Esta supposiçãõ he de S. Bernardo: *Judei non solum manus, sed & pedes, & latus quoque, & sanctissimi cordis intima furoris lancea perforaverunt, quod jam dudum amoris lancea fuerat vulneratum. As Chagas dos pês, das mãos, & do lado de Christo fellas o odio dos Judeos; mas já as tinha feito o amor dos homens muito tempo antes. O odio fellas no Corpo; o amor tinha-as feito na Alma. Prova o mesmo S. Bernardo o novo pensamento com o pas-*

D. Bern.

lo dos Cantares: *Vulnerasti cor meum Soror mea, Sponsa, vulnerasti cor meum.* Feriste-me o coração, Espôsa minha, diz Christo à Synagoga, feriste-me o coração. Christo Senhor nosso no lado não teve mais que hũa Chaga; pois se no lado foi ferido hũa só vez, como diz que lho ferirão duas? Porque cada ferida de Christo foram duas feridas, & cada Chaga duas Chagas: hũa, que lhe fez o odio no Corpo; outra, que lhe tinha feito o amor na Alma: *Quid necessarium fuit illud ab inimicis vulnerari, si jam vulneratum est?* Conclue o mesmo S. Bernardo. De maneira q̄ Christo teve Chagas dobradas; hũas no Corpo, outras na Alma.

274 A segunda cousa, que havemos de suppor, he, que as Chagas do Corpo de Christo se imprimirão na Alma da Senhora. Esta segunda supposiçãõ he de Arnaldo Carnotense: *Fugientibus Apostolis, in faciem Filii se opposuerat Mater,*

Arnold.  
Carnot.

Mater, & gladio doloris animæ ejus infixo vulnerabatur spiritu, & crucifigebatur affectu; & quod in carne Christi agebant clavi, & lancea, hoc in ejus mente compassio naturalis, & affectionis maternæ angustia. Quer dizer, que fugindo os Apóstolos, a Senhora se poz em pé diante do Filho, retratando-se tam vivamente nelle, que ambos estaão crucificados: elle crucificado em carne, ella crucificada em espirito: *Vulnerabatur spiritu, & crucifigebatur affectu.* E como os Crucifixos eraõ dous, as Chagas tambem eraõ duas, ou dobradas: só com esta differença, que as Chagas do Filho faziaõ nas os cravos, & a lança; mas as Chagas da Mãe fazia-as a dor, & a compaixão: *Et quod in carne Christi agebant clavi, & lancea, hoc in ejus mente compassio naturalis, & affectionis maternæ angustia.* Prova o mesmo Arnaldo o seu pensamento com a profecia de Simeão: *Et*

*tuam ipsius animam pertransibit gladius.* Foi tam aguda a espada da Paixão, que trespassou Corpo, & Alma; mas o Corpo estava em hũa parte, & a Alma noutra; porq̃ o Corpo era de Christo, & a Alma da Mãe: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius.*

275 Desorte (resumindo todo o discurso) q̃ Christo tinha Chagas da Alma, & Chagas do Corpo; & assim como as Chagas do Corpo as imprimio na Alma da Senhora, assim as Chagas da Alma as imprimio no corpo de Francisco. Quiz Christo fazer hũa como encarnação, & uniaõ de suas Chagas em duas creaturas dignas de tanto favor: as Chagas de seu Corpo espiritualizou-as na Alma da Virgem Maria; & as Chagas de sua Alma encarnou-as no corpo de S. Francisco. O corpo naturalmente appeteece unir-se à alma, & a alma naturalmente appeteece unir-se ao corpo. Assim aconteceo às Chagas do Corpo,

& Alma de Christo: as do Corpo pediaõ Alma , & deulhes Christo a Alma de Maria : as da Alma pediaõ Corpo , & deulhes Christo o corpo de Francisco. Quereis prova ? No mesmo caso a temos. Quando Christo imprimio as Chagas a S. Francisco , veyo em figura de hum Serafim. E porque não veyo em propria figura ? Se para receber as Chagas se fez o Verbo Homem ; porque razão para as imprimir se fez Christo Anjo ? Mais: Se Christo imprimio as Chagas na Alma da Senhora na realidade de seu proprio Corpo ; porque razão para as imprimir em S. Francisco toma a transformação de Espirito ? A razão he: porque Deos , ainda quando obra sobrenaturalmente , uia dos instrumentos mais proporcionados aos effeitos ; & para imprimir Chagas no Corpo , he mais proporcionado instrumento o Espirito ; & para imprimir Chagas no Espirito ; he

mais proporcionado instrumento o corpo. Por isso quando imprimio as Chagas no corpo de São Francisco , veyo em figura de hum Espirito , assim como quando as imprimio na Alma da Virgem , estava em realidades de Corpo.

276 Sim ; mas porque foi este Espirito Serafim , & não outro Anjo das outras Hierarchias ? Porque as Chagas da Alma de Christo fellas o amor : *Quod jam dudum amoris lanceâ fuerat vulneratum.* E como entre todos os Anjos os Serafins são os Espiritos do amor ; ao Serafim , & não a outro competia esta gloriosa execução. Para Deos receber as Chagas tomou a natureza humana ; & para as imprimir tomou a natureza Angelica , para que já que a natureza Angelica não teve parte na Encarnação do Verbo , tivesse parte na encarnação das Chagas de Francisco. E haverá Escritura , que nos diga esta  
 meſma

mesma impressã das Chagas de Christo, não por outrem, senão por hum Serafim, que tambem veremos ser o mesmo, de que Deos fiou esta grande obra? Vai a Escritura, & seja a ultima de tantas, & a mais admiravel.

277 Quando Zorobabel, depois do cativoiro de Babylonia, estava reedificando o Templo, reveloulhe Deos por hum Anjo, que naquelle mesmo Templo havia de pòr hũa pedra tam maravilhosamente lavrada, que levaria apòs si os olhos, & admiração do mundo, & que a escultura desta pedra havia de ser duas vezes lavrada, & duas vezes esculpida: *Super lapidem unum septem oculi sunt: ecce ego calabo sculpturam ejus.* Este he hũ dos mais difficultosos lugares da Escritura: & o Texto original aclara, ou escurece mais a difficultade; porque onde a Vulgata tem, *calabo sculpturam ejus*, lê Aquila: *Aperiam aperturam ejus*; A-

brirei as suas aberturas: & Simacho, & Theodosion: *Sculpam sculpturam ejus.* Esculpirei as suas esculturas. Abrir-se, & esculpir-se hũa pedra, bem se entende: mas depois de estar aberta, & esculpida, abrirem-se as mesmas aberturas, & esculpirem-se as mesmas esculturas, como pòde ser? Saibamos qual era a pedra, & quaes eraõ as esculturas, & logo entenderemos o mysterio. A pedra, como declara o mesmo Texto, era Christo: *Ecce* <sup>ibidem:</sup> *enim ego adducam servum meum Orientem, id est, Christum.* Por isto prometeo o Anjo que esta pedra seria trazida ao Templo de Zorobabel, & não ao Templo de Salamaõ; porque o Templo que estava em tempo de Christo, & em que Christo tantas vezes entrou, & prègou, não era o Templo de Salamaõ, senão o de Zorobabel. Esta era a pedra. E as esculturas desta pedra quaes eraõ? Todos os Padres, & Interpretes respondem, & a mesma

D.Hier.

a mesma experiência o mostrou, que as esculturas da pedra Christo foram as Chagas, que com os cravos, & lança se abrirão, & entalharão em seu Corpo Santissimo: *Istum lapidem clavis Crucis, & lancea militis faciam vulnerari*, commentou S. Jeronymo. E como as Chagas, que hũa vez se abrirão, & esculpirão no monte Calvario, se havião de abrir, & esculpir outra vez no monte Alvernio; por isso diz o Anjo, que não só se havia de abrir, & esculpir a pedra, senão que se havião de abrir as mesmas aberturas, & que se havião de esculpir as mesmas esculturas; hũa vez abertas, & esculpidas em Christo, outra vez abertas, & esculpidas em Francisco. Em Christo aberta, & esculpida a pedra: em Francisco abertas, & esculpidas as esculturas: *Aperiam aperturam, & sculpam sculpturam ejus*. E quem foi o Anjo que isto disse? Milagroso caso a nosso inten-

to. O Anjo que isto disse foi o Serafim S. Miguel, o mesmo que imprimio as Chagas a São Francisco. Estava Francisco naquella monte contemplando a Paixão de Christo, & jejuando hũa Quaresma em honra de S. Miguel, & por isso com muita razão foi o mesmo S. Miguel o Ministro, & instrumento, que Christo escolheu, & o Serafim de que se vestio para a impressão das Chagas. Assim o affirmão, & provaõ graves Comentadores do Apocalypie sobre aquellas palavras: *Vidi alterum Angelum habentem signum Dei vivi*. E como o mesmo S. Miguel, que fallava como Profeta, era o que havia de fazer esta impressão, por isso não só disse, que havião de ser impressas, & restampadas aquellas Chagas, senão que elle mesmo havia de ser o que as imprimisse: *Ego cælabo sculpturam ejus*: Eu, Eu sou, o que depois de abertas estas aberturas no Corpo de Christo, as hei de tornar

tornar a abrir : *Ego aperiam aperturam*. Eu sou o que depois de esculpidas estas esculpturas, as hei de tornar a esculpir : *Ego sculpturam sculpturam ejus*.

## §. VIII.

278 **O**H quantas, & quam gloriosas consequencias se poderão daqui tirar em assombro das glorias de Francisco! Mas fiquem para outros, q̄ eu tenho dito mais do que quizera; porque de tudo quanto ouvistes, não temos nada q̄ imitar. Nas outras festas dos Santos, concluem-se os Sermões, com exhortar a q̄ os imitemos. Nesta, a que vos hei de exhortar? A que peçais a Christo que vos imprima também as suas Chagas? Eis-aqui quem he S. Francisco; que nem à sua imitação he bem que aspirem nossos desejos. Com tudo quero deixar dous pontos á vossa meditação, que são os principaes, que devemos considerar nestas

Chagas, em quanto dadas, & em quanto recebidas: em quanto dadas, & em quanto Chagas de Christo, considerai quão amou Deos aos homens: em quanto recebidas, & em quanto Chagas de Francisco, considerai quanto pôde hum homem amar a Deos. A confusão, que daqui devê tirar nossas ingratidões, fique ao juizo de cada hum. Oh se o temos, que pasmo será o nosso do immenso, que devemos a Deos, & do mal que lhe correspondemos! Não sei que contas havemos de dar a Deos quando nolas pedir á vista de S. Francisco! Estou para dizer, que não nos haõ de accusar menos no dia do Juizo as Chagas de S. Francisco, que as Chagas de Christo. Em fim Christo era Deos, & Francisco era homem; & á vista de tanto dever da parte de Deos, & de tanto poder da parte nossa, não sei q̄ ha de ser de nós, q̄ tam pouco fazemos! Valhanos a graça Divina, penhor da Gloria.



# SERMAO

DE

## S. ANTONIO,

Em Roma na Igreja dos Portuguezes , segunda  
parte do impresso no segundo Tomo a  
folhas 126.

Avia-se de pregar no anno seguinte , & por enfermi-  
dade do Author se não pregoou.

*Sic luceat lux vestra coram hominibus , ut videant  
opera vestra bona & glorificent Patrem ve-  
strum , qui in caelis est. Matth. 5.*

§. I.



279

Assim como ha  
dias claros , &  
escuros , assim o  
será o dia de ho-  
je em comparaçã do pas-  
sado. Hoje faz hum anno

( porque assim o pedia a  
ocasião , & as circumstan-  
cias da solemnidade ) pre-  
guei aos Portuguezes as  
luzes da sua Naçãõ : ago-  
ra lhes descobrirei a elles, &  
a todos as sombras dessas  
mesmas luzes : para que se  
veja

veja nõ que disse , & no que direi , que não foi lisonja , ou affectação o louvor , pois eu mesmo , & aos mesmos não callo , nem dissimulo o que nelles se não deve louvar. Inventou a Mathematica aquella famosa Piramide , a qual ferida perpendicularmente do Sol , de tal maneira recolhe em si todas as luzes , que não deixa lugar á sombra. Mas este milagre da natureza só tem semelhante no mayor milagre da graça , Maria sempre immaculada , da qual com tam admiravel propriedade como verdade se diz : *Non habet umbra locum.* Nas outras cousas porêm , por mais illustres , & illustradas que sejaõ , nenhũa luz viraõ já mais os olhos humanos tam pura , & tam sincera , que não ande junta com sombras.

280 O dia mais claro , & resplandecente , que amanheceo ao mundo , foi o da Transfiguração de Christo ; porque nelle se vio o monte Tabor allumiado

juntamête com douõ Soes , hum no Ceo , outro na terra : no Ceo com o Sol natural , que todos viraõ ; na terra com o Sol do rosto do mesmo Senhor , que só viraõ os que com elle subiraõ ao monte: *Resplenduit facies ejus sicut Sol.* Matth. 17. 2. E neste dia tam esclarecido , & neste monte tam allumiado poderia tambem haver sombras? Parece que não ; porque a sombra , que fizesse hum Sol , a destaria o outro. Com tudo he certo que aquelles mesmos olhos , que pela parte do Ceo , & pela da terra não só estavaõ allumiados , senão cercados de Soes ; no mesmo dia , & na mesma hora se viraõ cubertos de sombras: *Ecce nubes lucida obumbravit eos.* Ibid. 5. Atraveçou-se de repente hũa nuvem , que tomando em si a envestidura dos rayos de ambos os Soes , se não eclipsou de todo , assombrou hũa , & outra luz ; porque não ha neste mundo luz sem sombra. Estas sombras pois , que sempre seguem , &

& acompanhão a luz , fe-  
raõ hoje a segunda parte  
daquellas mesmas luzes ,  
que não sei se com tanto  
applauso como verdade ,  
inculquei o anno passado  
aos ouvidos Romanos. En-  
taõ ouviraõ o que fomos ;  
agora ouvirão o que não

deveramos ser. E posto q̄  
para persuadir o bem he  
necessaria mayor eloquen-  
cia, que para declamar, ou  
declarar o mal ; tambem  
para este triste assumpto  
me he necessaria a graça.

*Ave Maria*

*Sic luceat lux vestra coram hominibus.*

281 **N**A primeira  
parte, & pa-  
negyrica das duas, em que  
continuo, & divido estes  
dous Sermões, nos mo-  
strou o Euangelho como o  
nosso Snto Portuguez  
foi luz do mundo: *Vos  
estis lux mundi.* Nesta se-  
gunda, que como já infi-  
nuei, será mais declama-  
toria, que panegyrica, nos  
dirá o mesmo Euangelho  
o modo, com que luzio  
esta luz: *Sic luceat lux ve-  
stra.*

282 Queixava-se o  
anno passado ( se bem vos  
lembra ) a sua, & nossa  
Patria, de se ver deixada  
de hum filho, & tal filho

como Antonio. Justificava  
a sua queixa com o exem-  
plo de Joseph, que se man-  
dou levar morto á terra  
propria; & agora repete,  
& aberta a mesma queixa  
com outro exemplo mais  
vivo, mais domestico, &  
mais seu. Lembra se Lit-  
boa do seu famoso funda-  
dor Ulysses, tam amante  
da terra onde nascêra, que  
sendo natural de Itaca, o  
mais aspero, & desconhe-  
cido lugar de toda Grecia,  
antepoz a dureza de seus  
rochedos às delicias, &  
grandezas mais celebradas  
do mundo, & depois de o  
ter visto, & rodeado todo,  
o deixou todo por ella.

Tanto

Tantõ assim, ( diz Home-  
ro ) que prometendo a  
Deosa Calypso a Ulysses  
de lhe conceder a immor-  
talidade só com condiçãõ,  
que se deixasse ficar , & vi-  
ver nas terras , que lhe of-  
ferecia ; pode tanto com  
elle o natural amor da sua,  
que não aceitou hũa tal  
promessa ; querendo antes,  
( como pondera Cicero,  
& depois delle o ponde-  
rou tambem S. Chrysofsto-  
mo ) querendo antes mor-  
rer na terra propria , que  
ser immortal na estranha.  
A' vista pois desta fermo-  
sa medalha do amor da Pa-  
tria , cançada para memo-  
ria , & exemplo nos pri-  
meiros alicesses de sua fun-  
daçãõ , & não se podendo  
já mais esquecer della, pois  
a traz impressa no nome ;  
como se não queixaria Lis-  
boa , & como se não torna-  
rá a queixar da sequidaõ ,  
por não dizer crueldade ,  
com que se vê deixada de  
hum filho gerado , nascido,  
& creado , não ló no mais  
alto lugar , mas no mais  
interior de si mesma, como

filho do leũ coraçãõ ? Só  
póde dizer contra isto An-  
tonio , que deixa a Patria  
por ir buscar o martyrio ;  
& que se mostra menos hu-  
mano com os de seu pro-  
prio sangue , porque o  
quer derramar todo por  
Christo. Mas a esta satisf-  
façãõ responderei depois.  
O que agora só digo sobre  
o que já disse, he , que assim  
como S. Antonio foi obri-  
gado a deixar Portugal ,  
para ser Portuguez ; assim  
foi necessario , que se tiras-  
se dentre os Portuguezes,  
para ser tam grande ho-  
mem , & tam grande San-  
to como foi. Hum dos  
mayores homens , q̄ hou-  
ve no mundo , foi Abrahaõ,  
& a este mádou Deos q̄ sa-  
hisse da sua Patria, & de en-  
tre os seus para ser mayor.  
O mayor Sãoto de todos os  
Sãotos foi o Filho de Deos:  
& nem isto bastou para q̄  
podesse obrar na sua Patria  
as maravilhas , com que  
asombrou as alheas. Para  
que nem os naturaes se  
escandalizem , nem os  
estranhos estranhem a dif-  
ferença

ferença do que hoje direi. Mas vamos ao Evangelho.

## §. III.

283 **S**ic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, & glorificent Patrem vestrum, qui in caelis est. De tal modo ha de luzir a vossa luz diante dos homens, que vejaõ elles as vossas boas obras, & glorifiquem a Deos. Isto he o que diz Christo a S. Antonio. E isto não o podia fazer hum Portuguez entre Portuguezes. A primeira coula, que se lhe encarrega nestas palavras, he que hade luzir a sua luz: *Sic luceat lux vestra: & luzir Portuguez entre Portuguezes, & muito menos luzir com a sua luz, he coula muito difficoltosa na nossa terra. Com a luz alhea vi eu lá luzir alguns; mas com a propria: Lux vestra, nem Santo Antonio, quanto mais os outros. Toda a terra ( porque toda he tocada deste*

vicio) tem oppozição com a luz. A Lua quem a eclipsa? A terra; porque chegaõ lá as suas sombras. E o Sol, onde não chegaõ as sombras da terra, quem o escurece, & encobre cada hora a nossos olhos? Tambem a terra. Levanta o Sol com seus rayos os vapores da terra, & elles mesmos vapores, que elle levantou, condensando-se em nuvês, são os que o não deixaõ luzir. Tomaõ em si os resplandores do mesmo Sol, & dourando-se com elles ou o escurecem de todo, ou nolo tiraõ dos olhos. Preze-se, ou não se preze o Sol de escurecer as Estrellas do Ceo; que lá estaõ os vapores da terra, que o escureceção a elle.

284 Sendo esta a condição natural de toda a terra, como grosseira em fim, rude, & opaca, & nascida debaixo das trevas: *Terra erat inanis, & vacua, & tenebrae erant super faciem abyssi; nenhũa terra ha com tudo entre todas as do mundo, que mais se opponha*

opponha à luz; que a Lusitania. Outra etymologia lhe dei eu no Sermao passado, mas como ha vocabulos, que admitem muitas dirivações, & alguns, que significão por antifrasi o contrario do que soão; assim o entendo deste nome, posto que tam luzido. O mundo, dizem os Grammaticos, que se chama mundo, *Quia minime mundus*; & a morte Parca, *Quia nemini parcit*. E assim como o mundo se chama mundo, porq̃ he immundo, & a morte se chama Parca; porque a ninguem perdoa; assim a nossa terra se pôde chamar Lusitania, porque a ninguem deixa luzir. Não he S. Isidoro, nem Marco Varro o Author desta funesta etymologia, senão a mesma natureza, & o mesmo Ceo com o curso, & occaso de suas luzes. A terra mais occidental de todas he a Lusitania. E porque se chama Occidente aquella parte do mundo? Por ventura, porque vivem alli menos,

Tom. 12.

ou morrem mais os homens? Não; senão porque alli vão morrer, alli acabaõ, alli se sepultaõ, & se escondem todas as luzes do firmamento. Sahe no Oriente o Sol com o dia coroadado de rayos, como Rey, & fonte da luz: sahe a Lua, & as Estrellas com a noite, como tochas accensas, & scintillantes contra a escuridade das trevas, sobem por sua ordem ao Zenith, daõ volta ao globo do mundo, resplandecendo sempre, & allumiando terras, & mares; mas em chegando aos Orizontes da Lusitania, alli se affogaõ os rayos, alli se sepultaõ os resplandores, alli desaparece, & perece toda aquella pompa de luzes.

285 E se isto succede aos lumes celestes, & immortaes; que nos lastimamos; senhores; de ler os mesmos exêplos nas nossas Historias? Que foi hũ Affonso de Albuquerque no Oriente? Que foi hum Duarte Pacheco? Que foi hum D. Joaõ de Castro?

R Que

Que foi hũm Nuno da Cunha, & tantos outros Heroes famosos, senão huns Astros, & Planetas lucidissimos, que assim como allumiárao com estu-  
pendo resplendor aquelle glorioso seculo, assim escurecêrao todos os passados? Cada hum era na gravidade do aspecto hum Saturno, no valor militar hum Marte, na prudencia, & diligencia hum Mercurio, na altiveza, & magnanimidade hum Jupiter, na Fè, & na Religiaõ, & no zelo de a propagar, & estender entre aquellas vastissimas Gentilidades hum Sol. Mas depois de voarem nas azas da fama por todo o mundo estes Astros, ou indigites da nossa Naçaõ, onde foraõ parar, quando chegárao a ella? Hum vereis privado com infamia do governo, outro prezo, & morto em hum Hospital, outro retirado, & mudo em hum deserto, & o melhor livrado de todos, o que se mandou se-  
pultar nas ondas do Ocea;

no, encomendando aos ventos levassem à sua Patria as ultimas vozes, com que della se despedia: *Ingrata Patria non possidebis ossa mea.*

286 Vede agora se tinha eu razaõ para dizer, que he natureza, ou má condiçaõ da nossa Lusitania não poder consentir q̄ luzaõ os que nascem nella. E vede tambem se podia S. Antonio deixar de deixar a Patria, sendo filho de hũa terra, onde se não consente o luzir, & tendolhe mandado Christo, que luzisse: *Sic luceat lux vestra.*

287 Eu não direi que S. Joaõ no seu Apocalypse levantou figura aos q̄ nascem em Portugal; mas ha muitos dias que naquellas suas visões de Patmos tenho observado hũa notavel pintura, na qual estaõ retratadas ao vivo as fortunas, ou influencias deste fatal nascimento. *Si*<sup>Apoc. 12.1.2.</sup>  
*gnum magnum apparuit in celo mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus; & in capite ejus corona*<sup>3.4.</sup>  
*Stellarum duodecim*

*dodecim : & in utero habens , clamabat parturiens. Visum est & aliud signum in cælo : & ecce Draco magnus : & Draco stetit ante mulierem , quæ erat paritura ; ut cum peperisset , filium ejus devoraret.* Esta he em summa a historia da visaõ , na qual diz o Euangelista , q̃ vio primeiramente hũa mulher vestida do Sol , coroadada de Estrellas , & cõ a Lua debaixo dos pès , a qual estava de parto , & dava vozes. E que logo appareceo diante desta mulher hum grande Dragaõ , o qual com a boca aberta estava esperando , que sahisse a luz o filho para lho tragar , & comer , tanto que nascesse. Infelice menino , antes destinado às unhas , & dentes do Dragaõ , que nascido ! Mas que Dragaõ , que mulher , & que filho he este ? O enigma he tam claro , que pelas figuras sem letra se pôde entender. A mulher vestida de luzes , o mesmo nome diz , q̃ he a Lusitania : as luzes são as que ouvistes o anno

passado ; & õ terã a Lua debaixo dos pès , he a mayor expressaõ da mesma figura ; porque a Lusitania foi a primeira em toda Espanha , que sacudio o jugo dos Sarracenos , & tantas vezes entaõ , & depois meteo debaixo dos pès as Luas Mahometanas. O parto , que a fazia bradar , são os filhos , ou partos da Lusitania , não todos , senão aquelles , com que ella dá brado no mundo. E o Dragaõ finalmente já preparado , & armado para tragar esses filhos , he aquelle mesmo Dragaõ , que Portugal tem por timbre das suas armas ; porque he timbre da nossa Nação tanto que sabe à luz quem pôde luzir , tragalo logo , para que não luza. De maneira que a mulher , & o Dragaõ em tão differentes figuras , hũa humana , outra sem humanidade , ambas vem a fer a mesma cousa ; porque como mulher pare os filhos , & como Dragaõ os traga depois de nascidos.

288 Os explorado-

R ij res ;

res, que foram descobrir, & informar-se da terra de Promissão, de tal maneira a descreverão, que parece definirão a nossa. Tres cousas differão, todas grandes, & notaveis; mas a terceira assombrosa, & terrivel, & para todos fugirem de tal terra. Differão que era tam fertil, & de clima tam benigno, que os rios manavao mel, & leite: *Venimus in terram, ad quam misisti nos, quae revera fuit lacte, & melle.* Differão mais, que virão nella homens da geração dos Gigantes: *Sirpem Enoc vidimus ibi.* E sobre estas duas prerogativas tam singulares, a terceira, que acrescêtao, foi, que era hũa terra, que comia, & tragava os seus naturaes: *Terra, quam lustravimus, devorat habitatores suos.* Julgai se quadra bem toda a definição à nossa terra. He tal na benignidade dos ares, na fertilidade dos campos, na affluencia dos rios, que chamando-se antigamente *Lethes*, o que hoje se cha-

ma *Lima*, he opiniao de muitos Authores, que o temperamento, & delicias da Lusitania foram as que derão motivo à fabula dos campos *Elysijs*. Que na mesma terra se conserve a geração dos Gigantes, isto he, de homens mayores que os outros homens, tambem o não póde negar, quem tiver lido as antiguidades do mundo. Basta por exemplo serem os Lusitanos, os que com seu Rey Siculo, filho de Luso, debellárao em Sicilia os Cyclopes, & deixárao eternizada esta vitoria no mesmo nome de seus habitadores, os quaes desde entao se chamárao Siculos. Mas que importaõ estas excellencias, & outras que se poderao dizer sem lisonja, se o clima, ou constellação natural da mesma terra he tam alhea de humanidade que come seus proprios filhos? Que importa que como mãy seja tam felizmente fecunda nos partos, que os gere de tam eminente estatura; se como

Dragão

Num.  
15.28.  
29.33.

Dragão peçonhento, com raiva de os ver tam grandes, os morde, os roe, os abocanha, os ataçalha, & não descança até os engolir, & devorar de todo: *Terra devorat habitatores suos.*

## §. IV.

289 **A**gora fim que já posso responder a S. Antonio, & confutar a sua escusa. De maneira, meu Santo, que deixais Portugal, & vos embarcais para Africa, porque dizeis, que ides buscar o martyrio? Antes por isso mesmo vos não deveis sair da vossa Patria. Não tendes vós já encerrado no peito aquelle grande thesouro de sabedoria, & eloquencia, com que depois haveis de esclarecer, & afosombrar o mundo, & agora a vossa modestia, & humildade encobre, & dissimula, & quasi contra o conselho deste mesmo Evangelho tem escondido debaixo do meyo alqueire: *Neque enim*

Tom. 12.

*accendunt lucernam, & ponunt eam sub modio?* Escusado he logo ir buscar o martyrio incerto por mar em terras estranhas, se o tendes mais breve, & mais seguro na mesma, onde nascestes. Amanheção em Coimbra os resplandores desta Theologia, que depois hade ter a primeira cadeira na segunda Religião, de que tendes tomado o habito: passai com os eccos desta fama a Lisboa, & começai a levar após vós a Corte com a eloquencia mais que humana desta lingua immortal, & eu vos prometo ( não tanto que ella fallar, senão depois q̄ for fallada ) que não faltem naturaes vossos, que vos fação martyr. Não vos affeguro rodas de navalhas, nem boys de metal, porque la não se martyrizava com tanto engenho. Mas se vos contentais com martyrio mais aparelhado, & mais vulgar, de ferres logo hum S. Sebastião não o duvideis. Todos os rayos, que de si despedir a

R iij vossa

vossa luz, se haõ de converter em settas, que se empreguem em vós. O vosso nome hade ser o applauso de todas as vozes, & o vosso corpo o alvo de todas as settas. Não vos hade valer feres filho de S. Francisco, hũa vez que mostrardes que sois geração de Gigante: *Stirpem Enoc vidimus ibi.*

290 Apareceo Saul no meyo do Povo de Israel em occasião, que estava junto em Cortes, & diz o Texto sagrado, que era de tam alta, & agigantada estatura, que do hombro para cima excedia a todos: *Sietitque in medio populi, & altior fuit uniuerso populo ab humero, & sursum.* E vós Saul sois tam grande na terra onde nascestes, que os mayores, quando muito, vos daõ pelo hombro, & com toda a cabeça sobrepujais a todos? ora elperai pelos effeitos desta vossa tam bizarra estatura, & vereis a fortuna, que com ella vos aguarda. Deu-se a fatal batalha dos cam-

pos de Gelboe, & posto que na confusão dos grandes exercitos, quando se combatem, apenas se conhece distincão de homẽs a homẽs, como Saul avultava tanto entre a multidão, sobre elle carregou todo o pezo da batalha, & nelle se empregaraõ todas as settas: *Totum pondus praelii versum est in Saul: & vulneratus est vehementer à sagittariis.* Os sete montes daquella Cidade, em hum dos quaes nasceo S. Antonio, todos saõ montes de Gelboe. Alli está encantada a fatalidade dos que fez a natureza, ou a fortuna mayores que os outros. Contra elles se armaõ as batalhas, contra elles se tiraõ as settas, & sobre elles descarrega todo o pezo da guerra: porque a enveja, como filha primogenita da soberba, peza para cima, & todos seus tiros se adestaõ contra o mais alto. Não de balde domina sobre Portugal o Sagittario; porq̃ este he o signo, em q̃ lá nascem todos

4. Reg.  
10.23.

1. Reg.  
31.3.

dos os que são apontados com o dedo, para que contra elles se apontem as setas. Escusadamente vai logo provocar as dos arcos Turquescos a Africa, que as tinha tam aparelhadas na Patria, & tam certas na sua propria grandeza.

291 Esta foi, se eu me não engano, a providencia daquella inopinada enfermidade, com que apenas tinha posto os pés S. Antonio nas prayas Africanas, quando foi outra vez obrigado a se embarcar para os ares patrios, como se lhe dissera Deos: Vens buscar o martyrio a Berberia, deixando Portugal, & Lisboa? Torna, torna para donde viste, q̄ tambem lá ha Marrocos, & Tituões. Para a terra de seu nascimento mandou Deos tornar o Adão: *In terram de qua sumptus es:* & não porque aquella terra da sua Patria fosse mais sãda, senão para que nella morresse com dobrada dor, em pena de ter comido da arvore da Sciencia. Não

havia outra terra para onde o desterrar, senão para aquella mesma, em que nascêra? A sua Patria hade ser o seu desterro? O tiralo della foi o mayor favor, & o tornar para ella hade ser castigo? Sim; porque sendo aquella terra tam felice no primeiro parto, que gerou, o primeiro homem do mundo; foi tam maldicta no segundo, que não produzio mais que abroelhos, & espinhos contra esse mesmo homem, que della nascêra: *Spinas, & tribulos germinabit tibi.* Deixese ficar Antonio no câpo Damasceno da sua Patria, & se já a tem deixado, torne para ella, que nella achará, se souber o que sabe, quanto hia buscar tam longe. Quando S. Antonio depois de comer da arvore da Sabedoria em tam profundos estudos, se escondo como Adão, bem sabia que na sua Patria tambem he delito o muito saber, posto que não seja por desobediencia, mas por mais obedecer, & servir a

Ibid. 182

R iij

Deos

Deos. Manifeste pois á sua terra o que sabe, deixe luzir ( pois assim lho manda Christo ) a sua luz , & exprimentará logo que esta mesma terra , que o fez o primeiro homem , em lugar de lhe tecer coroas de louro, se arma de espinhos, & abrolhos , com que o martyrizo: *Spinæ , & tribulos germinabit tibi.*

## §. V.

292. **M**As como Deos não queria de Antonio o seu martyrio , a nova providencia de hũa furiosa tempestade o derrotou da Patria , para onde tornava , & o levou a tomar porto em Italia. E porque , ou para que ? Porque Deos lhe tinha mandado que luzisse a sua luz diante dos homens : *Sic luceat lux vestra coram hominibus.* E para a sua luz luzir diante dos homens , era necessario que o mesmo Deos o levasse a terra , onde houvesse homens , diante dos quaes se podesse lu-

zir. Oh terra verdadeira-mente bemdita , Patria da verdade , aylo da razaõ , Metropoli da justiça ; que não de balde te escolheo Deos para collocar em ti o seu eterno folio ! Quasi estou para dizer , que aquella figura do Apocalypse , que expliquei enigmaticamente, não só he, ou foi enigma, senão historia, ou profecia literal deste successo de S. Antonio. Dissemos que a mulher vestida de luzes era a Lusitania : dissemos que o Dragaõ , que estava esperando com a boca aberta , para tragar o parto, que della nasceffe, era o timbre das suas armas , & a deshumanidade natural , com que trata seus filhos : agora vede como o filho , que entaõ nasceo, & escapou dos dentes do Dragaõ, foi S. Antonio. *Et peperit filium masculum, qui rectorus erat omnes gentes in vinga ferrea, & raptus est filius ejus ad Deum, & ad thronum ejus.* E pario ( continua o Texto ) hum filho varaõ , o qual havia de

de reger todas as gentes com vara de ferro , & logo foi arrebatado da presença da Mãe , & do Dragaõ , & levado a Deos , & ao seu throno.

293 Primeiro que tudo , não faça duvida dizer o Texto que este filho havia de reger as gentes com vara de ferro ; porque he propriedade dos termos , ou titulos , com que na Escriptura se descrevem os q̄ Deos elege , & constitue ( como elegeo , & constitubio a S. Antonio ) para Prêgadores univértaes do mundo : *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus predicans præceptum ejus : Reges eos in virgâ ferreâ , & tamquam vas figuli confringes eos.* Assim regia , & encaminhava S. Antonio cõ a ley , & preceitos Divinos todas as gentes a que prêgava. E assim confundia , & quebrantava os rebeldes com vara , & efficacia propriamente de ferro : que por isso foi chamado por excellencia Martello das

Heresias ; *Perpetuus hereticorum malleus.* Este filho pois , prodigioso parto da Lusitania , que Deos tinha destinado a tam gloriosos fins , para o livrar assim da mesma Mãe , como das unhas do Dragaõ , de que não podia escapar , depois de sahir à luz do mundo ; diz o Texto , que foi arrebatado com violencia , *raptus est* ; porque o arrebatou do caminho , que levava para a Patria , a violencia da tempestade. E diz mais , que foi levado a Deos , & ao seu throno , *ad Deum ; & ad thronum ejus* ; porque a mesma violencia dos ventos o levou a Italia , & a Roma , onde Deos tem seu throno na terra.

294 Já agora , meu Santo , pôde luzir a vossa luz diante dos homens : *Sic luceat lux vestra coram hominibus* ; porque já estais em terra de homens , diante dos quaes se pôde luzir. Tanto vos era necessaria a ausencia de huns , como a presença dos outros. Já os mesmos

meismos Summos Pontifices vos chamaõ Arca do Testamento: já as vossas vozes são ouvidas como oráculos: já as vossas razões, & sentenças são recebidas, & veneradas como Divinas. E não porque vós hoje sejais outro do q̄ dantes ereis, nem outros os documentos da vossa doutrina; mas porque tanto vai de lugar a lugar, & de homens a homens, *Coram hominibus.*

295 Esta felicidade de achar S. Antonio homens, diante dos quaes luzisse a sua luz, como o Senhor lhe mandava, foi na minha opiniaõ hũa das mayores graças, que o mesmo Senhor lhe concedeo; porque sendo muito poucos no mundo os homens, que podem luzir; aquelles, diante dos quaes se possa luzir, ainda são muito menos. Todos os dias ouvimos no Evangelho de S. Joãõ hũa couza, em que eu não acabo de reparar. *Fuit homo missus à Deo, cui nomen erat Joan-*

*nes: hic venit in testimoniu, ut testimonium perhiberet de lumine.* Ouve, diz, naquelle tempo hum homem, mandado por Deos, o qual veyo para ser testemunha, & testemunhar da luz. A luz não ha mister testemunhas; porque ella por si mesma, & sem mais prova demonstra o que he. Quanto mais que a luz, de que fallava o Evangelista, (como elle mesmo acabava de dizer) era a luz verdadeira, & fonte de toda a luz, Christo, que allumia todos os homens: *Erat lux vera, que illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum.* Pois se todos os homens viaõ essa mesma luz, porque foi necessario que mandasse Deos hum homem como o Baptista, para que testemunhasse della? Porque tam raros são como isto no mundo os homens, que possaõ testemunhar da luz. Poder ver a luz, & ser allumiado della, he de todos os homens: *Que illuminat omnem hominem. Mas fazer verda-*

Joann.  
1.6.7.

Ibid. 9.

verdadeiro conceito deſta  
meſma luz, & dizer, &  
teſtemunhar o que ella he,  
*Ut teſtimonium perhiberet  
de lumine*, para iſto apenas  
ſe acha no mundo hum ho-  
mem, & eſſe mandado por  
Deos: *Fuit homo miſſus à  
Deo*. Teſtemunhar o Ba-  
ptiſta de Chriſto, como  
diſcretamente notou São  
Gregorio Nazianzeno, era  
allumiár o Sol com hũa  
candea; & ſendo iſto hũa  
couſa, que não ſó parece  
ſuperflua, mas ridicula,  
teve neceſſidade o Sol de  
ſta candea, para que entre  
os homens houveſſe hum,  
que teſtemunhaſſe da ſua  
luz como merecia: *Ut te-  
ſtimonium perhiberet de lu-  
mine*.

296 E ſe quizermos  
examinar a cauſa deſte ef-  
feito tam contrario à na-  
tureza da meſma luz, a-  
charemos que todo proce-  
de não da luz, ſenão dos  
homens. O meſmo S. João  
o diſſe: *Lux venit in mun-  
dum, & dilexerunt homines  
magis tenebras, quàm lu-  
cem*. Veyo a luz ao mun-

do, & os homens (quem  
tal havia de imaginar?)  
amaraõ mais as trevas, que  
a luz. Quantas vezes ſe vê  
iſto no mundo, & eu o te-  
nho viſto? Ver aos que lu-  
zem, he para rir; & ver os  
que não luzem, para cho-  
rar: *Dilexerunt magis tene-  
bras, quàm lucem*. As tre-  
vas amadas, veneradas, &  
applaudidas, como ſe fo-  
raõ luz, & a luz aborreci-  
da, deſteſtimada, & perfe-  
guida, como ſe fora tre-  
vas. Tal he, & tal coſtuma  
ſer o juizo dos homens, ou  
ſeja por ignorancia, ou  
por malicia. Mas que re-  
medio terá a luz para não  
ſer aborrecida de tal gen-  
te? Se he aborrecida, por-  
que veyo ao mundo, *Lux  
venit in mundum, vã ſe do-  
mundo*, & não ſerá abor-  
recida. Affim o cuidava  
eu, & affim creyo que ba-  
ſtára para com alguns ho-  
mens, mas não para com  
todos.

297 Diz Plinio, que  
os homens do monte A-  
tlante todos os dias amal-  
diçoão o Sol duas vezes;  
hũa

Plin.1.  
5.c.8.

hũa quando nasce , & outra quando se poem : *Solem orientem , occidentemque dirã imprecatione intuentur.* O monte Atlante he aquella tam bem opinado entre os homens , que delle se diz , & celebra que sustenta o Ceo com seus hõ-bros , & que o mesmo Ceo havia de cahir , se aquella forte columna o não sustentára. Pois se com tanto trabalho , & tanto zelo se sustenta neste monte o Ceo , para que não caya; a melhor joya , & mayor lustre do mesmo Ceo , que he o Sol , como he tam aborrecido , & anatematizado no mesmo monte ? Dirmeheis que tudo isto he fabula , & mentira : & que a verdadeira razão deste odio he ; porque os moradores do monte Atlante são os Ethiopes mais adustos , como mais visinhos , ou menos defendidos do Sol , & por isso aborrecem tanto a luz dos seus rayos , porque aos outros homẽs allumia , & a elles queima. Mas se isto assim he , como

he ; aborreaõ os do monte Atlante ao Sol , quando nasce , & não quando se poem. Se o recebem com maldições , quando vem , demilhe graças , & louvores , quando se vai. Mas quando vem , & apparece diante destes homẽs , aborrecido na presença ; & quando se vai , & os deixa , tam-bem aborrecido , & perseguido na ausencia : *Orientem , occidentemque ?* Sim ; porq̃ o Sol , ainda q̃ se vai , vai para tornar , *A summo celo egressio ejus , & occur-sus ejus usque ad summum ejus.* Vá-le pois o Sol , & desappareça de hũa vez para sempre , & logo nem os do Atlante terão quem os queime , nem o Sol quem o injurie.

Pfalm.  
18.6.

### §. VI.

298 **I** Sto he o que fez S. Antonio : não só se foi da sua terra , senão para sempre , & para nunca mais tornar a ella. Nem o Santo podia deixar de o fazer assim , supposto o preceito

preceito Divino, & o fim, & intento delle. O fim, & intento do preceito de Christo era: *Ut videant opera vestra bona*: que de tal maneira luzisse diante dos homens, que elles vissem suas obras boas, & nada disto podia ser se Santo Antonio ficasse na Patria, & quizesse luzir nella. E porque razão, ou semrazão? Por tantas, quantas são as palavras do mesmo preceito: *Ut videant opera vestra bona*. Elle havia de fazer as obras, *Opera vestra*: os homens haviaõ-nas de ver, *Ut videant*: & essas obras vistas haviaõ de ser boas, *bona*: & nenhũa destas cousas podia S. Antonio conseguir entre os da sua Patria, por outras tantas razões. Primeira; porque não havia de poder fazer essas obras: Segunda; porque ainda que as fizesse, não as haviaõ de ver os homens: Terceira; porque ainda que as fizesse, & elles as vissem, não haviaõ de ser boas: *Ut videant opera vestra bona*. Daime agora attençaõ.

299 Primeiramente digo, que aquellas obras, que o Evangelho recomêda a S. Antonio, elle as não havia de fazer, nem as podia fazer na sua Patria, & não por falta de virtude no Santo, senão por defeito, ou esterilidade natural da terra, em que nasceo. Não he cousa nova na natureza haver terras, que são fecundas para as plantas, & estereis para os frutos. São fecundas para as plantas, porque ellas produzem as arvores: & são estereis para os frutos, porque essas mesmas arvores não podem produzir os frutos, em quanto estão nellas. Por esta razão, & experiencia inventou a Agricultura o remedio do transplantar, arrancando; ou desterrando as plantas da terra onde nascêraõ, & passando-as a outras, onde frutifiquem. Isto he o que fez, ou succedeo a S. Antonio, do qual parece que profetizou David, quando no Texto Hebreo, em que fallava, disse: *Erit tanquam*

Pfaln.

1. 3.

*tamquam lignum* ; quod *transplantatum est*, & *fructum suum dabit*. Os milagres, & obras prodigiosas, com que S. Antonio admirava, & convertia o mundo em Italia, & França, erão frutos daquella generosa planta, mas transplantada: *Tamquam lignū, quod transplantatum est*. Porque se Deos ( que tambem he Agricultor, *Pater meus Agricola est* ) o deixára ficar na terra onde nasceo, nenhũa dessas maravilhas havia de obrar, nenhum desses frutos havia de produzir, não por defeito da planta, senão por vicio da terra.

Joann.  
15. 1.

300 He a nossa terra, ( porque se não queixe de que lhe digo injurias ) como a Patria de Christo. Obrava Christo Senhor nosso por toda a parte aquella multidão de milagres, tantos, tam continuos, & tam estupendos como sabemos; mas tanto que chegava à sua Patria, ( assim como o Manná celiou, tanto que chegou á

terra de Promissão ) assim cessava, & se suspendia, & ficava totalmente parada aquella corrente celestial; & benefica de maravilhas; com que soccorria, remediava, & admirava a todos. S. Marcos chegou a dizer que Christo na sua Patria não podia fazer milagre algum: *Abiit in Patriam suam, & non poterat ibi virtutem ullam facere*. Ainda na boca de hum Evangelista parece duvidosa esta proposição. Christo, em quanto Deos, não era omnipotente por natureza, & em quanto homem, não era tambem omnipotente por communicação, & por graça? Assim o crê, & confessa a nossa Fè. Pois como he possível que hum Homem Deos, & por hum, & por outro modo omnipotente, não podesse fazer milagres na sua Patria? Aqui vereis q̄ cousa he a Patria. E se tanta resistencia, & contradicção experimentou a omnipotencia ordinaria; q̄ seria a delegada de S. Antonio?

Respon-

301 Respondeo Christo a este escandalo com aquella Proverbio universal: *Non est Propheta sine honore, nisi in patria sua*: Não ha Profeta sem honra senão na sua Patria: Defor-te que toda esta repugnancia, ou todo este impossivel topava na honra. E como he vicio natural da Patria não sofrer, nem poder ver mais honrado a quem nasceo nella; porque a Patria não podia sofrer a honra de Christo, não podia Christo na Patria fazer os milagres. Para os milagres honrarem a Christo na sua Patria, era necessario que os da mesma Patria cressem, que eraõ verdadeiros milagres. Mas elles, diz o Evangelista, eraõ tam duros, & tam incredulos, que não criaõ que hum homẽ seu natural podesse fazer obras sobrenaturaes, & por isso o Senhor as não podia fazer: *Non poterat ibi ullam virtutem facere: & mirabatur propter incredulitatem eorum*. Reparemos muito nesta ultima clausu-

la, & na cõnnexaõ dellã com a antecedente. Diz o Evangelista, que não podia Christo fazer milagres na sua Patria, & que o mesmo Senhor se admirava muito, de que a incredulidade dos seus naturaes fosse a causa de não poder fazer os milagres: *Et mirabatur propter incredulitatem eorum*. Pois porque elles não criaõ que Christo podesse, por isso Christo não podia? Sim & o mesmo Mestre Divino declarou o segredo deste impossivel noutra occasiã.

302 Pediolhe hum pay a faude milagrosa para hum filho, dizendo: *Si quid* <sup>Marc.</sup> *potes, adjuva nos*: Se he que <sup>9.21.</sup> podeis, favoreceime a mim, & a este filho. E o Senhor respondeo: *Si potes crede-* <sup>Ibid.</sup> *re, omnia possibilia sunt cre-* <sup>22.</sup> *dent*: Se tu podes crer, tudo he possivel a quem crẽ. Notai, que não disse, tudo me he possivel a mim, porque sou omnipotente; senão, tudo te he possivel a ti, se cres, que eu posso. E a razão he; porque segun-  
do

do a disposição condicional da Providencia Divina, para se fazer hum milagre são necessarias duas possibilidades; hũa activa, da parte de Deos, que faz o milagre, que he a Omnipotencia; & outra passiva, da parte do homem, a quem se faz, que he a credulidade. E como nos naturaes de Christo faltava esta segunda possibilidade, & pela enveja natural, que nasce com os que nascem na mesma Patria, não podia crer (nem querer) que Christo nascido entre elles fizesse milagres; por isso o mesmo Senhor não podia na sua terra, o que podia em todas: *Non poterat ibi.*

303 Oh Patria tam naturalmente amada, como naturalmente incredula! Que filhos tam grandes, & tam illustres terias, se assim como nascem de ti, não nascêra juntamente de ti, & com elles a enveja, que os affoga no mesmo nascimento, & os não deixa luzir, nem cres-

cer! Aquelle trigão mal-logrado do Euangelho, que cahio entre espinhas, diz o Texto, que as espinhas, que juntamente nascêraõ com elle, o affogáraõ: *Et simul exorta spine suffocaverunt illud.* Note-se muito o *simul exorta.* Não ha cousa, que mais pique, nem de que mais se piquem os naturaes, que da emulação, & enveja. Estas são as espinhas, que affogaõ logo desde seu nascimento os que nascem na mesma terra: & estas são as que havião de affogar na nossa a S. Antonio; para que não obrasse tóra della o que obrou, nem obraria, senão fugisse della.

304 Mas que muito que houesse de succeder a S. Antonio com os da sua, o que succedeo ao mesmo Deos, depois que teve Patria? Impugnação, & contradizão os de Nazareth Patria de Christo a fama das maravilhas do Senhor; & houve hum, que se atreveo a lhe dizer em presença:

Luc. 4.  
23.  
ça : *Quanta audivimus facta in Capharnaum, fac & hic in patria tua.* Isto que ouvimos de vossas maravilhas ao longe, não o veremos ao perto? Desses milagres tantos, & tam famosos, que fazeis nas outras partes, não fareis tambem algum aqui na vossa Patria? Não; & por isso mesmo. Na terra, onde nascem os milagrosos, não nascem, nem se dão os milagres. O que só não póde estorvar a Patria, he, que cheguem lá os eccos da fama, & que de boa, ou má vontade sejaõ ouvidos : *Quanta audivimus.* Assim chegavaõ, & se ouviaõ de longe em Portugal as maravilhas do seu grande Portuguez : & posto que não sei se eraõ tam cridas, & applaudidas entã, como mereciaõ; o que só posso afirmar sem escrupulo, he, que não seriaõ tão bem ouvidas na terra propria, como elle era ouvido nas estranhas. Ouviaõ, que quando prégava Antonio, cessavaõ todos os outros

exercicios mecânicos, civis, & politicos; porque os Lavradores deixavaõ os arados, os Mercadores as tendas; os Ministros os Tribunaes, os Cortezaõs os Palacios, & os theatros : *Quanta audivimus!* Ouviaõ que se despovoavaõ as Cidades; & que não cabendo a multidaõ immensa nos Templos, era obrigado a prègar nos campos, & que prègando em húa só lingua, sendo de diferentes Nações os ouvintes; todos o entendiaõ, como se fallara na sua : *Quanta audivimus!* Ouviaõ, que vestido de burel, & descalço hia cercado de guardas, & defendido de homens armados, os quaes mal podiaõ resistir o pezo, & tumulto das gentes, que conecorriaõ a lhe beijar o habito, & roubar algum fio delle, como preciosa reliquia : *Quanta audivimus!* Ouviaõ, que se o não queriaõ ouvir os Herreges obstinados, para confundir sua dureza, & rebeldia, hia prègar aos pei-

xes, & quē elles chamados da sua voz concorrião de todo o mar em cardumes, grandes, & pequenos, & postos por sua ordem com as cabeças fóra d'agua, como se tiverão o uso de razão, que faltava aos homens, escutavaõ attentos o que o Santo lhes dizia, & assentiaõ a tudo: *Quanta audivimus!* Ouviaõ, que armando-se hũa horrenda tempestade sobre o povo innumeravel, que no campo descuberto ouvia ao Santo, elle os assegurou que ninguem se inquietasse, ou moveffe, & voltado para o Ceo escuro, & medonho, com o aceno sómte de hũa mão emmudeceo os trovões, apagou os relampagos, & suspendeo as nuvens, as quaes não tiverão licença para chover, senão depois de recolhidos todos a suas casas: *Quanta audivimus!* Ouviaõ, que encomendando-se a Antonio, os cegos viaõ, os surdos ouviaõ, os mancos andavaõ, os mudos fallavaõ, os enternios de

todas as enfermidades farravaõ, & até os mortos, invocado o Santo por boca dos vivos, resuscitavaõ: sendo muito mais admiraveis resurreições as de infinitos peccadores, que mortos, & sepultados em todo o genero de vicios, por força da palavra Divina pronunciada pela boca de Antonio, se convertiaõ à penitencia, & restituaõ à graça: *Quanta audivimus!* Todas estas, & outras muitas maravilhas se ouviaõ em Portugal, & Lisboa, onde as levava a fama: mas que o mesmo Santo, que tantos, & tam prodigiosos milagres obrava nas terras estranhas, os fizesse tambem na sua: *Fac hic in patria tua*, isso não; porque não podia ser: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.*

305 Vejo com tudo que todos estaõ reclamando contra esta doutrina, & argumentando contra a verdade della, não menos que demonstrativamente, & com a experiencia. Porque

que sabemos; que S. Antonio foi a Lisboa para livrar a seu pay condemnado falsamente por hum homicidio; & que em presença de todo o povo, & Ministros da justiça, que o levavaõ ao supplicio, resuscitou o mesmo morto; & que este declarou a verdade, & depoz juridicamente q̃ não era aquelle o homem, que o matara. Pois se S. Antonio fez este estupendo milagre em Lisboa, & dentro dos muros della, & no adro da mesma Sê, junto ás casas, onde o mesmo Santo nasceu; como digo eu, nem posso provar com verdade, que S. Antonio não havia, nem podia fazer milagres na sua Patria? Agradeçovos muito a instancia, que he bem apertada; & tambem espero que me haveis de agradecer a soluçãõ. Respondendo, & concedo que S. Antonio fez este milagre, & tambem outro semelhãte em Lisboa; mas o Santo Antonio, que fez os milagres em Lisboa, não

era o nascido em Lisboa. Ora vede. Quando hum Santo apparece realmente em algũa terra distante, pôde ser por hum de deus modos: ou levado lá, como levou o Anjo ao Profeta Abacuc a Babylonia: ou reproduzindo-o Deos, & ficando onde estava, como Christo está no Ceo, & juntamente no Sacramento. Deste segundo modo he que fez S. Antonio os milagres em Lisboa, não levado, senão reproduzido; porque no mesmo tempo ficou, & estava em Italia, prêgando, & inclinado sobre o Pulpito, como diz a Historia. E como o Santo, que fez os milagres, era S. Antonio reproduzido, não era Santo Antonio nascido em Lisboa. O Santo Antonio nascido em Lisboa, esse ficou cá em Italia: o que obrou lá o milagre, era o mesmo S. Antonio sim, mas reproduzido, & nascido de novo nas mãos da omnipotencia. De sorte q̃ para S. Antonio fazer mi-

lagres em Lisboa, foi necessario que Deos lhe dêsse outro segundo, & novo nascimento, & assim segūda vez nascido fizesse o milagre na terra, onde não nascêra.

306 Quando chegou aos ouvidos d'ElRey Herodes a fama dos grandes milagres, que Christo obrava, entrou o Rey em hum pensamento notavel. Presumio, & disse, que aquelle homem não era Christo, senão o Baptista resuscitado, & que por isso fazia tantos milagres: *Matth. 14.2. Joannes Baptista surrexit à mortuis, & ideo virtutes operantur in eo.* Consta do Evangelho que o Baptista não fez milagre algum em sua vida: *Ioann. 10.41. signum fecit.* Pois se o Baptista não fez milagres em quanto vivo; donde se colhe, que os faria depois resuscitado? Porque a resurreiçãõ he hum segundo nascimento do mesmo homem, que por isso se chama regeneraçãõ: & a graça, que não teve o mayor

dos nascidos no primeiro nascimento, era verisimil que a tivesse no segundo. Isto pois que em S. João reproduzido era verisimil, em S. Antonio foi certo. Não porque o segundo nascimento lhe dêsse a virtude de fazer milagres, que já a tinha; mas porque lhe tirou o impedimento de ser a terra, em que nascêra: & como Lisboa não era Pátria de Antonio assim reproduzido, por isso pode fazer milagres em Lisboa, o que do outro modo não podia: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.*

§. VII.

307 **M**As dado, que S. Antonio fizesse milagres na sua Pátria; a segunda cousa, que prometi, & digo, he, que os homens da mesma terra não os haviaõ de ver. O que Christo encomenda a S. Antonio no nesso Texto, he, que a sua luz respládeça de tal modo diante

te dos homens; que elles vejaõ as suas obras illustres, & gloriosas: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.* E estas obras illustres, & gloriosas, se o Santo as fizesse na sua Patria, como supponemos, parece que não podiaõ os homens deixar de as ver. O não as verem, só podia ser, ou por falta das obras, ou por falta da luz. Assim o notou S. Agostinho, dando a razão, porque não vemos a Deos, estando elle presente em toda a parte: *Est quod videas, sed non est unde videas.* Para ver he necessario objecto, & luz: o objecto, que he Deos, sempre o temos presente; a luz com que elle se póde ver, essa he a que nos falta, & por isso o não vemos. Mas no nosso caso, nem faltava o objecto, que são obras: *Opera vestra bona*: nem faltava luz, que era a mesma de quem as obra-va: *Sic luceat lux vestra.* Logo como póde ser, que os homens as não vissem?

Tom. 12.

Digo que sim póde ser, & que assim havia de ser, não por falta das obras, nem por falta da luz, senão por falta dos olhos.

308 Nasceo no primeiro dia do mundo a luz, a qual não era outra coula, que hum globo daquelle luminoso accidente creado na segunda, ou terceira região do ar, dentro da qual fazia seu curso dividindo o dia da noite, & dando desde logo a duração composta de ambos, o periodo natural, que hoje observaõ. He porém cousa muito digna de admirar, que em quanto aquella primeira luz se conservou no lugar, ou região onde foi creada, não ouve olhos creados, que a vissem; porque nem a terra, & a agua creados no primeiro dia, nem o firmamento no segundo, nem as plantas, & ervas no terceiro tinhaõ olhos. Luzia a luz, & não havia olhos, que a vissem luzir: allumiava ella só o universo, & não havia em todo o universo olhos, que

S iij se

se allumiassem com ella , nem a vissem allumiar : distinguia as noites , & os dias , mas não havia olhos , que notassem a igualdade , & concerto desta distincção , nem se alegrassem com a presença da mesma luz , ou sentissem sua ausencia. Não sei se chame a isto desgraça da luz , se natureza do lugar , ou região , em que nasceo ao mundo. Desenganaivos luz , ainda que sejais a primogenita do Creador , & a primeira de todo o creado , que em quanto não sahires do lugar onde nascestes , não ha , nem haõ de haver olhos , que se ponhaõ em vòs. Sahi , sahi desse berço natural , em que nascestes , passai a outros lugares estranhos , & remontados , & logo tereis olhos , que vos vejaõ , que vos admirem , que vos amem , que vos celebrem , que vivaõ de vòs , & morraõ por vòs. Assim foi. Ao quarto dia da criação tirou Deos a luz da região do ar , onde a creára , repartio-a pelas esferas

celestes com fórma , & nome de Sol , de Lua , & de Estrellas ; & logo no quinto dia , & no sexto se fez o mundo todo em olhos , que se allumiassem com a luz , & a festejassem : olhos no mar , olhos no ar , olhos na terra ; olhos nas aves , olhos nos peixes , olhos nos animaes terrestres ; & sobre tudo olhos no homem , que não só lograsse os resplandores da luz , mas dèsse os devidos louvores ao Creador della. Demaneira , que esta mesma luz , que hoje vemos , & com que vemos todas as cousas , em quanto esteve , & não sahio do lugar , & região , em que nascèra , nem ella se via , nem se viaõ com ella as outras obras admiraveis da Omnipotencia , & não por falta das obras , nem por falta da luz , senão por falta de olhos. E isto he o mesmo ; que eu digo , & supponho que havia de succeder a S. Antonio.

309 Hum dos mais famosos milagres , que fez Christo

Christo Senhor nosso, foi o vulgarmente chamado do diabo mudo; porq̄ foraõ quatro milagres em hũ milagre. O miseravel homem era mudo, & fallou: era furdo, & ouviu: era cego, & cobrou vista: era endemoninhado, & ficou livre do demonio. Põde haver mayor fecundidade de milagres? As arvores muito fecundas, como diz a nos-  
sa lingua, daõ os frutos em pinha. Mas vede qual era a terra, onde nasciaõ. Começavaõ a se admirar as turbas à vista de tanto milagre junto; eis que no mesmo ponto chegãõ-se os Escribas, & Fariseos ao mesmo obrador daquelles milagres, & dizemlhe assim: *Magister volumus à te signum videre.* Mestre, quizeramos ver hum milagre vosso. Ha tal pedir, & em tal occasiaõ, & naquelle mesmo lugar? Não acabavaõ estes homens de ver hum milagre, & quatro milagres? Não. Christo era o que tinha acabado de os fazer; mas elles não ti-

nhaõ acabado, nẽm ainda começado a os ver: & porque? Não por falta dos milagres, senão por falta de olhos. *Volumus videre:* Queremos ver, disseraõ: & disseraõ bem; porque o que lhes faltava, não eraõ milagres que ver, eraõ olhos, com que vissem os milagres. Assim lhe havia de succeder a S. Antonio: a elle não lhe haviaõ de faltar os milagres, mas aos milagres haviaõlhe de faltar os olhos. Logo em tal terra, & entre taes homens não podia o Santo fazer o que Christo lhe mandava; que era luzir de maneira, que os homens o vissem: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant.*

310 E se me perguntares a razaõ, porque naquella terra ha tanta falta de olhos, ou de olhos, que vejaõ a luz; nas mesmas palavras a temos. A luz hade luzir: *Sic luceat:* os homens haõde a ver: *Ut videant:* & olhos que vejaõ luzir a luz, não o pôde haver em hũa terra, onde

S iij a mes

a mesma luz õs fãz cegar. Ouçamos ao mesmo S. Antonio, que como pratico do Paiz conhecia bem as causas deste terrivel effeito: *Invidus, si esset in celo, ibi totaliter excæcatur & gloriã proximi, & à luce beatitudinis ipsorum.* Saõ tam incapazes os olhos do invejoso de ver luzir, (diz S. Antonio) que se hum invejoso fosse ao Ceo, logo havia de ficar totalmente cego; porque a luz da gloria, & bemaventurança do proximo o havia de cegar. Do proximo disse, & não do bemaventurado, com grande elegancia, & energia; porque a inveja sendo dor de olhos, he de olhos, que olhaõ ao perto, (*proximi*) & não ao longê. E le isto em sentença de S. Antonio havia de succeder no Ceo; porque lhe não succederia a elle o mesmo na terra, & mais na sua?

311 Sahio David cõtra o Gigante, applaudio-se a vitoria como merecia, & diz o Texto que desde

aquelle dia nunca mais Saul pode ver a David: *Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David à die illã,* <sup>1. Reg. 18.9.</sup> & deinceps. Vede os contrarios effeitos dequella animosa, & venturosa pedrada. O tiro foi hum, & as feridas duas: ao Gigante ferio na testa, & a Saul quebroulhe os olhos. Tudo lhe sobejou a David para os applausos, só lhe faltaraõ os olhos de quẽ mais o devia estimar, & applaudir. Mas se Saul era tam invejoso, porque invejou hũa vitoria de David, & não quarenta vitorias do Gigante? *À die illã,* Desde aquella dia, diz o Texto; que começou a inveja de Saul; & eu cuidava que havia de começar quarenta dias antes. Quarenta dias continuos sahio o Gigante a desafiar elle só os exercitos de Saul; & em todos estes quarenta dias se recolheo para a sua tenda com outros tantos triunfos, não sò vencedor das mãos, & das armas, senão dos corações, & do proprio

proprio conhecimento dos Israelitas , não se atrevido nenhum a fahir a campo com elle , & confessando com o temor a vantagem , que he a mayor victoria de todas. Pois se Saul he envejoso , porque não enveja a Golias , senão a David ? Porque Golias era Filisteo , & David Israelita. Golias era de outra terra , & doutra Nação : David era da sua Patria , & do seu proprio sangue. Por isso não teve coração para o estimar , nem boca para o applaudir , nem olhos para o ver , ou poder ver. Para que se veja , se acharia S. Antonio olhos na sua Patria , que com a luz de suas maravilhas , ( como elle mesmo diz ) se não cegassem de enveja , & totalmente as não vissem : *Totallyter excæcaventur.*

312 Tambem contra este discurso vejo que pôde haver quem argue , & tambem com a mais calificada prova , que he a da experiencia. Todos sabemos quanto Lisboa se hon-

ra de ter hūm filho como S. Antonio ; os theatros , & jogos publicos , com que o festeja , os applausos , os panegyricos , os poemas , com que celebra estas mesmas maravilhas , q̄ obrou nas terras estranhas. Logo não he de tam má condição a sua Patria , que não houvesse de estimar as mesmas obras gloriosas , se fossem feitas nella ; nem são tam mãos , ou tam cegos os seus olhos , que as não houvessem de ver. Aceito outra vez , & estimo a instancia ; porque tam longe está de impugnar o meu discurso , que antes o confirma mais. Ainda não tendes advertido , que a enveja faz grande differença dos mortos aos vivos , & dos presentes aos passados ? Os olhos da enveja são como os do Sacerdote Heli , dos quaes diz o Texto sagrado que não podiaõ ver a luz do Templo , senão depois que se apagava : *Oculi eius caligaverant , nec poterat videre lucernam Dei , antequam extingueretur.* Em quanto

1. Reg.

3.2.

quanto as luzes são vivas , cada reflexo dellas he hum rayo , que cega os olhos da enveja : porém depois que ellas se apagarão , & muito mais se se metem largos annos em meyo, então abre a enveja , como ave nocturna , os olhos ; então vê , o que não podia ver ; então venera , & celebra estas mesmas luzes , & levanta sobre as Estrellas seus resplandores. Por isso disse com grande juizo S. Zeno Veronense , que todo o envejolo he inimigo dos presentes , & amigo dos passados: *In omnibus se inimicum presentium servat , amicum verò pereuntium.* Os mesmos que agora amaõ , & veneraõ tanto a S. Antonio , se vivêraõ em seu tempo, o haviaõ de aborrecer , & perseguir ; & as mesmas maravilhas , que tanto celebraõ , & encarecem , se foraõ obradas na sua Patria , as haviaõ de escurecer , & aniquilar. Não tenho menos fiador desta , que só parece conjectura , que a verdade do mesmo

Christo. He hum lugar da Historia Evangelica , antes de bem entendido , escuro ; mas depois de entendido , singularmente admiravel.

313 Os Escribas , & Fariseos do tempo de Christo , que eraõ os mais doutos , & religiosos , em nenhũa coula se esmeravaõ tanto , como em edificar mausoleos aos Profetas , & ornar , & renovar os sepulchros dos Santos antigos. A' vista pois destas fabricas , & do que sobre ellas diziaõ , reprehêdeo-os o Senhor asperamente , & exclamou contra elles desta maneira: *Vae vobis, Scribae , & Pharisei hypocrite , qui edificatis sepulchra Prophetarum , & ornatis monumenta justorum , & dicitis : si fuissetus in diebus patrum nostrorum , non essemus socii eorum in sanguine Prophetarum!* Ay de vós Escribas , & Fariseos hypocritas , q̄ edificais sepulchros aos Profetas , & ornais os monumentos dos justos , & dizeis que se vós viveris no tempo de vossos pays , que

Math.

23.29.

30.

que os perseguirão, & matarão, não haveis de ser complices nas suas mortes, nem ter parte no seu sangue ! Atèqui parece que não havia materia de reprehensão, senão de louvor; porq̃ tudo era honrar, & venerar os Santos, & detestar o sacrilegio, & tyrannia dos que os tinhão perseguido, & morto. Mas o que mais acrecenta a difficuldade, & admiração, he o motivo da mesma reprehensão, que o Senhor prosegue, & a conclusão, que infere daquellas mesmas obras. *Itaque testimonio estis vobismetipsis, quia filii estis eorum, qui Prophetas occiderunt: & vos implete mensuram Patrum vestrorum.* E da qui se prova bem, ( diz o Senhor ) & vòs mesmos testemunhais contra vòs, que sois filhos, & imitadores daquelles, que matarão os Profetas, & que em edificar, & ornar os seus sepulchros acabais de encher as medidas do que vossos pays começão. Não pôde haver mais

notavel consequencia, nem mais difficultoso modo de inferir ! Se o Senhor dissera : Vòs matais os Profetas, & perseguis os justos, como vossos Pays os matarão, & perseguirão, bem se inferia, que como filhos de seus pays, erão tambem seus imitadores. Mas se os Pays matarão os Profetas, & os filhos lhes edificavaõ magnificos sepulchros : se os pays derramão o sangue dos justos, & os filhos os veneravaõ, & honravaõ: se os mesmos filhos condemnavaõ o que seus pays tinhão feito, & protestavaõ, que se vivêraõ no seu tempo haviaõ de fazer o contrario, como affirma a verdade de Christo, que tudo isto era hypocrisia, & falsidade, & que as mesmas obras presentes, posto que tam diversas, erão testemunho, & prova de que haviaõ de fazer o mesmo, que seus pays fizeraõ ? Se nas sentenças Divinas pôde haver superlativo, esta verdadeiramente foi Divinissima. Todos aquelles Profetas,

fetas, & Santos antigos, cujos sepulchros agora veneravaõ tanto, tinhaõ sido perseguidos, & mortos por enveja de seus proprios naturaes, como homens em fim mayores, & mais eminentes que os outros na sua Patria: & daqui se seguia, como inferio a summa Verdade, que todo o culto, & veneraçãõ, com que os descendentes daquelles mesmos pays agora os celebravaõ, não era prova de que elles não houvessem de fazer o mesmo, se vivessem no seu tempo: antes provava, & testemunhava contra elles, que tambem os haviaõ de perseguir, & matar; porque he consequencia propria, & natural da enveja perseguir os presentes, & estimar os passados, matar os vivos, & celebrar os mortos. Assim que todas essas festas publicas, todos esses panegyricos, & applausos, com que hoje celebra Lisboa, & Portugal o seu Portuguez, tam longe estaõ de provar, que no

tempo, em que vivia Santo Antonio, houvessem de fazer o mesmo, que antes saõ testemunhos publicos, & autenticos do contrario: & que essas mesmas maravilhas, que hoje tanto celebra, & festeja a sua Patria, se elle as obrára na mesma Patria, hoje faz quatrocentos annos, quando vivo, nem entãõ haviaõ de ser maravilhas, nem haviaõ de luzir como taes; nem haviaõ de ser vistas, quanto mais celebradas; porque os olhos da enveja saõ como os de Heli, que em quanto se não apagaõ as alampadas, não vem as luzes: *Nec poterat videre lucernam Dei, antequam extingueretur.*

## §. VIII.

314 **T**emos visto q̃ as obras illustres, & gloriosas, que S. Antonio obrou nas terras estranhas, não as havia de fazer na sua, & que ainda que as fizesse nella, não haviaõ de ser vistas; agora digo,

digo, & concludo ; que ainda que fossem feitas, & vistas, por isso mesmo não haviaõ de ler boas : *Ut videant opera vestra bona.* A razaõ desta lastimosa verdade em summa he, porque em havendo olhos mãos, não ha obras boas. Boa obra era, & canonizada por boa derramar a Magdalena os unguentos preciosos sobre os pès do Salvador : *Opus enim bonū operata est in me.* Mas como eraõ mãos os olhos de Judas, logo essa mesma obra boa foi murmurada, & reputada por não boa : *Ut quid perditio hæc ?* Boa obra era, & tambem canonizada por boa, a graça, que o pay de familias fez aos ultimos, que vieraõ trabalhar à sua vinha ; mas tambem a murmuraraõ, & se escandalizaraõ della os companheiros : *Murmurabant adversus patremfamilias.* E porque? Porque ainda que a obra era boa, os olhos eraõ mãos. *An oculus tuus nequam est, quia ego bonus sum ?* Basta que por-

que eu sou bom, haõde ser os vossos olhos mãos? Sim: & não he necessario outro porque. Antes deste mesmo porque, & desta mesma causa resulta outro effeito ainda payor. Porque eu sou bom, os vossos olhos saõ mãos ; & porque os vossos olhos saõ mãos, eu heide deixar de ser bom. Assim succedeo ao pay de familias ; porque elle era bom, & a graça que fez era boa, os olhos, que a viraõ, foraõ mãos : & porque os olhos, que a viraõ, foraõ mãos, a graça, & quem a fez, deixaraõ de ser bons ; & por isso foraõ murmurados. Notai este terrivel, & diabolico circulo, que a enveja faz com causalidade reciproca entre a potencia de ver, & o objecto visto. A vista ou se faz por especies, que o objecto manda à potencia, ou por rayos, que a potencia manda ao objecto : & estas duas opiniões contrarias dos Filosofos, conciliou, & ajuntou a enveja para fazer guer-

Matth.  
26.10.

Ibid. 8.

Matth.  
20.11.

Ibid. 15.

guerrá ao bẽm; qũe não pôde ver. Pelas especies, que sahem do objecto, faz que sendo o objecto bom, os olhos sejaõ máos: & pelos rayos, que sahem dos olhos, faz que sendo os olhos máos, o objecto não seja bom. Demaneira que a bondade do objecto faz a maldade da potencia; & a maldade da potencia desfaz a bondade do objecto. Porque eu sou bom, os teus olhos são máos: & porque os teus olhos são máos, eu não heide ser bom. Vede se metidas entre tal casta de olhos, podiaõ ser as obras de S. Antonio boas: *Ut videant opera vestra bona.*

315 E se algum curioso admirado de taes effeitos me perguntar, qual he o segredo desta maldita Filosofia, respondo que o segredo he, porque os olhos da enveja nunca vê, sem dar olhado. Oh que bello menino! ( diz o que dá olhado ) & no mesmo ponto se murchou aquella belleza, & o menino defi-

nhou, até que morreo de todo. Se o olhado chegára ao Ceo, tanto que estes máos olhos se fitassem no Sol, logo aquella immensa, & fermosa luz, que doura, & allumia o universo, se havia de eclipsar, & escurecer. E isto mesmo que o olhado não pôde fazer no Sol do Ceo, sem duvida o havia de fazer no Sol da terra, se a luz, & obras gloriosas de S. Antonio fossem vistas na sua Mandoulhe Christo, que a sua luz resplandecesse de tal modo diante dos homens, que elles vissem as suas obras boas: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona:* & se a luz de suas obras, ou as suas obras de tanta luz, com que esclarecia o mundo, fossem feitas, & vistas na sua Patria; logo a luz havia de ficar eclipsada, & a bondade das obras escurecida; porque os mesmos olhos, que as vissem, lhes haviaõ de dar olhado; & as mesmas obras boas, & tam boas, assim vistas,

ftas ; ou olhadas ; haviaõ de deixar de fer boas. Não he confideração , ou malicia minha , senão oraculo expreffo do Espirito Santo. *Fascinatío nugacitatis obfcurat bona.* O olhado dos olhos máos efcorece todas as obras boas. E chama-fe este olhado , o olhado da zombaria : *Fascinatío nugacitatis* ; porque os envejofos zombaõ do que haviaõ de admirar , & fazem farça do que deviaõ applaudir. E he traça de desfazer , & desfmentir o mefmo bem , que reconhecem , rirem-fe por fóra , do que os faz chorar por dentro. Obrigação tinha logo S. Antonio de buscar outros olhos mais benignos , & menos venenosos ; porque fe o effeito do olhado he efcorecer : *Fascinatío obfcurat* ; como podia a luz de S. Antonio luzir : *Sic luceat lux veftra?* E fe o que efcorece o olhado são as boas obras : *Obfcurat bona* : como podiaõ as obras de S. Antonio viftas por taes olhos parecer

boas : *Ut videant opera veftra bona ?*

326 Para q̄ vejamos nas mefmas obras boas, & tam gloriofas de S. Antonio como isto havia , & podia fer ; he necessario que advirtamos primeiro hũa notavel habilidade, & astucia, que usa a enveja para defluzir , & efcorecer as boas obras , & para lhês avencenar , & destruir a mefma bondade. E qual vos parece que ferá esta habilidade , & astucia ? He que nunca olha para toda a obra boa de claro em claro ; affim como he em fi mefma ; senão que fempre a procura tomar por hum lado , & por aquella parte, ou ponta donde menos claramente se descobre a fua bondade , para ter em que morder , & que arguir. Balac Rey dos Moabitas tendo à vifta os ar rayes do Povo de Deos , de que era capital inimigo , subornou com grandes promeffas ao Profeta Balaam, para que os amaldiçoaffe. Subio-fe o Profe-  
ta

ta a hum montē, donde se delcubriaõ todos os arrayaes, & vio nelles tal ordem, tal concerto, tal grãdeza, & magestade, que em lugar de os amaldiçoar, os abendiçoou, & disse, & profetizou delles grandes maravilhas. Que faria o Rey ouvindo isto? Queixou-se muito a Balaam de que fizesse tanto pelo contrario o que entre ambos estava concertado: & como elle se escusasse q̃ não podera fallar contra o que vira, nem dizer mal do que lhe parecera mais que bem; o meyo, que de novo lhe offereceo, & aconselhou o Rey, foi este: *Veni mecum in alterum locum, unde partem Israel videas, & totum videre non possis, inde maledicito ei.* Vinde comigo a outro lugar, donde vejaís ló parte de Israel, & não o possais ver todo, & dahi o amaldiçoareis. Delorte que entendo sagazmente o Rey, que aquillo mesmo, que vendo-se todo, & como he, não se póde amaldi-

çoar; visto só por algum lado, póde ser capaz de maldiçaõ. E este he o dictame, & a astucia da enveja. Olha para as cousas grãdes de modo que se não vejaõ todas, senão algũa parte, & essa a menos luzida; & desta sorte não ha obra boa tam boa, que por mal vista não possa ser maldita.

317 Ninguem fez neste mudo tam boas obras, nem tam manifestas, nem tantas, como o Filho de Deos: *Multa bona opera ostendi vobis ex Patre meo.* Mas vede porque lado as via, & como olhava para ellas a enveja, que por ellas o poz na Cruz. Se tirava a Mattheos do Telonio, & Zacheo das usuras, não dizia que convertia os pecadores, senão que tratava com Publicanos. Se dada vista ao cego de seu nascimento, fazendo hum pequeno de lodo, & pondolho nos olhos; & se ao Paralitico de trinta & oito annos mandava levantar do leito, & tomalo ás costas,

Num.  
23.13.

Joann.  
10.52.

tas, não dizia que fazia milagres, senão que quebrantava o Sabbado. Se nas vodas de Caná persuadia o celibato a João, & convidado pelo Fariseo defendia a penitencia da Magdalena, & no banquete do outro Principe reprehendia a soberba dos primeiros lugares, & louvava a modestia, & humildade dos ultimos, não dizia que das mesas fazia escola de virtudes, senão que andava em convites. Se via o concurso das gentes, hūas sobre outras, a tocar as vestiduras sagradas, & receber saude, não dizia que sarava os enfermos, senão que perturbava, & inquietava a Republica. E se deste modo eraõ vistas as boas obras de Christo pelos olhos dos seus naturaes; como veriaõ as de S. Antonio ser boas: *Ut videant opera vestra bona?*

318 Daigne licença q̄ eu me revista hum pouco de humor envejofo, & vede como haviaõ de ser ava-

Tom. 12.

liadas na sua Patria as obras boas, & tam boas de S. Antonio. Quando vissem, que deixava a sobrepeliz, & murça de Santa Cruz, & se passava ao habito de S. Francisco: & que trocava o nome de D. Fernando, pelo de Fr. Antonio; não haviaõ de dizer que buscava mayor aspezeza, & humildade, senão que era hum moço vario, & inconstante, & que não podia ser bom espirito, o que deixava a primeira vocação. Quando ouvisssem que tendo deixado Portugal para ir buscar o martyrio a Africa, se embarcava outra vez da Africa a Portugal para buscar, & recuperar a saude nos ares patrios, bem se vê o que diriaõ: que os martyrios vistos de perto são muito mais feyos, que de longe: que aquelles fervores de ser martyr, com as aguas do Mediterraneo se tinhaõ apagado: & que mal teria coração para dar a vida, quem tam amigo era da saude. A passagem,

T ou

ou arribada a Sicilia ; & Italia , claro he , que se havia de attribuir a tempestade , & acaso , & não a mysterio da Providencia , que o levava , onde tanto se queria servir delle. E quando se visse , que com tam poucos annos de habito , & de idade se punha em campo contra Fr. Elias , que relaxava a pobreza , & primitiva Regra Serafica ; não haviaõ de dizer , que aquillo era zelo da Religião , senão *diviso à capite* : que era desobediente , & rebelde ao seu Geral : que era sedicioso , & perturbador da Ordem : em fim que obra-va como filho de seu pay , & não como filho de São Francisco ; & para mayor energia , & propriedade da satyra , aqui lhe haviaõ de encaixar o sobrenome de Bulhão , que tinha deixado no mundo. Quando ouvindo a confissão do outro moço , que tinha pizado a sua mãy , lhe affeou a enormidade daquelle desacato com tal efficacia , que o moço assombrado se foi

cortar o melmõ pè ; não haviaõ de reparar , em que o Santo lho restituira outra vez milagrosamente ; mas que era tam indiscreto nas reprehensões dos peccadores , que não merecia ter assento no tribunal da benignidade , & misericordia de Christo , & que devia a Religião privalo do Confessionario. Se se dissesse , que homens ; & mulheres se levantavaõ de noite para ir tomar lugar no campo , onde havia de prègar S. Antonio , & que a outra mãy pela mesma causa deixára ló o filho , que innocentemente se deitou em hũa caldeira de agua fervendo ; que motivos tam apparentes teria a enveja para dizer , que aquellas prègações , & aquelles concursos mais eraõ para destruição das almas , & das vidas , que para edificação ? Que direi do partido , em que o Santo veyo com os Hereges , de q̃ a mula esfamada de tres dias , com o pasto natural diante , & o pão do Ceo

Ceo à vista, decidisse a cõ-  
troverfia ? Qual temerida-  
de ( diriaõ ) pôde ser ma-  
yor , & mais precipitada ,  
que no myfterio mais la-  
grado da nossa Fê fiar a  
demonstraçõ da sua verda-  
de da contingencia de hũ  
fucceffo tam difficultofo ,  
& do appetite irracional ,  
& da fome irritada de hum  
bruto ? Outra vez tendo  
fugido hum Noviço do  
Convento , mandeu o San-  
to ao demonio , que com  
hũa espada nua o esperaffe  
ao passar de hũa ponte , &  
o fizeffe tornar para don-  
de viera : & não haviaõ de  
dizer que atè o inferno  
obedecia a Antonio , senão  
que era homem de taes ar-  
tes , que tinha trato secre-  
to , & familiar com os de-  
monios , & ao menos , que  
ufava de meynos tam fuf-  
peitosos , que deviaõ ser  
delatados ao Santo Offi-  
cio. Já se lhe succedeffe en-  
taõ o que depois exprimẽ-  
tou Roma na Igreja anti-  
ga de S. Pedro , quando o  
Pontifice mandou , que em  
lugar de hũa imagem de S.

Antonio , se puzeffe a de  
S. Gregorio ; que diria a  
piedade , & devaçãõ Por-  
tugueza ? Foi o caso , que  
subindo o Pedreiro para  
picar a parede , levantou  
( diz a Historia ) o picaõ ,  
& dando o primeiro gol-  
pe *in capito* , no capello do  
Santo , elle despregou a  
maõ pintada , & deitando  
a rodar o Pedreiro , & o an-  
daime com hum fracasso ;  
que fez tremer toda a Ba-  
filica , meteo outra vez a  
maõ na manga , & defen-  
dendo desta forte o seu pe-  
sto , ninguem se atreveo  
mais ao tirar delle. E Fra-  
definho Menor , que não  
cede o seu lugar nem a  
hum Santo , como S. Gre-  
gorio Papa , nem por mã-  
dado de outro Papa ; & que  
tanto que lhe tocaõ , & o  
picaõ , dá com tudo a ro-  
dar ; & que à primeira pi-  
cada não espera pela fe-  
gunda , porque não sabe  
levar duas em capello ;  
pintado Portuguez ferá  
elle , mas Santo , isso não.

319 E se as boas obras  
de S. Antonio affim ha-

T ij viaõ

viação de ser, ou assim podia ser interpretadas na sua Patria, ( como ella costuma interpretar, & acufar outras verdadeiramente boas, & tanto mais, quanto mais tem de maravilhozas ) fez muito bem, & andou muito prudente o Santo em as vir obrar em terra, onde fossem estimadas, como mereciaõ, & vistas como Deos lhe mandava: *Ut videant opera vestra bona.* Naquelle seu Cantico triumphal introduz o Profeta Abacuc a Deos sahindo a obrar maravilhas em Babylonia, não por si mesmo, senão por seus Ministros, & instrumentos, & diz estas notaveis palavras: *Deus ab Austro veniet, & Sanctus de monte Pharan: splendor ejus, ut lux erit, cornua in manibus ejus.* Diz como cousa nova, & rara, que será o seu resplendor à medida da sua luz: *Splendor ejus, ut lux erit;* porque ordinariamente vemos grandes resplandores, onde não ha luz, & grandes luzes sem

Abac. 3.  
3.4.

nenhum resplandor. O proverbio da nossa terra diz: *Nem tudo o que luz he ouro:* melhor diria, se dissesse: *Nem tudo o que he ouro luz:* & como S. Antonio na sua Patria era ouro quando menos arriscado a não luzir, & luz arriscada a não resplandecer; como se havia de expor a estas contingencias, se Christo lhe mandava, que luzisse a sua luz: *Sic luceat lux vestra?* Diz mais o Profeta que esta luz resplandecente levava nas mãos o que ostouros trazem na cabeça: *Cornua in manibus ejus.* E se vos admira a frase, & quereis ouvir a interpretação propria desta, que parece impropriedade; saiba que a palavra *cornua*, referindo-se, como aqui se refere, à luz, quer dizer resplandores. Por isso dos resplandores, que lançava de si o rosto de Moyses, se diz no Texto sagrado: *Cornuta erat facies sua.* E estes resplandores nascião, & estavaõ nas mãos, *in manibus ejus;* porque nas mãos,

Exod.  
34.29

mãos, & nãs obras se hão de ver, como se viaõ as de S. Antonio: *Ut videant opera vestra bona.* Finalmẽte diz, que esta mesma luz, ou este mesmo Santo, sahio do monte Faran: *Et Sanctus de monte Pharan,* com grande mysterio; porque o monte Faran, como declarãõ, & tresladaõ os Setenta, he o mesmo, que o monte das sombras, *De monte umbroso:* & para a luz luzir, & os boas obras resplandecerem, he necessario que sayãõ, & se apartem da terra das sombras, onde ellas as podem eclipsar, & escurecer. Por isso S. Antonio sahio da sua cõ Divina prudẽcia, & providencia: & porq̃ esteve fóra da terra das sóbras; por isso a luz das suas obras luzio, & resplandecco de maneira, que os olhos dos homens poderaõ ver obras de tanta luz: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.*

## §. IX.

320 **T** Al foi, senhores, hoje faz hum anno, a luz, & taesfaõ hoje as sombras, que nos deraõ materia à primeira, & segunda parte deste Sermaõ, ou destes dous Sermaões. O primeiro todo de luz, & o segundo todo de sombras. E tendo eu dado fim, como tenho; a hum, & outro discurso; que colherei de tam estranho assumpto para dizer ao nosso Santo Portuguez, & a todos os Portuguezes? A vòs, meu Santo; ló digo, que vos dou o parabem, & os devidos louvores, não por outro motivo, senão pelo mesmo, com que se queixava de vòs a Patria, enveioso de Italia: & não por outro exemplo, senão pelo mesmo, que ella allegava de Joseph, ao qual mais generosamente antes quizestes emendar, que seguir. Elle mandou tresladar seu corpo do Egypto para a

T iij sua

sua Patria : & quem o poderá livrar de ingrato nesta eleição , & de injusto nesta preferencia ? Na Patria foi perseguido , foi prezo , foi vendido , & para dizer tudo em hũa palavra , foi envejado de seus proprios irmãos. No Egypto foi amado , foi estimado , foi adorado , & preferido pela mesma Magestade a todos os naturaes , sendo estrangeiro. E se a Patria, em summa , de livre , & senhor o fez escravo , & o Egypto de escravo Principe ; devendo Joseph eternizar a memoria de tamanhas obrigações , quando menos nos marmores do seu sepulchro ; que as esqueça , as desconheça , & quasi as despreze , pelo amor tam mal merecido da terra indigna , em que nascera ! Não ha duvida que se pôde pôr em questão se foi mais ingrato Joseph com o Egypto , ou a sua Patria com elle. Não assim o ge-

neroso ; & fiel animo de Antonio , & por isto antes de Padua , que de Lisboa. Não teve aggravos que perdoar à Patria ; porque os anticipou com fugir della : foi porèm tam reconhecido , & tam agrade-cido às honras , que recebeu da devação , da piedade , & da nobreza de Italia , posto que terra estranha , que não tendo outra cousa , que lhe deixar ( como aquelle , que tinha deixado tudo ) por prenda de seu amor , por memorial de sua gratidão , & por fiador perpetuo de seu patrocínio , deixou nella o deposito de seus sãgrados despojos ; para que tam-bem entendaõ todos os que amaõ , veneraõ , & servem a S. Antonio, de qual-quer Nação, ou condição ; que sejaõ ; que servem a tam bom pagador , que não sabe dever o que deve ; & que só he natural das suas obrigações , porq̃ não reconhece outra Patria.



# S E R M A Õ

D O

## SS. SACRAMENTO,

Em Santa Engracia, anno de 1642.

*Hic est panis, qui de celo descendit.*  
Joann. 6.

§. I.



322 **E**ste he o paõ, q̃ desceo do Ceo, diz Christo Redemptor nosso por S. Joaõ, affirmando a real, & verdadeira presença de feu Corpo Santissimo debaixo das especies sacramentaes. Assim o entende a Igreja, assim o confirmão as Escrituras, assim o definem os Concilios, assim o cremos firmemem-

te os fieis Catholicos: mas neste lugar, & nestas circunstancias, na memoria do atrevimento sacrilego, na consideração da ousadia heretica, que hoje gloriosamente detestamos, quasi parece que não he este o paõ, que desceo do Ceo.

323 Duas cousas teve este caso, ou duas circunstancias considero nelle, hũa da parte de Deos, outra da parte dos homens;

T i i i j      as

as quaes ambas vistas a pouco lume de Fê, parece que deixão duvidosa a verdade deste Sacramento. Que podessem chegar os homens por summa irreverencia a pôr mãos injuriosas na quella Hostia consagrada, & que creamos que está alli Deos! Deos, diante cujo acatamento as potestades do Ceo, as columnas do Firmamento tremem! Deos, cuja Omnipotente Magestade os mesmos animaes brutos, dobrando os joelhos irracionaes, adoraõ! Deos, cuja infinita grandeza atê as creaturas insensiveis, dentro na incapacidade do seu ser, confessão mudas, & reconhecem sugeitas! E que aos ministros hereticos de tanta maldade, nem lhes passassem os braços sacrilegos, como ao impio Jeroboão, quando levantou a mão para o Profeta! Nem chovesse sobre elles rayos, & diluvios de fogo o Ceo, como sobre os soldados atrevidos, que intentáraõ

prender a Eliás! Nem a terra indignada se abrisse em bocas vingativas, & os tragasse vivos, como a Dathaõ, & Abiron! Nem cahissem subita, & temerosamente mortos, como Ananias, & Zafira aos pès de Pedro! Nem apparecessem feitos pedços nesta Igreja, como amanheceo o Idolo Dagon à vista da Arca do Testamento! Que tenhaõ tanto atrevimento os homens, & que seja Deos, a quem offendem! Que tenha tanto sofrimento o offendido, & que seja Deos quem não resiste! Suspendem tanto a admiração, & são tam grandes circumstancias estas, que não só deixão passado o juizo, que as considera, se não que vistas com olhos humanos, parece que metem em escrupulos a mesma Fê, & quem fique duvidosa a verdade Divina deste Sacramento.

324 Por parte desta verdade, & em defença da Fê Catholica deste mysterio

myfterio determino fahir hoje a campo , ou seja cõtra os erros da heresia , ou seja contra a fraqueza do entendimento humano. E para que a vitoria da Fè fique mais gloriosa vencendo a seus inimigos com suas proprias armas , satisfarei às admirações do entendimento com os melmos motivos dellas , & focigarei os escrupulos da razão pelos melmos fundamentos, de que se levantaõ. O mesmo atrevimento dos homens , & o mesmo sofrimento de Deos neste caso será a prova ( q̄ não quero hoje outra ) da verdade do myfterio , que adoramos. Neste sentido verificarei as palavras do thema , não tomadas absolutamente , senão trazidas

em particular , & applicadas às circumstancias do caso. *Hic est panis , qui de caelo descendit.* *Hic* , Este ; contra o qual se mostrãõ tam atrevidos os homens offendendo-o com injurias. *Hic* , Este , no qual he mostrou taõ sofrido Deos , não os castigando com prodigios. *Hic est panis , qui de caelo descendit.* Este mesmo , & por isto mesmo , he o verdadeiro paõ , que desceõ do Ceo , Christo Deos , & Redemptor nosso. Esta he a materia ; sobre que havemos de falar , & ainda que na causa em que estamos de S. Eucaricia parece que he devida a graça , peçamola ao Espirito Santo por intercessãõ da Mãe da Graça.

*Ave Maria.*

---

*Hic est panis , qui de caelo descendit.*

§. II.

325 **D**O atrevimento dos homés , & do sofrimento de Deos ,

que saõ as duas circumstancias deste caso , prometi confirmar a Fè do Santissimo Sacramento, que adoramos; & as consequencias

em

em que me fundo são estas. Prova-se do atrevimento humano ; porque a infidelidade dos Hereses he argumento da nossa verdade. Prova-se do sofrimento Divino ; porque a paciencia de Christo he argumento de sua presença. Os Hereses negão-o ? Logo he verdade. Christo soffre-os ? Logo está presente. Estas duas consequencias são as que havemos de provar. Vamos primeiro ao caso.

326 Consegrou Christo seu Corpo na Cea , deu o pão consagrado a todos os Discipulos , para que o cõmungassem. E fallando o Evangelista de Judas , diz assim : *Cum accepisset ille buccellam , exivit continuo. Cum ergo exisset , dixit Jesus : Nunc clarificatus est filius hominis.* Tanto que Judas recebeu o bocado de pão , levantou-se logo da mesa , & sahio do Cenaculo ; & no ponto em que sahio , disse Christo : Agora começaõ as minhas glorias , agora será manifesta a Fê de minha Divindade ,

agora serei conhecido no mundo , & reverenciado por filho de Deos. Este he o verdadeiro sentido das palavras : *Nunc clarificatus est filius hominis* , & assim as declaraõ conformemête todos os sagrados Interpretes. Mas antes que pederemos a consequencia admiravel deste Texto , he necessario saber como se houve Judas com o Sacramento , quando a elle chegou. Christo Senhor nollo não commungou aos Discipulos , applicando á boca de cada hum o Sacramento , como agora fazemos ; mas como eraõ todos Sacerdotes , ou alli os consagrava por taes , deulhes o pão sacramentado , para que elles o repartissem entre si : assim o diz o texto de S. Lucas : *Accipite , & dividite inter vos.* LUC. 22. 17. Chegoulhe pois às mãos de Judas a parte , que lhe coube de pão consagrado : & agora pergunto eu : que fez Judas desta sua parte , commungou-a , ou não a commungou ? He opiniaõ de

Joann.  
13.30.

de Theophylacto, & de muitos Doutores daquelle tempo, que Judas, ainda que recebeu nas mãos o Sacramêto, que o não meteo na boca, nem o cômungou. E dizem que a isso alludio Christo, quando dando o caliz aos Discipulos, acrescentou aquella palavra *omnes: Bibite ex eo omnes*: Bebei todos; porque não tinhaõ comido todos: os onze sim; Judas não. Supposto pois que Judas tomou nas mãos, como os demais, o Sacramento, & o não cômungou, como os demais; que fez delle? Diga-o Theophylacto cõ suas mesmas palavras: *Judas panem accepit, sed non comedit; & occultavit illi, ut monstraret Judæis, quod panem corpus suum vocaret Jesus*. Judas ainda que tomou na mão o pão consagrado, que Christo deu a todos, não o comeo, nem o cômungou como os demais, senão levou-o cõfigo furtado, & escondido para o mostrar aos Judeos, & arguir, & condemnar a

seu Mestre; dizêdo que aquelle pão affirmava elle que era seu Corpo. Este foi o fim, & o intento, com que Judas sahio do Cenculo, não com o Santissimo Sacramento cômungado, senão roubado, como no caso presente, não o levando dentro no peito, senão nas mãos: *Cum accepisset buccellam, exivit continuo*.

327 Vamos agora á consequencia de Christo, á vista deste sacrilegio, & desta impiedade de Judas. *Et cum exisset, dixit Jesus: E tanto que sahio Judas, disse Jesus: Nunc clarificatus est filius hominis*. Agora ferei conhecido, agora ferei honrado, agora ferei crido, agora ferei glorificado. Ha mais notavel consequencia? Quando Judas nega a verdade do Santissimo Sacramento, quando Judas o leva roubado para com os Judeos zombar delle, & o afrontar, entã diz Christo, que está a opiniaõ da sua Fê mais gloriosa, & as glorias de sua

Divindade mais declaradas : *Nunc clarificatus est filius hominis?* Se differa , q̄ entãõ ficavaõ escurecidas , mais coherente ficava ; mas affirmar , que mais de claradas ? Sim. Porque ainda que os atrevimentos , & infidelidades dos Hereges se ordenaõ a escurecer , & infamar as glorias da Fè de Christo , por esse mesmo caminho fica ella mais declarada , & mais acreditada. Quanto a authoridade do mysterio perde de respeito , tanto a verdade da Fè ganha de authoridade. Encontraõ-se nos Hereges com hũa gloriosa implicação seus intentos , & nossa Fè ; porque o credito , que lhe negaõ , he credito , que lhe daõ. Negaõlhe o credito , porq̄ a não crem ; daõlhe credito , porque a acreditaõ : quanto por elles menos crida , tanto para com todos mais acreditada. Ouçamos a Origenes , cujas palavras , se eu acerto a ponderallas , saõ valente testemunho desta verdade.

328 *Post evenientia ex prodigiis , necnon ex transfiguratione præconia , initium glorificandi filii hominis fuit exitus Judæ.* Depois de confirmada a Fè de Christo ( diz Origenes ) com o testemunho dos milagres , & com o testemunho da Transfiguração , quando Judas sahio do Cenaculo ; entãõ a deu o Senhor por verdadeiramente acreditada. Grande dizer , mas difficuloso em Theologia. Os dous mayores fundamentos da nossa Fè , saõ , primeiro a authoridade Divina , segundo , a manifestação dos milagres. Na authoridade Divina se fûda , como em razão formal de crer ; com os milagres se confirma como com obras sobrenaturaes , testemunhas sem suspeita da mesma authoridade. Assim o escreveu S. Paulo aos Hebreos fallando da nossa Fè : *Quæ cum initium accepisset enarrari per Dominũ , ab eis , qui audierant , in nos confirmata est , contestante Deo signis , & portentis.* Cõ estes

estes dous testemunhos tinha Christo fundado, & confirmado a Fè de sua Divindade, quando Judas sahio da Cea. Com o testemunho dos milagres nos ultimos tres annos da vida, em que obrou tantos como sabemos. Com o testemunho da authoridade Divina na Transfiguraçõ em que foi ouvida claramente a voz do Padre, q̄ dizia: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui*: Este he meu Filho amado, em que muito me agradei. Pois se a Fè da Divindade de Christo estava fundada, & demonstrada com os dous mayores argumentos, & testemunhos della; com o testemunho da Omnipotencia nos milagres, com o testemunho da authoridade Divina na Transfiguraçõ: *Post evenientia ex prodigiis, necnon ex Transfiguratione praeconia*; como se diz, que entã acabou de ficar acreditada, & declarada, quando Judas sahio do Cenaculo? Quando Judas levou rou-

bado o Santissimo Sacramento, para elle, & os Judeos desprezarem como vãa, & negarem a Fè deste mysterio? Não se poderia mais encarecer a verdade do que dizemos. He tam forte argumento, & tam evidente testemunho de nossa Fè a mesma infidelidade dos Hereges, & daquelles principalmente, que neste sacrosanto Mysterio o offendem, & negaõ, que depois de confirmada com o testemunho dos milagres, com o testemunho da authoridade Divina: *Post evenientia ex prodigiis, necnon ex Transfiguratione praeconia*; em quanto lhe faltava o testemunho da infidelidade dos Hereges, em quanto lhe faltava o testemunho dos desprezos, & zombarias de Judas, & dos Judeos, achou Christo que não estava cabalmenre acreditada sua Fe, & depois disso, sim: *Nunc clarificatus est Filius hominis: initium glorificandi Filii hominis, fuit exitus Jude.*

## §. III.

329 **A**gora entraõ as particulares demonstrações, com que prometi provar a evidencia deste mysterio. Os Hereses negão-no ? Logo he verdade. Christo sobre-os? Logo está presente. Começando pela primeira, parece couza difficilissima, & ainda impossivel, que o erro, & infidelidade, com que os Hereses negão o mysterio da Fè Catholica, seja argumento certo, & consequência infallivel da mesma Fè. Toda a razão formal, & motivo da nossa Fè, como já disse, he a authoridade Divina. Deos disse-o: logo he verdade. Mas que tambem seja motivo de crer os mysterios da Fè, a authoridade, ou asseveração contraria? & que se infira por boa consequencia: o Herese nega-o: logo he verdade? Sim. E a razão, em que se funda esta consequencia, he; porque andão os eyxos do lume da razão

tam encontrados nōs entendimentos dos Hereses, que crem pelos motivos de negar, & negão pelos motivos de crer. Texto expresso de Christo Redemptor nosso. Fez Christo aquella celebre pergūta aos Judeos: *Si veritatem*

*dico vobis, quare non creditis mibi?* Joann. 8.46.

Se vos digo verdade, porque me não credes? Não responderão á questão os perguntados, mas o Senhor lhes respondeo no mesmo Capitulo, por estas palavras: *Ego autem si veritatem dico, non creditis mibi.* Idid. 41.

Sabeis incredulos, porq̃ me não credes? he porque eu vos digo a verdade. Clara sentença, mas difficilissima. A causa formal objectiva, (como fallaõ os Filozofos) ou a razão, & motivo, porque damos credito ás couzas, he o ser, & verdade dellas. Assim o ensina Aristoteles, o dicta o lume natural, & o obra a experiencia de cada hum. Pois se a verdade das couzas he a razão, & o motivo porque os entendimentos

mētos racionais le persuadem a crer ; como diz Christo , que os Judeos o não criaõ , porque lhes dizia verdade : *Si veritatem dico vobis , non creditis ?* A verdade , que he razãõ de crer , pôde ser razãõ de não crer ? Nos entendimentos dos Hereges , sim. Anda tam perturbado o lume racional nos entendimentos dos Hereges , & os dictames do discurso tam encõtrados com as consequencias da razãõ , que crem pelos motivos , porque haviaõ de negar , & negãõ pelos motivos , porque haviaõ de crer : & como o motivo de crer , he a verdade , & o motivo de negar he a mentira ; por isso crem a mentira , só porque he mentira , & negãõ a verdade , só porque he verdade : *Ego autem si veritatem dico , non creditis mihi.* Não he sentido imaginado , senão germano , & literal do Texto ; assim o entende com S. Agostinho , & S. Chrystomo aquelle grande Cõmentador dos Euangeli-

stas , & na minhã õpiniaõ , o mais literal , & mais solidado do nosso seculo , o doutissimo Maldonado. *Mibi ideo non creditis , ( diz elle ) quia ego non mendacium , sicut pater vester diabolus , sed veritatem loquor : si enim mendacium loquerer , crederetis utique mihi assueti credere diaboli mendaciis : sed ob hoc ipsum mihi non creditis , ob quod maxime credere deberetis , quia veritatem nimirum vobis dico.* Notem-se muito estas ultimas palavras , nas quaes se diz claramente , que o *propter quod* , & a razãõ formal de crer , he nos Hereges razãõ de negar : *Sed ob hoc ipsum mihi non creditis , ob quod maxime credere deberetis.*

330 Posto que as palavras , & oraculos da boca de Christo sãõ maiores que todo outro testemunho ; ou exemplo humano ; para que nós entendamos melhor , & mais claramente o Texto referido , o quero confirmar com dous famosos casos hum do Velho , outro do Novo Testamento ;

stamento. Sahirão os filhos de Israel do Egypto com tantos, & tam portentosos milagres, como sabemos: chegáráo aos desertos do monte Sinay tres mezes depois; sobe Moyses ao monte a receber de Deos a Ley, & porque se deteve quarenta dias; cançados de esperar, os que agora se não cançãõ depois de mil & seiscentos annos, pedirão a Arão, que lhes fizesse hum Deos, a quem seguifsem, pois de seu irmão Moyses não sabião o que era feito. Deteve-se Arão alguns dias; instáráo fortemente; pede em fim as arrecadas de ouro suas, & de suas mulheres, & filhos; (segundo o uso da Nação naquelle tempo) as quaes decretidas, & fundidas, sahio a imagem de hum bezerró; & posta esta sobre hum altar, com pregão publico por todos os arrayaes se lhe dedicou solemnidade para o dia seguinte, dizendo que aquelles eraõ os deoses, que tinhão libertado o povo do cativai-

ro do Egypto: *Hi sunt dii tui Israel, qui te eduxerunt de terra Egypti.* Até aqui parece isto fabula, ou farsa: o que se segue he, q̄ verdadeiramente adoráráo o bezerro, & lhe offerecêráo sacrificios, & com jogos, & festas o celebráráo. Se o não dislera assim a Escritura sagrada, ninguem podêra crer tal locura de homens com juizo. Dizeime: quando sahistes libertados da terra do Egypto, & quando foi feito este Deos, a quem vós chamais deoses? o bezerro com quatro pès, & duas pontas na testa, foi fundido hontem; do Egypto (como consta do mesmo Texto) ha mais de quatro mezes, que sahistes: pois como pôde este Deos, ou como podêráo estes deoses, que ainda não eraõ, libertarvos do Egypto tantos mezes antes? Não eraõ, & podêráo libertar? não eraõ, & podêráo fazer tantos milagres? Aquelle ouro, de que forão fundidas estas divindades, não o trazieis pendurado

Erod.  
32.4.

durado? das vossas orelhas todo este tempo? pois como antes de ter forma, nem figura, nem vida, nem sentido, nem ser, podêrão obrar o que credes? Póde haver mais clara, & manifesta implicação? Não pôde. E se vós tivereis uso de razão, ao pregoeiro, & ao que mandou apregoar esta nova divindade, havieis de queimar no mesmo fogo, em que ella foi fundida. Mas isto mesmo he serdes vós, como então começastes a ser, Hereses da verdadeira Fè. Negastes a verdade, & crestes a mais clara, & manifesta mentira; porque he natural instinto do vosso entendimento crer pelos motivos de negar, & negar pelos motivos de crer.

331 O caso do Testamento Novo, ainda em certo modo he mais notavel. Mandou o Senado de Jerusalem Embaxadores a S. João Baptista no deserto; pedindolhe que declarasse se era elle o Messias

esperado, & prômetido na Ley; porque estayão aparelhados para o adorar, & reconhecer. Foi esta embaxada dos Ministros da Synagoga muito acertada no tempo, mas muito errada na pessoa: foi acertada no tempo; porque cerradas as hebdomadas de Daniel, & traspassado o Sceptro de Judá aos Romanos, segundo a verdade das profecias, era certo; que estava o Messias no mundo: & foi errada na pessoa; porque esta embaxada havia de ir dirigida a Christo, & não ao Baptista, como as mesmas profecias, que erão mais vulgares entre os Hebreos, o gritavão claraméte. A profecia de Jacob dizia, que o Messias havia de ser do Tribu de Judá: Christo era do Tribu de Judá, o Baptista do Tribu de Levi. A profecia de Micheas dizia, que o Messias havia de nascer em Bethlem, & o Baptista nalceo nas montanhas de Judea. A profecia de Ilaías dizia, que o

Messias havia de dar pès a mancos, vista a cegos, falla a mudos, &c. Christo fez infinitos milagres deste genero, & o Baptista nenhum: *Joannes nullum signum fecit.* Pois se todas as razões dictavaõ que Christo era o verdadeiro Messias, & nenhũa estava por parte do Baptista; porque se resolvem estes homens a crer, & adorar o Baptista, & não querem reconhecer, antes negão a Christo? Porque? Por isso mesmo. Negavão a Christo, porque tinham motivos de o crer; & criaõ no Baptista, porque tinham motivos de o negar. Erão aquelles de quem diz o Profeta: *Erraverunt ab utero, loquuti sunt falsa:* & quem erra por natureza, não acerta por razão. Se os entendimentos destes homens se governáraõ humana, & desapaxonadamente pelos dictames da razão, crendo, & negando, creirão em Christo, & não creirão no Baptista. Mas como elles creão infieis, & como taes

Pfal. m.  
57.4.

procediaõ cega, & irracionalmente, crendo pelos motivos de negar, & negando pelos motivos de crer; por isso encontráraõ aqui a resolução com os motivos; & ao Baptista, a quem tinham razão de negar, criaõ; & a Christo, a quem tinham razão de crer, negavão.

332 E porque os Heresges, (techemos agora o nosso argumento) porque os Heresges negão pelos motivos de crer, & crem pelos motivos de negar, bem se segue, que he mayor credito de nossa Fè ser negada por elles, que ser crida. Por isso Christo Senhor nosso mandou calar ao demonio, quando lhe chamava Filho de Deos; porque ha pessoas, que affrontaõ com os louvores, como cõ as injurias acreditãõ. Tal foi a de Nero, de quem disse Tertulliano, que não podia ter mayor abono a santidade da nossa Fè, que ser perseguida por tam máo homem: *Tali dedicatione damnationis nostræ*

*stra etiam gloriamur ; qui enim scit illum intelligere , patet non nisi aliquod grande bonum à Nerone damnatum.* São as palavras de Tertuliano merecedoras de serem a tempo que nos poderamos deter em as ponderar. Assim que os erros da perfidia heretica , são argumentos da Fè Catholica; os solecismos da sua infidelidade, são syllogismos da nossa verdade ; mas syllogismos , & argumentos , que a Logica de Aristoteles não alcançou , porque se prova nelles o que se nega ; antes o mesmo negar-se he concluir que se deve conceder. Daqui se entenderá a energia com que S. João Evangelista referio no caso acima a resposta q̃ o Baptista deu aos Embaixadores de Jerusalem : *Cōfessus est , & non negavit ; & confessus est : quia non sum ego Christus.* Confessou o Baptista , & não negou ; & confessou que não era elle Christo. Pergũto : Não bastava dizer , que confessou ? para que acre-

centa que confessou , & não negou : *Et confessus est , & non negavit ?* He lem duvida pelo que himos dizendo; porque os Sacerdotes ; & Levitas , que offerecião a Divindade ao Baptista , també confessavao a Christo; mas com esta differença , que o Baptista confessava confessando , & elles confessavao negando : como se dissera , ou insinuara o Evangelista : Confessou o Baptista a Christo , & também os q̃ negavão o confessarão , bem que por differente modo , como com diversa intenção ; porque os Judeos , quando negavão , confessarão ; & o Baptista confessou , & não negou : *Confessus est , & non negavit.*

333 Não se escandalize logo a Fè por se ver negada por Hereges no mayor de seus mysterios ; antes se glorie na memoria , & na prelença , vendo-se confirmada com dobrados testemunhos : com o dos Hereges sacrilegos , q̃ injuriosamente a negarão :

& com a dõs fieis Catholicos, que tam firme, tam devota, & tam gloriosamente a confessaõ. Notou S. Pedro Damiaõ advertidamente, que em abono da Divindade de Christo não só testemunharaõ as luzes, mas tambem as trevas: *Habuit testimonium lucis, & habuit testimonium tenebrarum: Habuit testimonium lucis, quia claritas stelle illustravit Magos; habuit testimonium tenebrarum, quia in morte ejus tenebrae factae sunt super universam faciem terrae.* Testemunharão pela Fè de Christo em seu nascimento as luzes; em sua morte as trevas: as luzes guiando com hũa Estrella aos Magos; as trevas escurecendo com universal eclipse o mundo; mas ainda que com tam differentes effeitos, hũas allumiavaõ, outras escureciãõ, todas conformemente testemunhavãõ. Tam claro testemunho derãõ as trevas cõ seus eclipses, como as luzes com seus resplandores.

D. Petr.  
Dam.

O mesmo digõ do Santissimo Sacramento nesta casa, & neste calo: *Habuit testimonium lucis, & habuit testimonium tenebrarum.* Aqui teve Christo o testemunho das luzes, & aqui teve o testemunho das trevas. As trevas da heresia escurecêrãõ, as luzes da nobreza illustrãõ, que cada hũa havia de obrar como quem era; mas tam illustre testemunho derãõ as trevas escurecendo, como dãõ as luzes illustrando. Grande testemunho he da presenya de Christo, que a confesie a mayor nobreza da terra; mas não he menor testemunho dessa mesma verdade, que a negue a mayor cegueira do mundo. As luzes no nascimento arrastãõ as purpuras dos Reys; mas as trevas na morte persuadirãõ os entendimentos dos Filosofes: & assim como daquellas trevas naturaes collegio o Arcopagita, que era Deos o que padecia; assim destas trevas hereticas devemos collegir nõs; que

que he Deos, o que offenderão: *Hic est panis, qui caelo descendit.*

## §. IV.

334 **O** Segundo argumento desta verdade de nossa Fè, era o sofrimento Divino; porque a paciencia de Christo no Sacramento he prova de sua presença. Sofreo Christo que os Hereges puzessem as mãos naquella Hostia, & não os castigou? Sinal he que está alli presente. Caminhava em hũa corroça á Arca do Testamento para a Cidade de David, & como em hum máo passo estivesse a perigo de cahir, acudio o Sacerdote Oza para a sustentar; mas apenas tinha applicado a mão, quando cahio em terra subitamente, & dalli o leváráo para a sepultura. Isto se refere no sexto Capitulo do segundo livro dos Reys: & se da historia do Testamento Velho passarmos á do novo, acharemos no

Tom. 12.

Capitulo dezoito de São João, que hum ministro do Pontifice levantou sacrilego a mão para Christo, & imprimindo-a com furia no sagrado rosto, ficou vivo, & sem castigo. Notavel desigualdade! Se porque se atreve a pôr a mão na Arca, morre Oza; como fica o ministro infame com vida depois de tão horrendo atrevimento? Todo o respeito que se devia, & se dava à Arca do Testamento, não era por ser figura do Verbo encarnado? Pois se as injurias feitas ao retrato assim se castigão, como senão castigão tambem as injurias feitas á Pessoa? Porque cá era a Pessoa; lá era o retrato. Na Arca do Testamento estava Deos por presença figurativa; na Humanidade de Christo estava Deos por presença real, & verdadeira; & onde tinha mais verdadeira presença; ahí havia de dar mayores mostras de paciencia. Não pode sofrer acenos a Arca, porque não tinha de Deos

V iij mais

mais que a figura; pode sofrer injurias em seu rosto Christo, porque tinha de Deos a realidade. Oh Senhor, que bem mostrais, que debaixo desses accidentes de pão está vossa real, & verdadeira presença! Os Hereges obrarão como quem são; vós obrastes como quem sois: os homens negarão vós, vós não vos negastes. Confagraram os Hebreos Divindade á semelhança bruta de hum bezerro, teve impulsos Deos de castigar tam grande atrevimento assolando-os a todos, como mereciam; mas deixou-se vencer a ira Divina das orações de Moyses; não os castigou. Poz os olhos nesta acção S. Paulino, como os podèra pôr no caso presente, & vendo os offensores na terra sem castigo, & Deos no Ceo offendido sem vingança, depois de larga admiração resolveo-se assim: *Deum homines negaverunt, & Deus se ipsum non negavit.* O caso he que os homens negarão a Deos,

mas Deos não se negou a si: os homens negarão a Deos; porque idolatrarão: Deos não se negou a si; porque os soffreo. Cuidaria alguém que se portou Deos naquella occasião menos cuidadoso dos fóros de sua honra, menos zeloso dos pundenores de sua Divindade; mas não foi assim; diz S. Paulino: não levar da espada côtra os homês, foi defender, & acudir por sua honra poderosamente; porque na paciencia, com que os soffreo; refutou a falsidade; com que o negarão. Vós dizeis que não sou Deos? pois hei de mostrar que o sou, heivos de soffrer: *Deum homines negaverunt, & Deus se ipsum non negavit.*

335 E senão, pergunto, & respondame o entendimento mais escrupuloso: Se quando os sacrilegos chegaram a pôr a mão na Hostia, fizera Christo algum portentoso milagre, ou derrubando-os por terra, ou enterrando-os vivos, não disseramos que  
era

era argumento grande de sua Divindade, & presença ? Sim : pois tanto mostrou Christo a verdade do seu ser, & de sua presença em se deixar maltratar, como se castigára tevera, & prodigiosamente os que assim o tratárao. Vieraõ os Judeos prender a Christo Redemptor nosso ao Horto; perguntou-lhes o Senhor a quem buscavaõ, & como dissesem que a Jesu Nazareno, respondeo: *Ego sum*: Eu sou. E foi tam poderosa esta palavra, que no mesmo instante cahiraõ por terra todos os soldados: *Abierunt retrorsum*. Não desistiraõ com este delengano os perfidos Ministros; (que não sabe escarmentar a infidelidade) vendo-os resolutos tornou o Senhor a lhes perguntar quem buscavaõ, & como responderem que a Jesu Nazareno, disse o Senhor: *Dixi vobis, quia ego sum*: Já vos disse q̄ eu sou: & diz-ndo isto lhe puzeraõ as mãos, & o prenderaõ: *Cobors ergo, &*

*ministri comprehenderunt lesu, & ligaverunt eum*. O que aqui pondero, & o em que muito reparo he, que com hum *Ego sum*, derrubou Christo a seus inimigos, & com hum *Ego sum*, lhes deu licença para que puzessem nelle as mãos sacrilegas. Se a palavra, *Eu sou*, foi tam poderosa, que derrubou hum exercito de soldados; porque toma Christo por meyo de se entregar, & se deixar prender, a mesma palavra, *Eu sou*? A razão he; porque quiz ensinar Christo áquelles Hereges, que tanto mostrava ser elle em os soffrer, como mostrava ser elle em os derrubar. Não cuideis, Hereges, que fica menoscabada a verdade de meu ser na temeridade de vossos atrevimentos; porque eu sou, quando vos derrubo; & eu sou, quando vos soffro: quando dou com vosco por terra: *Ego sum*; quando vos dou licença para q̄ me ponhais as mãos tambem, *Ego sum*; porque tanto se prova a

Y iiii verda;

Joann.  
8.5.

Joann.  
8.8.

Ibid. 12.

verdade de meu ser nos milagres de minha Omnipotencia, como nas permissões de minha paciencia. *Ego sum*, nos milagres de minha Omnipotencia: *Et abierunt retrorsum*: *Ego sum*, nos extremos de minha paciencia: *Et manus injecerunt in Jesum*.

## §. V.

336 **A**Ntes se entre a Omnipotencia, & paciencia quizemos fazer comparação, mais mostra Christo que o he na fortaleza de sofrido, q̄ na grandeza de todo poderoso. Estava Christo pregado na Cruz, chegáráo os Judeos, & fizeraõ-lhe este partido: *Si Filius Dei es, descende de Cruce*: Eya Senhor, venhamos a concerto: se fois Filho de Deos, como dizeis, descei dessa Cruz, & creremos que o fois. Quando isto li, pareceome que o Senhor aceitasse logo o partido; mas eu leyo, que não lhes respondeo palavra, & se

Matth.  
27. 40.

deixou estar crucificado. Pois se Christo não pretendia outra cousa mais que a Fè dos homens, & os homens queriaõ crer, se se descesse da Cruz; porque se não desceo? Deixou de descer Christo da Cruz, não por não querer dar motivos de Fè aos homês, senão porque lhes quiz dar os mais qualificados. O Senhor estava padecendo na Cruz, elles queriaõ que descesse della; & era menor prova de sua Divindade o descer, que o padecer. S. Athanasio: *Non descendendo, sed permanendo in Cruce Filius Dei agnoscit; multo enim magis mors Salvatoris fidem hominibus attulit, quam descensus attulisset*. Admiravelmente! Não quiz o Senhor descer, para que cressem nelle; mas para que cressem nelle deixou-se padecer; porque muito mais provava ser Filho de Deos padecendo, do que descendo. Descendo, mostrava-se sobrenaturalmente poderoso; padecendo, mostrava-se

va-se sobrenaturalmente sofrido ; & mais prova de Divindade eraõ os milagres de sua paciencia , que os milagres de sua Omnipotencia. Bem se vio ; porque depois de mostrar sua Omnipotencia no Horto , derrubando-os , crucificáraõ-no : & depois de mostrar sua paciencia no Calvario , adoráraõ-no : *Verè Filius Dei erat iste* , disse o Capitaõ dos melmos soldados. Mal argumenta logo a infidelidade em duvidar da presença de Christo no Sacramento , pelo ver tam sofrido em suas injurias , porque antes da sua paciencia se prova evidentemente sua presença. *Hoc est Corpus meum*. Este he meu Corpo , disse Christo na instituiçaõ do Santissimo Sacramento estando com o paõ nas mãos ; & sendo hũa cousa tam nova , & tam difficultosa , com q̃ o provou ? Ouvi as palavras seguintes : *Hoc est Corpus meum , quod pro vobis tradetur*. Este he o meu Corpo , que por vós hade

fer entreguẽ. Allegou as injurias futuras , que os Judeos haviaõ de fazer em seu Corpo , quando affirmava a verdadeira presença , com que o deixava encuberto , & invisivel no Sacramento. Depois de dizer : *Hoc est Corpus meum* , quando parece havia de dar provas de sua presença , deu provas de sua paciencia : *Quod pro vobis tradetur*. Porq̃ a paciencia de Christo he a mais qualificada prova de sua presença. Deume confiança para o dizer assim S. Cyrillo , que em semelhantes palavras filosofou da mesma maneira. O que Christo disse na Cea consagrando seu Corpo , tinha já dito no Capitulo sexto de São Joã prometendo de o consagrar : *Panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita*. O paõ q̃ hei de dar a comer aos homens, he o mesmo Corpo , que hei de entregar à morte pela salvaçaõ do mundo. Diz agora S. Cyrillo: *Panis, quem ego dabo ad manducandum , est illa*

S. Cyril.

*illa ipsa caro, quam in morte pro mūdi vita daturus sum; eo enim ipso quod bis dicit dare, indicat se diversis dandi modis loqui; nec enim posterius prioris ( ut quidam putant ) explicatio est, sed potius probatio.* Grandes palavras estas ultimas! Quando Christo diz que hade deixar seu Corpo debaixo das especies de pão, acrescenta que he o mesmo Corpo, que havia de entregar nas mãos dos homens; & isto, diz S. Cyrillo, não foi explicação de fer, o que deixava, seu Corpo, senão prova de que o era: *Nec enim posterius prioris explicatio est, sed potius probatio.* A evidencia com que padeceo, fez prova da inevidencia com que se deixou: encobrem-no os accidentes, descobre-o a paciencia: até agora era mysterio encuberto, agora he Sacramento manifesto: para que entendamos que se não encontra a magnanimidade de sua paciencia com a verdade de sua presença, antes de hũa se in-

fere outra. Sofre? pois está presente: *Hic est panis, qui de calo descendit.*

## §. VI.

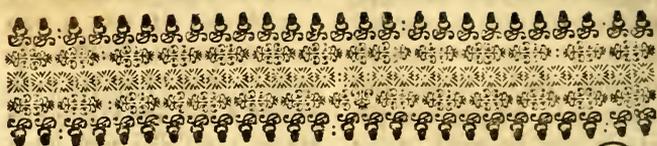
337 **E** Ste fois, Senhor; este fois; este he o summo de vossa grandezza, este he o summo de vossa Magestade, este he o summo de vosso poder. Pouco conhece a Omnipotencia de vossa Divindade, quem a não reconhece, & adora mais descuberta, & manifesta na vossa paciencia. Podeis desfazer, podeis destruir, podeis assololar, podeis aniquilar o mūdo em castigo, & vingança de vossas offensas, & parecendo q̄ este he todo o vosso poder, ainda podeis mais: & que? Podeis perdoar, podeis não castigar, nem vingar estas mesmas offensas. Assim o crê, & canta sem adulação vossa mesma Igreja: *Qui omnipotentiam tuam parcendo maxime, & miserando manifestas.* Vós fois, diz, aquella Omnipotente Divindade;

vindade, que em perdoar, & não castigar, em sofrer, & não vingar, ostenta mais o summo poder de sua Omnipotencia. Muito nos peza de que houvesse entre nós tam pouca Fè, que se atrevesse a offender vossa occulta Magestade debaixo da sombra desses accidentes invisivel. Porém nós que invisivel, & sem a vermos a cremos tam claramente, como se a viramos, em distinguir o castigo da satisfação, imitamos, quanto nós he possivel, os primores soberanos de vossa justiça. Assim como castigastes a infidelidade de Adão com a sentença de morte, assim castigou esta o zelo vigilantissimo de Portugal com a morte mais severa. Mas porque Adão, & hum fugeito de

barro não podia satisfazer á infinita Magestade de Deos offendido, assim como mandou Deos seu proprio Filho, para que elle em Pessoa satisfizesse por aquella culpa; assim o fez, & faz nestes tres dias Lisboa, no modo que lhe he possivel. Os Reys, os Principes, a primeira, & mais illustre nobreza são as Deidades cá da terra; ellas tendes Senhor postradas diante desse Throno, todas com nome de perpetuos Escravos desse sacrosanto mysterio; para que vossa mesma Magestade offendida, se digne de aceitar a sua Fè, a sua adoração, & o seu profundissimo conhecimento, & obsequio, em satisfação, & desagravo desta offensa.



SER-



# S E R M A Õ

DA PRIMEIRA DOMINGA DA

# Q U A R E S M A,

Na Cidade de S. Luis do Maranhão , anno  
de 1653.

---

*Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.*  
Matth. 4. 9.

§. I.

338



H que temeroso dia ! Oh que venturoso dia ! Estamos no dia das tentações do demonio, & no dia das vitorias de Christo. Dia , em que o demonio se atreve a tentar em campo aberto ao mesmo Filho de Deos : Si Fi-

lius Dei es ; oh que temeroso dia ! Se até o mesmo Deos he tentado ; que homem haverá , que não tema ser vencido ? Dia , em que Christo com tres palavras venceo, & derrubou tres vezes ao demonio, oh que venturoso dia ! A hum inimigo tres vezes vencido quem não terá esperanças de o vencer ? Tres fo-  
raõ

raõ as tentações, com que o demonio hoje acometeo a Christo: na primeira offerceeo: na segunda aconselhou: na terceira pedio. Na primeira offerceeo: *Dic ut lapides isti panes sñt:* que fizesse das pedras paõ: na segunda aconselhou: *Mitte te deorsum:* que se deitasse daquella torre abaixo: na terceira pedio: *Si cadens adoraveris me:* q̄ cahido o adorasse. Vede que offertas, vede que côselhos, vede que petições. Offerce pedras, aconselha precipicios, pede cahidas. E com isto ser assim, estas faõ as offertas, que nõs aceitamos, estes os conselhos, que seguimos, estas às petições, que concedemos. De todas estas tentações do demonio, escolhi só hũa para tratar; porque para vencer, & convencer tres tentações, he pouco tempo hũa hora. E quantas vezes para ser vencido del-

las basta hum instante! A que escolhi das tres, não foi a primeira, nem a segunda, senão a terceira, & ultima; porque ella he a mayor, porque ella he a mais universal, ella he a mais poderosa, & ella he a mais propria desta terra, em que estamos. Não de balde a reservou o demonio para o ultimo encontro, como a lança, de que mais se fiava; mas hoje lha havemos de quebrar nos olhos. Demaneira Christãos, que temos hoje a mayor tentação; queira Deos, que tenhamos tambem a mayor vitoria. Bem sabeis que vitorias, & contra tentações, só as dá a graça Divina; peçamola ao Espirito Santo por intercessão da Senhora; & peçovos que a peçais com grande affecto, porque nos hade ser hoje mais necessaria, que nunca.

*Ave Maria.*

*Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.*

## §. II.

339 **Q**ue offereça o demonio mundos, & que peça adorações ! Oh quanto temos, que temer : oh quanto temos, que imitar nas tentações do demonio ! Ter que temer, & muito que temer nas tentações do demonio, cousa he muy achada, & muy sabida : mas ter nas tentações do demonio que imitar ? Sim ; porque fomos taes os homens por hũa parte, & he tal a força da verdade por outra, que as mesmas tentações do demonio, que nos fervem de ruina, nos podem servir de exemplo. Estai comigo.

340 Toma o demonio pela mão a Christo, leva-o a hum monte mais alto q̃ essas nuvens, mostralhe dalli os Reynos, as Cidades, as Cortes de todo o mundo, & suas grandezas,

& dizlhe desta maneira : *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me* : Tudo isto te darei, se dobrando o joelho me adorares. Ha tal proposta ? Vem cá demonio, sabes o que dizes ; ou o q̃ fazes ? He possível que promete o demonio hum mundo por hũa só adoração ? He possível que offerece o demonio hum mundo por hum só peccado ? He possível que não lhe parece muito ao demonio dar hum mundo só por hũa alma ? Não ; porque a conhece, & só quem conhece as cousas, as sabe avaliar. Nòs os homens, como nos governamos pelos sentidos corporaes, & a nossa alma he espirital, não a conhecemos ; & como não a conhecemos, não a estimamos, & por isso a damos tam barata. Porém o demonio, como he espirito,

rito, & a nossa alma também espirito, conhece muito bem o que ella he; & como a conhece, estima-a, & estima-a tanto, que do primeiro lanço offerece por hũa alma o mundo todo; porque val mais hũa alma, que todo o mundo. Vede se as tentações do demonio, que nos servem de ruina, nos podem servir de exemplo. Aprendamos se quer do demonio a avaliar, & a estimar nossas almas. Fiquenos, Christãos, que val mais hũa alma, que todo o mundo. E he tam manifesta verdade esta, q̄ atê o demonio, inimigo capital das almas, a não pôde negar.

341 Mas já q̄ o demonio nos dá doutrina, que rolhe eu dar hum quinao. Vem cá demonio, outra vez. Tu sabio? tu astuto? tu tentador? vaite dahi, que não sabes tentar. Se tu querias que Christo se ajoelhasse diante de ti, & fouberas negociar, tu o rendêras. Vasilhe offerecer a Christo mundos? Oh q̄

ignorancia! Se quãdo lhe davas hum mundo, lhe tiráras hũa alma, logo o tinhas de joelhos a teus pês.

Assim aconteceo. Quando Judas estava na Cea, já o diabo estava em Judas:

*Cum jam diabolus misisset in Joann. cor, ut traderet eum Judas.* 13.2.

Vendo Christo que o demonio lhe levava aquella alma, poem-se de joelhos aos pês de Judas, para lhos lavar, & para o converter.

Tá, Senhor meu, reparaí no que fizeis: não vedes q̄ o demonio está assentado no coração de Judas? não vedes que em Judas está revestido o demonio, & vós mesmo o dissestes:

*Unus ex vobis diabolus est?* Joann.

Pois será bem que Christo 6.71-

esteja ajoelhado aos pês do demonio? Christo ajoelhado aos pês de Judas, astombro he, pasmo he; mas Christo ajoelhado; Christo de joelhos diante do diabo? Sim. Quando lhe offerecia o mundo, não o pode confeguir: tanto q̄ lhe quiz levar hũa alma, logo o teve a seus pês. Pa-

ra que acabemos de entender os homens cegos, que val mais a alma de cada hum de nós, que todo hū mundo. As cousas estimão-se, & avaliaõ-se pelo que custão. Que lhe custou a Christo hūa alma, & que lhe custou o mundo? O mundo custoulhe hūa palavra: *Ipsè dixit, & facta sunt*; hūa alma custoulhe a vida, & o sangue todo. Pois se o mundo custa hūa sō palavra de Deos, & a alma custa todo o sangue de Deos; julgai se val mais hūa alma, que todo o mūdo. Assim o julga Christo, & assim o não pôde deixar de confessar o mesmo demonio. E só nós somos tam baixos estimadores de nossas almas, que lhas vendemos pelo preço, que vòs sabeis.

342 Espantamonos que Judas vendesse a seu Mestre, & a sua alma por trinta dinheiros; & quantos ha, que andaõ rogando com ella ao demonio por menos de quinze! Os irmãos de Joseph eraõ onze,

& vendêraõ nõ por vinte dinheiros; sahiohe por menos de dous dinheiros a cada hum. Oh se cõsideramos bem os nadãs, porque vendemos a nossa alma! Todas as vezes, que hum homem offende a Deos mortalmente, vende a sua alma: *Venumdatus est, ut faceret malum*, diz a Escritura fallando de Achab. Eu, Christãos, não quero agora, nem vos digo que não vendais a vossa alma, porque fei que a haveis de vender; sō vos peço que, quando a venderdes, que a vendais a pezo. Pezai primeiro o que he hūa alma, pezai primeiro o que val, & o que custou; & depois eu vos dou licença que a vendais embora. Mas em que balanças se ha de pezar hūa alma? Nas balanças do juizo humano não; porque saõ muy fallas: *Mendaces filii hominum in stateris*. Pois em que balanças logo? Cuidaricis q̄ vos havia de dizer que nas balanças de S. Miguel o Anjo, onde as almas se pezaõ;

Pfalm.  
348.5.

3.Reg.  
2.12.5.

Pfalm.  
61.10.

zão ; não quero tanto : digo que as pezeis nas balanças do mesmo demonio, & eu me dou por contente. Tomai as balanças do demonio na mão : ponde de hũa parte o mundo todo, & da outra hũa alma, & achareis que peza mais a vossa alma, que todo o mundo. *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me:* Tudo isto te darei, se me deres a tua alma. Não lhe tirou com menos bala a Christo, que com o mundo inteiro. Mas já que vos dou licença para vender, ponhamos este contrato do demonio em pratica, & vejamos se he bom o partido.

343 Supponhamos primeiramente que o demonio no seu offerecimento fallava verdade, & que podia, & havia de dar o mudo: supponhamos mais que Christo não fosse Deos, sennão hum puro homem, & tam fraco, que podesse, & houvesse de cahir na tentação. Pergunto: se este homem recebesse o

mundo todo, & ficasse senhor delle, & entregasse sua alma ao demonio, ficaria bom mercador? faria bom negocio? O mesmo Christo o disse noutra occação. *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur: anima vero suæ detrimentum patiatur?* Que lhe aproveita ao homem ser senhor de todo o mundo, se tem a sua alma no cativoiro do demonio? Oh que Divina consideração! Alexandre Magno, & Julio Cesar foram senhores do mundo; mas as suas almas agora estão arrendo no inferno, & arderão por toda a eternidade. Quem me dera agora perguntar a Julio Cesar, & a Alexandre Magno, que lhes aproveitou haverem sido senhores do mundo, & se acharão que foi bom contrato dar a alma pelo acquirir. Alexandre, Julio, foi bom seres senhores do mundo todo, & estares agora, onde estais? Já que elles me não podem responder, respondime vós.

Math.  
16.26.

Perguntó: Tomareis agora algum de vós ser Alexandre Magno? Tomareis ser Julio Cesar? Deos nos livre. Como: se foraõ senhores de todo o mundo? He verdade, mas perdêraõ as suas almas. Oh cegueira! E para Alexandre, para Julio Cesar, parecevos máo dar a alma por todo o mundo; & para vós parecevos bem dar a alma pelo que não he mundo, nem tem de mundo o nome? Sabeis de que nasce tudo isto? De falta de consideração; de não tomares o pezo à vossa alma. *Quid prodest homini?* Que aproveita ao homem lucrar todo o mundo, & perder a sua alma? *Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua?* Ou que cousa ha no mundo, pela qual se possa hũa alma trocar?

Ibid.

343 Todas as cousas deste mundo tem outra, porque se possaõ trocar. O descanço pela fazenda, a fazenda pela vida, a vida pela honra, a honra pela alma; só a alma não tem

porque se trocãr. E sendo que não ha no mundo cousa tam grande, porque se possa trocar a alma: não ha cousa no mundo tam pequena, & tam vil, porque a não troquemos, & a não demos. Ouvi hũa verdade de Seneca, que por ser de hum Gentio, folgo de a repetir muitas vezes. *Nihil est homini se ipso vilius:* Não ha cousa para com-nosco mais vil, que nós mesmos. Revolvei a vossa casa, buscai a cousa mais vil de toda ella, & achareis que he vossa propria alma. Provo. Se vos querem comprar a casa, o canaveal, o escravo, ou o cavallo, não lhe pondeis hum preço muito levantado, & não o vendeis muito bem vendido? Pois se a vossa casa, & tudo o que nella tendes, o não quereis dar, senão pelo que val; a vossa alma; que val mais que o mundo todo; a vossa alma, que custou tanto como o Sangue de Jesu Christo, porq̃ a haveis de vender tão vil, & tam baxamente? *Que vos*

vos fez? que vos delmereceo a triste alma? não a tratareis se quer como o vosso elcravo, & como o vosso cavallo? Se vos perguntão acaço, porque não vendeis a vossa fazenda por menos do que val, dizeis que a não quereis queimar. E quereis queimar a vossa alma? Ainda mal, porque a haveis de queimar, & porque hade arder eternamente.

344 Ora Christãos; não seja assim: aprendamos ao menos do demonio a estimar nossa alma. Vejamos o que o demonio hoje fez por hũa alma alhea, para que nós nos corramos, & confundamos do pouco, que fazemos pelas proprias. Vai-se o demonio ao deserto, esta se nelle quarenta dias, & quarenta noites, como se fora hũ Anacoreta: & em todo este tempo esteve vigiando, & espreitando occasiã, & tanto que a teve, não deixou pedra por mover para a conseguir. Vendo que não lhe succedia, parte pa-

ra Jerulalem, & sendo tam inimigo de Deos, vai-se ao Templo, para persuadir a Christo que se arrojasse do pinaculo: *Mitte te deorsum*

Estuda livros, allega <sup>Marth.</sup> Escripturas, interpreta <sup>4.. 6.</sup> Psalmos:

*Scriptum est enim, quia An-* <sup>Ibid.</sup>

*gelis suis mandavit de te, & in manibus tollent te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.* Resistido tambem

aqui, & vencido segunda vez o demonio, nem por isso desmaya: corre valles, atravessa montes, sobe ao mais alto de todos; & só por ver se podia fazer cahir a Christo, não repara em dar de hũa só vez o mundo todo. E que o demonio faça tudo isto por hũa alma alhea; & que façamos nós tam pouco pela propria! Que se ponha o demonio quarenta dias em hum deserto para me tentar; & que eu nos quarenta dias da Quaresma não tome hum quarto de hora de retiro para lhe saber resistir! Que vigie o demonio, & espreite todas as occasioens para me conde-

na; & que deixe eu passar tantas de minha salvação; & occasioens, que hũa vez perdidas, não se podem recuperar! Que vá o demonio ao Templo de Jerusaleem distante tantas legoas, para me despenhar ao peccado; & que tendo eu a Igreja à porta, não me faiba ir meter em hum canto della, como o Publicano, para chorar meus peccados! Que o demonio para me persuadir estude, & allegue os livros sagrados; & q̃ eu não abra hũ só espiritual, para q̃ Deos falle comigo, já q̃ eu não sei fallar cõ elle! Que o demonio vécido a primeira, & segunda vez, insista, & não desmaye para me render, & que se comecei acaso algũa obra boa, à primeira difficuldade desista, & não tenha cõstancia, nem perseverança em nada! Que o demonio para me fazer cahir desça valles, & suba montes; & que eu não dê hum passo para me levantar, tendo dado tantos para me perder! Finalmente que o de-

monio para grangear a minha alma, não repare em dar no primeiro lango o mundo todo; & que eu estime a minha alma tam pouco, que baitem os mais vis interesses do mundo para a entregar ao demonio! Oh miseria! Oh cegueira!

245 A que diferente preço compra hoje o demonio as almas, do que offerecia por ellas antigamente! Já nesta nossa terra vos digo eu! Nenhũa feira tem o demonio no mundo, onde lhe sayão mais baratas: No nosso Euangelho offereceo todos os Reynos do mundo por hũa alma: no Maranhão não he necessario ao demonio tanta bolta para comprar todas: não he necessario offerecer mundos: não he necessario offerecer Reynos: não he necessario offerecer Cidades, nem Villas, nem Aldeas. Basta acenar o diabo cõ hum tujupã de pindõba, & dous Tapuyas; & logo está adorado com ambos os joelhos:

lhos : *Si cadens adoraveris me.* Oh que feira tam barata ! Negro por alma ; & mais negra ella , que elle ! Este negro será teu escravo effes poucos dias que viver ; & a tua alma será minha escrava por toda a eternidade , em quanto Deos for Deos. Este he o contrato , que o demonio faz com vobco : & não só lho aceitais , senão q̄ lhe dais o vosso dinheiro em cima.

§. III.

346 **S**enhores meus ; fomos entrados à força do Evangelho na mais grave , & mais util materia , que tem este Estado. Materia , em que vai , ou a salvação d'alma , ou o remedio da vida ; vede se he grave , & se he util. He a mais grave , he a mais importante , he a mais intrincada , & sendo a mais util , he a menos gostosa. Por esta ultima razão de menos gostosa , tinha eu determinado de nunca vos fallar nella ; & por isso tambem de não subir ao Pulpito. Subir ao Pulpito pa-

ra dar desgosto , não he de meu animo , & muito menos a pessoas , a quem eu desejo todos os gostos , & todos os bens. Por outra parte subir ao Pulpito , & não dizer a verdade , he contra o officio , contra a obrigação , & contra a consciencia ; principalmente em mim , que tenho dito tantas verdades , & com tanta liberdade , & a tam grandes ouvidos. Por esta causa resolvi trocar hum servico de Deos por outro : & ir-me doutrinar os Indios por estas Aldeas.

347 Estando nesta resolução até quinta feira ; houve pessoas , a que não pude perder o respeito ; que me obrigaraõ a que quizesse prègar na Cidade esta Quaresma. Prometi-o hũa vez , & arrependime muitas ; porque me tornei a ver na mesma perplexidade. He verdade que nõ juizo dos que tivessem juizo , sempre a minha boa intenção parece que estava segura. Perguntovos : Qual he melhor amigo : aquelle ,  
X iij que

que vos avisa do perigo , ou aquelle , que por vos não dar pena , vos deixa perecer nelle? Qual Medico he mais Christão : aquelle , que vos avisa da morte, ou aquelle, que por vos não magoar , vos deixa morrer sem Sacramentos? Todas estas razoes tinha por mim, mas não acabava de me deliberar. Fui à sexta feira pela manhã dizer Missa por esta tenção , para que Deos me alumiasse , & me inspirasse o que fosse mais gloria sua ; & ao ler da Epistola me disse Deos , o que queria que fizesse , com as mesmas palavras della. São de Isaias no Capitulo cincoenta & oito.

Isai. 58.  
1.

348. *Clama, ne cesses : quasi tuba exalta vocem tuam, & annuntia populo meo scelera eorum.* Brada , ó Prêgador , & não cesses : levanta a tua voz como trombeta , defengana a meu povo , annuncialhe seus peccados , & dizelhe o estado, em que estão , Já o pregação do Rey se lançou

com tambores : agora diz Deos , que se lance o seu com trombetas : *Quasi tuba exalta vocem tuam.* Não vos assombre, senhores , o pregação , que como he pregação de Deos , eu vos prometo que seja mais brando , & mais benigno , que o do Rey. E senão, vede as palavras , que se seguem ; *Me etenim de die in diem querunt, & scire vias meas volunt : quasi gens, quæ justitiam fecerit, & judicium Dei sui non dereliquit.* E sabes porque quero que defenganes este meu povo , & porque quero que lhe declares seus peccados ? Porque são huns homens , diz Deos , que me buscão todos os dias , & sabem muitas cousas em meu serviço , & sendo que tem gravissimos peccados de injustiças , vivem tam desafustados , como se estiveirão em minha graça : *Quasi gens, quæ justitiam fecerit.* Pois , Senhor , que defengano he o que hei de dar a esta gente , & que he o que lhe hei de annunciar da

Ibid. 2.

da parte de Deos ?

349 Vede o que dizem as palavras do mesmo Texto: *Non ne hoc est magis jejunium, quod elegi? dissolve colligationes impietatis, & dimitte eos, qui confraeti sunt, liberos.* Sabeis Christãos, sabeis Nobreza, & Povo do Maranhão, qual he o jejum, que quer Deos de vós esta Quaresma ? Que folteis as araduras da injustiça, & que deixeis ir livres, os que tendes cativos, & opprimidos. Estes são os peccados do Maranhão: estes são os q Deos me manda que vos annuncie: *Annuntia populo meo scelera eorum.* Christãos, Deos me manda desenganarvos, & eu vos desengano da parte de Deos. Todos estais em peccado mortal: todos viveis, & morreis em estado de condenação, & todos vos ides direitos ao inferno. Já lá estão muitos, & vós tambem estareis cedo com elles, tenão mudardes de vida.

350 Pois valhame

Deos ! hum povo inteiro em peccado ? hum povo inteiro ao inferno ? Quem se admira disto, não sabe q couza são cativeiros injustos. Descerão os filhos de Israel ao Egypto, & depois da morte de Joseph, cativou os ElRey Faraò, & servia-se delles como escravos. Quiz Deos dar liberdade a este miseravel povo, mandou lá Moyfes, & não lhe deu mais escolta, que húa vara. Achou Deos que para pôr em liberdade cativos; bastava húa vara, ainda que fosse libertalos de hum Rey tão tyranno como Faraò, & de húa gente tam barbara como a do Egypto. Não quiz Faraò dar liberdade aos cativos; começo a chover as pragas sobre elle. A terra se convertia em mosquitos: os rios se convertiaõ em sangue: as nuvens se convertiaõ em raios, & em coriscos: todo o Egypto affombrado, & perecendo. Sabeis quem traz as pragas às teiras !

Cativeiros injustos. Quem trouxe ao Miranhão a praga dos Olandezes? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome, & a esterilidade? Estes cativeiros. Insistio, & apertou mais Moysés, para que Faraó largasse o povo; & que respondo Faraó? Disse hũa cousa, & fez outra. O que disse foi: *Nescio Dominum, & Israel non dimittam.* Não conheço a Deos: não heide dar liberdade aos cativos. Ora isso me parece bem; acabemos já de nos declarar. Sabeis porque não dais liberdade aos escravos mal havidos? Porque não conheceis a Deos. Falta de Fè he causa de tudo. Se vòs tiveris verdadeira Fè, se vòs creereis verdadeiramente na immortalidade da alma, se vòs creereis que ha inferno para toda a eternidade: bem me rio eu que quizesseis ir lá pelo cativeiro de hum Tapuya. Com que confiança vos parece que disse hoje o diabo: *Si cadens adoraveris me?* Com a

côfiança de lhe ter offerecido o mundo. Fez o demonio este discurso: Eu a este homem offereçohe tudo; se elle he cubiçoso, & avarento, hade aceitar; se aceita, sem duvida me adora idolatrando; porque a cubiça, & avareza são a mesma idolatria. He sentença expressa de São Paulo: *Avaritiam, quæ est simulacrorum servitus.* Tal foi a avareza de Faraó em querer reter, & não dar liberdade aos filhos de Israel cativos, confessando juntamente que não conhecia a Deos: *Nescio Dominum, & Israel non dimittam.* Isto he o que disse.

351 O que fez foi, que fugindo todos os Israelitas cativos, sabe o mesmo Rey Faraó com todo o pòder de seu Reyno para os tornar ao cativeiro; & que aconteceu? Abre-se o mar Vermelho, para que passassem os cativos a pè enxuto; (que sabe Deos fazer milagres para libertar cativos.) Não cuideis que merecêrão isto os Hebreos

Exod.  
5. 2.

Coloss.  
3. 5.

breos por suas virtudes ; porque eraõ peyores que esses Tapuyas: dahi a poucos dias adoráraõ hum bezerro; & de todos, que eraõ seiscentos mil homens, só dous entraraõ na terra de Promissãõ : mas he Deos tam favorecedor de liberdades, que o que delme-reciaõ por mãos, alcança-vaõ por injustamente cativos. Passados à outra banda do mar Vermelho, entra Faraõ pela mesma estrada, que ainda estava aberta, & o mar de hũa, & outra parte como em muralhas, cahem sobre elle, & sobre o seu exercito as aguas, & affogáraõ a todos. O em que aqui reparo, he o modo com que conta isto Moyfes no seu Canticco: *Operuit eos mare: submersi sunt quasi plumbum in aquis vehementibus. Extendisti manum tuam, & devoravit eos terra:* que cahio sobre elles, & os affogou o mar, & os comeo, & engulio a terra. Pois se os affogou o mar, como os tragou a terra? Tudo foi: a-

quelles homens; como nõs, tinhaõ corpo, & alma: os corpos affogou-os a agua, porque ficáraõ no fundo do mar: as almas tragou-as a terra; porque descêraõ ao profundo do inferno. Todos ao inferno, sem ficar nenhum; porque onde todos perseguem, & todos cativaõ, todos se condemnaõ. Naõ está bom o exemplo? Vá agora a razãõ.

352 Todo o homem; que deve serviço, ou liberdade alhea, & podendo-a restituir, naõ restitue, he certo que se condemna: todos, ou quasi todos os homens do Maranhãõ devem serviços, & liberdades alheas; & podendo restituir, naõ restituem: logo todos, ou quasi todos se condemnaõ. Dirmeheis que ainda que isto fosse affirm, que elles naõ o cuidavaõ, nem o sabião; & que a sua boa fê os salvaria. Negotal; sim cuidavaõ, & sim sabião, como tambem vòs o cuidais, & o sabeis; & se o naõ cuidavaõ, nem o sabião:

biaõ, de veraõ cuidallo, & fabello. A huns condemna-os a certeza, a outros a duvida, a outros a ignorancia. Aos que tem certeza, condemna-os o não restituirem: aos que tem duvida, condemna-os o não examinarem: aos que tem ignorancia, condemna-os o não saberem, quando tinhaõ obrigaçãõ de saber. Ah se agora se abrião eslas sepulturas, & apparecèra aqui algum dos que morrerãõ neste infelice estado, como he certo que ao fogo das suas lavaredas haviẽis de ler claramente esta verdade! Mas sabeis, porque Deos não permite que vos appareça? He pelo que Abrahãõ disse ao rico Avarento, quando lhe pedia que mandasse Lazaro a este mundo: *Habent Moysen, & Prophetas*: não he necessario que vá de cá do inferno quem lhe appareça, & lhe diga a verdade: lá tem a Moyses, & a ley: lá tem os Profetas, & Doutores. Meus irmãos, se ha quem duvide disto, ahi

Luc. 16.  
29.

estãõ as leys, ahi estãõ os Letrados, perguntelho. Tres Religioens tendes neste estado, onde ha tantos fugeitos de tantas virtudes, & tantas letras, perguntai; examinai, informaivos. Mas não he necessario às Religioens, ide a Turquia, ide ao inferno; porque não pôde haver Turco taõ Turco na Turquia, nem demõnio tam endemoninhado no inferno, que diga, que hum homem livre pôde ser cativo. Ha algum de vòs só com o lume natural, que o negue? Pois em que duvidais?

#### §. IV.

353 **V**Ejo que me dizeis: Bem estava isso, se nós tiveramos outro remedio; & com o mesmo Euangelho nos queremos defender. Qual foi mais apertada tentação, a primeira, ou a terceira? Nós entendemos que a primeira; porque na primeira estava Christo com fome

fome de quarenta dias , & offereceolhe o demonio paõ; na terceira offereceolhe Reynos , & Monarquias : & hum homem pôde viver sem Reynos , & sem Imperios , mas sem paõ para a boca, não pôde viver : & neste aperto vivemos nós. Este povo , esta Republica , este Estado não se pôde sustentar sem Indios. Quem nos ha de ir buscar hum pote de agua , ou hum feixe de lenha ? Quem nos ha de fazer duas covas de mandioca? haõ de ir nossas mulheres ? haõ de ir nossos filhos ? Primeiramente não faõ estes os apertos , em que vos hei de pôr , como logo vereis ; mas quando a necessidade, & a consciencia obriguem a tanto , digo que sim , & torno a dizer que sim : que vós , que vossas mulheres , que vossos filhos , & que todos nós nos sustentassemos dos nossos braços ; porque melhor he sustentar do suor proprio , que do sangue alheyo. Ah fazendas do Maranhão , que

se esses mantos, & essas capas se torcêraõ , haviaõ de lançar sangue ! A Samaritana hia com hum cantaro buscar agua à fonte , & foi tam Santa como sabemos. Jezabel era mulher d'El-Rey Achab, Rainha de Israel, & foi comida de cães, & sepultada no inferno , porque tomou a Nabot hũa vinha , que não lhe chegou a tomar a liberdade. Pergunto: Qual he melhor, levar o cantaro à fonte, & ir ao Ceo como a Samaritana ; ou ser senhora , servida, & Rainha, & ir ao inferno como Jezabel ? Melhor era que nós Adaõ, & tinha offendido a Deos com menos peccados ; & devia ao trabalho de suas mãos o bocado de paõ, que metia na boca. Filho de Deos era Christo , & ganhava com hum instrumento mecanico, o com que sustentava a vida, que depois havia de dar por nós. Faz isto por nós o mesmo Deos , & nós desprezarnos hemos de fazer outro tão por guardar a sua ley?

Dizeis

354 Direis que os vossos chamados escravos são os vossos pés, & mãos; & também podereis dizer que os amais muito, porque os criastes como filhos, & porque vos criaõ os vossos. Assim he; mas já Christo respondeo a esta replica: *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum: & si manus, vel pes tuus scandalizat te, amputa illum.* Não quer dizer Christo que arrancemos os olhos, nem que cortemos os pés, & as mãos; mas quer dizer que se nos servir de escandalo aquillo, que amarmos como os nossos olhos, & aquillo, que havemos mister como os pés, & as mãos, que o lancemos de nós, ainda que nos doa, como se o cortarmos. Quem ha, que não ame muito o seu braço, & a sua mão; mas se nella lhe saltáraõ herpes, permite que lhe cortem, por conservar a vida. O Mercador, ou Passageiro, que vem da India, ou do Japão, muito estima as diogas, que tanto

lhe custáraõ lá; mas se a vida periga, vai tudo ao mar, para que ella se salve. O mesmo digo no nosso caso. Se para segurar a consciência, & para salvar a alma, for necessario perder tudo, & ficar como hum Job: perca-le tudo.

255 Mas bom animo; tenhores meus, que não he necessario chegar a tanto, nem a muito menos. Estudei o ponto com toda a diligencia, & com todo o affecto, & seguindo as opinioens mais largas, & mais favoraveis, venho a reduzir as cousas a estado, que entendo que com muito pouca perda temporal, se podem segurar as consciencias de todos os moradores deste Estado, & com muito grandes interesses se podem melhorar suas conveniencias para o futuro. Daimo attençaõ.

356 Todos os Indios deste Estado, ou são os que vos serveim como escravos; ou os que moraõ nas Aldeas d'ElRey como livres; ou os que vivem no

Certaõ

Matth.

5.29.

Marc.

9.42.44

Certaõ em sua natural, & ainda mayor liberdade: os quaes por elles rios se vaõ comprar, ou resgatar, (como dizem) dando o piedoso nome de resgate a hũa venda tam forçada, & violenta, que tal vez se faz com a pistola nos peitos. Quanto à aquelles, que vos servem, todos nesta terra são herdados, havidos; & possuidos de má fé; segundo a qual não farão pouco (ainda que o farão facilmente) em vos perdoar todo o serviço passado. Com tudo, se depois de lhes ser manifesta esta condição de sua liberdade, por serem creados em vossa casa, & com vossos filhos, ao menos os mais domesticos, espontanea, & voluntariamente vos quizerem servir, & ficar nella; ninguém, em quanto elles tiverem esta vontade, os poderá apartar de vosso serviço. E que se fará de alguns delles, q̃ não quizerem continuar nesta sujeição? Estes serão obrigados a ir viver nas

Aldeas d'ElRey; onde também vos servirão na forma, que logo veremos. Ao Certaõ se poderão fazer todos os annos entradas, em que verdadeiramente se resgatem os que estiverem (como se diz) em cordas, para ser comidos: & se lhes commutarã esta crueldade em perpetuo cativeiro. Assim serão também cativos todos, os que sem violencia forem vendidos como escravos de seus inimigos, tomados em justa guerra; da qual serão Juizes o Governador de todo o Estado, o Ouvidor gèral, o Vigario do Maranhão, ou Pará, & os Prelados das quatro Religioens, Carmelitas, Franciscanos, Mercenarios, & da Companhia de Jesu. Todos, os que deste juizo fahirem qualificados por verdadeiramente cativos, se repartirão aos moradores pelo mesmo preço, porque foram comprados. E os que não constar que a guerra, em que foram tomados, for justa, que se fará

rá delles? Todos serãõ aldeados em novas povoaçoens , ou divididos pelas Aldeas, que hoje ha ; donde repartidos com os demais Indios dellas pelos moradores, os servirão em seis mezes do anno alternadamente de dous em dous , ficando os outros seis mezes para tratarem de suas lavouras , & familias. De forte que nesta fórma todos os Indios deste Estado servirão aos Portuguezes : ou como propria, & inteiramente cativos, que são os de corda , os de guerra justa , & os q̃ livre , & voluntariamente quizerem servir , como dissemos dos primeiros: ou como meynos cativos, que são todos os das antigas, & novas Aldeas , que pelo bem , & conservação do Estado me consta, que sendo livres , se lugeitaraõ a nos servir , & ajudar ameadade do tempo de sua vida. So resta saber qual será o preço destes , que chamamos meynos cativos , ou meynos livres , com que se

lhe pagará o trabalho do seu serviço. He materia , de que se rirá qualquer outra Nação do mundo, & só nesta terra se não admira. O dinheiro desta terra he pano de algodão; & o preço ordinario porque servem os Indios , & servirão cada mez, são duas varas deste pano , que valem dous tostões. Donde se segue, que por menos de sete reis de cobre servirá hum Indio cada dia. Couza, que he indigna de se dizer, & muito mais indigna , de que por não pagar tam leve preço , haja homens de entendimento, & de Christandade, que queiraõ condemnar suas almas , & ir ao inferno.

## §. V.

357 **P**Ode haver couza mais moderada? Pode haver couza mais posta em razão, que esta ? Quem se não contentar, & não satisfazer disto, hũa de duas , ou não he Christão , ou não tem entendimento. E se

E senão, apertemos o ponto, & pezem os bens, & os males desta proposta.

358 O mal he hum só, que será haverem alguns particulares de perder alguns Indios, que eu vos prometo, que sejaõ muy poucos. Mas aos que nisto repararem pergunto: Morreraõvos já alguns Indios? Fugiraõvos já algus Indios? Muitos. Pois o que faz a morte, porque o não fará a razaõ? O que faz o successo da fortuna, porque o não fará o escrupulo da consciencia? Se vieraõ as bexigas, & volos leváraõ todos, que haviẽs de fazer? Haviẽs de ter paciencia. Pois não he melhor perdelos por serviço de Deos, que perdelos por castigo de Deos? Isto não tem reposta.

359 Vamos aos bens, que são quatro, os mais consideraveis. O primeiro he ficares com as consciencias seguras. Vede que grãde bem este. Tirarseha este povo do estado de peccado mortal: vivireis como

Christãos, confessarvos heis como Christãos, morrereis como Christãos, testareis de vossos bens como Christãos; em fim hireis ao Ceo, não hireis ao inferno, ao menos certamente, que he triste coufa

360 O segundo bem he, que tirareis de vossas casas esta maldiçaõ. Não ha mayor maldiçaõ numa casa, nem numa familia, que serviu-se com supor, & com sangue injusto. Tudo vai para traz: nenhũa coufa se logra: tudo leva o diabo. O paõ, que assim se grangea, he como o que hoje offereceo o diabo a Christo; paõ de pedras, que quádo se não atravessa na garganta, não se póde digerir. Vede-o nestes, que tiraõ muito paõ do Maranhão, vede se o digerio algum, ou se se lhe logrou algum? Houve quem se lhe atravessou na garganta, que nem confessarse pode.

161 O terceiro bem he, que por este meyo hayera muitos resgates, com que

que se tirarão muitos Índios; que doutra maneira, não os haverá. Não dizeis vós que este Estado não se póde sustentar sem Índios? Pois se os Certoens se fecharem, se os resgates se prohibirem totalmente, mortos estes poucos Índios que ha, que remedio tendes? Importa logo haver resgates, & só por este meyo se poderão conceder.

362 Quarto, & ultimo bem; que feita hũa proposta nesta fórma, será digna de ir às mãos de Sua Magestade, & de que Sua Magestade a approve, & a confirme. Quem pede o illicito, & o injusto, merece que lhe neguem o licito, & o justo; & quem requerere com consciencia, cõ justiça, & com razaõ, merece que lhã fação. Vós sabeis a proposta, que aqui fazieis? Era hũa proposta, que nem os vassallos a podião fazer em consciencia; nem os Ministros a podião consultar em consciencia; nem o Rey a podia conce-

der em consciencia. E ainda que por impossivel ElRey tal permitisse, ou dissimulasse: de que nos servia isso, ou que nos importava? Se ElRey permitir que eu jure falso, deixará o juramento de ser peccado? Se ElRey permitir que eu furte, deixará o furto de ser peccado? O mesmo passa nos Índios. ElRey poderá mandar que os cativos sejaõ livres; mas que os livres sejaõ cativos, não chega lá sua jurdiçaõ. Se tal proposta fosse ao Reyno, as pedras da rua se haviaõ de levantar contra os homens do Maranhão. Mas se a proposta for licita, se for justa, se for Christãa, as mesmas pedras se porãõ de vossa parte, & quererá Deos que não lejaõ necessãrias pedras, nem pedreiras. Todos afinaremos, todos informaremos, todos ajudaremos, todos requereremos, todos encomendaremos a Deos, que elle he o Author do bem, & não póde deixar de favorecer intentos tan-

to de seu serviço. E tenho dito.

§. VI.

363 ○ Ra Christãos , & senheres da minha alma , se nestas verdades , & defenganos , que acabo de vos dizer , se nesta minha breve proposta consiste todo o vossô bem ; & toda a vossa esperança espiritual , & temporal ; se lô por este caminho vos podeis segurar nas consciencias ; se por este caminho vos podeis salvar , & livrar vossas almas do inferno ; se o que se perde , ainda temporalmente , he tam pouco , & pôde ser q não seja nada ; & as conveniencias , & bens , que dahi se esperaõ , saõ tam consideraveis , & tam grâdes : que homem haverá tam máo Christão , que homem haverá tam mal entendido , que homem haverá tam esquecido de Deos , tam cego , tam desleal , tam inimigo de si mesmo , que se não contente

de hũa cousa tam justa , & tam util , que a não queira , que a não approve , que a não abraçe ? Por reverencia de Jesu Christo , Christãos , & por aquelle amor com que aquelle Senhor hoje permitio ser tentado , para nos ensinar a ser vencedores das tentações ; que metamos hoje o demonio debaixo dos pês , & que vençamos animosamente esta cruel tentação , que a tantos nesta terra tem levado ao inferno , & nos vai levando tambem a nós. Demos esta vitoria a Christo , demos esta gloria a Deos , demos este triunfo ao Ceo , demos este pezar ao inferno , demos este remedio à terra , em que vivemos , demos esta honra à Nação Portugueza , demos este exemplo à Christandade , demos esta fama ao mundo.

364 Saiba o mundo ; saibaõ os Hereges , & os Gentios , que não se enganou Deos , quando fez aos Portuguezes Conquistadores , & Prêgadores de

seu Santo nome. Saiba o mundo que ainda ha verdade, que ainda ha temor de Deos, que ainda ha alma, que ainda ha consciencia; & que não he o interesse tam absoluto, & tam universal senhor de tudo, como se cuida. Saiba o mundo que ainda ha quem por amor de Deos, & da sua salvação, meta debaixo dos pés interesses. Quanto mais senhores, que isto não he perder interesses, he multiplicallos, he acrecentallos, he semeallos, he dallos à usura. Dizime Christãos, se tendes Fè: Os bens deste mundo, quem he, que os dá; quem he, que os reparte? Dizime, que Deos. Pois pergunto: Qual será melhor diligência para mover a Deos a que vos dê muitos bens, servilho, ou offendello? Obedecer, & guardar a sua ley, ou quebrar todas as leys? Ora tenhamos Fè, & tenhamos uso de razão.

365 Deos para vos sustentar, & para vos fazer ricos, não depende de

que tendes hum Tapuya mais, ou menos. Não vos pôde Deos dar mayor novidade com dez enxadas, que todas as vossas deligências com trinta? Não he melhor ter dous escravos, que vos vivaõ vinte annos, que ter quatro, que vos morraõ ao segundo? Não rendem mais dez caixas de assucar, que cheguem a salvamento a Lisboa, que quarenta levadas a Argel, ou Zelanda? Pois se Deos he o Senhor das novidades da terra, se Deos he o Senhor dos folegos dos escravos, se Deos he o Senhor dos ventos, dos mares, dos Coffarios, & das navegações; se todo o bem ou mal está fecho na mão de Deos; se Deos tem tantos modos, & tam façeis de vos enriquecer, ou de vos destituir: que locura, & que cegueira he cuidar que podeis ter bem algum, nem vós, nem vossos filhos, que seja contra o serviço de Deos? Faça-se o serviço de Deos, acuda-se à alma, & à consciencia,

&

& logo os interesses temporaes estarão seguros : *Quærite primum Regnum Dei , & iustitiam ejus , & hæc omnia adjicientur vobis.* Mas quando não fora, nem se seguraráo por esta via nossos interesses, faça se o serviço de Deos, acuda-se à consciencia, acuda-se à alma , & corte-se por onde se cortar, ainda que seja pelo sangue, & pela vida.

366 Dizeime Christãos: Se vos vireis em poder de hum tyranno , que vos quizesse tirar a vida pela Fè de Christo; que havieis de fazer? Dar a vida, & mil vidas. Pois o mesmo he dar a vida pela Fè de Deos , que dar a vida pelo serviço de Deos. Não ha mais cruel tyranno , que a pobreza, & a necessidade ; & padecer às mãos deste tyranno por não offender a Deos , tambem he ser Martyr , diz S. Agostinho. Nada disto hade ser necessario , como já vos tenho dito ; mas quem he Christão verdadeiro , hade estar com este animo , &

com esta resolução! 367 Senhor Jesu ; este he o animo , & esta a resolução , com que estaõ de hoje por diante estes vossos tam fieis Catholicos: Ninguem ha aqui , que queira outro interesse mais; que servirvos : ninguem ha , que queira outra conveniencia mais, que amavos: ninguem ha, que tenha outra ambição mais , que de estar eternamente obediente, & rendido a vossos pès. A vossos pès está a fazenda , a vossos pès estaõ os interesses , a vossos pès estaõ os escravos , a vossos pès estaõ os filhos , a vossos pès está o sangue, a vossos pès está a vida; para que corteis por ella ; & por elles , para que façais de tudo , & de todos o que for mais conforme a vossa Santa Ley. Não he assim, Christãos? Assim he ; assim o digo ; assim o prometo a Deos em nome de todos. Vitoria pois por parte de Christo , vitoria , vitoria contra a mayor tentação do demonio. Mor-

ra o demonio, morraõ suas  
 tentações, morra o pecca-  
 do, morra o inferno, mor-  
 ra a ambição, morra o in-  
 teresse; & viva só o servi-  
 ço de Deos, viva a Fè, viva  
 a Christandade, viva a  
 consciencia, viva a alma,  
 viva a Ley de Deos, & o  
 que ella ordenar, viva  
 Deos, & vivamos todos:  
 nesta vida com muita a-  
 bundancia de bens, princi-  
 palmente os da graça; & na  
 outra por toda a eternida-  
 de os da Gloria. *Ad quam  
 nos, &c.*



S E R M A Õ  
 DAS CHAGAS DE  
 S. FRANCISCO,  
 P R E G A D O

Em Roma na Archi-irmandade das mesmas  
 Chagas, anno de 1672.

*Adimpleo ea, quæ defunt passionum Christi in  
 carne mea. Coloss. 1.*

§. I.



368 Segunda estâpa  
 de Christo cru-  
 cificado ( q̃ no  
 original Tos-  
 cano se diz com proprie-  
 dade, & elegancia, que  
 não cabe na nossa lingua, ll  
*Crucifisso Ristampato* ) por  
 ventura com *mayor*, &  
 Tom. 12.

melhor novidade, da que  
 prometem as segundas im-  
 pressões, ferà hoje a mate-  
 ria do meu discurso. O dis-  
 curso ferá meu: as palavras,  
 nem minhas, nem vossas.  
 Não minhas, porque de  
 lingua estranha; não vos-  
 sas, porque mal polidas, &  
 duramente pronunciadas.  
 Mas esta dissonancia tam  
 Y iij conhece

conhecida , a que me obrigastes, se supprirá com vêtagem, & ainda com armonia , nas mesmas Chagas de Francisco, que celebrarmos; se as ouvirdes a ellas, & não a mim.

369 Olhai, senhores , para aquellas Chagas. Oh que silencio ! Oh que vozes ! Oh que clamores ! Aquellas Chagas abertas são cinco bocas : aquelle sangue ardentemente gelado nellas , são cinco linguas , que ferindo os olhos mais cegos , penetraõ os ouvidos mais surdos. Ou as vejais como Chagas de Christo impressas em Francisco, ou como Chagas de Francisco transformado em Christo : de todo o modo são bocas, são linguas , são vozes. Das Chagas de Christo disse Ruperto :

Rupert.

*Quot in Christi corpore plagæ, tot linguæ; & das Chagas de hum pobre chagado, como Francisco, disse*

Chyfol.

*Chrysologo : Ut in admonendo divite tot essent pauperis ora, quot vulnere. A estas vozes convido hoje ,*

senhores, não os vossos ouvidos , senão os vossos olhos. Quando Deos dava a Ley a Moyfes no monte Sinay , diz o Texto sagrado que o povo todo estava vendo as vozes : *Populus autem videbat voces.* Exod. 20. 18. Nota-vel dizer ! O ver he açcaõ dos olhos : as vozes são objecto dos ouvidos ; pois como se viaõ as vozes ? Estava o monte Sinay ardendo em chamas : estava Moyfes transportado em Deos *facie ad faciem* : estava o mesmo Deos feito Elcutor imprimindo caracteres nas taboas da Ley : & à vista de hũa visãõ tam estupenda , sabiraõ os sentidos humanos fóra de sua esfera ; & viaõ os homens com os ouvidos , & ouviaõ com os olhos : *Populus autem videbat voces.*

370 Assim he. Passemos do monte Sinay ao monte Alverno, que vai o amor de monte a monte. Arde o monte todo em labaredas Seraficas : Francisco arrebatado , & extatico de face a face com Christo :  
Christo

Christo Escultor , Impresor Divino estampando nelle as suas Chagas: Christo fora de si transformado em Frâncisco: Frâncisco fora de si transformado em Christo. Sayaõ logo tambem fora de si os sentidos , & transformando-se os ouvidos em olhos: os olhos ouçaõ , & os ouvidos vejaõ. Os ouvidos , já que não tem que ouvir nas minhas palavras , vejaõ: & os olhos , já que tem tanto que ver nas Chagas de Francisco, ouçaõ. Os olhos ouvirão bem , vendo bem: os ouvidos verão bem , ouvindo mal. E que haõ de ver , & ouvir ? O que disse no principio: A Imagem de Christo segunda vez estápada. Este he o meu assumpto.

## §. II.

371 **M**As porq̄ razaõ , saibamos , quiz Christo restampar as suas Chagas? porq̄ quiz fazer esta segunda escultura , & esta segunda impressãõ dellas , A razaõ está nas palavras ,

que tomei por thema: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* Aquelle , *ad* , no Texto Original he *re* ; *reimpleo*. Quando a primeira impressãõ sahe defeituosa , faz-se segunda impressãõ mais correctã , em que se emendaõ os defeitos da primeira. Isto he , o que fez Christo. Tornou a restampar as suas Chagas em Francisco para emendar nesta segunda impressãõ os defeitos da primeira estampa. *Quæ desunt* ; eis-ahi os defeitos: *Reimpleo* ; eis-ahi a reimpressãõ: *Passionum Christi* ; eis-ahi as Chagas: *In carne mea* ; eis-ahi o corpo de Francisco. Que este lugar se entenda particularmente das Chagas de Christo , & das Chagas de Christo depois de subir ao Ceo communicadas na terra a hum substituto do mesmo Christo , qual era S. Francisco ; assim o dizem S. Joã Chrysostomo , & Theofil. So : *Quemadmodum si , Duce* <sup>Chryf.</sup> *Exercitus abeunte , Subim-* <sup>Theo-</sup> <sup>philact.</sup> *perator*

*perator in ejus locum constitutus vulnera ipsius recipiat.*

372 Mas vejo que me dizem todos: Defeitos nas Chagas de Christo ? Naquellas Chagas de infinito preço, de infinito valor, de infinito merito, de infinita perfeição, pôde caber algum defeito ? Primeiramente a palavra não he minha, senão de S. Paulo, que fallava com muita Theologia, & com muita reverencia. Isto quer dizer: *Ea, quæ desunt.* E na lingua Grega, em que S. Paulo escreveo, ainda está mais expressa a mesma palavra. Por onde a Versão Syriaca em lugar de *quæ desunt*, trasladou, *defectus: Adimpleo defectus passionum Christi.* Pois que defeitos foraõ estes das Chagas de Christo ? Claro está que não foraõ, nem podiaõ ser defeitos do Original, mas foraõ defeitos da impressão. Na primeira impressão das Chagas de Christo no monte Calvario, se bem se consideraõ todas suas circumstancias, achareis que hou-

ve tres defeitos: hum da parte dos Impressores, outro da parte dos instrumentos, outro da parte das mesmas Chagas impressas. E todos estes defeitos foraõ correctos, & emendados na estampa do monte Alverno, quando segunda vez se restampáraõ as mesmas Chagas no corpo de Francisco: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* Agora vos peço attençaõ.

## §. III.

373 **C**omeçando pelo primeiro defeito da parte dos Impressores: os Impressores das Chagas de Christo no Calvario foraõ os Ministros da Synagoga, armados de odio, de ira, de enveja, de injustiça, de crueldade. E por esta circumstancia de tanta impiedade, & horror, a mesma Paixão de Christo, que da parte do Crucificado era o mais agradável sacrificio: da parte dos crucificadores foi o mais abomi-

abominavel sacrilegio. Este foi o fel do Caliz da Paixaõ: *Dederunt ei vinum cum felle mixtum.* Da parte do sacrificio era vinho: da parte do sacrilegio era fel; & por isso o Senhor o não quiz beber: *Cùm gustasset, noluit bibere.* E como no Caliz da Paixaõ hia misturado o vinho com o fel: como na impressãõ das primeiras Chagas, pela maldade dos Artifices, o sacrificio foi misturado com o sacrilegio, o amor com o odio, & a innocencia cõ o peccado: este foi o primeiro defeito, que Christo quiz emendar na segũda estampa. Por isso mudou os Artifices; por isso fez que os Impressores desta segunda estampa fossem hum Serafim transformado em Christo, & o mesmo Christo revestido de Serafim; para que tudo aqui, & de todas as partes fosse amor; & para q̃ nós, que não podemos ver as Chagas de Christo em Christo sem horror da impiedade humana, vissemos

as Chagas de Christo em Francisco lò cõ admiraçaõ, & palmo do amor Divino.

374 Este digo que foi o pensamento de Christo, & vede se o provo. Morre, & padece Christo no Calvario, & naõ contente com haver morto, & padecido hũa vez, torna a renovar a mesma Paixaõ, & a mesma morte no Mysterio sacrosanto da Eucharistia. E porque? O sacrificio da morte de Christo hũa vez padecido não bastava para preço da Redempçaõ, para remedio do mundo, para propiciaçaõ do Padre, para exemplo, & exemplar dos homens? Sim bastava, & sim bastou. Antes essa era a differença do Sacerdocio de Christo ao Sacerdocio de Araõ, como notou S. Paulo: *Hoc enim fecit semel se ipsum offerendo.* Araõ como Sacerdote sómête homem multiplicava os sacrificios, como se multiplicavaõ os peccados, porêm Christo, q̃ era Sacerdote homê, & juntamente Deos, q̃ era Sacerdote, & juntamente

Hebr.  
7.27.

Match.  
27.34.

Ibid.

mente sacrificio, q̄ era sacrificio offerecido hũa vez jũtamente por todos os peccados do mundo, bastou q̄ hũa sò vez morresse, & hũa sò vez se sacrificasse: *Hoc enim feci semel seipsũ offerẽdo.*

375 Pois se bastava, & bastou para remedio do mundo, que Christo se sacrificasse, & morresse hũa sò vez; porque renova segunda vez a mesma morte, & a mesma Paixaõ no Sacramento? Disse-o admiravelmente o Profeta Isaias:

Isai. 25  
6. *Faciet. Dominus in monte hoc convivium pinguium vindemiæ defecatæ.* Institubio Christo em forma de convite o sacrificio de seu Corpo, & Sangue, diz o Profeta, & tornou a renovar segunda vez no monte Siaõ a mesma morte, & o mesmo sacrificio, que tinha offerecido no monte Calvario; para que aquelle sacrificio, que lá esteve misturado com fezes, aqui ficasse puro, & defecado: *Convivium pinguium vindemiæ defecatæ.* Ora vede, O Sangue derramado

no sacrificio da Cruz, era o mesmo Sangue purissimo consagrado no Sacramento; mas esse Sangue na Cruz esteve misturado, & como envolto nas fezes do odio, da maldade, & do peccado sacrilego dos Ministros, que o derramáraõ. Que fez pois Christo para emendar este defeito? Torna a reiterar, torna a renovar segunda vez o mesmo sacrificio, & a mesma morte no Sacramento, sendo o seu amor, & elle por si mesmo o Ministro; para que o Sangue, que na Cruz, por parte dos Ministros impios, fora misturado com fezes, no Sacramento se tirasse em limpo, & ficasse totalmente puro, & defecado: *Vindemiæ defecatæ.*

376 Desejei hum Santo Padre, que o dissesse assim; mas darvos hei hum Author, que val por todos os Padres, David. Vio David a Christo com hum Caliz na maõ; & com termos difficultosos de entender diz que este Caliz esta-  
va

va cheyo de vinho puro, & misturado: *Calix in manu Domini vini meri plenus mixto*. Se o vinho do Caliz era puro, *Vini meri*; como era misturado, *Plenus mixto*? & se era misturado, como era puro? Tudo era; porque era o Caliz da Paixão de Christo, o qual foi juntamente puro, & misturado: puro, pela santidade, & innocencia do Sangue de Christo: misturado, pelas fezes do peccado, & maldade dos que o derramárao. Este Caliz de sua Paixão vio David q̄ tinha Christo na mão: & que fez o Senhor com elle? Ouvi, & pasmai. *Inclinavit ex hoc in hoc, verumtamen fœx ejus non est exinanita*. O que atêgora era hum Caliz, já são dous Calices, ( como advertidamente notou Euthímio ) hum o Caliz da Cruz, outro o Caliz do Sacramento, que em substancia são o mesmo. Tendo pois Christo em hũa mão o Caliz de sua Paixão, toma na outra mão o Caliz, em que ha-

via de consagrar o Sacramento: *Et inclinavit ex hoc in hoc* & lançou, & passou o Caliz da Paixão ao Caliz do Sacramento: *Verumtamen fœx ejus non est exinanita*, porém ficárao as fezes de fóra; porque ficou de fóra o peccado, & maldade dos impios Ministros; para que até aquella parte, que teve na Cruz o odio, a tivesse no Sacramento o amor.

377 O mesmo estylo guardou Christo na segunda impressão das suas Chagas. Assim como lá reiterou a sua Paixão, & a passou ao Sacramento; assim cá reiterou as suas Chagas, & as sacramentou em Francisco: & assim como no Sacramento foi elle, & o seu amor o Ministro; assim na impressão das Chagas foi elle, & o seu amor o Artifice: para que aquellas cinco brechas da Divindade, que abertas no Corpo do mesmo Christo, por parte dos executores dellas; foraõ assombradas da fealdade, & horror; purificada

da esta circumstancia no corpo de Francisco, ficafem nelle por outras tantas partes fermosas, & vistas a todas as luzes, amaveis. Se vos não dais por fatisfeitos com a paridade, vamos às mefmas Chagas, & seja Christo o Interprete do feu pensamento.

378 Sobe Christo triunfante ao Ceo no dia de sua gloriosa Ascensão; virão os Anjos os sinaes vermelhos, de que hia matizado o sagrado Corpo: cuidárao ao longe, q̄ erao rubis de estranha fermosura; mas divisando de mais perto que erao Chagas, perguntárao admirados:

Zachar.  
13.6.

*Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum?* Rey, & Senhor nesso, que he o que vemos? Isto he o que fostes buscar ao mundo? Isto he o que trazeis de lá? Que Chagas são estas? Eu não me admiro do que se admirárao os Anjos; admiro-me do que respondeo Christo: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.* São hūas Cha-

Ibid.

gas, diz Christo, que recebi na casa dos q̄ me amavao. Na casa dos que me amavao? Todos estais vendo a duvida. O monte Calvario patente, & descuberto, era casa? Os homicidas, ou deicidas deshumanos, que crucificárao a Christo, cheyos de odio, de raiva, de vingança, amavao a quem tirárao a vida? Claro está que não: pois como diz Christo que recebeo as Chagas, *In domo eorum, qui diligebant me*, na casa da quelles, que o amavao? Tomára ouvir a resposta; mas eu a darei.

379 Christo recebeo duas vezes as Chagas: hūa vez em carne mortal, outra vez depois de resuscitado. A primeira vez forao recebidas num monte por mãos dos que tanto o aborreciao: a segunda vez forao recebidas numa casa por mãos dos seus mayores amigos. Entrou Christo a portas fechadas na casa, onde estavao os Apóstolos: & ahi lhe tornou a abrir as Chagas a incredulidade

dulidade devota ; & amoro-  
rola de Thomè: *Infer digi-  
tum tuum huc , & vide ma-  
nus meas : & affer manum  
tuam , & mitte in latus meū.*

Metesta mão , & vê bem  
estas Chagas de minhas  
mãos , & lado. Esta foi a  
segunda vez , que se ras-  
gáraõ as Chagas de Chri-  
sto. Ouvi a S. Pedro Chry-  
sologo: *Ea vulnera , quæ  
manus infixit impia , devota  
dextera nunc resulcat: latus,  
quod impij militis lancea pa-  
tesfecit , refodere manus niti-  
tur obsequentis.* E como as

Chagas de Christo foraõ  
segunda vez abertas na-  
queella casa , em que esta-  
vão os Apostolos , que tão-  
to o amavaõ ; por isso Chri-  
sto disse com toda a verda-  
de : *His plagatus sum in do-  
mo eorum , qui diligebant me.*

Está verificada a proposi-  
ção ; mas a razão não está  
dada. Se as Chagas foraõ  
abertashũa vez no Calva-  
rio , & outra vez na casa  
dos Apostolos ; porque  
responde Christo com esta  
segunda abertura das suas  
Chagas , & não com a pri-

meira ? Porque sendo o  
dia de seu triumpho , & da lua  
mayor gala , & magestade ,  
quiz acodir pela fermosura,  
& pelo decoro das suas  
Chagas : quiz honrar a  
obra com o nome do Ar-  
tifice , por isso calou o odio,  
& publicou o amor.

380 As Chagas rece-  
bidas por mão do odio ,  
ainda que tam Divinas , ti-  
nhaõ sombras de fealdade ,  
& de horror ; porèm rece-  
bidas por mão do amor ,  
todas , & por todas as par-  
tes eraõ bellas , & fermos-  
las. Esta foi a razão , por-  
que Christo respondeo :  
*His plagatus sum in domo  
eorum , qui diligebant me.*  
E este foi o primeiro moti-  
vo , porque transformado  
em hum Serafim de amor ,  
tornou a restampar as  
mesmas Chagas em Fran-  
cisco: supprindo desta for-  
te na segunda estampa o  
erro , & o defeito , q̃ tinha  
cometido na primeira o o-  
dio dos Impressores: *Adim-  
pleo ea , quæ desunt passio-  
num Christi in carne mea.*

## §. IV.

381 **D**A parte dos instrumétos (q̄ he a segunda circumstancia, & o segundo defeito) tambem houve muito que emendar na segunda impressão. Os instrumentos, com que a primeira vez se imprimirão em Christo as suas Chagas, foraõ os cravos, & a lança. Contra estes dous instrumentos tenho grandes queixas. E bem lenho mais que duro, & bem ferros mais que de ferro, assim vos atreveis contra vosso Deos, contra vosso Creator? porque vos não abrandastes? porque vos não rompestes? porque vos não desfizestes naquella hora? Nos martyrios dos defensores deste mesmo Christo, quantas vezes se rompêraõ os lenhos nas rodas, & nas catastas? Quantas vezes se fizeraõ de cera as lanças, & as espadas? Mas não quero afrontarvos com injurias tam remotas. Neste

mesmo dia; & neste mesmo monte, & em todo o mundo não tremeo a terra? não se rompêraõ as pedras? não se escureceo o Sol? não se rasgou o véo do Templo, confessando todas as creaturas que padecia o Author dellas; Pois a Cruz, & os cravos, a quem o caso tocava de mais perto, porque se não abrandão? porque se não espedaçãõ? porque não acompanhãõ na dor, & no sentimento a toda a natureza?

382 Este foi o defeito dos instrumentos na primeira impressão das Chagas de Christo. Mas vede como o emendou Francisco na segunda estampa. Nos pês & mãos de Francisco não só se viaõ as Chagas abertas, mas no meyo de cada hũa dellas estava hum cravo formado da mesma carne, que as trespassava, negro, ou entre negro, & azul da cor de ferro. Mais admiro estes cravos, que as mesmas Chagas. No Crucifixo Christo pade-  
ciãõ

cião as mãos, padecião os pès, padecião as Chagas; mas os cravos duros, & insensíveis não padecião. Põem no Crucifixo Francisco não só os pès, & as mãos, não só as Chagas em carne viva, mas também os cravos padecem. No Calvario quebrádo-le as pedras mostrando dor; mas não tinhaõ dor, porque eraõ insensíveis: os cravos mais duros que as pedras, nem tinhaõ dor, nem mostravaõ dor, antes causaõ acerbißimas dores; & porque em Christo causaõ dores, por isso em Francisco são capazes de dor. Cravos vivos, cravos sensitivos, cravos racionaes, para que conhecendo a razão de sentir, padecessem a dor, & mais a causa. Oh Espirito! Oh amor mais q̄ miraculoso!

383 Apprehendeo o amor de Francisco tam viva, tam forte, tam dolorosamente o tormento, & offensa daquelles cravos, que os transformou, & os informou, & os vivificou

em si mesmo. Não tem parrelha esta maravilha: só em Moyfes teve hũa semelhãça. Estava Moyfes com Deos naquelle monte, onde tambem orou, & jejuou outros quarenta dias como Francisco: reveloulhe Deos o que passava no campo, & no Exercito, & como lá estava o ingratißimo Povo adorando hum bezerro, & publicando a vozes que aquelle era o Deos, que os libertára do Egypto. E que succedeo a Moyfes neste caso? Desce Moyfes do monte, olhaõ todos para elle, & vem que na testa (fosse a materia qual fosse) lhe tinhaõ nascido, & sahido duas pontas: *Ignorabat quòd cornuta esset facies sua.* Pois duas pontas, & de tam feyo nome na cabeça de Moyfes nesta occasiã, & não em outra? Sim; porque como era taõ amante de Deos, & tam verdadeiro zelador de sua gloria, transformou em si mesmo os instrumentos das offensas de seu Senhor.

Exod  
34.29.

Como

384 Como o Povo offendia bruta-mente a Deos idolatrando, & o instrumento bruto desta offensa era hum bezerro com duas pontas na testa; foi tal a força da dor, do amor; & do zelo de Moyses, que transformou em si, & informou, & vivificou esses mesmos instrumentos na parte mais sensível de si mesmo: *Quòd facies ejus esset cornuta.* Ah zelador da honra de Deos, mais zelante que Moyses! Ah amador de Deos, mais amante que Moyses, Francisco! Do vosso adorado Crucifixo disse o Profeta: *Cornua in manibus ejus*: dando este fero nome áquelles duros cravos; mas porque elles foraõ duros, & feros, vòs os transformastes em vòs, desafiando a sua dureza no vosso sentimento, & emendando a sua insensibilidade na vossa dor.

Habac.  
3.4.

385 Assim supprio Francisco o defeito dos cravos, & assim també o da Cruz, que foi o segundo instru-

mento, que concorreo duramente á impressãõ das primeiras Chagas. Notou S. Boaventura que os cravos das Chagas de Francisco, não só lhe traspassavaõ as mãos, & os pès, senão que da parte opposta estavaõ torcidos, dobrados, & como rebatidos: *Ipsa verò acumina oblonga, retorta, & quasi repersussa.* Grande mytherio. Os cravos pregaõ-se no Crucificado, mas não se dobraõ, nem se rebatem, senão na Cruz: logo São Francisco era o Crucificado, & mais a Cruz juntamente. Mas porque era também Cruz? Para emendar o defeito da Cruz de Christo. Na Cruz de Christo padecia o Crucificado, mas a Cruz não padecia. Por isso Francisco se fez a si mesmo Cruz, para ser Cruz padecente. Agora reparai na differença de hũa Cruz a outra Cruz. Na Cruz do Calvario padecia Christo, porque estava em carne mortal; mas a Cruz não padecia, porque era insen-

insensível : na Cruz de Francisco, Christo não padecia, porque estava já immortal, & glorioso ; mas a Cruz padecia , porque era Cruz viva, Cruz sensitiva, Cruz racional: passível, & verdadeiramente padecente. Assim o disse o mesmo Christo por boca de David, gloriando-se não pouco desta nova Cruz. Ouve o passível, em que ha muito, que ouvir.

386 *Infixus sum in limo profundi, & non est substantia.* Falla o Profeta literalmente de Christo, como entendem todos os Padres, & Interpretes: & diz Christo que se crucificou a si mesmo no barro do profundo : *In limo profundi.* Já a Cruz de Christo não he de madeira, senão de barro. E que Cruz de barro, ou que barro feito em Cruz foi este? S. Bernardo diz que foi o barro de Adão: aquelle barro, de que diz o Texto sagrado: *Formavit Deus hominem de limo terra.* As palavras de Bernardo são estas: *Fortasse*

*Cruz ipsa nos sumus, cui Christus memoratur infixus. Homo enim formam Crucis habet ; quam , si manus extenderit , exprimit manifestus. Loquitur autem Christus in Psalmo: Infixus sum in limo profundi: limum quidem nos esse manifestum est, quoniam de limo plasmati sumus.* Demaneira q̄ quando Deos, tomando a natureza humana, unio a si o nosso barro, entãõ diz S. Bernardo que se crucificou Deos em hũa Cruz de barro ; porque se crucificou no homem. A razão porque não pôde subtilir a segunda parte desta interpretação, logo a vereis. Que Cruz de barro foi logo esta?

387 Digo que foi S. Francisco ; porque sendo barro como os outros homens, foi o barro do profundo : *Infixus sum in limo profundi.* Olhar para todo o genero humano, para toda esta massa do barro de Adão : na superficie, & no alto estãõ os soberbos, barro, que todo se desfaz

Z em

Bernard  
Serm. 4.  
in vigil.  
Nativit.

salmo.  
8. 3.

encf.  
7.

em vapores: no meyo estaõ os que não são soberbos, nem humildes: no fundo estaõ os humildes: & no mais profundo deste fundo quem está? Francisco, que foi o mais humilde de todos os humildes. Este barro pois do profundo foi a Cruz, em que Christo se crucificou: *Infixus sum in limo profundi.* O mesmo Profeta o declarou, ajuntando a differença individual de Francisco: *Infixus sum in limo profundi, & non est substantia.* Santo Agostinho: *Et non est substantia, id est, non sunt divitiæ; quia ipse ille limus paupertas erat.* Substância quer dizer, riquezas, & bens temporaes. Assim se diz do Prodigio: *Dissipavit omnem substantiam.* E este barro do profundo, em que Christo se crucificou, era tam pobre, que era a mesma pobreza: *Quia ipse ille limus paupertas erat.* Vede se era Francisco, & se he esta a sua differença individual: *Infixus sum in limo profundi, & non est substantia.*

S. Aug.

Luc. 15.  
13.

388 Os que querem engrandecer a semelhança destas duas estampas, dizem: Despi a Francisco, & vereis a Christo: vesti a Christo, & vereis a Francisco. Isto significaõ aquelles dous braços cruzados, hum nũ, outro vestido, ambos chagados. Perdoai-me, senhores: não pintais bem, ou trocai os pensamentos: O braço vestido he o de Christo, o nũ he o de Francisco. Porque? Porque, *non est substantia.* A pobreza de Christo, em quanto exemplar nosso, foi mais conveniente; mas a pobreza de Francisco, em quanto pobreza, foi mais nua, & mais pobre; porque Christo, além do dominio alto de todo o universo, he de Fè, & assim está definido, que ou em particular, ou em commum, teve dominio de algũas cousas. Mas em Francisco, *Non est substantia*; porque nem em particular, nem em commum, teve dominio de coula algũa. Os vestidos de que despiraõ a Christo na

na Cruz, eraõ de Christo: a tunica, de que está vestido Francisco, não he de Francisco. Logo o braço de Francisco he o braço nõ, ou se deve tambem despir o braço de Christo. Mas se ambos nõs, ambos chagados, onde acharemos a differença? Só a Fè lha põde achar, & assim o advertio o mesmo Texto.

389 *Infixus sum in limo profundi, & non est substantia.* Lê o Grego: *Et non est hypostasis.* A differença de hum Crucificado a outro Crucificado, he, que num ha uniaõ hypostatica, no outro não. A Humanidade de Christo, como dizia S. Bernardo, foi a Cruz de barro, em que se crucificou a Divindade; & o corpo de Francisco foi a Cruz tambem de barro, em que se tornou a crucificar a Humanidade de Christo. E para que? Para supprir na segunda Cruz os defeitos da primeira. Porque a primeira Cruz foi hũa Cruz dura, hũa Cruz cruel, hũa Cruz def-

humana, hũa Cruz, que mostrando dor, & sentimento atè as pedras, sò ella se mostrou insensivel: seja logo Francisco hũa segunda, & nova Cruz, Cruz sensitiva, Cruz humana, Cruz amorosa, Cruz crucificada, Cruz, que tome em si as dores, Cruz, que não cause as penas, mas as padeça: Cruz em fim, que desfaça, & emende os defeitos da primeira: *Adimpleo ea que defunt passionum Christi, in carne mea.*

## S. V.

390 **O** Terceiro; & ultimo defeito foi das mesmas Chagas impressas. Porque ainda que as Chagas dos pès, & mãos, toraõ perfeitas Chagas, a Chaga do Lado, que era a que mais pertencia ao coração, foi Chaga imperfeita, & quasi não foi Chaga, nem Christo a estimoou tal; porque foi Chaga sem dor. Na ultima hora, & quasi nas ultimas respirações da vida, disse Christo:

Joann.  
19. 28.

Ibid.

Job 16.  
14.

sto : *Sitio* : Tenho sede ; & disse , *Sitio* , diz o Evangelista ; porque sabia o Senhor que já estavaõ acabados todos os tormentos da Paixão , & compridas todas as Escrituras : *Sciens , quia omnia consummata sunt , dixit : Sitio*. Devagar , Senhor meu : Nas Escrituras está profetizado que haveis de padecer o golpe da lança : *Circumdedit me lanceis suis , convulneravit lumbos meos*. Pois se ainda falta a Chaga do Lado , & a ferida da lança ; porque dizeis que está tudo acabado : *Omnia consummata sunt* ? Porque a ferida da lança foi ferida , que a não havia de sentir Christo ; porque a havia de receber depois de morto : & feridas , que se não sentem , ainda que sejam no coração , não são feridas. A Chaga do Lado era Chaga sem dor : & Chaga sem dor , não he Chaga. Por isso S. João discreta , & advertidamente não disse que feriraõ o Lado a Christo , senão que lho abrião , co-

mo agudamente notou S. Agostinho : *Vigilanti ver- s. Aug. boufus est , ut non diceret , latus ejus percussit , aut vulneravit*. Não disse que a lança ferio o Lado , senão que o abriu : *Latus ejus aperuit* ; porque feridas , & Chagas , que não doem , não são Chagas , são aberturas : *Aperuit*.

391 Sentio Christo tanto este defeito , ou esta falta de dor na Chaga do teu coração , que não pedindo a seu Padre , que o dispensasse de algum outro tormento , só do golpe da lança pediu que o livrasse : *Erus à framea , Deus animam meam*. Senhor , livraime da lança , que me ha de rasgar o peito , mas não me ha de caular dor. E que respondeo o Padre a esta petição ? *Framea suscitare super Pastorem meum , & super virum coherentem mihi*. Já que , Filho meu , repugnais tanto essa lança , porque não haveis de sentir o golpe della ; eu vos prometo que assim como vos heide resuscitar a vós ,

reluf-

Joann.  
19. 34.

Psaln.  
21. 21.

Zachar.  
13. 7.

refulcitarei tambem a mesma lança, & a meterei no peito de hum homem muito unido comigo, & Pastor do meu rebanho, para que se suppra na sua dor a falta da vossa. Já que vòs não padecestes a dor da lança da, Francisco a padecerá. Assim foi; & para que o vejais com os olhos, ponde-os naquelle galhardo mancebo, suspenso entre o Ceo, & a terra, pendente dos braços de hũa enfiha, espirante, alanceado, morto. Bem entendeis que fallo de Ablalaõ, figura de Christo crucificado, como dizem cõmummente os Interpretes. Figura de Christo, porque filho de David: figura de Christo; porque o mais fermoso dos homens; porque morto contra o preceito de seu pay; & finalmente, porque Ablalaõ quer dizer, *Filius patris*, o filho do padre. Nem descompoem o primor da figura os peccados de Ablalaõ; porque Christo na Cruz tinha sobre si todos os pec-

Tom. 12.

cados do mûndo; & particularmente o da desobediencia de Adãõ.

392 Só Joab parece q a descompoz totalmente; porque diz o Texto sagrado que pregou tres lanças no peito de Ablalaõ: *Infixit tres lanceas in corde Absalon*. Pois se Ablalaõ era figura de Christo, & o peito de Christo foi aberto com hũa só lança: *Lancea latius ejus aperuit*; como se vem tres lanças no peito de Ablalaõ? A segunda lança bem suspeito eu qual foi; porque vejo ao pè da Cruz aquella affligidissima Mãe, a quem disse Simeão: *Tuam ipsius animam* Luc. 2. *pertransibit gladius*. Qual foi logo a terceira lança, & qual o peito, que trespassou, & ferio? Claro está que foi o peito de Francisco; mas com admiravel propriedade, & differença. A lança, que abriu o peito de Christo, foi hũa só, mas as lançadas forão tres: hũa em Christo, outra em Maria, outra em Francisco. A de Christo ferio o

Z iij Corpo,

2.Reg.  
18.14.

Luc. 2.

35.

Corpo, mas não ferio a Alma: a de Maria ferio a Alma, mas não ferio o Corpo: a de Francisco ferio o corpo, & juntamente a alma. Christo recebeu o golpe, mas não sentio a dor: Maria sentio a dor, mas não recebeu o golpe: Francisco recebeu o golpe, & sentio a dor.

393 Mas, Francisco meu, segunda estampa de Christo: não bastará, que se conforme a estampa com o original? Se as vossas Chagas são sensitivas, & racionais, ponhamolas em razão. As quatro, q̄ Christo padece, padecei-as: a quinta, que elle recebeu, & não sentio, tende-a embora no peito, mas não a padeçais. Doeivos com Christo vivo, & doloroso; mas doervos tambem com Christo morto, quando já não padece, nem pôde padecer dor? Sim; porque a primeira dor foi compaixão, a segunda he fineza. Mostrará dor, & publicará sentimento na Paixão, & morte de Christo;

todas as creaturas insensíveis do Ceo, & todas as da terra; mas com hũa differença por ventura não advertida. O Sol escureceole em todas as tres horas, em que Christo esteve vivo na Cruz; tanto que o Senhor espirou, tirou o capuz o Sol, & tornou-se a revestir de luz, & alegrou o mundo, como dantes:

*A sexta autem hora tenebrae factae sunt super universam terram, usque ad horam nonam.* A terra não o fez assim: em quanto Christo esteve vivo na Cruz, estiverão suspensas todas as creaturas do mundo inferior; tanto que o Senhor espirou, treme a terra, quebra-se as pedras, abrem-se as sepulturas, rasga-se o veo do Templo: tudo confusão; tudo tristeza, tudo dor, tudo sentimento: *Exclamans voce magna emisit Spiritum: & ecce velum Templi scissum est in duas partes: terra mota est: petrae scissae sunt: & monumenta aperta sunt.* Pergunto agora: E qual foi mayor demonstração?

Math.  
27. 45.

Ibid. 50  
51. 52

monstração de amor , a do Ceo, ou a da terra? Em genero de fineza , não ha duvida que a da terra. O Ceo obrou como compassivo : a terra como fina. O Ceo como compassivo ; porque se condeu com quem padecia : a terra como fina : porque se doeu de quem já não padecia , nem podia padecer. Como a terra he a patria das dores , não he muito que em se saber doer venceffe ao Ceo.

394 Mas estes extremos, que entre o Ceo, & a terra estiverão divididos , ambos se unirão , & multiplicarão no coração de Francisco , que pôde ensinar amor ao Ceo , & à terra. Não se contentou com o conselho do Apostolo : *Hoc enim sentite in vobis, quod & in Christo Jesu.* Sentio o que Christo sentio , & o que não sentio tambem: padecente com Christo padecente, & padecente com Christo impassivel. Nas quatro Chagas padecête cõ Christo, porq̃ Christo as padecêto ; na quin-

ta Chaga padecênte por Christo, porque ainda que Christo a não padecêto, era Chaga de Christo. Este foi o porque. Mas para que ? Para que a dor , que faltou no Lado de Christo, se supprisse na dor do Lado de Francisco : *Adimpleo ea ; que desunt passionum Christi in carne mea.*

## §. VI.

295 **T**Enho acabado o meu discurso , & fo quizera que o fim delle fosse o mesmo fim , que teve Christo nesta segunda impressão das suas Chagas. Qual foi o fim em respeito de nòs , porque tornou a estampar Christo as suas Chagas em S. Francisco ? Só Roma como interprete de todos os Oraculos Divinos , o podia saber dizer , & ella o disse. *Qui frigescente mundo , ad inflammanda corda nostra tui amoris igne , in carne Beatissimi E. acisci passionis tue Stigmata renovasti.* Renovou Christo as suas

suas Chagas em Francisco, para que o mundo, que tanto se vai esfriando, se accendesse no fogo do seu amor. Pois para accender, & inflamar o mundo naquelle fogo, que Christo veyo trazer à terra, não seriaõ mais efficazes as Chagas do mesmo Christo? Não; porque as Chagas de Christo, ainda que accendem por hũa parte, por outra parte esfriaõ. Ao exemplo de Christo posso responder que elle era homem, & Deos; mas eu sou homem sómente. Esta escusa da nossa fraqueza he a que nos esfria. Mas ao exemplo de Francisco, que era homem como eu, não tenho outra resposta, senão arder como elle. São Paulo, que foi o S. Francisco do Apostolado: *Ego stigmata Domini Jesu in corpore meo porto*; que he o que dizia? que imitassemos a Christo, & as tuas Chagas? Não: *Imitatores mei estote, sicut & ego Christi*: não dizia que imitassemos a Christo, senão a

elle; porque para imitar a Christo, podia ter algũa escula a nossa fraqueza; mas para imitar a Paulo, puro homem como nós, não podemos ter nenhũa escula. Os rayos que despeidos do corpo do Sol não accedem, passados por hũa vidraça ferem logo. Por isto se entrou Christo crucificado naquelle espelho de Francisco: *Ut frigescente mundo, instamaret cor da nostra*.

396 E se he necessario que a materia esteja disposta: em nenhũa parte do mundo ha mais aparelhadas disposições, que nos corações de Italia. Grande calo he, & tam gloriolo como grande, que imprimindo Christo duas vezes as suas Chagas, ou visível, ou invisivelmente, ambas estas impressões se fizessem em Italia: as Chagas invisiveis em Catharina de Sena: as Chagas visiveis em Francisco de Assis. Oh gloriola Nação, escolhida, & amada de Christo para se transformar  
nella!

Gal. 6.  
17.

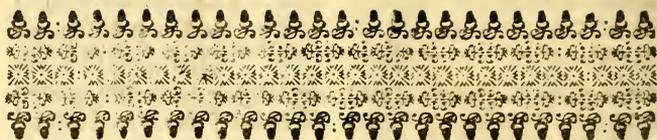
2. Cor.  
4.16.

nella ! Esta he aquella unica Nação, na qual se verificou o que tinha profetizado a Sabedoria da Imagem de Christo transformada: *Imago bonitatis illius: & in se permanens omnia innovat, & per nationes in animas sanctas se transfert.* Arda pois Italia neste Divino fogo, & arda Roma;

que se a cabeça do mundo arder, todo o mundo, por mais frio que esteja, se inflamará. E com esta ultima efficacia de suas Chagas supprirá tambem Frâncisco o effeito, que ainda falta às Chagas de Christo: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi, in carne mea.*



SER-



# S E R M A Õ

D E

## S. JOSEPH,

Dia em que fez annos El Rey D. João o IV. na  
Capella Real , anno de 1642.

---

*Cum esset desponsata Mater Iesu Maria Ioseph.*  
Matth. i. 18.

§. I

397



Uestaó foi muy duvidada entre os antigos, qual dia desta vida era mais felice, se o primeiro, se o ultimo; se o do nascimento, se o da morte. Daqui veyo, que seguindo varias gentes varias opi-

niões; hũas se alegravaõ nos nascimentos, outras os celebração com lagrimas; hũas se entristeciaõ nas mortes, outras as tolemnizavaõ com festas. Chegou finalmete a duvida ao Tribunal d'El Rey Salamaõ, o qual inclinando-se à parte, que parecia menos proveavel, resolveo que melhor

Ecclef.  
7.2.

lhor he o dia da morte, que o dia do nascimento : *Melior est dies mortis die natiuitatis*. Com isto estar resolutu , & definido assim na Escritura , hoje parece que temos a mesma questão ou concordada , ou resuscitada ; porque estamos por mercè de Deos em hũ dia tam glorioso por hũa morte , taõ felice por hum nascimento , que bem se póde competir dentro em si mesmo , ou a vencer felice suas glorias , ou a vencer glorioso suas felicidades. Consagrou-se este dia ás glorias do Ceo com a morte do mayor Santo , que nelle reyna , o Divino Esposo da Virgem Maria , S. Joseph : & consagrou-se outra vez o mesmo dia ás felicidades de Portugal , com o nascimento felicissimo do mais desejado Rey , & mais henemerito , ElRey nosso Senhor Dom Joaõ o IV. para que sobre os trinta & oito , que hoje conta , continue por muitos , & muy compridos annos as prosperidades , que

goza. Morre hoje Joseph , & nasce Sua Magestade. Que ventura tam reciproca ! Nem Joseph morrendo podia deixar no mundo melhor Substituto : nem Sua Magestade nascendo podia entrar no mundo cõ melhor Planeta.

398 Estando Christo Redemptor nosso na Cruz olhou para S. Joaõ , o Discipulo amado , & encarregoulhe que tivesse cuidado de servir , & acompanhar a sua Santissima Mãe. Reparaõ alguns Santos em não dar o Senhor este cargo a outro Apostolo , senão a S. Joaõ ; porque ainda que em São Joaõ concorriaõ todas as qualidades , em algũas era igualado , & em algũa excedido ; & para Mordomo da Rainha dos Anjos todos o excediaõ no attributo da ancianidade. Pois se era mais moço Joaõ , & havia outros amados , & mais parentes , porque não escolheu Christo a outro Discipulo , senão a S. Joaõ para este officio ? A razã foi ;  
porque

porque o officio de acompanhar, & servir á Senhora, era officio de S. Joseph, em quanto viveo: & para substituir em ausencias de Joseph, quem havia de ser, senão João? Não he menos que de S. Cypriano o pensamento: *Ut non tam Joseph oneretur tanti ministerii praepositura, sed Joannes.* Morrêra Joseph: vagára no mundo aquelle grande lugar; & para substituir em sua morte, para succeder em sua ausência, ninguem havia no mundo que estivesse a caber, senão, quem? João, o amado de Deos. João o amado de Deos substitue a Joseph: *Non tam Joseph, sed Joannes.*

399 E isto quando? No dia de seu nascimento. Parece que não pôde ser; porque nem o Real, nem o nascimento podem competir a S. João aqui. Ora tudo foi. Quando Christo deu a S. João o cuidado de servir á Senhora, as palavras que disse foraõ estas: *Mulier, ecce filius tuus.* Mu-

Joann.  
19.26.

lher, eis-ahi teu filho. *Dein.* Ibid. 27.  
*de dicit Discipulo: Ecce Mater tua:* João, eis-ahi tua Mãy. Mãy. & Filho, de que maneira? Mãy tinha S. João, mas era Maria Salome: Filho era, mas do Zebedeo. Pois se estes eraõ seus pays, como se chama João filho da Senhora, & a Senhora Mãy de João? He porque João tornou a nascer nesta hora, & nasceu só da Virgem por força das palavras de Christo. Authores houve, & entre elles expressamente S. Pedro Damiaõ, que disseraõ, que assim como as palavras, *Hoc est Corpus meum,* ditas hũa vez por Christo, tiveraõ força para converter o pão em Corpo do mesmo Christo; assim as palavras, *Mulier, ecce filius tuus,* tiveraõ força para fazer a S. João, & o converterem de filho do Zebedeo em filho de Maria.  
400 De maneira, que S. João teve dous nascimentos: hum nascimento natural, com que nasceu filho do Zebedeo; outro nasci-

nascimento sobrenatural, com que nasceo filho da Miy de Deos. Pelo primeiro nascimento nasceo nas prayas do Tiberiades; pelo segundo nascimento nasceo ao pè da Cruz. Pelo primeiro nascimento nasceo de geração humilde; pelo segundo nascimento nasceo da mais illustre, & Real profapia, que havia no mundo, filho de hũa Senhora, herdeira de hum Rey morto à mão de seus inimigos: *Jesus Nazarenus Rex Judeorum*. Assim nasceo S. Joã segunda vez, & assim foi necessario que nascesse, para succeder no lugar de S. Joseph, como succedeo; porque ló se pôde substituir dignamente a morte de Joseph, com que? com o nascimento Real de hum Joã, o amado de Deos: *Discipulum, quem diligebat: Mulier ecce filius tuus: Non tam Joseph, sed Joannes.*

## §. II.

401 **S**O vejo me podê reparar os curio-

los em fallar no dia de S. Joseph por termos de morte, sendo que mais devia com hum, & outro intento chamarlhe nascimêto; porque assim chama a Igreja às mortes dos Santos: *Natalitia Sanctorum*. Se eu não fora mais amigo da verdade, que da propriedade, assim o fizera; mas as mortes de outros Santos podem-se chamar nascimentos; a morte de S. Joseph não. As mortes de outros Santos podem-se chamar nascimentos; porque quando morrêrao à vida temporal, nascêrao à vida eterna Não assim S. Joseph. Como não estava ainda aberta a porta do Ceo, quando São Joseph morreo, não foi o Santo no dia de sua morte á Gloria, senão ao Limbo. Ao Limbo S. Joseph neste dia? Valhame Deos, que duvidolo horoscopo! Não sei eu como poderei provar o que entrei dizendo, que não se podia nascer com melhor Planeta. Dizem os Mathematicos, que nascer com

Bocarto  
in Ana-  
ceph-  
leosim  
Reg.  
Lufit.

com os Planetas debaixo da terra, he prognostico de infelicidades. Pois se S. Joseph neste dia seu o temos todo debaixo da terra, o corpo na sepultura, a alma no Limbo; que influencias podemos esperar deste Planeta em tam funesto sitio? Ora digo que he felicissimo auspicio ter neste nascimento a São Joseph debaixo da terra; porque ainda que os Planetas debaixo da terra tenham perigosas influencias, tirão-se por exceção os Planetas, que são Joses: os Planetas que são Joses, para influirem felizmente, hão de estar debaixo da terra.

402. Estava o Patriarca Joseph em Egypto: morreu; & diz o Texto sagrado, que depois de sua morte, crescerão muito os Israelitas em numero, & poder: *Quo mortuo, creverunt filii Israel quasi germinantes multiplicati sunt, ac roborati nimis, impleverunt terram.* Que os filhos de Israel crecessem pelos mere-

cimentos de Joseph, não me admira; antes assim havia de ser, que isso quer dizer Joseph, augmento, & crescimento: *Joseph accrescens.* O que me admira he, que crescessem os Israelitas depois d'elle morto: *Quo mortuo.* Se Joseph quer dizer crescimento, & os filhos de Israel crescerão por sua influencia, porq̃ não crescerão em sua vida, senão depois de sua morte? A razão he; porque para se lograrem as influencias de Joseph, ha de estar debaixo da terra. Delicadamente o tirou Hugo Cardeal do mesmo Texto. Diz o Texto que: *Creverunt quasi germinantes,* crescerão os filhos de Israel, assim como crescem as plantas. Bem dito, diz Hugo: *Uno grano emortuo, multa creverunt:* Crescerão os filhos de Israel como as plantas; porque assim conio as plantas, para nascerem, & crescerem, he necessario que a virtude de que nascem, se enterre primeiro debaixo da terra: assim pa-  
ra

EXOD. 1.  
7.

ra que a virtude de Joseph influisse augmentos nos filhos de Israel, foi necessário, que elle morresse, & se enterrasse primeiro: *Quo mortuo creverunt.* Os outros Planetas hão de estar em cima, mas os Jofes debaixo da terra.

403 Gratide advertência de Filo. Pode-se duvidar a razão, porque Joseph se mostrou tam benigno, & fez tantos favores, & mercês a seus irmãos, de quem recebeu tantos agravos. Digo que se póde duvidar, porque bem mostráráo os primeiros dous irmãos, Caím, & Abel, que não basta a razão de irmandade para abrandar corações. E se hum irmão refeitado mata; hum irmão offendido, que fará? Pois se Joseph estava tam offendido de seus irmãos, como se mostrou tam benigno; & liberal com elles? A razão disse Filo, que foi, por hũa palavra que disserão a Joseph os irmãos. Quando lhe deo conta de si; disserão que eraõ doze; os

dez que alli estavaõ, hum que ficára com o pay, & outro que morrera, que era o melmo Joseph. As palavras foraõ estas: *Duodecim fratres sumus: minimus cum patre nostro est, alius non est super.* O menor de todos Benjamin ficou com o pay: o outro que era Joseph, *Non est super*, já não está em cima; está debaixo da terra. Já está debaixo da terra Joseph? Por isso se mostrou tam benigno, & liberal com os irmãos, diz Filo: *Alius non est super, se loquentes audiens, quid animã habere potuit?* Ouvindo dizer Joseph, que já não estava em cima, senão que estava debaixo da terra, que outra coisa pode fazer, senão amar, favorecer, & influir beneficamẽte liberalidades? Os outros Planetas para influirem benignamente, hão de estar em cima; mas Joseph quando não está em cima, senão debaixo da terra, como hoje ( assim tem o Hebreo: *Hodie non est super* ) no dia em q̃ não está

Genes.  
42.13.

em cima, senão debaixo da terra ; então influe vida , merces , felicidades , & augmentos.

## §. III.

404 **T**emos visto o nascimêto Real de João o amado, & o sitio do Planeta , em que nasce, debaixo da terra , no mesmo, ou semelhante dia ; & porque os dias , como diz David, tambem se fallaõ , & se entendem huns com os outros : *Dies diei evuetat verbum* ; com razão perguntará o dia do nascimêto de Sua Magestade ao dia, em que nasce, de S. Joseph , que influencias pôde, ou deve esperar de tam Divino Planeta. A reposta não he como a dos Mithematicos duvidosa , & incerta, mas tam certa , & sem duvida , como tudo o que dizem os Evangelistas. Vamos ao nosso Evangelho, que he de São Matheus, no Capitulo primeiro, & ouçamos com admiravel propriedade o que diz , como se fallára deste

dia , & do nosso caso. *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph*. Estava, diz, a Mãe de Jesus , Maria , desposada com Joseph. Onde se deve advertir, que a palavra, desposada , não significa promessa reciproca de vodas futuras, senão verdadeiro , & actual matrimonio por contrato , & palavras de presente como consta do mesmo Texto : *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam*; mas a cortesia do Evangelista não disse , casada , senão desposada ; como termo mais decente , & decoroso. O que supposto, era a Senhora já Mãe de Jesu, porque tinha concebido ao Verbo Eterno; mas antes de Mãe, primeiro desposada. E porque? Como era , & havia de ser sempre Virgem, tanto importava ser primeiro desposada , como depois : porque razão logo ordenou a Providencia Divina , que não concebesse ao Filho de Deos, senão depois de desposada : *Cum esset desponsata Ma-*

Math.  
1. 20.

Pfalm.  
18. 3.

ter

ter Jesu? A razão principal he ; porque convinha , & era necessário , que a Conceição , & parto da mesma Virgem estivesse encuberto : *Ut virgineus partus celaretur.* Assim o dizem S. Jeronymo , S. Basilio , S. João Damasceno , S. Ambrosio , S. Bernardo , & he commum dos Santos Padres. Constava da sagrada Escritura pelo oraculo , & testemunho do Profeta Isaías , que o Messias , & Rey prometido para Redemptor do mundo havia de nascer de hũa Virgem : *Ecce Virgo concipiet & pariet filium.* E porq̃ este Rey não ló na terra , senão no mesmo inferno , havia de ter muitos emulos , & inimigos , esta era a importancia , & necessidade porq̃ convinha , & tinha ordenado a Divina Providencia , que estivesse encubeito a todos , como com effeito se encobrio no Desposorio , ou Matrimonio da Virgem Santissima com S. Joseph , parecendo que não tinha mais mysterio a Cõ-

ceição , & Nascimento daquelle Filho , que o commum , & ordinario dos outros homens.

405 Que semelhança tem agora , ou que propriedade em S. Joseph a providencia de Deos neste mysterio com o nascimento de Sua Magestade , q̃ Deos guarde , no dia do mesmo Santo ? Disse-o Ruperto com hũas palavras , que se lhe pediamos as fizesse de encomenda , não vieraõ mais nascidas ao intento : *Ut esset Sponsus , custosque Beatæ Virginis , ac nati ex ea Regis.* Desposa-se Joseph com Maria , & nomeadamente com Maria Mãy de Jesu , porque o fim destes Desposorios foi ter Joseph Espolo da Virgem , & Guarda do Rey nascido : *Custos nati Regis.* Oh grande excellencia ! oh grande gloria ! oh dignidade superior a todos os Santos a de Joseph ! Que os fóros da mesma Omnipotencia nasção debaixo de seu amparo , & que não tendo Christo Anjo da Guarda , porque

he Deos, tenha por Custodio hum homem, que he S. Joseph: *Custos nati Regis?* Grande gloria de Joseph, & grande graça tambem do nosso Rey, & Reyno! Que o amasse Deos, & cuydasse do seu remedio com tam especial providencia, que o patrocinio que deu em seu nascimento ao Rey, que havia de restaurar o mundo, esse mesmo patrocinio desse em seu nascimento ao Rey, que havia de restaurar a Portugal! Hum, & outro nasceo debaixo da mesma protecção, hum, & outro nasceo debaixo da tutela, & amparo de S. Joseph: *Joseph custos nati Regis.*

406 Sendo pois estes dous Reys nascidos ambos Reys, ambos Redemptores, & ambos encubertos; o primeiro, como diz a profecia de Ilaías: *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator.* O segundo prometido pela profecia, & tradição de S. Isidoro a Espanha, não com outro nome, ou antonomasia, se-

não a do Encuberto; veja-mos quam particularmente encubrio a hum, & outro, o que a hum, & outro deu Deos por guarda o cuidado, & vigilancia de S. Joseph. A Christo encubrio-o como Esposo de Maria, nove mezes, & treze dias desde sua Conceição até depois de seu Nascimento, em que o descubrio a Estrella no Oriente aos Magos, & os Magos em seguimento della a toda Judea. E como o encubrio? *Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi.* Luc. 1. 38. A Virgem Senhora nossa tinha dous Esposos, hum Divino, outro humano. O Esposo Divino era o Espirito Santo; o humano, S. Joseph. Do primeiro Esposo era obra o Filho concebido, como disse o Anjo á mesma Virgem: *Spiritus Sanctus superveniet in te:* acrescentando: *Et virtus Altissimi obumbrabit tibi:* que a virtude do Altissimo lhe faria sombra. E que sombra foi esta? ou quem

quem foi esta sombra? Foi sem duvida o segundo Esposo, a cuja sombra esteve a Virgem depois de desposada, & com a sombra, & nome de Pay, encubrio o que verdadeiramente não era seu filho. Assim ficou o Rey, & Redemptor, que havia de ser do mundo, encuberto desde sua Encarnação nove mezes até seu Nascimento, & treze dias, até que a Estrela, & os Magos, & Deos por elles o descobririo ao mundo: *Ubi est, qui natus est Rex Judaeorum?*

407 Mas se S. Joseph guardou encuberto a Christo nove mezes, & treze dias; que comparação tem este tempo, que não chega a hum anno, com mais de trinta & seis annos inteiros em que teve encuberto ao Rey encuberto de Portugal, desde o dia do seu nascimento até o felicissimo de sua restituição? Vejão que me respondem, que S. Joseph não só encubrio a Christo naquelle primeiro anno não acabado, mas em

outros, cujo numero certo se não sabe, sabendo pelo Anjo que Herodes entre os Innocentes de Bethlem queria tirar a vida a Christo, fugio de Judea para o Egypto, & depois da morte do mesmo Herodes, sabendo tambem por aviso do Ceo, que reynava em Judea Archelao seu filho, retirou-se para Galilea. Desorte que para encobrir o primeiro Rey nascido, tomou por meyo tirallo diante dos olhos dos dous Reys seus inimigos, & escondello em terras estranhas. Porém para encubrir o segundo Rey não só no seu nascimento, nem na sua infancia, puericia, ou adolescencia, senão na idade de varaõ perfeito em tantos annos, a traça com que o encubrio a outros dous Reys, que não menos lhe podiaõ tirar a vida, & a Coroa, qual seria? Verdadeiramente milagrosa, & digna da Omnipotencia Divina. Dentro na mesma Espanha, dentro no mesmo Portugal, & diante

Aa ij            dos

dos olhos dos mesmos Reys, escondeo, & encubrio de maneira ao encuberto, que vendo-o, o não viao, nem viraõ. He certo que assim foi, mas duvidoso, como podia ser.

408 No dia da Resurreiçãõ ajuntou-se Christo aos dous Discipulos que hiaõ para Emaús, os quaes em todo aquelle caminho o viaõ, & ouviaõ, sem o conhecerem. Por ventura transfigurou-se Christo, ou mudou as feições de rosto? Por nenhum modo. Pois se eraõ seus Discipulos costumados a vello todos os dias, & agora o estavaõ vendo, & no seu rosto não havia mudança, como o não conheciaõ? Responde o Euangelista: *Oculi eorum tenebantur, ne eum agnoscerent.* A palavra *Tenebantur*, melhor se pôde entender, do que declarar na nossa lingua: *Tenebantur*, estavaõ detidos: *Tenebantur*, estavaõ prezos: *Tenebantur*, estavaõ suspensos: *Tenebantur*, estavaõ em si, & fóra de si, como

extaticos õs olhos que o viaõ, & não conheciaõ. Fazendo este milagre nos Discipulos a Omnipotencia de Christo; & nos Reys, que tanto podiaõ temer, & acautelar-se do que hoje he nosso, a maõ invisivel de S. Joseph. Delde o principio em que se fizeraõ senhores de Portugal aquelles Reys estranhos; Filipe II. tinha diante dos olhos a Senhora D. Catharina; Filipe III. ao Duque D. Theodosio; Filipe IV. a Sua Magestade, que finalmente lhe tirou da cabeça a Coroa; & vendo-os, não conheciaõ o que nelles deviaõ recear, & temer, cegando-os S. Joseph com a mesma luz de seus olhos: & cubrindo o seu, & o nosso Encuberto com o descubrir.

409 Assim desempenhou o grande Santo a obrigaçãõ, que tinha de encobrir, & provar o nome de encuberto no novo Rey nascido no seu dia: mas ainda lhe falta, ou nos falta hũa mayor consideraçãõ, &

Luc. 24.  
16.

& vigilância deste seu empenho. O odio, a emulação, a cautela, o receyo de perder o ganhado em Portugal, que tinhaõ os Reys estranhos, a grandeza do poder, & a doçura do possuir, podia lisongear, & adormecer todo este cuidado; mas da nossa parte, & em nós os Portuguezes, alêm da dor do perdido, estava com os olhos abertos ao remedio o amor, o desejo, & a necessidade. O amor ainda que he cego para ver, he lince para adivinhar: o desejo he hum affecto sempre ardente, & inquieto, que não sabe socegar hum momento: sobretudo a necessidade da redempção, da liberdade, & de Rey natural, era a que mais apertava os cordeis a este tormento, & tinha com a çoga na garganta todos estes affectos. E como podia ser, que sendo elles tam vigilantes, & tendo sempre o direito da Coroa, & a pessoa do Rey a quem pertencia, diante dos olhos, de

tal sorte se encubrisse S. Joseph, que a ninguem viesse ao pensamento ser elle o que o havia de recuperar? Mas em encubrir o nosso Encuberto neste grande perigo de o declararem as evidencias, ou conjecturas de algum destes affectos, mostrou o Santo, quam alta, & delicadamente obfervou as obrigações do officio de o guardar: *Custos nati Regis*; equivocando milagrosamente hum Rey com outro Rey, & encubriendo hum vivo com outro morto. Perdeo-se, ou morreo na batalha de Africa El Rey D. Sebastião, & poderaõ tanto as saudades de hum Rey, que se tinha perdido a si, & a nós, que sem se divertirem aonde deviaõ, deraõ em esperar delle, & por sua vida, & vinda, a nossa redempção; & este foi o altissimo conselho, com que S. Joseph debaixo das cinzas do Rey passado, & morto, conservou, & teve encuberto o Rey futuro, & vivo. Não vemos conservar-se vivo o

fogo debaixo das cinzas, que o encobrem? Pois assim confervou, & encubrio S. Joseph a vida d' ElRey, que Deos guarde, debaixo das cinzas d' ElR. y D. Sebastião defunto. He o que diz expressamente Isaiás no Capitulo 61. Promete Deos alli de alegrar os tristes, de consolar os desconfolados, de libertar os cativos, & conclue que pelas cinzas lhe dará a Coroa: *Ut mederer contritis corde: & predicarem captivis indulgentiam: ut consolater omnes lugentes; & finalmente: Et darem eis coronam pro cinere.* Assim estava Portugal triste, assim estava desconfolado, assim estava cativo, & assim lhe prometia S. Joseph a Coroa perdida debaixo das cinzas do Rey morto reputado por vivo; & assim conservava vivo, & encuberto aquelle, que verdadeiramente havia de restituir aos tristes, desconfolados, & cativos a Coroa perdida. Demaneira que encuberta a verdade debai-

Isai. 61.  
1.2. 3.

xo do engano, a esperança debaixo da desesperação, a vida debaixo da morte, & a Coroa debaixo das cinzas, aos Principes estranhos, que tudo isto tinhaõ por riso, não lhes dava cuidado o remedio; & os vassallos, amigos, & naturaes, que o tinhaõ, pouco menos, quasi por fê, com milagrosa providencia, enganada a suador, o seu amor, o seu desejo, & a sua necessidade, se consolavaõ, & animavaõ da falsa, & equivocada esperança, até que a verdadeira debaixo della encuberta, ao tempo destinado pelo Ceo, lhe trouxe a felicidade que hoje logramos.

## §. IV.

410 **C**erto que ponderar cabalmente esta felicidade, será causa de não faltar nunca Portugal ao eterno agradecimento a S. Joseph. Que hũa vida, (não sejamos ingratos, por não saber o que devemos

devemos a Deos ) que hũa vida , em que estavaõ fundadas as consequencias , que hoje se lograõ , a pezar da emulaçaõ de dous Reys, debaixo de sua mesma jurdiçaõ se conservaſſe. ! Que nasça a decima sexta geraçaõ de Portugal tam esperada, & que sendo decima-sexta por tres vias , nem o amor dos naturaes , nem os ciumes dos estranhos em trinta & sete annos o descubrisse ! Vivo a pezar de tantas advertencias politicas, encuberto a pezar de tantas evidencias manifestas ! Grandes milagres da Providencia Divina ; & este segundo , a meu ver , ainda mayor. E senão, pergunto : Qual foi a razãõ , porque ordenou Deos que o Libertador, que havia de ser, de Portugal, se conhecesse tantos annos antes no mundo , não pelo nome de Libertador, senão pelo nome de Encuberto? A razãõ foi ; porque mayor milagre da Providencia era cõtervallo encuberto , que fazello Libertador. Fazel-

lo Libertador , foi deliberarem-se os homens a hũa cousa muito util ; conſervallo encuberto , foi cegarem-se os homens a hũa cousa muito manifesta : & mayor milagre he encobrir evidencias ao entendimento, que persuadir conveniencias á vontade. O que todos ponderaõ, o que todos admiraõ , o de que todos fazem mayor caso he, que se unissem, & concordassem as vontades de todo hum Reyno, para fazer o que fizeraõ. Muito foi ; mas bem considerado, não foi muito ; porque, que muito que as vontades dos homens se persuadissem a hũa cousa tam util, & tam honrosa, como ter Reyno, ter Rey, ter liberdade, viver sem cativoiro , & sem oppressãõ ? Porẽm que o Author felicissimo de todo este bem nasceſſe, & vivesse entre nõs tam retratado pelos Oraculos Divinos, & ainda nomeado pelo proprio nome , & o tivesse Deos encuberto, sem que o amor , nem a emula-

ção, que são os dous affectos mais linceos, o descubrissem! Que o vissem os olhos, & que guardasse segredo o entendimento! Que suspirassem os desejos, & que não bastassem as mayores advertencias! Dificultado a evidencias, & encuberto a olhos vistos! Este he o mayor milagre, esta a mayor maravilha, mas agora exercitada, & muytos seculos antes já ensayada: por quem? Pelo Author da mesma protecção, S. Joseph.

411 Conta o Texto sagrado no quarto livro dos Reys, Capitulo onze, que em hũa occasião quizerão tirar a vida tyranicamente os herdeiros do sangue Real de Israel ao menino Joás; porèm que Jozabá o livrou do perigo, & o creou escondidamente: *Abcondit eum, ut non interficeretur*, até que passados alguns annos, os nobres do povo se unirão, & todos com as armas nas mãos entrãrão no Paço Real, & impedindo as

guardas em hum Sabbado; acclamãrão por Rey a Joás, & o metêrão de posse do Reyno, que lhe pertencia, lançando do Paço a Athalia, hũa senhora que entãõ governava. Desta maneira refere o Texto este caso, & bem se vê, que he tam proprio do que succedeo em Portugal, que se ao nome de Joás se mudára o *s*, em *m*, se pudêra trasladar este Capitulo, & elcrever-se em nossas Chronicãs. Bem está: mas quem fez isto? a quem se deve esta façanha? quem ha de levar a gloria desta maravilha? Quê? S. Joseph. Diz Isidoro Ilolano q̄ Jozabá, a cuja industria deve tua vida, & restituição Joás, foi figura de S. Joseph, Esposo da Virgem: *Joseph profecto in Jozaba præfiguratus est, quæ Joas Infantem clam nutrit, & aluit, ac Regem Israel tandem constituit*. Hei de construir as palavras ao pè da letra, para mayor gloria de S. Joseph, & mayor evidencia do nosso calo. *Joseph profecto*

fecto in Jozaba praefiguratur est. Verdadeiramente S. Joseph foi figurado, & representado em Jozabá: *Quae Joas Infantem clam nutritur, & aluit*: que guardou ao Infante Joás vivo, & encuberto: *Ac Regem Israel tandem constituit*: & finalmente o fez Rey de Israel, metendo-o de posse do Reyno, que lhe tocava. E não he isto mesmo, o que fez S. Joseph com o Rey, & Reyno de Portugal? Nem o caso pôde ser mais proprio; nem eu quero dizer mais nesta materia.

412 Estas são as obrigações em que S. Joseph tem empenhado a Vossa Magestade, Senhor; & as consequencias dellas são, que assim como S. Joseph não só foi Salvador do Salvador, senão também do mundo; assim não foi só Salvador do nosso Libertador, senão também do Reyno libertado. Espero em Deos que o hey de provar literalmente. *Benedictio illius, qui apparuit in*

*rubo, veniat super caput Joseph.* A benção daquelle, que appareceo na Carça, desça sobre Joseph. Esta benção foi lançada ao Patriarca Joseph, & diz o Pelusota, & outros, q se comprio em S. Joseph, Esposo da Virgem. E qual foi a benção daquelle, que appareceo na Carça a Moyses? Elle mesmo o disse: *Vidi afflictionem populi mei, & descendi ut liberem eum.* Vi a afflicção do meu povo debaixo do poder de hum Rey estranho, & desci do Ceo a libertallo. Pois se a benção do que appareceo a Moyses na Carça, he ser Libertador do povo opprimido do poder de hũ Rey estranho, & esta benção se comprio em Joseph, Esposo da Virgẽ; digaõme agora os Historiadores, quando se comprio esta benção, senão na Restauração de Portugal. Vio o Santo as afflicções deste povo verdadeiramente seu; & desceo do Ceo a libertallo, guardando com particular providencia a vida do

Exod 3.  
7.8.

do nosso felicissimo Liberador, como fez à de Christo, segundo a protecção que tomou em hum, & outro nascimento: *Custos nati Regis*, que foi o fim com que se desposou com a Virgem: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

## §. V.

412 **T**enho acabado o Sermão; de todo elle quizera tirar somente hũa cousa, queira o Senhor que seja tam bem recebida nos animos de todos, como he a todos necessaria & importantissima. O que concludo de todo este discurso he, que deve o Reyno de Portugal tomar solemnemente a S. Joseph por particular Avogado, & Protector de sua conservação, & augmentos. A razão que tenho para isto, he a mais efficaç, que pôde ser: Querer Deos que seja assim, nem nós devemos querer outra cousa. Sonhou ElRey Faraó que

haviaõ de vir a seu Reyno aquelles quatorze annos de varia fortuna, & dizendolhe que importava prevenir-se de algum varaõ de grande prudencia, que superintendesse à conservação, & remedio do Reyno, *Placuit Pharaoni consilium*, Contentou o conselheiro ao Rey, & voltando-se para Joseph, disse: *Numquid sapientio rem, & consimilem tui invenire potero?* Por ventura, Joseph, posso eu achar algum, que seja mais sabio, mais prudente, & em cujas mãos, & conselho esteja mais segura minha Monarquia? O Cetro, & a Coroa ponho debaixo do vosso patrocínio, mandai, ordenai, despendei não como vassallo, mas como pay. O mesmo digo do nosso caso.

412 Isidero de Isolanis já acima allegado, Author, que ha muitos annos que escreveo, admirando-se muito de que em seu tempo não fosse celebrado na Igreja o glorioso S. Joseph,

Joseph, conclue assim: *Suscitabit Dominus Sanctum Joseph ad honorem nominis sui, caput, & patronum peculiarem Imperii militantis Ecclesie.* Lste ja embora esquecido por agora S. Joseph, & não seja sua memoria tam celebrada como merece; que Deos levantará este grande Santo a seu tempo, para que seja particular Padroeiro do seu Imperio na Igreja militante: *Patronum peculiarem Imperii militantis Ecclesie.* Duas cousas havemos de saber para entendimento destas palavras; hũa, quando se começou a celebrar S. Joseph; outra, qual he no mundo o Imperio de Christo. O tempo, em que se começou a celebrar S. Joseph, foi pontualmente depois da perda d'ElRey D. Sebastião de triste memoria, & antes da felicissima restituição à Coroa d'ElRey D. João nosso Senhor; para que posto entre a ruina do Reyno, & o remedio: compadecido da rui-

na; ã remediaste. E o Imperio de Christo qual he? O mesmo Senhor foi servido de no lo explicar, quando disse a nosso Fundador o Senhor Rey D. Affonso Henrique: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* Quero em vós, & em vossa descendência estabelecer o meu Imperio. Pois se Deos levantá no mundo a S. Joseph, quãdo quer levantar a Sua Magesta de por Rey: se o Imperio de Christo na Igreja militãte somos nós; & S. Joseph hade ser particular Padroeiro deste Imperio: que resta, senão, que effectivamente se conclua de nossa parte, que he o constituir, & reconhecer com publica solemnidade a S. Joseph por Protector particular do Reyno de Portugal, & sua conservação; dizendo a este Joseph, o que os Egyptios disserão ao outro: *Salus nostra in manu tua est, respiciat nos tantum Dominus noster, & leti serviemus Regi?* Genes. 47.25.



# S E R M A Õ

D E

## S. ANTONIO,

Panegyrico, & Apologetico, contra o nome, que vulgarmente em Roma, na Igreja dos Portuguezes, se lhe dá de S. Antonino.

---

*Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur.*  
Matth. 5.

§. I.

413



Esgraca he minha, & nossa, & não sei se diga do mesmo Santo que celebramos, que quando haviamos de levantar trofeos, seja necessario tomar as armas, & defender dentro em Roma, a

quem tanto merecia triumphar nella. Eu, que hoje havia de fazer Panegyricos, sou obrigado a desfazer aggravos. E que aggravos? Os aggravos do nome de S. Antonio em Roma. Em Roma, cabeça, & adoração do mundo, em Roma, mãy universal de todos os peregrinos, os aggravos daquelle

quelle peregrino Portuguez, que a pès descalços a visitou com tanta devação; a edificou com tantos exemplos; a illustrou com sua doutrina; & a admirou, & fez admiravel com o prodigio estupendo de seus milagres! Celebra hoje Portugal a Santo Antonio de Lisboa: Italia a S. Antonio de Padua: & já este não era pequeno aggravo; mas he força dissimular os menos grandes, para acudir aos maiores. Não de termino disputar com Padua de tam longe: com Roma he o meu pleito, de Roma he a minha queixa, & não menos bem fundada, que no mesmo Texto do Evangelho, que propuz.

414 *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur.* Aquelle, que fizer, & ensinar, (diz Christo) esse terá o nome de Magno. Não póde ser a ley mais clara. Agora digame Roma o nome de Antonio Magno a quem o deu. Não o deu ao Antonio de

Portugal, senão ao Antonio do Egypto. Elle he, o que se nomea, & venera com a antonomasia de Magnus Antonius. Pois se o Evangelho tam conhecidamente promete o nome de Magno aos merecimentos do nosso Antonio, porque lho nega aquella Cidade, que contém em si a regra do mesmo Evangelho? porque lho nega & o dá a outro? Dirmeha por ventura Roma, que o outro Antonio foi muitos annos primeiro: & que quando o nosso veyo ao mundo já o nome estava dado. Mas lembrame a este proposito, o que já disse Tertulliano à mesma Roma: Não fostes vós meu Santo, o que tardastes; senão ella a que se apressou. Argue Tertulliano aos primeiros, que canonizaraõ os Deoses Gentilicos, & diz que ficaraõ sem altares, & sem nome os que melhor o mereciãõ: não porque a Antiguidade os quizesse excluir; senão porque se apressou: *Properavit opinor.*

Fez

Fez Deos da guerra a Marte? *properavit*; porq̃ se não se apreslára tâto, fora Deos da guerra Scipião. Fez Deos das Musas a Apollo? *properavit*; porque se esperára mais, fora Deos das Musas Homero. Fez Deos da Medicina a Esculapio? *properavit*; porque se aguardára mais tempo, fora Deos da Medicina Hipocrates. Fez Deos das Sciências a Mercurio? *properavit*; porque se não se adiantára tanto, fora Deos das Sciencias Aristoteles. Eu não nego, antes venero, & adoro as excellencias do grande Antonio Africano; Sò tenho para mim que se o mundo, & a cabeça do mundo se não anticipára, pòde ler a grandeza daquelle nome não a consagrára ao da Africa, senão ao da Europa; ao Portuguez, & não ao Egyptio.

415 Mas porque o meu intento não he tirar o direito adquirido, senã defender o tirado: já que o nome de Magno se deu àquelle Antonio; porque

senão havia de dar tambem ao nosso: *Hic magnus vocabitur*? Se entre os Capitães houve hum nome de Magno para Alexandre, & outro para Pompeo: se entre os Pontifices houve hum nome de Magno para Leão, & outro para Gregorio: se onde não havia, nem podia haver comparação, houve hum nome de Magno para Christo: *Hic erit Magnus*, & outro para o Baptista: *Erit Magnus coram Domino*; porque se não daria o nome de Magno ao nosso Antonio, assim como se tinha dado ao outro? Vejo que me pòde responder Roma, que os nomes se fizeraõ para distincão das pessoas, & que havendo dous Antonios, ambos Magnos, não se distinguião. Venho nisto; mas distinguirá Roma aos Antonios, como distinguio aos Fabios, & aos Valerios. Já que ao primeiro Antonio tinha chamado Magno, ao segundo chamáralhe Maximo. E vede se o merecia. A dous

Heroes

Luc. 1.  
32.  
Ibid. 15.

Heroes ( como notou Plutarco ) deu Roma o nome de Maximos : a Fabio , porque restitubio as perdas do Imperio: a Valerio, porque reconciliou o povo com o Senado. Pois se Roma dá o nome de Maximo a Fabio , por restituidor das perdas ; porque o não daria a Antonio, que tem por graça, & por officio restituir todas as cousas perdidas? Tanto o tem por officio, & por obrigação , que na nossa terra o prendemos como devedor, para que as restitua. E se Roma deu o nome de Maximo a Valerio, por reconciliador da plebe com o Senado ; porque o não daria a Antonio, que não só reconciliou com Deos tanta infinidade de almas, que andavaõ fóra de sua graça; mas recõciliou com a mesma Igreja Romana tantos Hereges, tantas seitas, tantos Hereticas , que por isso lhe chamáraõ Martello das Heresias: *Perpetuus Hereticorum malleus* ?

416 Mas tam longe

esteve Roma , ( este he o mais duro ponto do meu , & do nosso sentimento ) taõ fóra esteve Roma de dar a Antonio o nome de Magno , ou Maximo , que lhe dá o de Minimo. Por me não atrever a pronunciar tam grande aggravo , o dissimulei atêgora. Como chama Roma ao nosso Santo Antonio ? Santo Antonino. Antonino a Antonio ? A Antonio de Lisboa , a Antonio o Portuquez ; Antonino ? Esta admiração , por lhe não chamar desde logo abuso , será hoje a materia do meu discurso, de tal maneira apologetico, que não deixe de ser panegyrico. Lembra a Virgem Senhora nossa da apologia, com que Santo Antonio defendeo a pureza de sua immaculada Conceição , quando ainda tanta necessidade tinha de ser defendida , se dignará assistir poderosamente á que havemos de fazer do mesmo Santo ; & seja esta vez agradecimento a graça.

*Ave Maria.*

§.II,

## §. II.

*Qui fecerit, & docuerit, hic Magnus vocabitur.*

417 **C** Hamar a Santo Antonio Antonio, são dous aggravos em hum aggravo. O primeiro da comparação: o segundo da preferencia. Não só he aggravo de Antonio o preferirselhe outro, senão tambem o comparar selhe. Mas já que o aggravo he por comparação, será tambem por comparação o desaggravo. Não me tenhais por temerario, porque heide fazer hũa comparação incõparavel. Quereis saber quam grande Santo foi este, a quem chamais Antonino? Olhai para aquelle altar. Foi tam grande Santo Antonio, que Christo diante delle parece pequeno. Fallo da grandeza das obras, & tenho licença do mesmo Christo para o dizer assim.

Joann.  
14.12.

*Qui credit in me, opera, que ego facio, faciet, & maiora*

*faciet.* Algum dos que crerem em mim, diz Christo, não só fará as obras, que eu faço, senão ainda mayores. Não mayores de pessoa a pessoa, não mayores de virtude a virtude, não mayores de merecimento a merecimento, que isso não pòde ser; mas de obras a obras, sim. E sendo as obras de Antonio, ainda cõparadas com as de Christo, mayores: *Maiora faciet*; não he muito, que posto Christo à vista de Antonio, parece Antonio o Grande: *Hic Magnus vocabitur.* Não o Grande, comparado Antonio com Antonio; (como vòs o comparais) mas o Grande, comparado Antonio com Christo, como elle quer que o comparemos.

418 Seja a primeira prova desta incomparavel comparação a do mesmo

Euan-

Euangelho. Duas comparações faz Christo neste Euangelho, ambas de luz, mas muito diversas: hũa o Sol, outra a candeia. O Sol: *Vos estis lux mundi*; a candeia: *Neque accendunt lucernam, & ponunt eam sub modio, sed supra candelabrum*. E estas luzes tam divertas; este Sol, & esta candeia, quem são, & a quem significação? Eu cuidava que o Sol, por ser fonte da luz, era Christo: & que a candeia, por ser luz participada, era Antonio. Mas não he assim. A candeia he Christo, o Sol he Antonio. Que a candeia seja Christo, disse-o Santo Hilario, & tambem Santo Thomás: *Lucerna Christi ponitur supra candelabrum, id est, in ligno per passionem suspensa*. Que o Sol seja Antonio, não só o dizem os melmos Santos, & todos, senão o mesmo Christo: *Vos estis lux mundi*. O Sol aqui não sou eu, sois vós: *Vos estis*. Pois Antonio o Sol, & Christo a candeia? Sim. He verdade

Tom. 12.

que a candeia em si he tal candeia, q̄ dá a luz ao Sol; & o Sol em si he tal Sol, q̄ recebe a luz da candeia; mas comparada luz a luz; efeitos a efeitos, & obras a obras, as de Christo á vista de seu servo Antonio parecem de candeia: as de Antonio á vista de Christo seu Senhor parecem de Sol. E porque não cuideis que exagero, lede-o no Texro, & vede-o na experiencia. A esfera da candeia diz o Texto que he hũa casa: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt*: a esfera do Sol diz o mesmo Texto que he o mundo todo: *Vos estis lux mundi*. E tal foi a esfera de Christo, tal foi a esfera de Antonio. A missão, q̄ o Eterno Padre finalou a Christo, como Messias prometido aos Patriarcas, foi a casa de Israel: *Non sum missus nisi ad oves, quae perierunt domus Israel*. Eifahi a esfera da candeia, hũa casa: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt*. A missão, que Christo finalou a Antonio, como lucessor dos Apo-

Bb stolos,

Math  
5. 14.  
Ibid. 15

D. Hilar.  
D. Tho.

Math.  
15. 24.

Marc.  
16.15.

solos, toi o mundo todo: *Euntes in mundum universum, predicare omni creaturae.* Eis-ahi a esfera do Sol, o mundo todo: *Vos estis lux mundi;* & como na comparação de missão a missão, & de esfera a esfera, a de Christo he hũa casa, & a de Antonio o mundo todo: não he muito na comparação de luz a luz, & de obras a obras, q̃ Christo, sendo a fonte da luz, pareça candeia, & Antonio, sendo luz participada, pareça Sol: Christo, sendo o imenso, pareça pequeno, & Antonio, sendo creatura limitada, pareça grande: *Hic Magnus vocabitur.*

§. III.

429 **M**As para q̃ procedamos com distincção na prova desta gloriosa grandeza, dividamos os discursos nas mesmas partes, em que o Evangelho divide os fundamentos della. A dous titulos refere o nosso Texto a grandeza do nome de San-

to Antonio, fazer, & ensinar: *Qui fecerit, & docuerit, hic Magnus vocabitur.* Aos mesmos titulos, & com as mesmas palavras, reduzirão os Euangelistas as maravilhas de Christo: *Capit Jesus facere, & docere:* o *facere* entende-se dos milagres, o *docere* da pregação. Ora comparemos o *facere* de Christo com o *fecerit* de Antonio: o *docere* de Christo com o *docuerit* de Antonio; & veremos quanto por hum, & outro titulo merece o nome de Grande: *Qui fecerit, & docuerit, hic Magnus vocabitur.*

Agor.  
1. 1.

420 Começando pelo *fecerit*: quando Christo vivia neste mundo, corriaõ a elle como a fonte da saude todos os enfermos, tocavaõ ao Senhor, & ficavaõ saõs. Morreo Antonio tal dia como hoje, & com o mesmo prodigio todos os enfermos, que tocavaõ o sagrado corpo, immediatamente cobravaõ saude. Grande maravilha, que obrasse o corpo de Antonio morto, o que obrava o Corpo  
de

de Christo vivo. Em Christo dava vida a fonte da vida: em Antonio dava vida o despojo da morte. Em Christo dava vida todo Christo: em Antonio dava vida a metade de Antonio, & a menor metade, o corpo. Elizeu tinha dobrado o espirito de Elias; & em que se vio? pergunta, & responde S. Agostinho. Em que Elizeu morto foi tam milagroso como Elias vivo. Elias resuscitou hum morto, estando vivo: Elizeu resuscitou hũ morto, depois de morto. Eif-elli o Elias, & o Elizeu. Menino, porque estais despido? Porque deu a sua capa a Antonio, & com ella o seu espirito dobrado; por isso era tam milagroso Antonio morto, como Christo vivo. Mas ainda nesta maravilha havia outra maravilha mayor. Como o concurso, & o tropel dos enfermos para tocar o corpo do Santo, era infinito, huns chegavaõ, outros não podiaõ chegar: mas estes, que não podiaõ chegar, diz Su-

rio, bastava que dejessem tocar o Santo, para ficarem saõs. Demancia q̃, para receber a saude de Christo, era necessario tocar a Christo: para receber a saude de Antonio, bastava desejar a saude. Christo dava saude pelo tacto, Antonio pelo desejo. Christo pelo tacto, para fazer mais q̃ Moyses: Antonio pelo desejo, não para fazer, mas fazendo mais que Christo: *Maiora faciet*. Levantou Moyses a Serpente de metal no deserto; & todos os feridos, que olhavaõ para ella, saravaõ logo. Pergunto: E saavaõ tam bem os cegos? Não; porque como a saude dependia da vista, quem não tinha olhos, não tinha remedio. Por isso Christo não puz a saude na vista, nem em outro sentido particular, senão no tacto, que he sentido commum. Se Christo puzera a saude no ver, não saráraõ os cegos; se a puzera no ouvir, não saráraõ os surdos; se a puzera no fallar, não saráraõ os mu-

Luc. 6.  
19.

dos; & como queria o Senhor que sarassem todos, poz a saude no tacto, que he sentido universal, & de todos: *Omnis turba querebat eum tangere; quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes.* Mas com ser tam universal a saude milagrosa de Christo, ainda a de Santo Antonio era mais universal. A saude de Christo era mais universal que a de Moyses, quanto vai do tacto á vista: a saude de Antonio era mais universal que a de Christo, quanto vai do desejo ao tacto. Para sarar pelo tacto, era necessaria presença, & movimento: para sarar pelo desejo, nem era necessaria presença, nem movimento, bastava a vontade: pelo tacto não podia sarar o tolhido, nem o ausente; pelo desejo o tolhido, & o ausente todos podiaõ sarar, & todos saravaõ. E isto he o que fez Antonio: *Qui fecerit.*

421 Mas deixemos a comparação de desejo a tacto, vá de desejo a desejo.

Desejou Zacheo ver a Christo: *Querebat videre Iesum;* Luc. 19. mas como a gente fosse muita, & Zacheo era pequeno do corpo, não o podia ver: *Et non poterat prope turba, quia statura pusillus erat.* Oh que boa occasião para Christo fazer hum milagre por hum desejo! Que não conceda Christo milagres ao desejo de Herodes, era desejo de curiosidade; que não conceda milagres ao dos Escribas, & Fariseos, era desejo de malicia; mas ao desejo de Zacheo, que era desejo de devação! Eá Senhor, veja-vos Zacheo milagrosamente, não se diga q̄ loís como os Grandes da terra, que se não deixaõ ver dos pequenos: ou a estatura de Zacheo suba, ou desçaõ as especies do vosso rosto, & veja-vos quem tanto deseja vossos. Com tudo não fez este milagre Christo; mas se Zacheo desejára ver a S. Antonio, ainda que tivera hum monte diante, eu estou certo que o havia de ver. Desejou hũa senhora

rã ir ouvir a S. Antonio , que prégava no campo : mas não devia de ler senhora , porque não tinha liberdade : devia de ser alguma pobre mulher , não lhe deu licença seu marido. E que succedeo ? Sem fahir de sua casa , estando tam longe , ouviu o Sermaõ tam distintamente , como se estivera ao pè do pulpito. Fez Antonio por quem o desejava ouvir , o que Christo não fez , por quem o desejava ver. Christo ao devoto não lhe supprio a estatura : Antonio à devota supprio as distancias. As especies do rosto de Christo para satisfazer a hum desejo não se dobráráo tres dedos : as especies da voz de Antonio para satisfazerem a hum desejo estendêráo-se duas milhas. E não sô a mulher ouviu ao Santo , senão tambem o marido. Christo não quiz dar hum milagre por hum desejo : Antonio por hum desejo fez dous milagres.

422 Mas dirmeheis que tambem Christo alguma

Tom. 12.

vez quiz fazer hum milagre por hum desejo. Por isso na Piscina perguntou ao Paralitico , se desejava a saude: *Vis sanus fieri?* Altim he ; mas vede a differença , ou as differenças. Christo fez milagres por desejos , mas por desejos declarados : Antonio por desejos occultos. Christo ao menos queria ouvir os desejos : Antonio detpachava os desejos sem os ouvir. Christo punha o cumprimento aos desejos , mas com os memoriaes na lingua : Santo Antonio sem fahirem do coração. Mais ainda: o Paralitico alcançou o remedio por hum desejo , mas por hum desejo de trinta & oito annos : os enfermos de S. Antonio por hum instante de desejo. O desejo do Paralitico , quando Christo nasceu , já havia seis annos , que era desejo : os enfermos de S. Antonio vierão depois de Antonio morto , & no ponto , em que tiverão desejo , tiverão saude. Christo acudiu a hum desejo , mas qua-

Joann.  
5.6.

Bb iij do

ão já o desejo pudera ser  
desesperação : Antonio a-  
cudia aos desejos, antes de  
chegarem a ser esperança ;  
& quem não espera que os  
desejos sejam grandes, não  
póde deixar de ser grande:  
*Magnus vocabitur.*

## §. IV.

423 **H**Um milagre  
fez Christo ,  
que foi qualificado pelo  
mayor milagre do mundo:  
*A seculo non est auditum ;*  
mas neste mesmo milagre  
deixou Christo materia a  
S. Antonio para fazer ou-  
tro milagre mayor : *Maiora faciet.* Era hum cego de  
seu nascimento , fez Chri-  
sto hum pouco de lodo cõ  
os dedos, pozlho no lugar  
à fonte de Siloe, & cobrou  
vista. Todos aqui reparaõ  
em Christo dar vista com  
lodo : eu reparo em Chri-  
sto o mandar lavar. Já que  
Christo fez que o lodo  
dêsse vista , porque não  
fez que o lodo não enlo-  
dasse? Porque Deos, quan-

Joann.  
9.32.

do faz milagres por instru-  
mentos naturaes , ainda  
que eleva as naturezas ,  
não as muda, nem as vio-  
lenta. A agua do Bautismo  
elevada santifica, mas nem  
por isso deixa de molhar.  
Assim foi o lodo : deu vi-  
sta, mas enlodou ; porque  
essa he a natureza do lodo.  
Ouvi hum grande mila-  
gre de S. Antonio; & mu-  
ito mayor sendo Portu-  
guez. Os Portuguezes en-  
lodaõ sem lodo : S. Anto-  
nio sendo Portuguez fez  
que o lodo não enlodasse.  
Hia hũa senhora , ( esta o  
era ) hia ouvir a S. Anto-  
nio muito perto delle : era  
inverno : cahio no lodo.  
Que taes ficariaõ as galas!  
Disselhe o Santo que se le-  
vantasse : & estavaõ os ve-  
stidos tam limpos, & afeaa-  
dos , como quando sahí-  
raõ da guardaroupa. Nũca  
se vio tam limpo milagre.

424 Nem por sua pro-  
pria Esposa o fez Christo.  
Era a Esposa tam polida ,  
que chamada a grandes in-  
stancias de Christo , *he* <sup>Canr. 5.</sup>  
respondeo : *Lavi pedes*  
*meos :*

meos: quomodo inquinabo illos? E sendo tam ardentes os extremos, com que o Divino Amante suspirava sua presença, deixou passar todo o inverno, & então lhe disse: *Surge amica mea, & veni: jam enim hyems transit*: Já agora, Esposa minha, podeis sair de casa; porque já passou o inverno. Linda paciência para tam grande amor! Não era mais facil fazer Christo que, ainda que os lodos affogassem os campos, passasse a Esposa por cima delles, sem lhe offenderem hum fio da roupa? Nem com tanto amor fez Christo tal milagre. Que o lodo não enlode, nunca a Omnipotencia de Christo o fez, nem em quanto Homem, nem em quanto Deos. Abrio-se o mar Vermelho, para que passassem os filhos de Israel, & diz o Texto que mandou Deos hum vento abrazador: *Ventum urentem*, para que seccasse o lodo. Abrio-se o mar, para que passassem a pè, & seccou-se o lodo, para

que passassem a pè enxuto. Pois se a Omnipotencia estava tam liberal de milagres, & a occasião era tam apertada, que já os inimigos lhe vinhão batendo nas costas, & Deos queria que não só passassem a pè, mas a pè enxuto; porque não fez que passassem pelo lodo, sem se enlodarem? Pelo lodo sem se enlodarem? isso não. Professores da limpeza, & da limpeza votada, guardar do lodo: ninguém presume que póde entrar no lodo, sem se enlodar. Mas este milagre; que não fez Christo, nem com tanto amor, nem com tanta necessidade; nem em quanto Homem, nem em quanto Deos, foi hum acaso de S. Antonio: *Qui fecerit*.

§. V.

425 **M**As tiremonos do lodo, ponhamonos em Lisboa. Matou-se alli hum homem: accusaraõ ao pay de S. Antonio, sem culpa; & o peyor he que lha prováraõ.

Bb iij Con

Cant. 2.  
10.11.Exod.  
10.13.

Condemnado à morte, (q̃ naquelle bom tempo na nossa terra, quem matava, morria, & não prevalecia a Misericordia contra a Justiça, ainda que fosse Procurador das cadeas hum Titulo) sahio do Limoeiro, & quando chegava já perto de sua casa, apparece no adro da Sè S. Antonio. Embargos, nunca ninguem os poz tam de receber. Neste adro, disse o Santo, está sepultado o morto, diga elle mesmo, se o matou este homem. Levãtase da sepultura o morto, testemuaha que não era aquelle o matador. Insta a Justiça que descubra quem era; mas não o consentio S. Antonio. Morreo outra vez o defunto, resuscitou o vivo, ficou livre o innocente, & desappareceo o Author do milagre. O caso da resurreiçãõ de Lazaro todos o sabem. Comparemos hũa com outra, & veremos que onde Christo fez hum milagre, fez S. Antonio seis milagres, & maravilhas sem conto,

426 Christo teve novas da enfermidade de Lazaro por hum escrito de Martha, & Maria: Antonio teve noticia da morte de seu pay por revelaçãõ do Ceo; primeiro milagre. Christo tardou quatro dias: Antonio não tardou; & sendo Portuguez não tarda, segundo milagre. Christo do Jordão onde estava, a Bethania poz quarenta & oito horas: Antonio de Italia a Portugal foi em hũa noite; terceiro milagre. Christo mãtadou levantar a campa: Antonio não mandou cavar a terra; quarto milagre. Christo pediu fê a Martha, como sempre pedia: Antonio pediu fê; quarto milagre. Christo com hũa resurreiçãõ deu hũa vida: Antonio com hũa resurreiçãõ deu tres vidas: hũa ao morto, que resuscitou, outra ao innocente, que não morreo, outra ao culpado, que não quiz descobrir. Este foi o sexto milagre; & podera ser o septimo delapparecer logo o milag

milagroso : obrâr a mara-  
vilha, & não querer o ap-  
plauso. Porque o não  
perca quem o não quiz,  
ponderemos mais o caso.  
Christo disse a Martha :  
*Ego sum resurrectio, & vi-  
ta* : Eu sou resurreiçãõ, &  
vida. Christo foi resurrei-  
çãõ, & vida : Antonio foi  
vida, & resurreiçãõ. Chri-  
sto deixou morrer a Laza-  
ro, para resuscitar a Laza-  
ro : Antonio não deixou  
morrer a seu pay, para o  
resuscitar depois : resusci-  
tou o morto, para que não  
morresse o vivo. Christo  
deu hũa vida, para reme-  
diar hũa morte : Antonio  
deu hũa vida, para confer-  
var outra vida.

427 Houve-se Santo  
Antonio com seu pay na  
vida corporal como Chri-  
sto com sua Mãy na vida  
espiritual : não lha deu por  
remedio, deulha por pre-  
servaçãõ. Quasi estava pa-  
ra dizer deste venturoso  
pay nesta circumstancia :  
que foi mais venturoso em  
ter por filho a Antonio,  
que Adão em ter por filho

a Christo. Adão foi sen-  
tenciado à morte : *Morte  
morieris* ; deulhe a vida seu  
filho Christo ; mas quando  
lha deu ? Depois de exe-  
cutada a sentença. Não as-  
sim S. Antonio, meteu-se  
entre a sentença, & a exe-  
cuçãõ, & deu a vida a quẽ  
lha tinha dado ; podendo  
dizer com palavras de  
Christo : o que o mesmo  
Christo não pôde fazer :  
*Ega vivo propter Patrem,  
& ipse vivet propter me.*

## §. VI.

428 **I** Sfo he, o que San-  
to Antonio em  
comparaçãõ das obras, &  
milagres de Christo fazia :  
*Qui fecerit* ; agora seguin-  
do a mesma comparaçãõ,  
passemos do fazer ao ensi-  
nar. *Ei docuerit.* Prêgava o  
Santo na Igreja de hum lu-  
gar não muito povoado,  
quando passava por allĩ  
acafo hũa tropa de vinte &  
dous ladrões vandoleiros,  
cuja crueldade por costum-  
me se exercitava em matar,  
& cuja cubiça por vida, &  
prossũõ em roubar quã-

to encontrava. Souberaõ que estava alli prègando S. Antonio ; & movidos da sua fama, entráraõ por curiosidade a ouvir o que dizia. Ao principio se deixáraõ levar , & enlevar da graça do Prègador , & depois penetrados pouco a pouco da força , & efficacia de suas razões , se renderaõ de tal forte a ellas , que todos sem se fallarem se convertèraõ : & confessando seus peccados ao mesmo Santo , & recebendo com promessa da emenda a competente absolvição , assim como tinhaõ entrado a ouvir peccadores , sahíraõ da prègação penitentes. E que direi eu á vista deste calo tam raro em outro menor no numero , mas , por todas as suas circumstancias , mais notavel na pessoa?

429 Hum anno , & trez mezes havia , que Christo Senhor nosso começara a prègar a Judas , quando disse : *Nonne ego vos duodecim elegi, & ex vobis unus diabolus est?* & em

Joann.  
6.71.

todo este tempo não deixou occasiã de lhe bater ao coração , arguindo o máo , & traidor pensamento , com que já traçava a sua venda ; porque já o Senhor se tinha passado de Judea para Galilea , sabendo que os Judeos tratavaõ de lhe tirar a vida : *Quia querebant eum Judæi interficere.* Finalmente chegado o dia , em que a morte de Christo , & a traição , & venda de Judas se havia de effectuar , sete vezes ( como já tenho notado noutra occasiã ) o admoestou , & lhe prègou claramente o Senhor , que desistisse de tam impia , & cruel maldade. E sem se deixar render de tam repetidas prègações , como ladraõ sahio do Cenaculo , como ladraõ concertou a venda , como ladraõ recebeu o preço , como ladraõ entregou a seu Mestre , & como ladraõ rebentou , & morreo impenitente. E que não bastando em mais de hum anno tantos dias , & tantas prègações de Christo para converterter

verter hum ladraõ tam al-  
lumiado antes na Fè do  
verdadeiro Deos , & não  
podendo ignorar que o era  
o mesmo Christo : S. An-  
tonio em hum só dia , & cõ  
hũ só prègaçaõ , ou parte  
della , convertesse vinte &  
dous ladrões , quasi sem  
noticia de Deos , costumados  
a viver de roubos , &  
homicidios !

430 Duas cousas diffi-  
cultã aos homens de se-  
melhante vida a conver-  
saõ , & emenda della: o pe-  
jo de confessar o peccado ,  
& a obrigaçaõ de restituir  
o alheyo. Judas já tinha  
confessado o seu peccado:  
*Peccavi tradens sanguinem*  
*Iustum* ; mas o alheyo ain-  
da o não tinha restituído ;  
porque ainda que tornou  
a lançar no Templo os  
trinta dinheiros : *Retulit*  
*triginta argenteos* ; estes di-  
nheiros forã o preço da  
venda , mas não a restitui-  
çaõ do vendido. O que Ju-  
das vendeo , & entregou ,  
fui a liberdade de Christo ;  
& esta não a restituhio: an-  
tes , porque vio que o le-

vavaõ atadõ , & preso , sem  
se livrar das mãos dos Ju-  
deos , como outras vezes  
tinha feito , desesperado  
se enforcou. O mesmo suc-  
cede a outros ladrões , que  
nem elles se enforcaõ a si ,  
nem a justiça a elles. Facil-  
mente confessaõ o pecca-  
do ; porq̃ roubar o alheyo  
já não he aççaõ tam vil , &  
afrontosa , depois que a  
nobreza , & dignidade dos  
que a usaõ , a tem feito  
quasi honra. Mas tendo  
tantas artes , & ardís para  
tomar o alheyo na vida ;  
encmendaõ a restituiçaõ  
a seus herdeiros , & nenhũ  
tem valor para a fazer por  
si mesmo na morte.

431 Dous ladrões te-  
ve Christo na morte , que  
nem tinhaõ necessidade  
de confessar a culpa , nem  
obrigaçã de restituir. Es-  
tes forã aquelles dous , em  
meyo dos quaes o Senhor  
foi crucificado. Não ti-  
nhaõ necessidade de con-  
fessar a culpa ; porque o  
pregaõ , & o supplicio a  
manifestava : nem obriga-  
çaõ de restituir o alheyo ;  
porque

Match.  
27.4.

Ibid. 5.

porque prégados ã hum  
 pao nús , & despídos , a  
 mesma desnudez , & impos-  
 sibilidade os desobrigava  
 da restitução. E com tudo  
 desejando Christo conver-  
 ter a ambos , & offerecen-  
 do por elles todo o seu  
 sangue , só converteo a hũ.  
 Caso horrendo , estupen-  
 do, tremendo, & digno, se  
 não houvera outra causa ,  
 de na terra se quebrarem  
 as pedras , & no Ceo se es-  
 curecer o Sol. He possível  
 que hum homem condem-  
 nado à morte, & tal morte,  
 sem honra , sem remedio ,  
 sem esperança, nem de vi-  
 da , mais que duas horas ,  
 em hum monte cuberto de  
 caveiras , pregado em hũa  
 Cruz, com tantas mortes ,  
 & a sua , & de seu compa-  
 nheiro á vista , se não quei-  
 ra converter! O mayor dia,  
 que houve no mundo , foi-  
 aquelle , em que o filho de  
 Deos actualmente estava  
 remindo o genero huma-  
 no desde Adão até o últi-  
 mo homem; & q̃ este estan-  
 do tam junto a Christo, &  
 Christo prometendo o Pa-  
 raíso ao companheiro, & o  
 companheiro com o seu  
 exemplo , & palavras prè-  
 gandohe a Fè , & a salva-  
 ção; & sobre tudo, que cor-  
 rendo do Corpo do Salva-  
 dor quatro fontes de mise-  
 ricordia em seu sangue ,  
 por obstinação da propria  
 vontade se não queira a-  
 proveitar d'elle! Mas era  
 ladraõ: & he tal, tam cruel,  
 tam impio , & tam deshu-  
 mano o exercicio de hum  
 homem a outro de sua pro-  
 pria natureza despojar de  
 seus trabalhos , & suores ,  
 tirandohe tal vez a vida ,  
 que não ha dureza de mar-  
 more tam dura , nem de  
 diamante tam impenetra-  
 vel , ainda ao mesmo San-  
 gue de Christo , como a  
 de hum tal coração. Se  
 Christo convertèra estes  
 dous ladrões , ainda a con-  
 versaõ de S. Antonio fica-  
 va superior em vinte ; se  
 convertèra tambem a Ju-  
 das , em dezanove : mas  
 quando Christo no mayor  
 dia , & na mayor acção de  
 sua vida , de tres ladrões  
 não converte mais que  
 hum :

hum : que de vinte & dous  
rão fique hum sò por con-  
verter, mas que todos os  
vinte & dous se convertaõ  
a hũa prègaçã de Anto-  
nio ! bem se deixa ver quã-  
to mayores foraõ suas o-  
bras , que as do mesmo  
Christo , assim como no fa-  
zer , no ensinar : *Et docue-  
rit.*

## §. VII.

432 **M**Ais. Prègava  
Christo a ver-  
dade aos Judeos, mas elles  
como filhos do pay da  
mentira , não só a não que-  
riaõ crer, mas de nenhum  
modo ouvir. Suppunha-os  
o Senhor creaturas racio-  
naes , que eraõ , ou deviaõ  
ser : & como taes os quiz  
perluadir com razões , &  
dous efficazes argumen-  
tos. Primeiro : *Qui ex Deo  
est, verba Dei audit: propte-  
rea vos non auditis, quia ex  
Deo non estis* : quem he de  
Deos, ouve a palavra de  
Deos : vós não a quereis  
ouvir : logo não sois de  
Deos. E se não sois de  
Deos, de quem sois ? Se-

gundo argumento : Se não  
sois de Deos logo sois do  
demonio , & do demonio  
não servos , & seguidores  
sõmente, senão filhos: *Vos  
ex patre diabolo estis.* Res-  
ponderaõ : Nós somos fi-  
lhos de Abrahaõ : & repli-  
cando Christo : Se sois fi-  
lhos de Abrahaõ, fazei o-  
bras dignas de tal pay: en-  
taõ sabiraõ com a sua, &  
terceira consequencia: *Tu* <sup>Ibid. 59.</sup>

*lerunt ergo lapides, ut jace-  
rent in eum* : Tomaraõ pe-  
dras para apedrejar o Se-  
nhor, o qual escondendo-  
se dentro em si mesmo, &  
fazendo-se invisivel, sahio  
do Templo. Pudera-os ce-  
gar, mas teve por melhor  
fazer-se invisivel, para que  
com os olhos abertos vil-  
sem como espelhos, nas  
pedras que tinhaõ na maõ,  
a dureza da sua rebeldia.

433 O mesmo succe-  
deo a S. Antonio com os  
Hereges , cuja vaidade, &  
soberba não só fazia pou-  
co caso da sua doutrina ,  
mas se retirava , & fogia  
de a ouvir. E que faria An-  
tonio neste calo ? Farlehia  
tambem

tambem invisível ? Não o fofria seu zelo. Vai-se diã-te dos mesmos Hereges à ribeira do mar : chama em voz alta aos peixes: Peixes vinde ouvir a palavra de Deos, já que os homens lhe negão os ouvidos. A esta voz ( cousa maravilhosa ! ) começou a ferver todo o mar , & os peixes em cardumes , cada qual segundo sua especie, a nadar directamente, aonde os chamava a voz. Os mais pequenos se puzerão ordenadamente junto à praya ; os outros mais afastados hum pouco ; & os mayores , que demandavaõ mayor fundo , no ultimo lugar : & todos com as cabeças fóra da agua aguardavaõ attentos o para que aquella voz os chamára. Socegado o mar, & quieto todo o auditorio , começou S. Antonio a lhes prègar aquelles beneficios Divinos , que sem os entenderem , tinhaõ recebido da mão de seu Creador. Vòs fostes , dizia , as primeiras creaturas sensitivas , que Deos produzio :

os vossos olhõs, õs primeiros que descobriãõ , & virãõ a luz do mundo: o vosso elemento o segundo , mais vasto que toda a terra , diafano , transparente , & penetravel : muitos de vossos corpos os mayores de todos os viventes , vestidos huns de escamas prateadas, & douradas, outros de pelles de diferentes cores, asperas , ou lizas. Emfim , parentes em primeiro grao do sublime cor das aves , nascidas na mesma patria das aguas , onde muitas desprezando as alturas do ar , vivem juntamente comvolco ; pelo que rodos deveis infinitas , & continuas graças ao Creador. Tudo isto viaõ , & ouviaõ os Hereges pasmados , & attonitos do silencio , & atençaõ , com que os peixes mostravaõ por seu modo assentir a tudo, o que o Santo prègava: desfazendo-se pouco a pouco , & abrandando-se as pedras , que tinhaõ nas mãos, como os Judeos, mas nos coraçõs obstinados.

Hum

434 Hum chamado Bonivilho, o mais subio, & ardente disputador de sua Seita, era o que mais admirava o que estava vendo; & quasi não cria. Notava que Antonio para os ensinar a crer, os não mandava como Salamaõ à escola das formigas, ou das abelhas, animaes, ou bichinhos, que na pequena esfera de seu corpo, & na grande astucia de seu engenho, imitaõ as mais ben ordenadas Republicas; mas os ensinava com o exemplo dos peixes, cujo confuso governo he totalmente despótico, & tyrânico: comendo os grandes aos pequenos, os mayores aos grandes, & os mesmos mayores sendo comidos de outros de tam portentosa grandeza, que os podem engulir, & devorar de hum bocado. Era mais que admiravel nesta condiçãõ de communidade a ordem, quietaçãõ, & socego, com que não só atendiaõ ao que o Santo prégava, mas depois de receberem sua ben-

çãõ, sem se lembarem da fome, ou costume, se apartavaõ em paz, & se retirava cada especie no seu cardume ao lugar, donde alli tinhaõ vindo. Assim dentro da Arca de Noe olhava o Lobo para o Cordeiro, & o Falcão para a Pomba com tal temperança do instinto, & appetite natural, como esquecidos do que eraõ, ou tinhaõ sido antes.

435 Penetrado pois Bonivilho, como Mestre dos demais, desta consideraçãõ, & cõmunicando-a aos compinheiros, todos, ou quasi todos cederaõ da sua dureza, convertendo-se, & pedindo perdaõ ao Santo. Christo Senhor nosso de peccadores de peixes fez peccadores de homens: mas S. Antonio fez peccadores dos homens não os peccadores, senão os peixes. E aquelle foi o dia, em que o mar fez o mais fermoso lanço na terra, do que a terra o tinha feito nunca com as redes no mar. Sendo admiravel a diffe-

diferença ; com que no mesmo caso, de não serem ouvidos dos homens, se houverão no modo de ensinar o supremo Mestre, & o grande Discipulo. Christo escondeo-se em si mesmo: Antonio não se escódeo. Christo fez-se invisivel ; Antonio fez que vissem todos, & ouvissem, como era ouvido. Christo sahio-se do Templo: Antonio não se sahio da campanha, ou da estacada. Christo desenganou-se de não reduzir com razões a homens racionais: Antonio resolveo-se a convencer racionais com animaes brutos, & sem razão. Christo deixou de gastar, & multiplicar palavras como os que as não querião ouvir: & Antonio persuadio aos mesmos com aquelles animaes, que entre todos são mudos, & com o seu silencio. Emfim os Judeos ficárao deixado: com as pedras na mão; & os Herages com a dureza dos corações convertida de pedras em homens, Assim o

tinha Deos prometido por Ezequiel aos reduzidos de Babylonia: *Auferam ab eis* Ezech. *cor lapideum, & dabo eis cor* 11.19. *carneum.*

## §. VIII.

436 **T**Endo mostrado S. Antonio a maioria do seu ensinar, & *docuerit*, primeiro em homens, & depois em brutos; só lhe resta em quem fazer clara a mesma demonstração. Em quem? Não em outrem, senão no mesmo demonio.

437 Aflobrado o demonio, & raivoso das maravilhas, com que Santo Antonio entre Catholicos, & Herages, despovoava o inferno, determinou (quem tal imaginára!) desarmalo. Tinha o Santo reduzido a lição da sagrada Escritura a hum livro de lugares communs, & materias particulares, do qual se valia, principalmente quando havia de pregar sem novo estudo, & de repente. Este livro lhe desappareco

pareceo da cella, & honve mister S. Antonio outro S. Antonio, que perdido lho deparasse. Porque estas graças de Deos, que os Theologos chamaõ gratis datas, ou he fidalguia dos que as recebem, ou limitaçõ, com que Deos as concede, que nunca as possãõ exercitar consigo, senão com outros. Assim vemos em S. Roque, que tendo a graça de curar todos os apettados, elle morreo de peste: & em S. Pedro, que dando saude fóra de sua casa a todos, não a deu dentro della a sua sogra, que gravemente estava enferma de febres. E pudèramos allegar aqui ao mesmo Christo, que fazendo tantos milagres em toda a parte, só na sua Patria diz o Evangelista expressamẽte que não podia: *Non poterat ibi virtutem ullam facere*. E q̃ foi feito daquelle livro de S. Antonio? Ainda o demonio com mayor astucia lho tinha não tirado, mas persuadido a outrem, que occulta-

Tom. 12.

mente õ furtasse. Foi-se ter com hum Noviço, que devia ser pouco humilde, & de altos, ou altissimos pensamentos, & disselhe interiormente: Não ves a grande fama de Fr. Antonio, que leva todo o mundo apoz si com suas prègações? pois eu te ensinarei meyo, com que faças tua toda a sua fama; armãdote a ti, & tirandolhe as suas armas a elle: na sua cella tem hum livro, de que tira quanto prèga; entra lá occultamente, tira-o, & escõde-o onde ninguém te veja, nem o saiba: & logo sabindote da Religiaõ; pois es Noviço, com o teu talento, de que tanto presumes, & com o seu peculio, serás outro S. Antonio.

438 Pareceo bem ao Noviço o conselho, como inventado, & dado por quem lhe conhecia o humor. Deixa o habito: sabe-se com o livro roubado; & como pela falta, que fez no Noviciado, fosse conhecida, & averiguada a

Cc sua

sua fugida; então revelou Deos ao Santo todo o engano do demonio, & o extraordinario modo de tentação, com que o tinha tirado do estado Religioso para o mundo, & posto no caminho certo do inferno. O intento de desarmar a S. Antonio com o furto do livro, foi recebido com riso de todos, os que o ouvirão, como se S. Antonio fosse Pregador de cartapacio, & como Arca do Testamento, que era, não tivesse dentro em si mesmo as taboas de ambas as Leys, isto he, de todas as Escrituras, assim da Ley Escrita, como da Graça. O que sentio o Santo estranhamente compadecido como Pay, & Pastor, foi a perda daquella ovelha. E como nos parece que procuraria reduzi-la ao rebanho? Por ventura hiria elle a buscalo, como o seu zelo tam facilmente acudia aos mais estranhos? Não: mandaria ao menos algum Religioso dos mais antigos, & espirituaes, que com ver-

dadeiros conselhos o reduzisse outra vez? Tambem não. Finalmente encomendaria esta empreza a hum par de Leigos, robustos, & de boas mãos, que, quando não quizesse por vontade, o trouxessem por força? Nem isso fez o Santo; porque em calo tam extraordinario quiz que fosse tambem novo, & inaudito o remedio. Quer reduzir, & restituir à Religião o Noviço; mas não por meyo de outrem, senão do mesmo demonio, que o tinha enganado.

439 Christo na ultima tentação disse ao demonio: *Vade retro*: Torna atrás: & assim o fez S. Antonio com notavel pro-priedade: Já que tu, demonio, foste o que machinaste desde teu principio toda esta tramoya: *Vade retro*: Torna agora atrás, & pois tu a começaste, & fizeste, tu es, o que a has de desfazer. Já se vê qual feria o desgosto, & raiva do demonio, considerado não só desfeita a sua maquina,

Juxta  
codices  
Græcos,  
& Lati-  
nos a-  
pud  
Maldon.  
in cap. 4.  
Math.  
v. 10.

mas

mas a afronta de ser pelo mesmo Author della. Não pode porém deixar de obedecer a S. Antonio pelo poder, que tinha sobre todo o inferno. Vai, como sinaladamente lhe era mandado; espera o Noviço em hũa ponte, donde ou se havia de lançar ao rio, ou tornar atrás: & assim prezo, & ambos envergonhados se vieraõ lançar aos pès de S. Antonio. Oh maravilha nunca vista, & com razão estimada na mesma Escritura por impossível!

440 Toda a conversão de hũa alma a Deos, depois de o ter deixado, he sobre toda a natureza; mas nenhũa mais, difficultosa, que a do Religioso. Não lhe dá outro nome a Escritura sagrada que de impossível: *Impossibilis est eos, qui semel sunt illuminati, & prolapsi sunt, rursus renovari ad penitentiam.* E que este impossível, não só confirmado, mas atado, & reatado com tam particulares circumstancias se desfizesse por meyo do mesmo de-

monio; & tornasse elle a trazer, & meter na Religião o que por tam extraordinarios meyos tinha tirado della! & que isto o não obrasse S. Antonio por si mesmo, ou por outro Religioso, senão por meyo de hum demonio! só na escola de S. Antonio se pôde achar tal modo de ensinar: *Et docuerit.*

## §. IX.

441 **E** Senão, vejamos o que fez Christo, cujo dominio, imperio, & desprezo em tratar os demonios, tam frequentes em seu tempo na Judea, & Galilea, foi verdadeiramente admiravel; mas nenhũa acção sua tam soberana, que possa fazer paralelo a esta de S. Antonio. A acção mais devota, & ao parecer mais santa do demonio, foi a daquelle, que deu em ser Prêgador de Christo, & publicar que era Deos. E que fez estaõ o Senhor? Por ventura converteo, por

Math.  
4. 25.

por meyo desta prêgação do demonio, a todo o mundo, que elle lhe tinha offerecido no deserto: *Hæc omnia tibi dabo?* ou quando menos a hum homem? Nem por pensamento. O que fez, foi não só mandarlhe que se calasse; mas e mudeceo-o totalmente: *Obmutesce.* Não assim S. Antonio. O que Christo não fez por meyo de hum demonio prêgador da sua Divindade, fez S. Antonio por outro demonio depravador da sua Religião: não o privou do instrumêto da lingua, antes acrescentou o de hũa espada nua, com que ameaçasse o Noviço fugitivo. Como se dissera: Tu me quizeste desarmar, para tentar o Religioso; pois eu te armarei, para que tu mesmo desfaças o que tinhas feito. Se depois de lançado Adão do Paraíso, puzera Deos por guarda delle a mesma Serpente q̄ o tentára, fora grande propriedade, & energia do castigo; mas não fiou Deos

do demônio tal genero de obediencia. He verdade q̄ tambem deu a espada; mas a quem? A hum Cherubim: *Cherubim, & flammeum gladium*; porque a acção da espada não está na espada, senão na mão de quem a menea. Mas não foi assim a de S. Antonio. Mete a sua espada na mão do demonio, seguro de que não obraria a espada o que quizesse a mão; senão a mão, posto que muito a seu pezar, o que quizesse a espada. Assim foi; & não em menor, ou menos difficuloso caso, que em hum já qualificado por impossivel.

Genes.  
3. 24.

442 Emfim que não converteo Christo por meyo do demonio a peccador algum, nem Gentio, nem Christão, & muito menos Religioso. He grande o numero de Religiosos, não só Noviços, que cada dia deixão o habito; senão tambem dos Professos, que depois de o serem, Apostatas, & fugitivos renunciaõ, & abominaõ o que

que votáraõ, & prometê-  
raõ a Deos. E quando al-  
guns se emendaõ, & tor-  
naõ verdadeiramente à Re-  
ligião, quem os converte  
? Converte-os o mesmo  
Christo com os impulsos  
de sua graça, converte-os  
com os indultos de seu Vi-  
gario o Summo Pontifice,  
converte-os enfim com  
meyos varios, & extraor-  
dinarios de sua Omnipotencia.  
Porém que hum  
Religioso pervertido se  
converte à Religião por  
meyo do demonio, & do  
mesmo demonio, que o  
perverteo, & incitou a sa-  
hir della; esta maravilha só  
S. Antonio a fez neste ca-  
so, acabando de mostrar  
primeiro nós homens, de-  
pois nos brutos, & ulti-  
mamente no mesmo de-  
monio a grandeza, & ma-  
yoria de suas obras, não só  
consideradas em si, mas cõ-  
paradas com o mesmo  
Christo, assim como já vi-  
mos no fazer: *Fecerit*, &  
agora acabamos de ver no  
ensinar: *Et docuerit.*

## §. X.

443 **E** Ste he aquelle  
Santo, ou aquel-  
le famoso Heroe entre to-  
dos os Santos, que cha-  
mando-se Antonio, o vul-  
go de Roma acrescentan-  
dolhe hũa letra ao nome,  
& chamandolhe Antonino,  
de tam grande o fez pe-  
queno. Tirelhe esta letra  
tam injustamente acrcen-  
tada, & ficará reduzido  
( que he o que eu só per-  
tendo ) à sua natural, ou  
sobrenatural grandeza. Af-  
sim tirou Deos a Sarai a-  
quelle ultimo, i, com que a  
fez muito mayor, do que  
era; & assim tirado a An-  
tonino o ultimo, n, ficará  
restituido ao que he, &  
sempre foi. Elle se fez Me-  
nor por amor de Christo:  
& Christo lhe pagou esta  
grande resoluçãõ com se  
fazer em sua presença me-  
nor que elle. Como se dis-  
sera com o Baptista: *Ilum*  
*oportet crescere, me autem*  
*minui.* E quando Christo  
se diminue, & faz menor  
que

Joann.  
3. 30.

que Antonio, injustiça manifesta he, por não dizer sacrilegio, que haja quem o diminua, ou reduza a hum nome diminutivo, para lhe tirar não digo já a maioria, senão a igualdade de grande. Será justo q̄ nòs lha tiremos, quando o Evangelho lha dá: *Hic Magnus vocabitur?*

444 Só falla com o vulgo Romano a humidade pouca presumida da minha apologia; mas se ella tivera atrevimento para se apresentar aos pès de Sua Santidade, tẽho por certo que pacificamente sahiria melhor despachada. O Papa Nicolao IV. tinha collocado a estatua de S. Antonio na mesma ordem, & serie, em que na Basílica de S. João de Laterão se vem as dos Apostolos; & parecendo-lhe a Bonifacio VIII. que aquelle lugar tam alto não competia a hum Santo de tam pouca antiguidade, como era em seu tempo a de S. Antonio, ordenou que fosse tirada delle, & posta

alli a de S. Gregorio Magno. Eil-aquí como o sobrenome de Magno já entrado se impugnava a S. Antonio. Mas vejamos como elle o defendeo. Levantárao os officiaes os andaimes por ordem de hum Pontifice, para pôem naquelle lugar outro; & ao primeiro golpe do picão, que tocou no capello a S. Antonio, levantou a maõ a estatua com tal impulso, que os Pedreiros, & os andaimes com ruido, que afombrou toda Roma, vierão abaixo, tendo-se por grande milagre do mesmo Santo, que todos, os que tinham subido áquella obra, se levantassem vivos, & sem lesão, ficando elle porẽm no seu lugar sem ser substituhido por outro, posto que summo, & tam grande Pontifice, como bem declara o titulo, & sobrenome de Magno. E são já tres Pontifices, hum que lho deu, outro q̄ lho quiz tirar, & o terceiro que o não substituhio.

445 Em nossos dias se

Ex Damiano  
Cornejo in  
Chronic.  
S. Franc.

fe acrescentou a este numero o quarto, que foi Urbano VIII. Houve tambem em Roma quem tivesse por demasiada a devaçaõ da Escala santa, por onde todas as segundas feiras desde a Aurora até o meyo dia estaõ subindo de joelhos delde o pè do Capitolio até o alto de Araçali em continua devaçaõ homens, & mulheres a venerar a Imagem de S. Antonio. Mas que responderia a discreta urbanidade daquelle grande Pontifice? Respondeo Urbano, que elle não queria pleitos cõ S. Antonio, de que em S. João de Latraõ tinha já o aviso. Vede se tenho eu razãõ de que a minha apologia sahisse com o merecido despacho, se chegasse

a se pòr aos pès de Sua Santidade.

446 Tornando ao vulgo, ( se vulgo se póde chamar o Romano, com que só fallo ) para que lhe não pudesse dizer hoje Tertulliano que se apressou em dar o nome de Magno a S. Antonio do Egypto, ( em quem eu tambem o reconheço, & venero ) saiba que nesta tam justa restituçaõ imitará não me nos que ao mesmo Deos, o qual, depois de começar a se povoar o Linbo dos Padres em Abel, esperoudous mil & trezentos annos, para lhe dar o nome de feyo de Abrahaõ, a quem entre todos os Patriarcas era tam devido, como a S. Antonio, pelo que fez, & ensinou, o de Magno: *Hic Magnus vocabitur.*

# LAUS DEO.



# I N D I C E

## DOS LUGARES DA SAGRADA ESCRITURA, que vao neste Tom.o.

### Ex Libro Genesis.

- Cap. 1. **I**N principio creavit Deus calum, & terram. Pagina 1.  
 Masculum, & feminam creavit eos, benedixitque illis Deus. pag 95. & 104.
- Cap. 2. Factus est homo in animam vivemem. p. 61.
- Cap. 3. Mulier quam dedisti mihi. p. 97.  
 Cur praecepit vobis Deus. p. 73.  
 Vidit lignum. Ibid.  
 Et cum audisset vocem Dei deambulantis ad auram post meridiem, abscondit se. p. 15.
- Cap. 7. In articulo diei illius ingressus est Nec in arcam. p. 164.
- Cap. 10. Filii Japhet, Gomer, & Magog, & Madai & Javan, & Thubal. p. 175.
- Cap. 11. Non desissent à cogitationibus suis, donec eas opere compleant. p. 43.
- Cap. 12. Flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis, & domum ejus, propter Sarai uxorem Abraham. p. 90.
- Cap. 14. Da mihi animas, cateya rolle tibi. p. 147.
- Cap. 15. Ego protector tuus, & merces tua magna nimis. p. 180.
- Cap. 17. Domine Deus quid dabis mihi; ego vado absque liberis. p. 181.  
 Det tibi Deus de rore caeli, & de pinguedine terrae. p. 212.
- Cap. 20. Abimelech vero non tetigerat eam: Locutus est universa verba haec in auribus eorum. p. 14.  
 Ecce mille argenteos dedi fratri tuo: hoc erit tibi in velamen oculorem ad omnes, qui tecum sunt. Ibid.
- Cap. 22. Non extendas manum tuam super puerum. p. 243.
- Cap. 29. Videbantur illi pauci dies. p. 70.  
 Hanc quoque dabo tibi pro opere, quo serviturus es mihi septem annis alii. p. 71.
- Cap.

Cap. 30. Da mihi liberos, alioquin  
miorior. p. 179.

Numquid pro Deo ego sum. *Ibid.*

Cap. 32. In baculo meo transivi For-  
danem. p. 213.

Et nunc cum duabus turmis regre-  
dior. p. 214.

Ex libro Exodi.

Cap. 3. Quod rubus arderet, & non  
combureretur. p. 36.

Descendi ut liberem eum. p. 37.

Cap. 5. Nescio Dominum, & Israel  
non dimittam. p. 328.

Cap. 12. Cum lactucis agrestibus. p.  
125.

Cap. 15. Operuit eos mare. p. 329.  
Devoravit eos terra. *Ibid.*

Cap. 20. Populus autem videbat vo-  
ces. p. 342.

Cap. 32. Hi sunt Dii tui, Israel, qui  
te eduxerunt de terra Ægypti. p.  
304.

Cap. 34. Cornuta erat facies sua. p.  
292.

Ex libro Levitici.

Cap. 26. Si in præceptis meis am-  
bulaveritis, & mandata mea cu-  
stodieritis, dabo vobis pluvias tem-  
poribus suis: & terra gignet ger-  
men suum, & pomis arbores re-  
plebuntur: & comedetis panem ve-  
strum in saturitate: comedetis ve-  
rustissima veterum, & vetera, no-  
vis supervenientibus, projicietis.  
Quod si non audieritis me, nec fe-  
ceritis omnia mandata mea, dabo  
vobis calum desuper sicut ferrum,  
& terram aveam: consumetur in  
cassum labor vester: non proferet

terra germen: nec arbores poma  
præbunt. p. 207.

Quando fueritis in terra hostili, sab-  
batizabit, & requiescet in sabba-  
tis solitudinis sue, eaque non sab-  
batizaverit in sabbatis vestris,  
quando habitabatis in ea. p. 218.

Ex libro Numeri.

Cap. 11. Nihil aliud respiciunt oculi  
nostri, nisi Man. p. 105.

Cap. 12. Et populus non est motus de  
loco illo, donec revocata est Ma-  
ria. p. 20.

Cap. 13. Venimus in terram, ad  
quam misisti nos, quæ revera fuit  
lacte, & melle. p. 260.

Cap. 14. Neque timeatis populum  
terre hujus, quia sicut panem, ita  
eos possumus devorare. p. 141.

Cap. 23. Veni mecum in alterum lo-  
cum, &c. p. 288.

Ex libro Deuteronomii.

Cap. 5. Non concupisces uxorem pro-  
ximi tui. p. 131.

Ex libro Judicum.

Cap. 2. Non est hoc aliud, nisi gladius  
Gedeonis. p. 142.

Cap. 14. Proponam vobis problema.  
p. 79.

Cap. 15. Percussi mille viros. p. 145.  
In mandibula delevi eos. *Ibid.*

Cap. 16. Pro amissione duorum la-  
minum, unam ulcionem recipiam.  
p. 66.

Ex primo Regum

Cap. 1. Domine, si respiciens videris  
afflictionem familie tue, dederisque  
servæ tuæ sexum virilem: dabo  
eum Domino omnibus diebus vite  
ejus. p. 26.

Cap.

- Cap. 2. *Visitavit ergo Domius An-  
nam, & concepit, & peperit tres fi-  
lios, & duas filias. Ibid.*  
*Douce sterilis peperit septem. p. 28.*
- Cap. 10. *Stetit in medio populi, & al-  
tior fuit universo populo. p. 262.*
- Cap. 30. *Dixeruntque: hæc est præda  
David. p. 123.*  
Ex secundo Regum
- Cap. 7. *Thronus tuus erit firmus ju-  
giter, &c. p. 183.*
- Cap. 8. *Tulit David frænum tributi  
de manu Philistiim. p. 186.*
- Cap. 11. *Vidit mulierem se lavantem:  
erat autam mulier pulehra valde.  
p. 18.*  
*Misit David, & introduxit eam in  
domum suam; & facta est ei uxor:  
& displicuit verbum hoc coram  
Domino. p. 89.*
- Cap. 12. *Quamobrem non recedet  
gladius de domo tua, usque in sem-  
piternum. p. 87.*  
*Quoniam blasphemare fecisti inimi-  
cos Domini: ecce ego suscitabo su-  
per te malum de domo tua, & tol-  
lam uxores tuas, & dabo proximo  
tuo, & dormiet cum uxoribus tuis  
in oculis solis hujus: tu enim fecisti  
absconditè, & ego autem faciam  
verbum istud in conspectu omnis Is-  
rael. p. 87. & 88.*
- Uxorem illus accepisti in uxorem ti-  
bi. p. 89.*  
*Et tuleris uxorem Uria Hethai, ut  
esset uxor tua. Ibid.*  
Ex tertio Regum.
- Cap. 1. *Erat autem pulcher valde.  
p. 10.*
- Cap. 2. *Minimus digitus meus gros-  
sior est dorso patris mei. p. 33.*
- Cap. 19. *Petivit anima sua, ut more-  
retur. p. 158.*
- Cap. 21. *Venundatus est, ut faceret  
malum. p. 320.*  
Ex quarto Regum.
- Cap. 9. *Regnavit Jehu. p. 34.*  
Ex libro Tobie
- Cap. 2. *Videte ne furtivus sit. p. 101.*  
*Manifestè vana facta est spes tua,  
& elemosynæ tuæ modò apparue-  
runt. p. 102.*  
*Ut posteris daretur exemplum pa-  
rientiæ ejus, sicut & Sancti Job.  
p. 102.*
- Cap. 3. *Et nunc Domine secundum  
voluntatem tuam fac mecum, &  
præcipe in pace recipi spiritum meum:  
expedit enim mihi magis mori,  
quàm vivere.*  
Ex libro Job.
- Cap. 1. *Numquid considerasti ser-  
vum meum Job. p. 51.*
- Cap. 2. *Verumamen anima in illius  
serva. p. 62. & 98.*  
*Ahuc tu permanes in simplicitate  
tua: benedic Deo, & morere. pag.  
100.*
- Cap. 7. *Factus sum mihi met ipsi gra-  
vis. p. 232.*
- Cap. 13. *Posuisti in nervo pedem  
meum. p. 159.*
- Cap. 16. *Circumdedit me lanceis  
suis: convulseravit lumbos meos.  
p. 356.*
- Cap. 19. *Scio quod in novissimo die  
de terra surrecturus sum, & rur-  
sum circumdabor pelle mea, & in  
carne*

- carne mea videbo Deum, quem visurus sum ego ipse, & non alius. p. 156.
- Reposita est haec spes mea in sinu meo. p. 158.
- Derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos. p. 62.
- Cap. 31. Quae est iniquitas maxima. p. 83.
- Pepigi foedus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine. pag. 100.
- Cap. 38. De turbine. p. 75.
- Ex libro Psalmorum.
- Psal. 15. Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges. p. 160.
- Psal. 22. Dominus regit me, & nihil mihi deerit. p. 212.
- Psal. 23. Attollite portas Principes vestras, & introibit Rex gloriae. p. 240.
- Psal. 31. Quoniam tacui, inveteraverunt omnia ossa mea. p. 61.
- Psal. 33. Time Domini omnes Sancti ejus, quoniam non est inopia timentibus eum, &c. p. 208.
- In Domino laudabitur anima mea. p. 87.
- Psal. 36. Junior fui, etenim senis, & nunquam vidi justum derelictum, nec semen ejus quarens panem. p. 214.
- Psal. 47. Ibi dolores, ut parturientis. p. 179.
- Psal. 49. Numquid manducabo carnes taurorum, aut sanguinem hircorum potabo. p. 160.
- Psal. 55. Ab altitudine diei timbo. p. 164.
- Sacrificium laudis honorificabit me. p. 222.
- Psal. 80. Non audivit populus meus legem meam, & Israel non intendit mihi; & dirixit eos secundum desideria cordis eorum. p. 73.
- Psal. 110. Memoriam fecit mirabilium suorum: escam dedit timentibus se. p. 107.
- Psal. 140. Singulariter sum ego, donec transeam. p. 239.
- Ex libro Proverbiorum.
- Cap. 10. Non affliget Dominus famam animam justi. p. 208.
- Cap. 19. Foveratur Deo, qui miseretur pauperis. p. 224.
- Cap. 20. Gubernaculis tractanda sunt bella. p. 135.
- Cap. 31. Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem. p. 222.
- Ex libro Ecclesiastes.
- Cap. 10. Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias. 116.
- Cap. 11. Mitte panem tuum super transeuntes aquas, quia post tempora multa invenies illum. p. 225.
- Ex Cantico Canticorum.
- Cap. 1. Iudica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie. p. 15.
- Si ignoras te, o pulcherrima inter mulieres. p. 16.
- Cap. 4. Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te. p. 18.
- Cap. 5. Comedite amici, & bibite, & inebriamini charissimi: ego dormio, & cor meum vigilat. p. 117.
- Cap. 6. Averte oculos tuos a me; quia ipsi me avolare fecerunt. p. 7.
- Pulchra,

*Pulchra, ut Luna, electa, ut Sol. p. 18.*

*Terribilis ut castrorum acies ordinata. p. 141.*

*Pulchra es amica mea, suavis, & decora, sicut Hierusalem. p. 4.*

*Cap. 7. Egrediamur in agrum, & videamus, si flores fructus parturiunt, p. 195.*

*Cap. 8. Quae habitas in hortis, amici auscultant; fac me audire vocem tuam. p. 63.*

*Heu, fuge dilecte mi. Ibid.*

*Ex libro Sapientiae.*

*Cap. 4. Fascinatio nugacitatis obscurat bona. p. 287.*

*Ex libro Ecclesiastici.*

*Cap. 15. Cibavit illum pane vite, & intellectus. p. 128.*

*Cap. 19. Mulieres apostatatae faciunt sapientes. p. 81.*

*Ex Prophetia Isaiae.*

*Cap. 13. Quasi parturiens dolebunt. p. 179.*

*Cap. 21. Comedentes, & bibentes surgite Principes: arripite clypeum. p. 134.*

*Cap. 25. Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium vindemiae defecatae. p. 346.*

*Cap. 42. Gloriam meam alteri non dabo. p. 235.*

*Cap. 54. Lauda sterilis, quae non parit: decanta laudem, & hiui, quae non pariebas. p. 30.*

*Cap. 58. In die ieiunii vestri invenitur voluntas vestra. p. 163.*

*Cap. 60. Filii tui de longe venient, & filia tuae de latere surgent. p. 28.*

*Cap. 63. Torcular calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum. p. 239.*

*Ex Prophetia Jeremiae*

*Cap. 6. Dolores, ut parturientem. p. 179.*

*Ex Threnis.*

*Cap. 4. Parvuli petierunt panem, & non erat, qui frangeret eis. p. 143.*

*Ex Prophetia Ezechielis.*

*Cap. 27. Sed & Pygmaei, qui erant in turribus tuis per gyrum, ipsi compleverunt pulchritudinem tuam. p. 139.*

*Cap. 28. Elevatum est cor tuum in decore tuo. p. 10.*

*Ex Prophetia Osee.*

*Cap. 10. Seminate vobis in iustitia, & metite in ore misericordiae. p. 209.*

*Ex Prophetia Habacuc.*

*Cap. 3. Deus ab Austro veniet, & status de monte Pharan, &c. p. 292.*

*Cornua in manibus ejus. p. 352.*

*Ex Prophetia Sophoniae.*

*Cap. 3. Serviant ei humero uno. pag. 70.*

*Ex Prophetia Zachariae.*

*Cap. 3. Framea suscitare super Pastorem meum, & super virum cubarentem mihi. p. 356.*

*Ecce enim ego adducam servum meum Orientem. p. 249.*

*Cap. 9. Frumentum electorum, & vinum germinans virgines. p. 128.*

*Cap. 13. Quid sunt plaga ista in medio manuum tuarum. p. 348.*

*Ex primo Machabaeorum.*

*Cap. 3. Non est differentia in conspectu Dei cali liberare in multis,*

- vel in paucis pag. 138.*  
 Ex Divo Matthæo.
- Cap. 1. David autem Rex genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ. p. 1.
- Cap. 2. Obtulerunt ei aurum, thus, & myrrham. p. 173.
- Cap. 4. Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me. p. 316.
- Cap. 5. Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, &c. p. 252.  
*Vos estis sal terræ: vos estis lux mundi. p. 107.*
- Cap. 9. Exiit fama hæc in universam terram illam p. 122.
- Cap. 12. Sicut fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus, sic erit filius hominis in corde terræ. p. 120.
- Cap. 14. Manducaverunt, & saturati sunt. p. 206.
- Cap. 16. Siquis vult post me venire, abneget semetipsum: tollat Crucem suam, & sequatur me. p. 55. & 229.
- Cap. 17. Resplenduit facies ejus, sicut Sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba, sicut nix. p. 157. & 253.  
*Nemini dixeritis visionem, donec filius hominis à mortuis resurgat. p. 158.*
- Cap. 9. Si ita est causa hominis cum uxore, non expedit nubere. p. 104.  
*Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est. Ibid.*
- Cap. 20. Exiit primo mane conducere operarios in vineam suam. p. 164.
- Cap. 22. Ligatis manibus, & pedibus, mitte eum in tenebras exteriores. p. 64.  
*At ille obmutuit. Ibid.*
- Cap. 24. Ita ut in errorem inducantur etiam electi. p. 42.
- Cap. 25. Dormitaverunt omnes, & dormierunt. p. 32.  
*Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. Ibid.*
- Cap. 26. Omnes, relicto eo, fugerunt. p. 71.  
*An putas, quia non possum rogare Patrem meum, & exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones Angelorum p. 237.*
- Cap. 27. Monumenta aperta sunt, & multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt, & venerunt in Sanctam Civitatem, & apparuerunt multis. p. 120.  
*Dederunt ei vinum cum felle mixtum p. 345,*  
*Cum gustasset, noluit bibere. Ibid.*  
*Terra mota est. p. 153.*  
*Verè Filius Dei erat iste. p. 313.*  
*In sepulturam peregrinorum. p. 48.*  
*Prætereuntes blasphemabant. p. 19.*
- Cap. 28. Erat autem ibi Maria Magdalene, & altera Maria, sedentes contra sepulchrum. p. 148.  
*Terræ motus factus est magnus. pag. 153.*  
*Exterriti sunt custodes. p. 153.*  
*Angelus enim Domini revolvit lapidem, & sedebat super eum. pag. 167.*
- Ex Divo Marco.
- Cap. 6. At illi putaverunt phantasma esse. p. 45. Non

Non licet tibi. p. 105.

Cap. 7. Non est bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus. p. 49.

Cap. 8. Quia jam triduo sustinent me. p. 216.

Cap. 15. Deus meus, Deus meus, ut quid deliquisti me. p. 238.

Cap. 16. Misit Herodes, ac tenuit Joannem, & vinxit eum in carcere propter Herodiadem uxorem Philippi fratris sui, quia duxerat eam, & decollavit eum in carcere. p. 78.

Emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesum. p. 159.

Nolite expavescere: Jesum quaeritis Nazarenum, crucifixum: surrexit, non est hic. p. 148.

Quis revolvat nobis lapidem; erat quippe magnus valde. p. 166.

Cum transfisset Sabbatum, Maria Magdalene, & Maria Jacobi, & Salome emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesum. p. 161.

Valde mane, orto jam Sole. pag. 149.

At illa exeuntes fugerunt de monumento; invaserat enim illas pavor, & tremor. p. 151.

Et nemini quidquam dixerunt; timebant enim. Ibid.

Ex Divo Luca.

Cap. 7. Capillis capitis sui tergebat. p. 161.

Cap. 9. Nesciens quid diceret p. 158. Bonum est nos hic esse. Ibid.

Cap. 10. Domine non est tibi cura, quod soror mea reliquit me solam

ministrare. pag. 9.

Cap. 12. Expectantibus Dominum suum, quando revertatur à nuptiis. p. 34.

Sisciret Paterfamilias qua hora surveniret. Ibid.

Qua hora non putatis, Filius hominis veniet. Ibid.

Sint lumbi vestri praecincti, & lucernæ ardentes in manibus vestris. p. 36.

Praecinet se, & faciet illos discumbere. Ibid.

Perfodi domum suam. p. 41.

Cap. 14. Homo quidam fecit canam magnam. p. 107. 110. & 111.

Fuga boum emi quinque, & eo probare illa. Ibid.

Villam emi, & necesse habeo exire, & videre illam. Ibid.

Quis Rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se. p. 138.

Cap. 22. Accipite, & dividite inter vos. p. 298.

Cap. 23. Blasphemabat eum. p. 19.

Omnis turba eorum, qui simul aderam, percutientes pectora sua revertebantur. p. 153.

Pater in manus tuas commendo spiritum meum. p. 69.

Hodie mecum eris in Paradiso. pag. 19.

Nos quidem justè, nam digna factis recipimus; hic verò nihil mali gefit. Ibid.

Domine memento mei, cum veneris

- ris in regnum tuum. *Ibid.*
- Cap. 24. Mulieres ex n stris terruerunt nov. p. 153.
- Coegerunt illum dicentes : Mane nobiscum, quoniam advesperascit, & inclinata est jam dies. p. 164.
- Ex Divo Joanne.
- Cap. 1. Confessus est, & non negavit. &c. p. 307.
- Cap. 6. Ut autem impleti sunt, collegerunt, & impleverunt duodecim cophinos. p. 203.
- Ut raperent eum, & facerent eum regem. p. 146.
- Colligite, quæ superaverunt, fragmenta, ne pereant. p. 133.
- Ducentorum denariorum panes non sufficiunt eis, ut unusquisque modicum quid accipiat. p. 137.
- Est puer unus hîc, qui habet quinque panes. *Ibid.* & 222.
- Sed hæc quid inter ta uos. *Ibid.*
- Et cum gratias egisset, distribuit discumbentibus. p. 139.
- Unde ememus panes, ut manducent hi? p. 136. & 221.
- Qui manducat meam Carnem, & bibit meum Sanguinem, habet vitam æternam; & ego resuscitabo eum in novissimo die. pag. 119. & 120.
- Verba, quæ ego locutus sum vobis, spiritus, & vita sunt. p. 128.
- Panis enim Dei est, qui de celo descendit, & dat vitam mundo. p. 127.
- Ego sum panis vivus, qui de Cælo descendi. p. 127.
- Panis, quem ego dabo, caro mea

- est pro sæculi vita. *Ibid.* & 313.
- Siquis manducaverit ex hoc pane vivet in æternum. *Ibid.*
- Nisi manducavertis carnem filii hominis non habebitis vitam. *Ibid.*
- Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem. *Ibid.*
- Et qui manducat me, ipse vivet propter me. *Ibid.*
- Qui manducat hunc panem, vivet in æternum. *Ibid.*
- Hic est panis, qui de celo descendit, ut siquis ex ipso manducet, non moriatur. *Ibid.* & 295.
- Non sicut manducaverunt Patres vestri manna, & mortui sunt. *Ibid.*
- Cap. 8. Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi. p. 302.
- Cap. 11. Tollite lapidem. p. 167.
- Cap. 12. Nunc judicium est mundi: nunc princeps hujus mundi ejicitur foras: & ego, si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum. p. 54.
- Cap. 13. Cum accepisset ille buccellam, continuò exivit, &c. p. 298.
- Magister, & Domine p. 108.
- Cap. 14. Tãto tempore vobiscum sum, & non cognovistis me: Philippe, qui videt me, videt & Patrem meum. p. 136.
- Cap. 15. Pater meus agricola est. p. 270.
- Cap. 16. Me solum relinquatis, sed ego non sum solus, quia Pater mecum est. p. 239.
- Cap. 17. Glorifica me Pater. pag. 235.

Cap. 18. Ego sum. p. 311.

*Si ergo me queritis, finite hos abire.*  
p. 237.

Cap. 19. Ligaverunt illud linteis  
cum aromatibus. p. 159.

Sitio. p. 67. & 356.

*Et cum gustasset, noluit bibere.*  
Ibid.

*Cum vidisset Jesus Matrem, &*  
*Discipulum stantem* p. 65.

*Os non comminuetis ex eo.* p. 62.

*Non frugerunt ejus crura.* Ibid.

*Milites ergo acceperunt vestimenta*  
*ejus, & tunicam.* p. 35.

Cap. 20. Cum fores essent clausæ. pag.  
156.

*Infer digitum tuum huc; & vide*  
*manus meas; & affer manum*  
*tuam, & mitte in latus meum.* p.  
157.

Ex libro Actorum.

Cap. 1. Quod est juxta Hierusalem,  
Sabbati habens iter. p. 162.

Ex Epistola ad Romanos.

Cap. 4. Credidit Abraham Deo, &  
reputatum est illi ad justitiam. p.  
67.

Cap. 6. Mors illi ultra non domina-  
bitur. p. 155.

Ex prima ad Corinthios.

Cap. 1. Judeis quidem scandalum:  
gentibus autem stultitiam. p. 56.

Cap. 5. Modicum fermentum totam  
massam corrumpit. p. 85.

Cap. 13. Tunc autem facie ad fa-  
ciem. p. 6.

Cap. 15. Seminatur corpus animale,  
surgit corpus spiritate. p. 155.

Tom. 12.

Ex Secunda ad Corinthios

Cap. 11. Hoc est Corpus meum, quod  
pro vobis tradetur. p. 313.

Ex Epistola ad Galatas.

Cap. 2. Christo confixus sum Cruci.  
p. 60.

*Vivo ego, jam non ego: vivit verò*  
*in me Christus.* p. 241.

Cap. 5. Qui carnem suam crucifixe-  
runt cum vitiiis, & concupiscentiis  
suis. p. 55.

Cap. 6. Mibi mundus crucifixus est,  
& ego mundo. p. 69. & 233.

Ex Epistola ad Ephesios.

Cap. 3. Hujus rei gratia flecto genua  
mea ad Patrem, ex quo omnis pa-  
ternitas in cælis, & in terra nomi-  
natur. p. 189.

Ex Epistola ad Philippenses:

Cap. 3. Nunc autem & flens dico  
inimicos Crucis Christi. p. 56.

Ex Epistola ad Colossenses.

Cap. 2. Adimpleo ea, quæ desunt  
passionum Christi, in carne mea  
p. 341.

Cap. 3. Avaritiam, quæ est simula-  
crorum servitus. p. 328.

Ex secunda ad Timotheum:

Cap. 4. Tempus resolutionis meæ. p.  
199.

Ex Epistola ad Hebræos:

Cap. 7. Hoc enim fecit semel se ipsum  
offerendo. p. 345.

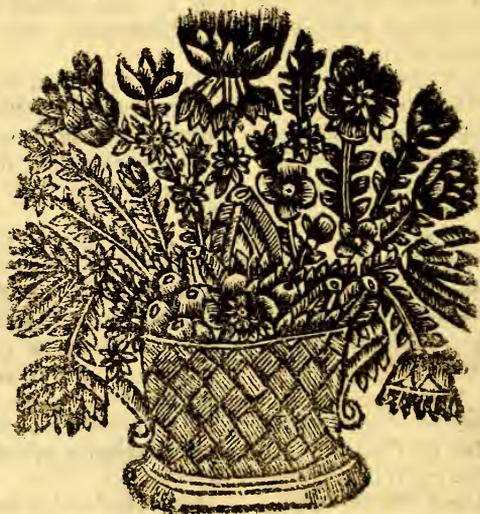
Cap. 12. Propositio sibi gaudio susti-  
nuit Crucem. p. 168.

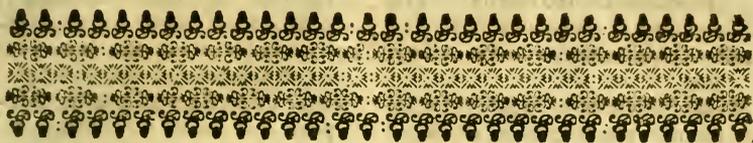
Dd

Ex

Ex libro Apocalypsis.  
 Cap. 6. Ecce equus albus, & qui se-  
 debat super eum habebat arcum. p.  
 140.  
 Et data est ei corona. Ibid.  
 Et exivit vincens, ut vinceret.  
 Ibid.

Cap. 7. Vidi alterum Angelum ha-  
 bentem signum Dei vivi p. 250.  
 Cap. 12. Signum magnum apparuit  
 in celo: Mulier amicta Sole, &  
 Luna sub pedibus ejus, &c. pag.  
 258.





# INDICE

## DAS COVSAS MAIS NOTAVEIS , que estaõ neste Tomo.

*Os numeros não significão folha , nem pagina, nem  
columna, senão o numero marginal.*

### A

*Acabar.* **O**S homens edificaõ começando pelos alicesses, & acabando pelas abobadas: Deos começa pelas abobadas, & acaba pelos alicesses. Num. 1.

*Acção.* As acções de Christo, po-  
sto que encontradas, todas fa-  
zem os mesmos effeitos. num.  
164.

*Acquirir.* Varios modos, com que  
a avareza quer acrescentar os  
bens, todos inuteis. 227. 228.  
Qual seja só o modo seguro de  
acquirir. 230.

*Adorar.* Quem adora a idolatra,

adorará os seus Idolos. 105.

*Adulterio.* Assim como tomar a  
mulher alhea he adulterio da  
torpeza: assim tomar a fazen-  
da alhea he adulterio da cubi-  
ça. 108.

*Alhea.* David, & Acab ambos in-  
felicissimos, hum, porque to-  
mou o alheyo, & o outro, por-  
que tomou a alhea. 110. 111.  
112: 113.

Castigos extraordinarios, & ad-  
miraveis, com que Deos de-  
struhio as mayores potencias  
do mundo por mulheres a-  
lheas, ou porque o eraõ, ou só

Dd ij porque

- porque o tinhaõ sido. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116.
- Alheyo.* Vide supra verbo *Alheya.* 110.
- Alma.* Offerêce o demonio hum mundo por hũa alma; porque a conhece. 340.
- Amor.* Quem ama muito, atè perigos impossiveis teme. 48.
- Quem padece muito pelo que muito ama, a sua Cruz he a sua gloria. 258.
- Espera quem serve: teme quem ama. 44. 45.
- Quem chegou a temer impossiveis, chegou a amar quanto he possivel. 48.
- Amor proprio.* Só se sabe querer bem, quem se sabe livrar de si mesmo. 252.
- Anio.* Mayor fineza he obedecer á voz de Deos pronunciada por hum bruto, que articulada por hum Anjo. 99. No *Te Deũ laudamus* se daõ graças a Deos a dous Coros: na terra os homens: no Ceo os Anjos. 183.
- E a este coro pertencem os Avòs na alegria do nascimento dos Netos. *Ibid.*
- Antiguidade.* Grande parte do côselleiro a antiguidade. 155.
- Antigo.* Os Antigos nos nomes, que deraõ aos Deoses, se apresfã aõ mais. 414.
- Antonio.* Milagre dos peixes, com que S. Antonio converteo aos que o não queraõ ouvir: & Christo não converteo aos q̃ o não queraõ ouvir com a efficacia de suas palavras. 432. 433. & deinceps.
- Os milagres de S. Antonio maiores que os de Christo; porque S. Antonio obrava morto, o que Christo obrava vivo. 420.
- Diferença de S. Antonio a Christo fazendo milagres por hum desejo. 421. 422.
- Para receber de Christo a saude era necessario tocar a Christo; & para a receber de S. Antonio, bastava só desejar a saude. 419.
- Em S. Antonio está o Santissimo Sacramento propriamente exposto; porque S. Antonio he a exposiçãõ do Santissimo Sacramento. 130. 131. 132.
- Calo notavel de hũa Missa dita a S. Antonio para se consegñir hũa grande maldade. 151.
- S. Antonio em muytos lugares no mesmo tempo como Christo no Sacramento. 136.
- Mayor maravilha de S. Antonio encubrir a sua virtude; sendo tam Santo, & a sua sabedoria, sendo tam douto. 149. 150.
- Apear.* Quando o Ceo anda prodigiolo, a huns poem a pè, a outros em coche. 38.
- Apologia.* Materia apologetica do Sermaõ de S. Roque. 43.

*Applauso.* Os applausos presentes com que celebramos a S. Antonio, são prova de que não havíamos de crer, nem ver as suas obras, quando elle as fez. 313.

*Armas.* Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bês. 55.

*Arrojado.* Homens arrojados são mais para vencer as difficuldades, que para consultar se se hão de emprender. 155.

*Atlante.* Os moradores do monte Atlante amaldiçoão o Sol, quando nasce, & quando se poem. 297.

*Atrevimento.* Do atrevimento dos homens, & do sofrimento de Deos no Sacramento, se confirma a Fè deste mysterio. 325.

*Avareza.* Varios modos, com q̃ a avareza quer acrescentar os bens, todos inuteis. 222. 228. O modo seguro de acrescentallos he dar pelo amor de Deos. 230.

*Avô.* Vide verbo *Anjo*. 99.

*Autoridade.* Quanto a autoridade do Sacramento perde de respeito, tanto a Fè ganha de autoridade. 327.

# B

*Batalha.* **B**atalha entre os cinco paens, & cinco mil homens, que Christo sustentou no deserto. 153.

*Bersabè.* Bersabè tirada por David a Urias contra todas as leys, foi figura da Virgem Maria; por cuja fermosura quebrou Deos todas as leys, a que estavaõ fugeitos os filhos de Adaõ. 16.

*Bem.* Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bens. 55.

*Beneficio.* Basta que o merecimento do beneficio esteja em algũs, para que Christo sacramentado o communique a muitos; & basta que esteja em hum, para que o communique a todos. 143.

*Bens.* Os mesmos bens dados por Deos, ou não dados por Deos, são benção, ou maldição. 226.

*Boca.* O cuidado de todos os homens he buscar o pão para a boca. 111. 112.

*Bons.* Bons, & máos, todos podem servir a Deos. 61.

*Bruto.* Mayor fineza he obedecer à voz de Deos pronuncia'a por hum bruto, que articula'da por hum Anjo. 99.

*Buscar.* Quando buscamos a Deos, nos buscamos, & nos achamos a nós. 124.

## C

*Calar.* **M**Elhor he calar com certeza da morte, q̄ pedir cō interesse da vida. 80.

*Calvario.* Todos os homens do mundo, ou são justos, ou pecadores, ou penitentes, & todos tem sua Cruz; & por isso o mundo he como o monte Calvario. 69.

*Cambio.* Dar esmola he dar a cambio a Deos. 243.

O cambio de Deos não he a seis & quarto por cento, senão a cento por hum, & muito mais. 244.

*Campanha.* As batalhas dão-se na campanha: as vitórias alcançam-se no gabinete. 154.

*Capa.* Então reyna o Rey, quando os vassallos lhe fazem o throno com as suas capas. 38.

*Capitão.* O verdadeiro Capitão hade querer para si só a gloria da victoria; & para os seus os despojos. 162.

*Caso.* Caso notavel de hũa Missa dita a S. Antonio para se conseguir hũa grande maldade. 151.

*Castigo.* Castigos admiraveis, & extraordinarios, com q̄ Deos

destruio às mayores potencias do mundo pôr mulheres alheas; ou só porque eraõ, ou só porque o tinhaõ sido. 109. 111. 113. 114. 115. 116.

*Cativeiro.* Os cativeiros injustos são a destruição do Maranhão, & de todas as Conquistas. Prova-le com todas as razões, & propoem-se o remedio facil para os evitar. 350.

Mayor cativeiro he estar ingeito à vontade propria, que à alhea 95.

*Ceo.* Todos queremos ir ao Ceo, & não queremos. 251.

A devação da purissima Conceição assegura o caminho do Ceo. 22.

*Chagas.* As Chagas de S. Francisco vem-se com os ouvidos, & ouvem-se com os olhos. 369.

Christo teve hũas Chagas no Corpo, outras na Alma. 273.

O Serafim S. Miguel prova-se que foi o que imprimio as Chagas em S. Francisco. 277. Nas Chagas de S. Francisco se emendáraõ os defeitos do Calvario. 337. & deinceps. Primeiro defeito da parte dos instrumentos: segundo da parte dos Ministros: terceiro da parte das mesmas Chagas. Ibid.

*Christão.* O verdadeiro Christão he hum não eu; porque se ha nas cousas proprias como alheas. 252.

*Christe*

*Christo.* Compara-se Christo a Esposo, & a Ladrão, & porque? 39.

Christo no dia de sua Resurreição, foi o Sol, que amanheceo de madrugada: & em todas as circunstancias daquelle dia foi como o Sol. 165.

As acções de Christo, posto q̄ encontradas, todas fazem os mesmos effeitos. 164.

*Cinto.* O remedio para sustentar as tochas, he apertar os cintos. 35.

*Começar.* Os homens edificão começando pelos alicesses, & acabando pelas abobadas: Deos começa pelas abobadas, & acaba pelos alicesses. 1.

*Companhia.* A Cruz da Religião padece-se por Christo, & com Christo; & como Christo he a causa, & a companhia, isto mesmo a faz muito leve. 90.

*Conceição.* Da fermolura da Virgem se prova a pureza de sua Conceição. Refere-se hum caso famoso. 12.

A devação da purissima Conceição segura o caminho do Ceo. 22. Quanto agradaõ à Virgem Maria os que defendem a pureza de sua Conceição. 21. 22.

Deos na Conceição da Virgem Maria começou pelo fim, isto he, pela graça, & acabou pelo principio, isto he, pela natureza. 2.

Bersabé tir adã por David a Urias contra todas as leys, foi figura da Virgem Maria; por cuja fermolura quebrou Deos todas as leys, a que estavaõ sujeitos os filhos de Adão. 16. 17.

*Conselheiro.* He grande parte de côselheiro a antiguidade. 155.

*Conselho.* As guerras se hão de governar com o conselho, que he o leme das guerras. 154.

Ha conselhos, que são maldições. 119.

*Conservaçãõ.* Os Reynos, & os Imperios conservaõ-se como em duas raizes em filhos, & filhas. 29.

De hum Ministro de pouca fê, & verdade tal vez se podem dissimular os furtos da fazenda; mas os secretos da guerra, de que depende a conservaçãõ do estado, por nenhum modo se lhe devem fiar. 154.

Para a conservaçãõ são mais seguras as raizes do temor, que as da esperança. 44.

*Consultar.* Hão-se de consultar os praticos, posto que rústicos; porque sabem o que os sabios não podem adivinhar. 154.

*Converter.* Christo de tres ladrões converteo só hum; & S. Antonio de vinte & dous converteo todos. 431.

S. Antonio por meyo do demonio converte a hum Religio-

- lo ; que o mesmo demonio tinha tirado da Religião. 439.
- Covite.* Ufo antiquissimo de se proporem problemas nos côvites. 102.
- Crer.* Os Hereges crem pelos motivos de negar ; & negão pelos motivos de crer. 340. Prova-se com hum exemplo do Testamento Velho , & com outro do Testamento Novo. 331. 332.
- Cruz.* As Cruzes deste mundo são duas : hũa espiritual , outra temporal , & qual seja cada hũa dellas. 64. 65.
- Quem padece muito pelo que muito ama , a sua Cruz he a sua gloria. 258.
- A Cruz de Christo foi a sua gloria. 257.
- Quiz Christo tanto só para si a gloria da sua Cruz , que nem aos homens , nem aos Anjos , nem ao mesmo Deos quiz por companheiros nella. 259. 260.
- Discorre-se por todos os estados , & a cada hum se assinala a sua Cruz. 71.
- Dous juizos da Cruz : hum , em que hade ser julgada : outro , em que hade julgar. 69. 70.
- Compara-se a Cruz de Christo com a Cruz da Religião , & a Cruz da Religião com a Cruz do mundo 72.
- A Cruz da Religião mais estreita que a Cruz de Christo por quatro razões. 73. 74.
- A Cruz da Religião padece-se com Christo , & por Christo ; & como Christo he a causa , & a companhia , isto a faz muito leve. 90.
- Cuida o mundo que a Cruz da Religião he muito pezada , & a lua he muito mais pezada. 89.
- A Cruz material esteve cativa na Persia quatorze annos ; a espiritual desde principio do mundo em todas as Naçoens delle. 66.
- Na Cruz de Christo esteve a vontade livre ; na Cruz da Religião está o entendimento cativo. 86.
- Todos os homens do mundo ; ou são justos , ou peccadores , ou penitentes , & todos tem sua Cruz ; por isto o mundo he como o monte Calvario. 69.
- Sem a Cruz de Christo , ninguém se pôde salvar : com a nossa Cruz ninguém se pôde perder. 65.
- Cubiça.* Assim como tomar a mulher alhea he adulterio da torpeza : assim tomar a fazenda alhea he adulterio da cubiça. 106.
- Nem Christãos , nem racionaes fomos ; porque não encaminhamos a nossa cubiça pelos caminhos da nossa Fè ; mas he que não temos Fè. 224.

**D**

*Dar.* **T**udo o que Deos dá nesta vida, he como se o não dera, senão deu filhos. 192.

Deos he mais largo em dar, que nós em pedir. 29.

*Defeitos.* Nas Chagas de S. Francisco se emendaráo os defeitos do Calvario. 373.

Primeiro defeito da parte dos Ministros: segundo da parte dos instrumentos: terceiro da parte das mesmas Chagas. Ibid.

*Demonio.* Vide supra verbo *Converter.* 439.

*Deos.* As obras de Deos todas são boas: os instrumentos podem ser máos, & bons. 60.

Quando buscamos a Deos, nos buscamos, & achamos a nós. 174.

Deos he mais largo em dar, que nós em pedir. 29.

Não servimos a Deos, porque Deos tenha necessidade de nós, senão porque nós temos necessidade de o servir. 174.

A quem Deos não da filhos, nenhuma cousa lhe pôde dar, porque tudo, o que lhe der he como se lho não dêsse, nem he para elle, senão para outrem. 192.

Servir a Deos com offensa de

Deos, não he servilo; he offendelo. 176.

Deos na Conceição de Maria Santissima começou pelo fim, isto he, pela graça, & acabou pelo principio, isto he, pela natureza. 2.

Os homens edificaçõ começam do pelos alicesses, & acabando pelas abobadas: Deos acaba pelos alicesses, & começa pelas abobadas. 1.

Dar Deos hum filho varão a hũa geraçã esteril, he o olhar; & o ver de Deos. 33.

Mayor fineza he obedecer à voz de Deos pronunciada por hum bruto, que articulada por hum Anjo. 99.

*Despir.* Se o Rey se despe para que os soldados tenham que jugar, quanto mais se deve despir, para que tenham que comer. 41.

*Devaçã.* Primeiro se hade acudir ás obras de obrigaçã, que ás de devaçã. 125. 126.

Acudimos à devaçã, & não ao preceito; porque na devaçã fazemos a propria vontade, & no preceito a de Deos. 126.

*Dia Santo.* Tudo o que se trabalha ao Domingo, ou dia Santo he destruição do que se trabalha pela somanã. 224.

*Difficuldade.* Homens arrojados são mais para vêcer as difficuldades, que para consultar se heão de emprender. 155.

As difficuldades pequenas cor-  
rêm por nossa conta : as gran-  
des pelas de Deos. 180.

*Dinheiros.* As armas de Portugal  
compostas das Chagas de Chri-  
sto , & dos dinheiros de Judas.  
57.

*Dor.* A dor de não ter filhos he  
mayor que a dor do parto ; &  
porque? 190.

## E

*Encarecimento.* **E**ncarecimen-  
to da fermo-  
tura dos olhos de Maria tal, q̄  
divertiriaõ a Christo do cuida-  
do da salvação das almas. 8. 9.  
**E** podião ensoberbecer ao  
mesmo Deos. 10.

*Encuberto.* Joás encuberto , & re-  
stituhido ao Reyno , que lhe  
pertencia, com todas as circun-  
stancias d'ElRey D. João o  
IV. 407.

Grande milagre de S. Joseph  
em conservar encuberto a El-  
Rey D. João não só aos olhos  
dos Reys estranhôs , senão tam-  
bem aos desejos dos Portugue-  
zes. 410.

*Encubrir.* Mayor maravilha de S.  
Antonio encubrir a sua virtu-  
de sendo tam Santo , & a sua  
fabeedoria sendo tam douto.  
149.

*Engano.* O zelo pôde ser muito

bom , & pôde ser engano. 52.

*Enigma.* A mulher do Apocalypse  
vestida do Sol he enigma da  
Lusitania ; & porque? 387.

*Entendimento.* Mayor sacrificio  
he cativar o entendimento , q̄  
fugeitar a vontade. 86. 87.

*Enveja.* A enveja faz q̄ os olhos ,  
q̄ vem o bem , não sejam bons.  
314.

Os olhos da enveja não vem as  
luzes , senão depois de apaga-  
das. 313.

Varias obras santas de S. Anto-  
nio , que se haviaõ de interpre-  
tar mal pela enveja. 318.

O que vendo-se todo não pôde  
deixar de parecer bem , visto  
só por algum lado , pôde pare-  
cer mal. 316.

Os olhos da enveja nunca vem  
sem dar olhado. 315.

Os applausos presentes , com  
que festejamos a S. Antonio ,  
saõ prova , de que não havia-  
mos de crer , nem ver suas o-  
bras, quando elle as fez. 313.

*Esperança.* Para conservação saõ  
mais seguras as raizes do te-  
mor, que as da esperança. 44.

Espera quem serve : teme quem  
ama. 44. 45.

*Espirito.* Mayor circunstancia da  
Cruz da Religiaõ , q̄ da Cruz  
de Christo , haver de entregar  
o espirito na mão do Padre ;  
mas esse Padre não hade ser o  
que eu escolher , senão o que  
me derem. 88.

*Espeso.*

*Esposo.* Compara-se Christo a Esposo, & a Ladrão; & porque? 39.

*Estado.* Discorre-se por todos os estados, & a cada hum se assignala a sua Cruz. 71.

*Escriptura.* Basta hũa letra de hum Herege, de hum Judeo, de hum Turco, para entendermos, que nos não faltará coufa algũa; & não cremos o mesmo do que Deos nos promete com tantas Escripturas. 224.

*Encaminhar.* Nem Christãos, nem racionaes somos, porque não encaminhamos a nossa Fè pela cubiça, ou a nossa cubiça pela Fè. 224.

*Esmola.* Quando o que se dá aos pobres cabe em hũa mão, o que se recebe, não cabe em duas. 230.

O cambio de Deos não he a seis & quarto por cento, senão a muito mais. 244.

Dar esmola, he dar a cambio a Deos. 224.

*Eterno Padre.* Porque pertence só ao Eterno Padre dar filhos? 199.

*Eva.* A mulher de Job foi a segunda Eva, & a de Tobias a terceira. 124. 125. 126.

Toda a mulher he Eva, & causa de todos os males. 122. 123.

*Eu.* O verdadeiro Christão he hum não eu: assim como o verdadeiro amigo he outro eu. 225.

*Experiencia.* Prova-se com a experiencia que não pôde faltar Deos a quem o busca: & se tal vez parece que falta Deos ao justo: ou he, porque não he justo: ou porq̃ quer Deos experimentar se o he. 229.

## F

*Fallar.* **O**S milagres tambem fallaõ. 163.

Melhor he emmudecer com certeza da morte, que pedir com interesse da vida. 80.

Se no mundo não se fallasse, nem se visse, toraõ mais toleraveis as suas Cruzes. 92.

Fallar com escuta he mayor pena que não fallar. 78. 79.

*Famosos.* Famosos Varões Portuguezes indignamente tratados da sua Patria. 285.

*Fantasma.* Como ha fantasmas que parecem remedios, assim ha remedios que parecem fantasmas. 53.

*Fazenda.* Ministros que por poupar a fazenda perdem as acções gloriosas. 154.

*Fè.* Alcançar a Fè as vitorias, & pagar a infidelidade os soldos, he Christandade politica. 56.

Quando nasce o filho prometido por Deos, nasce juntamente com elle a fè da promessa Divina. 32.

*Fermosura,*

*Fermosura.* Da fermosura da Virgem se prova a pureza de sua Conceição : refere-se hum famoso caso. 12.

Encarecimento da fermosura dos olhos de Maria tal, que divertiriaõ a Christo do cuidado da salvação das almas. 8. 9. E podiaõ enfoberbecer ao mesmo Deos. 10.

Na fermosura, & perfeição de Maria sempre ha que ver, & que admirar de novo. 5.

Fermosura da Virgem Maria comparada à Jerusaleem da terra; & porque? 4.

A fermosura de Maria comparada com a Jerusaleem celeste, porque he tam fermosa, que vista sem Fè, se poderá adorar por Deos. 6.

*Filho.* A quem Deos não dá filho, nenhũa cousa lhe pôde dar, porque tudo o que lhe der não he para elle, senão para outrem. 192.

*Filhos.* Grande he na ordem da Divina Providencia a ventura dos filhos ultimos; & tal he a do nosso Príncipe. 185.

Os Reynos, & os Imperios conservaõ-se como em duas raizes em filhos, & filhas. 29.

Porque pertence só ao Eterno Padre o dar filhos. 199.

Os annos dos pays, & os dos filhos, todos são dos pays. 205.

Tudo o que Deos dá nesta vi-

da, senão deu filhos, he como se o não dera. 192.

Boa he a fortuna do filho quinto. 186.

*Filhas.* Se em cinco filhos dous são do sexo feminino, os cinco chamaõ-se sete. 30.

Vide supra verbo *Filhos.* 29.

*S. Francisco.* S. Francisco pela abnegação deixou de ser Francisco, & pela transformação passou a ser Christo. 268.

*Frenes.* Frenes donzella de Athenas accusada; & julgada por livre da culpa por sua fermosura. 12.

## G

*Gabinete.*

**A**S batalhas daõ-se na campanha, as vitorias alcançaõ-se no gabinete. 154.

*Gemeo.* Como pôde ser parto gemeo o de hum só filho. 32.

*Gigantes.* Os que se defendem armados das suas fortificações, ainda que sejaõ Pigmeos, em respeito dos outros homens são Gigantes. 156.

*Gloria.* O verdadeiro Capitaõ hade querer para si só a gloria da vitoria, & para os seus os despojos. 162.

*Gosto.* Na Cruz da Religiaõ, nem a vontade tem exercicio, nem o gosto tem uso: & Christo na sua

sua Cruz tinha gosto : *Cum gustasset* : & tinha vontade : *Noluit bibere.* 85.

*Guerra.* De hum Ministro de pouca Fé, & verdade tal vez se podem dissimular os furtos da fazenda ; mas os secretos da guerra de que depende a conservação do Estado , por nenhum modo se lhe devem fiar. 154.

Nas guerras de Christo primeiro he o vencer que o pelear.

157.

Paz sem successão he guerra.

197.

As guerras haõ-se de governar com o leme , & este leme he o conselho. 154.

## H

*Haver.* **O** Verdadeiro voto ha-se de fundar no que he, & no que ha. 155.

*Herege.* Os Hereges crem pelos motivos de negar : & negão pelos motivos de crer. 340.

Prova-se com hum exemplo do Testamento Velho , & có outro do Testamento Novo. 331. 332.

*Heregia.* He Heregia condemnada na sagrada Escritura dizer que Deos sempre se poem da parte , onde ha mais molqueiteiros. 155.

*Homem.* Não ha para o homem coula mais vil , que o mesmo homem. 343.

No *Te Deum laudamus* se daõ graças a Deos a dous coros : na terra os homens , no Ceo os Anjos. 183. E a este Coro pertencem os Avòs na alegria do nascimêto dos Netos. *Ibid.* Dous dias do juizo : hum em q̃ os homens haõ de ser julgados ; outro, em que julguem. 68.

## I

*Idolatria.* **A** Idolatria chegou a conhecer Divindade nos ventos , plantas , & animaes : & a obediencia dos Religiosos em hum espinheiro , em hũa tempestade chega a conhecer a Deos em sua voz. 100.

*Idolo.* Quem adora a Idolatria , adora aos seus Idolos. 105.

Tam Idolatra era Raquel dos Idolos alhejos , como Labaõ dos proprios. 105.

*Igualar.* Isaac , Joseph , & Lazaro imitáraõ a Christo em sua Paixão ; mas não o igualáraõ. 271.

*Imagem.* Hũa Imagem da Virgem nossa Senhora , prégando-se em sua presença que fora concebida em peccado original ; lançou a mão ao manto , & cobrio

- cobrio o rosto. 14.
- Immortalizar.* As vidas dos pays por meyo das vidas dos filhos se immortalizaõ. 215.
- Impossivel.* Quem chegou a temer impossiveis, chegou a amar quanto he possivel. 48.
- Quem ama muito, atè perigos impossiveis teme. 48.
- Infante.* Nas mesmas terras, em que Castella enterrou dous Infantes, nasceraõ outros dous a Portugal. 34.
- Infidelidade.* Alcançar a Fè as victorias, & pagar a infidelidade os soldos, he Christandade politica. 56.
- Inimigo.* Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bês. 55.
- Instrumento.* As obras de Deos todas são boas: os instrumentos podem ser máos, ou bons. 60.
- Joaz.* Joaz encuberto, & restituído ao Reyno, que lhe pertencia com todas as circumstancias d'ElRey D. João o IV. 411.
- João.* S. João por força das palavras de Christo: *Mulier ecce filius tuus*, nasceu naquelle dia. 339.
- Encomendou Christo sua Mãe a S. João, para que substituísse no officio a S. Joseph defunto. 398.
- Job.* A mulher de Job foi a segunda Eva, & a de Tobias a terceira. 124. 125. 126.
- Joseph.* Com quanta razão deve o Reyno de Portugal tomar por Protector de sua conservação a S. Joseph. 412.
- Encomendou Christo sua Mãe a S. João, &c. Vide supra verbo, *João.* 368.
- Os Planetas, que são Jozes para influirem beneficemente, haõ de estar debaixo da terra. 401. 402.
- Irmã.* A utilidade que tem nos Reynos duas irmandades, hũa de irmãos, outra de irmãs. 28.
- Irmão.* Vide supra verbo *Irmã.* 28.
- Irmandade.* Vide supra verbo *Irmã.* 28.
- A Ley Escrita foi fundada em hũa irmandade de dous irmãos: & a Ley da Graça em hũa de quatro. E porque? 27.
- Irracionaes.* A quem Deos sustenta com a sua mão, quer que o sirvão todas as creaturas racionaes, & irracionaes. 58. 59.
- Ir.* Todos queremos ir ao Ceo, & não queremos. 251.
- Italia.* Foi arrebatado S. Antonio da tempestade a Italia, para viver entre homens, diante dos quaes se pudesse luzir. 293.
- Juizo.* Dous dias do juizo: hum, em que os homens haõ de julgar, outro em que haõ de ser julgados. 68.

Dous juizes da Cruz : hum , e m que ha de ser julgada ; outro , em que ha de julgar. 69.70.

*Justo.* Prova-se com a experiêcia , que não pôde faltar Deos a quem o busca ; & se tal vez parece que falta Deos ao justo : ou he porque não he justo : ou porque quer Deos experimêtar se o he. 229.

**L**

*Ladrão.* **C**hristo de tres ladroens converteo só hum , & S. Antonio de vinte & dous converteo todos. 431.

Compara-se Christo a Esposo , & a Ladrão : & porque ? 39.

*Ley.* A Ley Escrita foi fundada em dous irmãos: a Ley da Graça em quatro. E porque ? 27.

Bersabè tirada por David a Urias contra todas as leys, foi figura da Virgem Maria, por cuja fermosura quebrou Deos todas as leys , a que estavaõ sujeitos os filhos de Adão. 16. 17.

*Leme.* As guerras se hão de governar com o leme , & este leme he o conselho. 154.

*Letra.* Basta hũa letra de hum Hereje , de hum Judeo , de hũ Turco , para entendermos , que nos não faltará cousa al-

gũa ; & não cremos o mesmo do que Deos nos promete com tantas escrituras. 224.

*Levantar.* Quando o Ceo anda prodigioso, a huns desce , & os poem a pê ; a outros levanta , & os poem em coche. 38.

*Lingua.* Os outros membros são instrumentos do corpo : a lingua he instrumêto da alma. 77.

*Libertador.* O Rey , que he libertador do Reyno , sustenta-se do seu , & não do que he dos vassallos. 42.

*Lodo.* Santo Antonio fez que o lodo não enlodasse a hũa senhora ; o que não fez Christo. 423. 424.

*Luzir.* Muy raros são os homens , diante dos quaes se possa luzir. 295.

Para luzir he necessario poupar. 36.

*Lusitania.* A mulher do Apocalypse , vestida de Sol , enigma da Lusitania. E porque ? 287.

A Lusitania está no Occidente do mundo , onde morrem todas as luzes do Ceo. 284.

*Luz.* No lugar , em que nasce a luz , não ha olhos , que a vejaõ. 308.

Hũa luz basta para o remedio : para a segurança são necessarias muitas. 25.

Não ha luz tam illustre no mundo , que rão ande junta com as trevas. 279. 280.

## M

*Mal.* **T** Irar as armas do inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bens. 55.

*Maldizaõ.* Todas as maldições do mundo temporaes, & eternas foraõ caufadas por hũa mulher: não alhea, mas propria. 120. 121.

O ouro, & prata são boa parte das maldiçoens. 119.

Ha conselhos, que são maldiçoens. 119.

*Manto.* Porque deu Abimelech a Sara o preço de hum manto. 15. 16.

Hũa Imagem da Virgem nossa Senhora, prègando-se em sua presença que fora concebida em peccado original, lançou mão ao manto, & cubrio o rosto. 14.

*Mão.* Bons, & mãos, todos podem fervir a Deos. 61.

*Maria.* Da fermosura da Virgem Maria se prova a pureza de sua Conceição. Refere-se hum caso famoso. 12.

A fermosura de Maria comparada com a Jerusalem celeste; porque he tam fermosa, que vista sem Fè se pôde adorar por Divina. 6.

Hũa Imagem da Virgem nossa

Senhora, prègando-se em sua presença que fora concebida em peccado original, lançou a mão ao manto, & cobrio o rosto. 14.

Encarecimento da fermosura dos olhos de Maria tal, que divirteriaõ a Christo do cuidado da salvação das almas. 8. 9. E podiaõ entofereber ao mesmo Deos. 10.

A fermosura da Virgem Maria comparada à Jerusalem da terra. E porque? 4.

Deos na Conceição da Virgem começou pelo fim, isto he, pela graça: & acabou pelo principio, isto he, pela natureza. 2.

Na fermosura, & perfeição de Maria sempre ha que ver, & que admirar de novo. 5.

*Marias.* Quatro actos de perfeição, com que as Marias buscá-raõ a Christo. 118. & deinceps.

*Maravilha.* Varias semelhanças de S. Antonio ao Sacramento: & qual foi a mayor de todas. 149.

*Martyrios.* Procição dos martyrios da Paixaõ repartidos por varios estados do mundo. 71.

*Matrimonio.* Razoens de ser a mulher propria mais perniciofa ao homem que a alhea. 127.

*Milagye.* Para S. Antonio fazer milagres na sua Patria, foi necessario ter outro nascimento na Omnipotencia Divina. 305. 306. Não

Não pôde Christo na sua Patria fazer milagre algum ; & porque? 301. 302.

Diferença de Santo Antonio a Christo fazendo milagres por hum desejo. 421. 422.

Os milagres tambem fallaõ. 1163.

Os milagres de S. Antonio maiores que os de Christo ; porque S. Antonio obrava morto o que Christo obrava vivo. 419. 420.

*Miguel.* O Serafim S. Miguel prova-se que foi o q̄ imprimio as Chagas de S. Francisco. 277.

*Ministro.* De hum Ministro de pouca Fè , & verdade tal vez se podem dissimular os furtos da fazenda : mas os secretos da guerra, de que depende a conservação do Estado , por nenhum modo se lhê devem fiar. 154.

Ministros ; que por poupar a fazenda perdem as acções gloriosas. 154.

*Missa.* Caso notavel de hũa Missa dita a S. Antonio para se conseguír hũa grande maldade. 151.

*Mulher.* Problema : Se são mais perniciosas as mulheres proprias , ou as alheas. 103. 104. 105.

Razoens porque a mulher propria he mais perniciosa ao homem, que alhea 127.

Tom. 12.

Castigos extraordinarios , & admiraveis , com que Deos destruhio as mayores potencias do mûdo por mulheres alheas : ou só porque o eraõ , ou tinhaõ sido. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116.

Toda a mulher he Eva , & causa de todos os males. 122. 123.

Todas as maldiçoens do mundo temporaes , & eternas foraõ causadas por hũa mulher , não alhea, mas propria. 120. 121.

Em que se symboliza a mulher, & o vinho. 104.

Mais perniciosas são as mulheres alheas , que as proprias. 107.

*Morte.* Mais para temer he a resurreiçaõ , que a morte. 166. E porque? 167.

*Mosqueteiros.* He heresia condemnada na sagrada Escritura dizer q̄ Deos sempre se poem da parte , onde ha mais Mosqueteiros. 155.

*Multidaõ.* Multidaõ desordenada he confusaõ : ordenada , he exercito. 158.

*Mundo.* Offerce o demonio hum mundo por hũa alma , porque a conhece. 340.

Cuida 'o mundo que a Cruz da Religiaõ he muito pezada ; & a sua he muito mais pezada. 8. 9.

Compara-se a Cruz de Christo com a Cruz da Religiaõ , & a

Ec

Cruz

Cruz da Religião com a Cruz do mundo. 72.

## N

*Nascimento.*

**Q**uando nasce o filho prometido por Deos, nasce juntamente com elle a Fè da promessa Divina. 32.

Nas mefmas terras, em que Castella enterrou dous Infantes, nascêrao dous a Portugal. 34.

*Negar.* Os Hereges crem pelos motivos de negar, & negão pelos motivos de crer. 340. Prova-se com hum exemplo do Testamento Velho, & com outro do Testamento Novo. 331. 332.

*Netos.* No *Te Deum laudamus*, se dão graças a Deos a dous Coros: na terra os homens, no Ceo os Anjos. 183. E a este Coro pertencem os Avòs na alegria do nascimento dos Netos. Ibid.

*Nome.* Os Antigos nos nomes, que derao aos Deoses, se afeslãrao; devendo-os dar a outros, se esperarão mais. 414.

## O

*Obediãcia.*

**A** Idolatria che-gou a conheccer

Divindade nos ventos, plantas, & animaes: & a obediencia dos Religiosos em hum Espinheiro, & em hua tempestade chega a conhecer a Deos em sua voz. 100.

*Obra.* As obras de Deos todas são boas; os instrumentos podem ser bons, & mãos. 60.

*Occidente.* A Lusitania está no Occidente do mundo, onde morrem todas as luzes do Ceo. 284.

*Olhos.* As Chagas de S. Francisco vem-se com os ouvidos, & ouvem-se com os olhos. 369.

Os olhos da enveja não vem as luzes, senão depois de apagadas. 313.

A enveja faz que os olhos, que vem o bem, não sejam bós. 314.

*Olhado.* Os olhos da enveja nunca vem, sem dar olhado. 315.

*Olhar.* Dar Deos hum filho varão a hua geração esteril, he o olhar, & ver de Deos. 33.

*Omnipotencia.* Começar pelos fins, & acabar pelos principios são primores da Omnipotencia Divina. 1.

*Ordem.* Multidão com ordem he exercito; sem ordem, he confusão. 158.

*Ouro.* O ouro, & prata são boa parte das maldições. 119.

*Ouvidos.* As Chagas de S. Francisco vem-se com os ouvidos, & ouvem-se com os olhos. 369. *Padre.*

**P**

*Padre.* **M**Ayor circumſtancia da Cruz da Religião, que da Cruz de Chriſto, haver de entregar o espirito na mão do Padre; mas eſte não fer da propria eleição, ſenão aſſinalado por outrem. 88.

*Paens.* Batalha entre os cinco paens, & cinco mil homens, que Chriſto ſuſtentou com elles. 153.

*Pay.* Os homens, que ſão pays, tem duas vidas. 207.

As vidas dos pays por meyo da vida dos filhos ſe immortalizão. 205.

Os annos do pay, & os do filho, todos ſão do pay. 205.

*Paõ.* Remedio certo para ter paõ, & industria inſallivel para ter muito. 216. Prova-ſe o primeiro com todas as Eſcrituras; & finalmente com a meſma experiencia. 218. 219.

A falta do paõ provem de que não ha quem o parta, & repara com os pequenos. 160.

O cuidado de todos os homens he buscar paõ para a boca, 211. 212.

*Partir.* Vide verbo *Paõ.* 160.

*Parto.* Os partos heroicos partici- paõ do mez decimo. 200.

A dor de não ter filhos he ma-

yor que a dor do parto; & porque? 190

Como pôde fer parto gmeo o de hum ſó filho? 32.

*Patria.* Para S. Antonio fazer milagres na ſua Patria, foi neceſſario ter outro nacimiento na Omnipotencia Divina. 305.

Não pode Chriſto na ſua Patria fazer milagre algum: & porque? 301. 302.

No lugar, onde nasce a luz, não ha olhos, que a veção. 308.

*Paz.* Paz ſem ſucceſſão he guerra. 192.

*Pedir.* A quem Deos dá ſucceſſão, não lhe reſta mais que pedir ao meſmo Deos. 196.

Deos he mais largo em dar, que nós em pedir. 29.

*Perigo.* O mayor perigo he quando ſe teme o remedio. 53.

Quê teme os perigos poſſiveis; eſtá acautelado: quem teme os impoſſiveis, eſtá ſeguro. 50.

O verdadeiro zelo teme o perigo, & trata dos remedios. 46.

*Perfeição.* Quatro actos de perfeição, com que as Marias bulcãrão a Chriſto. 172.

*Peixes.* Milagre dos peixes, com que S. Antonio converteo aos que o não querião ouvir: & Chriſto não converteo aos que tambem o não querião ouvir com a efficacia de ſuas palavras. 432. 433.

*Pigmeos.* Os que ſe defendem ar-

ma-  
E ij mados

- mados das suas fortificaçoens , ainda que sejam Pigmeos , a respeito dos outros homens são Gigantes. 156.
- Planeta.* Os Planetas , que são Jozes , para influirem beneficentemente, hão de estar debaixo da terra. 401. 402.
- Pobres.* Quando o que se dá ao pobre cabe em hũa mão , o que se recebe , não cabe em duas. 230.
- Portuguez.* O primeiro Portuguez Thubal quer dizer , *Múdanus* , ou *Orbis* ; & porque ? 187.
- Portugal.* O Reyno de Portugal com quanta razão deve tomar por Protector de sua conservação a S. Joseph. 412.
- Famosos Varoens Portuguezes indignamente tratados na Patria. 285.
- A terra de Portugal he como a terra de Promissão nas influências , & em gerar Gigantes : mas tambem na deshumanidade de comer os que nella habitão. 288.
- Poupar.* Para luzir he necessario poupar. 36.
- Prata.* O ouro , & prata são boa parte das maldições. 119.
- Pratico.* Hão-se de consultar os Praticos , posto que rusticos ; porque sabem o que os sabios não podem adivinhar. 144.
- Preceito.* Acudimos á devação , & não ao preceito ; porque na devação fazemos a propria vontade , & no preceito a de Deos. 176.
- Primeiro se hade acudir ás obras de preceito, que às de devação. 175. 176.
- Primeiro.* Tem Deos por braço ; & honra de sua justiça fazer dos primeiros ultimos , & dos ultimos primeiros. 185.
- Primores.* Tem Deos por primores de sua Omnipotencia começar pelos fins , & acabar pelos principios. 1.
- Primogenita.* Em Deos primeiro he a Primogenita , que o Primogenito. 202.
- Primogenito.* Vide verbo *Primogenita*. 202.
- Principe.* Grande he na ordem da Divina Providencia a ventura dos filhos ultimos , & tal he o nosso Principe. 185.
- Problema.* Ufo antiquissimo de se proporem problemas nos convites. 102.
- Pròblema:* Se são mais perniciosas as mulheres proprias, ou as alheas. 103. 104. 106.
- Procição.* Dos mysterios da Paixão repartidos por varios estados do mundo. 71.
- Prodigio.* Quando o Ceo anda prodigioso, a huns poem a pè , a outros em coche. 38.
- Promessa.* Quando nasce o filho prometido por Deos , nasce junta-

juntamente com elle a Fè da promessa Divina. 32.

*Propria.* Razoens porque a mulher propria he mais pernicioza ao homem , que a alhea. 1127.

*Provar.* Em Deos não ha prover , sem provar. 230.

*Prover.* Vide verbo *Provar.* 230.

*Providencia.* A quem Deos sustenta com a sua mão , quer que o sirvaõ todas as creaturas racionais , & irracionais. 58. 59.

## Q

*Quatro.* **N** Umero de quatro venturoso. 27.

*Quinto.* Boa he a fortuna do filho quinto. 186.

## R

*Rachel.* **T** Aó idolatra era Rachel dos Idolos atheyos , como Labão dos proprios. 105.

*Racionais.* A quem Deos sustenta com a sua mão , quer que o sirvaõ todas as creaturas racionais , & irracionais. 58. 59.

*Rey.* O Rey libertador sustenta-se do seu , & não do que he dos vassallos. 42.

Se o Rey se despe , para que os

soldados tenhaõ que jugar ; quanto mais se deve despir , para que tenhaõ que comer. 41.

Porque não farão os vassallos pelo Rey , o que o Rey faz pelos vassallos. 41.

Os vassallos haõde dar ao Rey as capas dadas , & rão tornalas a tomar. 40.

Então reyna o Rey , quando os vassallos lhe fazem o throno das suas capas. 38.

*Reyno.* Os Reynos , & os Imperios conservaõ-se como em duas raizes em filhos , & filhas. 29.

*Religião.* Na Cruz de Christo esteve a vontade livre ; na Cruz da Religião está o entendimento cativo. 86.

Compara-se a Cruz de Christo com a Cruz da Religião ; & a Cruz da Religião com a Cruz do mundo. 72.

Cuida o mundo que a Cruz da Religião he muito pezada , & a sua he muito mais pezada. 89.

A Cruz da Religião padece-se por Christo , & com Christo ; & como Christo he a causa , & a companhia , isso a faz muito leve. 90.

A Cruz da Religião mais estreita que a dê Christo por quatro razoens. 73. 74.

*Religioso.* Todo o Religioso está livre da vontade humana ; & porque? 97.

O Religioso em premio de se despir da propria vontade, a está sempre fazendo. 97.

*Remedio.* Como ha fátalmas, q̄ parecê remedios, assim ha remedios, q̄ parecem fantalmas. 53.

O mayor perigo he, quando se teme o remedio. 53.

O verdadeiro zelo teme os perigos, & trata dos remedios. 46.

*Repartir.* A falta de pão nasce de que não ha quem o reparta aos pequenos. 160.

*Resurreiçãõ.* Todos havemos de resuscitar em virtude do Sacramento; que por isso se chama, *Semen resurrectionis.* 140. 141.

Muito mais para temer he a resurreiçãõ, que a morte.; & porque? 166. 167.

Quatro dotes gloriosos, com que Christo resuscitou. 170.

Devem temer, & tremer da Resurreiçãõ de Christo, os que o ofendem, & não os que o buscaõ. 168.

Não ha cousa mais para temer nesta vida, que a certeza da resurreiçãõ. 166.

Havemos de ficar tam diferentes depois de resuscitados, que he necessario Fê para crer que seremos os mesmos. 169.

Christo no dia da sua Resurreiçãõ foi o Sol, que amanheceo de madrugada: & em todas as circunstancias daquelle dia foi Sol. 165.

Mayores movimentos causou na terra a Resurreiçãõ, que a morte de Christo. 167.

*Reverencia.* Nos templos dos Hereges ha reverencia, posto que exterior, & não ha Sacramento, & nos dos Catholicos ha o Sacramento, & falta a reverencia. 153.

## S

*Sacramento.* **S**anto Antonio em muitos lugares no mesmo tempo, como Christo no Sacramento. 136.

Basta que o merecimento do beneficio esteja em alguns, para que Christo sacramentado o communique a muitos. E basta que esteja em hum, para que o communique a todos. 143.

Christo no Sacramento está dormindo. 137.

Do atrevimento dos homens; & do sofrimento de Deos no Sacramento se confirma a Fê deste mysterio. 325.

Em S. Antonio está o Sacramento propriamente exposto; porque S. Antonio he a exposiçãõ do Santissimo Sacramento. 130. 131. 132.

Nos templos dos Hereges ha reverencia, posto que exterior, & não ha Sacramento; & nos

honras com tão Real magnificência ; que em todas as quatro partes do mundo se pôde ver a piramide da sua memoria : & se a forte invejosa nolo quiz roubar ao nosso Emisferio, escondendo nos desertos da America este thesouro ; V. Magestade o desenterra, para lhe mandar fabricar a sepultura em todo o mundo , porque só toda a terra he adequado tumulo para homem tam raro.

O Portuguez no parecer do Padre Vieyra he homem de todo o mundo ; todo o mundo lhe deu o ser , porque todo o mundo he o seu berço , toda a terra a sua patria ; & se tudo se resolve no seu principio , não será novidade , que em todo o mundo se veja a resolução do Padre Antonio Vieyra , quando todo o mundo para a estimação , deu o ser a este Portuguez illustre.

No Ser-  
mão do  
Te Deũ.

Mais se conhece o Portuguez , dizia o Padre Vieyra , pelo lugar aonde morre, que pelo lugar aonde nasce : & para que o Padre Vieyra fosse conhecido como singular entre todos os Portuguezes, era justo , que pelos seus escritos vivesse em todo o mundo, para assim morrer em toda a terra.

Sermão  
de S. An-  
tonio.  
prêgado  
em Ro-  
ma.

Depois de morto levantáraõ em Roma para as exequias de Tullio duas urnas: hũa para as lagrimas dos que tinhaõ ouvido as suas vozes, & lido os seus escritos; outra para as cinzas em que se resolveo tanta eloquencia. Para o Padre Antonio Vieyra duas urnas he pouco tumulo , porque lhe contaremos as piras pelos corações aonde vivirá a sua saudade. A vida eterna , que mereciaõ as suas prendas , se eternizará na nossa dor , para viver perpetuamente nas saudades dos nossos suspiros.

Nos seus doze Tomos nos deixou doze fontes para as nossas lagrimas por hũa tal perda ; mas em cada hũa destas fontes multiplicou Deos como no deserto de Helim as palmas: *Duodecim fontes, & septuaginta palmæ* ; porque em cada hum dos Tomos se vem multiplicados os triunfos do Padre Vieyra. E se não foi novidade haver setenta palmas em doze fontes , menor admiração será em doze Tomos , fontes perennes

Exod. c.  
15. n. 27

perennes da eloquência , levantarem-se ão Padre Antonio Vieyra setenta triunfos. E se cada Tomo contêm quinze Sermões, multiplicando pelos Sermões as palmas, feraõ quinze os triunfos do Padre Vieyra em cada Tomo. Cada hũa das fontes do deserto , na opiniaõ de Hugo , eraõ os Sermões dos Prêgadores : *Sunt Prædicatores , duodecim fontes Helim.* No Padre Vieyra as fontes da sua erudiçaõ , não foraõ doze Sermões , mas doze Tomos , porque se nos outros Prêgadores , não passou de doze o numero dos seus Sermões mais celebres ; no Padre Antonio Vieyra foraõ doze os Tomos dos seus Sermões.

Hug. in  
4. Josue  
§. Moraliter.

Abfalaõ para a sua memoria ainda vivo , levantou hum arco triumphal para perpetuar depois da morte a sua lembrança , & nelle gravou a sua mãõ , para eternizar o seu nome : *Hoc erit monumentum nominis mei. Vocavitque titulum nomine suo, & appellatur Manus Absalom.* O Padre Antonio Vieyra para a sua mãõ levantou doze piramides , porque em doze Tomos erigio a lembrança do seu nome , aonde nos deixou os admiraveis partos da sua penna. A sua mãõ será sempre o seu titulo , porque vivirá eternamente na sua penna a memoria do seu nome. E se para a mãõ de tam grande Príncipe , em Abfalaõ bastou hum triumpho ; para a penna de Antonio Vieyra foraõ necessarios doze Tomos, para lerem as idades futuras, os voos do seu juizo nos triunfos do seu nome.

2. Reg.  
cap. 18.  
n. 18.

Doze pedras mandou Josue levantar em o Jordão , & se estas doze pedras , no parecer de Hugo , eraõ a memoria de doze Prêgadores : *Duodecim lapides , sunt duodecim Prædicatores* ; quem não vê nos doze Tomos do Padre Vieyra, clamar hum só Prêgador mais que os doze de Josue nas doze pedras do Jordão ? Porque nestas a estabilidade proporcionava a voz à distancia ; no Padre Antonio Vieyra se lhe ouve em todo o espaço a voz , porque em todo o mundo pela volubildade dos Tomos lhe responde o ecco.

Hug  
ubi sup.

As doze pedras do Racional , que tambem na sentença de Hugo são as vozes dos Prêgadores , mais propriamente são

lão os doze Tomos deste Prêgador insigne ; não sô porquê to-  
das foraõ preciofas , mas porque no peito do Summo Sacer-  
dote tiveraõ toda a estimaçaõ , pois no juizo do Vaticano ,  
foi o Padre Antonio Vieyra aquelle Orador Euangelico , em  
quem a verdade da doutrina Catholica fez irreprehensivel a  
lúa sciencia.

*Ob santi-  
tate do-  
ctrina ,  
diffe em  
hã Bre-  
ve do P.  
Vieyra  
Clemér.  
X.*

Aquellas doze Estrellas ; que coroaão a mulher do Apo-  
calypse ; no commento de Hugo , significaõ as vozes dos Mi-  
nistros do Euangelho ; mas com mayor propriedade symbo-  
lizaõ os doze Tomos deste admiravel homem , porque de se-  
melhante argumento , não tem a Igreja Catholica de outros  
doze Tomos mais rica coroa.

*Hugo  
ubi sup.*

Antigamente , diz o sagrado Texto , que era o Sermaõ  
precioso : *Sermo pretiosus* , porque era raro , diz Laureto :  
*Quia rarus*. O Padre Antonio Vieyra com o seu engenho po-  
de tirar ao Sermaõ o ser raro , pois nos deixou doze Tomos ;  
mas não pode fazer com todo o seu engenho , que não fosse  
precioso o Sermaõ , porque em tam grande numero , soube  
unir o precioso , & mais o raro.

*i. Reg.  
c. 3. n. 1.*

O numero de doze em quem se comprehende toda a obra  
deste Orador admiravel , diz Laureto , he numero superfluo ,  
porque he superabundante : *Numerus duodecimus est superfluus* ,  
*quia superabundans*. O Padre Antonio Vieyra com os seus Ser-  
mões soube fazer o numero de doze elcaço , porque para o  
nosso desejo he ainda diminuto o numero de doze Tomos.

*Sylva.  
Allegor  
verb. 12.*

O redundante do numero de doze , diz o mesmo Author ;  
que para todos he afortunado : *Felix illa redundantia* ; mas se  
fallar do numero de doze em ordem aos Tomos do Padre An-  
tonio Vieyra , he para nós desgraçado este numero , porque  
para a nossa liçaõ desejaríamos mais livros , & só entã se da-  
ria por satisfeita a nossa curiosidade , quando para cada instan-  
te tivéssemos para o nosso ensino hum Tomo.

*Ibid.*

Aonde chegou a voz de doze Apostolos repartida em do-  
ze bocas , chegou a voz deste Apostolo duvidada em doze  
Tomos. Esta voz , & aquella voz corréraõ o mesmo espaço ,  
porque

Os Pa-  
dres da  
Compa-  
nhia em  
Portu-  
gal se  
chamão  
Aposto-  
los.

porque húa, & outra se ouviu em todo o mundo: mas aquella foi voz de doze em doze, & esta foi voz de doze em hum. Húa voz em cada hum dos doze não prégou em todo o mundo, nem a voz de hum só se ouviu em toda a terra. Do Padre Antonio Vieyra ouviu-se em todo o mundo a mesma voz, porque foi a mesma em cada hum Tomo, & prégou com a mesma em cada hum livro. Nos Apostolos ouvia cada hum a sua voz, mas só ouviaõ esta aquelles, a quem elles prégavaõ: deste Apostolo todos ouviraõ a mesma voz, & a mesma lingua, tanto os que ouviaõ, como os que não ouviaõ: os que ouviaõ, porque na sua lingua articulava; os que não ouviaõ, porque no seu idioma o leraõ.

Aos doze Apostolos custoulhes a vida a sua prègação: & a este Apostolo não custou menor preço a sua prègação, que a sua vida. Morreo com este ultimo Tomo nas mãos o Padre Antonio Vieyra; mas se este perfeito Religioso na vida, foi hum Sermaõ vivo, ou pelo heroico exemplo das suas virtudes, ou pela singular resolução do seu desengano, como o não havia de colher a morte entre mãos com os seus Sermões? Se cada hum morre, como vive, o Padre Vieyra para morrer como viveo, devia morrer como morreo.

Justamente este seu ultimo Tomo devia ser o seu Benjamin, porque foi o seu ultimo parto. Mas se para o Padre Antonio Vieyra este Tomo foi o seu ditoso filho: *Benjamin, id est, filius dexteræ*, porque o tresladou do desterro para a Patria; para nós foi, & sempre será filho infelice, porque o levou da vida para a morte.

Gen. c.  
35. n. 18

O duodecimo filho de Jacob, foi para a mãy o filho da sua dor, porque a deixou morta: *Filius doloris*; para o pay, com tudo, foi o seu filho ditoso, porque o deixou vivo: *Filius dexteræ*. O Benjamin do Padre Antonio Vieyra foi este Tomo; porque foi o seu duodecimo filho: mas ainda que foi filho da sua dor, porque a sua geração lhe custou a vida; foi tambem filho da sua benção: *Filius dexteræ*, porque nelle satisfez a palavra dos seus doze Tomos. E he cousa, que pôde causar grande

Ibid.

nos dos Catholicos ha Sacramento , & falta a reverencia. 135.

O Sacramento sempre , & para todos he vida , & para nenhum morte. 146.

Quanto a authoridade do Sacramento perde de respeito , tanto a Fè ganha de authoridade. 327.

Todos havemos de resuscitar em virtude do Sacramento ; & por isso se chama , *Semen resurrectionis*. 140. 141.

Varias semelhanças de S. Antonio ao Sacramento ; & qual foi a mayor de todas. 149.

*audè*. Para receber de Christo a faude , era necessario tocar a Christo ; para a receber de S. Antonio , bastava desejala. 419.

*segurança*. Quem teme os perigos possiveis , está acautelado : quem teme os impossiveis , está seguro. 50.

O melhor meyo de conservar a seguridade, he temela. 50.

Hũa luz basta para o remedio ; para a segurança são necessarias muitas. 25.

Hum só successor he estado perigolo , & não leguro. 26.

*melhança*. Varias semelhanças de S. Antonio com o Sacramento , & qual foi a mayor de todas. 149.

*vidos*. Antes de S. Antonio vir

ao mundo, era o Sacramento só mysterio de Fè : depois de S. Antonio , he tambem mysterio dos sentidos. 133. 134.

*Serpente*. A Serpente de Moyses dava faude só pela vista : Christo pelo tacto : S. Antonio pelo desejo. 419. 420.

*Servir*. Servir a Deos com offensa de Deos, não he servilo , he offendelo. 126.

Não servimos a Deos , porque tenha necessidade de nós , fe-não porque nós temos necessidade de o servir a elle. 144.

*Sete*. Se em cinco filhos, dous são do sexo feminino , os cinco chamaõ-se se sete. 30.

*Silencio*. He tam grande tormento o callar, que calla até os offos. 75.

Melhor he emmudecer com certeza da morte , que pedir com interesse da vida. 80.

Fallar com escuta he mayor pena, que callar. 78. 79.

São mais excessivos os rigores do silencio , que os da morte. 76.

*Sinco*. Se em cinco filhos dous são do sexo feminino , os cinco chamaõ-se sete. 30.

*Sol*. Christo no dia da sua Resurreição , foi o Sol , que amanheceo de madrugada. E em todas as circumstancias daquelle dia foi Sol. 165.

Osmoradores do Atlante ama-lidigaõ

dição ão Sol, quando nasce, & quando se poem. 292.

*Soldados.* Se o Rey se despe para que os soldados tenhaõ que jugar; quanto mais se deve despir, para que tenhaõ que comer. 41.

*Sombra.* Não ha luz tam illustre que no mundo não ande junta com as sombras. 279.

*Sucessão.* Paz sem successão he guerra. 197.

A quem Deos dá successão, não lhe resta mais que pedir ao mesmo Deos. 196.

*Sucessor.* Hum só successor he estado perigoso, & não seguro. 26.

## T

*Te Deum.* **N**O *Te Deum* laudamus se dão graças a Deos a dous coros: na terra os homens, no Ceo os Anjos. 183.

E a este coro pertencem os Avòs, na alegria do nascimento dos Netos. Ibid.

*Temor.* Devem temer, & tremer da Resurreição de Christo, os q̃ o offendem; mas não os que o buscão. 168.

O melhor meyo de conservar a seguridade, he temela. 50.

Para a conservação saõ mais seguras as raizes do temor, que as da esperança. 44.

Não ha cousa mais para temer nesta vida, que a certeza da resurreição. 166.

Espera quem serve, teme quem ama. 44. 45.

*Tentação.* As mesmas tentações, que nos servem de ruina, nos podem servir de exemplo. 339.

*Terra.* Mayores movimētos causou na terra a Resurreição, que a morte de Christo. 162.

*Terra de Promissão.* A terra de Portugal he como a terra de Promissão nas influencias, & em gerar Gigantes: mas tambem na deshumanidade de comer seus habitadores. 288.

*Thubal.* O primeiro Portuguez Thubal quer dizer, *Mundanus*, ou *Orbis*. 187.

*Tobias.* A mulher de Job foi a segunda Eva, & a de Tobias a terceira: 124. 125. 126.

*Tochas.* Porque manda Christo que os servos do Evangelho estejaõ todos com as tochas azezas nas mãos? 25.

Remedio para sustentar as tochas apertar os cintos. 35.

*Tyranno.* O mayor tyranno do mundo he a vontade propria. E porque? 96.

## V

*Vassallo.* **P**orque não farão os vassallos pelo Rey, o que

que o Rêy faz pelos vassallos.

41.

*Vencer.* Nas guerras de Christo primeiro he o vencer, que o pelejar. 152.

*Ver.* Dar Deos hum filho varaõ a húa geração esteril, he o o-lhar, & o ver de Deos. 33.

Se no mundo não se fallasse; nem se visse, foraõ mais toleraveis as suas Cruzes. 91.

O que vendo-se todo não pôde deixar de parecer bem; visto só por algum lado, pôde parecer mal. 316.

*Vida.* O Sacramento sempre, & para todos he vida, & para nenhum morte. 146.

Mayor tormento he carecer da vista, que da vida. 82. 83. 84.

Os homens, que são pays, tem duas vidas. 207.

*Vileza.* Não ha para o homem cousa mais vil, que o mesmo homem. 343.

*Vinho.* Em que se symboliza a mulher, & o vinho. 104.

*Ultimo.* Tem Deos por brazaõ, & honra de sua justiça fazer dos primeiros ultimos; & de sua grandeza, fazer dos ultimos primeiros. 135.

*Vontade.* O Religioso em premio de se despir da propria vontade, a está sempre fazendo. 97.

O mayor tyranno do mundo he a propria vontade. 96.

Mayor cativeiro he estar sujeito a vontade propria, que a alheia. 25.

Mayor sacrificio he cativar o entendimento, que sujeitar a vontade. 86. 67.

Todo o Religioso está livre da vontade humana; & porque? 97.

Na Cruz da Religiaõ nem a vontade tem exercicio, nem o gosto tem uso; & Christo na sua Cruz, teve gosto: *Cum gustasset; & teve vontade: Noluit bibere.* 85.

*Voto.* O voto verdadeiro ha-se de fundar no que he, & no que ha. 155.

## Z

*Zelo.* O Verdadeiro zelo teme os perigos, & trata dos remedios. 46.

O zelo pôde ser muito bom, & pôde enganar-se. 52.

FINIS.

68-389

R. B. Rowenthal

3-25-68

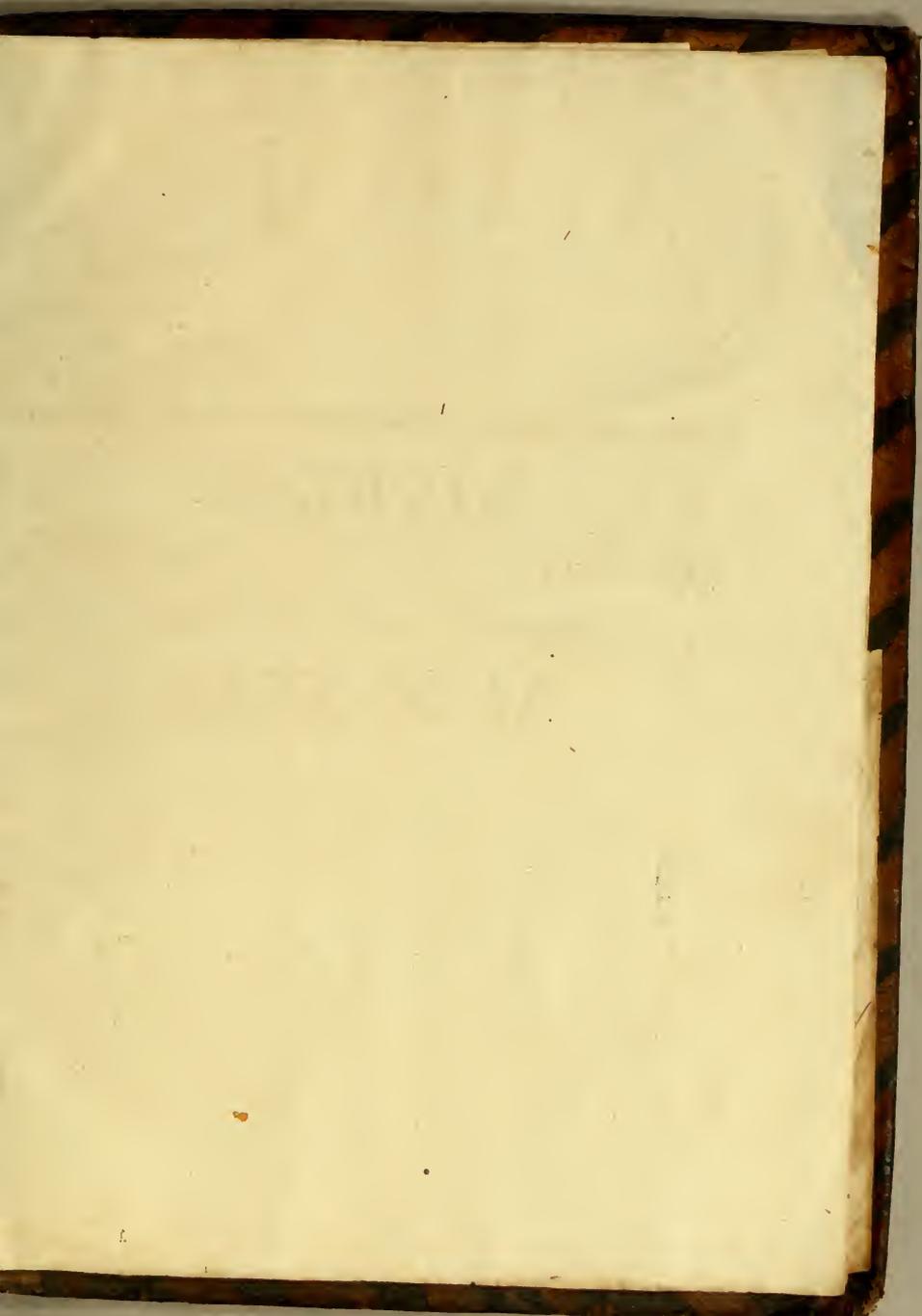


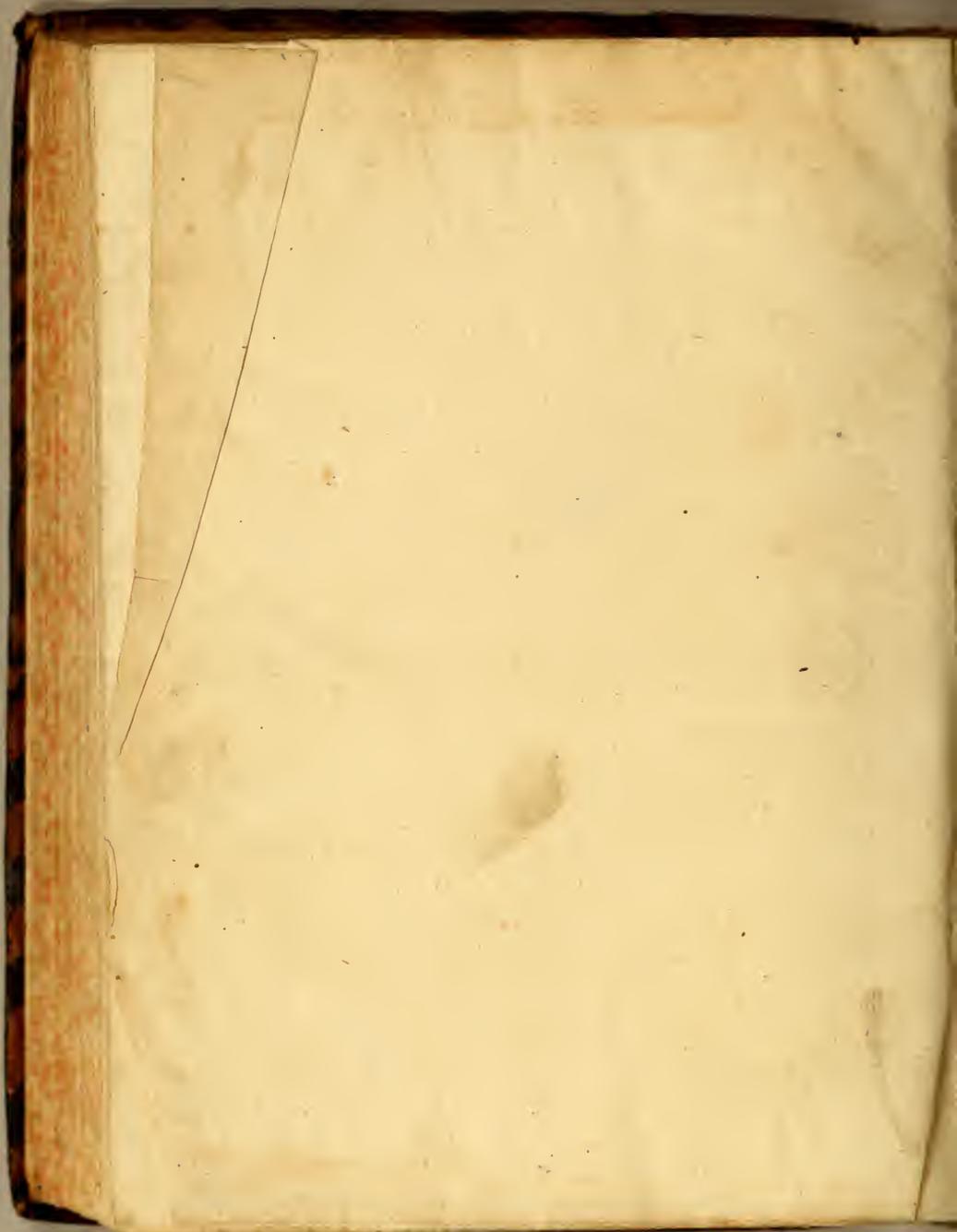
**LISBOA,**

**Na Officina de MIGVEL DESLANDES,**

**Impressor de Sua Magestade.**

**M. DC. XCIX.**





CA 679

V457b

12

